UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM LETRAS

UM OLHAR LEXICAL SOBRE A IDENTIDADE DOS MIGRANTES INTERIORANOS DO ESTADO DO AMAZONAS: UM ESTUDO DE GEOLINGUÍSTICA

SANDRA MARIA GODINHO GONÇALVES

MANAUS – AM
2015

SANDRA MARIA GODINHO GONÇALVES

UM OLHAR LEXICAL SOBRE A IDENTIDADE DOS MIGRANTES INTERIORANOS DO ESTADO DO AMAZONAS: UM ESTUDO DE GEOLINGUÍSTICA

Dissertação apresentada como requisito exigido para obtenção do grau de mestre ao Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Amazonas – UFAM – Estudos da Linguagem, sob orientação da Professora Doutora Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso (UFAM) e coorientação da Professora Doutora Irenilde Pereira dos Santos (USP).

MANAUS - AM

2015

SANDRA MARIA GODINHO GONÇALVES

UM OLHAR LEXICAL SOBRE A IDENTIDADE DOS MIGRANTES INTERIORANOS DO ESTADO DO AMAZONAS: UM ESTUDO DE GEOLINGUÍSTICA

Manaus, 30 de Janeiro de 2015

Banca Examinadora:

_____

Profa. Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz Cardoso - Presidente
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

_____

Profa. Dra. Irenilde Pereira dos Santos (Co-Orientadora)
Universidade de São Paulo - USP

_____

Profa. Dra. Silvana Andrade Martins - Membro
Universidade do Estado do Amazonas - UEA

_____

Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo- Membro
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

_____

Profa. Dra. Claudiana Nair Pothin Narzetti Costa - Suplente
Universidade do Estado do Amazonas - UEA

_____

Prof. Dr. Sérgio Augusto Freire de Souza - Suplente
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Dedicatória

Ao meu esposo, Hamilton;

Minha filha, Maria Carolina;

Meu filho, Fernando;

E a minha caçula, Ana Luísa,

Por fazerem parte da minha vida e estarem comigo em todas as suas etapas.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é fruto de uma caminhada que se iniciou tempos atrás, quando resolvi retomar os estudos, desta vez, na área dos Estudos da Linguagem, que se assemelha à Arquitetura, área abraçada por mim inicialmente, em um quesito: ambas partem de unidades menores para formar obras grandiosas, já que as palavras funcionam como tijolos que vão sendo depositados com aprumo no cimento e que servem tanto para alicerçar muros simples quanto os mais grandiosos palácios. As palavras, além de marcar o início da nossa racionalidade, trazem no seu bojo um fator de identidade, que nos agrega e nos edifica como sociedade.

É pela palavra que expresso minha gratidão aos meus familiares e entes queridos: meu marido Hamilton, que sempre soube escolher a palavra certa no momento certo, nunca me deixando prostrada por qualquer possível desânimo; minha filha Maria Carolina, que, mesmo de longe, fez-se presente no apoio incondicional; meu filho Fernando, que sempre trouxe nos olhos o brilho do orgulho que sentia em me ver às voltas com os estudos recentes; e da minha caçula, Ana Luiza, que me acompanhou de perto nas visitas aos informantes, sem nunca mostrar impaciência ou intolerância. Sou grata a todos, especialmente, quando nos momentos de geniosidade do computador, digamos assim, vieram ao meu encalço, com suas ajudas inestimáveis.

Gratidão especial eu dedico à minha orientadora, Maria Luiza de Carvalho Cruz Cardoso, que abraçou essa dissertação comigo, enxergando o potencial que havia no projeto e direcionando a metodologia para os corretos parâmetros acadêmicos com profissionalismo e *expertise* exemplares.

Também de modo especial sou grata à minha coorientadora, Irenilde Pereira dos Santos, que sempre se mostrou acessível para as inúmeras perguntas e consultas, e que, de pronto, aceitou a tarefa de co-orientar esse projeto, fazendo-me vislumbrar novos aspectos concernentes à pesquisa.

À amiga, Silmara M. Pereira, que se mostrou incansável na busca de informantes, sem os quais essa minha jornada teria sido bem mais atribulada, minha eterna gratidão. À Daniela Branquinho e Shanay F. Berçot-Rodrigues, meu agradecimento por sempre me incentivarem a buscar mais e nunca me acomodar com o conhecimento já adquirido.

À CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – por todo o apoio para a realização desta pesquisa, que de maneira direta possibilitou que este sonho se concretizasse.

"A responsabilidade do especialista não se esgota nas aulas e nas publicações universitárias, mas abrange todos os problemas da sua especialidade que afetam a vida cultural do país."

Eugenio Coseriu, *Tradição e novidade na ciência da linguagem* (1980, p. 270)

RESUMO

A discussão sobre o contato entre os povos e a língua é favorecida atualmente pela globalização e fomenta o estudo de pesquisas a respeito dos encontros interculturais e de sua influência na construção da identidade linguística e social do indivíduo. A relação da língua com a construção da identidade social e linguística dos sujeitos sofre uma intensificação em contextos multiculturais, em que diversos grupos sociais, culturais e linguísticos interagem socialmente num mesmo espaço geográfico. No Amazonas, o caboclo tem visto sua identidade original mudar e tem visto, também, seu referencial de vida perder-se face aos constantes choques culturais que o obrigam a sair do interior do estado em busca de trabalho e melhores condições de vida, como atendimento à saúde e acesso à educação. Esta pesquisa de caráter quantitativo buscou examinar o léxico realizado por migrantes provenientes do interior do estado do Amazonas, mais precisamente, de Tefé, Itacoatiara e Manacapuru, que vivem em Manaus há pelo menos cinco anos; comparar os campos semântico-lexicais dos registros obtidos com o Atlas Linguístico do Amazonas, ALAM, de Cruz (2004) e com o livro *Amazonês,* de Souza (2011); identificar se houve uma mudança da identidade linguística dos migrantes interioranos do estado do Amazonas; comprovar se, em caso de mudança, esta estaria em consonância com o desejo do migrante a uma mobilidade social ascendente, o que influenciaria sua identidade, segundo Castells (1996); e, por fim, analisar se está acontecendo uma homogeneização ou não da cultura cabocla. Esta pesquisa ampara-se nos princípios da Dialetologia, e apresenta algumas considerações a respeito do léxico coletado, segundo Pottier (1978), algumas considerações sobre o aspecto ideológico do léxico, segundo Santos e Cristianini (2012) e uma análise de cunho etimológico sobre o léxico coletado, segundo Cunha (2010), Houaiss e Villar (2001) e Ferreira (2004). Constatou-se que 59% do léxico dos migrantes que passaram a viver na cidade de Manaus alteraram o seu modo de falar e cerca de 40% dos migrantes assimilaram o léxico da capital amazonense.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Português do Brasil. Dialetologia. Léxico.

ABSTRACT

The contact between peoples and languages is currently favored by globalization, which promotes discussion on research study regarding intercultural encounters and its influence on the construction of linguistic and social identity of the individual. The language interface with the construction of social and linguistic identity of the subject undergoes a significant intensification in multicultural contexts in which various social, cultural and linguistic groups interact socially in the same geographical space. In Amazonas, the mestizo has seen its original identity change and has also lost its referentials because of the continuing cultural shocks that force him to leave the countryside in search of work and better living conditions, such as health care and access to education. This quantitative research seeks to examine the lexicon created by migrants from within the state of Amazonas, more precisely, Teffe, Itacoatiara and Manacapuru, living in Manaus for at least five years; to compare the lexicon obtained from the Linguistic Atlas of the Amazon, ALAM by Cruz (2004); to identify whether there was a change of the linguistic identity of migrants from within the state of Amazonas; to identify, in case of change, whether this would be in line with the desire of migrants to gain social mobility, which influence his identity, according to Castells (1996); and, finally, to analyze if it is happening a homogenization of the mestizo culture or not. This research bolsters on the fundamentals of the principles of dialectology and presents some considerations regarding the lexicon collected according Pottier (1978), some considerations on the ideological aspect of the lexicon, according to Santos and Cristianini (2012) presents some considerations on the etymological lexicon collected, according to Cunha (2010), Houaiss and Villar (2001) and Ferreira (2004). It was found the 58,94% of lexicon of the migrants who were living in the city of Manaus changes their way of speaking and about 40% of the migrants assimilated the lexicon of the Amazon capital

KEYWORDS: Identity. Portuguese of Brazil. Dialectology. Lexicon.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (FIGURAS)

Figura 1 – Tipos de identidade ……. 35
Figura 2 – As divisas do estado do Amazonas…… 56
Figura 3 – Deslocamento linguístico do índio amazônico…….. 62

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (GRÁFICOS)

Gráfico 1 – Variação lexical encontrada para a questão 1 do QSL..... 96
Gráfico 2 – Variação lexical encontrada para a questão 2 do QSL..... 96
Gráfico 3 – Variação lexical encontrada para a questão 3 do QSL..... 97
Gráfico 4 – Variação lexical encontrada para a questão 4 do QSL..... 97
Gráfico 5 – Variação lexical encontrada para a questão 5 do QSL..... 98
Gráfico 6 – Variação lexical encontrada para a questão 6 do QSL..... 98
Gráfico 7 – Variação lexical encontrada para a questão 7 do QSL..... 99
Gráfico 8 – Variação lexical encontrada para a questão 8 do QSL..... 99
Gráfico 9 – Variação lexical encontrada para a questão 9 do QSL..... 100
Gráfico 10– Variação lexical encontrada para a questão 10 do QSL..... 100
Gráfico 11 – Variação lexical encontrada para a questão 11 do QSL.....101
Gráfico 12 – Variação lexical encontrada para a questão 12 do QSL.....101
Gráfico 13 – Variação lexical encontrada para a questão 13 do QSL.....102
Gráfico 14 – Variação lexical encontrada para a questão 14 do QSL.....102
Gráfico 15 – Variação lexical encontrada para a questão 15 do QSL.....103
Gráfico 16 – Variação lexical encontrada para a questão 16 do QSL.....103
Gráfico 17 – Variação lexical encontrada para a questão 17 do QSL.....104
Gráfico 18 – Variação lexical encontrada para a questão 18 do QSL.....104
Gráfico 19 – Variação lexical encontrada para a questão 19 do QSL.....105
Gráfico 20 – Variação lexical encontrada para a questão 20 do QSL.....105
Gráfico 21 – Variação lexical encontrada para a questão 21 do QSL..... 106
Gráfico 22 – Variação lexical encontrada para a questão 22 do QSL.....106
Gráfico 23 – Variação lexical encontrada para a questão 23 do QSL.....107
Gráfico 24 – Variação lexical encontrada para a questão 24 do QSL.....107
Gráfico 25 – Variação lexical encontrada para a questão 25 do QSL.....108
Gráfico 26 – Variação lexical encontrada para a questão 26 do QSL.....108
Gráfico 27 – Variação lexical encontrada para a questão 27 do QSL.....109

Gráfico 28 – Variação lexical encontrada para a questão 28 do QSL.....109
Gráfico 29 – Variação lexical encontrada para a questão 29 do QSL.....110
Gráfico 30 – Variação lexical encontrada para a questão 30 do QSL.....110
Gráfico 31 – Variação lexical encontrada para a questão 31 do QSL.....111
Gráfico 32 – Variação lexical encontrada para a questão 32 do QSL.....111
Gráfico 33 – Variação lexical encontrada para a questão 33 do QSL.....112
Gráfico 34 – Variação lexical encontrada para a questão 34 do QSL.....112
Gráfico 35 – Variação lexical encontrada para a questão 35 do QSL.....113
Gráfico 36 – Variação lexical encontrada para a questão 36 do QSL.....113
Gráfico 37 – Variação lexical encontrada para a questão 37 do QSL.....114
Gráfico 38 – Variação lexical encontrada para a questão 38 do QSL.....114
Gráfico 39 – Variação lexical encontrada para a questão 39 do QSL.....115
Gráfico 40 – Variação lexical encontrada para a questão 40 do QSL.....115
Gráfico 41 – Variação lexical encontrada para a questão 41 do QSL.....116
Gráfico 42 – Variação lexical encontrada para a questão 42 do QSL.....116
Gráfico 43 – Variação lexical encontrada para a questão 43 do QSL.....117
Gráfico 44 – Variação lexical encontrada para a questão 44 do QSL.....117
Gráfico 45 – Variação lexical encontrada para a questão 45 do QSL.....118
Gráfico 46 – Variação lexical encontrada para a questão 46 do QSL.....118
Gráfico 47 – Variação lexical encontrada para a questão 47 do QSL.....119
Gráfico 48 – Variação lexical encontrada para a questão 48 do QSL.....119
Gráfico 49 – Variação lexical encontrada para a questão 49 do QSL.....120
Gráfico 50 – Variação lexical encontrada para a questão 50 do QSL.....120
Gráfico 51 – Variação lexical encontrada para a questão 51 do QSL.....121
Gráfico 52 – Variação lexical encontrada para a questão 52 do QSL.....121
Gráfico 53 – Variação lexical encontrada para a questão 53 do QSL.....122
Gráfico 54 – Variação lexical encontrada para a questão 54 do QSL.....122
Gráfico 55 – Variação lexical encontrada para a questão 55 do QSL.....123

Gráfico 56 – Variação lexical encontrada para a questão 57 do QSL.....123
Gráfico 57 – Variação lexical encontrada para a questão 58 do QSL.....124
Gráfico 58 – Variação lexical encontrada para a questão 59 do QSL.....124
Gráfico 59 – Variação lexical encontrada para a questão 60 do QSL.....125
Gráfico 60 – Variação lexical encontrada para a questão 61 do QSL.....125
Gráfico 61 – Variação lexical encontrada para a questão 62 do QSL.....126
Gráfico 62 – Variação lexical encontrada para a questão 63 do QSL.....126
Gráfico 63 – Variação lexical encontrada para a questão 64 do QSL.....127
Gráfico 64 – Variação lexical encontrada para a questão 65 do QSL.....127
Gráfico 65 – Variação lexical encontrada para a questão 66 do QSL.....128
Gráfico 66 – Variação lexical encontrada para a questão 67 do QSL.....128
Gráfico 67 – Variação lexical encontrada para a questão 68 do QSL.....129
Gráfico 68 – Variação lexical encontrada para a questão 69 do QSL.....129
Gráfico 69 – Variação lexical encontrada para a questão 70 do QSL.....130
Gráfico 70 – Variação lexical encontrada para a questão 71 do QSL.....130
Gráfico 71 – Variação lexical encontrada para a questão 72 do QSL.....131
Gráfico 72 – Variação lexical encontrada para a questão 73 do QSL.....131
Gráfico 73 – Variação lexical encontrada para a questão 76 do QSL.....132
Gráfico 74 – Variação lexical encontrada para a questão 77 do QSL.....132
Gráfico 75 – Variação lexical encontrada para a questão 78 do QSL.....133
Gráfico 76 – Variação lexical encontrada para a questão 79 do QSL.....133
Gráfico 77 – Variação lexical encontrada para a questão 80 do QSL.....134
Gráfico 78 – Variação lexical encontrada para a questão 81 do QSL.....134
Gráfico 79 – Variação lexical encontrada para a questão 82 do QSL.....135
Gráfico 80 – Variação lexical encontrada para a questão 83 do QSL.....135
Gráfico 81 – Variação lexical encontrada para a questão 85 do QSL.....136
Gráfico 82 – Variação lexical encontrada para a questão 86 do QSL.....136
Gráfico 83 – Variação lexical encontrada para a questão 87 do QSL.....137

Gráfico 84 – Variação lexical encontrada para a questão 88 do QSL.....137
Gráfico 85 – Variação lexical encontrada para a questão 89 do QSL.....138
Gráfico 86 – Variação lexical encontrada para a questão 90 do QSL.....138
Gráfico 87 – Variação lexical encontrada para a questão 91 do QSL.....139
Gráfico 88 – Variação lexical encontrada para a questão 92 do QSL.....139
Gráfico 89 – Variação lexical encontrada para a questão 93 do QSL.....140
Gráfico 90 – Variação lexical encontrada para a questão 94 do QSL.....140
Gráfico 91 – Variação lexical encontrada para a questão 95 do QSL.....141
Gráfico 92 – Variação lexical encontrada para a questão 96 do QSL.....141
Gráfico 93 – Variação lexical encontrada para a questão 97 do QSL.....142
Gráfico 94 – Variação lexical encontrada para a questão 98 do QSL.....142
Gráfico 95 – Variação lexical encontrada para a questão 100 do QSL.....143
Gráfico 96 – Variação lexical encontrada para a questão 101 do QSL.....143
Gráfico 97 – Variação lexical encontrada para a questão 102 do QSL.....144
Gráfico 98 – Variação lexical encontrada para a questão 103 do QSL.....144
Gráfico 99 – Variação lexical encontrada para a questão 104 do QSL.....145
Gráfico 100 – Variação lexical encontrada para a questão 105 do QSL.....145
Gráfico 101 – Variação lexical encontrada para a questão 107 do QSL.....146
Gráfico 102 – Variação lexical encontrada para a questão 110 do QSL.....146
Gráfico 103 – Variação lexical encontrada para a questão 111 do QSL.....147
Gráfico 104 – Variação lexical encontrada para a questão 112 do QSL.....147
Gráfico 105 – Variação lexical encontrada para a questão 113 do QSL.....148
Gráfico 106 – Variação lexical encontrada para a questão 114 do QSL.....148
Gráfico 107 – Variação lexical encontrada para a questão 115 do QSL.....149
Gráfico 108 – Variação lexical encontrada para a questão 116 do QSL.....149
Gráfico 109 – Variação lexical encontrada para a questão 117 do QSL.....150
Gráfico 110 – Variação lexical encontrada para a questão 118 do QSL.....150
Gráfico 111 – Variação lexical encontrada para a questão 119 do QSL.....151

Gráfico 112 – Variação lexical encontrada para a questão 120 do QSL.....151
Gráfico 113 – Variação lexical encontrada para a questão 121 do QSL.....152
Gráfico 114 – Variação lexical encontrada para a questão 122 do QSL.....152
Gráfico 115 – Variação lexical encontrada para a questão 123 do QSL.....153
Gráfico 116 – Variação lexical encontrada para a questão 124 do QSL.....153
Gráfico 117 – Variação lexical encontrada para a questão 125 do QSL.....154
Gráfico 118 – Variação lexical encontrada para a questão 126 do QSL.....154
Gráfico 119 – Variação lexical encontrada para a questão 127 do QSL.....155
Gráfico 120 – Variação lexical encontrada para a questão 128 do QSL.....155
Gráfico 121 – Variação lexical encontrada para a questão 129 do QSL.....156
Gráfico 122 – Variação lexical encontrada para a questão 130 do QSL.....156
Gráfico 123 – Variação lexical encontrada para a questão 131 do QSL.....157
Gráfico 124 – Variação lexical encontrada para a questão 132 do QSL.....157
Gráfico 125 – Variação lexical encontrada para a questão 133 do QSL.....158
Gráfico 126 – Variação lexical encontrada para a questão 134 do QSL.....158
Gráfico 127 – Variação lexical encontrada para a questão 135 do QSL.....159
Gráfico 128 – Variação lexical encontrada para a questão 136 do QSL.....159
Gráfico 129 – Variação lexical encontrada para a questão 137 do QSL.....160
Gráfico 130 – Variação lexical encontrada para a questão 138 do QSL.....160
Gráfico 131 – Variação lexical encontrada para a questão 139 do QSL.....161
Gráfico 132 – Variação lexical encontrada para a questão 140 do QSL.....161
Gráfico 133 – Variação lexical encontrada para a questão 141 do QSL.....162
Gráfico 134 – Variação lexical encontrada para a questão 142 do QSL.....162
Gráfico 135 – Variação lexical encontrada para a questão 143 do QSL.....163
Gráfico 136 – Variação lexical encontrada para a questão 144 do QSL.....163
Gráfico 137 – Variação lexical encontrada para a questão 145 do QSL.....164
Gráfico 138 – Variação lexical encontrada para a questão 146 do QSL.....164
Gráfico 139 – Variação lexical encontrada para a questão 147 do QSL.....165

Gráfico 140 – Variação lexical encontrada para a questão 148 do QSL.....165
Gráfico 141 – Variação lexical encontrada para a questão 149 do QSL.....166
Gráfico 142 – Variação lexical encontrada para a questão 150 do QSL.....166
Gráfico 143 – Variação lexical encontrada para a questão 151 do QSL.....167
Gráfico 144 – Variação lexical encontrada para a questão 152 do QSL.....167
Gráfico 145 – Variação lexical encontrada para a questão 153 do QSL.....168
Gráfico 146 – Variação lexical encontrada para a questão 154 do QSL.....168
Gráfico 147 – Variação lexical encontrada para a questão 155 do QSL.....169
Gráfico 148 – Variação lexical encontrada para a questão 156 do QSL.....169
Gráfico 149 – Variação lexical encontrada para a questão 157 do QSL.....170
Gráfico 150 – Variação lexical encontrada para a questão 158 do QSL.....170
Gráfico 151 – Variação lexical encontrada para a questão 159 do QSL.....171
Gráfico 152 – Variação lexical encontrada para a questão 160 do QSL.....171
Gráfico 153 – Variação lexical encontrada para a questão 161 do QSL.....172
Gráfico 154 – Variação lexical encontrada para a questão 162 do QSL.....172
Gráfico 155 – Variação lexical encontrada para a questão 163 do QSL.....173
Gráfico 156 – Variação lexical encontrada para a questão 164 do QSL.....173
Gráfico 157 – Variação lexical encontrada para a questão 165 do QSL.....174
Gráfico 158 – Variação lexical encontrada para a questão 166 do QSL.....174
Gráfico 159 – Variação lexical encontrada para a questão 167 do QSL.....175
Gráfico 160 – Variação lexical encontrada para a questão 168 do QSL.....175
Gráfico 161 – Variação lexical encontrada para a questão 169 do QSL.....176
Gráfico 162 – Variação lexical encontrada para a questão 170 do QSL.....176
Gráfico 163 – Variação lexical encontrada para a questão 171 do QSL.....177
Gráfico 164 – Variação lexical encontrada para a questão 172 do QSL.....177
Gráfico 165 – Variação lexical encontrada para a questão 173 do QSL.....178
Gráfico 166 – Variação lexical encontrada para a questão 174 do QSL.....178
Gráfico 167 – Variação lexical encontrada para a questão 175 do QSL.....179

Gráfico 168 – Variação lexical encontrada para a questão 176 do QSL.....179
Gráfico 169 – Variação lexical encontrada para a questão 177 do QSL.....180
Gráfico 170 – Variação lexical encontrada para a questão 178 do QSL.....180
Gráfico 171 – Variação lexical encontrada para a questão 179 do QSL.....181
Gráfico 172 – Variação lexical encontrada para a questão 180 do QSL.....181
Gráfico 173 – Variação lexical encontrada para a questão 181 do QSL.....182
Gráfico 174 – Variação lexical encontrada para a questão 182 do QSL.....182
Gráfico 175 – Variação lexical encontrada para a questão 183 do QSL.....183
Gráfico 176 – Variação lexical encontrada para a questão 184 do QSL.....183
Gráfico 177 – Variação lexical encontrada para a questão 185 do QSL.....184
Gráfico 178 – Variação lexical encontrada para a questão 186 do QSL.....184
Gráfico 179 – Variação lexical encontrada para a questão 187 do QSL.....185
Gráfico 180 – Variação lexical encontrada para a questão 188 do QSL.....185
Gráfico 181 – Variação lexical encontrada para a questão 189 do QSL.....186
Gráfico 182 – Variação lexical encontrada para a questão 190 do QSL.....186
Gráfico 183 – Variação lexical encontrada para a questão 191 do QSL.....187
Gráfico 184 – Variação lexical encontrada para a questão 192 do QSL.....187
Gráfico 185 – Variação lexical encontrada para a questão 193 do QSL.....188
Gráfico 186 – Variação lexical encontrada para a questão 194 do QSL.....188
Gráfico 187 – Variação lexical encontrada para a questão 195 do QSL.....189
Gráfico 188 – Variação lexical encontrada para a questão 196 do QSL.....189
Gráfico 189 – Variação lexical encontrada para a questão 197 do QSL.....190
Gráfico 190 – Variação lexical encontrada para a questão 198 do QSL.....190
Gráfico 191 – Variação lexical encontrada para a questão 199 do QSL.....191
Gráfico 192 – Variação lexical encontrada para a questão 200 do QSL.....191
Gráfico 193 – Variação lexical encontrada para a questão 201a do QSL.....192
Gráfico 194 – Variação lexical encontrada para a questão 201b do QSL.....192
Gráfico 195 – Variação lexical encontrada para a questão 202 do QSL.....193

Gráfico 196 – Variação lexical encontrada para a questão 203 do QSL.....193
Gráfico 197 – Variação lexical encontrada para a questão 204 do QSL.....194
Gráfico 198 – Variação lexical encontrada para a questão 205 do QSL.....194
Gráfico 199 – Variação lexical encontrada para a questão 206 do QSL.....195
Gráfico 200 – Variação lexical encontrada para a questão 207 do QSL.....195
Gráfico 201 – Variação lexical encontrada para a questão 208 do QSL.....196
Gráfico 202 – Variação lexical encontrada para a questão 209 do QSL.....196
Gráfico 203 – Variação lexical encontrada para a questão 210 do QSL.....197
Gráfico 204 – Variação lexical encontrada para a questão 211 do QSL.....197
Gráfico 205 – Variação lexical encontrada para a questão 212 do QSL.....198
Gráfico 206 – Variação lexical encontrada para a questão 213 do QSL.....198
Gráfico 207 – Variação lexical encontrada para a questão 214 do QSL.....199
Gráfico 208 – Variação lexical encontrada para a questão 215 do QSL.....199
Gráfico 209 – Variação lexical encontrada para a questão 216 do QSL.....200
Gráfico 210 – Variação lexical encontrada para a questão 217 do QSL.....200
Gráfico 211 – Variação lexical encontrada para a questão 218 do QSL.....201
Gráfico 212 – Variação lexical encontrada para a questão 219 do QSL.....201
Gráfico 213 – Variação lexical encontrada para a questão 220 do QSL.....202
Gráfico 214 – Variação lexical encontrada para a questão 221 do QSL.....202
Gráfico 215 – Variação lexical encontrada para a questão 222 do QSL.....203
Gráfico 216 – Variação lexical encontrada para a questão 223 do QSL.....203
Gráfico 217 – Variação lexical encontrada para a questão 224 do QSL.....204
Gráfico 218 – Variação lexical encontrada para a questão 225 do QSL.....204
Gráfico 219 – Variação lexical encontrada para a questão 226 do QSL.....205
Gráfico 220 – Variação lexical encontrada para a questão 227 do QSL.....205
Gráfico 221 – Variação lexical encontrada para a questão 228 do QSL.....206
Gráfico 222 – Variação lexical encontrada para a questão 229 do QSL.....206
Gráfico 223 – Variação lexical encontrada para a questão 230 do QSL.....207

Gráfico 224 – Variação lexical encontrada para a questão 231 do QSL.....207
Gráfico 225 – Variação lexical encontrada para a questão 232 do QSL.....208
Gráfico 226 – Variação lexical encontrada para a questão 233 do QSL.....208
Gráfico 227 – Variação lexical encontrada para a questão 234 do QSL.....209
Gráfico 228 – Variação lexical encontrada para a questão 235 do QSL.....209
Gráfico 229 – Variação lexical encontrada para a questão 236 do QSL.....210
Gráfico 230 – Variação lexical encontrada para a questão 237 do QSL.....210
Gráfico 231 – Variação lexical encontrada para a questão 238 do QSL.....211
Gráfico 232 – Variação lexical encontrada para a questão 239 do QSL.....211
Gráfico 233 – Variação lexical encontrada para a questão 240 do QSL.....212
Gráfico 234 – Variação lexical encontrada para a questão 241 do QSL.....212
Gráfico 235 – Variação lexical encontrada para a questão 242 do QSL.....213
Gráfico 236 – Variação lexical encontrada para a questão 243 do QSL.....213
Gráfico 237 – Variação lexical encontrada para a questão 244 do QSL.....214
Gráfico 238 – Variação lexical encontrada para a questão 245 do QSL.....214
Gráfico 239 – Variação lexical encontrada para a questão 246 do QSL.....215
Gráfico 240 – Variação lexical encontrada para a questão 247 do QSL.....215
Gráfico 241 – Variação lexical encontrada para a questão 248 do QSL.....216
Gráfico 242 – Variação lexical encontrada para a questão 249 do QSL.....216
Gráfico 243 – Variação lexical encontrada para a questão 250 do QSL.....217
Gráfico 244 – Variação lexical encontrada para a questão 251 do QSL.....217
Gráfico 245 – Variação lexical encontrada para a questão 252 do QSL.....218
Gráfico 246 – Variação lexical encontrada para a questão 253 do QSL.....218
Gráfico 247 – Variação lexical encontrada para a questão 254 do QSL.....219
Gráfico 248 – Variação lexical encontrada para a questão 255 do QSL.....219
Gráfico 249 – Variação lexical encontrada para a questão 256 do QSL.....220
Gráfico 250 – Variação lexical encontrada para a questão 257 do QSL.....220
Gráfico 251 – Variação lexical encontrada para a questão 258 do QSL.....221

Gráfico 252 – Variação lexical encontrada para a questão 259 do QSL.....221
Gráfico 253 – Variação lexical encontrada para a questão 260 do QSL.....222
Gráfico 254 – Variação lexical encontrada para a questão 261 do QSL.....222
Gráfico 255 – Variação lexical encontrada para a questão 262 do QSL.....223
Gráfico 256 – Variação lexical encontrada para a questão 263 do QSL.....223
Gráfico 257 – Variação lexical encontrada para a questão 264a do QSL.....224
Gráfico 258 – Variação lexical encontrada para a questão 264b do QSL.....224
Gráfico 259 – Variação lexical encontrada para a questão 265 do QSL.....225
Gráfico 260 – Variação lexical encontrada para a questão 266 do QSL.....225
Gráfico 261 – Variação lexical encontrada para a questão 267 do QSL.....226
Gráfico 262 – Variação lexical encontrada para a questão 268 do QSL.....226
Gráfico 263 – Variação lexical encontrada para a questão 269 do QSL.....227
Gráfico 264 – Variação lexical encontrada para a questão 270 do QSL.....227
Gráfico 265 – Variação lexical encontrada para a questão 271 do QSL.....228
Gráfico 266 – Variação lexical encontrada para a questão 272 do QSL.....228
Gráfico 267 – Variação lexical encontrada para a questão 273 do QSL.....229
Gráfico 268 – Variação lexical encontrada para a questão 274 do QSL.....229
Gráfico 269 – Variação lexical encontrada para a questão 275 do QSL.....230
Gráfico 270 – Variação lexical encontrada para a questão 276 do QSL.....230
Gráfico 271 – Variação lexical encontrada para a questão 277 do QSL.....231
Gráfico 272 – Variação lexical encontrada para a questão 278 do QSL.....231
Gráfico 273 – Variação lexical encontrada para a questão 279 do QSL.....232
Gráfico 274 – Variação lexical encontrada para a questão 280 do QSL.....232
Gráfico 275 – Variação lexical encontrada para a questão 281 do QSL.....233
Gráfico 276 – Variação lexical encontrada para a questão 282 do QSL.....233
Gráfico 277 – Variação lexical encontrada para a questão 283 do QSL.....234
Gráfico 278 – Variação lexical encontrada para a questão 284 do QSL.....234
Gráfico 279 – Variação lexical encontrada para a questão 285 do QSL.....235

Gráfico 280 – Variação lexical encontrada para a questão 286 do QSL.....235
Gráfico 281 – Variação lexical encontrada para a questão 287 do QSL.....236
Gráfico 282 – Variação lexical encontrada para a questão 288 do QSL.....236
Gráfico 283 – Variação lexical encontrada para a questão 289 do QSL.....237
Gráfico 284 – Variação lexical encontrada para a questão 290 do QSL.....237
Gráfico 285 – Variação lexical encontrada para a questão 291 do QSL.....238
Gráfico 286 – Variação lexical encontrada para a questão 292 do QSL.....238
Gráfico 287 – Variação lexical encontrada para a questão 293 do QSL.....239

Lista de ilustrações (tabelas)

Tabela 1 – Município de Manaus, evolução da população e taxa de crescimento..... 53
Tabela 2 – Município de Manaus, população total e não antural do município por tempo de moradia..... 54
Tabela 3 - Porcentagem da origem do léxico encontrado no repertório linguístico dos migrantes que vivem na cidade de Manaus.....265

Listas de quadros

Quadro 1 – Perfil dos informantes da pesquisa..... 94
Quadro 2 - Comparação das lexias obtidas na pesquisa e as do ALAM..... 243
Quadro 3 – Comparação das lexias obtidas na pesquisa e as do *Amazonês*.....246

Sumário

INTRODUÇÃO 24

1 **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA** 30

1.1 A identidade, conceituação e origem do termo 30

1.2 A identidade e a diferença 39

1.2.1 A identidade pessoal 41

1.2.2 A identidade social 43

1.2.3 A identidade cultural 44

1.2.4 A identidade do migrante 47

1.2.5 A identidade linguística 49

1.3 A Identidade Manauara 52

1.4. A Região 54

1.4.1 A História 56

1.4.2 O Deslocamento Linguístico na Amazônia 62

1.4.3 A Capitania de São José do Rio Negro/Manaus 63

1.4.4 As Culturas Formadoras da Identidade Manauara 71

1.4.5 As Outras Culturas 76

1.5 O Léxico 78

1.5.1 O aspecto ideológico do léxico 85

1.5.2 O aspecto etimológico do léxico 86

1.6 A Dialetologia e a Mudança Linguística 86

2. **MÉTODO E PROCEDIMENTOS** 91

2.1 A pesquisa 91

2.2 Os Informantes 93

2.3 A Transcrição de Dados 94

3. **ANÁLISE DOS DADOS** 95

3.1 A análise comparativa entre os dados obtidos no ALAM e no Amazonês 95

3.1.1 Os dados da pesquisa e a comparação com o ALAM 95

3.2.2 Os dados da pesquisa e a comparação com o *Amazonês* 244

CONSIDERAÇÕES FINAIS 2666

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 2699

APÊNDICE A 2788

APÊNDICE B 279

APÊNCICE C 2833

APÊNDICE D 2844

INTRODUÇÃO

Muito se fala que o contato entre os povos e as línguas é favorecido atualmente pela globalização, discussão que fomenta o estudo de pesquisas a respeito dos encontros interculturais e de sua influência na construção da identidade linguística e social do indivíduo. A relação da língua com a construção da identidade social e linguística dos sujeitos sofre uma intensificação em contextos multiculturais, em que diversos grupos sociais, culturais e linguísticos interagem socialmente num mesmo espaço geográfico. Todavia, o encontro dos povos e das línguas sempre existiu no decorrer da história da civilização em diversas partes do mundo.

O estado do Amazonas, por exemplo, cunhado pelo padre Antônio Vieira como 'Rio Babel' (FREIRE, 2004) no século XVI era (e ainda é) constituído por um arquipélago multiétnico e plurilíngue, pertencente a diferentes troncos linguísticos. Foi invadido pelo europeu e reorganizado político-linguisticamente na tentativa de integrar as sociedades indígenas à economia mercantil. Quando se criou na região uma unidade política (unindo os estados do Maranhão e Grão-Pará, e o do Brasil), o Estado e a Igreja intervieram com propostas de se atingir uma unidade linguística em função dos interesses coloniais, o que acarretou o desaparecimento e extinção de diversas línguas e a mudança de identidade linguística e étnica dos índios, chamados primeiramente de selvagens, nas aldeias de origem em que eles falavam o vernáculo materno; de índio manso nas vilas de povoados (antigas aldeias de repartição) em que eles praticavam o bilinguismo, falando a língua vernácula e a Língua Geral Amazônica (LGA); de índio tapuio nas vilas e povoados, em que eles praticavam o monolinguismo, falando a LGA; de índio civilizado, (termo cunhado por Bessa Freire (2004) e que constitui uma das identidades adquiridas pelo caboclo) praticando o bilinguismo, falando a LGA e a língua portuguesa (LP), nas cidades; até ser designado por caboclo, monolíngue em LP, "um tipo cultural que emergiu como resultado da tupinização das culturas ibéricas não-tupis" (MORAN, 1974 *apud* ADAMS; MURRIETA; NEVES, 2006, p.19).

A miscigenação dessas culturas fez com que as línguas se modificassem: tanto a LGA quanto a LP. Essas línguas sofreram mudanças diacrônicas, como é o caso da língua portuguesa, transplantada para o Brasil de Portugal, com as influências do tupi, acrescentando alguns léxicos como tupinismos, topônimos, afixos e também processos de modalização do nome (FREIRE, 2004). Nota-se também a influência dos afrodescendentes, em elementos como a entonação, a modulação da voz, a doçura da pronúncia, a modificação dos sons originais guturais fortes, nas

vogais fechadas (BENCHIMOL, 2009). Assim, o português do Brasil tornou-se mais humano, com seus diminutivos, apelidos carinhosos, gírias, modismos e sua musicalidade.

As línguas também sofreram mudanças sincrônicas, já que se pôde perceber a coexistência de formas linguísticas diferentes para um mesmo significado com o mesmo valor de verdade num determinado tempo, denominadas variáveis, como ocorre até hoje em qualquer dialeto. Percebe-se que a língua pode ser pronunciada diferentemente ou pode possuir um léxico diferente em diferentes pontos do território para designar um mesmo referente. É o processo de variação linguística tratada pela Sociolinguística na Teoria da Variação de Labov (2008). Essas mudanças se fizeram sentir de forma mais conturbada nos primórdios da colonização amazônica, com o surgimento da cultura cabocla.

O caboclo e sua cultura, juntamente com os índios, os portugueses e os cearenses, formaram a base social da população amazônica. Os caboclos foram deslocados inúmeras vezes de seus sítios de origem para povoar a Amazônia desde os tempos pombalinos, transportados para contemplar os projetos urbanísticos de caráter estratégico para a geopolítica da região (GUZMÁN, 2006, p. 70). No entanto, o termo caboclo sofre uma estigmatização pela sociedade manauara desde há muito tempo.

O termo caboclo foi oficialmente estigmatizado a partir do surgimento da lei de casamento de quatro de abril de 1755, com a proibição do termo, já que o intento do Marquês de Pombal era promover os casamentos interétnicos para melhor povoar a região. Essa estigmatização do termo acima mencionado pode ser sentida até hoje (BITAR, 2010; LIMA, 1999: MARTINS, 2005; LOUREIRO, 2002) pela sociedade manauara.

Pode-se mesmo dizer que a história dos homens na Amazônia, particularmente na cidade de Manaus, tem sido construída em torno de duas vertentes conflitantes: uma visão paradisíaca da região criada pelos mitos e pelo homem ligado à natureza abundante, e outra, construída pela exploração da natureza e o usufruto do progresso tecnológico que desencadeia preconceitos em relação ao homem amazônico, o caboclo.

O caboclo é, neste trabalho, considerado como uma categoria de indivíduos que partilha padrões culturais semelhantes, como a maneira de explorar os recursos ambientais e suas crenças no ambiente ribeirinho e não um tipo racial, apesar de ser assim considerado desde os primórdios de sua formação. Essa cultura e sociedade emergiram antes da Cabanagem, revolta ocorrida na região amazônica em meados da década de 1830.

Desde seu aparecimento, o homem amazônico tem visto sua identidade original mudar e tem visto, também, seu referencial de vida perder-se face aos constantes choques culturais que o

obrigam a sair do interior do estado "em busca de trabalho e de melhores condições de vida, como atendimento à saúde e acesso à educação" (OLIVEIRA, M., 2010, p.113).

Entretanto, a identidade do caboclo amazonense não está ligada somente ao contexto histórico e geoeconômico. Sua identidade também está ligada ao ato de fala. "Ao falar, um indivíduo transmite, além da mensagem contida em seu discurso, uma série de dados que permite a um interlocutor não só depreender seu estilo pessoal – seu idioleto – mas também filiá-lo a um determinado grupo" (BRANDÃO, 1991, p. 6). A entonação, a pronúncia, a escolha vocabular e a preferência por determinadas construções frasais indicam a região a que o indivíduo pertence, o grupo social de que faz parte e a situação (formal ou informal) em que se encontra. Portanto, há um processo identificatório com relação à comunidade de fala ou rede social em que o indivíduo circula (WARDHAUGH, 2010, p.119).

Cruz (2004), no Atlas Linguístico do Amazonas - ALAM, investigou o falar do caboclo amazonense, contemplando nove municípios representantes das nove microrregiões do estado do Amazonas (Barcelos, Tefé, Lábrea, Humaitá, Itacoatiara, Parintins, Benjamin Constant, Eirunepé e Manacapuru). A par deste estudo, Costa (2010), em seu artigo "Migrantes urbanos em Manaus: perfil, percurso migratório e mobilidade intraurbana", salienta que os principais municípios de origem dos migrantes que habitam a cidade de Manaus são: Tefé, São Gabriel da Cachoeira, Coari, Manacapuru, Iranduba, Itacoatiara, Maués e Parintins, de forma que esta pesquisa, visando a tornar a comparação dos linguajares caboclos mais consistente, esta pesquisa trabalha apenas com os migrantes oriundos dos municípios de Tefé, Itacoatiara, Parintins e Manacapuru em que as localidades são coincidentes com os dados do ALAM. No entanto, por não se ter encontrado informantes ideais em número suficiente, a cidade de Parintins não foi contemplada nesta pesquisa.

Este trabalho tem como objetivo examinar o léxico desses migrantes interioranos do estado do Amazonas que habitam na cidade de Manaus, que sofre atualmente uma urbanização galopante – "Manaus concentra cerca de 52% da população de todo o estado" (OLIVEIRA, J., 2010, p.120). A hipótese que se levanta é a de que há uma mudança na identidade linguística desses migrantes interioranos, quando eles passam a viver na cidade. À medida que falantes dos vernáculos ribeirinhos entram em contato com a língua padrão urbana oral, acredita-se que a ocorrência de itens lexicais ribeirinhos típicos tenderia a diminuir, ocasionando um distanciamento desses dialetos estigmatizados, substituindo alguns léxicos da variedade urbana em detrimento do seu costumeiro dialeto.

Quanto a esse ajustamento do repertório linguístico dos migrantes, poder-se-ia dizer que o contato com a língua padrão urbana oral em vários graus sofre dois tipos de pressão: de um lado, as pressões de padronização, de outro lado, a tendência das formas não padrão como marcas de identidade de grupo. Saber como o repertório linguístico do migrante se comporta quando ele passa a morar na cidade e como reage a essas duas formas de pressão na língua constitui motivo de análise.

O objetivo geral deste trabalho é examinar o léxico realizado por migrantes provenientes do interior do estado do Amazonas, mais precisamente, de Tefé, Itacoatiara e Manacapuru. Os objetivos específicos são: comparar os campos semânticos lexicais dos registros obtidos com os do ALAM e com os do livro *Amazonês*[1]; analisar a variação lexical encontrada; apontar elementos que possibilitem pensar se houve uma mudança da identidade linguística dos migrantes interioranos do estado do Amazonas; e, em caso de mudança, se esta estaria em consonância com o desejo dos migrantes a uma mobilidade social; analisar a identidade do migrante, segundo Castells (1996); analisar se está acontecendo uma homogeneização ou não da cultura cabocla; fazer uma breve análise do léxico que apresentou maior variação em comparação com os dados obtidos no ALAM e no *Amazonês,* segundo Pottier (1978); realizar uma análise etimológica dos itens lexicais que apresentaram maior variação com relação aos obtidos no ALAM e no *Amazonês;* realizar uma análise ideológica dos itens lexicais mais relevantes, segundo Santos e Cristianni (2012).

Esta pesquisa empírica de cunho quantitativo ampara-se nos princípios básicos da Dialetologia, fazendo um recorte no estado do Amazonas e focando seu interesse na zona urbana da capital administrativa, Manaus.

O método por excelência da Dialetologia, a Geolinguística, oferece um aparato técnico que alcança também outras funcionalidades, além da elaboração de atlas. Por operar com um questionário onomasiológico, o método fornece evidências de importantes fenômenos linguísticos em diferentes regiões, que podem ser estudados comparativamente, ou como um retrato dos falares de um determinado local. Esta pesquisa trabalha com as variáveis sociais utilizadas pela Sociolinguistica.

[1] Com o ALAM se poderá saber se houve alteração do léxico e com o Amazonês se poderá observar se houve assimilação do léxico utilizado na capital por parte do migrante.

De acordo com Santos (2012), a pesquisa geolinguística começa pelo mapeamento histórico-geográfico de uma dada área a ser estudada. Essa primeira etapa é que fornece elementos para a seleção dos pontos (localidades). Assim foram os passos desta pesquisa. Após a seleção das localidades, passou-se à seleção dos indivíduos (nativos das localidades de Tefé, Manacapuru e Itacoatiara que estivessem vivendo em Manaus há pelo menos cinco anos), cujas falas são objeto da pesquisa. A seleção desses informantes foi pautada por variáveis sociais de acordo com o gênero, faixa etária e nível de escolaridade. A próxima fase da pesquisa foi a coleta de dados *in loco* pela entrevistadora, e consistiu na aplicação de um questionário semântico-lexical, elaborado com base no ALAM de Cruz (2004) e no livro *Amazonês* de Souza (2011), que registra a fala característica dos moradores da cidade de Manaus, em situação de interação face a face.

Foram escolhidos seis informantes por município, sendo três homens e três mulheres, perfazendo um total de 18 informantes, migrantes interioranos. O grau de escolaridade escolhido, para uma comparação mais consistente com o ALAM, foi o de informantes com até o ensino fundamental completo. Quanto à faixa etária, foram escolhidas três faixas: uma de 18 a 35 anos, outra de 36 a 55 anos e a terceira de 56 anos em diante. A primeira faixa privilegia os mais jovens, responsável pela amostra da variante inovadora, a segunda faixa, a intermediária, representa a faixa de transição da variação e a faixa dos mais velhos, é responsável pela amostra da variante conservadora da língua.

Desse procedimento, resultaram listas de itens lexicais, que foram organizadas por tabelas em ordem decrescente de frequência. Em seguida, foi feita uma comparação dos campos semânticos lexicais dos registros obtidos com os do ALAM, tentando identificar se houve uma mudança do repertório linguístico. Em caso positivo, a entrevistadora examinou se esta mudança linguística estaria relacionada a uma motivação do migrante a uma mobilidade social ascendente, o que permitiu que se confirmasse ou não do desejo de mudança de identidade (étnica ou social). Foi examinado também se houve uma homogeneização da cultura padrão entre os migrantes e as possíveis implicações que poderiam advir desse fato.

Como se pode observar, a entrevista revela não apenas a opção lexical dos informantes do ponto de vista diatópico, mas revela também elementos do contexto social e ideológico desse informante, de maneira que o léxico se insere também numa esfera ideológica, de poder e de

representações da própria vida social, que será analisado segundo Castells (1996), Santos (2012) e Cristianini (2012) posteriormente.

Esta dissertação é constituída pela fundamentação teórica que trata dos aspectos da identidade pessoal chegando até à do migrante, para depois se voltar ao léxico. Também trata dos aspectos sociohistóricos da identidade manauara, enfocando suas culturas formadoras e, finalmente, chega-se aos aspectos propriamente linguísticos, com o enfoque lexical. Assim, a dissertação foi dividida em seis capítulos, a saber: Introdução - apresentação do trabalho; (1) Fundamentação teórica sobre a identidade, sobre as culturas formadoras da sociedade manauara e sobre a Dialetologia; (2) Método e Procedimentos, a seleção dos informantes, o *corpus*, a coleta de dados; (3) Análise dos dados, com a comparação lexical, bem como a análise comparativa com o ALAM e o com o *Amazonês*; Considerações finais; Referências bibliográficas e, finalmente, Apêndices.

Apesar da existência de trabalhos primorosos sobre o léxico da região amazônica como 'O falar do caboclo amazonense de Itacoatiara e Silves' (CORREA, 1980), 'Um perfil lexical do português falado em comunidades quilombolas em Barreirinha (AM): um estudo dialetológico (BARBOSA, 2013), 'Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil: um estudo sobre as pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM)' (AZEVEDO, 2013), 'Atlas Linguístico do Amazonas' (CRUZ, 2004), esta pesquisa conta com pouco material publicado a respeito da variação linguística de cunho lexical dos migrantes que vêm do interior do estado do Amazonas e passam a morar na cidade de Manaus, à exceção do *Amazonês* (SOUZA, 2011), que apresentou as expressões e o léxico utilizado pelo amazonense morador da capital. Portanto, este trabalho visa a contribuir para o enriquecimento do campo linguístico lexical da cidade de Manaus, através deste registro de cunho geolinguistico.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A seguir, apresenta-se uma breve análise do que vem a significar o termo identidade, dentro do domínio da Sociologia e da Psicologia, a origem do termo, a questão da identidade e da diferença, a identidade pessoal, social, cultural, do migrante, a identidade linguística, a identidade manauara, juntamente com um pouco da sua história e sua região. Aborda-se a questão do léxico e da língua dentro do mundo dito globalizado e a Dialetologia.

1.1 A identidade, conceituação e origem do termo

Falar sobre identidade é tratar de um tema complexo e interdisciplinar. Complexo porque não há um conceito unânime pelos acadêmicos sobre esse termo e interdisciplinar porque é compartilhado pelos domínios da Sociologia, da Psicanálise, da Psicologia e da Filosofia. Assim sendo, sua definição varia conforme os diversos domínios e os diversos autores. Neste trabalho, discute-se o conceito de identidade no domínio da Sociologia e da Psicologia.

No contexto da Sociologia, por exemplo, o conceito de identidade e suas ponderações a respeito vão tomar uma característica fluida e fragmentária (MENDES, ICHIKAWA, 2010, p.170), em comparação com as perspectivas psicológica e filosófica. Nesse domínio, refletir sobre o conceito de identidade implica posicionar o indivíduo no contexto histórico e social em que ele vive e assumir que o indivíduo se desloca por diversos grupos sociais que ele se identifica e que podem ser contraditórios. Implica também discriminar um indivíduo (ou um grupo de indivíduos) de outro, pois ele se individualiza graças à soma de suas experiências peculiares de vida e do conhecimento de mundo que ele acumula durante sua vida. O sujeito passa, então, a se autorreconhecer e a reconhecer também o Outro em toda a sua alteridade.

Esse processo de construção da identidade é complexo. Primeiro, ele é simbólico, pois o indivíduo usa símbolos (a língua) para criar significados; segundo, esse processo é social, pois se dá no interior de uma comunidade ou de um grupo de pessoas, e, terceiro, é psíquico, tornando-se um construto mental. Assim, é necessário salientar a importância do papel estruturador que a língua tem na construção da identidade e a influência da cultura de uma sociedade sobre o indivíduo, permeando todo o processo de identificação social. Rajagopalan (1998) observou que a identidade de um indivíduo é construída na língua e através dela, não existindo uma identidade fixa e exterior à língua. Não se pode pensar em identidade sem levar em conta as dimensões

"simbólicas, sociais e psíquicas" (WOODWARD, 2008, p.10), conforme foi salientado acima, mas também não se pode pensar em identidade sem levar em conta a ideia de representação.

A identidade (seja ela pessoal, social, cultural ou linguística) está vinculada a um sistema de representação. É através dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Num processo de representação, é correto compreender os significados produzidos como um processo cultural e é correto supor também que "todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído" (WOODWARD, 2008, p.18) dentro de um grupo social, dependendo do poder econômico de quem detém os meios de produção e de quem detém o controle social.

A representação de si, no mundo atual, no qual o fenômeno da globalização[2] está disseminado nos campos econômicos, administrativos e políticos, não é tarefa fácil. Nesse período histórico[3], no qual encontramos a exacerbação do individualismo, do consumismo, da ética hedonista e da fragmentação do tempo e do espaço "marcados pelo desenvolvimento de formas tecnológicas de vida que propiciam, entre outros, um gigantesco fluxo de informações e produtos, acarretando um permanente descarte das classificações e fórmulas" (MARINHO, 2009, p.82), atualmente, o conceito de identidade vem sendo questionado por sociólogos que desconstruíram a ideia de uma identidade única e integral, criticando os modelos essencialistas tão em voga nos primórdios tempos do estudo sobre identidade.

Há duas formas de conceber a identidade: a essencialista (época do Iluminismo) e a primordialista (processo permanente de construção e reconstrução nas trocas simbólicas sociais). Desde o início do estudo sobre identidade até tempos mais recentes, a identidade foi considerada como "uma substância que se estabelece na mente ou no corpo de um indivíduo" (MALDONATO, 2005, p.490). Para Descartes, por exemplo, o conhecimento sobre o mundo externo é factível porque a mente humana "é dotada de autoconhecimento, conhecimento de si, da própria existência do sujeito pensante" (RAJAGOPALAN, 2002, p.78), é o *cogito*, isto é,

[2] A globalização se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e experiência, mais interconectado (McGREW, 1992 *apud* HALL, 2006, p.67)

[3]Nomeado também por pós-modernidade, modernidade tardia (termo cunhado por Anthony Giddens) ou modernidade líquida (termo cunhado por Zygmunt Bauman), corresponde ao terceiro período do capitalismo também conhecido por capitalismo pós-industrial ou financeiro.

penso, logo existo. Para Locke, a ideia de identidade estava vinculada à consciência, à consciência de si e de seu passado. Consciência de estar consciente de suas próprias ações e pensamentos passados devido à memória.

Atualmente, a identidade é vista como um atributo, um construto que não é inato ao indivíduo, mas passa a ser construído através das práticas sociais. A identidade é internalizada através de um processo de individuação particular que varia de indivíduo para indivíduo, e que se constrói através da prática social dentro de uma comunidade, assim, o conceito de identidade deixa de ser puramente individual (cuja descrição deveria partir da análise do indivíduo) e ganha uma perspectiva social, ou seja, o sujeito observado pelo Outro através das suas relações sociais.

Por essa razão, o conceito de identidade vincula o processo individual (o que eu sou) ao processo social (como sou definido ou o que dizem que eu sou). Neste processo, a definição de si está vinculada às categorias utilizadas para identificar um indivíduo num dado espaço social, de maneira que a identidade surge não tanto da plenitude da identidade, que já está dentro de nós como indivíduos, "mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir do nosso exterior, pelas formas através das quais se imagina ser visto por outros" (HALL, 2006, p.39). É o exterior constituindo o interior do sujeito.

Exterior, porque é pelo Outro que a identidade do indivíduo se forma, pela alteridade e pela incompletude. A construção de identidades vale-se do conhecimento de mundo que um indivíduo acumula durante toda a vida. Esse conhecimento de mundo é dado pela gama de matérias-primas fornecidas pela "história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva, por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso" (CASTELLS, 1996, p.23), material esse processado pelo indivíduo, organizado e reorganizado dentro da estrutura social à qual o sujeito pertence e pelos processos de identificação, aos quais o indivíduo fica sujeito. Atualmente, a ideia de que a identidade engloba uma multiplicidade de identidades ou de identificações (que se tornam maior, à medida que mais evidentes forem as diferenças das práticas sociais), é mais aceita entre os estudiosos das ciências sociais e psicanalíticas a respeito do termo.

Um indivíduo pode se sentir como sendo uma mesma pessoa em todas as suas interações sociais das quais ele participa, mas se posicionar diferentemente nos diversos sistemas culturais pelos quais ele circula. Isto se dá porque as atitudes das pessoas mudam em diferentes momentos, em diferentes lugares, de acordo com os diferentes lugares sociais que se está exercendo, de forma

que “diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais” (WOODWARD, 2008, p.30), e faz também com que as identidades múltiplas possam estar em conflito ou em contradição. A identidade nos dias de hoje passa a ser vista e analisada como fragmentada.

Esse modo diferente de pensar o conceito de identidade emergiu da mudança estrutural da sociedade moderna no fim do século XX, sobretudo com os novos movimentos sociais, especialmente após 1968, com a rebelião estudantil, com o ativismo pacifista, com as lutas pelos direitos civis em torno do feminismo, da raça, da etnia, de gays, de lésbicas e do ambientalismo. Os novos movimentos deixaram para trás o sujeito do Iluminismo, sujeito centrado, unificado, dotado “das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo centro consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo o mesmo ao longo da existência do indivíduo” (HALL, 2006, p.10). Deixou para trás, também, o sujeito sociológico, formado na relação com o Outro, este mediando para o sujeito os valores, sentidos e símbolos (a cultura) do mundo que eles habitam.

Essa visão interativa da identidade e do eu foi elaborada pelo sociólogo (com forte inclinação à psicologia social) Charles Holton Cooley, na tentativa de explicar um pelo Outro, ou seja, “a ideia de que a identidade é pelo menos parcialmente lapidada pelas nossas percepções de como os outros nos veem” (MENESES, 2009, p.11). Foi elaborada, também, por George Herbert Mead, com seu estudo sobre os dois aspectos do *self: I* e *Me, Me* sendo um mecanismo pelo qual a comunidade se torna parte do indivíduo e o *I,* mecanismo pelo qual o indivíduo pode alterar a sociedade. Cito ainda Erving Goffman, que trata da interação social como uma *performance* dramatúrgica, na qual os sujeitos são atores que desempenham papéis e cujas habilidades “são relevantes para controlar e manipular as impressões que as *performances* da identidade são deixadas nos outros” (MENESES, 2009, p.12).

Goffman, de acordo com Meneses (2009), descreve como a identidade pode ser comunicada com sucesso para os outros por meio da manipulação de impressões, ao invés de como a imagem dos outros é transformada em identidade (como sugerido por Cooley e Mead). A visão dos autores contemporâneos sobre o sujeito pós-moderno é conceituá-lo como possuindo uma identidade que não é fixa, nem essencial e nem permanente. No interior do sujeito pós-moderno, há identidades múltiplas e contraditórias que nos empurram em diferentes posições, de

modo que nossas identificações estão sendo sempre deslocadas nos movimentos sociais neste mundo pós-moderno global.

Na verdade, os movimentos sociais, que pleiteavam novas políticas de identidade, resultaram em cinco avanços relevantes na teoria social e nas ciências humanas, segundo Hall (2006). Eles tiveram grande impacto no descentramento do sujeito cartesiano do período do Iluminismo. O primeiro foi o pensamento marxista, deslocando qualquer noção de agência individual; o segundo foi a descoberta do inconsciente por Freud, que funciona de acordo com uma Lógica diferente da Razão, desconstruindo a ideia do sujeito cognoscente (acrescentando a releitura de Freud por Lacan, que enfatizou o simbólico e a linguagem no desenvolvimento da identidade); o terceiro foi o trabalho do linguista Ferdinand de Saussure, que postulou que a língua é social, preexiste a nós e que os significados já estão embutidos em nossa língua e em nosso sistema cultural antes do nosso nascimento; o quarto foi o movimento feminista, que criou uma política de identidade; e, por último, o trabalho de Michel Foucault com a descoberta do poder disciplinar, que policia e disciplina as populações modernas. Esses movimentos contribuíram, sobremaneira, para a mudança estrutural e social da pós-modernidade.

À lista destes avanços, Castells (1996), autor que se dedicou a estudar o poder da identidade na era da informação e o modo como ela atua na economia, política e cultura do mundo pós-moderno, acrescenta outros movimentos como a rápida desintegração da sociedade civil herdada da era industrial, o desaparecimento gradativo do Estado-Nação - ideia também compartilhada por Bauman (2005, p.11) – o fim do patriarcalismo e o surgimento da globalização. Castells ainda propõe três formas de construção de identidades:

- Identidade legitimadora: exercida pelas instituições dominantes no afã de expandir sua dominação, ampliar e racionalizar o domínio que exercem sobre os indivíduos. “É aí que entram as instituições reprodutoras e legitimadoras do projeto identitário dominante: Igreja na idade média, a Escola e os meios de comunicação nos Estados Totalitários e Autoritários, e os meios de comunicação de massa nas sociedades ocidentais contemporâneas” (SANTOS, 2011, p.151), de forma que os valores propagados por essas instituições se assemelham aos valores propagados pelo Estado.

- Identidade de resistência: criada por sujeitos que se encontram em posições desvalorizadas ou estigmatizadas, opondo-se às identidades legitimadoras, buscam garantir sua sobrevivência com princípios e valores diferentes dos vigentes nas

instituições sociais. Essas identidades de resistência dão origem a comunidades que representam uma oposição a situações de opressão e que lutam contra o sentimento de exclusão e de alienação, seguido de uma possível injustiça social. O destino dessas identidades dependerá do diálogo com as instituições dominantes, podendo inclusive chegar a uma fragmentação social, se não houver um convívio civilizado entre as instituições em jogo. Exemplos disso são os fundamentalismos étnicos e religiosos e os quilombos surgidos no decorrer da nossa história;

- Identidade de projeto: ocorre quando os sujeitos constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade, objetivando a transformação de toda estrutura social. Nessa situação há uma ressignificação do sujeito, há a criação de um novo paradigma de existência que poderá atingir a sociedade pela interação social. Um exemplo disso foi o percurso de liberação das mulheres que afetou toda a sociedade ocidental.

Sintetizando o que foi dito:

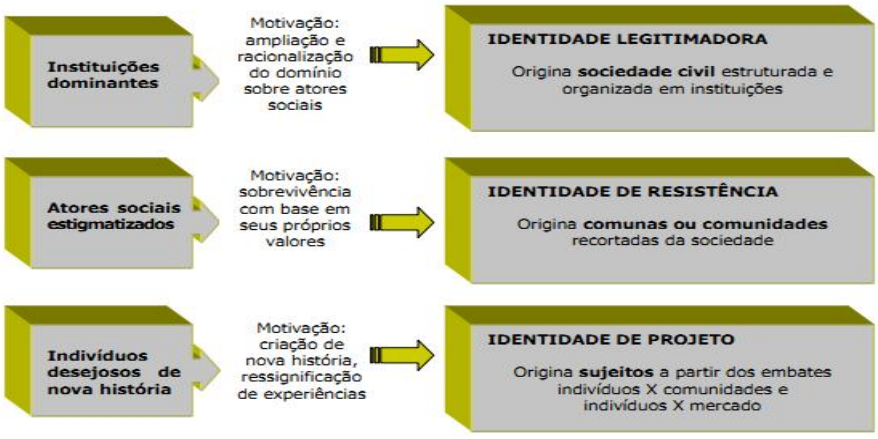


Fig. 1 Tipos de identidades, segundo Castells (CUNHA, L.,2010, p. 39)

Como a identidade é um processo em andamento, é possível que identidades que comecem como de resistência possam resultar em identidades de projeto ou mesmo se tornem dominantes nas instituições da sociedade. É importante salientar que toda discussão sobre identidade precisa ser contextualizada sócio e historicamente. No mundo atual, de sociedades organizadas em redes, no contexto da globalização e de interação midiática, a construção reflexiva de identidades é negociada pelos atores sociais entre as opções apresentadas, os estilos

de vida e a cultura assimilada, promovendo uma interação dialética entre o local e o global, numa nova concepção de tempo, de espaço e de poder.

Para Castells, uma definição de identidade seria:

> Identidade é o processo de construção de significado com base num atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. (CASTELLS, 1996, p. 22)

Outra definição do conceito de identidade foi elaborada por Hall (2006), como sendo o de perda do *sentido de si*, ou seja, identidade é a posição-de-sujeito que um indivíduo assume no interior de um sistema cultural, e que, por isso mesmo, assume uma vertente flexível:

> A identidade torna-se uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Encontramos, assim, a consolidação de um eu que se forma e se modifica ao dialogar com o espaço e o tempo no qual se encontra arraigado. Ainda dentro dessa perspectiva, a identidade, então costura o sujeito à estrutura. (HALL, 2006, p.13)

Ainda segundo Hall, o sujeito tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores, com as identidades que esses mundos oferecem e com os processos de identificação, aos quais o indivíduo fica sujeito durante a vida.

Um dos primeiros campos a discutir o conceito de identidade foi o filosófico, que aplicou o termo à lógica, ou seja, dada uma entidade, ela é idêntica a si mesma. Também na álgebra, dizemos que existe identidade quando duas expressões são representadas pelo mesmo número. Hegel retoma o termo e postula que a identidade funciona como uma fórmula A=A, que designa o absoluto "que é dado de imediato ao sujeito e que irá permear o vir-a-ser-de-si-mesmo" (MENDES; ICHIKAWA, 2010, p.168). Habemas, refazendo uma análise do pensamento de Hegel, diz que "este foi um dos primeiros filósofos a constatar a bipartição da modernidade: isto é a existência de um mundo subjetivo (coordenado pelo conhecimento) e de um mundo objetivo (formado pela realidade)" (MENDES; ICHIKAWA, 2010, p.168).

No senso popular, a noção de identidade é atribuída a Heráclito (séc. VI e V a.C.) e está associada "à ideia de permanência, de singularidade e de unicidade do que constitui a realidade das coisas" (CALDAS, WOOD Jr, 1997, p. 8). A partir daí, a ideia de identidade assume novos significados e aplicações, difundindo-se por áreas diversas do conhecimento humano.

No domínio da psicanálise, por exemplo, a noção de identidade individual veio com Freud, apesar de ele nunca ter escrito nada sobre identidade em si. Mas, numa de suas conferências, Erik Erikson desvela o pensamento de Freud sobre o atributo de ser judeu, "o que ele tentara negar durante toda a sua vida, mas que sempre esteve presente, condicionando suas atitudes e ações, pois era um atributo ligado à sua identidade" (MENDES; ICHIKAWA, 2010, p. 170), ou seja, foi a subjetividade do sujeito que determinou sua conduta:

> O que me ligou ao Judaísmo não foi (e me envergonho de admitir) nem fé nem orgulho patriota, uma vez que eu sempre fui um incrédulo e fui criado sem qualquer pensamento religioso (...) Porém, muitas outras coisas permaneceram para fazer a atração ao Judaísmo e aos judeus, irresistível – muitas forças emocionais obscuras, que eram mais poderosas quanto menos podiam ser expressas em palavras, assim como uma clara consciência de identidade interior, a segura privacidade de uma construção mental comum. (FREUD, 1959 *apud* CALDAS; WOOD Jr, 1997, p. 9)

Na subjetividade do sujeito três instâncias do desenvolvimento mental atuam: o id, o ego e o superego e fazem com que apesar das mudanças que os indivíduos passam como membros de uma sociedade, "algo continua determinando suas atitudes, ligado a esse contexto que ele chamou de inconsciente" (MENDES; ICHIKAWA, 2010, p. 170). Aprofundando-se no inconsciente, Erikson passou a trabalhar o ciclo de identidade do indivíduo, do nascimento à velhice, enfatizando a juventude, período em que o indivíduo sofre várias crises de identidade. Erikson concebeu a identidade como um sentimento, o que nos faz entender que os sujeitos podem passar por várias mudanças durante a vida e continuar com a impressão de que são o que sempre foram. Erikson fala dos sentimentos bons, formador do que ele denomina de identidade positiva e dos sentimentos ruins, em que os sujeitos sofrem a chamada identidade negativa ou crise de identidade. "Nesse contexto ocorre o processo de desconstrução e reconstrução de uma nova identidade que vai permitir congregar ali os atributos modificados pela crise de identidade" (MENDES; ICHIKAWA, 2010, p. 170). É o sentimento de ambivalência no qual, ora o sujeito nega determinado atributo, ora aceita e afirma esse mesmo atributo. Erikson introduziu e divulgou nas ciências comportamentais o termo crise de identidade. Trabalhando em uma clínica de reabilitação durante a Segunda Guerra Mundial, Erikson e seus colegas observaram:

> A maioria de nossos pacientes (...) tinha perdido, pelas exigências da guerra, um sentido de unicidade pessoal e de continuidade histórica. Eles tinham sido privados daquele controle central sobre si mesmos pelo qual, no esquema psicanalítico, somente o agente interior do ego poderia ser responsabilizado. Portanto, nós falávamos da perda da identidade do ego. (ERIKSON, 1968 *apud* CALDAS, WOOD Jr, 1997, p. 10).

Assim, a noção psicanalítica de identidade[4] individual tomou o sentido "de unicidade e continuidade, de um processo localizado no indivíduo, porém influenciado pelo seu meio e pela sua cultura" (CALDAS, WOOD Jr, 1997, p. 10).

No contexto sociológico, a identidade é vista não somente como uma identidade individual ou psicológica, mas também como uma identidade cultural ou social ou ainda como "identificações em curso" (HALL, 2006, p. 39; SOUZA SANTOS, 1991, p. 135). Assim, se a identidade está ligada a um atributo cultural, "qualquer modificação nesse atributo causa uma modificação na identidade" (MENDES; ICHIKAWA, 2010, p. 171).

Essa ideia de modificação é compartilhada por autores como Giddens (2002), que salienta que as tendências globalizantes da modernidade provocam uma reorganização (separação) do tempo e do espaço, que passam a atuar como "mecanismos de desencaixe", isto é, mecanismos que descolam as relações sociais de seus lugares específicos, e desempenham um papel básico na reflexividade da modernidade, ou seja, o uso regularizado de conhecimento sobre as circunstâncias da vida social como elemento constitutivo de sua organização e transformação. Todavia, contrariamente a seus contemporâneos, Giddens acredita que a coerência da autoidentidade é preservada, ao invés dela desenvolver múltiplos 'eus' em que não há um centro interior de autoidentidade.

Já Hall (2006) comenta sobre a multiplicidade de identidades que um indivíduo pode desenvolver nos seus deslocamentos sobre os vários sistemas culturais pelos quais o sujeito trafega na sociedade. Ele comenta também sobre a dialética do global e do local na transformação das identidades e sobre a possibilidade de se criar novas identidades, as chamadas identidades híbridas, também chamadas de identidade de projeto por Castells (1996). "Isso mostra que as sociedades em si não estão entregues a um processo constante de mudanças, promovido através da racionalização, mas que resistências afloram do sujeito quando este se defronta com situações de mudanças extremas" (MENDES; ICHIKAWA, 2010, p.171).

Bauman (2005) fala da importância do sentido de pertencimento, do ressurgimento da etnia (etnia é o termo que se refere às características culturais como a língua, a religião, o costume,

[4]O termo "identidade" deriva dos vocábulos latinos "idem" e "identitas", ambos significando o mesmo, e do vocábulo "entitas", significando entidade. Ao combinar essas raízes, identidade poderia significar "a mesma entidade". Alguns autores já sugeriram que a palavra pode estar associada ao vocábulo latino "identidem", significando "repetidamente" (CALDAS; WOOD Jr, 1997, p.9)

as tradições e o sentimento de lugar que são partilhados por um povo). Segundo Bauman, o sentido de pertença surge como forma de aliviar a sensação de insegurança causada pelo colapso do Estado, pela flexibilidade do local de trabalho, pelo esvaziamento das instituições democráticas e pela privatização da esfera pública. Mocellim (2008) comenta que Bauman vê a modernidade alta (ou tardia) envolvida pelo consumo, ao invés de pelo trabalho e pela produção do período da pré-modernidade, de forma que as identidades são construídas pelo consumo de bens, tornando-se transitórias e dispensáveis após a satisfação, fazendo com que as identidades pós-modernas dificilmente criem laços duradouros entre seus membros. As identidades tornam-se, nesse mundo moderno-líquido, mais ambivalentes e líquidas, em que a identidade fixa e sólida é vista como limitadora da liberdade. Para Bauman, o anseio por identidade reflete um desejo de segurança.

Só a partir das discussões desses intelectuais é que podemos entender a complexidade do conceito de identidade e suas implicações no mundo atual. No entanto, este trabalho corrobora o entendimento do termo identidade como abordado por Hall e Castells, que são bastante próximos. O que Hall vê como uma homogeneização cultural do mundo pós-moderno, Castells diz que se trata da identidade legitimadora; o que Hall vê como possível reforço das identidades locais, Castells chama de identidade de resistência; e, por último, o que Hall denomina de novas identidades híbridas, Castells denomina de identidades de projeto.

1.2 A identidade e a diferença

A diferença é aquilo que distingue uma identidade de outra, "frequentemente na forma de oposições" (WOODWARD, 2008, p.41). Identidade e diferença estão numa relação de estreita dependência, na verdade, as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença, numa espécie de relação de oposição entre "nós" e "eles". Tomando o exemplo de Silva (2008), quando eu digo que sou brasileiro, quero dizer que não sou argentino, não sou japonês, nem chinês. Eu sou o que o Outro não é. Essa oposição binária estabelece uma fronteira simbólica, caracterizando o que está incluído do que está excluído, estabelecendo também uma importância diferencial, de forma que "um dos elementos dessa dicotomia é sempre mais valorizado ou mais forte do que o outro" (WOODWARD, 2008, p.50), seja culturalmente, seja economicamente, denotando a distribuição desigual de poder. Essa oposição de poder é a base das divisões sociais da sociedade pós-moderna.

Essa diferença de oposição ocorre através de sistemas simbólicos de representação ou através da exclusão social. Uma cultura, por exemplo, pode ser mais valorizada que outra, numa hierarquia social ditada pelo poder econômico, normalmente pertencente à elite dominante. Essa relação entre a formação da identidade e a consequente formação da alteridade, ou seja, da diferença, realiza-se em atos de criação linguística através dos vocábulos que escolhemos em nosso discurso.

Este ato de criação linguística é o resultado de um processo de produção simbólica, ou seja, não são elementos da natureza, mas tem de ser ativamente produzidos cultural e socialmente. Esses elementos simbólicos são criados por meio de atos de linguagem, ou seja, tem de ser nomeados. "É apenas por meio de atos de fala que instituímos a identidade e a diferença como tais" (SILVA, 2008, p.77). É interessante notar que o signo carrega sempre não apenas o traço daquilo que ele substitui, "mas também o traço daquilo que ele não é, ou seja, precisamente da diferença" (SILVA, 2008 p.79), o signo carrega o traço da alteridade (do exterior, da sua relação com o Outro, daquilo que lhe falta).

A alteridade, ou seja, a diferença, e a identidade não são harmoniosas e não convivem lado a lado sem disputas de poder. Existe o poder de definir a identidade e o poder de marcar a diferença. "Onde existe a diferenciação (ou seja, identidade e diferença), aí está presente o poder" (SILVA, 2008, p.81), aí estão presentes as operações de incluir e de excluir, as demarcações de fronteiras, o processo de classificação. Dizer o que somos, significa também dizer o que não somos:

> O processo de classificação é central na vida social. Ele pode ser entendido como um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes. A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações. As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade. Isto é, as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa também hierarquizar. (SILVA, 2008, p. 82)

Hierarquizar, numa oposição binária, significa dizer que um dos termos é sempre privilegiado. Esse termo recebe um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa. Estabelecer uma identidade como norma (normalizar) significa, sutilmente, eleger uma identidade como parâmetro positivo em torno da qual as outras identidades serão avaliadas e hierarquizadas.

Em resumo, questões como diferença e diferenciação continuam a dominar os debates que cercam o multiculturalismo, o antirracismo e o preconceito. Portanto, é preciso ter em mente que as identidades só podem ser construídas no discurso e na diferença, sendo constantemente desestabilizadas por aquilo que deixam de fora. Numa comunidade, como é o caso da cidade de Manaus, normalmente formada por muitas culturas, a questão da hierarquização das identidades traz muitas polêmicas e muitas vezes leva a preconceitos injustos.

1.2.1 A identidade pessoal

Apesar das diferentes conceituações a respeito do termo identidade, há um consenso entre os autores de que a identidade está profundamente envolvida no processo de representação. Atribuímos um significado e configuramos um significante para simbolizar ou representar o mundo, de maneira que recriamos em nossas mentes a realidade.

A memória passa a ser um aspecto importante na construção dessa representação. É a partir dos "múltiplos mundos classificados, ordenados e nominados na memória, segundo a lógica do indivíduo e de sua categorização social (que consiste em reunir o que se parece e separar o que difere), que o indivíduo vai construir sua própria identidade" (MACHADO, 2003, p.54):

> O sujeito ordena, segundo sua autoridade, os eventos que ele selecionou, consciente e inconscientemente, e registrou na memória. Assim, não só passado, mas presente e futuro agem na conformação da identidade, por meio da representação desejada de si, ou seja, da idealização do eu (MACHADO, 2003, p.54).

Assim, a identidade pessoal é um processo em constante elaboração no indivíduo, em que se busca equilibrar aquilo que o sujeito é e o aquilo que os outros esperam que ele seja, é o meio-termo entre as identidades assumidas e as identidades que virão a ser (MACHADO, 2003, p.53). A identidade é um fenômeno que se processa ao longo da vida do sujeito, atuando como mecanismo regulador das interações sociais e da presença do outro na vida pessoal. O outro assumiria o papel de um espelho social que permite ao indivíduo reconhecer-se, avaliar-se e aprovar-se. "Sob essa perspectiva o eu não existe, a não ser em interação com os outros" (MACHADO, 2003, p.54).

Essa é a primeira característica básica da identidade, seu caráter relacional: nenhum indivíduo pode ter sua identidade construída a partir de si mesmo. Um indivíduo se relaciona com outro por oposição, conforme já visto acima. Por isso a identidade é um meio de diferenciação. Diferenciando-se dos outros o indivíduo terá uma identidade particular. "A identidade, então,

pode ser entendida como o conjunto de caracteres próprios e exclusivos com os quais se pode diferenciar pessoas, grupos e organizações uns dos outros, quer diante do conjunto de diversidades, quer ante seus semelhantes" (MENESES, 2009, p.9)

A segunda característica básica é que a identidade não é inata, mas sim um processo de construção social. A construção da identidade é inseparável da noção da interação com o outro. "É por meio das experiências de socialização que os processos de identificação se dão" (MENESES, 2009, p.10). O indivíduo vai definindo a noção de si, experienciando as diversas situações da vida em sociedade.

A terceira característica é a da continuidade, na qual o indivíduo mantém uma constância na sua conduta, o que permite que ele não seja uma nova pessoa a cada instante. Essa continuidade forma e molda o indivíduo.

Avaliando as características acima, podemos dizer que o conceito de si é uma construção mental complexa, que faz o indivíduo único, devido à sua experiência e à sua vivência pessoal, e permite que ocorra uma ligação do indivíduo com o meio social no qual ele vive, ligação essa permeada pela similaridade e pela diferença.

Para Giddens, a modernidade tardia traz o conceito de autoidentidade, que é o 'eu' compreendido pela pessoa em termos de sua biografia. Esse conceito é algo que "deve ser criado e sustentado rotineiramente nas atividades reflexivas do indivíduo" (GIDDENS, 2002, p.54). Todavia, diferentemente dos outros autores, a identidade de uma pessoa não se encontra no comportamento e nem nas reações dos outros, mas na capacidade de manter em andamento uma narrativa, ou seja, o sujeito deve integrar acontecimentos do cotidiano à estória de sua vida, como uma biografia. Esse autor também acredita que a autoidentidade é preservada, apesar de se desenvolverem múltiplos 'eus'.

Giddens (2002) diz que na alta modernidade dispõe-se de uma pluralidade de escolhas. Essas são impostas por grupos, pessoas e até mesmo pela mídia, apesar de nem sempre se saber de todas as alternativas disponíveis. Para o autor, a modernidade tardia tanto fragmenta quanto une, portanto, deve-se sim fazer uso da diversidade para a criação de uma identidade que incorpore os diferentes contextos numa narrativa integrada, fazendo dos diversos 'eus' um só. Este trabalho fará uso do conceito de identidade tal qual concebido por Castells.

1.2.2 A identidade social

Sobre o conceito de identidade social, será mantida aqui a visão não-essencialista, isto é, ela não depende de um fator biológico. A identidade social não é inata e nem inerente às pessoas, é um processo de construção social baseado no sujeito sociológico (que constrói a identidade ao interagir com a sociedade) e no sujeito pós-moderno (que não tem identidade fixa ou permanente). Tal qual a identidade pessoal, também a identidade social é relacional, marcada pela oposição e pela diferença dos outros grupos ou de outras sociedades.

Para interagir com a sociedade, o sujeito precisa primeiramente compartilhar signos reconhecidos socialmente e esses signos são imbuídos de valores (positivo ou negativo, em relação à cultura de um povo). Somente à medida que se partilha o valor desse signo é que o indivíduo poderá ser reconhecido pelo outro como um igual:

> É pela interação que o indivíduo poderá apreender estes signos-valores do outro e incorporá-los em si. Ao mesmo tempo em que esse indivíduo avalia o outro, este outro vai moldar seu comportamento com base no comportamento do indivíduo que tomamos como base. Aí se dá a dialética interno-externo. É a partir desta relação que estes indivíduos vão se autocategorizarem e categorizarem o outro como iguais ou diferentes. Para conseguir o reconhecimento social, que lhe traz a estima suficiente (e também um certo poder) para ter suas necessidades atendidas pelo outro, o indivíduo deverá ter a sua identidade forjada a partir da interação com este outro (pode-se aqui entender por outro um outro indivíduo, um grupo ou a sociedade como um todo). (MENESES, 2009, p.16).

Nesse sentido, podemos afirmar que o indivíduo é amoldado ao grupo. Amoldar ao grupo significa haver um sentimento de pertencimento e também um sentimento de autopercepção do sujeito como membro do dado grupo. Os indivíduos "sempre procuram manter uma identidade social positiva e quando a identidade social for insatisfatória, o indivíduo abandona o seu grupo e busca vinculação em outros grupos" (MACHADO, 2003, p.56). A identidade social, então, deve ser entendida pelo processo de construção do autoconceito de si pela vinculação a grupos sociais, "deve ser entendida como a forma pela qual os indivíduos se percebem dentro da sociedade em que vivem e pela qual percebem os outros em relação a eles próprios" (BRADLEY, 1996 *apud* TILIO, 2009, p.110). Nas relações sociais os sujeitos se engajam em práticas discursivas.

Por isso, podemos dizer que as "identidades sociais são construídas através do discurso" (SARUP, 1996, p.47 *apud* TILIO, 2009 p.111) durante os processos de construção de significados, conforme já foi dito anteriormente. Ao participarmos de uma prática discursiva, não

só percebemos as identidades sociais dos sujeitos envolvidos nessa prática, como também construímos e reconstruímos as identidades sociais destes participantes e das nossas próprias. A identidade social depende da existência do outro acima de tudo e implica três características dentro dessa abordagem socioconstrutivista: fragmentação, contradição e fluxo (MOITA LOPES, 2002, p.138).

Primeiro, dizer que as identidades sociais são fragmentadas significa dizer que elas não são homogeneizantes, ou seja, o sujeito possui uma variedade de modos de ser e de características, de acordo com sua raça, classe social, profissão, etc. Vale dizer que uma pessoa, por exemplo, pode não somente ser da classe média, mas pode ser mulher, divorciada, idosa, branca, lésbica, entre outros, na qual ela desempenha diversos papéis. Todavia é imprescindível notar que existe uma diferença entre identidade e papel social:

> Papéis sociais são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade. Já as identidades constituem fontes de significado para os próprios atores. As identidades são fontes de significado mais importantes que os papéis sociais. Em termos mais gerais poder-se-á dizer que os papéis organizam funções e as identidades organizam significados (SANTOS, 2011, p.149).

Segundo, dizer que as identidades sociais são contraditórias significa dizer que num mesmo indivíduo podem existir modos de ser que estão em oposição, dependendo das relações de poder existentes, exercidas em práticas sociais peculiares. Um exemplo seria uma pessoa que frequenta a igreja católica e um centro de umbanda concomitantemente.

Por último, dizer que as identidades sociais estão em fluxo significa dizer que as identidades estão sendo construídas e reconstruídas continuamente através das práticas sociais nas quais a pessoa se posiciona ou é posicionada no discurso.

Os significados que as pessoas constroem quando agem nas práticas discursivas são reveladores de como elas compreendem o mundo à sua volta, a si mesmas e aos outros como participantes desse mundo. Esses significados são viabilizados através da língua, mais precisamente, pelo léxico, que interpela o sujeito e o constitui.

1.2.3 A identidade cultural

De acordo com Denys Cuche (1999) o indivíduo e a cultura são duas entidades distintas. No entanto, só se pode compreender uma em sua relação com a outra. O indivíduo, através da

palavra, apropria-se progressivamente da cultura da comunidade na qual ele atua no curso de sua vida, mas o sujeito não poderá nunca adquirir toda a cultura de seu grupo, pois há uma pluralidade de culturas numa sociedade determinada ao invés da unidade da cultura.

A primeira definição etnológica de cultura é devida ao antropólogo britânico Edward Burnett Tylor:

> Cultura e civilização, tomadas em seu sentido etnológico mais vasto, são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade (TYLOR, 1871, p. 1 *apud* CUCHE, 1999, p.35).

Mas outras definições foram ainda utilizadas como: o modo de vida global de um povo; o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo; uma forma de pensar, sentir e acreditar; uma abstração do comportamento; uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente; um celeiro de aprendizagem em comum; um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes; comportamento aprendido; um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens, entre outras (GEERTZ, 1973). Neste trabalho assume-se a ideia de cultura como sendo "uma ciência interpretativa, à procura do significado" (GEERTZ, 1973, p.15), ou seja, cultura é uma teia de significados que se amarram ao falante, de forma que este consiga produzir sentidos e se significar como sujeito numa sociedade. A linguagem é um dos meios possíveis pelos quais o sujeito pode se significar. A linguagem permite que o sujeito adquira sua cultura de forma inconsciente, possibilitando que o sujeito se instrua, eduque-se e receba valores, normas e representações simbólicas. É por meio da linguagem que o sujeito interage e se socializa.

A socialização é o "processo de integração de um indivíduo a uma dada sociedade ou a um grupo particular pela interiorização dos modos de pensar, de sentir, de agir, ou seja, dos modelos culturais próprios a esta sociedade" (CUCHE, 1999, p.102). Dependendo do grupo social a que o indivíduo se integre, ele estará sujeito às forças sociais que o sustentam, com isso quer-se dizer que os grupos sociais estão em relação de dominação ou de subordinação uns com os outros, por isso pode-se falar em cultura dominante e cultura dominada, essa geralmente estigmatizada e de menor poder social.

O sujeito só vai definir qual cultura ele vai assimilar a partir da definição de sua identidade. A partir desse instante, ele também estará definindo a alteridade, marcando a diferença (pessoal, social e/ou cultural). Assim, não se pode ignorar que a cultura (assim como a

subjetividade, o imaginário social e a história individual e grupal) funciona como mediadora na construção da identidade" (GIOIELLI, 2004).

Todavia, Sökefeld tem uma visão diferente dos autores previamente citados, quando afirma que o 'eu' não se dissolve em qualquer coisa que o envolva, supostamente a própria cultura. Aliás, mantendo uma visão antropológica, Roberto Cardoso de Oliveira afirma que uma "etnia pode manter sua identidade étnica mesmo quando o processo de aculturação em que está inserida tenha alcançado graus altíssimos de mudança cultural" (CARDOSO de OLIVEIRA, 2006, p.36), ou seja, a mudança de cultura não implicaria uma mudança de identidade. A identidade étnica poderia se agrupar e se manter coesa e unificada, malgrado a diferença cultural interna à própria etnia e à diferença dos ecossistemas culturais. Ressalvadas as duas perspectivas, reitera-se que este trabalho se desenvolve no domínio sociológico, em que existe um forte elo entre cultura e identidade.

Entretanto, há uma distinção entre a noção de cultura e de identidade cultural, segundo Cuche (l999): a cultura pode existir sem a consciência de identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura. A identidade cultural é um dos componentes da identidade social, a responsável pela vinculação cultural. A identidade cultural passa a vigorar quando a identidade social identifica um grupo e não apenas cada indivíduo separadamente, ela distingue um grupo e seus membros dos demais grupos, por isso o conceito de identidade cultural se caracteriza por sua polissemia, sua fluidez, seu caráter relacional e multidimensional.

A identidade cultural, segundo Hall (2006), é vista ainda como uma forma de identidade coletiva, característica de um grupo social que partilha as mesmas atitudes e está apoiada num passado com um ideal coletivo projetado. Na visão de Cuche (1999) a identidade cultural é uma propriedade essencial inerente ao grupo, porque é transmitida por ele no seu interior, sem referências a outros grupos. A identidade cultural trata da definição de critérios determinantes como a origem comum (a hereditariedade), a língua, a cultura, a religião, a psicologia coletiva, o vínculo com o território, entre outros, principalmente neste mundo globalizado da pós-modernidade, em que o sujeito pode-se ver, de repente, vivendo em outro lugar, ou mesmo em outro país.

O encontro dos povos, as migrações internacionais e nacionais propiciadas pelas novas contingências econômicas têm desafiado a concepção exclusiva da identidade cultural. Afinal, um

mesmo indivíduo pode se definir como bretão, francês, europeu ou ocidental numa característica multidimensional da identidade, mas sem que se perca sua unidade. É o global que corre em oposição ao local, ao resgate das tradições e das particularidades.

Esse estado de coisas é que propicia o surgimento das chamadas identidades de imigrantes, na qual o sujeito enseja uma resistência cultural, numa tentativa de manter sua identidade de origem, mas, admitindo ou não, o sistema cultural do imigrante evolui nesta relação de interdependência com a outra cultura, sem que ele consiga se manter impermeável à influência cultural da sociedade que o cerca. É o poder que permeia o sistema de relações sociais entre os grupos que determinará qual será a cultura dominante e/ou qual a cultura dominada que ele adotará.

Várias culturas convivem na cidade de Manaus, formando um caleidoscópio étnico formado ao longo do tempo e da história da cidade desde os seus primórdios, o que culminou na razão desta pesquisa, que será analisada adiante.

1.2.4 A identidade do migrante

Ao falar sobre a identidade do migrante, percebe-se a importância da família e da socialização na construção das identidades, que destaca a ideia de uma consciência coletiva. Desse modo, a discussão da identidade do migrante passa para a perspectiva do estudo da identidade coletiva (SANTOS, 2010). Conforme visto até aqui, assumiu-se a perspectiva primordialista do conceito de identidade, isto é, a identidade é vista como um processo em permanente construção e reconstrução nas trocas simbólicas sociais, que é múltiplo, fragmentado e em fluxo constante.

Essa identidade múltipla é definida, para a figura do migrante, como sendo de duplo pertencimento a partir da segunda geração. “A primeira geração está ligada à identidade do país de origem, enquanto a segunda geração se sente dividida entre a identidade dos pais e a identidade do país de acolhida” (SANTOS, 2010, p.31). Essas identidades étnicas, que são produzidas no contexto da migração, também entram em conflito e em (re)construção à medida que os sujeitos participam das práticas sociais e podem variar de sujeito a sujeito, assumindo uma identidade legitimadora, de resistência, ou de projeto, de acordo com o conceito de identidade de Castells.

Os fluxos migratórios, como no exemplo dos Estados Unidos da América, podem ser incorporados como as teorias de assimilação do *melting pot,* em que se acredita que os grupos étnicos sejam incorporados à nação, fundindo-se e contribuindo em vários aspectos culturais, ou como as teorias do *salad bowl,* também conhecido como pluralismo, em que os migrantes não perdem os aspectos originais de suas culturas, ou seja, não é preciso se submeter a um processo de homogeneização cultural para se construir uma nação.

As identidades étnicas são produzidas num contexto de migração e essas identidades são distintas das identidades culturais. "Wirth vai lançar as bases para o conceito de identidade étnica em um artigo sobre grupos minoritários" (SANTOS, 2010, p.34). Os grupos minoritários, segundo Wirth, ocupam posição de desvantagem na sociedade, possuem diacríticos que os tornam distintos do resto da sociedade, tais como:

- Rótulo, nome coletivo, marca definidora, isto é, a etnia é nominada,
- Descendência comum, origem comum, biológica, laços de sangue,
- Noção de história compartilhada,
- Noção de cultura compartilhada e distinta das outras,
- Pertencimento ligado à solidariedade.

A identidade étnica é sempre relacional e é uma das dimensões da identidade social (não a única) (SANTOS, 2010, p.36). Seyferth (2005), diz-nos que há duas dimensões de etnicidade: uma estrutural (que aponta para o significado variável de etnicidade como princípio organizador das relações sociais) e outra cognitiva (que enfatiza a percepção subjetiva dos indivíduos acerca de uma situação). Em outras palavras, "existem situações em que um indivíduo tem interesse em obscurecer sua identidade étnica, em outras, procura enfatizá-la" (2005, p.21), seu comportamento, portanto, varia conforme as circunstâncias e suas escolhas dependem dos constrangimentos que derivam das relações socais.

Os diferentes componentes da identidade étnica se alteram no tempo histórico e nos diversos contextos sociais pelos quais o sujeito se desloca.

1.2.5 A identidade linguística

A identidade linguística está intrinsecamente ligada à identidade cultural. Língua, sociedade e cultura estão interligadas. Tomemos um exemplo em que um sujeito fala "se abanquem, tchê!", imediatamente identificamos esse falante como natural da região sul do Brasil, porque a pronúncia, a escolha vocabular, a preferência por determinadas construções frasais, as gírias e as expressões são índices que identificam a região ou país de que o falante se origina e o grupo social do qual ele faz parte (BRANDÃO, 1991, p. 6). Outro exemplo é o estudo de Labov, em 1963, a respeito de uma comunidade de negros da ilha de Martha´sVineyard, estado de Massachussetts, nos Estados Unidos. O estudo foi sobre a variante local, não-padrão e conservadora a respeito dos ditongos /au/ como em *house* e /ay/ como em *right*. O uso vigente é das variantes locais, estigmatizadas, [ʊu]; [ʊy], ao invés da variante padrão trazida pelos veranistas invasores da ilha. Ressentidos dessa invasão, os habitantes da ilha, numa atitude linguística para demarcar seu espaço, seu perfil de comunidade e sua identidade cultural (acrescente-se também sua identidade linguística), exageram a pronúncia da forma estigmatizada (TARALLO, 2007, p.14), este marco linguístico e cultural reflete a maneira própria de cada comunidade falar, ser e agir e está intrinsecamente ligado à identidade linguística. Neste enfoque sociolinguístico, a língua é o produto da cultura de uma comunidade e traz, subjacente a ela, seus costumes, a história desse povo e faz a conexão do falante (ou grupo de falantes) ao mundo real.

No mundo real, o falante tende a se aproximar dos membros do grupo com o qual ele deseja se identificar. "Ele cria suas regras linguísticas no momento do enunciado de cada ato de fala" (LE PAGE, 1980 *apud* BACELAR, 2009, p.9), principalmente porque ele circula na sociedade por diversos grupos sociais. Podemos mesmo dizer que, por isso, cada ato de fala é visto como um ato de identidade (seja ela pessoal, social, cultural ou linguística). Uma autora que compartilha dessa visão é Orlandi (1998).

Para a autora, identidade e língua estão interligadas (ORLANDI, 1998, p.203). Quando se fala em identidade linguística, entende-se por essa expressão uma relação com a nacionalidade, com a cultura ou com o pertencimento a um Estado. Fala-se em língua inglesa, língua indígena, dialeto ou língua oficial (neste caso, a língua portuguesa), que, apesar de apresentar uma unidade,

é falada diferentemente pelas diversas regiões do País, o que garante ao falante uma singularidade. Essa singularidade é reforçada por Orlandi em algumas de suas ponderações:

A primeira delas é que a identidade é um movimento na história, isto é, ela não é sempre a mesma, ela não é homogênea e ela se transforma durante nossas filiações a redes sociais. Na medida em que criamos nossa identidade, criamos uma alteridade que pode ter como consequência o preconceito e a exclusão. A segunda ponderação é que, ao significar, o sujeito se significa, pois os sentidos não se dão independentes do sujeito. "Sujeito e sentido se configuram ao mesmo tempo e é nisto que consistem os processos de identificação" (ORLANDI, 1998, p.205). Na identidade linguística, a identificação do falante é simbolizada pelo interdiscurso[5] graças à memória discursiva. Isto implica dizer que há uma relação da língua com a história, funcionando ideologicamente. A terceira ponderação é que todo o processo de significação é constituído por um deslize em redes de filiação históricas, de tal modo que o sujeito se produz ao mesmo tempo, como repetição e como deslocamento. A última ponderação é que a identidade é um processo de aprendizagem que se refere a posições que o sujeito assume nas relações sociais, afetadas pela memória, pelo inconsciente e pela ideologia.

A ideologia, que atravessa as formações discursivas do indivíduo, seja na oralidade seja na escrita, deve ser entendida como a "visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações ou ideias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo" (FIORIN, 2007, p.32). Essa visão de mundo é associada à linguagem, já que é pela linguagem que o sujeito retrata a realidade (que ele apreende pela percepção, num processo que não é passivo). É pela aprendizagem linguística que o sujeito assimila as diversas formações discursivas da sociedade em que vive. De acordo com Fiorin (2007), numa formação social há tantas formações discursivas quantas forem as formações ideológicas, todavia, a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante. Mas de que forma identificar como a ideologia se veicula num discurso, seja esse oral ou escrito?

O campo da determinação ideológica é o campo das determinações inconscientes, ou seja, a ideologia se veicula pela semântica discursiva. O conjunto dos elementos semânticos

[5] "Identificamo-nos com certas ideias, com certos assuntos, com certas afirmações, porque temos a sensação de que elas batem com algo que temos em nós. Ora, este algo é o que chamamos de interdiscurso, o saber discursivo, a memória dos sentidos que foram se constituindo em nossa relação com a linguagem. Assim nos filiamos a redes de sentidos, nos identificamos com processos de significação e nos constituímos como posições de sujeitos relativas às formações discursivas, em face das quais os sentidos fazem sentido" (ORLANDI, 1998, p. 206).

constitui os discursos de uma determinada época e constitui também a maneira pela qual um sujeito ou grupo de sujeitos vê o mundo numa determinada formação social. Esses elementos semânticos equivalem à maneira do sujeito(s) pensar o mundo, e são assimilados ao longo de sua educação, como membros de uma sociedade, por isso há uma recorrência de temas e figuras[6] (tanto em nível de estrutura profunda quanto no nível de estrutura superficial) já cristalizados na mente do sujeito(s) e cujas condições de produção foram apagadas, por isso dizemos que o discurso "é mais o lugar da reprodução do que o da criação" (FIORIN, 2007, p.32). Fiorin salienta que o discurso tem um caráter social, inconsciente e apresenta outros discursos atrelados às formações discursivas existentes na formação social em que o indivíduo está inserido.

O sujeito é fruto de relações sociais que utilizam as ideias veiculadas na sociedade da qual é membro, portanto, ele age, reage, pensa e fala como membro deste grupo social (apesar do sujeito poder elaborar um discurso crítico e distinto do discurso dominante). Assim, quando falamos em identidade linguística, penso em como o sujeito se relaciona com a ordem do simbólico, com os vários discursos das diversas relações sociais as quais ele pertence, com o discurso gramatical e semântico que constitui a sua relação com a língua da qual ele se utiliza. Quando se fala em identidade linguística, está-se referindo às características da fala de cada um e de suas idiossincrasias, ou seja, seu idioleto. Isso ocorre, "sobretudo, ao nível do léxico, embora possa manifestar-se também em nível fonético e sintático" (BIDERMAN, 2001, p.28). Se o país (e acrescente-se, a região) for bilíngue ou plurilíngue, valores sociais hierarquizados serão atribuíveis a cada uma das suas línguas, de forma que o prestígio social do dialeto falado fica também hierarquizado, de acordo com as classes sociais mais privilegiadas. Em outras palavras, "as atitudes sociais relativas à língua podem condicionar totalmente a linguagem" (BIDERMAN, 2001, p.30). Também os intelectuais e os escritores gozam de prestígio na comunidade e detêm o ideal linguístico. Para finalizar, cita-se aqui um parágrafo do livro de Biderman (2001) que realça o papel do social sobre o linguístico:

> A interferência do social sobre o linguístico é de tal amplitude que o problema da língua e, sobretudo, da norma linguística não pode ser isolado de todos os fatores extralinguísticos e máximes sociais que os determinam (BIDERMAM, 2001, p.31).

[6]Figura é um elemento concreto do discurso que remete ao mundo natural e cria a ilusão de referência (exemplo: lobo) e tema é um elemento da semântica discursiva que corresponde a categorias e não ao mundo natural (exemplo: solidariedade)

1.3 A Identidade Manauara

A cidade de Manaus é uma sociedade pluricultural e poliétnica, pois está constituída de uma base cabocla e de culturas resultantes de imigrações massivas e sucessivas. A "cidade concentra cerca de 52% da população de todo o estado do Amazonas, atingindo um crescimento médio de 3,74%, destacando-se em nível nacional" (OLIVEIRA, M., 2010, p. 120). Em contrapartida, vários municípios amazônicos seguem diminuindo a sua população, a sua economia, as suas possibilidades de crescimento e desenvolvimento local, indicando um crescimento negativo em vários municípios do interior amazônico. Essa crescente migração, que ocorre não somente no interior do estado mas também na capital do Amazonas (os migrantes vindos do interior do estado se concentram nas regiões Leste e Norte e os migrantes de maiores condições econômicas se estabelecem em zonas privilegiadas da cidade), tem acarretado problemas conjunturais, mesmo porque esse processo de migração não é recente.

De modo geral, "o processo de ocupação da Amazônia sempre se baseou na transferência de significativos contingentes populacionais vindos de fora da região" (OLIVEIRA, J., 2010, p.166). As manifestações culturais que interagem entre si, recebem contribuições linguísticas (termos e expressões) advindas desses povos diversos, no entanto não há estudos nessa área que mostrem como uma cultura se relaciona com outra, nem tampouco como a identidade linguística de um indivíduo ou de uma comunidade cultural se comporta em Manaus.

No período colonial, por exemplo, entre 1755 a 1816, estima-se que 34.934 escravos africanos tenham sido trazidos para a região Amazônica. Em meados do século XIX, com o ciclo da borracha, estima-se que 500 mil nordestinos, fugindo da seca, estabeleceram-se nos vales dos rios da região. Quase um século depois, quando da tentativa de retomada da produção gumífera, houve novo fluxo migratório do Nordeste. O emérito historiador Samuel Benchimol calcula que, entre 1941 a 1945, 152.138 mil pessoas tenham entrado em Manaus. Quanto ao fluxo migratório recente, identificam-se quatro grandes eixos de ocupação amazônica recente, "frutos do processo de expansão de fronteira ou de ações específicas do setor público" (OLIVEIRA, J., 2010, p.167), a saber: o primeiro é a Zona Franca de Manaus, polo industrial cujo objetivo era direcionar o desenvolvimento regional para a Amazônia Ocidental; o segundo é o polo de Carajás, ligado à disponibilidade de recursos naturais, minério-ferrífero; o terceiro é o avanço da fronteira agropecuária, cuja maioria dos migrantes é de gaúchos e o quarto é o projeto de colonização executado pelo INCRA que assenta em polos de colonização agrícola, migrantes de outras regiões

do País. O fluxo migratório em direção à cidade de Manaus fez com que a partir dos anos 60 do século XX (com a criação da Zona Franca em 1967) a população de Manaus fosse multiplicada por oito, o número de habitantes no período de 1960 a 2000, conforme a tabela abaixo:

Ano	Amazonas (a)	Cresc. Anual %	Manaus (b)	Cresc. Anual %	(a)/(b) %
1960	721.215	3,44	175.343	2,30	24,3
1970	955.235	2,85	311.622	5,92	32,6
1980	1.430.089	4,12	633.383	7,35	44,3
1990	2.103.243	3,57	1.011.501	4,35	48,1
2000	2.812.557	3,40	1.405.835	3,73	50,0

Tabela 1: Município de Manaus. Evolução da população e taxa de crescimento 1960-2000 (OLIVEIRA, J.,2010, P.168)

De acordo com os dados do IBGE, em 2010, a população do estado passou para 3.483.985 habitantes e a da cidade de Manaus passou para 1.802.014 habitantes, com crescimento anual (taxa média geométrica) de 2, 51 %, enquanto em toda a região Norte o crescimento era de 2, 09 %.

Esta outra tabela mostra o percentual de imigrantes na cidade de Manaus, de forma que, quanto à quantidade de migrantes, houve um crescimento expressivo entre os anos 1970 e 2000:

Ano	População Total	Não Naturais	% sobre a população total	Com menos de dez anos de residência
1970	314.111	73.937	23,5	39.497
1980	633.383	213.273	33,7	108.656
1991	1.011.501	279.756	27,7	133.837
2000	1.405.835	495.007	35,2	199.119

Tabela 2: Município de Manaus. População total e não natural do município por tempo de moradia 1970/2000. Fonte IBGE. Censos demográficos de 1970, 1980, 1991, 2000 (OLIVEIRA, J., 2010, p.169).

De acordo com os dados do IBGE, em 2010, a população não natural do município de Manaus era da ordem de 563.000 habitantes, o que corresponderia a 31,24% da população total. Este tópico sobre migração será retomado mais adiante.

Essas novas vozes que passaram a integrar a sociedade multicultural manauara, provenientes da globalização, enriqueceram a língua portuguesa falada na região. A entrada de elementos estrangeiros, empréstimos ou neologismos, é um fenômeno sociolinguístico, que deve ser mais bem estudado, já que o léxico está sujeito à identidade cultural de um povo ou de uma sociedade:

> Se entre duas línguas, entre povos diferentes, ocorre imposição de um determinado termo, a coexistência entre ambas acaba por modelar o léxico da língua receptora. Há nesse caso um recorte analógico do mundo objetivo, inserindo-se num determinado contexto traços da língua-fonte, mesmo que esse traço não seja espacial, mas apenas linguístico. Essa ascendência de uma nação sobre a outra, caracterizadora do empréstimo, deixa marcas na língua, de modo que se promova uma conexão entre identidades culturais distintas, entre indivíduos e estruturas sociais, sob forte influência da base material da sociedade – muitas vezes até associadas ao poder político e econômico (GOIS, 2007, p.2)

A globalização sugere que todas as possibilidades de comunicação estão abertas e pesquisas nessa área são imprescindíveis para se estudar as mudanças linguísticas relacionadas à história sócio-político-cultural e à identidade de um povo.

1.4. A Região

A cidade de Manaus está situada numa das nove microrregiões do Estado do Amazonas, na região norte do Brasil. De acordo com a Constituição Estadual de 05 de outubro de 1989, o Amazonas divide-se em 62 municípios e nove microrregiões:

- Alto Solimões (Atalaia do Norte, Amaturá, Benjamin Constant, Equador, Estirão, Santo Antônio do Içá, São Paulo de Olivença, Tabatinga e Tocantins);
- Jutaí-Solimões-Juruá (Alvarães, Bittencourt, Fonte Boa, Japurá, Juruá, Jutaí, Maraã, Tamaniquá, Tefé e Uarini);
- Purus (Boca do Acre, Camaruã, Canutama, Lábrea e Tapauá);
- Juruá (Canamari, Carauari, Eirunepé, Envira, Guajará, Ipixuna e Itamarati);
- Madeira (Apuí, Axinim, Auxiliadora, Borba, Humaitá, Manicoré, Novo Aripuanã e Sucunduri);

- Alto Rio Negro (Barcelos, Iauareté, Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira);
- Rio Negro-Solimões (Anamã, Anori, Autazes, Beruri, Caapiranga, Careiro, Careiro da Varzea, Coari, Codajás, Iranduba, Manacapuru, Manaquiri, Manaus, Moura, Novo Airão e Rio Preto da Eva);
- Médio Amazonas (Amatari, Itacoatiara, Itapiranga, Maués, Nova Olinda do Norte, Presidente Figueiredo, Silves e Urucurituba);
- Baixo Amazonas (Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Nhamundá, Parintins, São Sebastião do Uatumã e Urucará).

O estado do Amazonas tem sua origem com a Capitania de São José do Rio Negro. Hoje, é uma das 27 unidades federativas do Brasil, sendo a mais extensa delas, ocupando uma área de 1.570.745,680 km² e tem como limites a Venezuela e Roraima ao norte, o Pará ao leste, o Mato Grosso ao sudeste, Rondônia ao sul, o Acre ao sudoeste, o Peru ao oeste e a Colômbia ao noroeste (TORRES, 2009), conforme vemos no mapa a seguir.

Fig. 2: As divisas do Estado do Amazonas (TORRES, 2009)

A geografia de Manaus, cidade brasileira capital do estado do Amazonas, é de vegetação densa, clima variável e tipicamente influenciada pela floresta Amazônica. O município apresenta um relevo caracterizado por planícies, terras firmes, igapós e baixos planaltos, sendo que a altitude média é inferior a 100 metros. O clima é considerado tropical úmido. A cidade pertence à

mesorregião do Centro Amazonense e microrregião de Manaus, localizando-se na confluência dos rios Negro e Solimões.

Manaus ocupa uma área de 11.401 km², representando 0.7258 % do estado do Amazonas, 0.2959 % da Região Norte e 0.1342 % de todo o território brasileiro. Desse total 229,5040 km² estão em perímetro urbano. Sua população foi estimada em 2011 pelo IBGE em 1. 832.426 habitantes, sendo assim o 7º município mais populoso do Brasil. É sede da Região Metropolitana de Manaus, a maior região metropolitana do norte do País, com 101.474 km² e 2. 106.866 habitantes, sendo a 11ª mais populosa da federação.

1.4.1 A História

A seguir, será vista a história social das línguas na Amazônia, o deslocamento linguístico do início da civilização até o século XIX, a formação da cidade de Manaus e as culturas formadoras dessa cidade.

1.4.1.1 A história social das línguas na Amazônia, do início da colonização até o século XIX

"A história social das línguas na Amazônia é um campo do conhecimento de caráter transdisciplinar e ainda pouco explorado", segundo Freire (2004, p.246). A pesquisa histórica das línguas neste espaço geográfico e político específico acaba por organizar a própria história, revelando aspectos básicos sobre a memória coletiva e sobre a identidade linguística e etno-cultural. Historiadores e sociolinguistas interessados em saber como e quando a língua portuguesa se tornou hegemônica na região (e o que aconteceu com as línguas indígenas aqui faladas e com as línguas africanas que para cá foram transplantadas) acompanharam a história do contato entre essas línguas. Já dizia Burke (*apud* FREIRE, 2004, p.21) que através da língua, alguns grupos controlam outros grupos para se impedir a mudança e para suprimir a diversidade nas identidades culturais. Neste arquipélago multiétnico e plurilíngue, pode-se dizer que as centenas de línguas existentes pertenceram a diferentes troncos linguísticos e que a convivência dessas diversas línguas não era pacífica.

O Amazonas, cunhado pelo europeu como 'Rio Babel' por causa desse plurilinguismo e dessa multietnicidade, foi invadido e reorganizado política-linguisticamente na tentativa de integrar as sociedades indígenas à economia mercantil. Quando se criou uma unidade política (o estado do Maranhão e Grão-Pará se uniu com o estado do Brasil), o Estado e a Igreja intervieram na região com propostas de se atingir uma unidade linguística em função dos interesses coloniais, o que acarretou o desaparecimento e a extinção de diversas línguas.

Essa visão da unidade linguística, que se mistura com o princípio da identidade coletiva de uma nação, garantida pela linguagem comum, considerava a língua como homogênea e foi fundada com base em dois esquecimentos fundamentais: o primeiro, diz respeito ao fato de que Portugal teve duas colônias na América, Maranhão e Grão-Pará e o do Brasil, cada uma autônoma com relação à outra; segundo, diz respeito à desconsideração, no tempo e no espaço, da existência da Língua Geral Amazônica (LGA) e da Língua Geral Paulista (LGP). De qualquer forma, a supremacia do português no Brasil foi o resultado de um processo longo e conflituoso.

Hoje, o português é hegemônico na região, mas convive com mais de cem línguas indígenas, entre elas o nheengatu, ou Língua Geral Amazônica, uma variação da língua tupinambá[7] e distinta da Língua Geral Paulista, que teve papel histórico marcante como meio de comunicação interétnica, sendo a principal língua falada na região por dois séculos e meio. A seguir, apresenta-se um retrospecto dos principais momentos da história social das línguas amazônicas, tentando explicar como o índio tribal, monolíngue em língua vernácula, passou a caboclo, monolíngue em português, modificando sua identidade linguística e também étnica.

Freire (2004, p.109) estabeleceu uma periodização baseada em minuciosa pesquisa documental e histórica, em que ele destacou cinco momentos diferenciados no destino das línguas faladas na Amazônia:

- A prática dos intérpretes (século XVI e início do século XVII); desde as primeiras expedições realizadas no rio Amazonas (Orellana em 1541, Ursúa e Aguirre em 1560, os franceses de 1542 a 1570, os ingleses Walter Raleigh e Lawrence Keymis em 1595, os holandeses – que chegaram a construir fortes na boca do Amazonas e os portugueses, Pedro Teixeira em 1637, entre outros) encontrou grande dificuldade para se comunicar

[7]Essa língua já servia de elo entre alguns grupos na foz do rio Amazonas e na costa do Salgado, segundo Freire (2004, p.248)

com os índios. A comunicação era feita por meio de sinais e gestos, ou pelo serviço de intérpretes, conseguidos através de uma prática que consistia em aprisionar alguns deles para levá-los a Portugal, onde eram iniciados na língua portuguesa para serem utilizados como 'línguas', conforme denominação na época. Os índios proporcionavam conhecimentos da região, forneciam a força de trabalho através dos descimentos[8] e dos resgates[9], permitiam uma leitura dos recursos existentes e forneciam técnicas de calafetagem para os navios. Como essas expedições ingressaram primeiramente pelo Maranhão e Grão-Pará, onde habitavam índios tupinambás, os missionários foram delimitando a ação dos intérpretes para as línguas de filiação não-tupi, denominadas línguas tapuias ou línguas travadas. Foi essa língua que acabou merecendo as atenções da Coroa Portuguesa e que passou a ser ministrada pelos jesuítas às demais tribos tapuias, nem que fosse aprendida "à base de palmatórias."

- A escolha do tupinambá e sua expansão (1616 – 1686); Os missionários que se estabeleceram no Grão-Pará, vindos de Pernambuco e Maranhão, trouxeram muitos índios com quem se comunicavam em tupinambá, língua franca na Amazônia. As ações desses missionários transformaram essa numa língua de contato, corroborada pelos discursos de poder, seja esse científico, religioso ou administrativo. As ocupações dos índios se concentravam na coleta das chamadas drogas do sertão, remeiros e outras atividades exigidas pelos moradores portugueses e pela administração colonial e, assim, sobrava pouco tempo para a catequese realizada em tupinambá. A difusão desse tupinambá ocorria no meio de uma população destribalizada, com um caráter supra-étnico, essencialmente oral, na convivência entre falantes e usuários nas aldeias de repartição[10] e fora delas. Essa língua constitui a base histórica do que ficou conhecido como língua geral. Os padres aprendiam o tupinambá e organizavam sua difusão através da catequese aos índios de

[8]Expedição para buscar convencer os índios a irem para as aldeias de repartição no interior da região amazônica, em que eram obrigados a trabalhar para missionários e para a Coroa Portuguesa por seis meses.

[9]Expedições para buscar índios escravizados por tribos adversárias. Eram transformados em escravos nas aldeias de repartição.

[10]Aldeias de repartição ou aldeias domésticas eram aquelas em que índios de diferentes famílias linguísticas eram reunidos, situavam-se próximo aos centros produtivos e foram controladas nas primeiras décadas por colonos; elas eram dirigidas por um morador luso que recebia o título de capitão-da-aldeia e repartia, alugava, concedia os índios aos demais colonos, num sistema similar ao da 'encomienda' usado na América Hispânica. (FREIRE, 1983, p.10)

línguas travadas. Essa língua, à medida que se expandia, ia gradualmente se transformando em língua geral, diferenciando-se daquele tupinambá tribal original.

- A normatização da língua geral e sua reprodução (1686 – 1757); O 'Regimento das Missões', instrumento jurídico que a Coroa portuguesa entregou às ordens religiosas, permitiu que os missionários intensificassem os descimentos, recrutando os índios chamados 'bravios' ou 'selvagens', pois não eram catequizados e nem falavam a língua geral ainda, concentrando-os nas aldeias de repartição. Por volta de 184.040 índios foram arregimentados pelos missionários possibilitando que a língua geral fosse difundida mais intensamente. A preocupação era fazer com que essa língua fosse institucionalizada, inclusive por meio de gramáticas e vocabulários. A língua tupinambá era a língua dos rituais religiosos e a língua geral era a de comunicação. Quanto à língua portuguesa, seu ensino era recomendado para os que tivessem pleno domínio da língua geral. A situação de contato conduziu ao bilinguismo, gerando mudanças linguísticas nos falantes, principalmente no que dizia respeito ao léxico, quando empréstimos ocorrem de língua a língua, e no que diz respeito aos efeitos do substrato, quando ocorrem transferências linguísticas a partir da língua materna no processo de aprendizagem. Quanto aos empréstimos do português, eles foram feitos através da substituição de palavras tradicionais, como é o caso do termo *ipéca*, que desapareceu, substituído por pato, "seja para nomear conceitos, funções, utensílios novos e, neste caso, sofreram adaptações fonético-fonológicas: cavalo (*cauarú*), cruz (*curusá*), soldado (*surára*), calça/ceroula (*cerura*), porco (*purucu*), livro (*libru* ou *ribru*), papel (*papéra*), camarada (*camarára*) (FREIRE, 2004, p.68). A LGA também incorporou do português noções novas como aquelas referentes a tempo, a espaço e a distância. A convivência da língua portuguesa com as línguas indígenas acrescentou alguns léxicos como tupinismos, topônimos, afixos (rana, como em sagarana, canarana, etc) e também processos de modalização do nome. Também na literatura o léxico da LGA se incorporou à língua portuguesa, embora já integrado ao português regional e, muitas vezes dicionarizado, como: urupema, cunhatã, tapera, taquari, pindoba, tipiti, cuiambuca, caroara e outros. Mas esse convívio com a LGA passou a ser visto como diabólico, responsável pela falta de coesão interna e incapaz de traduzir os interesses coloniais.

Com uma Carta Régia de 12 de setembro de 1727, proibia-se o uso da LGA nas povoações e nas aldeias de repartição, determinando que tanto os moradores quanto os

missionários deveriam organizar o ensino de português aos índios, uma vez que governadores, altos funcionários e os filhos dos portugueses falavam a LGA. No entanto, como o Regimento das Missões estava vigente, a expansão da LGA continuava atuante. Os missionários controlavam a enorme força de trabalho com a dominação da língua, monopolizando a produção, o comércio e a prestação de serviços da colônia, o que desagradou o governador, que a queria para o serviço real. Os missionários passaram a empregar essa "força de trabalho indígena nas suas múltiplas empresas mercantilistas isentas de impostos, monopolizando a produção, o comércio e a prestação de serviços da colônia" (FREIRE, 1983, p. 34). É necessário lembrar, também, que havia motivos políticos subjacentes a essa decisão da Coroa, pois os tratados de Utrecht (1715), Madri (1750) e Santo Ildefonso (1777) reconheciam que cada país tinha direito sobre o território que tivessem ocupado, daí a necessidade de provar que essa área litigiosa (Rio Branco e o Alto Solimões) era povoada por portugueses.

- As propostas de portugalização (1757 – 1850); Com o Diretório dos Índios, assinado pelo governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado em três de maio de 1757, reformulava-se a política de línguas na região, mais uma vez. O objetivo era oficializar a língua portuguesa e transformá-la na língua de comunicação interna de portugueses, mestiços e índios. As aldeias de repartição foram transformadas em vilas e povoados com juízes, vereadores e oficiais de justiça escolhidos entre os índios. Essas aldeias foram rebatizadas e tiveram sua toponímia modificada, um ato de simbolismo que representava, mais uma vez, a perda de identidade da língua geral. O Marquês de Pombal incentivou também a imigração de portugueses, numa tentativa de modificar o quadro demográfico da região, no que diz respeito à correlação entre lusos e índios. A língua portuguesa se fortalecia com a chegada de novos colonos, com os casamentos mistos e com a educação escolar. É necessário lembrar que o Diretório dos Índios canalizava todos os braços disponíveis para a coleta das drogas do sertão, deixando as aldeias e as escolas vazias e, por isso, o ensino do português não prosperava (FREIRE, 2004).

- A hegemonia da língua portuguesa (a partir de 1850); Em agosto de 1823 ocorreu a adesão do Estado do Grão-Pará à Independência do Brasil e surge então a necessidade de configurar a grande nação nacional. "Os poucos falantes de LGA que restaram nas cidades de Manaus e Belém não tinham mais com quem falar, nem sobre o que falar" (FREIRE, 2004, p.209). A LGA perdeu falantes devido a uma série de fatores: a crescente

> urbanização, a escola, o surgimento da navegação a vapor, a emigração dos tapuios, a imigração de uma grande massa de nordestinos (por volta de 300 a 500 mil entraram na Amazônia), a insurreição dos cabanos (que erradicou por volta de 40 mil tapuios) e a Guerra do Paraguai (que matou por volta de 764 tapuios ou mansos). Tudo isso sem perder de vista o processo de integração das duas cidades, Belém e Manaus, ao resto do País e a inserção da Amazônia na divisão internacional do trabalho como produtora de borracha. Os tapuios foram 'empurrados' para fora das cidades e a língua geral foi, progressivamente, ficando restrita ao uso dos índios do oeste da Amazônia. Apesar da tradição oral da LGA, salienta-se que o iletramento não ficou restrito à população indígena, pois não era raro encontrar na Amazônia do século XIX, imigrantes portugueses analfabetos.

É necessário observar ainda que a comarca do alto Amazonas foi criada em 1933 com sede em Manaus, e correspondia ao território da antiga capitania de São José do Rio Negro que depois, em 1850, transformou-se em província do Amazonas. Na época, a comarca foi subdividida em quatro municípios: Manaus, Maués, Tefé e Barcelos. De acordo com Freire, esses territórios abrigavam em conjunto uma cidade, três vilas e 35 povoações, organizadas em 16 freguesias, com uma população recenseada de 40.584 habitantes, segundo o censo de 1840, além de centenas de aldeias indígenas excluídas do censo. Manaus era habitada por 9% da população, sendo que 91% dos habitantes eram quase sempre monolíngues, vivendo no interior e falando a língua geral.

Se falar o português no nível familiar e corrente foi suficiente para que os amazonenses se sentissem parte integrante da comunidade brasileira, não o foi para integrá-los totalmente. A identidade regional da sociedade amazonense continuava ambígua, pois era fundamentalmente mestiça, com fortes marcas nordestinas. O amazonense se encontrava "completamente cortado de sua própria história e de sua tradição", (FREIRE, 1983, p.76), já que ao amazonense foi negada a retomada das tradições indígenas pela língua e pela identidade indígena. A portugalização da Amazônia foi um processo de esmagamento das línguas indígenas e da imposição de uma ideologia colonizadora que baniu a questão indígena das escolas e da memória do povo. Esse processo de deslocamento identitário será visto a seguir.

1.4.2 O Deslocamento Linguístico na Amazônia

Com base nas evidências históricas descritas acima, pode-se esquematizar o cenário do deslocamento linguístico e da própria identidade do caboclo na Amazônia como segue:

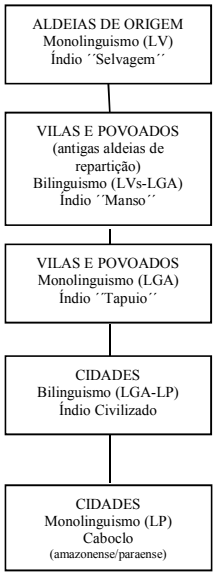


Fig. 3: Deslocamento linguístico e identidade do índio amazônico (FREIRE, 2004)

Num primeiro momento os índios tribais, também chamados de selvagens, brabos ou bravios pela população local, em suas aldeias de origem, eram monolíngues e usavam a língua vernácula (LV) em todas as suas práticas sociais. Em seguida, muitos adultos do sexo masculino saíam de suas aldeias, requisitados como força de trabalho pela sociedade regional, e aí encontravam outros índios de diversas procedências linguísticas. Todos interagiam em língua geral para possibilitar a comunicação, o que implicava uma prática bilíngue (LV - LGA) com diferentes níveis de competência. "Adquiriam então nova referência identitária, sendo conhecidos como índios mansos" (FREIRE, 2004, p.182).

Essa nova identidade era novamente mudada quando esses índios mansos, bilíngues, fixavam residência fora da aldeia de origem, em vilarejos e povoados, e abandonavam suas práticas sociais em LV e deixavam de legar aos seus descendentes essa língua, criando bases para o monolinguismo em LGA, que passava então a ser a língua materna de seus filhos, convertidos agora em índios tapuios. Mantidas essas condições, a nova geração de falantes consolidava a sociedade tapuia, falante monolíngue de LGA. Caso eles migrassem para a cidade, sobretudo

depois da Independência, os tapuios interagiam em português para certas práticas sociais e em LGA para outras, integrando uma comunidade bilíngue também em língua portuguesa (LP). Assim, assumiam uma nova identidade, pois eram considerados índios civilizados por falarem a LP, a língua da civilização.

Essa comunidade bilíngue, formada por falantes LGA- LP, abrigava também um número crescente de imigrantes[11], monolíngues em português. Assim, a LGA ia deixando de funcionar nos espaços onde atuava, sendo substituída pelo português, criando as condições para o monolinguismo (LP). Esse falante do português regional, monolíngue, é o caboclo: amazonense ou paraense. A definição do caboclo feita desse modo evidencia como a questão da língua é central para marcar a questão da identidade. Assim a LGA passou, progressivamente a ser língua de índio, articulada nas aldeias indígenas e nas vilas e povoados, mas não mais na cidade.

1.4.3 A Capitania de São José do Rio Negro/Manaus

O primeiro conquistador a desembarcar na região do que é hoje conhecida como Manaus foi Pedro Teixeira (1637-39), que fez os conquistadores lusos se sentirem donos desse universo de água e floresta. Todavia, a área do ocidente amazônico estava desguarnecida e próximo havia holandeses na Guiana e espanhóis no Orinoco, concorrentes na empreitada da colonização. Assim, neste contexto, construiu-se o Forte de São José do Rio Negro em 1669 por Francisco Mota Falcão, ajudado por seu filho Manoel da Mota Siqueira a mando de Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, o governador do Maranhão e Grão-Pará. Foi a primeira fortaleza erigida nas terras do atual estado do Amazonas, o mais distante de todos os estabelecimentos de defesa de Portugal, que por falta de necessidade nunca assumiu seu papel de defesa militar, mas logo assumiu o papel de entreposto de venda de escravos e de drogas do sertão (cacau, anil, baunilha, madeiras, urucum, puxurim, canela, gomas, resinas e óleos aromáticos).

Foi Pedro da Costa Favela o inspirador dessa realização (de mudar o papel do forte de defesa militar para o de entreposto comercial), quando aqui andou caçando escravos. “O fortim da Barra, como foi chamado, tinha a forma quadrangular e não possuía fosso” (MONTEIRO, 2002,

[11]Doravante utiliza-se a palavra migrante, que designa aquele indivíduo que muda de país ou de região em sentido amplo.

p. 70). Uma obra rústica feita de paredes grossas de pedra e barro, com uma das faces para o rio, cuja construção durou cerca de quatro anos.

"Em torno do forte vieram fixar-se numerosos indígenas das tribos Manaós, Barés, Banibas e Passés, muitos dos quais haviam colaborado na construção, por influência dos catequistas portugueses" (BITTENCOURT, 1999, p.7). A fortaleza, sempre mal equipada, atravessaria fases de completo abandono até que pelo Aviso de 14.2.1857 foi ordenado seu abandono, de acordo com Arthur Reis em sua obra 'Roteiro Histórico das Fortificações no Amazonas'. Na verdade, por todo o século XVII, a região manteve-se estagnada. O poder político-militar se concentrava nas cidades de São Luís e Belém.

Os empreendimentos de sucesso estavam nas mãos da Companhia de Jesus, donos de fazendas de gado no Marajó e no Gurupi, produzindo grãos e hortaliças, beneficiando cacau, açúcar e algodão, tudo livre de impostos. Todavia, pela Carta Régia de três de março de 1755, D. José I criava a Capitania de São José do Rio Negro (raiz política do atual Estado do Amazonas) e transferia para a aldeia carmelita de Mariuá, sua sede. No dia sete de maio de 1758, a Capitania se instalava definitivamente para Mariuá, agora elevada à vila, denominada Barcelos, e empossava seu primeiro governador, Joaquim de Melo e Póvoas.

O novo modelo de gestão do consulado de Pombal mostrava a mão forte do Estado português com exceção dos padres da Companhia de Jesus, por motivos já mencionados anteriormente, e secularizou os núcleos de colonização missionária, elevando-os a vilas ou a lugares, com nomes portugueses. Tirou das mãos dos missionários o poder temporal sobre os índios, aboliu o Regimento das Missões e instituiu o Regimento do Diretório, definindo a nova política indigenista (GARCIA, 2010, p.35). No entanto, Joaquim de Melo e Póvoas não tinha a visão política nem a competência do tio, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que o nomeara para o cargo.

Joaquim de Melo e Póvoas tratou de impor às populações nativas o uso da língua portuguesa, promovendo o casamento de portugueses com índias, expandindo o processo de municipalização iniciado por Mendonça Furtado. Ao fim de seu governo, quase todos os núcleos coloniais da Capitania do Rio Negro haviam recebido a predicação de vila ou de lugar e nome português, mas a Barra do Rio Negro (Manaus) era a única exceção. Lá não havia nem uma plantação, ao contrário de Barcelos (café), Tomar (café), Poyares (café) e Moreira (cacau). O título de lugar só lhe chegou às mãos com a força do uso dos seus poucos moradores e de negociantes

de índios escravos e das drogas do sertão. Além da resistência do índio em aprender o idioma do colonizador, havia o Regimento do Diretório, ainda em vigor, que proibia padres de lecionar, mas não colocava professores competentes no seu lugar. “Também os pais escondiam os filhos nas roças para os impedir de estudar” (GARCIA, 2010, p.40).

Somente em 1791 as esperanças de progresso começaram a se definir para o Lugar da Barra (Manaus), quando o governador Lobo D´Almada percebeu que o povoado estava situado na foz do Rio Negro, localização estratégica para a navegação e para o comércio e o elegeu sede da Capitania do Rio Negro. A economia do Lugar floresceu com pequenas fábricas dedicadas ao aproveitamento da matéria prima regional, como as fibras extraídas da floresta e algodão cultivado no rio Negro, produzindo redes de tucum e miriti e tecidos de algodão. No Lugar da Barra (Manaus), uma fábrica de velas processava a produção da cera que era coletada no rio Solimões; uma olaria fabricava telhas e ladrilhos para a demanda local; um pequeno estaleiro situado na ‘ribeira das naus’ - o antigo porto real - que nascera com o forte São José do Rio Negro, construía tipos diferentes de canoas que faziam os transportes, as comunicações e o comércio de São José do Rio Negro. Conta-nos Garcia:

> Lobo D´Almada, o governador visionário, fez um palácio para trabalhar, e refez a pequena matriz de Nossa Senhora da Conceição, que espiava o rio, vizinha do forte. Construiu hospital em São Vicente, levantou quartel, cadeia pública, depósito de pólvora. Instalou pequenas indústrias – olaria, estaleiro, fábricas de velas de cera, de anilinas, de cordas, de redes, de panos de algodão (GARCIA, 2010, p.45).

No entanto, o governador do Grão-Pará e Rio Negro, Francisco de Souza Coutinho, desaprovou a mudança e, assim, Lobo D´Almada viu-se obrigado a reinstalá-lo na vila de Barcelos. (Carta Régia de dois de agosto de 1798). Somente com a chegada do sucessor de Coutinho, D. Marcos de Noronha e Brito, é que esse achou de justiça reabilitar a memória de Lobo D´Almada e mandou que a sede da Capitania retornasse ao Lugar da Barra, transferência essa somente consumada em 1808. Em ‘Viagem filosófica ao rio negro’, Alexandre Rodrigues Ferreira conheceu o Lugar da Barra dos idos de primeiro de maio de 1787, em que casas e moradores eram contados nos dedos e desenhou o caminho do Forte ao bairro de São Vicente e ao dos Remédios. Em 1819, as exportações da Capitania de São José do Rio Negro para Belém concentravam-se em produtos extrativos e agrícolas como: tabaco, salsaparrilha, manteiga de tartaruga, quina e café. Firmara-se no Grão Pará e Rio Negro uma tradição de submissão das elites dirigentes à política colonialista de Portugal, fomentando interesses políticos e econômicos resistentes à ruptura da situação estabelecida, mas, pela localização privilegiada de Belém, foi-lhe atribuída importância

estratégica para o comércio e fortalecido os vínculos políticos e econômicos com a Coroa, tanto que, quando da independência do Brasil em 1822, as províncias do Pará, Maranhão, Piauí, Bahia e Cisplatina recusaram-se a aceitar a autoridade do Imperador. Somente no dia 18 de agosto de 1823 é que se extinguiu o Estado do Grão-Pará e Rio Negro e confirmou a posição da Província do Pará como unidade política do Império do Brasil.

A constituição política outorgada por D. Pedro I em 25 de março de 1824 dividiu o território do império em províncias, todavia, a província do Rio Negro havia sido esquecida. Não somente isso, mas encontrava-se ela, novamente, subordinada ao Pará. Estavam assim estabelecidas as bases históricas, políticas e econômicas para o levante que ficou conhecido como a guerra dos cabanos. Nesse cenário de insatisfações, o Lugar da Barra ganhou as prerrogativas de vila e de sede de um dos quatro termos da Comarca do Alto Amazonas (definido pela província do Pará no que diz respeito à execução do código do processo criminal do império em 1833). A vila de Manaus podia, assim, organizar sua estrutura judiciária com juiz de direito, juiz municipal, juiz de órfãos, promotor público, escrivão das execuções, oficial de justiça, entre outros. À Câmara Municipal caberia inspecionar as escolas públicas de ensino elementar (todavia, à época, não havia escolas públicas na vila!). A composição dos quatro termos da Comarca do Alto Amazonas, segundo Garcia, ficaria assim dividida:

- Termo de Manaus, 15.775 habitantes, constituído por Silves (Saracá), Serpa (Itacoatiara), Santo Elias do Jaú, Amatari, Jatapu e Uatumã;
- Termo de Ega (Tefé) e outras povoações, 5.865 habitantes;
- Termo de Luséa (Maués) e outras povoações, 8.132 habitantes e
- Termo de Barcelos e outras povoações, 10.811 habitantes.

De 1835 a 1840, o grito dos cabanos, embrião da sociedade cabocla, se rebelou contra a prepotência, a opressão, a discriminação dos portugueses a índios, negros, mestiços e aos nacionais da província, todos vivendo na miséria. Tomaram Belém, mataram o governador Bernardo Lobo de Souza e o comandante das armas, José Joaquim da Silva Santiago, colocando Félix Malcher no governo, que viria a ser deposto por seu próprio aliado. Os cabanos invadiram Manaus (1836), além de outras cidades. A cabanagem fez mais de 30 mil mortos (algumas fontes

falam em 40 mil), matando, especialmente, falantes da língua geral, o que colaborou para o declínio dessa e para a crescente expansão da língua portuguesa.

Segundo Freire (2004, p.196), cerca de 6,5% da população era considerada branca, o que indica a porcentagem dos que seguramente falavam o português como língua materna. Já a LGA era usada como língua principal por 70% dos moradores: os índios (49,8%) e os mamelucos (20,5%). Negros e mestiços, que representavam 23% da população, apropriaram-se da LGA e dos conhecimentos nela arquivados. Quanto aos índios, havia entre eles um número maior de tapuios do que de civilizados. Muitos eram remanescentes dos Tarumã, Baré, Baniwa e Passé, que haviam sido aldeados ao redor da fortaleza da Barra do Rio Negro. Outros eram Paiana, Warekena e Manaú transferidos de Barcelos. Não tinham mais nacionalidades e língua própria, assumindo a condição de índio genérico ou tapuio.

A Lei 145, de 24 de outubro de 1848, da Assembleia Legislativa Provincial do Pará, deu à vila de Manaus as prerrogativas de cidade, com o nome de 'cidade da Barra do Rio Negro', que perfazia 3.848 habitantes, incluindo 234 escravos, sem contar os estrangeiros e a população indígena. Havia no município apenas uma escola pública de primeiras letras para meninos, no bairro de São Vicente, próximo ao centro histórico da cidade. Em 14 de maio de 1848 foi criado o seminário Diocesano – a primeira escola secundária da Barra do Rio Negro com 13 alunos matriculados que tinham aulas de latim, francês, música e canto. Os edifícios públicos, as fábricas, as oficinas do tempo de Lobo D´Almada, tudo em ruínas. No dia cinco de setembro de 1850, o imperador D. Pedro II sancionou a lei 582, criando a Província do Amazonas. Em sete de junho de 1851 ele nomeou o deputado paraense João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha para exercer o cargo de presidente da província. Avé-Lallemant (1980), no seu livro *No rio Amazonas*, relata a expedição realizada em 1859 em que ele participou, e conta-nos que a população de Manaus estava assim distribuída: 900 brancos, 2500 mamelucos, 4080 nativos (índios), 640 mestiços de negros e índios e 380 negros escravos. O autor corrobora a decadência dos abastados, ao invés da pujança. Quase todos os brancos eram pequenos comerciantes. Aos homens casados, ele lhes repara a produtividade, salientando que as mães tapuias tinham quase um filho a cada ano. Os mais remediados podiam ensinar a seus filhos francês e italiano em casa, assim como música e por todos os lados se ouvia a língua geral. Reclama ele também da falta de escolas.

O naturalista inglês Henry Walter Bates, segundo Garcia, esteve duas vezes na Barra (1850 e 1858). Ele foi cáustico ao salientar que a população na cidade da Barra seria por volta de

4.500 habitantes e que para governar essa pequena população havia se formado na capital um numeroso quadro de altos funcionários que quase nada tinham para fazer, pois ninguém mais se interessava pelo cultivo da terra e pela produção de alimentos devido à dificuldade de se conseguir braços para a lavoura. Os donos portugueses das tabernas e das lojas ficavam postados atrás de seus imundos balcões o dia inteiro para vender apenas miudezas e cachaça. Garcia ainda relata:

> Quando se iniciou a década de 1850, a pequenina cidade da Barra vivia de produtos extrativos que chegavam do rio e da floresta, principalmente castanha, salsaparrilha, peixe, manteiga de tartaruga, exportando a preços modestos para Belém, os poucos excedentes. Tenreiro Aranha lamentava a difícil situação da economia da província e fazia comparações com os bons momentos da capitania, em que a cultura de algodão, anil, café, mandioca e tabaco eram tal que dava para o uso e consumo e sobrava para a exportação em grande quantidade [...] agora o café, a mandioca e o algodão mal chegam para o consumo e todos os outros gêneros e artefatos, à falta de cultura, tem desaparecido: e a população dividida em bandos, todos os anos vai para as grandes praias fazer a destruição dos ovos de tartarugas e o fabrico da manteiga, ou para as matas, por entre os maiores riscos e privações, extrair produtos espontâneos da terra (GARCIA, 2010, p. 63).

Em toda a província existiam oito escolas públicas para instrução do antigo primário, duas na capital e seis no interior. Os professores de Tefé e Maués estavam nas salas de aula, mas os de Barcelos, Vila Nova da Rainha, Borba e Moura haviam abandonado a cátedra.

Em 1826, o navio *Amazonas*, propriedade da companhia '*The American Steam Navigation Company*', tentou subir o rio em Belém, mas foi impedido por uma assembleia popular. Assim, depois de pagamento de indenização do Brasil à empresa americana, o governo brasileiro assinou acordos bilaterais com os demais países amazônicos, permitindo que cada um deles pudesse transitar livremente nas águas brasileiras do rio amazonas. Foi nesse contexto de política internacional que D. Pedro II decidiu criar a navegação comercial a vapor no rio Amazonas, franqueada aos vizinhos amazônicos, abrindo a navegação do rio Amazonas aos navios mercantes de todas as nações pelo decreto de sete de dezembro de 1866.

Não foi por acaso que ainda em 1853 a borracha aparecia pela primeira vez na pauta de exportações da Província nos vapores da Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas, do Barão de Mauá. A Província do Amazonas respondia ao crescimento da demanda da borracha no mercado internacional, mas se reduziam as atividades econômicas tradicionais devido à recolocação da mão-de-obra nos seringais. "Descapitalizado, carente de mão de obra, sem comunicação direta com o exterior, o comércio se fazia nos rios, inteiramente dependente do Pará. Foi assim que se estimulou a navegação comercial e o processo migratório, que se adensaria em 1877 em diante, determinando a ocupação dos seringais" (GARCIA, 2010, p. 67).

Vivia-se uma nova era. Ao lado da escola, a navegação a vapor, que trouxe milhares de nordestinos - falantes de português - fugidos da seca, contribuiu para a portugalização da cidade, em função da demanda da borracha no exterior. Manaus participava da economia internacional, fato esse que acarretou o concurso do capital da tecnologia das empresas inglesas, a instalação de serviços públicos. Segundo Freire, a cidade foi dotada de um sistema portuário moderno, de serviços de água encanada, esgoto e luz elétrica, de um sistema de coleta e disposição de lixo, de serviço telefônico e de uma linha telegráfica subfluvial, prédios monumentais, novas avenidas e praças com coretos, estátuas, fontes e chafarizes importados da Europa.

Na década de 1870, a pequenina Manaus catalisava os fatores transporte, matéria-prima, mão-de-obra e mercado, essenciais aos negócios de exportação da borracha. De 1873 a 1883, entraram no porto de Manaus 1052 navios (930 nacionais e 122 estrangeiros). Ainda no século XIX, com a chegada dos estrangeiros, construía-se uma nova formação étnica e cultural com espanhóis, judeus, árabes, entre outros. Em 1880, criava-se a escola Normal e, em dez de julho de 1884, libertavam-se todos os escravos. Estimava-se que por volta de 300.000 sertanejos foram enviados para os altos rios, incorporando-se às duras tarefas de coleta do látex. O lado negativo da bonança econômica fica por conta dos governantes que não aproveitaram a riqueza produzida pela exploração do látex para melhorar as condições de vida da população, nem para investir na produção de novos conhecimentos e tecnologias de plantio, extração e processamento do látex. Havia irregularidades e negociatas "que eram esquecidas ou encobertas pelo ufanismo causado pela intensa movimentação econômica traduzida pela chegada ao porto de navios transoceânicos que traziam produtos europeus para serem consumidos pela elite local" (FONSECA, 2011, p. 286). O período da borracha refletiu em Manaus uma situação de aparente riqueza e progresso, "sendo, na realidade, uma cidade cheia de aventureiros em busca de dinheiro fácil, com obras urbanas sinalizando uma feição moderna embora fossem inúteis ou insuficientes para as necessidades básicas da maioria da população" (MONTEIRO, 2006 *apud* FONSECA, 2011, p. 289). As novas construções tinham a finalidade de beneficiar um grupo heterogêneo que unia pessoas com bom nível cultural ao grande grupo de ignorantes endinheirados que fingiam gostar de ópera e de teatro clássico.

A Manaus dos anos 1890 era bela, rica, cosmopolita e distanciava-se de suas raízes tapuias. Os tapuios foram empurrados para fora das cidades, levando a LGA, que ficou circunscrita ao oeste da Amazônia. As exportações de borracha da Amazônia cresceram em ritmo acelerado

até 1912, para daí em diante cair vertiginosamente devido à concorrência da produção dos seringais plantados na Ásia.

Não serão comentados neste trabalho os incidentes políticos que culminaram com o bombardeio de Manaus e a deposição do governador pelas tropas federais, visto que o relevante é o processo político e econômico que possibilitou a migração de pessoas de várias culturas na região. Assim, segundo Garcia, no governo de Ephigenio de Salles fizeram-se os entendimentos que resultaram na vinda de japoneses para o Amazonas. A empresa '*Amazon Kogio Kaisha*' estabeleceu-se em Maués e o agricultor Isukasa Vetsuka fundou a Vila Amazônia em Parintins. Em 1933, Ryota Oyama começou a cultivar sementes e a produzir mudas para o plantio de juta naquela colônia. Nas três décadas seguintes a produção da juta garantiria, junto com o extrativismo, a sobrevivência da economia do Amazonas.

No dia três de março de 1942, o Brasil assinava onze acordos com os Estados Unidos (os chamados Acordos de Washington) para vender toda a produção de borracha excedente. O mundo enfrentava a Segunda Guerra Mundial e os japoneses se apossaram dos seringais cultivados nas colônias inglesas da Ásia. Passava-se a recrutar os soldados da borracha na região nordeste. Acabada a guerra, em 1945, os americanos saíram da Amazônia e voltaram a comprar a borracha asiática.

Segundo Fonseca, depois da Segunda Guerra Mundial, o Brasil passou a conviver com graves problemas decorrentes de uma economia fragilizada pela aventura bélica. Faltava tecnologia para modernizar o parque industrial obsoleto. Este fato, juntamente com a agricultura precária, obrigaram o País a importar máquinas e alimentos a preços elevados. Restava ao Brasil a adoção de um processo de importação, adotado pelo governo de Getúlio Vargas, que passou a dar incentivos fiscais e materiais para atrair capital e empresas estrangeiras com a finalidade de implantar um complexo industrial brasileiro.

A regionalização desse modelo de implantação veio pelas mãos do deputado federal amazonense Francisco Pereira da Silva em 1957, pela Lei n. 3.273, criando a Zona Franca de Manaus. O Decreto-Lei n. 288, de 28 de fevereiro de 1967, reformulava a antiga lei e dava novos aspectos funcionais e legais à criação da Zona Franca, promovendo um forte impacto na combalida economia amazonense, com a criação de empregos e renda na indústria e no comércio, e atraindo

milhares de migrantes intermunicipais e interestaduais. Sobre os migrantes e as diversas culturas formadoras da população manauara, faz-se uma pequena abordagem, que será vista a seguir.

1.4.4 As Culturas Formadoras da Identidade Manauara

De acordo com os censos demográficos do IBGE, a cidade de Manaus passou de 171.343 habitantes em 1960 a 1.802.014 habitantes em 2010, sendo que grande parte deste crescimento se deu como resultado do processo migratório recorrente desde a formação da cidade. Recentemente, as políticas de integração do governo militar, que visavam a ocupação e o desenvolvimento da região, principalmente com a criação da Zona Franca de Manaus (ZFM), constituíram-se num alto indutor de migração para a região.

No princípio do processo de ocupação da Amazônia, teve-se dois ciclos extrativos principais: o das drogas do sertão e o ciclo da borracha. Após a época do declínio da borracha, iniciou-se um período de trinta anos de estagnação econômica. Houve uma tentativa de recuperação gumífera no período chamado de batalha da Borracha, à época da Segunda Guerra Mundial, mas acabou em malogro.

Um novo período de desenvolvimento econômico foi a instituição de 3% da renda tributária da União destinada à valorização da Amazônia por vinte anos, instituída pela Constituição de 1946, que delimitou oficialmente a região. "A abertura da rodovia Belém-Brasília, em 1960, e seu asfaltamento no final da década, juntamente com a construção de estradas estaduais, contribuíram para aumentar o fluxo de migrantes em direção a esta área" (NAZARETH; BRASIL; TEIXEIRA, 2011, p.490). Na década de 1970, criou-se primeiramente o Programa de Integração Nacional (PIN), o Programa de Redistribuição de Terras (PROTERRA), o Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), o Plano de Desenvolvimento da Amazônia (PDA), o Programa de Polos Agropecuários e Agrominerais (POLAMAZÔNIA) e, finalmente, para o desenvolvimento econômico, foram concedidos incentivos fiscais especiais na área de livre comércio de importação e exportação, a ZFM, que tem sido a principal propulsora da economia amazonense, responsável em grande parte pelo crescimento populacional da cidade de Manaus. Assim, formou-se em Manaus um contingente populacional heterogêneo, oriundo de diversas regiões do Brasil e do exterior, que vivencia um multiculturalismo bastante peculiar.

Podemos elencar os índios, os caboclos, os portugueses, os espanhóis, os afrodescendentes, os cearenses, os judeus, os ingleses, os americanos, os sírio-libaneses, os italianos, os japoneses, os migrantes intermunicipais, os interestaduais e, mais recentemente, os hispânicos. É claro que nem todas essas culturas tiveram o mesmo peso. Para a região proposta neste trabalho, os índios, os caboclos, os portugueses e os cearenses são as culturas de maior destaque.

Sobre os índios, pode-se dizer que a população indígena que se encontra na cidade de Manaus, em sua maioria, é proveniente do alto rio Negro e do alto Solimões, de acordo com o *site* do governo 'Ciência em Pauta'. Os registros do Distrito de Saúde Oeste da Secretaria municipal de Saúde de Manaus (Semsa) contabilizam 25 famílias Sateré-Mawé residindo no Bairro da Paz, totalizando cerca de 110 pessoas divididas em duas comunidades (Wykyhú e Y'apyrehyt). Na zona Oeste, também existem comunidades indígenas nos bairros Compensa e no Tarumã, das etnias Mura e Kambeba. Na zona Norte, há os Tikuna e os Deni, residindo no bairro Cidade de Deus. Na zona Leste estão os Cokama e outros representantes da etnia Sateré-Mawé, localizadas no Ramal do Brasileirinho. Os Dessana podem ser encontrados no Igarapé da Castanheira, zona Sul. A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no entanto, estima que a população indígena em Manaus ultrapasse os 10 mil, que representa aproximadamente 0,5% da população de Manaus. Um porcentual desprezível, se computarmos o total da população manauara. Bernal (2010) acredita que o índio procura se ressignificar no contexto urbano, uma vez que ele adquire novas referências.

Já os caboclos, que Harry (2006, p. 82) define como "uma categoria de indivíduos que partilha padrões culturais semelhantes como a maneira de explorar os recursos ambientais e suas crenças no ambiente encantado", procuram adaptar-se a esse novo ambiente urbano. Galvão (1976 *apud* TEIXEIRA; BRASIL; RIVAS, 2008, p. 20) considera o caboclo de acordo com fatores étnicos e de ordem econômica, uma vez que o caboclo é um ser forjado por influências culturais indígenas e sociais do meio urbano (neste contexto estão inseridos os índios destribalizados, os nordestinos e os portugueses), um ser pertencente às camadas sociais mais baixas (o agricultor, o extrator, o seringalista, os mestiços amazônicos – índios, seringueiros e pequenos pescadores), um ser de tipo físico de pele amorenada, baixo, troncudo, cabelos pretos, lisos, olhos rasgados, católico e ligado às crenças e superstições da cultura indígena. Para Moran (1974 *apud* ADAMS, MURRIETA, NEVES, 2006, p. 19) o caboclo é um "tipo cultural que emergiu como resultado da tupinização das culturas ibéricas e não-tupis". Os vários conceitos dados ao termo 'caboclo'

derivam das mudanças no seu sentido no decorrer dos anos e das variações nas populações a que se refere.

A referência ao termo caboclo é histórica. Em 1752, o governador Mendonça Furtado induzia em Carta o casamento dos brancos com as índias, concedendo inclusive privilégios para aqueles que assim o fizessem, já que ele entendia ser esse o único meio de povoar a região. Na lei de casamentos, de quatro de abril de 1755, o termo 'caboclo' era proibido, o que alude à estigmatização do termo já nesta sociedade amazônica incipiente. Estipulava-se que se castigassem aqueles que desprezassem seus maridos ou suas mulheres por serem nativos e dispensava-se do serviço militar os soldados da Comissão de Demarcação de Limites que se casassem com índias e estabelecessem moradias no território do Rio Negro. Essas dispensas foram tão numerosas que chegaram a ameaçar a estabilidade do efetivo militar na capitania, tanto que a Coroa Portuguesa voltou atrás e manteve a condição militar (GUZMÁN, 2006).

Assim, ao tratar o termo caboclo, faz-se menção ao campesinato amazônico de origem colonial, habitante das margens dos rios e igarapés. De maneira geral, para os antropólogos americanos, a cultura cabocla solidificou-se no início do século XX, e

> se expressava na vida isolada em unidades familiares, geralmente nas várzeas dos rios, igarapés e lagos, numa pequena agricultura familiar combinada com a pesca e a caça. Uma vez que este modo de vida foi sedimentado, o sistema teria se cristalizado dentro de uma realidade a-histórica e divorciada das pressões externas (ADAMS, MURRIETA, NEVES, 2006, p.19)

Essas sociedades não-urbanas da Amazônia podem ser divididas, de acordo com Adams, Murrieta e Neves em sociedades indígenas, camponeses tradicionais ou históricos (caboclos), oriundos da incorporação colonial da região; e neocamponeses que, desde a década de 1970, têm migrado como parte das políticas governamentais de ocupação da Amazônia. Essas sociedades têm em comum a invisibilidade sociopolítica: os índios porque são absorvidos pela representação da Amazônia como um ecossistema tropical; os camponeses, porque representam o fracasso dos esforços de integração nacional do passado e os neocamponeses, porque são excluídos do projeto desenvolvimentista das indústrias extrativas altamente capitalizadas. Assim, pode-se dizer que a questão da identidade étnica e cultural cabocla caminha para uma certa invisibilidade social, em que o termo 'caboclo' assume um significado pejorativo dentre os próprios manauaras (LIMA, 1999).

Os portugueses, de acordo com Benchimol, causaram a destruição de muitos valores da cultura índia e alterações nos hábitos alimentares e nos modos de vestir, miscigenando a população, influenciando a língua indígena, introduzindo a criação de boi na ilha do Marajó, aclimatando plantas alimentícias exóticas como manga, jaca, coco, fruta-do-pão, café, canela, cana-de-açúcar, entre outras, influenciando a arquitetura, introduzindo instituições de saúde, como a Santa Casa de Misericórdia, entre outros.

Os colonos portugueses tiveram importante função na modelagem da sociedade e da economia amazônica, sendo os pioneiros na organização do sistema mercantilista de intercâmbio, representado pelo comércio de 'casas aviadoras', estabelecendo linhas logísticas de suprimento e de gêneros e produtos destinados à exportação. Segundo Benchimol, as estatísticas do censo de 1920 contaram a existência no Amazonas de 8.376 portugueses, sendo 6.103 homens e 2.273 mulheres, o que muito facilitou o processo de integração e miscigenação pelo casamento com mulheres nativas.

A grande maioria dos portugueses vinha da região dos minifúndios do médio e norte de Portugal e se estabeleceu em Manaus e em Belém no comércio varejista. As mulheres portuguesas trabalhavam nas famílias ricas como governantas, cozinheiras, arrumadeiras, babás e lavadeiras.

> Manaus, no ano de 1940, tinha uma população de 106.399 habitantes, dos quais 75.765 pertenciam ao distrito urbano da capital; 27.949 moravam no distrito do Careiro e 2.685 habitantes no distrito de Airão, os quais compunham o município de Manaus. Nesse município, o censo de 1940 registrou a presença de 2.519 portugueses na cidade, ou seja, 3,65% do total de 75.765 habitantes da zona urbana [...] a depressão, entre 1920 e 1940, fez reduzir drasticamente a população portuguesa na região, caindo de 8.376 para 2.519 cidadãos portugueses (BENCHIMOL, 2009, p.93).

Dessa forma, os lusos tinham uma participação de 38,32% do universo de empresas exportadoras, importadoras, aviadoras, atacadistas e varejistas da cidade. Entre 1940 e 1998, com o decréscimo da influência portuguesa nos quadros empresariais da cidade, novos grupos de imigrantes vieram a ocupar o espaço deixado pela herança portuguesa. Com a Zona Franca, Manaus passa a 1.500.000 habitantes, tornando-se mais diversificada e mais complexa, com o aporte de migrantes nacionais e do exterior.

A imigração portuguesa para o Brasil cessou no pós-guerra, quando Portugal deu a independência às suas colônias e os países da comunidade europeia criaram o Mercado Comum Europeu. A partir daí, os portugueses deixaram de emigrar para a África e para o Brasil, preferindo

trabalhar na França, Inglaterra, Alemanha, entre outros, por oferecerem melhores condições de vida e de emprego.

Já os 'cearenses', conhecidos genericamente por nordestinos, vieram das zonas do agreste e do sertão do Ceará e também da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e outros estados nordestinos afetados pela seca.

As secas de 1877 e 1878 deslocaram 19.910 retirantes. Em 1892 as entradas registraram uma migração de 13.593 nordestinos. No triênio 1898-1900, nos portos de Belém e Manaus, entraram 88.709 migrantes. Esse total representou em 1900, 20% da população amazônica da época. O período de 1877 a 1920 já contabilizava 300.000 migrantes nordestinos. No período da II Batalha da Borracha, de 1941 a 1945, o exército dos soldados da borracha incorporou contingentes de cearenses, paraibanos, pernambucanos, rio-grandenses-do-norte e baianos. Calcula-se, em Manaus, que no período de 1941 a 1945 tenham ficado 34.070 imigrantes e que, até a década de 1960, estima-se que 500.000 nordestinos tenham vindo 'fazer a Amazônia'.

Os nordestinos eram cheios de valentia e de cobiça, diferentes dos caboclos do beiradão, dos oleiros e vaqueiros do Marajó, dos piaçabeiros do rio Negro, dos mariscadores e viradores de tartaruga dos rios Trombetas e Solimões e dos juteiros do médio Amazonas.

A fisionomia econômica regional também mudava, com a grande propriedade florestal latifundiária e seus coronéis-de-barranco (que eram homens de poder dentro dos seringais e das cidades), ocupando e povoando a hinterlândia, incorporando o Acre. Com o colapso da borracha, alguns regressaram empobrecidos e doentes para suas cidades natais e outros adotaram uma economia agrícola de subsistência (arroz, feijão, milho, mandioca, cana-de-açúcar, entre outros). Na década de 1930, começaria o grande êxodo rural das populações de seringueiros nordestinos em direção às vilas, cidades e sítios da calha central do Solimões e do médio e baixo Amazonas, e também às cidades de Belém e Manaus. A grande maioria seria absorvida na periferia dessas cidades, nos fundos de igarapés, ou nas invasões, alguns vivendo de cestas básicas fornecidas pelo governo. Muitos, entretanto, conseguiram se estabelecer como negociantes, comerciantes empresários, seringalistas e coronéis-de-barranco.

É preciso fazer uma observação sobre as duas correntes migratórias no período da borracha: a primeira, que data do começo do ciclo 1850 até 1910, em que o homem do sertão é premido pela seca que grassava o nordeste, e a segunda, de 1943-1945, que provinha dos centros

urbanos, geralmente compostas de homens solteiros, desgarrados da família, que vinham pelo sabor de aventura, pela passagem de graça dos navios do Lloyd e pelas promessas de governo, como alternativa para fugirem à convocação para a Força Expedicionária Brasileira que lutava na Itália.

Os nordestinos, com o declínio da borracha, voltavam pobres para a caatinga, ou abandonavam os seringais endividados, rumando para as cidades de Belém, Manaus, Rio Branco, Porto Velho, entre outras, acarretando o começo da explosão urbana na Amazônia, especialmente Manaus, objeto deste estudo.

Uma nova onda de migrantes só viria a ser sentida novamente, quando da criação da Zona Franca de Manaus (ZFM), criada pelo Decreto-Lei 288/1967 para impulsionar o desenvolvimento econômico da Amazônia Ocidental, constituindo-se num alto indutor de migração para a região.

1.4.5 As Outras Culturas

O período da borracha atraiu um contingente considerável de estrangeiros como os espanhóis, ingleses, judeus, sírio-libaneses, italianos e japoneses. Todavia, a borracha silvestre amazônica, devido ao seu alto custo de extração, escassez de mão-de-obra, grande distância dos centros de comercialização, não teve condições de acompanhar o crescimento da demanda internacional. As companhias inglesas e de outros países perderam o interesse na região e deixaram de prover a manutenção dos serviços públicos de que eram concessionários e a região entrou num novo período de estagnação até o surgimento da Zona Franca, que atraiu e atrai até hoje, migrantes do interior do estado do Amazonas e de outros estados como Pará, Ceará, Maranhão, São Paulo, Rio de Janeiro, sendo os mais frequentes (NAZARETH; BRASIL: TEIXEIRA, 2011) e, mais recentemente, hispânicos provenientes do Peru, da Colômbia, da Bolívia, da Guiana e da Venezuela.

Os dados censitários indicam que os municípios amazônicos seguem se ‘esvaziando’ na sua população, devido à falta de ações públicas do Estado nos municípios do interior. A cidade de Manaus concentra cerca de 52% da população de todo o estado do Amazonas (OLIVEIRA, M., 2010, p.120), o que a torna um caso atípico em relação a outras capitais nacionais, tornando a Zona Franca a única forma de desenvolvimento da região. Já Silva (2010) sugere que a localização

centralizada da cidade e o difícil acesso são fatores que dificultam o relacionamento de Manaus com a rede urbana da região, causando desequilíbrios entre elas.

Em pesquisa realizada pelo GEMA[12] com migrantes, no período de julho a setembro de 2008, verificou-se que a grande maioria deles veio para Manaus em busca de trabalho e melhores condições de vida, de assistência à saúde e de acesso à educação. Entretanto, muitos desses migrantes não encontram emprego na capital, o que tornam ainda mais precárias as condições de sobrevivência, pior do que a situação a que estavam submetidos antes da migração.

O primeiro fator a considerar como condição de sobrevivência é o acesso à alimentação. Esses migrantes dependiam quase que exclusivamente do seu trabalho extrativista, coletando castanha, açaí, babaçu, pescando e caçando, entre outros. Na cidade, o acesso à alimentação está condicionado ao poder de compra, mas muitos se encontram desempregados ou subempregados. O segundo fator a considerar é o acesso aos espaços da cidade, como as praças e locais públicos de lazer e cultura. O terceiro fator é o acesso à educação e saúde, lembrando a falta de políticas públicas que aliviem o já sobrecarregado programa assistencial e a infraestrutura na capital. No Amazonas, "os principais municípios de origem desses migrantes são: São Gabriel da Cachoeira, Tefé, Coari, Manacapuru, Iranduba, Itacoatiara, Maués e Parintins" (COSTA, 2010, p.129) e eles se concentram nas zonas norte e leste da capital.

Um fato interessante, segundo Márcia Maria de Oliveira, é que apesar dos migrantes pesquisados terem alguma experiência de participação em organizações, instituições ou movimentos sociais no local de origem, no momento da sua pesquisa junto ao GEMA, eles afirmaram não estar participando de nenhuma atividade ou espaço de organização social em Manaus, ao contrário dos indígenas que afirmaram estar participando do movimento indígena na cidade, como forma de preservar a identidade étnica, as tradições e os costumes.

Conforme já foi citado anteriormente, o convívio de diferentes culturas, suas ideologias e o exercício de poder, ainda que disfarçados, fazem com que nem sempre as diferenças culturais ou étnicas sejam respeitadas:

> Aquele que vem de fora e não dispõe de recursos econômicos é visto como um invasor, e é responsabilizado pelos problemas sociais locais, como a violência, o roubo, o tráfico de drogas, além de incomodar com seus costumes, esses tidos como exóticos, como

[12]Grupo de Estudos Migratórios da Amazônia, cujo coordenador é o Professor Doutor Sidney Antonio da Silva do Departamento de Antropologia da UFAM.

> cultura brega ou, simplesmente, folclore, na visão elitista e preconceituosa de grupos locais (SILVA, 2010, p. 158).

A presença peruana nas cidades de Manaus, Boa Vista e Pacaraima é relativamente recente, ou seja, remonta às décadas de 1980 e 1990 do século passado. Contudo, é na década de 2000 que tal presença se intensificou e se consolidou como uma imigração voltada para alguns setores do mercado de trabalho local, tais como, comércio, saúde, educação, gastronomia, entre outros. As razões que levam os migrantes a sair do Peru são múltiplas, mas a principal é a busca de novas oportunidades no mercado de trabalho brasileiro.

Já os refugiados colombianos buscam o Amazonas como proteção para os conflitos internos de seu país de origem com características de uma verdadeira guerra civil. A porta de entrada dos colombianos no nosso país se dá por Tabatinga, mas outra via de entrada é a Venezuela, via Boa Vista, sendo que boa parte deles é originária do Vale del Cauca, das cidades de Cali e Bogotá, segundo Silva (2010, p. 207). De modo geral, eles são pouco qualificados e se dispõem a aceitar qualquer tipo de subemprego para manter suas famílias. Os colombianos emigram com toda a família ou com parte dela, segundo Silva (2010, p. 209) e, em Manaus, localizam-se nos bairros populares como a Compensa, na zona sul e outros da zona norte e leste.

Para realizar o intento de sobreviver em Manaus os migrantes hispânicos terão de vencer dois grandes desafios: o primeiro: a legalização no País e com isso conquistar uma qualificação profissional e, segundo, vencer os preconceitos atribuídos pela sociedade que os relaciona ao tráfico de drogas e ao comércio de produtos contrabandeados.

1.5 O Léxico

Viu-se que identidade, língua, sociedade e cultura estão interligadas. “As línguas costumam despertar em seus falantes e nas pessoas que entram em contato com elas comportamentos, sentimentos, atitudes de identificação ou de estranhamentos, funcionando como fatores de identidade étnica e de coesão social” (FREIRE, 2004, p.138). A língua, segundo Preti (1974), funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. É ela que faz ver o que ainda não existe e é ela que traz o que era desaparecido, ou seja, é através dela que a realidade e as imagens se transformam em signos. É ela que representa a forma maior

da condição humana que é a faculdade de representar e de simbolizar, fazendo-se compreender o signo como representante do real.

Viu-se também que a língua tem a função de instrumento de memória discursiva e de transmissão das experiências históricas de um indivíduo ou de um povo. Ao fazer uso da língua e identificar semelhanças ou discriminar os traços distintivos (que individualizam o indivíduo em entidades diferentes) o homem nomeia. Esse processo de nomeação gerou o léxico das línguas naturais. Mas o que vem a ser o léxico?

Há diversas denominações para o léxico: unidade lexical, signo linguístico, lexema, lexia, palavra, item lexical e vocabulário, para citar algumas. A noção de signo linguístico foi criada por Saussure, "o pai da linguística" estruturalista. Para ele, signo se refere à relação que há entre o 'nome dado às coisas existentes' e 'a coisa em si' e é composto de duas partes: significante e significado. O significante é a impressão acústica e o significado corresponde ao objeto, ou seja, a coisa em si. Também segundo Saussure, o signo linguístico compõe-se de dois eixos: o paradigmático e o sintagmático, implicando dizer que toda unidade lexical apresenta um componente semântico e outro sintático. Já segundo Dubois (2006, p. 364), "o léxico corresponde ao conjunto de unidades que formam a língua de uma comunidade, sendo o termo léxico reservado à língua e o termo vocabulário reservado ao discurso".

Correa (1980, p.47) faz a mesma distinção: léxico seria o conjunto de lexias efetivas e virtuais (realizáveis) que constituem o universo léxico e vocabulário seria o conjunto de unidades lexicais já realizadas, ou lexias efetivas. Biderman (2001) diz que o vocabulário fica restrito ao discurso e que palavra é uma entidade abstrata que compõe o sistema linguístico, sendo, também, um elemento permanente da língua. Sendo assim, ela adota o termo lexema para "designar a unidade abstrata em língua" (BIDERMAN, 2001, p.169) e a forma que aparece em discurso recebe o nome de lexia (unidade lexical memorizada e disponível para atualização). Biderman ainda divide o léxico português em duas classes de lexemas: aquele de formas livres (substantivos, adjetivos e verbos), que representam o universo extralinguístico, nomeando coisas, as qualidades, processos, etc; e aquele chamado de vocábulos-morfemas, ou formas dependentes (preposições, pronomes pessoais, artigos e conjunções), que funcionam apenas dentro do sistema linguístico. Já para o linguista estruturalista francês Pottier, a denominação de lexia equivaleria à denominação de lexema de Biderman. Neste trabalho, será adotado o termo 'item lexical' e o estudo estrutural

de Pottier, por ser este um autor pioneiro no estudo do léxico e ser considerado, também pela pesquisadora, de importância fundamental e que será aprofundado posteriormente.

O léxico das línguas naturais cumpre dois papéis fundamentais: apropriar-se do real simbolicamente, conectando o exterior ao interior do sujeito e categorizar cognitivamente a experiência vivenciada em itens lexicais. Esse preceito condiz com a teoria de Sapir-Whorf, surgida na década de 50/60, que diz que "todo o sistema linguístico manifesta tanto no seu léxico como na sua gramática, uma classificação e uma ordenação dos dados da realidade que são típicas dessa língua e dessa cultura com que ela se subjuga" (BIDERMAN, 2001, p.109), ou seja, cada língua traduz a realidade de acordo com a cultura e o modelo que lhe são próprios.

Ainda de acordo com Whorf, a própria percepção que o homem tem da realidade é pré-moldada pelo sistema linguístico que ele fala, "pois as categorias existentes nessa língua o predispõem para certas escolhas de interpretação do real" (BIDERMAN, 2001, p.110). O mundo se apresenta como impressões, que têm que ser organizadas por nossas mentes, ou seja, é pela palavra (nomeação) que o homem exerce sua capacidade de abstrair e generalizar o subjetivo através de sua percepção e de sua experiência com o mundo. O mundo físico e o mundo cultural[13] fornecem um conjunto de dados que serão codificados linguisticamente e ficarão armazenados na memória léxica do indivíduo (BIDERMAN, 1981, p. 134). Em seguida, o homem organiza essa memória léxica em conceitos, atribuindo significações, armazenando-a na memória em forma verbal e em redes semânticas, formadas por vários campos lexicais que se alinham por associação através dos sinônimos (exemplo: luz/claro); por oposição (exemplo: claro/escuro), um dos processos mnemônicos mais comuns; por semelhança formal (exemplo: brancura/embranquecer) e por significação contígua (exemplo: rosa, cravo jasmim). Dentro de um campo lexical, as palavras nucleares são aquelas mais frequentes dentre as palavras de conteúdo léxico, ou os primitivos léxicos de uma língua e seriam, portanto, as primeiras palavras significativas que um indivíduo aprenderia.

Segundo Biderman (2001), essas categorizações lexicais acima descritas, que se realizam através do conhecimento do mundo e da taxionomia que a língua e a cultura de um indivíduo atribuem à realidade, não se cristalizam no tempo. A mente humana sempre reajusta sua estrutura

[13]De acordo com Karl Popper o homem é situado em três mundos distintos: o mundo 1 corresponde ao mundo físico, o mundo 2 corresponde ao mundo dos estados da consciência e o mundo 3 corresponde ao universo da cultura (BIDERMAN, 1891, p.134)

lexical, de acordo com as novas conotações do significado que vão sendo continuamente introduzidas no léxico de uma língua e que apontam para novas categorizações. Vale acrescentar as novas palavras aprendidas, já que, diferentemente do sistema fonológico ou morfossintático, o léxico constitui um sistema aberto, pois o indivíduo está sempre aprendendo novos elementos lexicais (com suas denotações e conotações) através da interação social com outros indivíduos de uma mesma comunidade linguística ou não.

Nesse processo, as mudanças sociais e culturais, principalmente no mundo globalizado atual, que funciona em rede, acarretam alterações nos usos vocabulares:

> Daí resulta que unidades ou setores complexos do léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o léxico (BIDERMAN, 2001, p. 179)

Por essa razão, o universo semântico se estrutura em torno de três polos distintos: o mundo, a língua e a mente. A partir disso, pode-se dizer que o universo linguístico de uma língua é representado pelas unidades lexicais e pelos componentes gramaticais. A escolha lexical do falante da língua retrata a percepção deste sobre o mundo que o cerca, assim, é fácil compreender que o léxico está ligado à questão cultural do sujeito e à comunidade da qual ele faz parte. Na interação social entre informante e entrevistador, que se desenrola no momento da entrevista (para a recolha dos dados linguísticos do questionário semântico-lexical) numa situação face a face, os sentidos do léxico vão sendo construídos e a ideologia da comunidade na qual está inserido o informante se revela, assim como suas crenças, seus costumes, sua cultura, seus valores morais e sociais em um determinado tempo e em um determinado espaço. Assim, neste trabalho, é dado ao léxico um enfoque muito maior e mais abrangente que o de ser simples repositório do saber linguístico de uma comunidade.

O léxico passa a representar a configuração da realidade extralinguística, a representação da imagem vista pelo sujeito de si mesmo, da comunidade que o abriga, da ideologia que o interpela e o constitui enquanto sujeito, da experiência acumulada de uma sociedade ou de um grupo social. É através do léxico que se observa como o informante (e, por extensão a comunidade na qual ele está inserido) vê o mundo, as práticas sociais de que ele se utiliza, as transformações sócio-econômico-político-culturais que esse informante sofreu em sua história (CRISTIANNI, 2012). Por fim, o léxico, recolhido como dado linguístico na interação face a face, reflete as

escolhas de um sujeito que é influenciado por outros discursos e expressa suas preferências, opiniões, crenças, costumes, valores e ideologias sobre um determinado assunto.

Na interação face a face, possibilitada pela entrevista *in loco* com o informante, realiza-se não somente a coleta de dados linguísticos, mas também registros da própria interação social, tais como diálogos mais consistentes a respeito de uma outra forma de se falar, esclarecendo os contextos discursivos que ajudam o pesquisador a entender o processo de significação do léxico e seus efeitos de sentido por parte do informante. "Percebemos nas falas dos sujeitos a interferência, em suas escolhas, daquilo em que ele acredita, nos costumes, nas ideologias, no como ele se vê e no como ele vê o outro" (CRISTIANINI, 2012, p.27).

Um exemplo concreto da interferência da ideologia do informante pode ser retirado do Atlas Semântico-Lexical da região do Grande ABC (Estado de São Paulo), elaborado por Cristianini em 2007, em que, na questão 15, encontraram-se vários itens lexicais para 'chuva de granizo'. Pelos dados e comentários coletados, percebeu-se uma alta frequência para o item lexical 'chuva de granizo' (mas também outros tantos), sendo que, para alguns informantes, a chuva foi considerada um símbolo de influências celestiais recebidas pela terra, perpassando a ideia de fertilidade; num discurso místico, para outros, a chuva foi considerada fonte de morte e destruição, por puro temor de Deus, transmitindo um discurso religioso:

> Um sujeito que respondeu 'chuva de flor' informando que não podia falar em 'chuva de pedra', desde a infância, porque não traz sorte. E completou: quem manda a chuva é Deus e Ele jamais atiraria pedra nas cabeças de seus filhos. Outro sujeito, de outro ponto (espaço geográfico), ao responder à questão comentou que não se deve falar chuva de pedra, disse que é 'chuva de Ave Maria' (CRISTIANINI, 2012, p.30)

Ou seja, foi pelo léxico que o discurso ideológico se fez presente e foi através do léxico que o falante da língua atribuiu conotações particulares ao léxico, bem como apresentou indícios de que pode transformar as significações de alguns itens lexicais (TAKANO, 2012). Tendo conceituado o léxico, discutido suas funções e explanado sobre a visão de léxico que será adotada neste trabalho, passa-se agora ao estudo da estrutura do signo linguístico.

Retomando a concepção de signo com Pottier (1978), o autor diz que esse tem sempre os mesmos constituintes: Se, Si e Sa, conforme a seguinte explicação: Se = pertencerá ao plano da semântica, Si = pertencerá ao plano da sintaxe, Sa = pertencerá ao plano da significância, plano de estudos dos elementos do significante e sua combinatória; sendo que em cada um dos planos

tem-se uma taxinomia (classe de elementos) e uma combinatória. O signo 'canoa[14]' passará a ser representado conforme segue:

Lexia=Signo=

Se	Si
Sa	

Ex. Canoa =

feita de madeira, com remos	Substantivo feminino
[ka'nua]	

Assim como na pesquisa de Correa (1980, p.44) que dizia que "as lexias coletadas tem uma função lexicológica, uma função semântica, uma vez que significam conceitos autônomos que evocam a imagem memorial", assim também ocorre o mesmo nesta pesquisa, uma vez que os itens lexicais designam seres, objetos, noções abstratas, etc., uma associação direta entre significado e significante. Pottier é detalhista em relação à definição dos termos da semântica (Se):

A "substância do significado de um signo (Se) é constituída por um conjunto de traços distintivos de significação. Ao nível do signo mínimo, ou morfema, o conjunto é chamado semema e cada traço é um sema" (POTTIER, 1978, p.29). Em outras palavras, o sema vem a ser a unidade mínima de significação, um traço semântico que individualiza um signo (item lexical) e a significação está contida no semema, que é um conjunto de semas, ou traços semânticos. Os semas podem ser 'denotativos', determinando de uma maneira estável e com vasto domínio social a significação de um signo e 'conotativos', determinando de uma maneira instável e individual a significação de um signo. Ainda definindo, temos a seguinte terminologia: o conjunto de semas específicos é o semantema; o conjunto de semas genéricos, o classema, mostra a inclusão de uma lexia numa determinada classe conceptual e o conjunto de semas conotativos é o virtuema, possíveis associações à sua atualização no discurso, dependente do meio sociocultural dos falantes da língua. Esses conjuntos podem ser melhores visualizados no esquema abaixo:

[14]Exemplo retirado de Correa (1980)

Denotação =

Conotacão =

Conjunto dos semas específicos	Conjunto dos semas genéricos
Conjunto dos semas virtuais	

Semema =

SEMANTEMA	CLASSEMA
VIRTUEMA	

Por exemplo, no signo ‘peixe-boi’ temos os semas:

Couro preto, herbívoro, mamífero	Peixe-liso
Boa pescaria	

De acordo com Pottier (1978), a lexia é a unidade lexical memorizada e pronta para o uso. Ela nasce de um hábito associativo e se divide em quatro tipos: a lexia simples, a composta, a complexa e a textual. A lexia simples corresponde à “unidade funcional significativa do discurso” (DUBOIS, 2006, p.361), por exemplo: cadeira, saiu, entre, agora, para, entre outros. A lexia composta é o resultado da integração semântica que se manifesta: saca-rolha, primeiro-ministro, olho-de-sogra, verde-garrafa, entre outros. A lexia complexa é uma sequência em vias de lexicalização como em: estado de sítio, cesta básica, cidade universitária, entre outros e, por último, a lexia textual é quando a lexia complexa alcança o nível de um enunciado ou de um texto: quem tudo quer, tudo perde.

Ainda de acordo com Pottier, no discurso, os semas podem sofrer profundas alterações em seu estatuto (SANTOS, 2005), devido ao dinamismo da língua e ao uso individual que se faz da língua. Podem ocorrer alterações no significado de alguns itens lexicais, ou ainda, eles podem se revestir de outros conceitos, ou seja, a virtualidade de um sema pode tornar-se uma marca específica.

Rastier, discípulo de Pottier, propõe algo semelhante à elaboração do mestre, quando afirma que os sememas particulares podem operar em duas instâncias: os traços denotativos (semas inerentes, pertencentes ao sistema funcional da língua) e os traços conotativos (semas aferentes, que se realizam na instância da fala). “Sendo assim, os semas aferentes apresentam características do uso e podem ser assegurados pelas normas individuais, grupais e sociais”

(TAKANO, 2012, p.111), podendo ser encontrados nos discursos dos informantes, mas muitas vezes, não se encontram dicionarizados.

Neste trabalho, optou-se por utilizar o conceito de lexia de Pottier, pela pesquisadora considerar o pioneirismo de seu trabalho na área.

1.5.1 O aspecto ideológico do léxico

Nesta pesquisa, tem-se em conta que o léxico é a representação da imagem vista pelo sujeito de si mesmo e do mundo que o abriga, de forma que é por meio do léxico que transparecem as ideologias, as crenças, os valores, os costumes, as práticas, os hábitos, as emoções, as ideias e as transformações sócio-econômico-político-culturais por que a comunidade passa e passou em sua história. É através da Geolinguística, método científico da Dialetologia, que pode ser possível relacionar o ambiente geográfico com a difusão e a distribuição espacial dos fenômenos linguísticos, ou seja, a norma diatópica.

Assim, após a coleta de dados e da transcrição, uma atenção especial foi dedicada aos registros da interação que ocorre no momento da pesquisa. É prestada uma atenção especial à fala dos sujeitos na interação com o entrevistador e em sua escolha lexical, que traduz sua ideologia, seu costume, aquilo em que o informante acredita, como ele se vê e como ele vê o outro.

O léxico utilizado numa cena enunciativa é assim considerado como um signo ideológico (BAKHTIN, 2006) e aflora na interação social, ainda que seja numa entrevista entre informante e entrevistador. Esse léxico obtido corresponde a um fragmento da realidade que representa a ideologia da comunidade da qual o informante participa, situado numa história, numa cultura e num espaço social, sendo influenciado por outros discursos, recorrendo a uma memória discursiva. Assim, no discurso dos sujeitos, os sentidos das palavras não são fixos. Alguns exemplos que ilustram a importância desses sentidos foram os itens lexicais achados como resposta para algumas questões, que serão mais detalhados posteriormente.

1.5.2 O aspecto etimológico do léxico

É sabido que o léxico da língua portuguesa do Brasil compreende palavras de origens diversas, de acordo com o processo sociohistórico de colonização que o País sofreu ao longo do tempo desde o seu descobrimento. Línguas como o latim, o grego, o germânico, o árabe, as indígenas e a africana, entrando em contato com o português, acabaram sendo tomadas de empréstimo e se incorporaram ao léxico d nossa língua. A Etimologia é um ramo da linguística que investiga a origem das palavras, mostrando que há continuidade entre a forma e o sentido que as palavras têm hoje, e a forma e o sentido que elas apresentavam em fases mais antigas da língua. Uma análise do aspecto etimológico das lexias que apresentaram variação com o ALAM e coincidência com as lexias do *Amazonês* será feita posteriormente, no intuito de se averiguar a origem das lexias empregadas pelos migrantes que habitam a cidade de Manaus.

1.6 A Dialetologia e a Mudança Linguística

A Dialetologia, ou o estudo sistemático das variações linguísticas de natureza geográfica, formalizou-se no século XIX, época em que as investigações no campo da linguagem se desenvolviam por meio de métodos histórico-comparativos. Os estudos comparatistas visavam, inicialmente, a reconstituir a protolíngua do indo-europeu. Por meio desses estudos, foi surgindo o interesse também em analisar os dialetos, considerados, então, como fontes de conhecimento do modo como se teriam operado as transformações em fases anteriores as línguas.

No final do século XIX, merece destaque o grupo dos neogramáticos cuja concepção sobre as alterações fonéticas é que elas obedeciam a leis rígidas, que não admitiam exceções. Suas teorias geraram polêmicas em países como a Alemanha, a Itália e a França, e motivaram pesquisas dialetais que acabaram por refutar em grande parte essas teorias.

Dentre os países citados, foi na França que a Dialetologia teve maior destaque. “No ano de 1881, passou a fazer parte do currículo regular da *École Pratique des Hautes Études*, de Paris” (BRANDÃO, 1991, p.8). Ganharam impulso os estudos dialetológicos pelo ideal da valorização das manifestações populares (usos, crenças, costumes, falares) e pela evolução histórica das formas linguísticas.

> No ano de 1888, Gaston Paris, em uma conferência intitulada “Os falares da França”, acentuava a necessidade de se estudarem os *patois* franceses, que estavam em via de descaracterização pelo acelerado processo de nivelamento cultural. Chamava a atenção

> também para o fato de que as descrições dialetais deveriam ser realizadas com o rigor exigido pelas ciências naturais, obedecendo, assim, a uma metodologia bem definida (BRANDÂO, 1991, p. 8).

Neste ponto, o trabalho de Jules Gilliéron, que passou a ser considerado o fundador da geografia linguística, ou Geolinguística, como método de investigação científica. Gilliéron iniciou, com o apoio de Gaston Paris, os preparativos para a elaboração do Atlas Linguístico da França – ALF, uma obra monumental que viria a constituir um marco nos estudos dialetológicos e muito contribuiria para o progresso da ciência da linguagem.

A Geolinguística pode ser designada hoje como:

> O método dialectológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados. (COSERIU, 1982, p. 79).

Aos poucos, o método dialetológico foi sendo aperfeiçoado e os atlas passaram a retratar peculiaridades etnográficas e, modernamente, variações diastráticas, sobretudo porque os interesses da Dialetologia voltaram-se também para a fala dos grandes centros urbanos. A Geolinguística constitui-se em um dos mais significativos métodos de registro e de análise da diversidade linguística, principalmente na Europa e nas Américas, o que pode ser comprovado pelos inúmeros atlas linguísticos regionais e nacionais já publicados e os muitos trabalhos monográficos que vêm sendo realizados ao longo desses anos. Por meio, às vezes, do trabalho de equipes plurinacionais, a Geolinguística vem sendo enriquecida com avanços técnicos e com novas tendências metodológicas.

No Brasil, o pioneiro na aplicação da Geolinguística foi Nelson Rossi, pois se colocou entre os que, com maior rigor científico e precisão metodológica, empenharam-se na implantação dos estudos dialetais. Seu trabalho pioneiro corresponde à elaboração do Atlas Linguístico da Bahia que veio a se chamar Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB, publicado em 1963, primeiro volume e o segundo volume, em 1965. O Atlas Linguístico de Sergipe dá continuidade ao APFB e a esses se seguem trabalhos de aprofundamento de tópicos específicos.

Assim, na Dialetologia, a língua é conhecida como um sistema abstrato, "um sistema acústico-oral que funciona na intercomunicação de uma coletividade" (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p.11) e que, longe de apresentar uma homogeneidade, é tida como heterogênea,

apresentando diferenças diatópicas (relacionadas ao espaço geográfico), diferenças diastráticas (relacionadas aos estratos sociais) e diferenças diafásicas (relacionadas ao estilo de se expressar).

Apesar de a Dialetologia ter demonstrado um maior interesse pelos dialetos regionais, conforme demonstrado até hoje, ela interessa-se, também, pela variedade urbana, denominada como dialetologia urbana, e já interpretava os fatos linguísticos segundo diferenças sociais ou critérios que passaram a ser definidos posteriormente como da Sociolinguística.

A importância do estudo dos dialetos regionais e também da variedade urbana se dá porque as línguas mudam e se torna necessário fazer o seu registro num determinado tempo e num determinado espaço geográfico para futuras análises e estudos.

As línguas mudam e esse fato pode ser melhor observado se for comparado com o modo como nossos avós e como nossos jovens falam. As mudanças são sentidas não somente em nível de registro, numa perspectiva diafásica, mas em nível de léxico e de regras gramaticais. Como exemplo, tem-se o romancista José de Alencar, famoso por seu ufanismo e por tender a usar a variante brasileira do português, o que significou uma grande inovação para sua época. Mesmo assim, seu texto escrito mostra influências do português lusitano, seja na formalidade, seja na gramática ou mesmo no léxico. Isso mostra que se esperar encontrar um conjunto de regras gramaticais regulares e estáticas compartilhadas pelos membros de uma comunidade, de fato não acontece. "O que observamos é que as línguas parecem ser sensíveis a diferenças comportamentais dos indivíduos que as falam e apresentam formas variáveis (de natureza individual, social, regional, entre outras) e mudanças que se manifestam com sua evolução histórica" (MARTELOTTA, 2011, p.15). Ou seja, "o indivíduo é, a um só tempo, usuário e modificador de sua língua" (BRANDÃO, 1991), imprimindo mudanças que são oriundas das novas situações de vida com que ele se depara e da geração em que vive.

Essas mudanças puderam ser observadas de maneira mais relevante com o advento da Sociolinguística e a retomada dos estudos diacrônicos por parte dos linguistas funcionalistas, principalmente entre as décadas de 70 e 90 do século passado, quando o fenômeno da mudança voltou a ocupar um lugar de destaque na ciência da linguagem. Até então Saussure defendia que havia a *langue* (língua) de um lado, um conjunto de conhecimentos sistematicamente organizados que todo falante possui e, de outro, a *parole* (fala) que é a utilização individual desse conhecimento em situação real de comunicação. A língua seria para Saussure, linguista pertencente à corrente estruturalista, um sistema abstrato de signos depositado na mente dos falantes, fixo e estático e a

fala constituiria o ponto gerador das modificações de uma língua. Chomsky, pertencente à corrente gerativista, propôs algo semelhante, a competência e o desempenho, aquela sendo um princípio inato depositado na mente do sujeito, de modo que haveria uma independência do conhecimento linguístico com relação ao uso (desempenho). Segundo Labov (2008), para Chomsky, "o real objeto do estudo linguístico é uma comunidade de fala abstrata, homogênea, em que todo mundo fala igual e aprende a língua instantaneamente" (p.218). Tanto a corrente estruturalista quanto a gerativista não dão conta das mudanças linguísticas ocorridas na língua devido ao uso numa situação de comunicação, e ambas veem a língua como um sistema homogêneo, por isso há interesse em se estudar os processos de mudança dentro da Sociolinguística, que relaciona a variação linguística aos diferentes aspectos sociais e da Dialetologia, que se ocupa tanto da elaboração de mapas linguísticos, que apresentam as variações em diferentes comunidades demarcadas geograficamente, como da elaboração de trabalhos monográficos, que também retratam as variações linguísticas diatópica e diastraticamente.

Essas mudanças linguísticas ocorrem em vários níveis de utilização da língua (nível sonoro, nível das palavras e de sua estrutura, nível da sua organização em frases, entre outros), todavia este trabalho se concentra no estudo do léxico, focando nas várias formas alternativas que surgem para um mesmo e determinado fenômeno linguístico e mantém a concepção saussureana de língua como fato social. Assim, os termos e as expressões de uso de uma língua, que projetam a cultura e a identidade de um indivíduo/comunidade, são manipulados nas interações verbais em situações de comunicação, em que o sujeito assume uma posição subjetiva em relação ao conteúdo que deseja emitir.

Por exemplo, o uso de *avexado, apressado* e *apurado* no português do Brasil. O falante que usar *avexado* será logo identificado como originário da região Nordeste, ao passo que *apurado* indica variedade linguística da região Sul do Brasil (CALVET, 2002, p.98), de maneira que o falante cria um duplo movimento: o primeiro é se aproximar de falantes que mantêm o mesmo uso; e o segundo, é o de crítica ou julgamento de outros não pertencentes à sua comunidade linguística. Portanto, têm-se aqui dois parâmetros: um parâmetro social, ou diastrático e um parâmetro geográfico, ou diatópico. Observa-se com isso que essas variações linguísticas têm uma pertinência social e cultural ao mesmo tempo.

O emérito Sociolinguista Labov, dedicando-se às pesquisas sociolinguísticas sobre as relações entre linguagem e classe social, e sobre as variedades do inglês não padrão usado por

diferentes grupos étnicos dos Estados Unidos, particularmente, os de Martha´sVineyard (Massachussets) e de Nova York, postulou, ao contrário da visão de língua abstrata de Saussure, que:

> a estrutura da língua pode ser estudada através da fala dos indivíduos, reconhece que a estrutura da língua é variável, reconhece que há uma correlação entre o uso linguístico e a estratificação social [...] e que há forças sociais que atuam na mudança linguística (SEVERO, 2007, p. 140).

Este trabalho compartilha da visão de Labov (2008), ao afirmar que a língua é heterogênea e está em constante processo de mudança.

2. MÉTODO E PROCEDIMENTOS

A pesquisa utilizou método e procedimentos que são explicados nos itens a seguir.

2.1 A pesquisa

Já se viu que o caboclo é aqui considerado como uma categoria de indivíduo que partilha um padrão cultural de exploração dos recursos ambientais e de crenças no ambiente ribeirinho. Percebe-se ainda que há um processo identificatório com relação ao ambiente em que o indivíduo circula e que há também uma relação da escolha lexical do indivíduo com a cultura e com a sociedade que o abriga. Em outras palavras, todo o sistema linguístico manifesta, tanto no seu léxico como na sua gramática, uma classificação e uma ordenação dos dados da realidade que são típicas da língua e da cultura com que ela se conjuga.

O léxico reflete as escolhas de um sujeito que está situado num espaço social, num tempo histórico determinado, é influenciado por outros discursos e expressa suas preferências, opiniões, crenças, costumes, valores e ideologias sobre um determinado assunto.

Este trabalho tem como objetivo examinar o léxico dos migrantes interioranos do estado do Amazonas que habitam na cidade de Manaus, que sofre atualmente uma urbanização galopante. Conforme foi dito anteriormente, Manaus concentra cerca de 52% da população de todo o estado, um dado interessante que suscita o ensejo de pesquisas. A hipótese que se levanta é a de que haveria uma mudança na identidade linguística desses migrantes interioranos, quando eles passassem a viver na cidade. À medida que falantes dos vernáculos ribeirinhos entram em contato com a língua padrão urbana oral, acredita-se que haveria uma diminuição do emprego dos itens lexicais típicos do vernáculo ribeirinho e o léxico da variedade urbana oral seria assumido, sofrendo as pressões da padronização.

Esta pesquisa conta com pouco material publicado a respeito desse ajustamento do repertório linguístico dos migrantes à língua padrão urbana oral na cidade de Manaus, e conta com escasso material acerca da identidade dos sujeitos migrantes. Como registro lexical utilizado pelos falantes que habitam a cidade de Manaus, cita-se o livro *Amazonês* (SOUZA, 2011), que será utilizado daqui por diante como refêrencia para o dialeto da capital.

Como obra de referência para o léxico interiorano há o Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM, elaborado por Cruz (2004), que investigou o falar do caboclo amazonense, contemplando

nove municípios representantes das nove microrregiões do estado do Amazonas (Barcelos, Tefé, Lábrea, Humaitá, Itacoatiara, Parintins, Benjamin Constant, Eirunepé e Manacapuru). Assim, por serem obras de referência e que serviram de comparação para os itens lexicais que sofreram alteração e assimilação serão doravante considerados instrumentos de pesquisa, como obras fundamentais neste trabalho. Também Costa (2010), em seu artigo "Migrantes urbanos em Manaus: perfil, percurso migratório e mobilidade intraurbana", salienta que os principais municípios de origem dos migrantes que habitam a cidade de Manaus são: São Gabriel da Cachoeira, Tefé, Coari, Manacapuru, Iranduba, Itacoatiara, Maués e Parintins. Desse modo, este trabalho, visando a tornar a comparação dos linguajares caboclos (já estudados pelo ALAM) mais consistente, investigou apenas os migrantes oriundos das cidades de Tefé, Itacoatiara e Manacapuru em que as localidades são coincidentes com as do ALAM. Conforme já informado, a cidade de Parintins deixou de ser estudada devido ao fato de não se ter conseguido informantes ideais suficientes para o desenvolvimento deste trabalho.

Esta pesquisa empírica de cunho quantitativo utilizou-se dos princípios da Dialetologia, fazendo um recorte no estado do Amazonas e focou seu interesse no léxico da zona urbana da capital administrativa, Manaus, e nos migrantes interioranos provenientes dos municípios de Tefé, Itacoatiara e Manacapuru.

O método da Geolinguística oferece um aparato técnico que permite estudar os falares de um determinado local. As variáveis sociais utilizadas nesta pesquisa levaram em conta os critérios de gênero, faixa etária e grau de escolaridade para a escolha dos informantes. Para o critério de gênero, foram utilizados o masculino e o feminino; para o critério da faixa etária, levaram-se em conta os informantes que foram classificados em três faixas, a saber: a primeira, de 18 a 35 anos, a segunda, de 36 a 55 anos e a terceira, de 56 anos em diante, tais quais as faixas de idade utilizadas no ALAM. Para o critério de escolaridade, utilizou-se desde o informante analfabeto até aquele que tivesse completado o Ensino Fundamental.

Inicialmente desenvolveu-se uma pesquisa teórica aprofundada sobre o tema, seguida de uma pesquisa de campo, transcrição, coleta e organização dos dados, cujos resultados foram apresentados sob a forma de tabelas montadas com o auxílio do programa EXCEL do Microsoft Office. Quanto à seleção dos informantes, considerou-se que apenas os maiores de 18 anos participariam da pesquisa, bem como o fato de terem nascido apenas em Tefé, Itacoatiara e Manacapuru e que estivessem vivendo em Manaus há pelo menos cinco anos.

De acordo com Santos (2012), a pesquisa de campo deve começar pelo mapeamento histórico-geográfico de uma dada área a ser estudada, ou seja, a área urbana da cidade de Manaus somente. Em seguida, selecionaram-se os informantes cujas falas foram objeto da pesquisa. A próxima fase da pesquisa, a coleta de dados *in loco* pela entrevistadora, consistiu na aplicação de um questionário semântico-lexical, num total de 293 questões, elaboradas da seguinte maneira:

- Da questão 1 a 199 – questões retiradas do ALAM (CRUZ, 2004);
- Da questão 200 a 218 – questões acrescentadas pela entrevistadora para o campo lexical vestuário, uma vez que é sabido que esses itens lexicais variam muito de região para região;
- Da questão 219 a 266 – questões retiradas do ALAM, referentes a superstições e lendas;
- Da questão 267 a 291 – questões retiradas do livro *Amazonês*;
- Da questão 292 a 293 – questões elaboradas pela entrevistadora para avaliar a identidade.

O questionário semântico-lexical(QSL) abarcou os seguintes campos semânticos, provenientes do ALAM, tal qual como lá ele se apresenta:

(I) Meio Físico:

(a) A Terra e os Rios;

(b) Fenômenos Atmosféricos (astros, clima, etc.)

(II) Meio Biótico:

(a) Fauna (aves, peixes, répteis, quelônios e mamíferos);

(b) Flora (aquática e terrestre)

(III) Meio Antrópico:

(a) O Homem (características físicas, relações familiares, alimentação e saúde, habitação, vestuário e calçados, crenças, superstições e lendas, relações sociais – ciclos de vida, vida social, expressões populares). O questionário completo consta no Apêndice.

2.2 Os Informantes

Foram escolhidos seis informantes por município, sendo três homens e três mulheres, perfazendo um total de 18 informantes, aos quais foi apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido devidamente aprovado pelo Comitê de Ética, que faz parte do Anexo. A descrição

do perfil desses informantes, bem como a ficha do informante encontram-se nos apêndices. Para melhor visualização, as características dos informantes foram dispostas em tabela, conforme segue:

SUJEITOS	CIDADE	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	Anos em MANAUS
D.R.M	Tefé	F	27 anos	8ª série	13 anos
C.G.A.	Tefé	F	36 anos	5ª série	12 anos
M.L.M	Tefé	F	57 anos	8ª série	35 anos
R.O.N	Tefé	M	35 anos	6ª série	20 anos
R.O.M	Tefé	M	37 anos	8ª série	27 anos
A.N.	Tefé	M	59 anos	1ª série	23 anos
J.N.S.	Itacoatiara	F	24 anos	5ª série	10 anos
E.S.N.	Itacoatiara	F	43 anos	6ª série	23 anos
R.N.P.	Itacoatiara	F	62 anos	8ª série	48 anos
A.R.P.	Itacoatiara	M	35 anos	4ª série	5 anos
R.J.G.	Itacoatiara	M	44 anos	3ª série	5 anos
A.F.R.	Itacoatiara	M	63 anos	4ª série	48 anos
R.N.S.	Manacapuru	F	35 anos	5ª série	25 anos
M.S.O	Manacapuru	F	48 anos	5ª série	42 anos
Q.R.S.	Manacapuru	F	84 anos	analfabeta	70 anos
R.R.D.	Manacapuru	M	29 anos	8ª série	13 anos
F.S.C.	Manacapuru	M	46 anos	3ª série	8 anos
A.C.S.	Manacapuru	M	59 anos	5ª série	45 anos

Quadro 1: Perfil dos informantes da pesquisa

2.3 A Transcrição de Dados

As respostas dos informantes foram gravadas num gravador digital de marca SONY ICD – PX 720, de modo que pudessem ser revisadas posteriormente. A entrevista foi não apenas gravada, mas as respostas foram também transcritas *in loco*, à medida que a entrevista foi sendo realizada, o que levou cerca de uma hora e meia. O informante R.O.N., por exemplo, não quis ser gravado, de forma que só foi possível obter seus dados devido à transcrição no momento da produção. As gravações foram ouvidas de novo uma a uma, transcritas grafematicamente e as respostas foram registradas em planilhas do programa de computador Microsoft Excel para que depois os cálculos fossem computados. Desse procedimento, resultaram listas de itens lexicais,

que foram organizadas por tabelas em ordem decrescente de frequência. Assim, procedeu-se à análise dos dados, conforme se verá a seguir.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Procede-se, a seguir, à análise dos dados, com a elaboração das tabelas de acordo com o léxico encontrado nos informantes provenientes dos municípios de Tefé, Itacoatiara e Manacapuru, em que é possível se verificar a variação lexical obtida e posterior análise dos itens lexicais que não foram coincidentes com aqueles encontrados no ALAM e aqueles que foram coincidentes com o Amazonês, configurando a assimilação do léxico da capital pelos migrantes.

3.1 A análise comparativa entre os dados obtidos no ALAM e no *Amazonês*

Procede-se, a seguir, à análise comparativa com os dados do ALAM e após, com os do *Amazonês*.

3.1.1 Os dados da pesquisa e a comparação com o ALAM

Primeiramente, observou-se a variação lexical do questionário-semântico-lexical empregado na pesquisa, que abarca perguntas tanto do ALAM quanto do Amazonês, para, numa etapa posterior, fazer-se a comparação somente com o ALAM. Para tanto, foi construído, em seguida à apresentação dos gráficos, um quadro comparando as respostas do ALAM e as da pesquisa em que as lexias mais produtivas foram dispostas por cidade. As lexias que se alteraram, ou seja, em que o léxico empregado pelos migrantes das cidades pesquisadas pelo ALAM destoou do léxico empregado pelos migrantes residentes em Manaus, foram marcados com cores azul, verde e amarelo, em que cada cor se refere a uma cidade determinada. Vale lembrar ainda que em número absoluto pode-se dizer que são 6 informantes para cada cidade, três homens e três mulheres, significando que um informante corresponde a 17%, dois informantes correspondem a 33%, três informantes correspondem a 50%, quatro informantes correspondem a 67%, cinco informantes correspondem a 87% e seis informantes correspondem a 100%.

1. MEIO FÍSICO

A – A Terra e os Rios

01. IGARAPÉ

Como se chama um rio pequeno, de uns dois metros de largura?

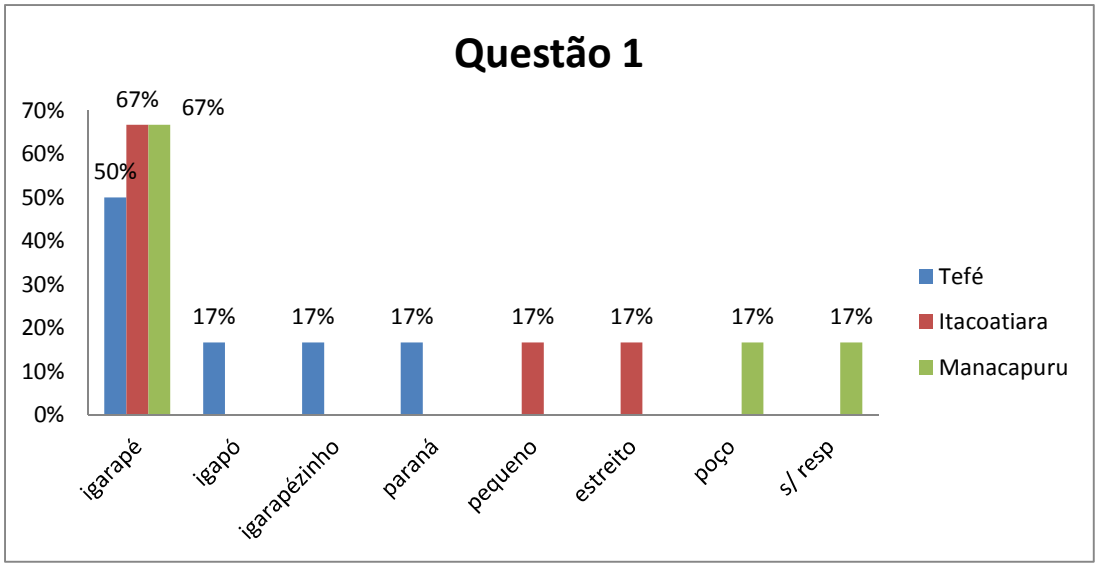


Gráfico 1: Variação lexical encontrada para a questão 1 do QSL da pesquisa

02. FOZ

Como se chama o lugar onde o rio termina ou encontra outro rio?

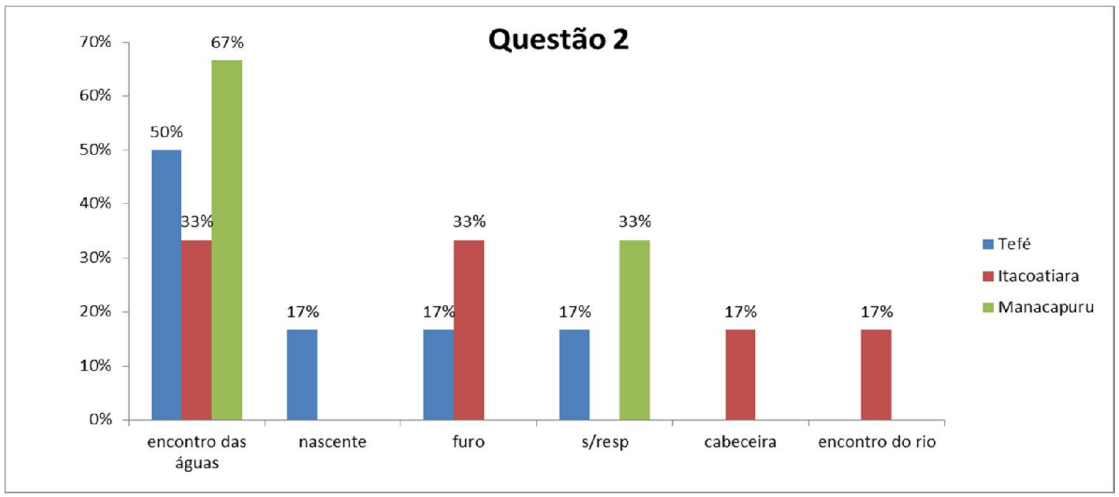


Gráfico 2: Variação lexical encontrada para a questão 2 do QSL da pesquisa

03. REDEMOINHO DE ÁGUA

Muitas vezes, num rio a água começa a girar, formando um buraco na água que puxa para baixo. Como se chama isso?

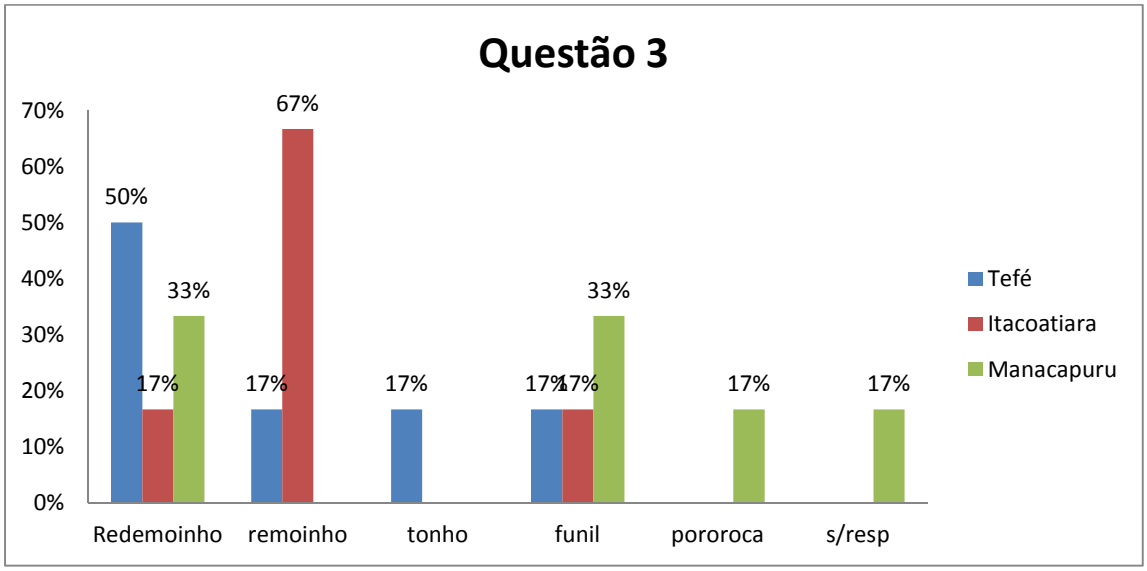


Gráfico 3: Variação lexical encontrada para a questão 3 do QSL da pesquisa

04. BANZEIRO

Como se chama o movimento das águas do rio provocado por vento ou pela passagem de barcos?

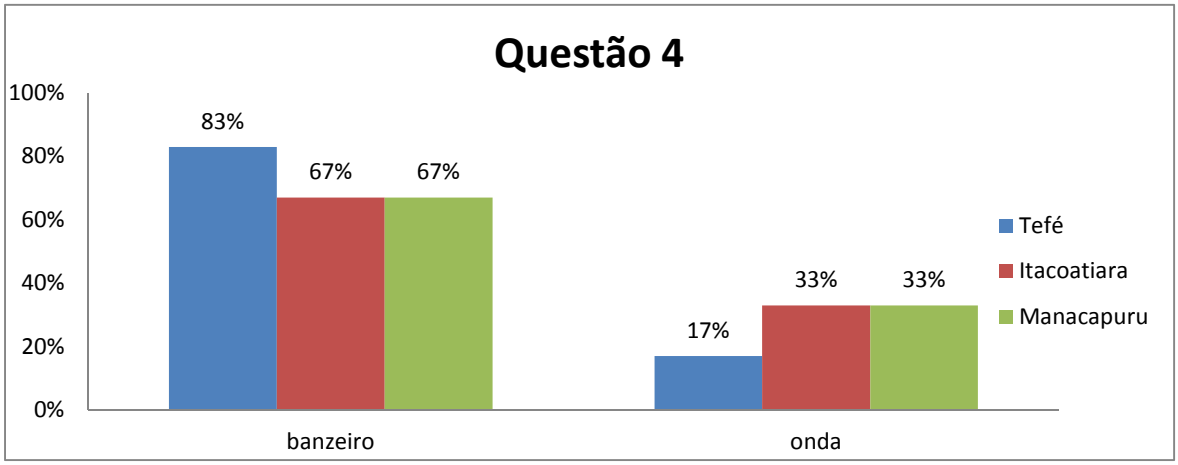


Gráfico 4: Variação lexical encontrada para a questão 4 do QSL da pesquisa

05. BEIRA

Como se chama aquele lugar onde a água chega e bate na margem do rio?

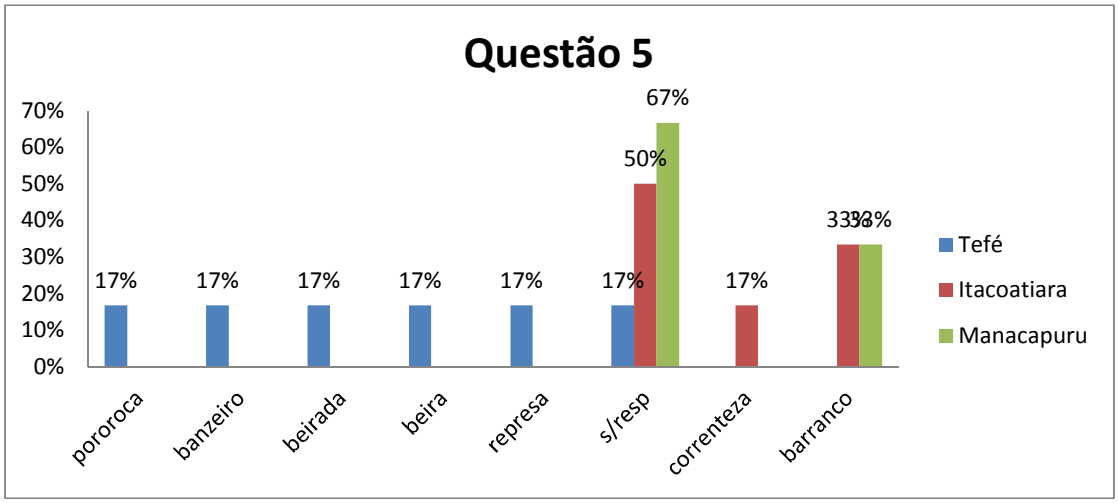


Gráfico 5: Variação lexical encontrada para a questão 5 do QSL da pesquisa

06. CORRENTEZA

Como se chama o trecho onde o rio corre com mais força?

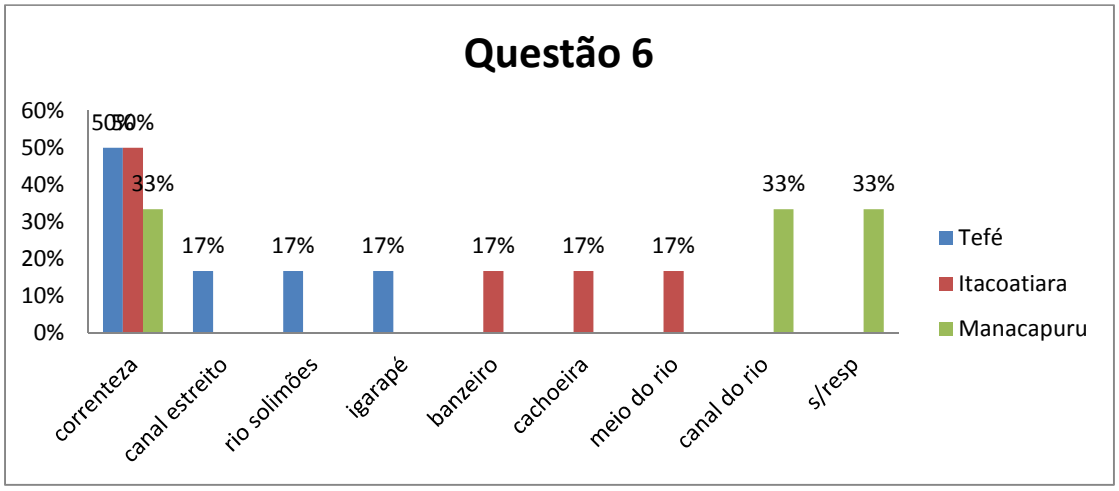


Gráfico 6: Variação lexical encontrada para a questão 6 do QSL da pesquisa

07. PONTE

Como se chama aquela construção feita, geralmente, de madeira, que liga dois pontos opostos, separados por um rio, ribeira ou vale?

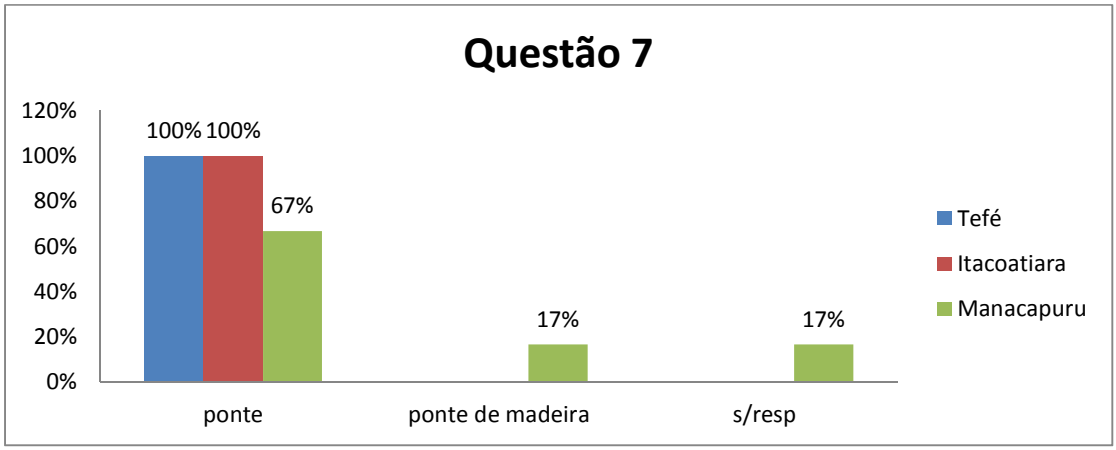


Gráfico 7: Variação lexical encontrada para a questão 7 do QSL da pesquisa

08. AREIA

Como se chamam aqueles grãozinhos finos, geralmente brancos, que ficam nas praias, onde a gente pode pisar e as crianças gostam de brincar?

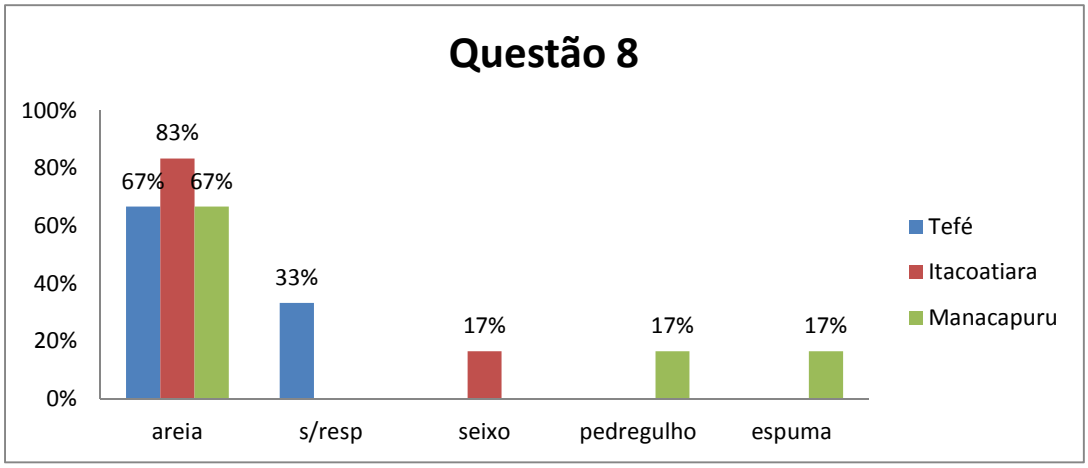


Gráfico 8: Variação lexical encontrada para a questão 8 do QSL da pesquisa

09. POROROCA

Como se chama aquele estrondo forte que a água do rio faz, que acontece próximo à foz do rio Amazonas e que pode destruir tudo o que estiver por perto?

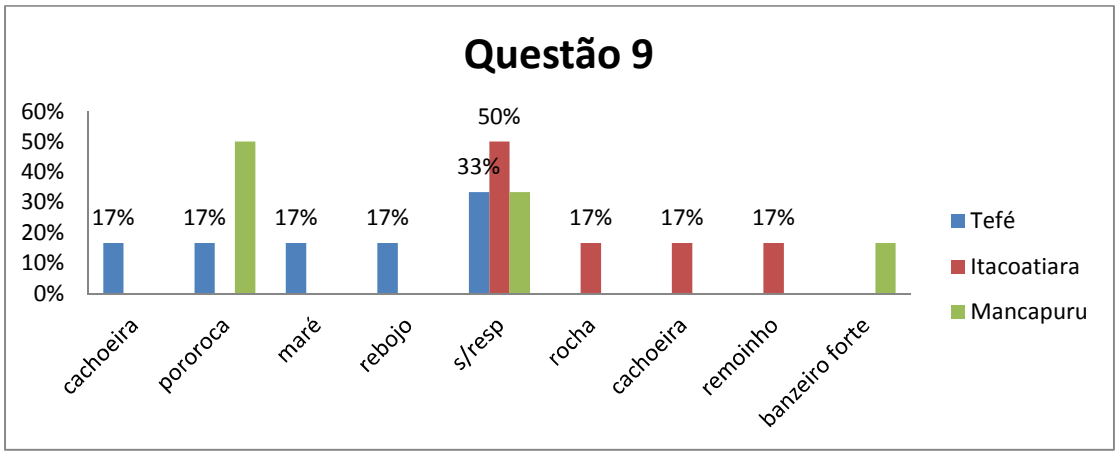


Gráfico 9: Variação lexical encontrada para a questão 9 do QSL da pesquisa

10. MARESIA

Como se chama o mau cheiro do mar ou do rio na vazante?

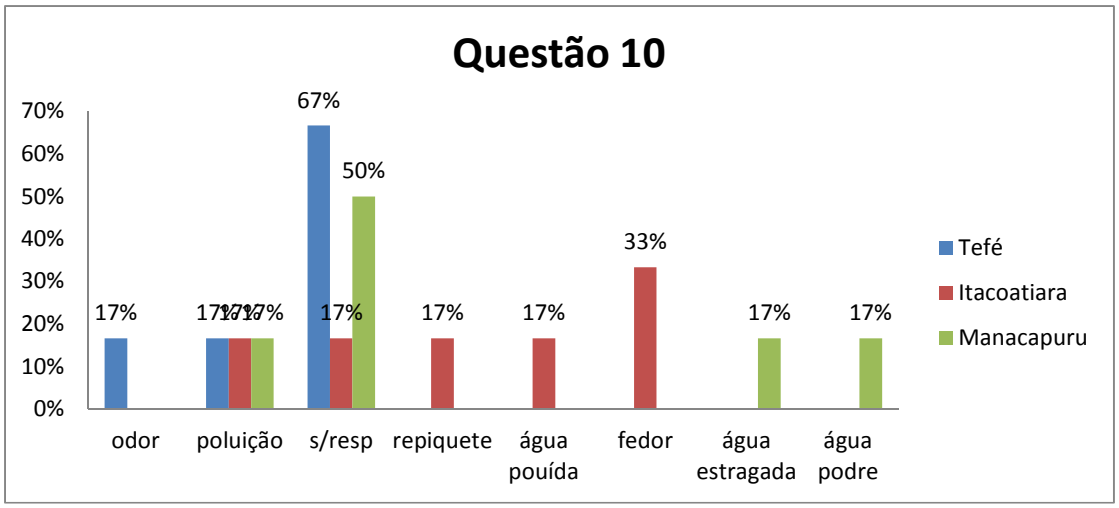


Gráfico 10: Variação lexical encontrada para a questão 10 do QSL da pesquisa

11. REPIQUETE

Qual o nome que se dá a uma enchente forte e passageira? Quando o rio volta a encher de repente, quando a enchente já está quase terminando?

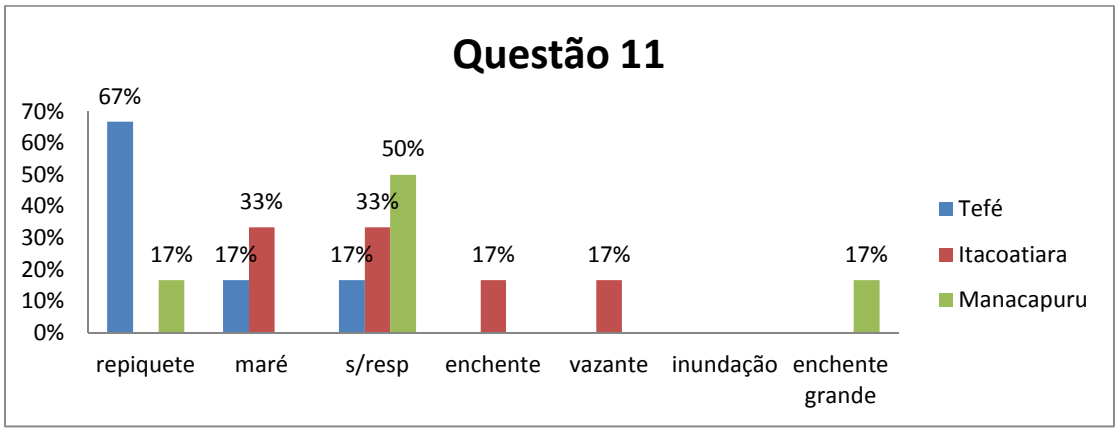


Gráfico 11: Variação lexical encontrada para a questão 11 do QSL da pesquisa

12. MARÉ

Qual o nome que se dá àquele movimento das águas do mar ou dos rios, que faz com que as águas subam ou desçam, duas vezes por dia?

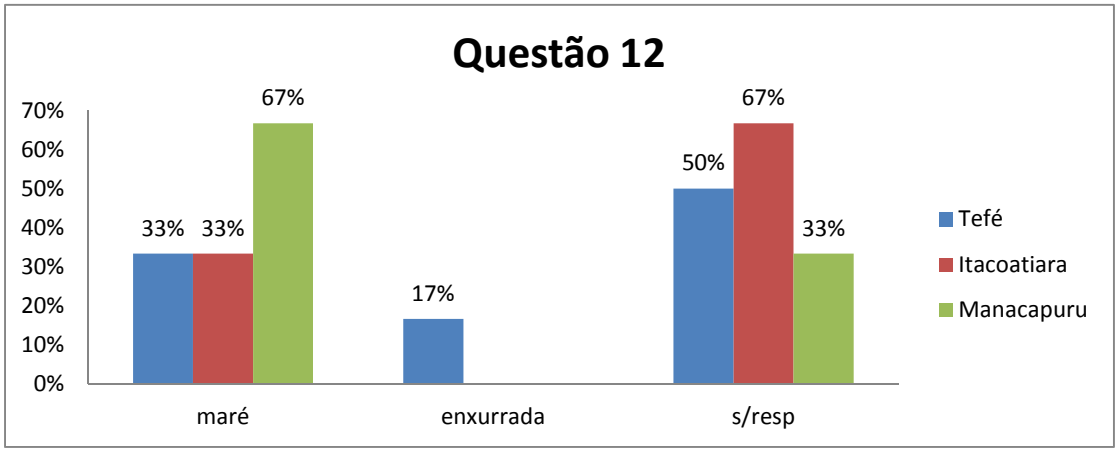


Gráfico 12: Variação lexical encontrada para a questão 12 do QSL da pesquisa

13. REMANSO

E aquele trecho de rio, após as corredeiras, onde as águas se espalham, acabando quase que totalmente a correnteza?

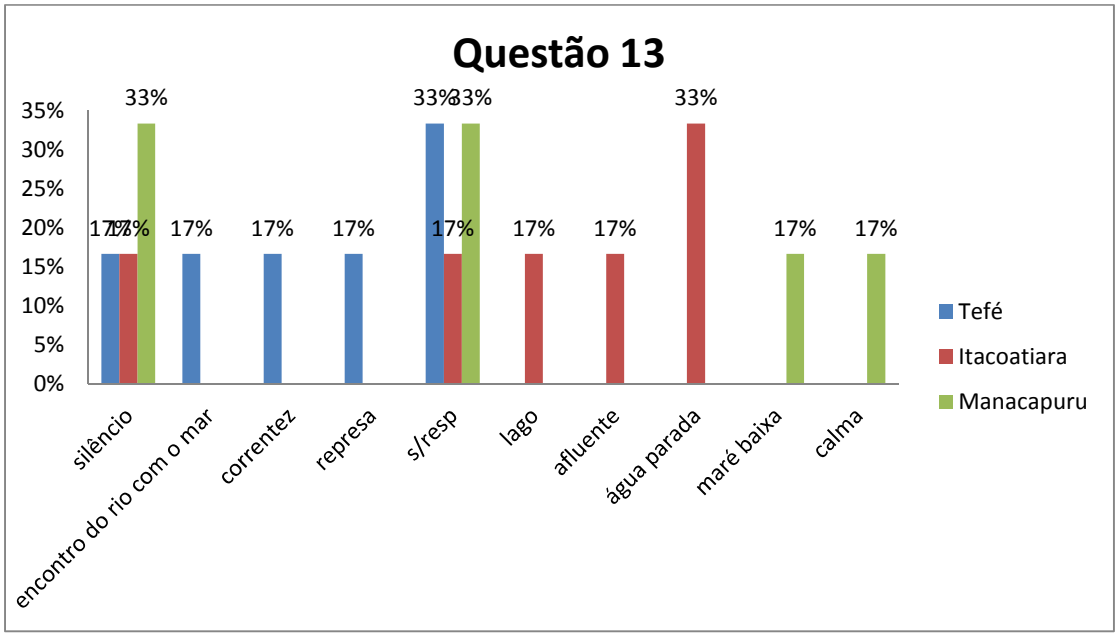


Gráfico 13: Variação lexical encontrada para a questão 13 do QSL da pesquisa

14. VAZANTE

E o período em que o rio apresenta o menor volume de água? É o melhor período para a pesca?

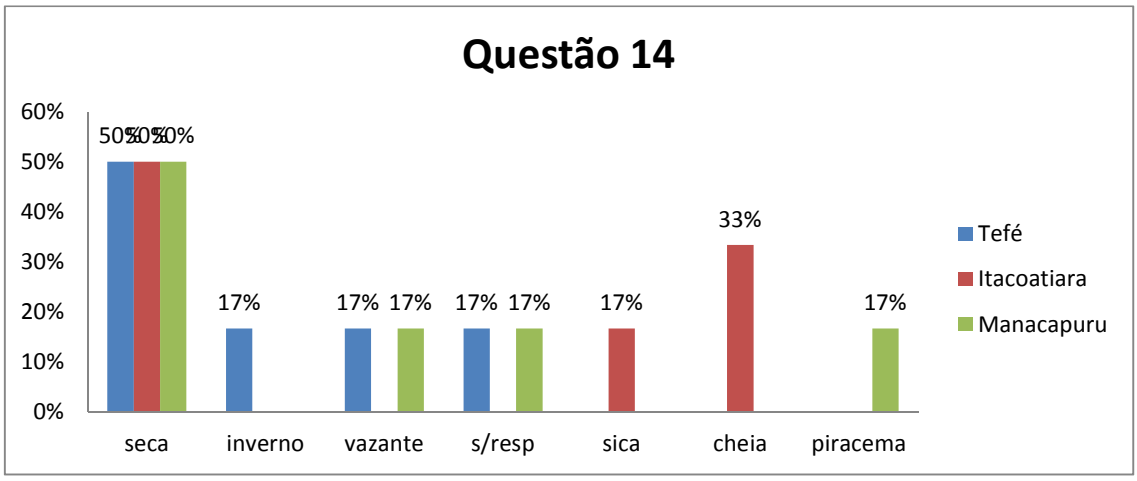


Gráfico 14: Variação lexical encontrada para a questão 14 do QSL da pesquisa

15. TIPITINGA

Como se chama aquelas águas barrentas, mas esbranquiçadas?

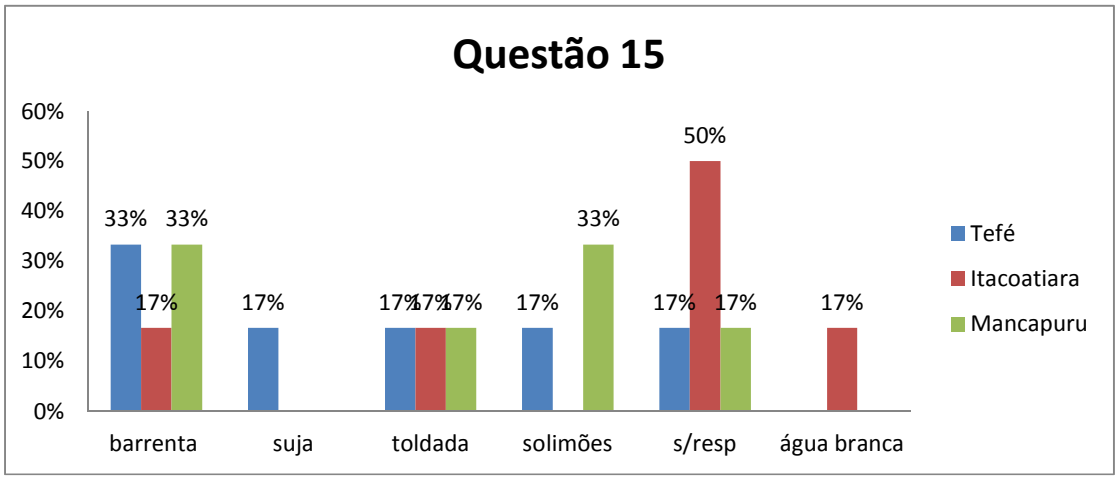


Gráfico 15: Variação lexical encontrada para a questão 15 do QSL da pesquisa

16. TIPOS DE CANAIS NATURAIS NAVEGÁVEIS

Como se chamam os atalhos de um rio que servem para encurtar o caminho?

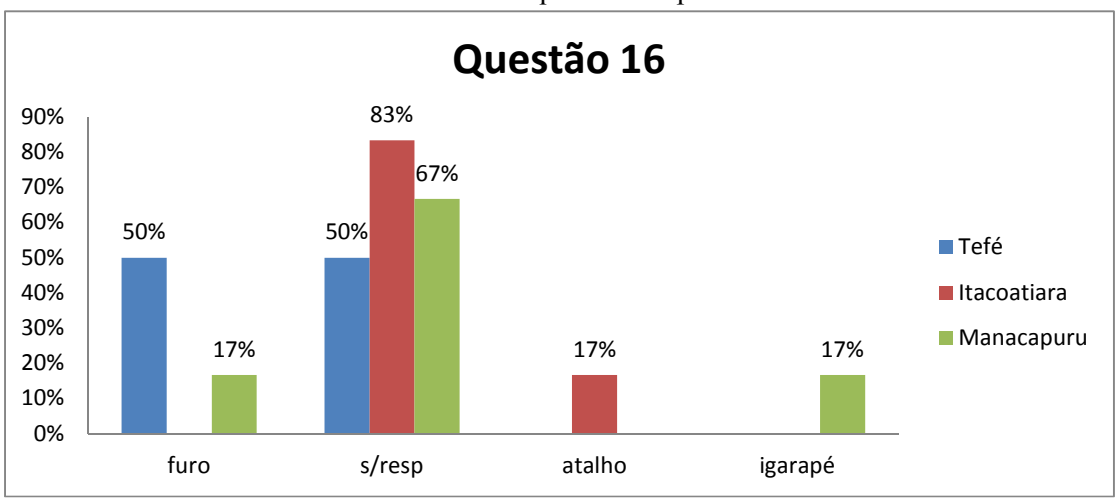


Gráfico 16: Variação lexical encontrada para a questão 16 do QSL da pesquisa

17. ESTREITO

Como se chama a ligação mais estreita que há entre os rios?

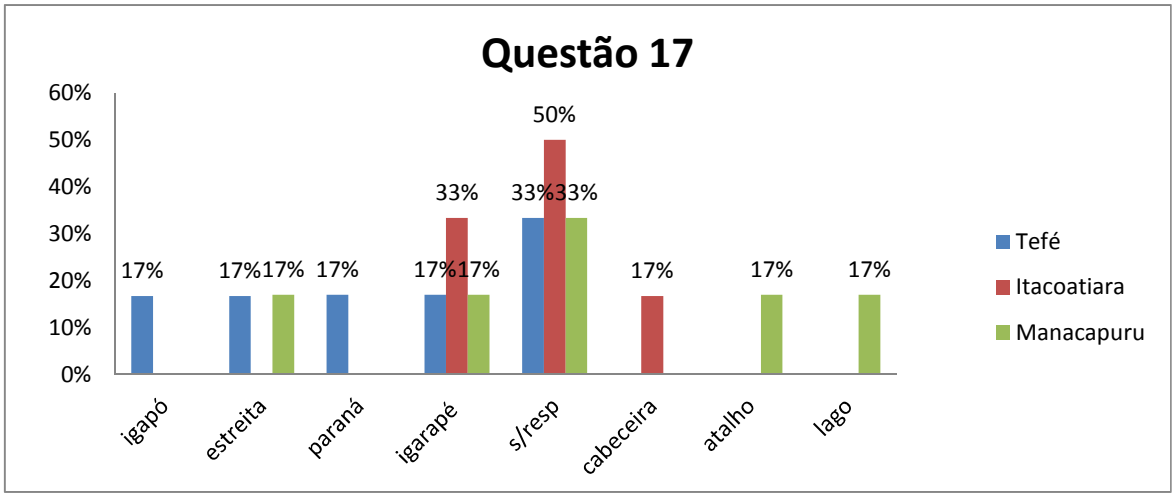


Gráfico 17: Variação lexical encontrada para a questão 17 do QSL da pesquisa

18. IGARAPÉ-AÇU

Qual o nome que se dá aos igarapés grandes?

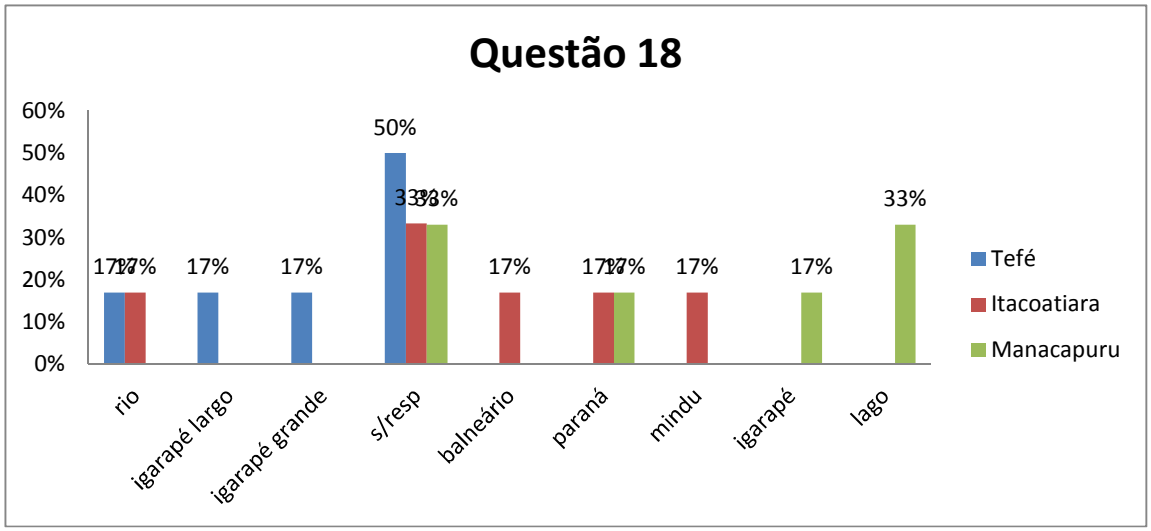


Gráfico 18: Variação lexical encontrada para a questão 18 do QSL da pesquisa

19. IGARAPÉ-MIRIM

E os igarapés menores?

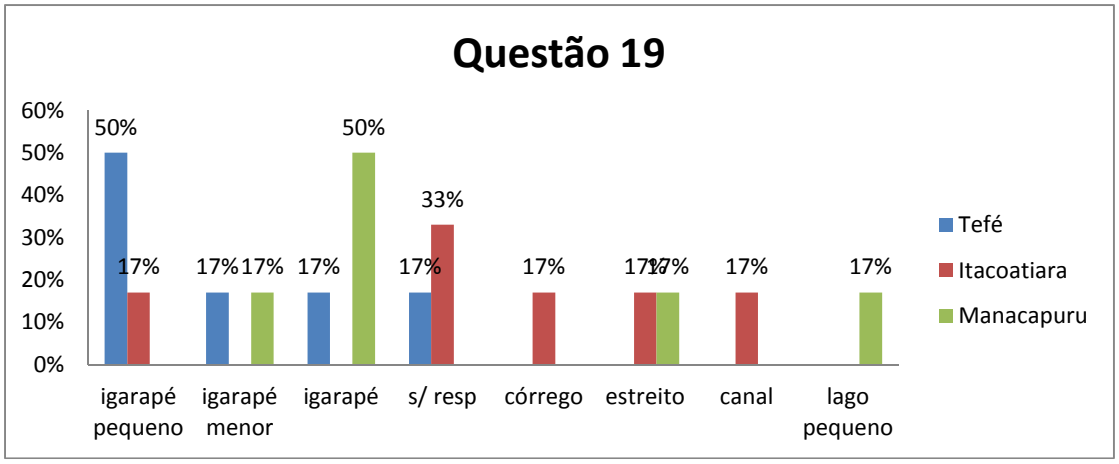


Gráfico 19: Variação lexical encontrada para a questão 19 do QSL da pesquisa

20. ROÇADO

Como se chama a queima de mato, geralmente com o fim de preparar o terreno para semear, plantar ou mesmo para limpá-lo?

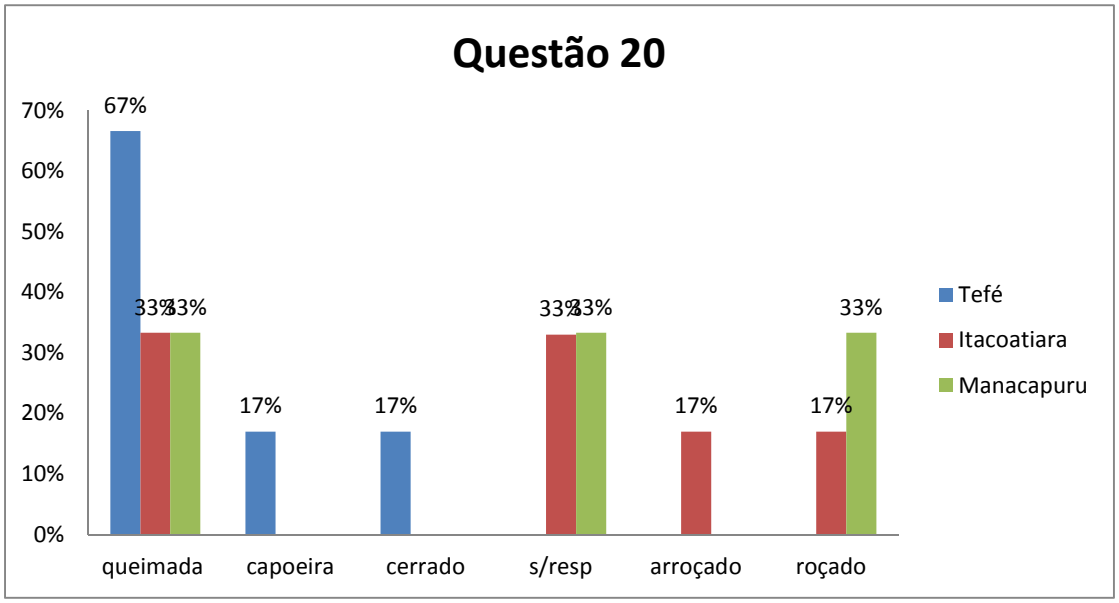


Gráfico 20: Variação lexical encontrada para a questão 20 do QSL da pesquisa

21. BARRANCO

Como se chama aquele capim flutuante que cobre completamente a superfície dos lagos e canais?

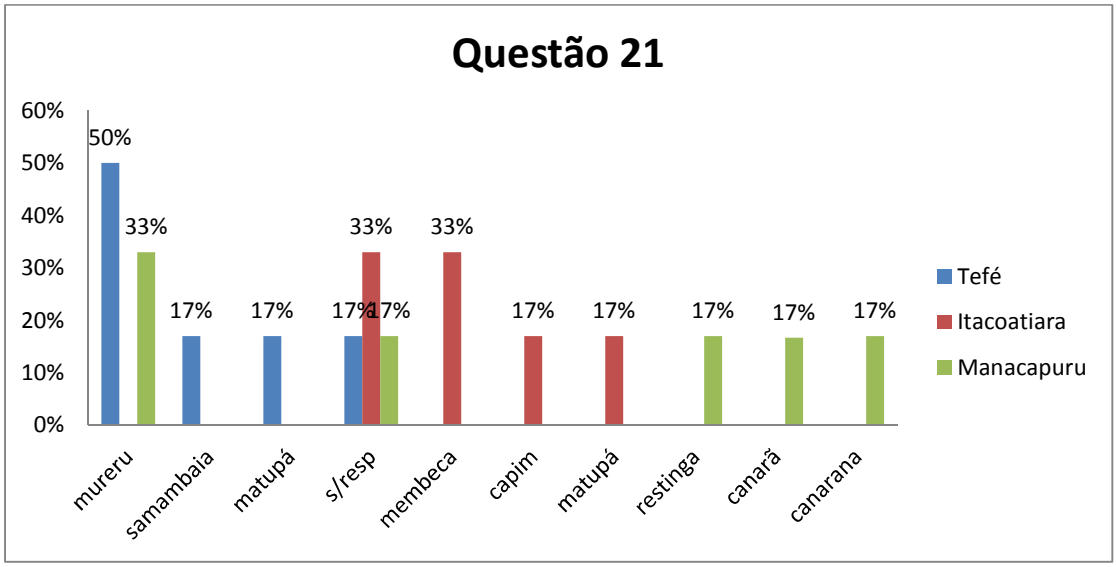


Gráfico 21: Variação lexical encontrada para a questão 21 do QSL da pesquisa

22. RESTINGA

Como se chama a área de uma terra alagadiça onde se planta juta, cacau, banana e mandioca?

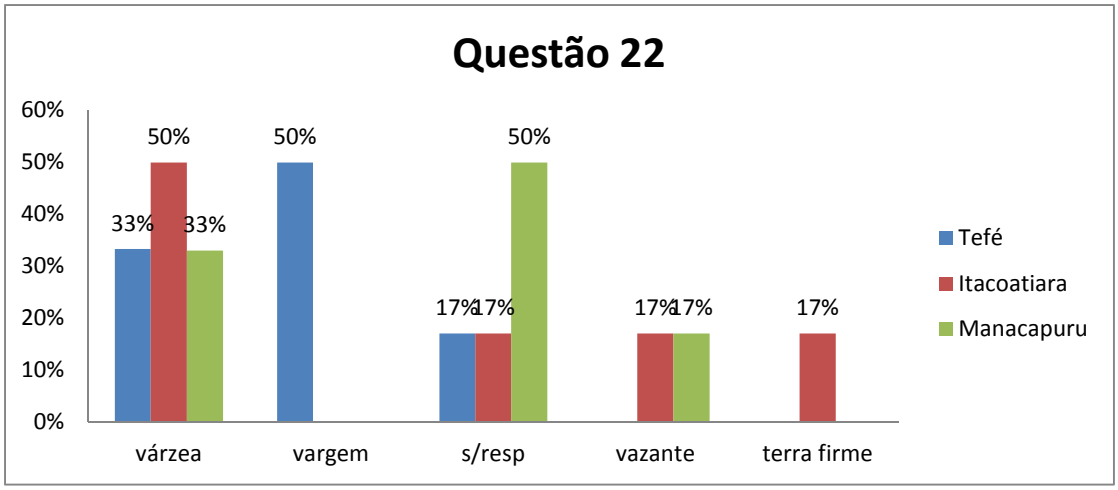


Gráfico 22: Variação lexical encontrada para a questão 22 do QSL da pesquisa

23. CACAIA

Como se chama a vazante que se transforma em restinga destruída pelo fogo?

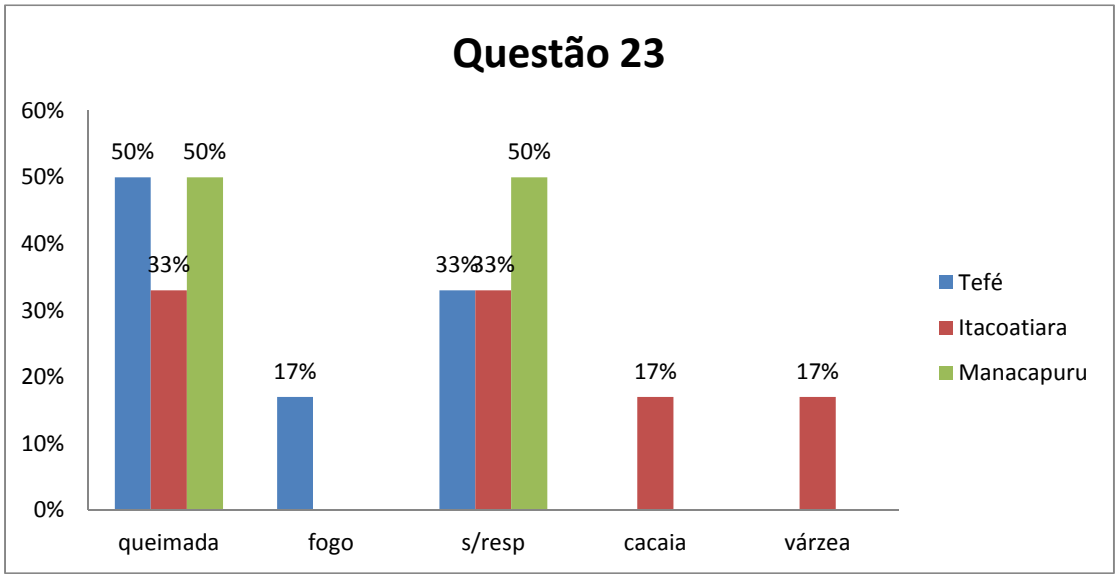


Gráfico 23: Variação lexical encontrada para a questão 23 do QSL da pesquisa

24. JUQUIRI

Qual o nome que se dá ao mato que toma a frente dos igapós?

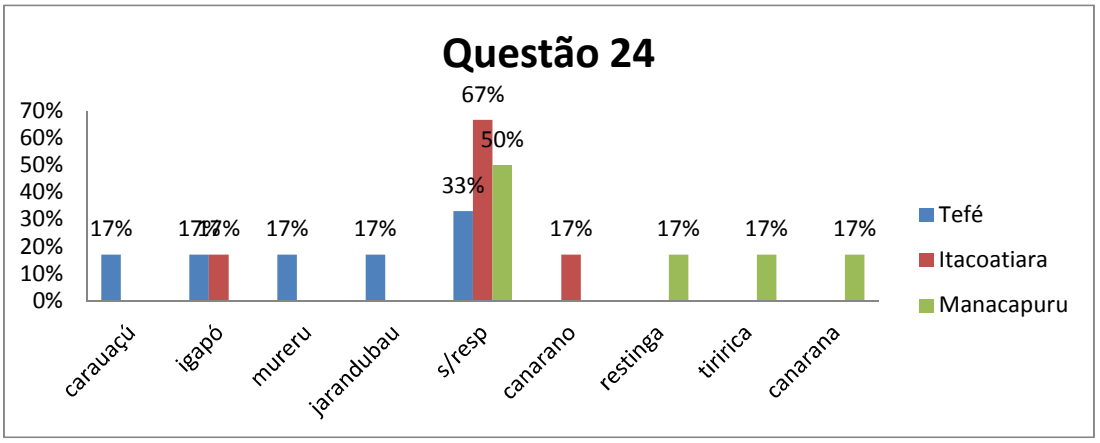


Gráfico 24: Variação lexical encontrada para a questão 24 do QSL da pesquisa

25. MURICIZAL

Como se chama o capim alto que dificulta o caminho dos terrenos alagadiços?

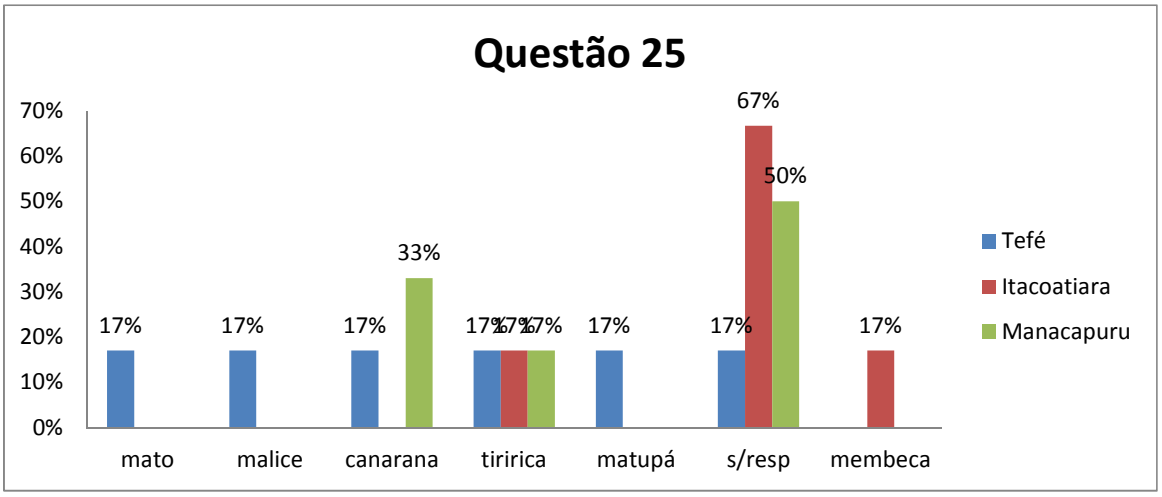


Gráfico 25: Variação lexical encontrada para a questão 25 do QSL da pesquisa

26. MATUPÁ

E o capim dentro d´água, o capim podre?

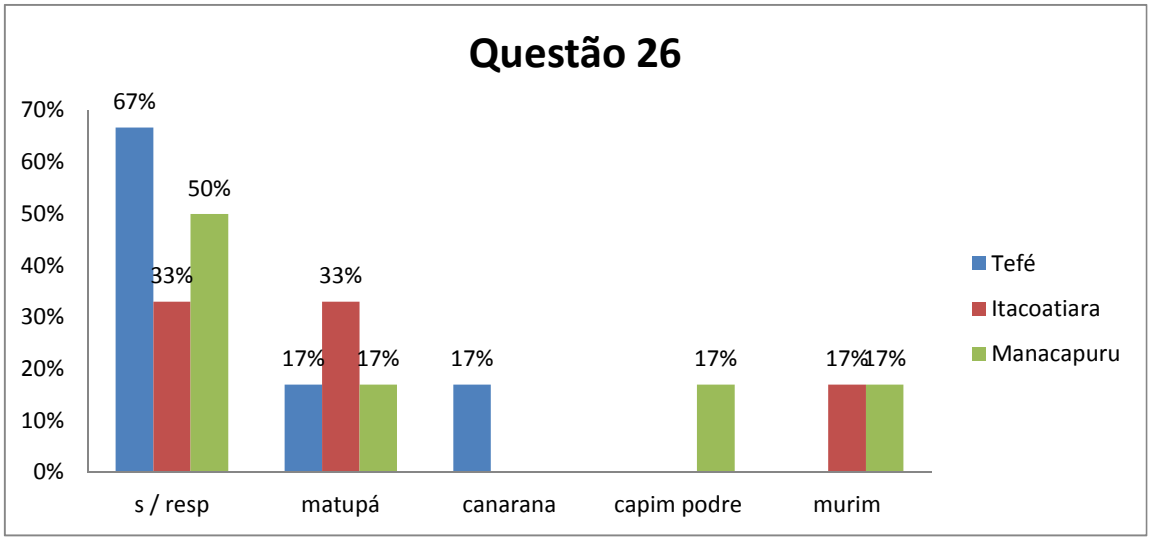


Gráfico 26: Variação lexical encontrada para a questão 26 do QSL da pesquisa

27. IGAPÓ

E o nome da mata cheia de água? O trecho de floresta onde a água, após a enchente dos rios, fica por algum tempo parada?

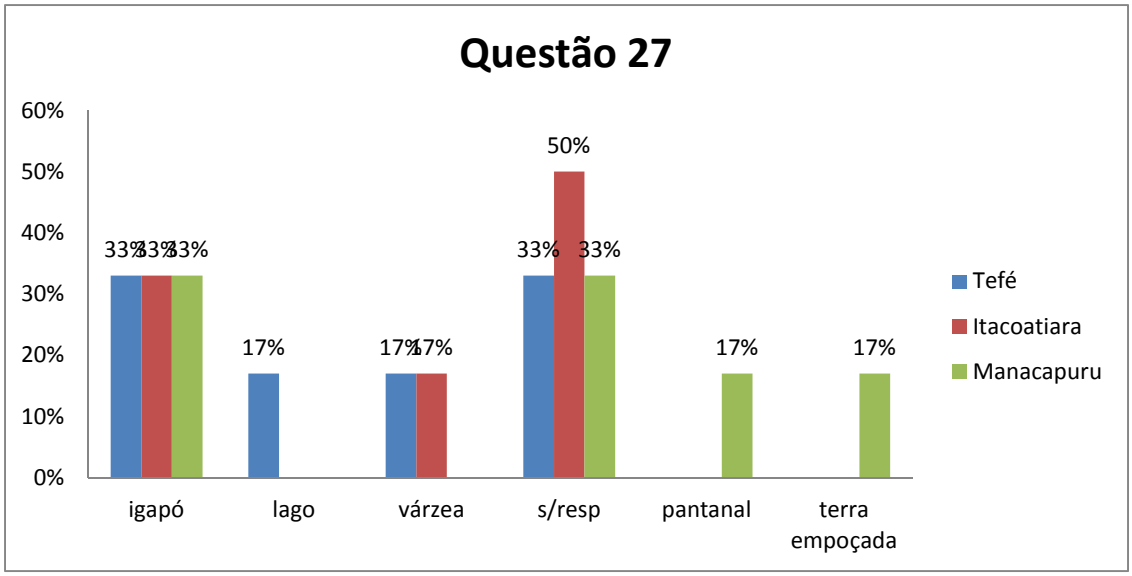


Gráfico 27: Variação lexical encontrada para a questão 27 do QSL da pesquisa

28. CANARANA

A vegetação pouco alta e entrelaçada que cresce à margem dos rios é chamada de____

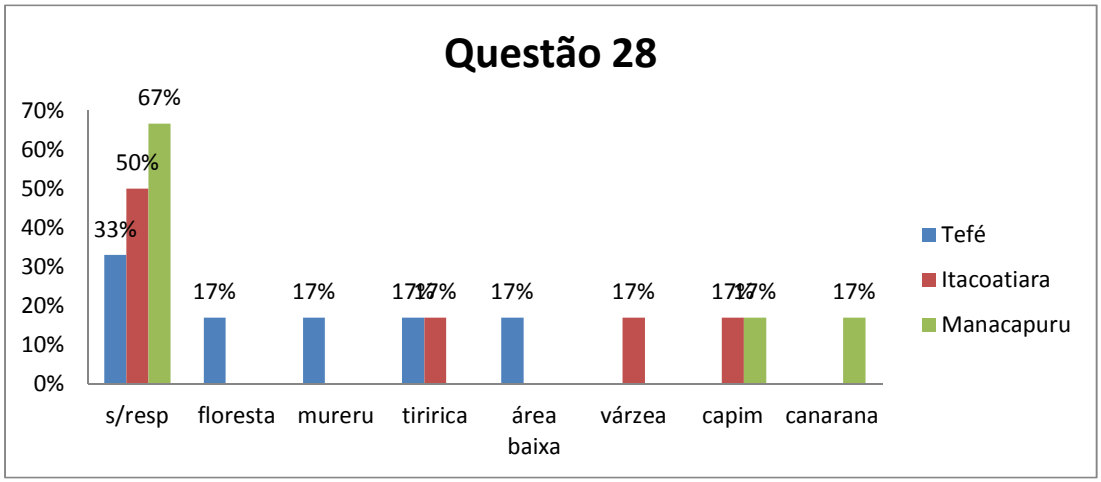


Gráfico 25: Variação lexical encontrada para a questão 25 do QSL da pesquisa

29. CHAVASCAL

Qual o nome que recebe a floresta própria de terra firme na cabeceira dos igarapés, que fica sempre inundada, mesmo na vazante?

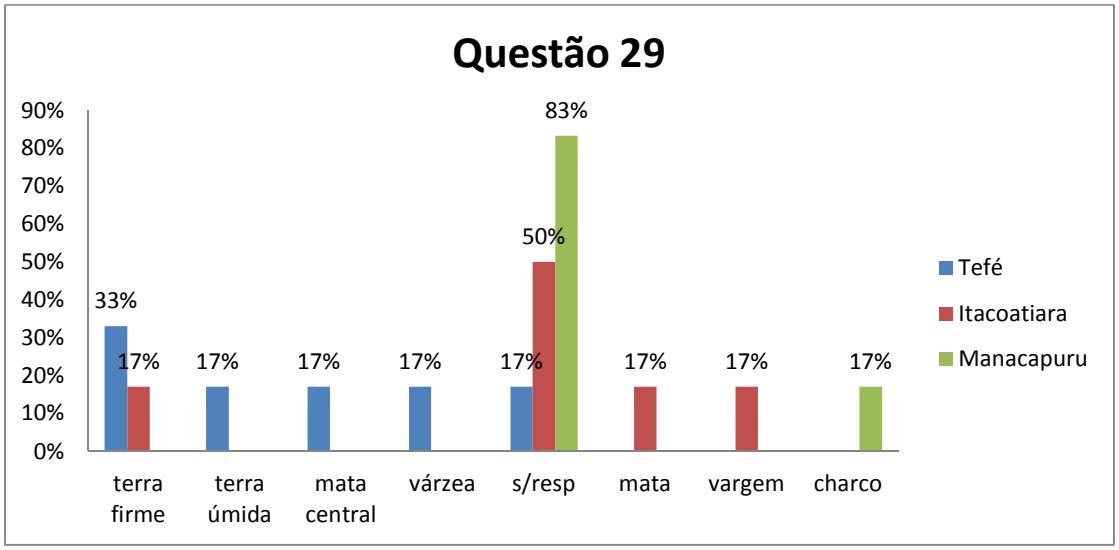


Gráfico 29: Variação lexical encontrada para a questão 29 do QSL da pesquisa

30. ANINGAL

E aquele conjunto de plantas d´água, formado de aningaúbas, comuns nos furos e ilhas flutuantes?

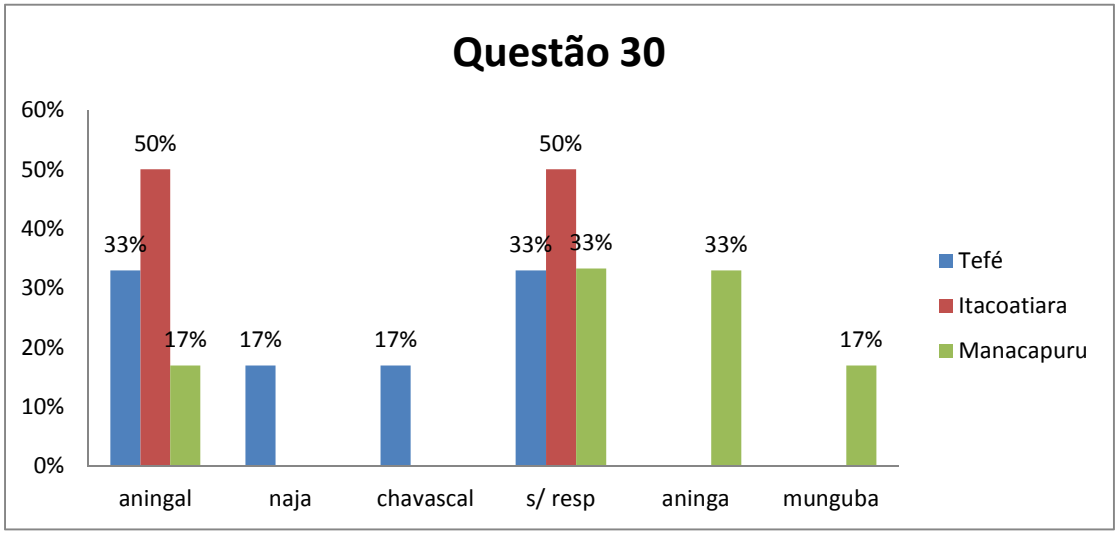


Gráfico 30: Variação lexical encontrada para a questão 30 do QSL da pesquisa

31. ACEIRO

Como se chama um terreno limpo que isola um roçado ou a mata contra o fogo?

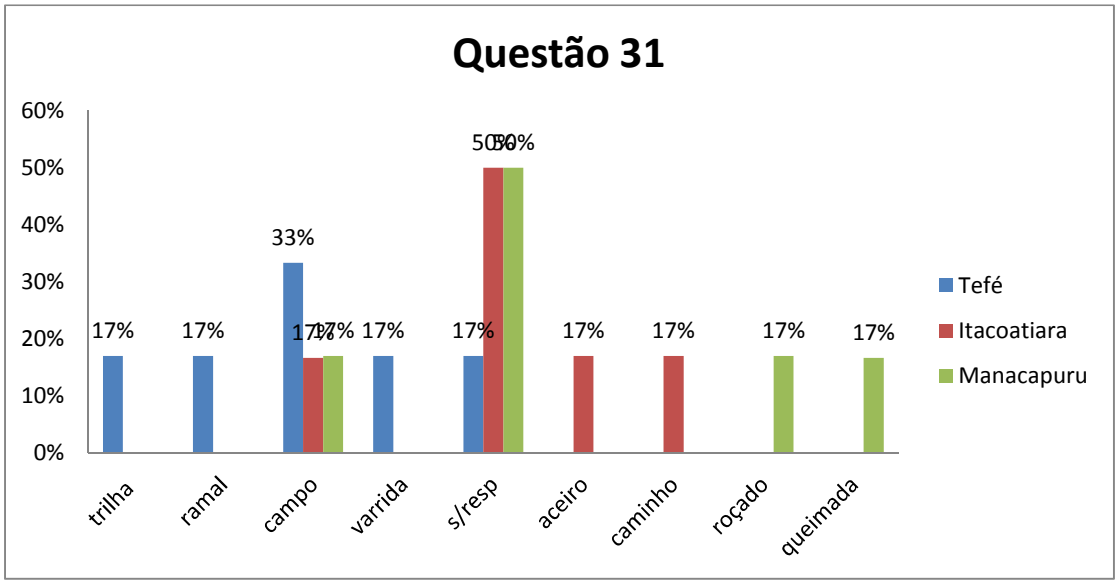


Gráfico 31: Variação lexical encontrada para a questão 31 do QSL da pesquisa

32. ARROZ

Como se chama o tipo de capim que serve de alimentação ao peixe-boi?

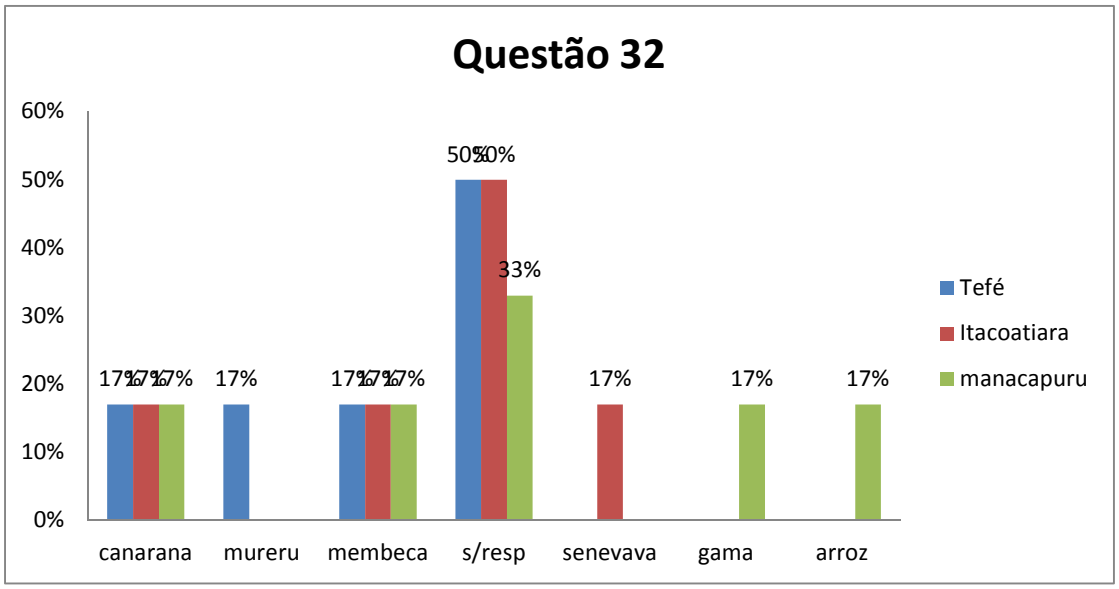


Gráfico 32: Variação lexical encontrada para a questão 32 do QSL da pesquisa

33. CAPINAR

Quando você diz que vai roçar os matos miúdos com o terçado e a foice, o que você vai fazer? Você vai_____

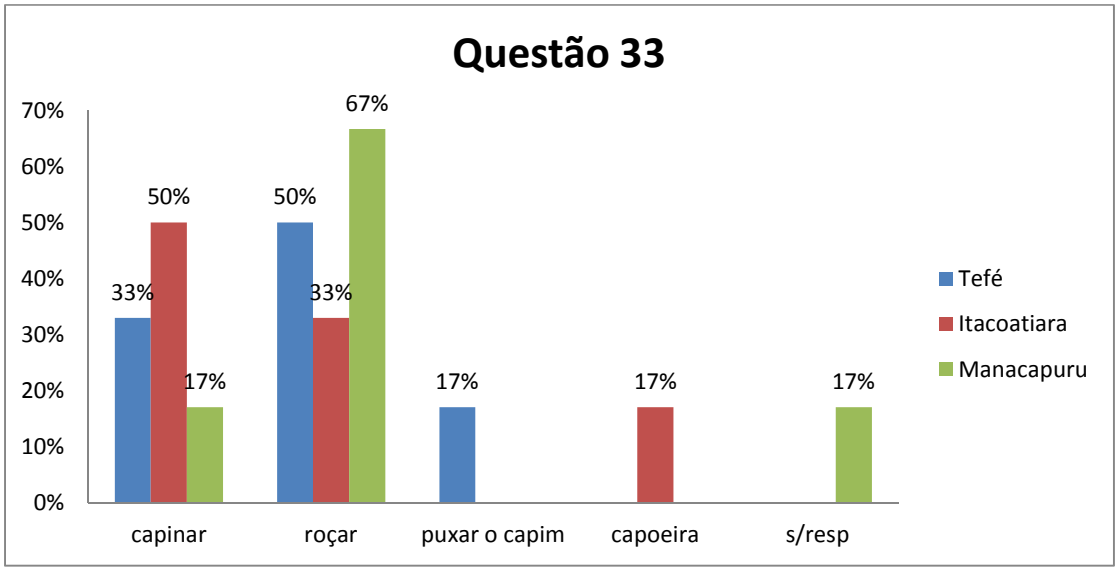


Gráfico 33: Variação lexical encontrada para a questão 33 do QSL da pesquisa

34. CAMA

Que nome se dá ao mato pequeno e baixo, roçado com o terçado?

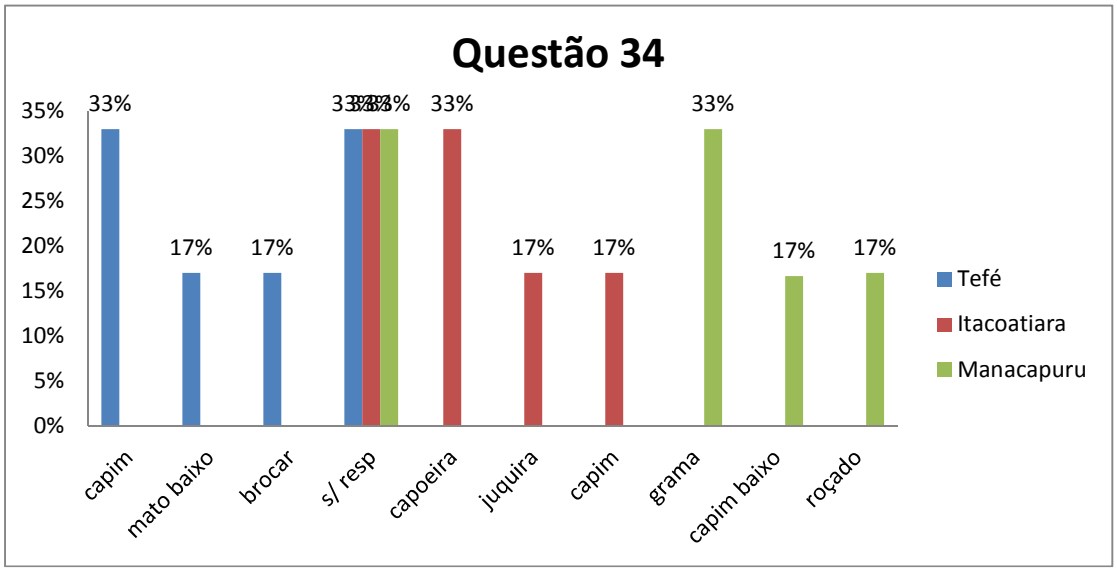


Gráfico 34: Variação lexical encontrada para a questão 34 do QSL da pesquisa

35. CHEIA GRANDE

Qual o nome que se dá quando ocorre uma enchente muito forte?

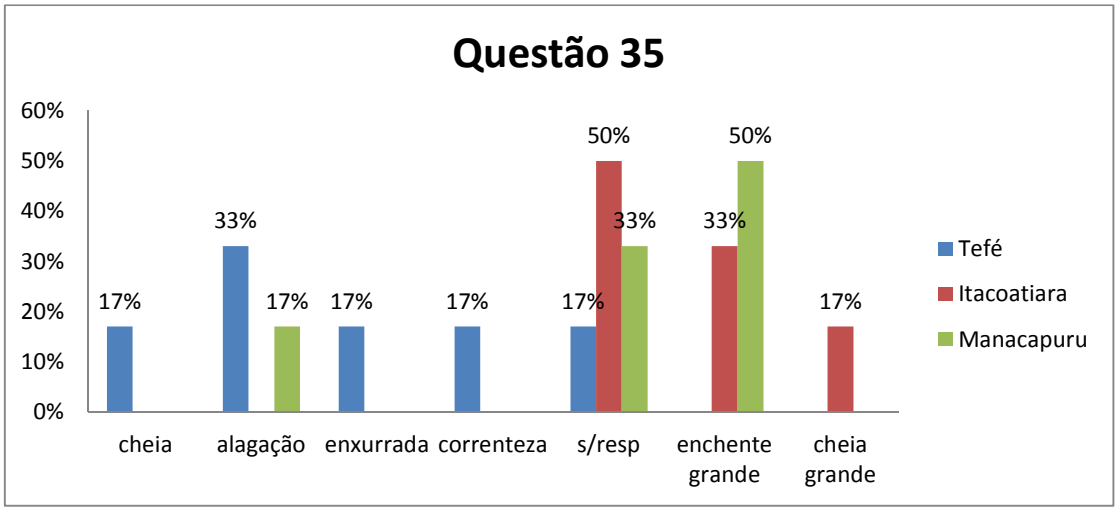


Gráfico 35: Variação lexical encontrada para a questão 35 do QSL da pesquisa

36. CIPÓ-TIMBÓ

Como se chama aquele cipó que tem veneno, que se coloca na água para matar os peixes?

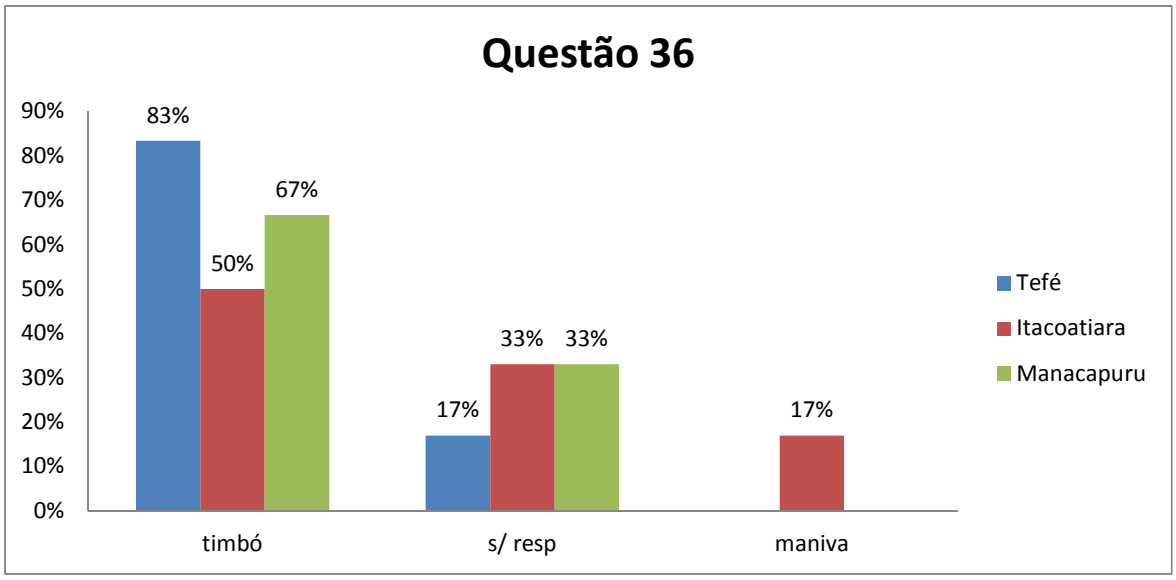


Gráfico 36: Variação lexical encontrada para a questão 36 do QSL da pesquisa

37. CISCAÇÃO

Qual o nome que se dá à limpeza de um terreno em que se tiram os paus menores e as folhas que escaparam do fogo?

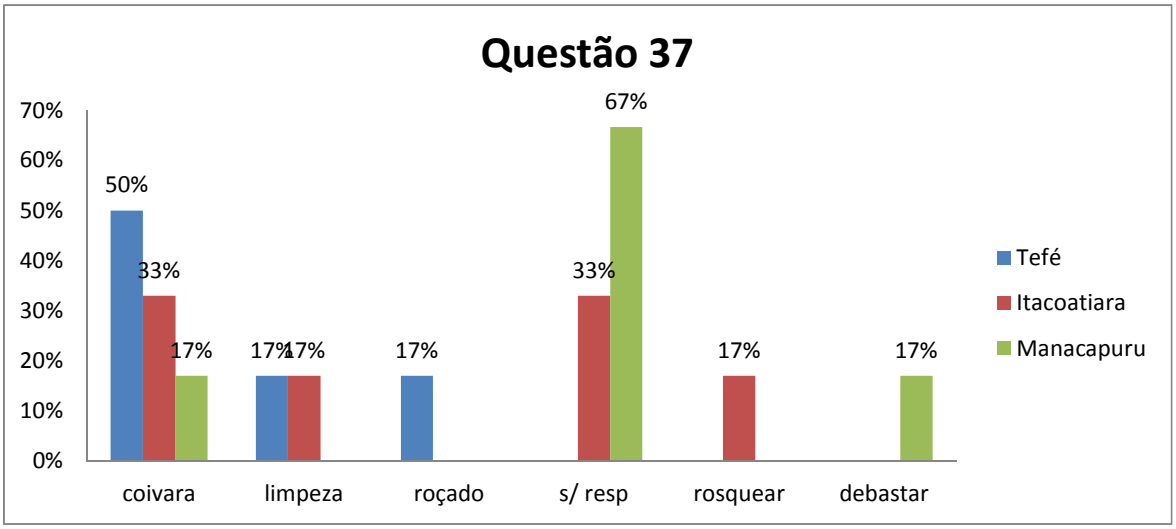


Gráfico 37: Variação lexical encontrada para a questão 37 do QSL da pesquisa

38. COIVARA

E ao conjunto de paus amontoados para serem queimados no preparo de um terreno para a plantação de mandioca, da juta ou de qualquer outro tipo de roçado?

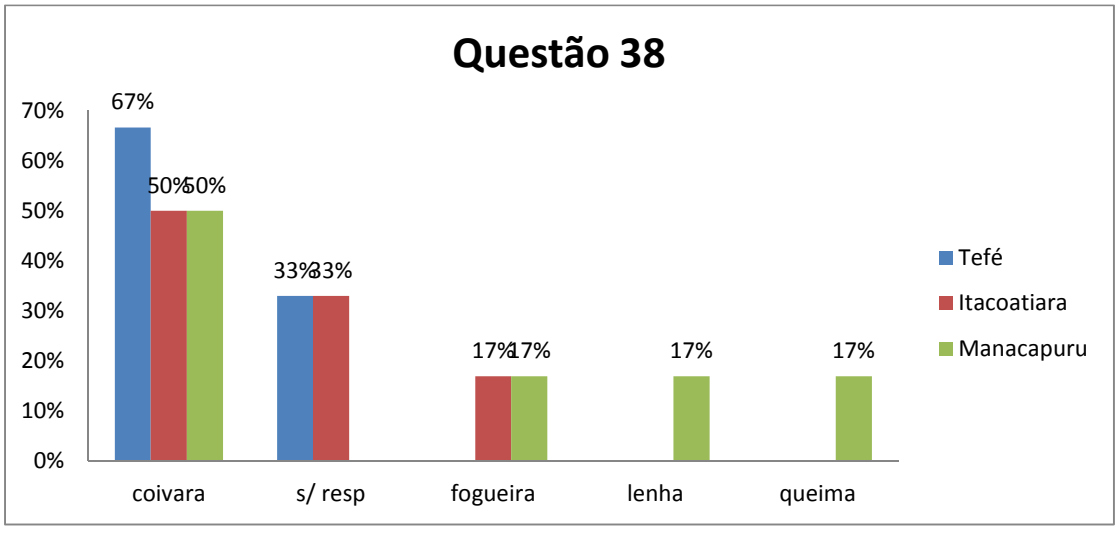


Gráfico 38: Variação lexical encontrada para a questão 38 do QSL da pesquisa

39. COVA

Como se chama o buraco feito na terra para o plantio de juta e da mandioca?

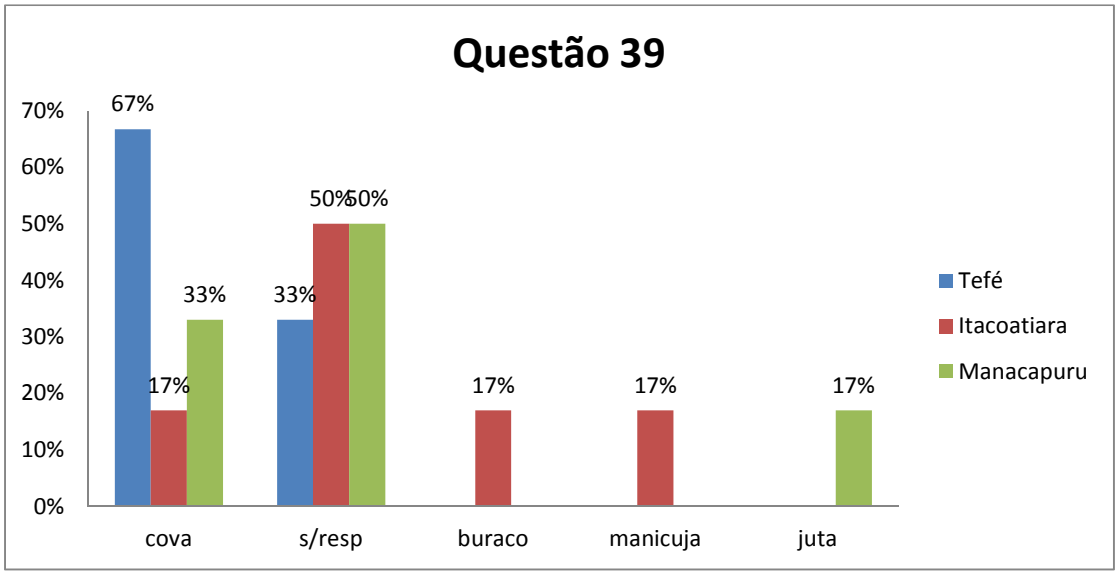


Gráfico 39: Variação lexical encontrada para a questão 39 do QSL da pesquisa

40. DESGALHAR

E a maneira de cortar, picar os galhos, na limpeza do terreno?

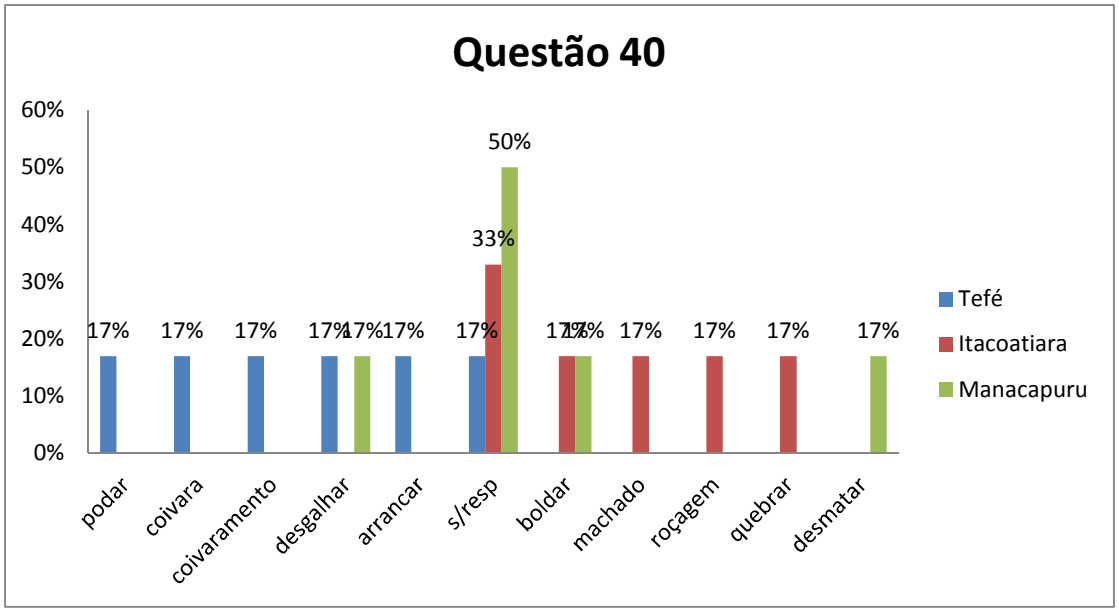


Gráfico 40: Variação lexical encontrada para a questão 40 do QSL da pesquisa

41. ROÇA

Qual o nome que se dá ao lugar onde se planta a mandioca, feijão, milho, etc. Lugar para a lavoura, onde a mata foi queimada e derrubada para se poder plantar?

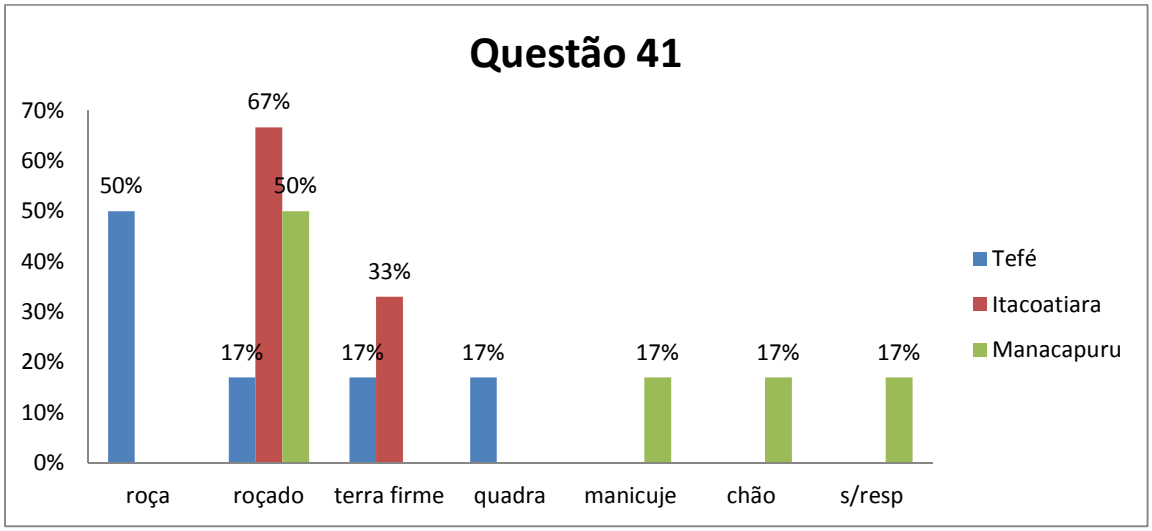


Gráfico 41: Variação lexical encontrada para a questão 41 do QSL da pesquisa

42. TERRA FIRME

Como se chama a terra um pouco alta, bem drenada e que, geralmente, não está sujeita a inundações?

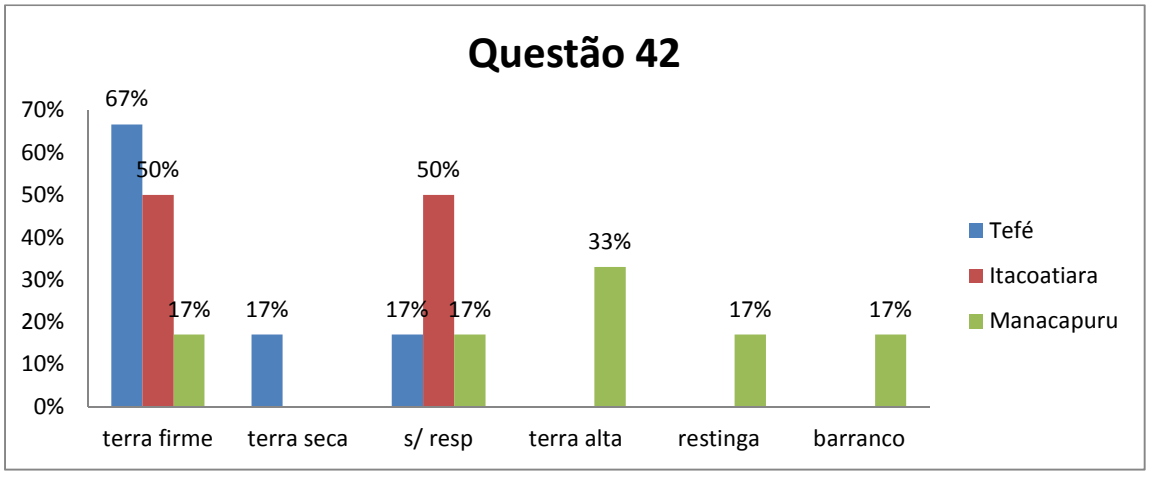


Gráfico 42: Variação lexical encontrada para a questão 42 do QSL da pesquisa

43. TERRA CAÍDA

Como se chama a terra da várzea que desmorona na beira dos capins flutuantes?

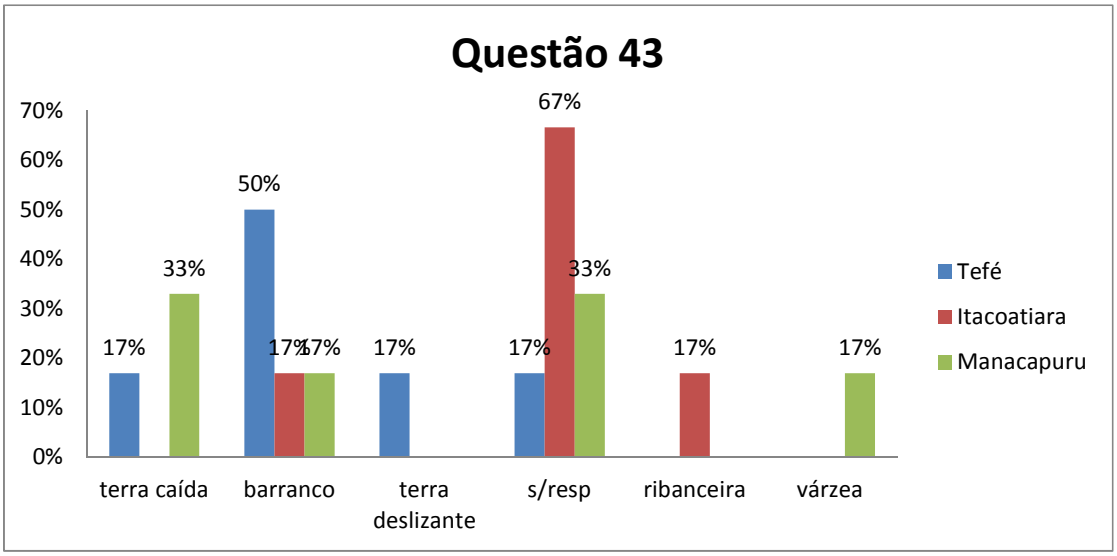


Gráfico 43: Variação lexical encontrada para a questão 43 do QSL da pesquisa

44. VARADOURO

Como se chama aquele caminho por onde se passa com a canoa, nos trechos onde não se pode navegar?

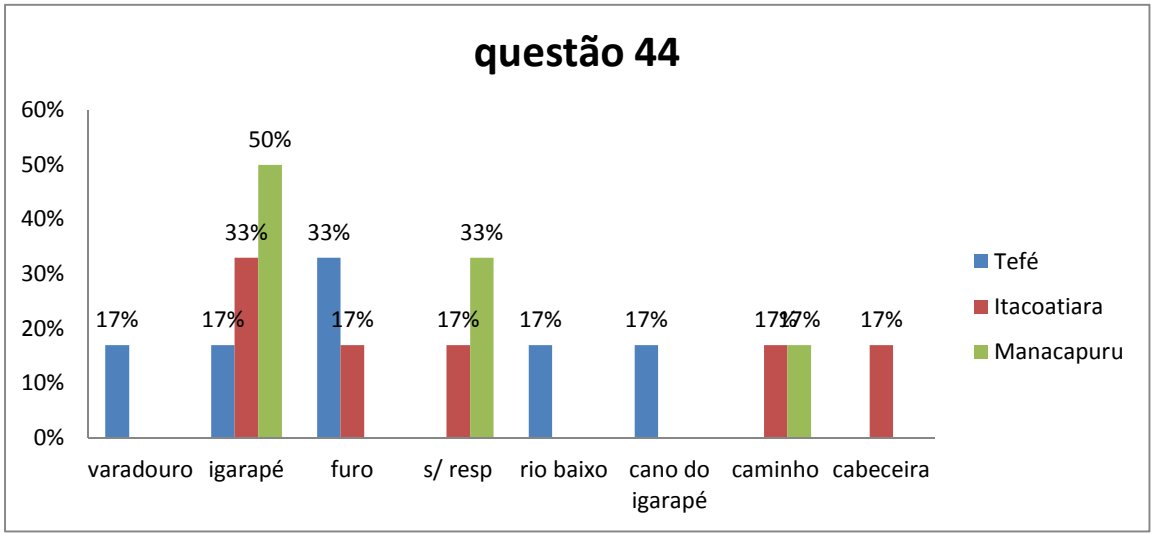


Gráfico 44: Variação lexical encontrada para a questão 44 do QSL da pesquisa

B- Fenômenos Atmosféricos

45. REDEMOINHO DE VENTO

Que nome se dá ao vento que vai virando em roda, levantando poeira, folhas e outras coisas leves?

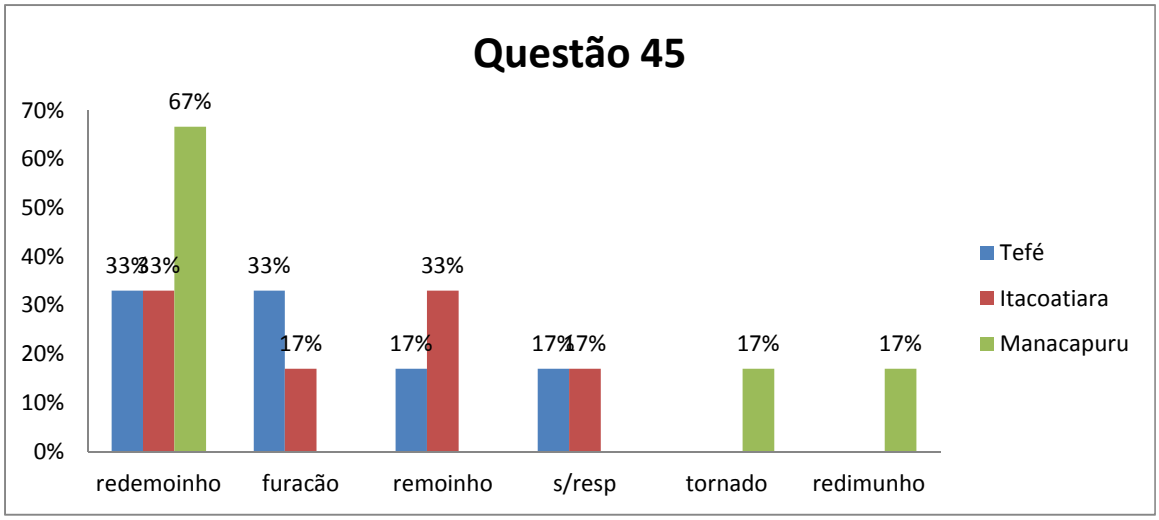


Gráfico 45: Variação lexical encontrada para a questão 45 do QSL da pesquisa

46. RELÂMPAGO

Qual o nome daquela luz que risca o céu em dias de chuva?

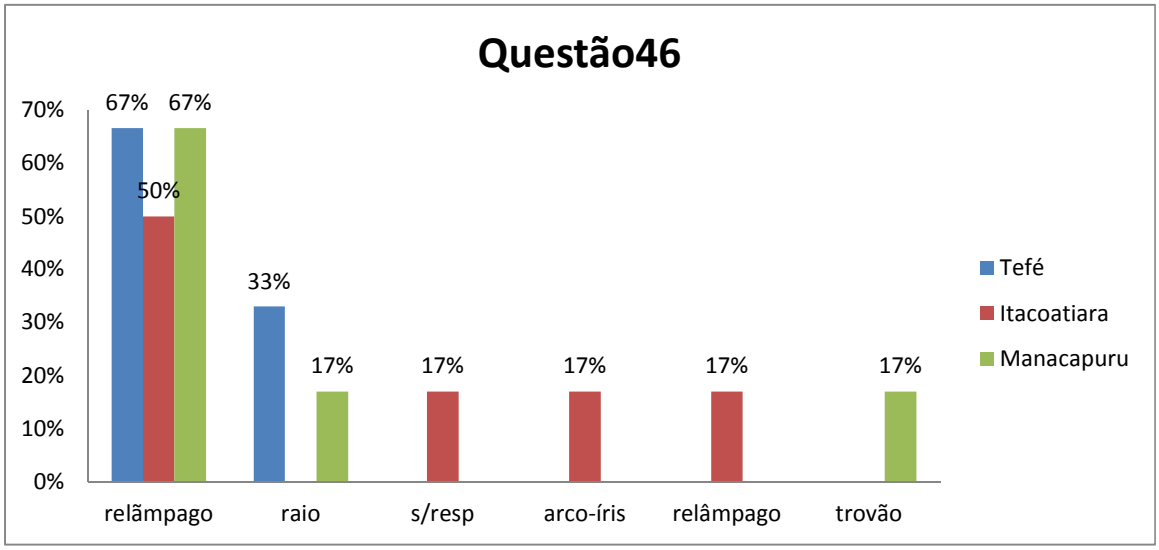


Gráfico 46: Variação lexical encontrada para a questão 46 do QSL da pesquisa

47. RAIO

E aquela luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore em dias de mau tempo?

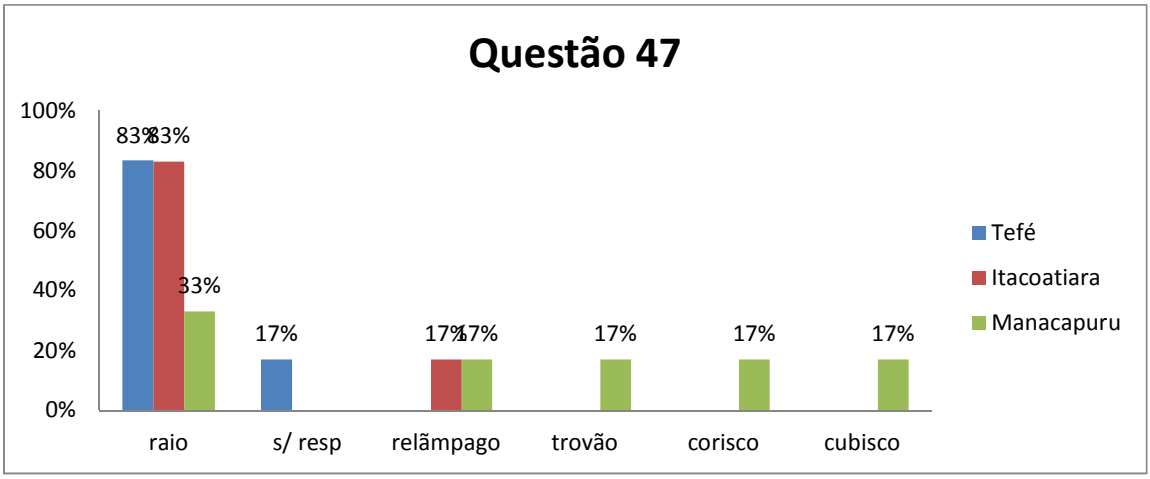


Gráfico 47: Variação lexical encontrada para a questão 47 do QSL da pesquisa

48. TROMBA D´ÁGUA

E aquela chuva de pouca duração, muito forte e pesada?

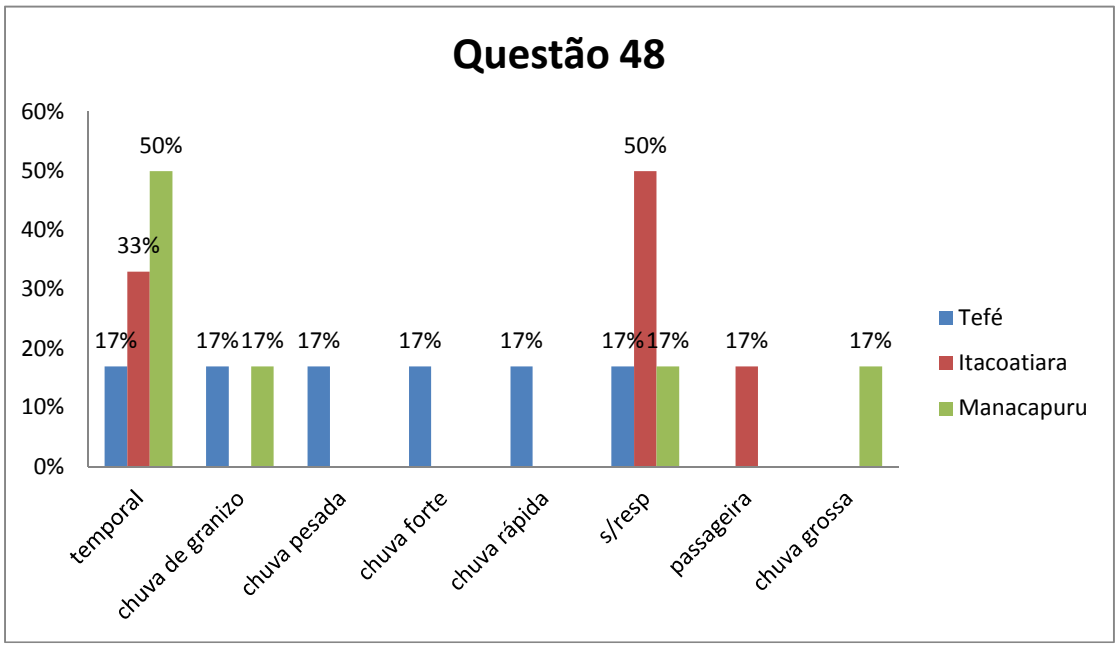


Gráfico 48: Variação lexical encontrada para a questão 48 do QSL da pesquisa

49. GAROA

E uma chuva bem fininha?

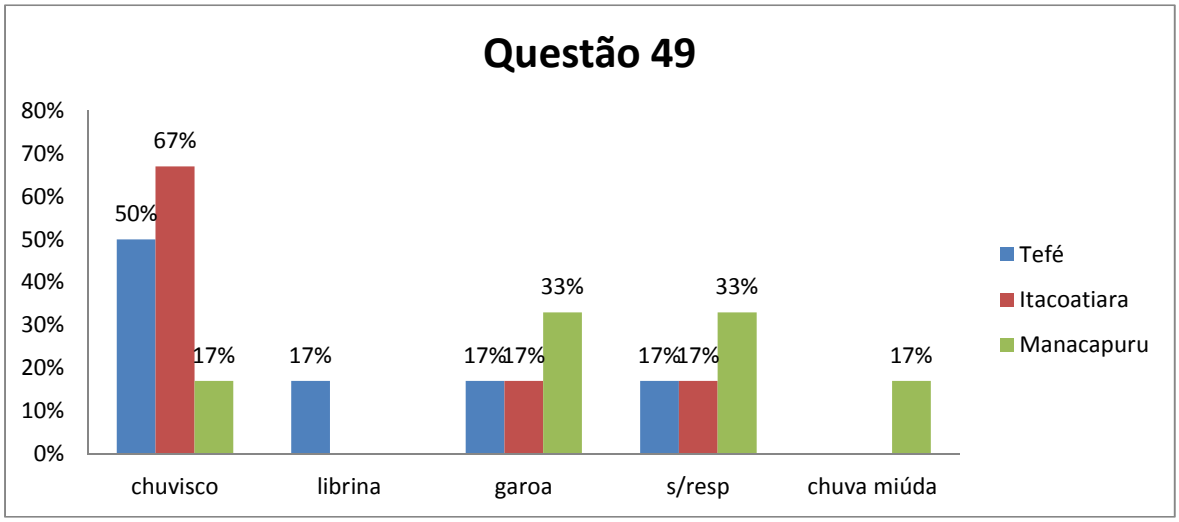


Gráfico 49: Variação lexical encontrada para a questão 49 do QSL da pesquisa

50. ARCO-ÍRIS

Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas. Que nome dão a essa faixa?

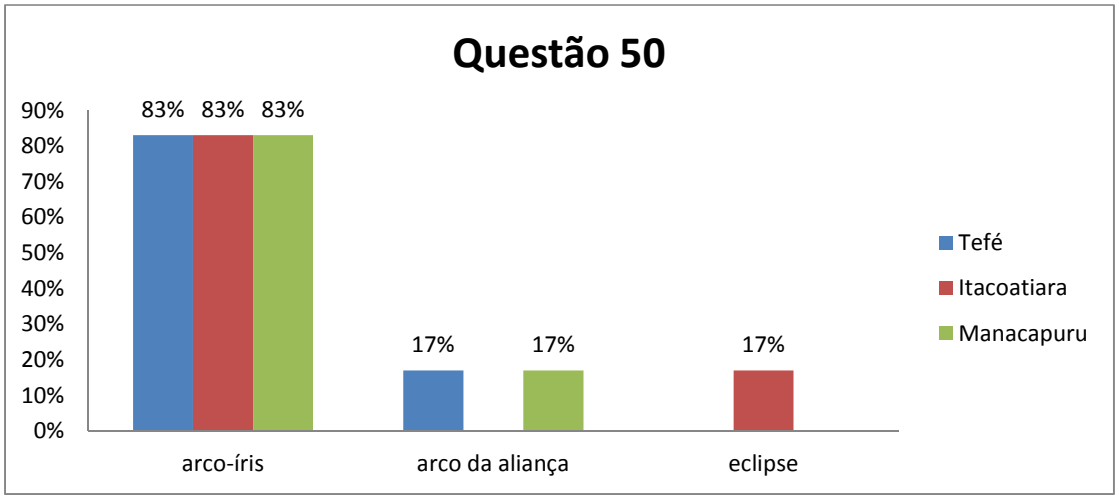


Gráfico 50: Variação lexical encontrada para a questão 50 do QSL da pesquisa

51. ORVALHO

De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como se chama aquilo que molha a grama?

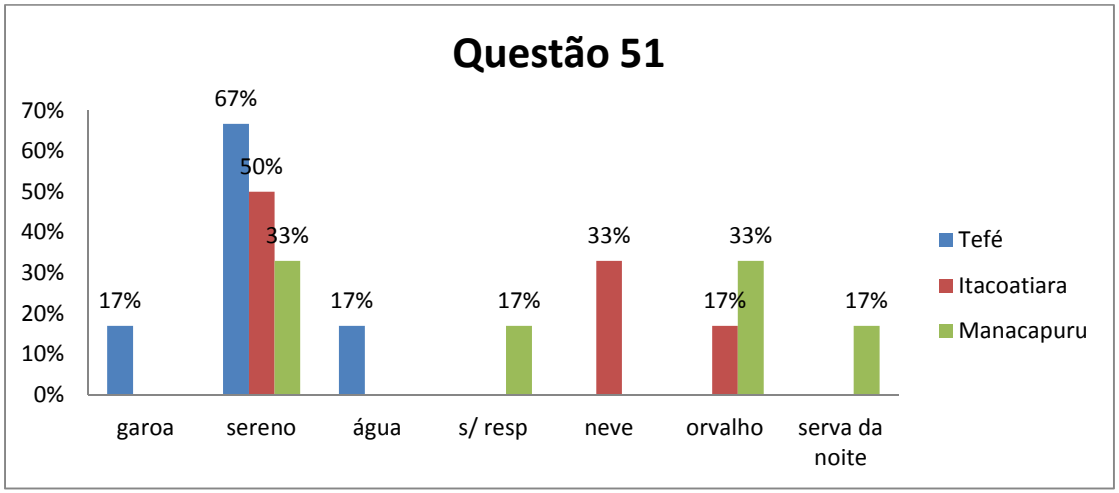


Gráfico 51: Variação lexical encontrada para a questão 51 do QSL da pesquisa

52. NEVOEIRO

Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar a rua por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como se chama isso?

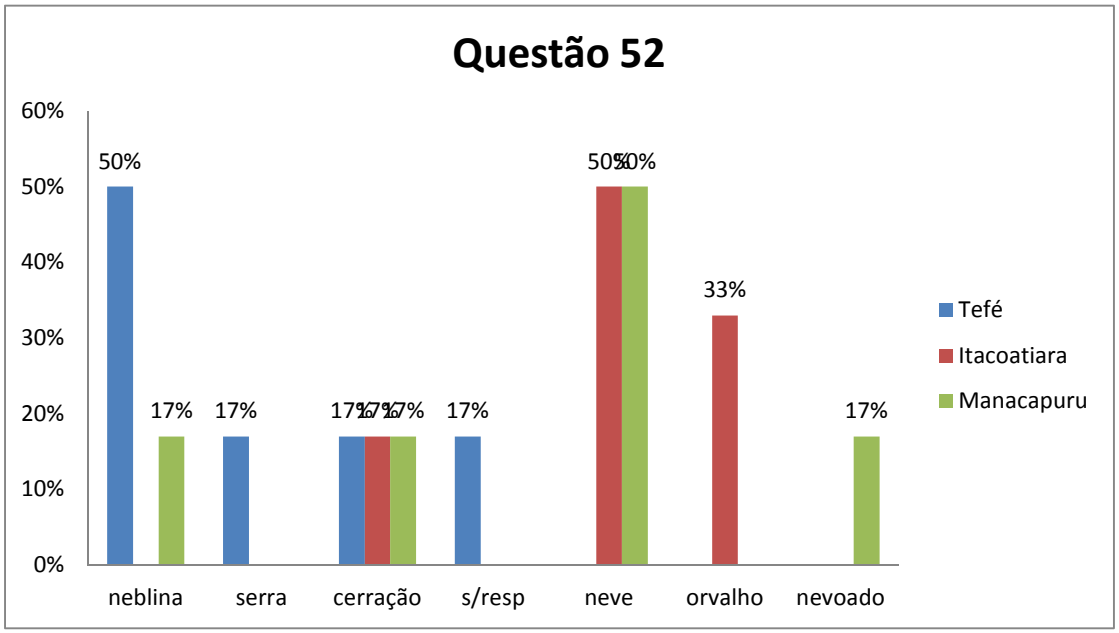


Gráfico 52: Variação lexical encontrada para a questão 52 do QSL da pesquisa

53. NASCER DO SOL

O que é que acontece com o tempo de manhã cedo? Como se diz quando o dia está amanhecendo?

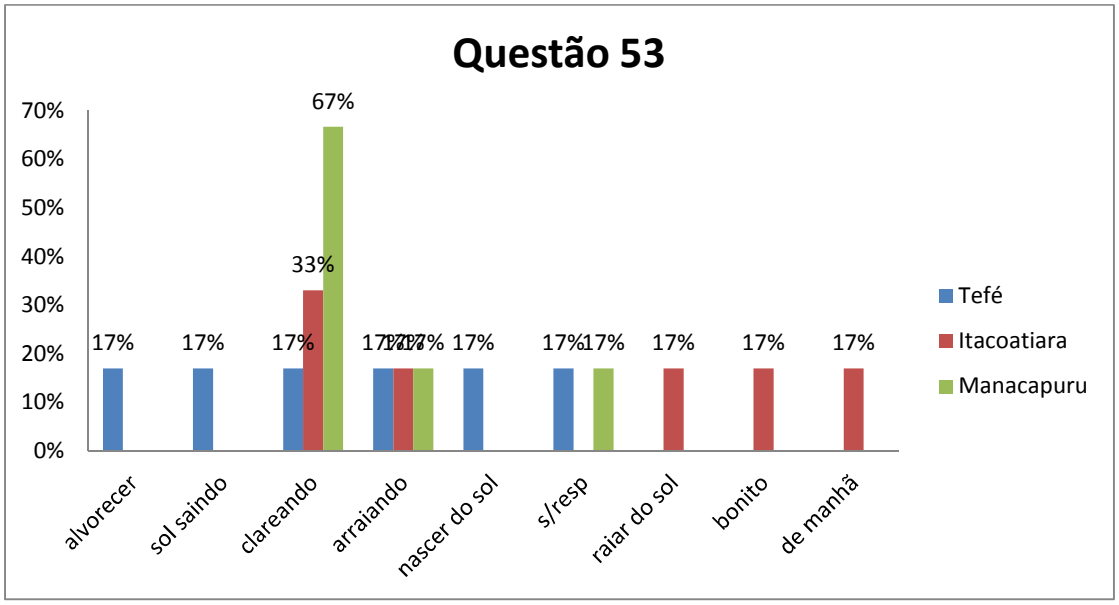


Gráfico 53: Variação lexical encontrada para a questão 53 do QSL da pesquisa

54. PÔR DO SOL

E o que acontece no final da tarde?

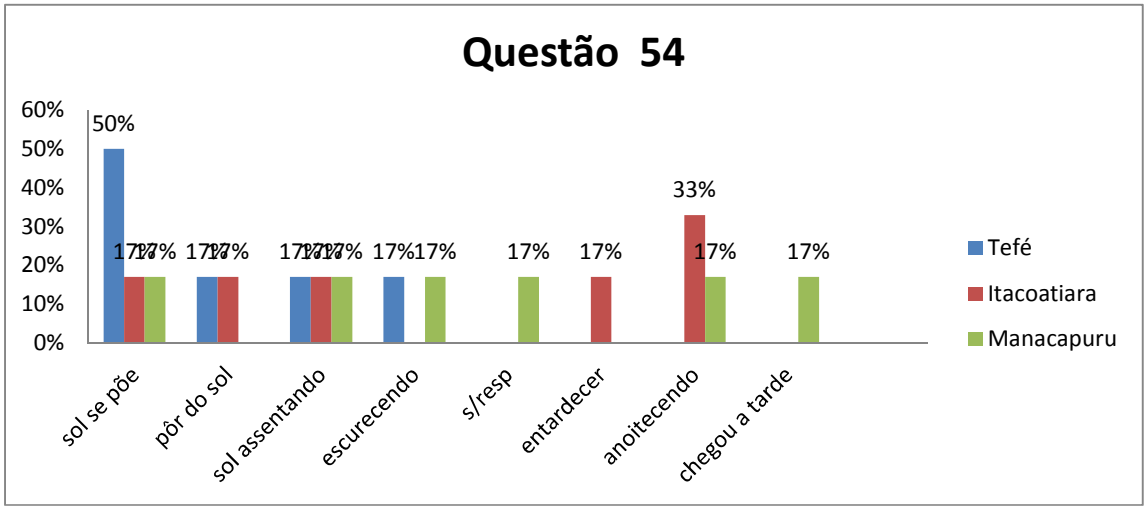


Gráfico 54: Variação lexical encontrada para a questão 54 do QSL da pesquisa

55. CREPÚSCULO

E a claridade que fica no céu depois do pôr do sol?

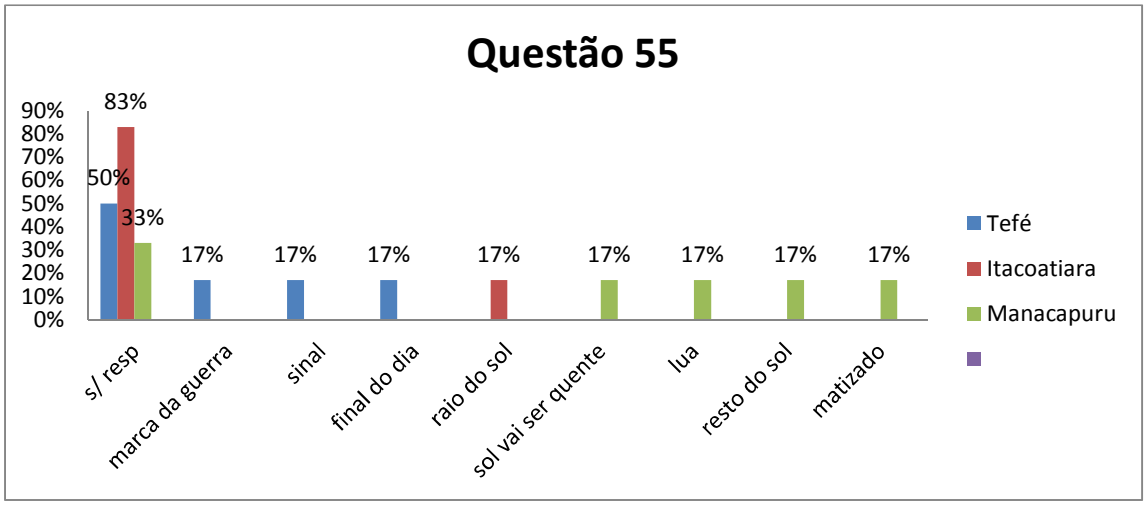


Gráfico 55: Variação lexical encontrada para a questão 55 do QSL da pesquisa

56. TIPOS DE ESTRELAS/CONSTELAÇÕES

Que tipos de estrelas você conhece?

57. ESTRELA MATUTINA

De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer?

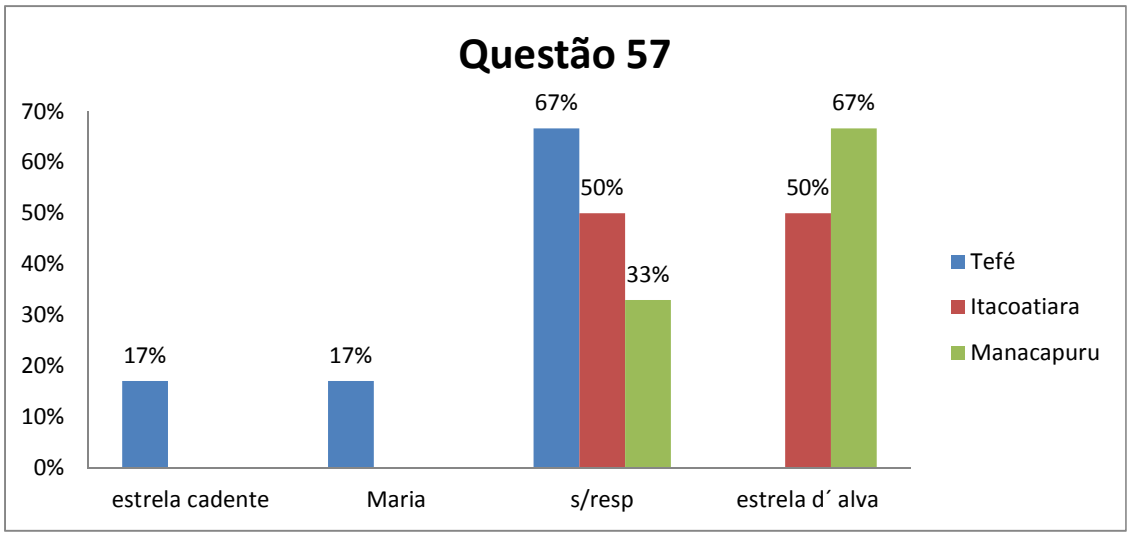


Gráfico 56: Variação lexical encontrada para a questão 57 do QSL da pesquisa

58. ESTRELA VESPERTINA

De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Qual o nome dela?

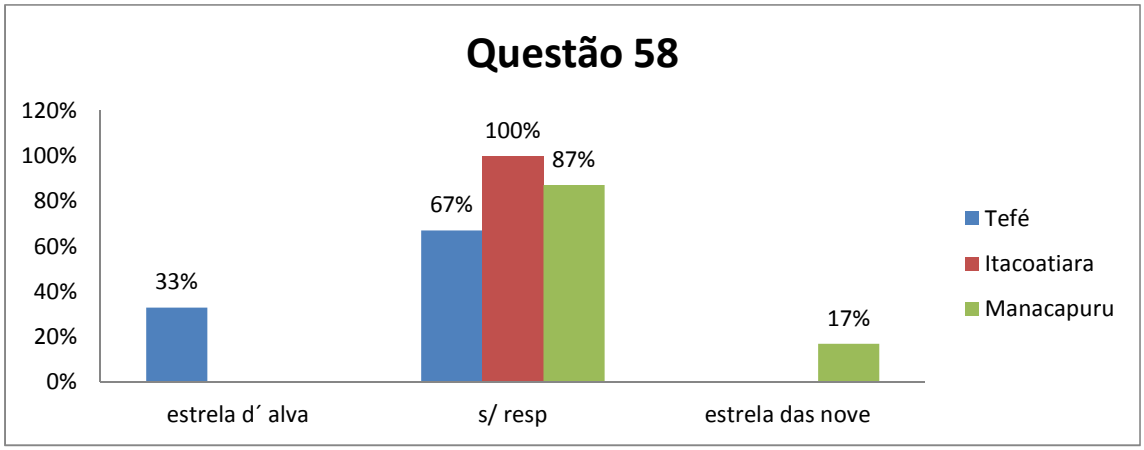


Gráfico 57: Variação lexical encontrada para a questão 58 do QSL da pesquisa

59. ESTRELA CADENTE

De noite, muitas vezes pode se observar uma estrela que se desloca no céu e faz um risco de luz? Como se chama isso?

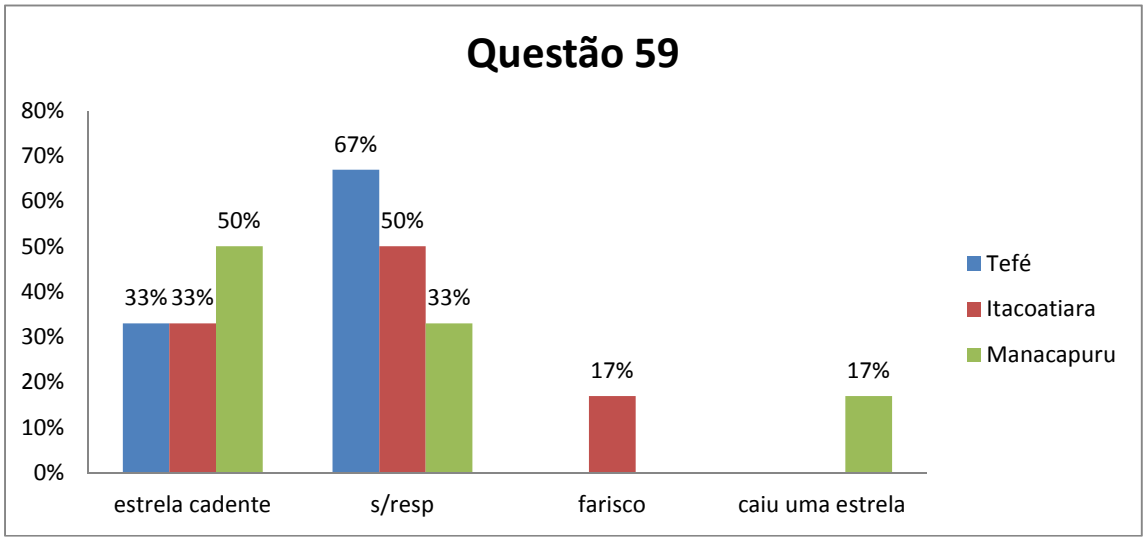


Gráfico 58: Variação lexical encontrada para a questão 59 do QSL da pesquisa

60. VIA LÁCTEA

Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras. Você sabe como se chama essa banda ou faixa?

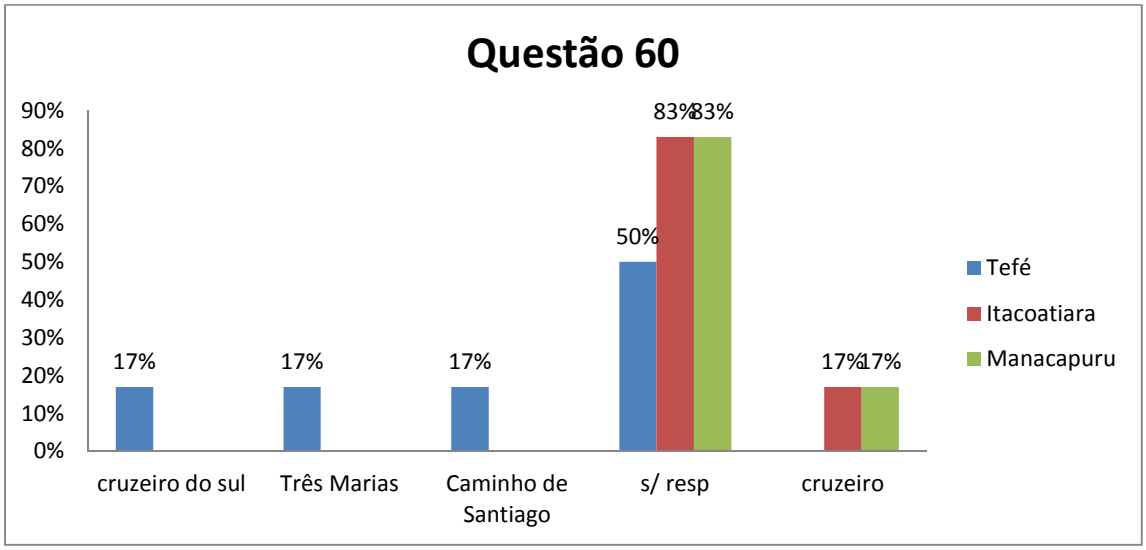


Gráfico 59: Variação lexical encontrada para a questão 60 do QSL da pesquisa

61. LUA

Durante o dia nós somos iluminados pelo sol. E à noite, o que temos?

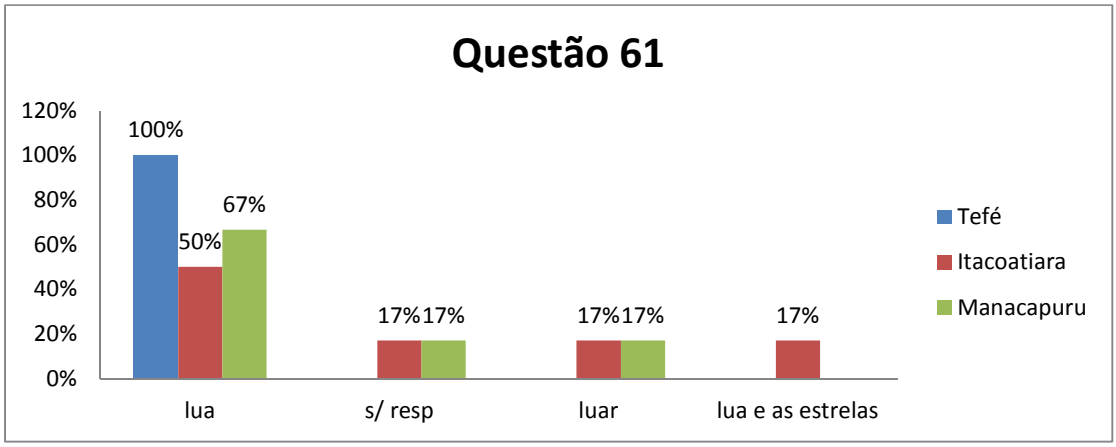


Gráfico 60: Variação lexical encontrada para a questão 61 do QSL da pesquisa

62. ONTEM

O dia que passou foi_____. Quando foi que almoçou (ou jantou) pela última vez?

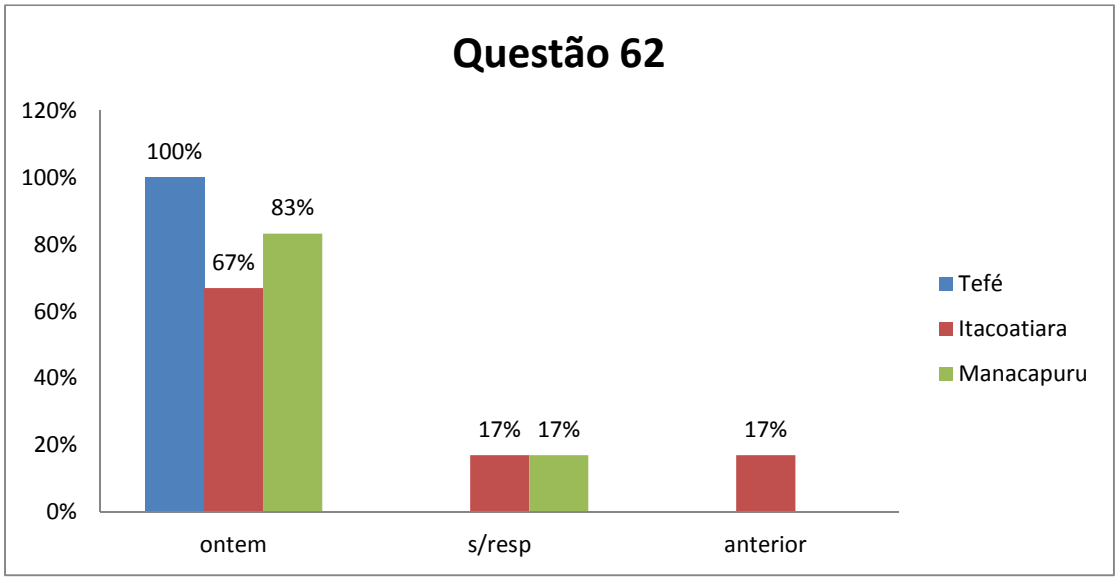


Gráfico 61: Variação lexical encontrada para a questão 62 do QSL da pesquisa

63. ANTEONTEM

O dia que foi antes desse dia? Um dia para trás?

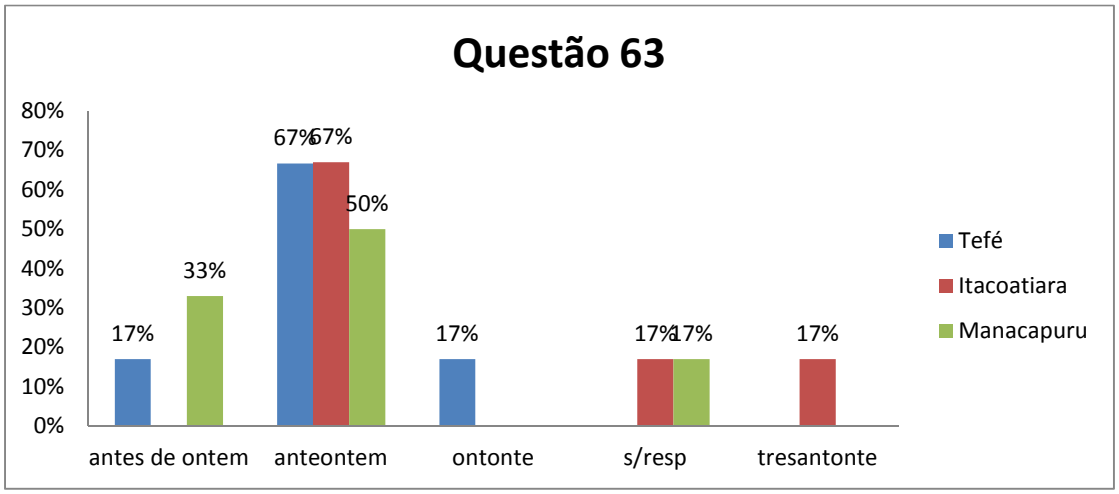


Gráfico 62: Variação lexical encontrada para a questão 63 do QSL da pesquisa

64. TRASANTEONTEM

O dia que foi antes de ‘anteontem’? Mais um dia para trás?

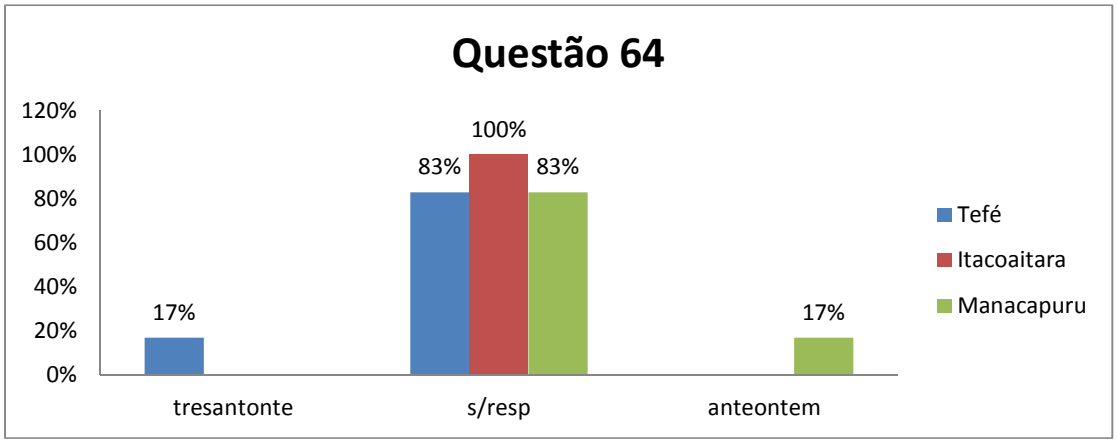


Gráfico 63: Variação lexical encontrada para a questão 64 do QSL da pesquisa

II. MEIO BIÓTICO

A- Fauna
1. Aves

65. URUBU

Como se chama a ave preta que come animal morto, podre?

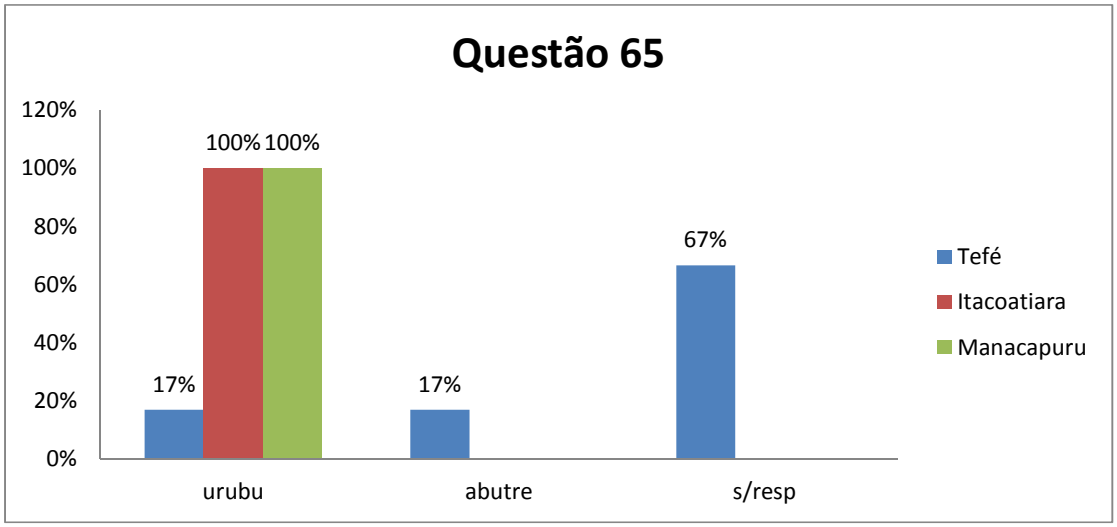


Gráfico 64: Variação lexical encontrada para a questão 65 do QSL da pesquisa

66. COLIBRI

E o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e voa de flor em flor?

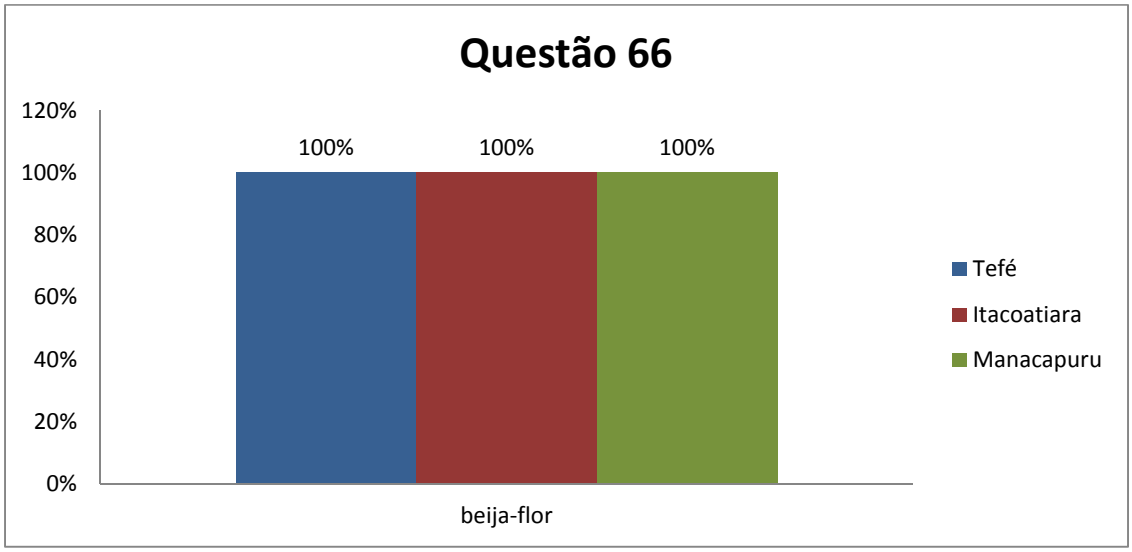


Gráfico 65: Variação lexical encontrada para a questão 66 do QSL da pesquisa

67. JOÃO DE BARRO

A ave que faz o ninho com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?

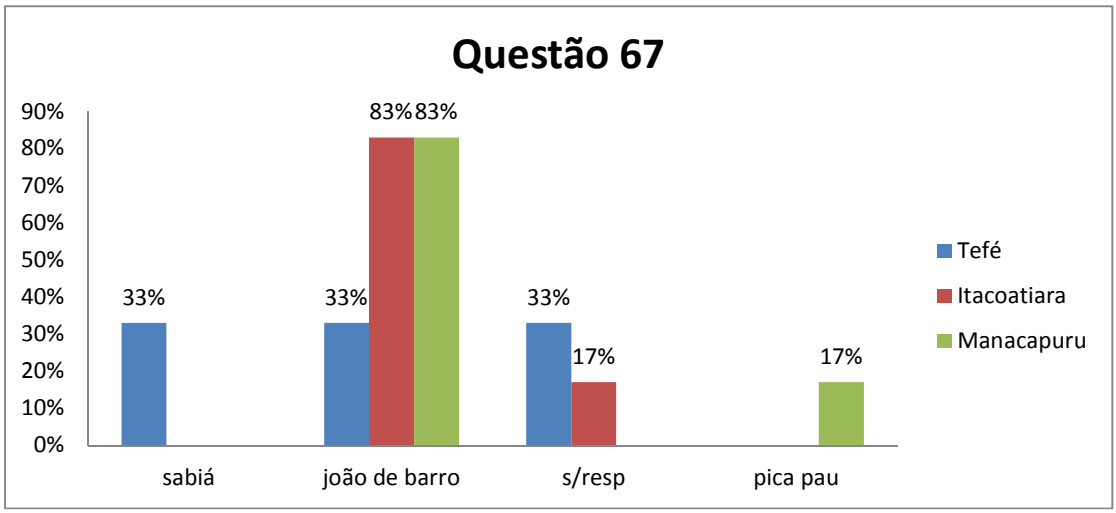


Gráfico 66: Variação lexical encontrada para a questão 67 do QSL da pesquisa

68. GALINHA

E aquela ave que põe ovos e que é muito gostosa para se comer. Aquela que nos dá pintinhos?

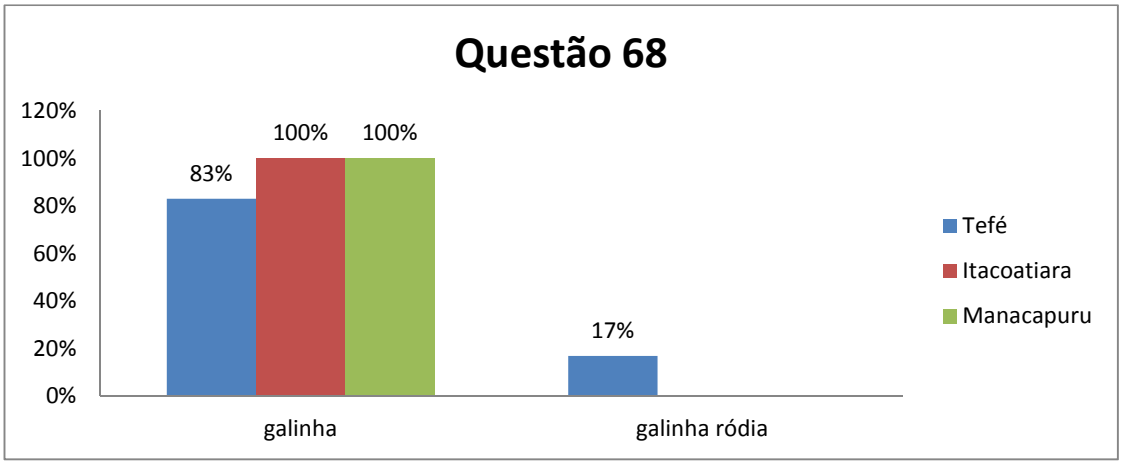


Gráfico 67: Variação lexical encontrada para a questão 68 do QSL da pesquisa

69. GALINHA D´ ANGOLA

E a ave de criação, um tipo de galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?

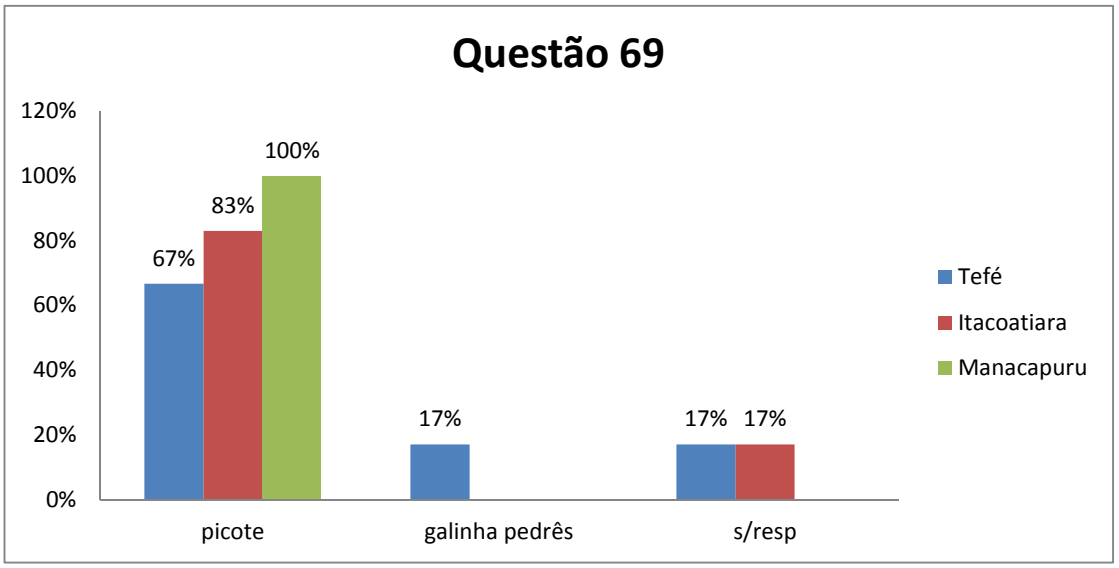


Gráfico 68: Variação lexical encontrada para a questão 69 do QSL da pesquisa

70. PAPAGAIO

E a ave do mato de bico curvo e pequeno, de penas coloridas, com mais cores verdes que, quando presa, pode aprender a falar?

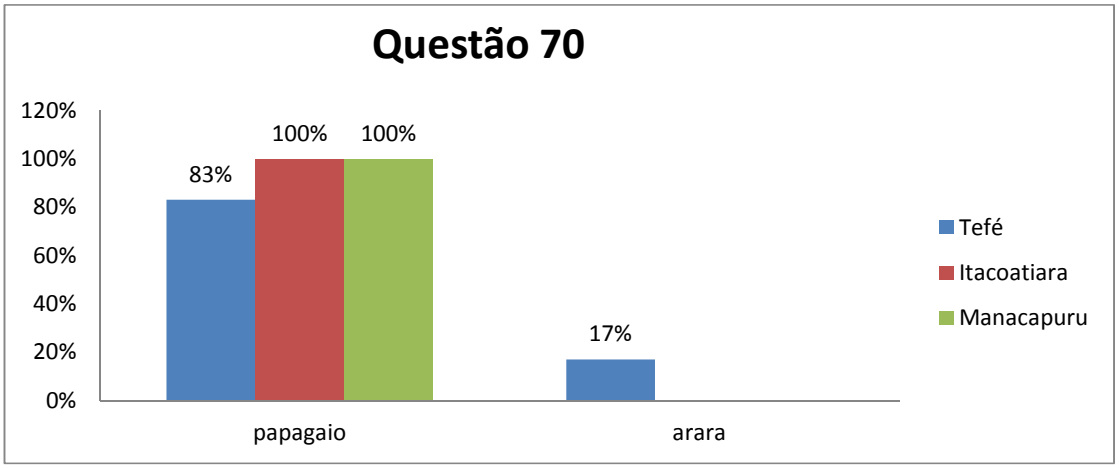


Gráfico 69: Variação lexical encontrada para a questão 70 do QSL da pesquisa

71. ARARA

E aquela outra ave, grande e bonita, que se parece com o papagaio, também é colorida, com mais cores vermelha e azul?

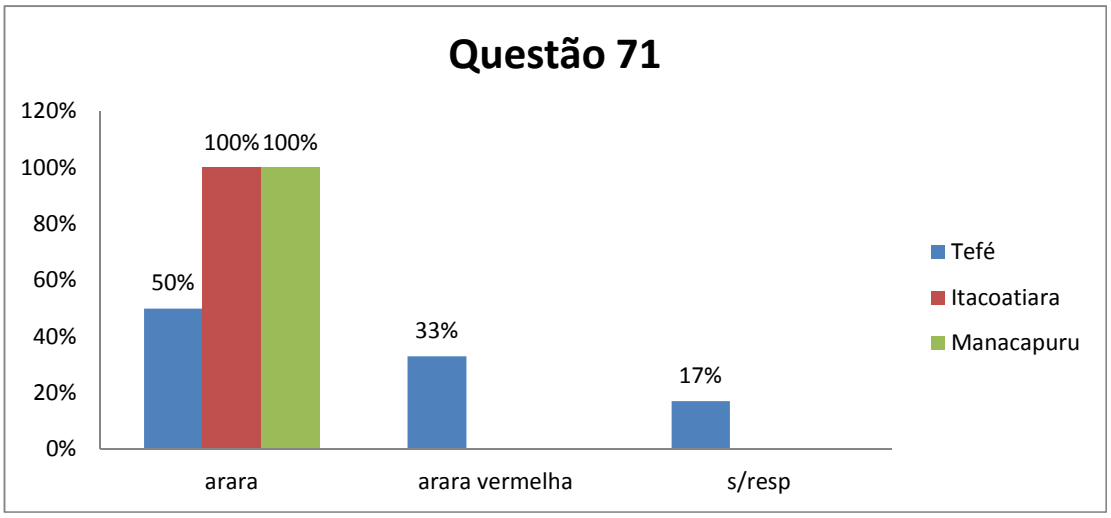


Gráfico 70: Variação lexical encontrada para a questão 71 do QSL da pesquisa

72. TUCANO

E aquela outra, que também é muito bonita, tem um bico bem grande e curvo, e também é colorida?

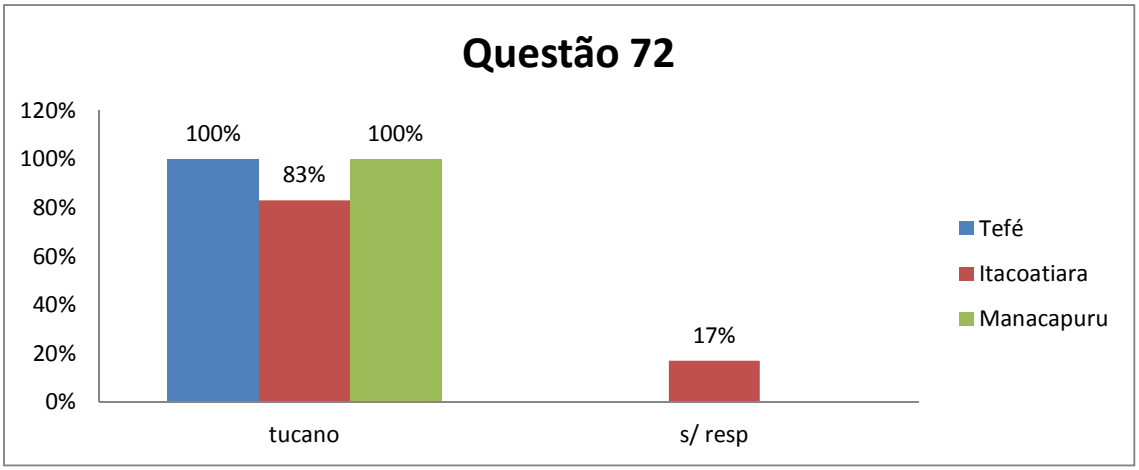


Gráfico 71: Variação lexical encontrada para a questão 72 do QSL da pesquisa

73. RASGA-MORTALHA

E aquela ave que quando passa em cima de uma casa anuncia a morte de alguém?

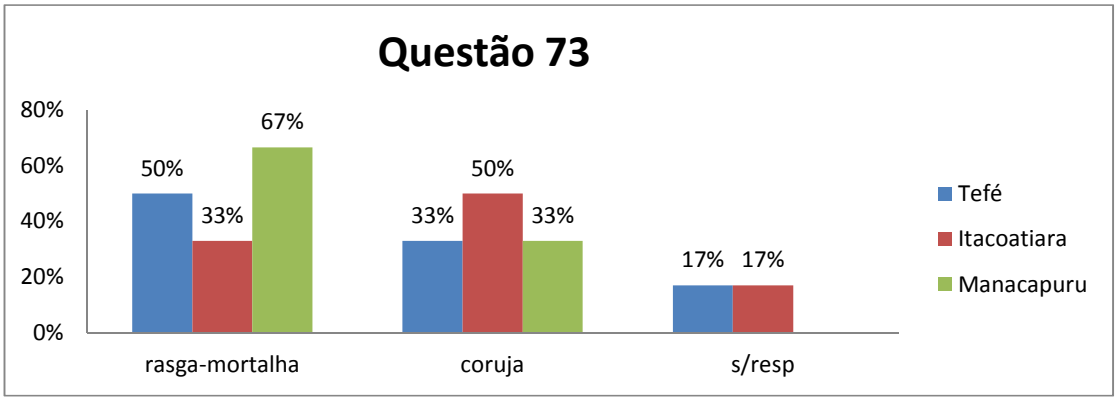


Gráfico 72: Variação lexical encontrada para a questão 73 do QSL da pesquisa

74. Quais as outras aves que tem por aqui, você saberia me dizer?

2. Peixes, Répteis, Quelônios e Mamíferos

75. Quais os tipos de peixe que você conhece por aqui?

76. PIRARUCU

Como se chama o maior peixe de escama de água doce, considerado o bacalhau brasileiro?

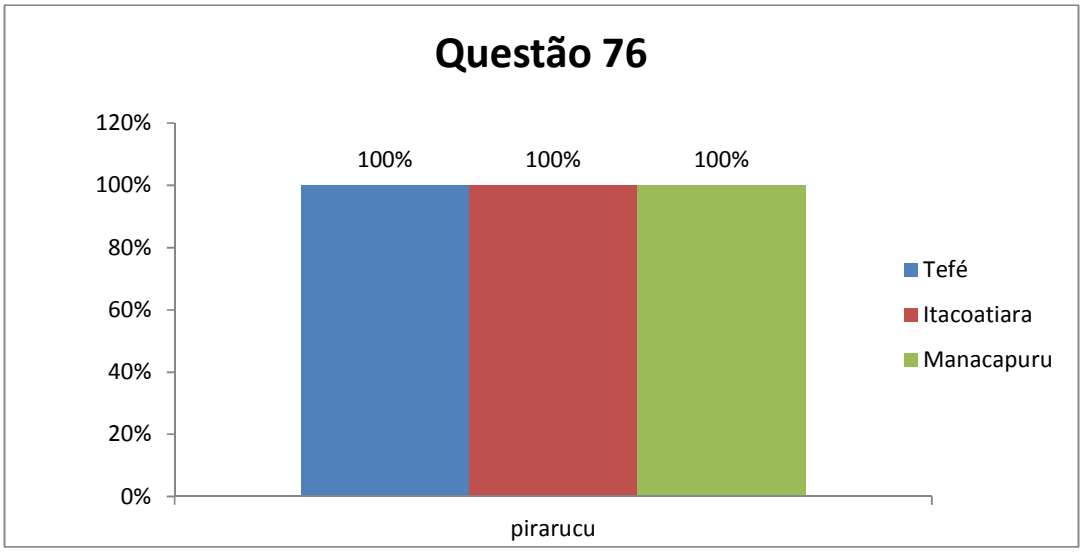


Gráfico 73: Variação lexical encontrada para a questão 76 do QSL da pesquisa

77. JARAQUI

E aquele peixe que tem muitas listras verdes e amarelas no rabo? É também chamado de brasileirinho.

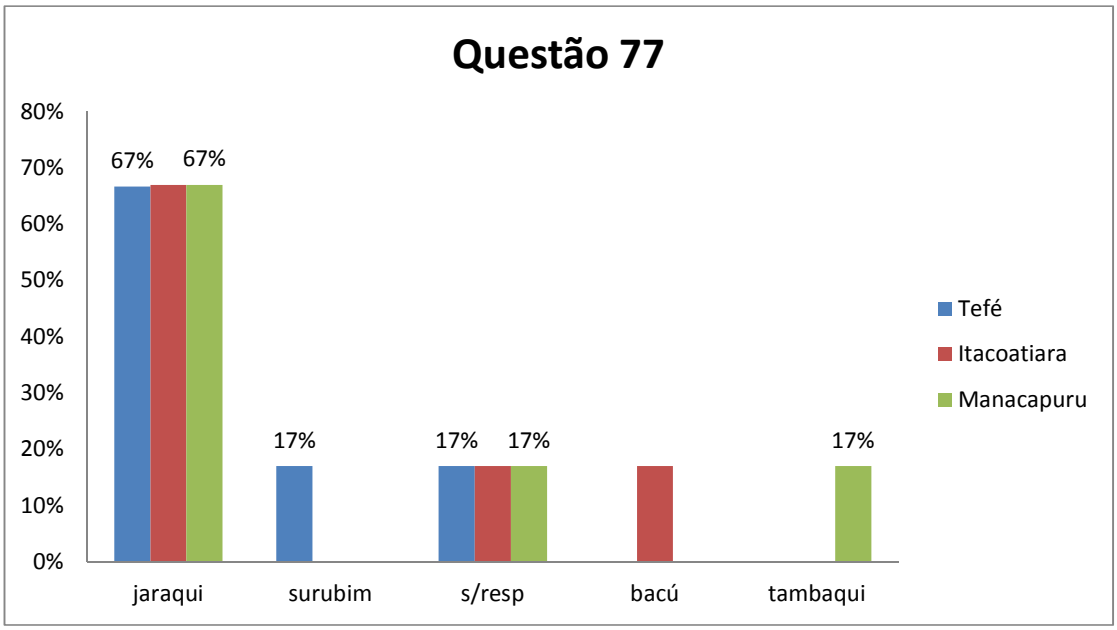


Gráfico 74: Variação lexical encontrada para a questão 76 do QSL da pesquisa

78. SURUBIM

Aquele peixe que é todo pintado e é considerado um peixe de primeira? Um dos poucos peixes de couro.

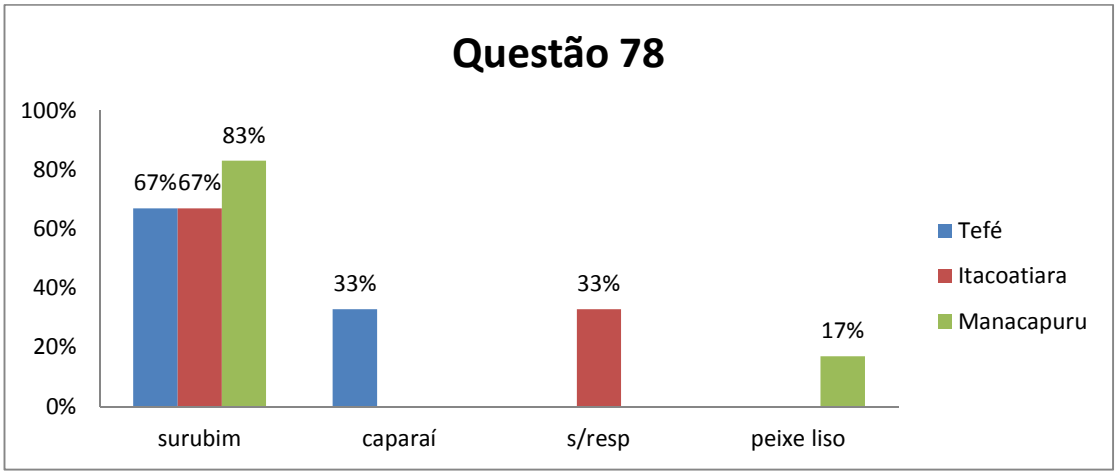


Gráfico 75: Variação lexical encontrada para a questão 78 do QSL da pesquisa

79. CURIMATÃ

Peixe que se pode comer, de escama, que é pescado com rede ou malhadeira. Parecido com o matrinxã.

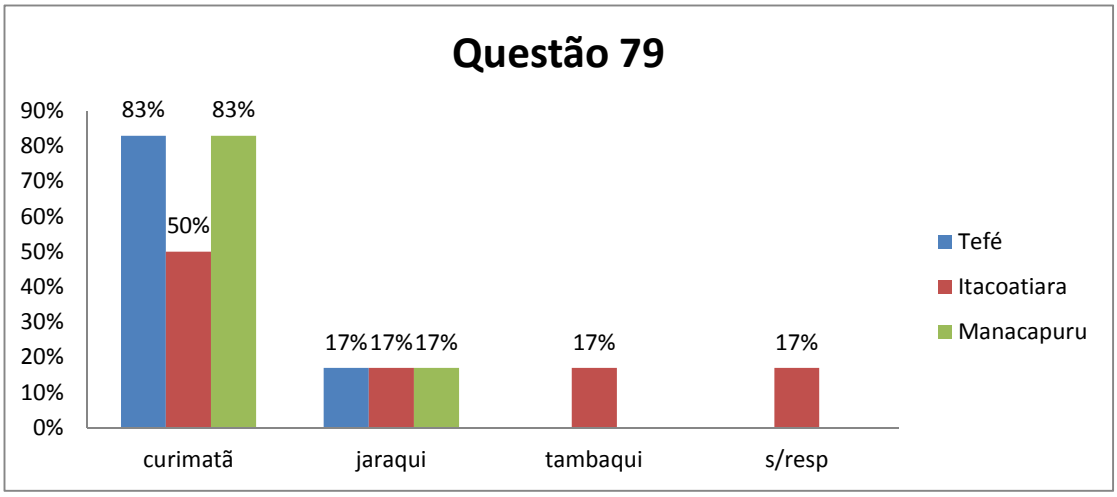


Gráfico 76: Variação lexical encontrada para a questão 79 do QSL da pesquisa

80. PACU

Peixe de cor prateada, que mede até 40 cm.

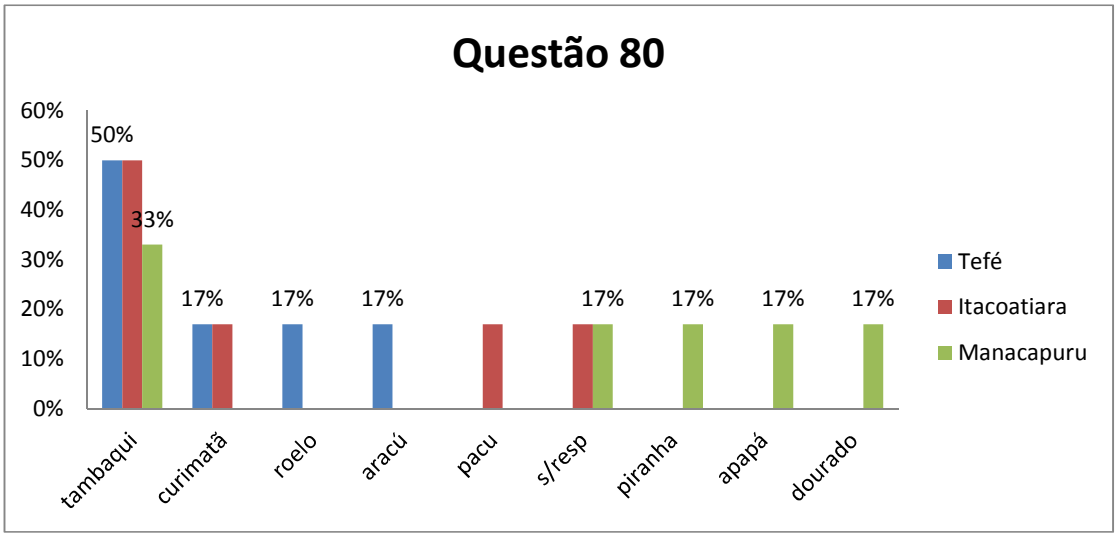


Gráfico 77: Variação lexical encontrada para a questão 80 do QSL da pesquisa

81. PIABA

Como se chama um peixe pequeno?

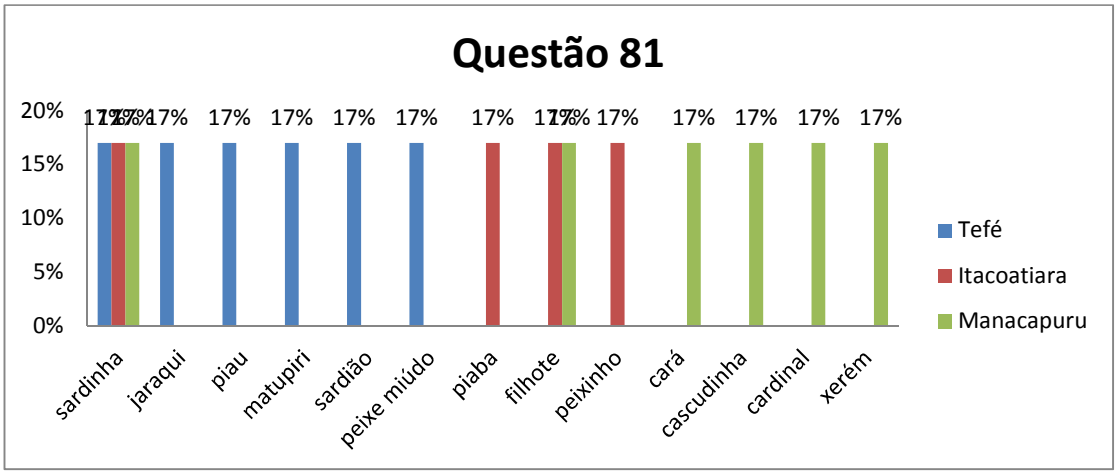


Gráfico 78: Variação lexical encontrada para a questão 81 do QSL da pesquisa

82. PIRARARA

E o peixe com uma linha amarela ao longo da linha do lado? Peixe liso da região?

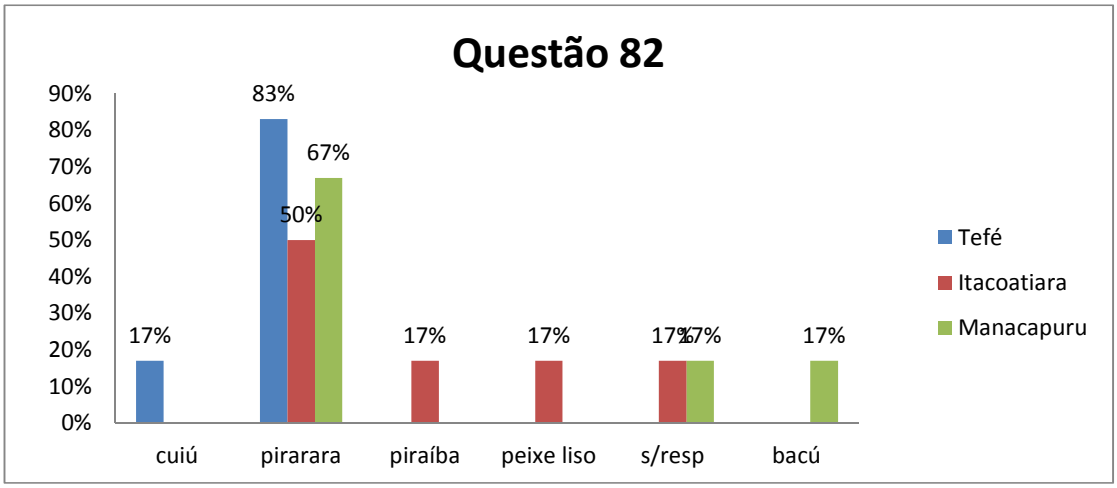


Gráfico 79: Variação lexical encontrada para a questão 82 do QSL da pesquisa

83. BOTO-TUCUXI

E qual o nome do tipo de boto que é amigo do homem. Dizem que a banha dele serve para curar ferida de gado?

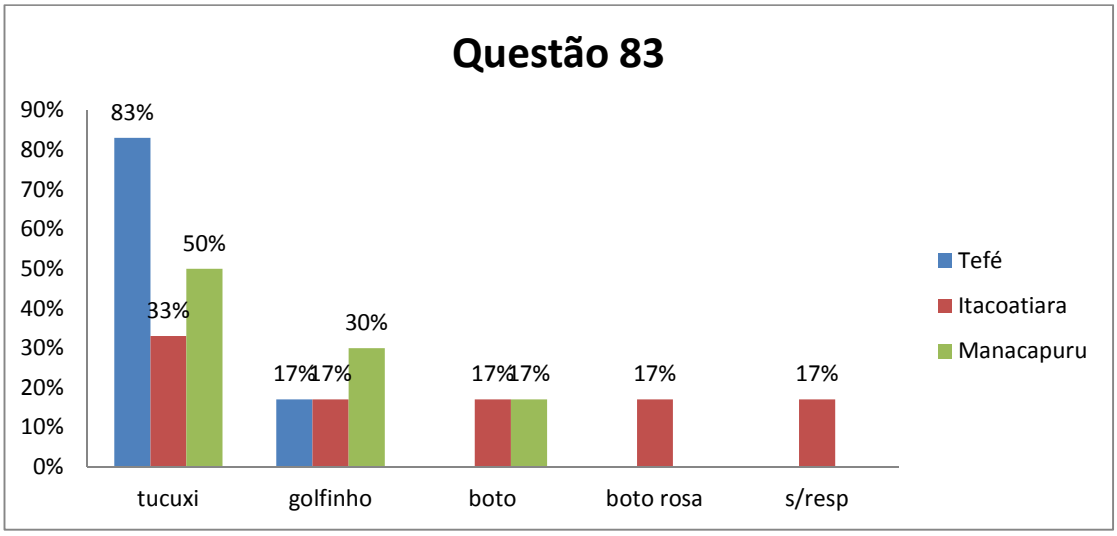


Gráfico 80: Variação lexical encontrada para a questão 83 do QSL da pesquisa

84. BOTO-VERMELHO

E o tipo de boto que é inimigo do homem?

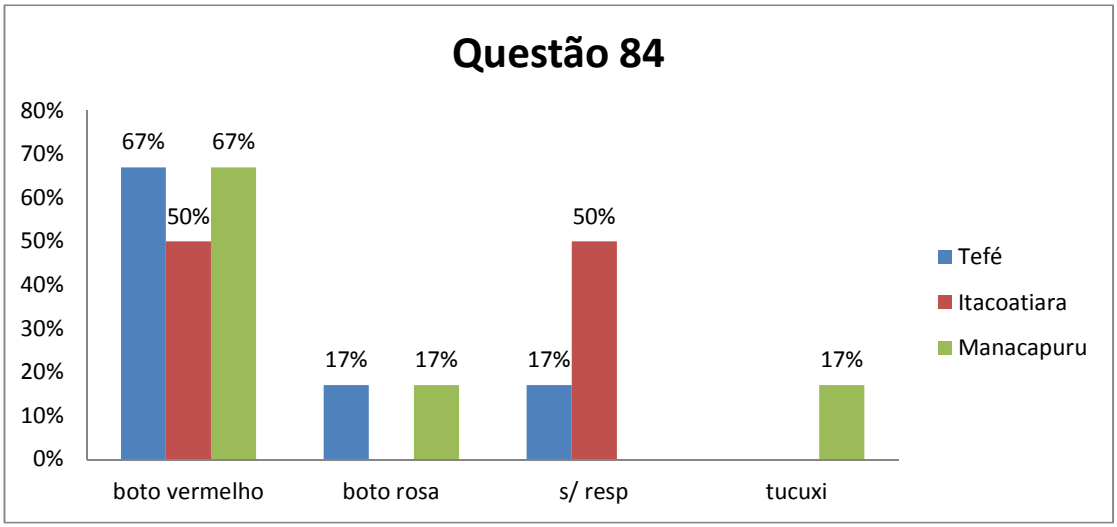


Gráfico 80: Variação lexical encontrada para a questão 83 do QSL da pesquisa

85. BRANQUINHA

Como se chama um peixe pequeno de escama que serve de isca para pegar outros peixes?

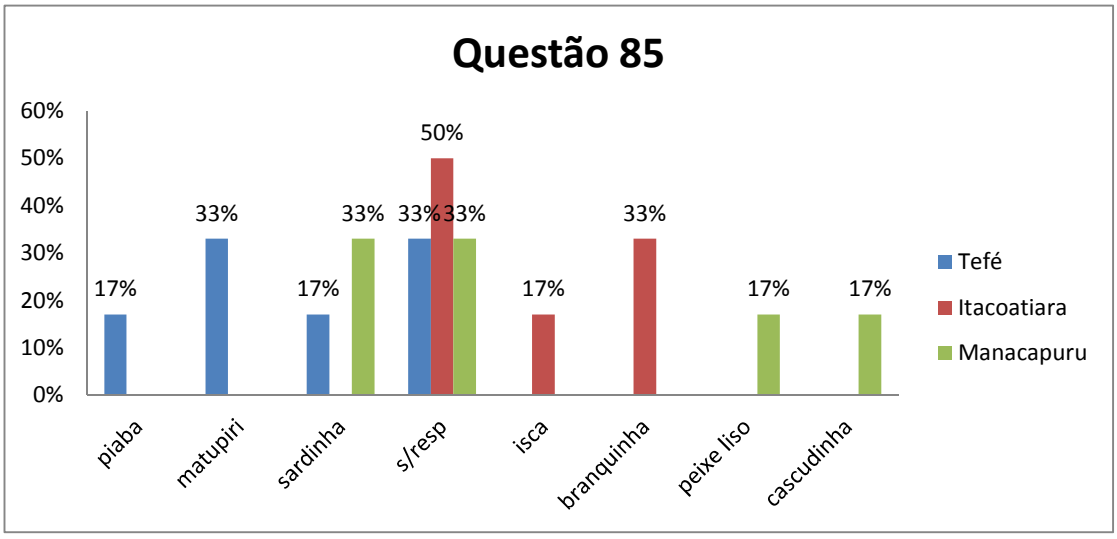


Gráfico 81: Variação lexical encontrada para a questão 85 do QSL da pesquisa

86. CANDIRU

E o peixinho que vive na beira dos rios e lagos? Pode causar morte, se penetrar numa pessoa?

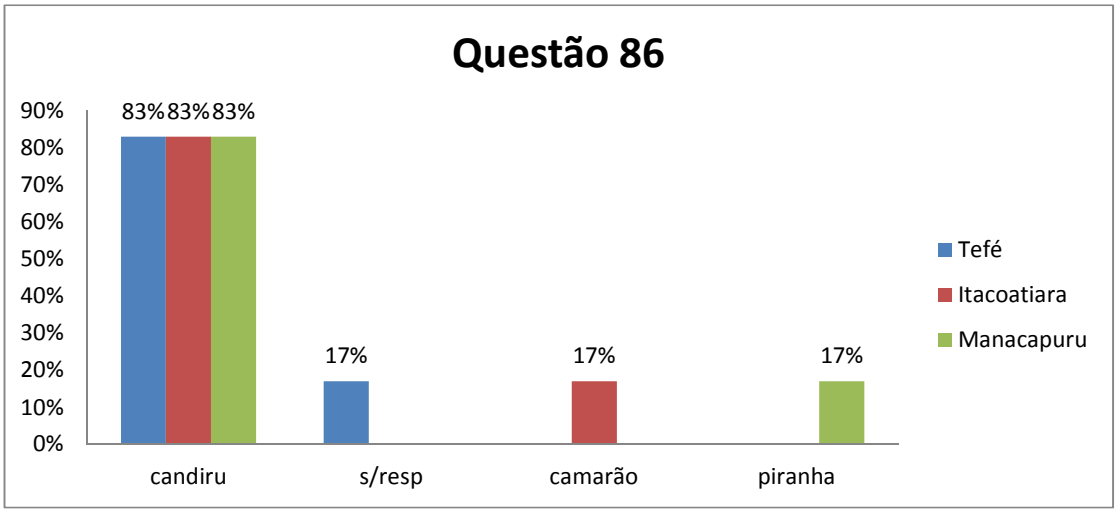


Gráfico 82: Variação lexical encontrada para a questão 86 do QSL da pesquisa

87. PIRANHA

Qual aquele peixe que morde, que tem dentes e, geralmente, só gosta de acabar com suas vítimas, com as pessoas, se elas já estiverem sangrando?

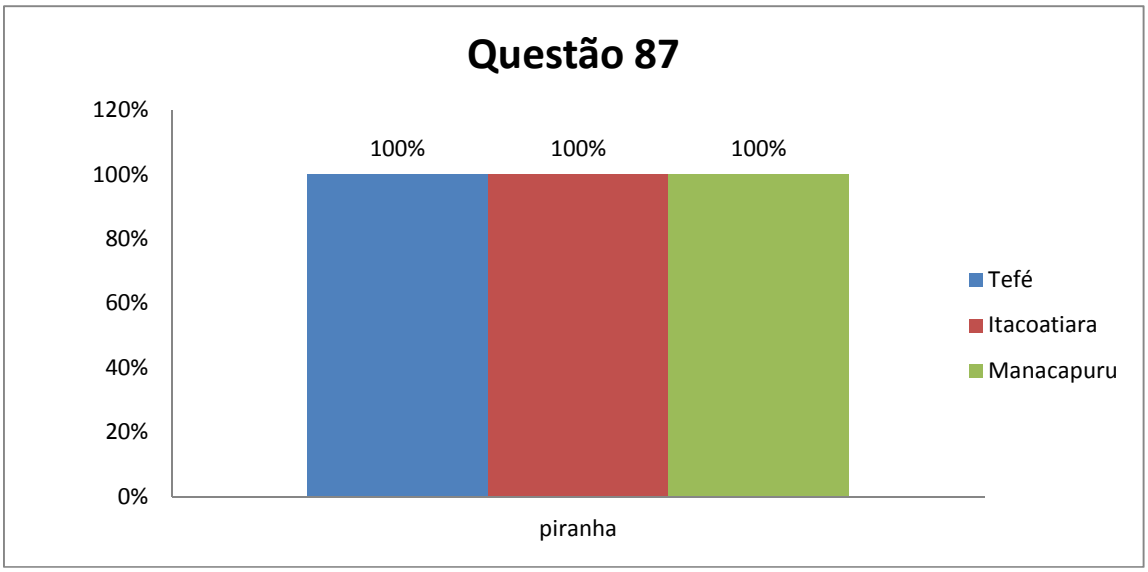


Gráfico 83: Variação lexical encontrada para a questão 87 do QSL da pesquisa

88. PIRANHA-CAJU

E aquele tipo de piranha que morde e tem escamas cor de caju?

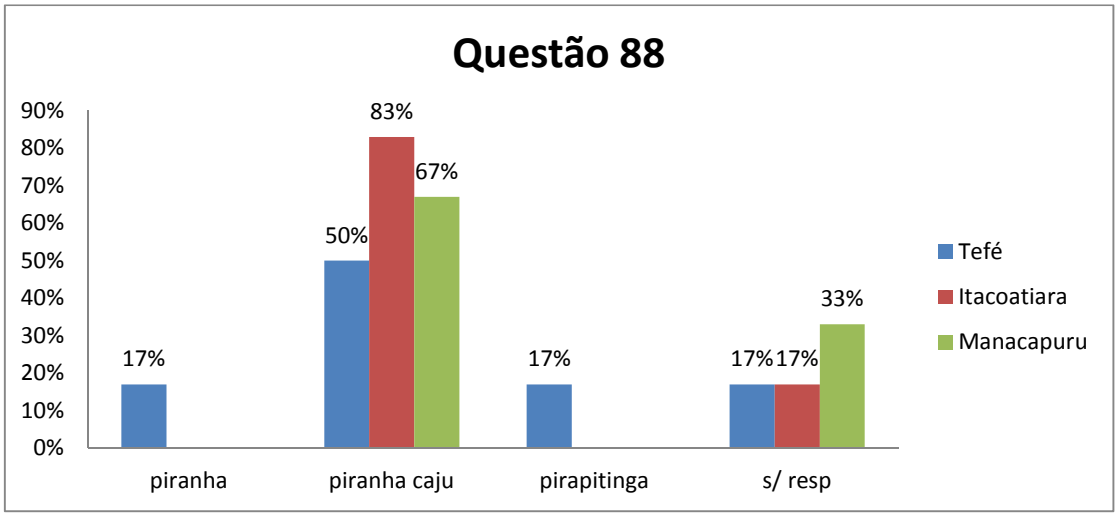


Gráfico 84: Variação lexical encontrada para a questão 88 do QSL da pesquisa

89. PIRANHA-PRETA

E daquele tipo de peixe de escama negra, que morde e é o terror do pescador, pois corta a linha das tarrafas?

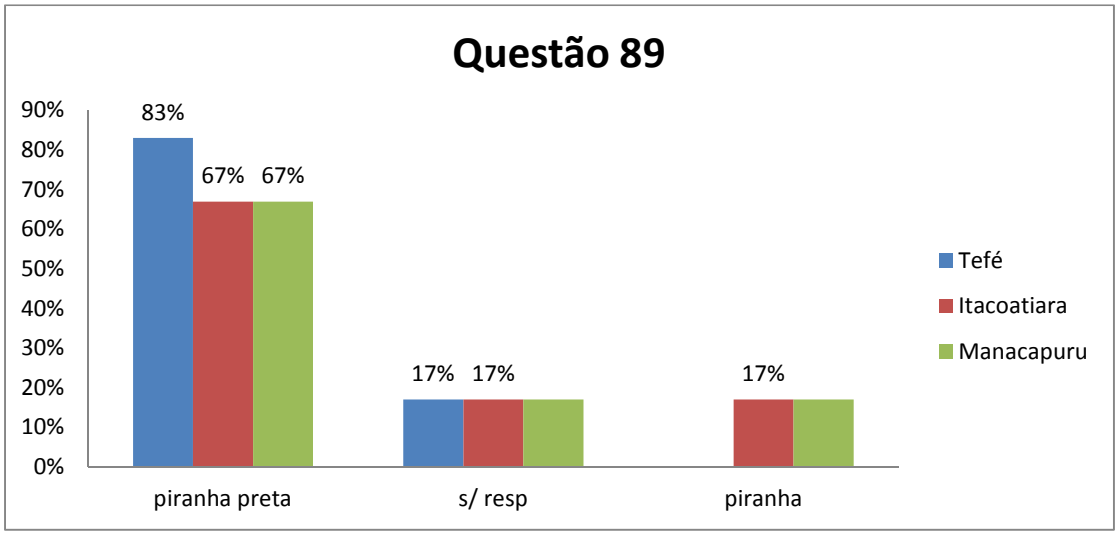


Gráfico 85: Variação lexical encontrada para a questão 89 do QSL da pesquisa

90. TAMBAQUI

Qual o peixe de escamas dos maiores e que é muito saboroso?

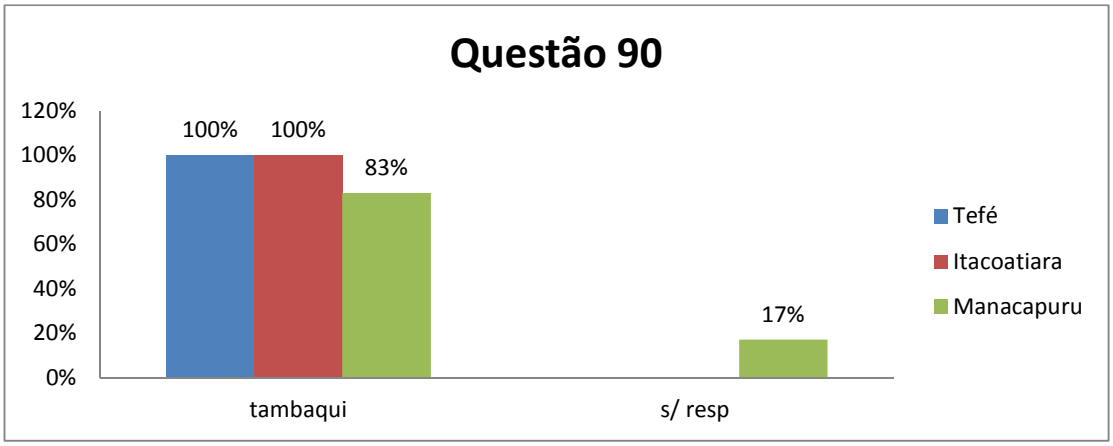


Gráfico 86: Variação lexical encontrada para a questão 90 do QSL da pesquisa

91. PIRAPITINGA

E do peixe que é parecido com o tambaqui, especial também para assados?

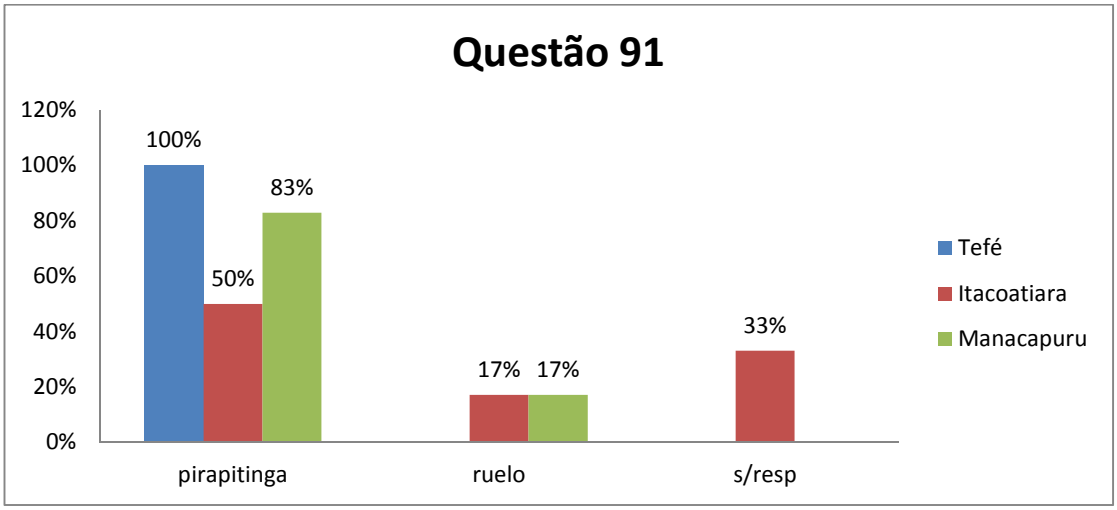


Gráfico 87: Variação lexical encontrada para a questão 91 do QSL da pesquisa

92. PORAQUÊ

Qual o nome do peixe liso que dá choque quando a gente pega?

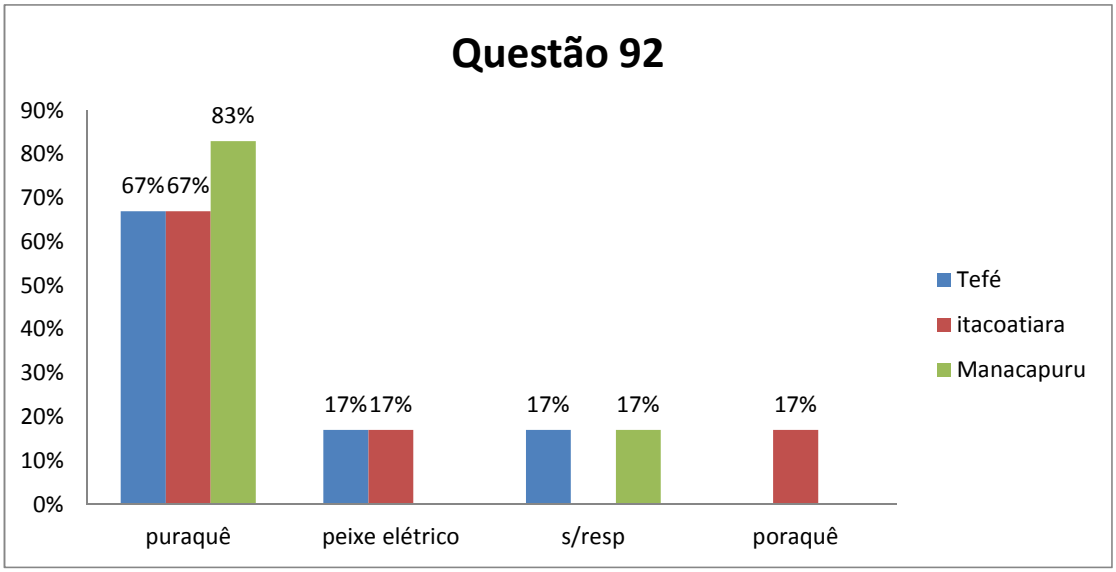


Gráfico 88: Variação lexical encontrada para a questão 92 do QSL da pesquisa

93. SARDINHA

E aquele peixe de escamas dos mais comuns da região. Tem escamas grandes, prateadas, com leves manchas e pode medir até 18 cm?

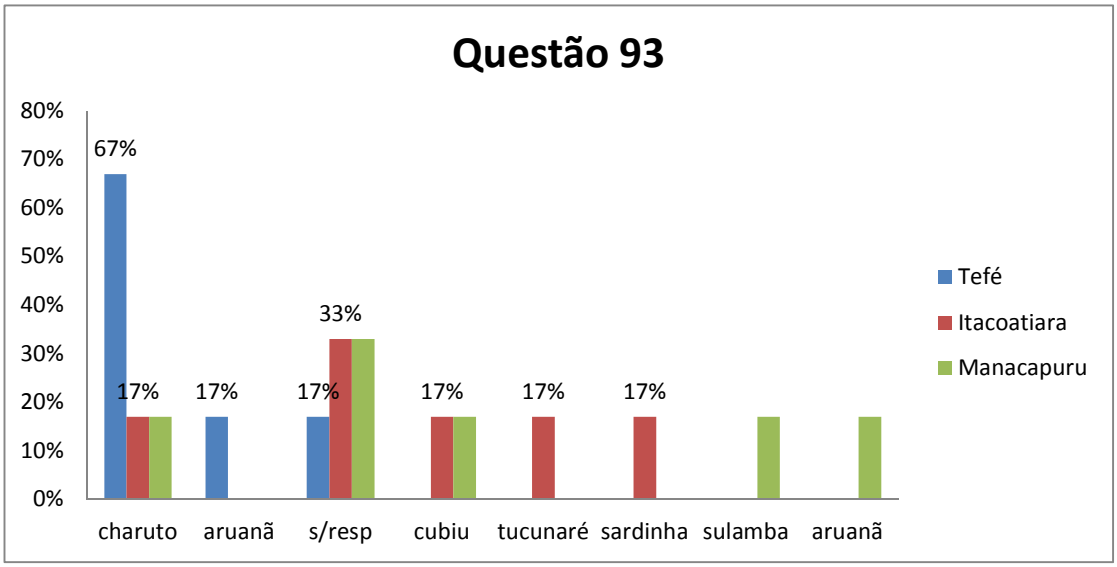


Gráfico 89: Variação lexical encontrada para a questão 93 do QSL da pesquisa

94. TUCUNARÉ

Peixe muito bonito por causa de suas escamas coloridas, tendo parte da cabeça pintada de vermelho, preto e amarelo?

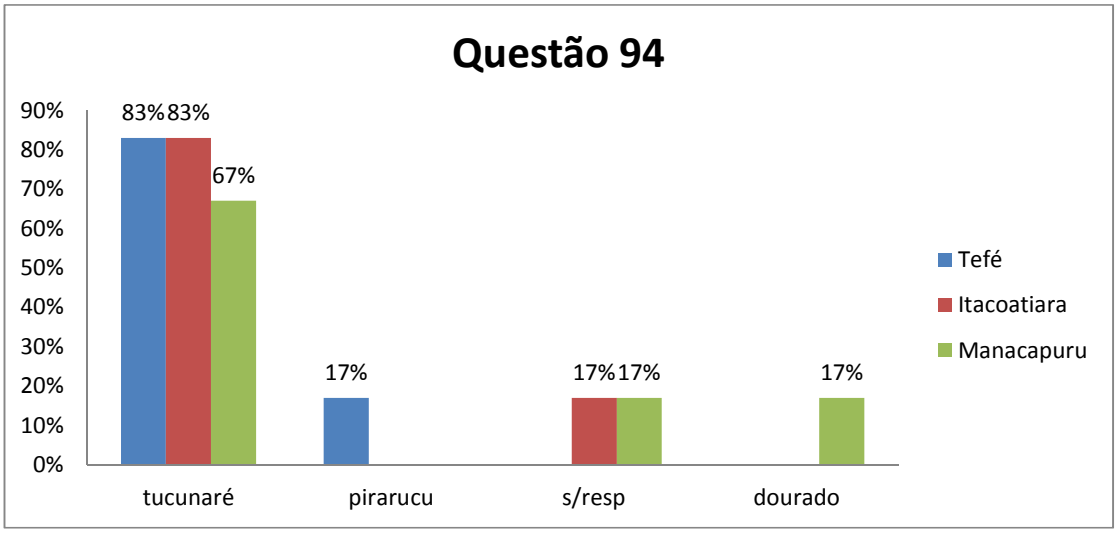


Gráfico 90: Variação lexical encontrada para a questão 94 do QSL da pesquisa

95. TARTARUGA

Como se chama aquele bicho que anda rastejando (lentamente) na terra, que gosta de viver na água, tem um casco em cima dele e que é delicioso para se comer, pois a gente pode fazer vários pratos como: sarapatel, farofa, picadinho,

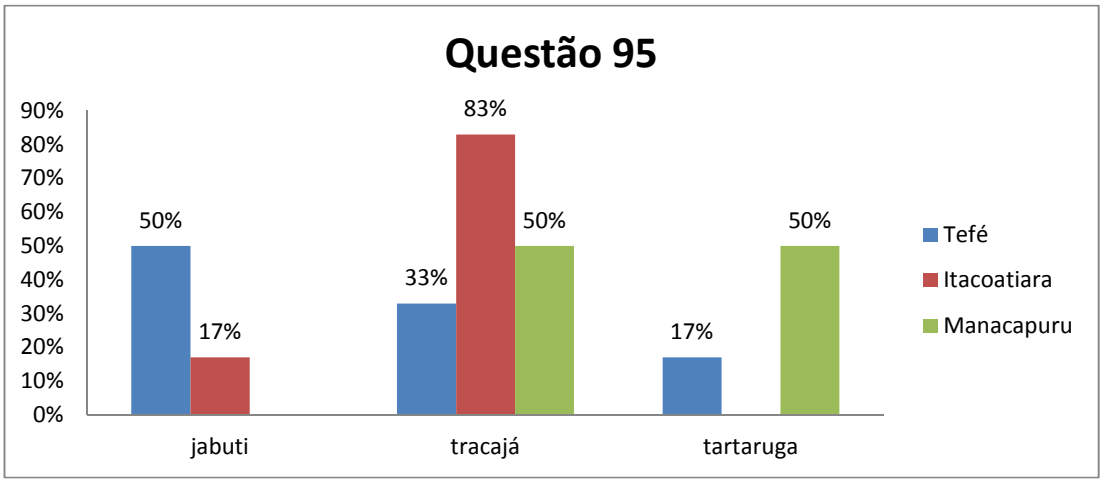


Gráfico 91: Variação lexical encontrada para a questão 95 do QSL da pesquisa

96. JABUTI PIRANGA

E qual a tartaruga pequena que tem as unhas avermelhadas?

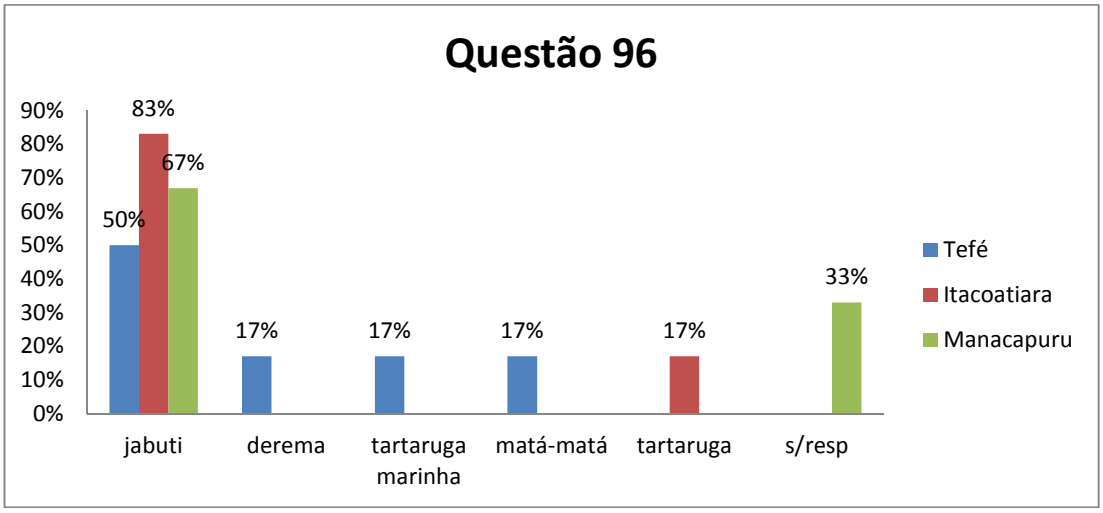


Gráfico 92: Variação lexical encontrada para a questão 96 do QSL da pesquisa

97. CABEÇUDA

Tipo de tartaruga que tem a cabeça muito grande?

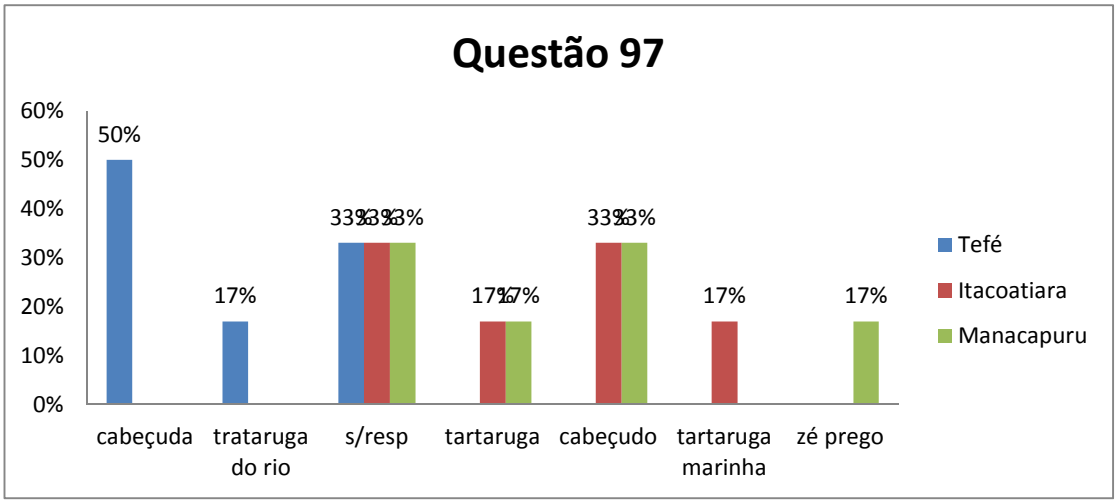


Gráfico 93: Variação lexical encontrada para a questão 97 do QSL da pesquisa

98. CAPITARI

Qual o nome que recebe o macho da tartaruga?

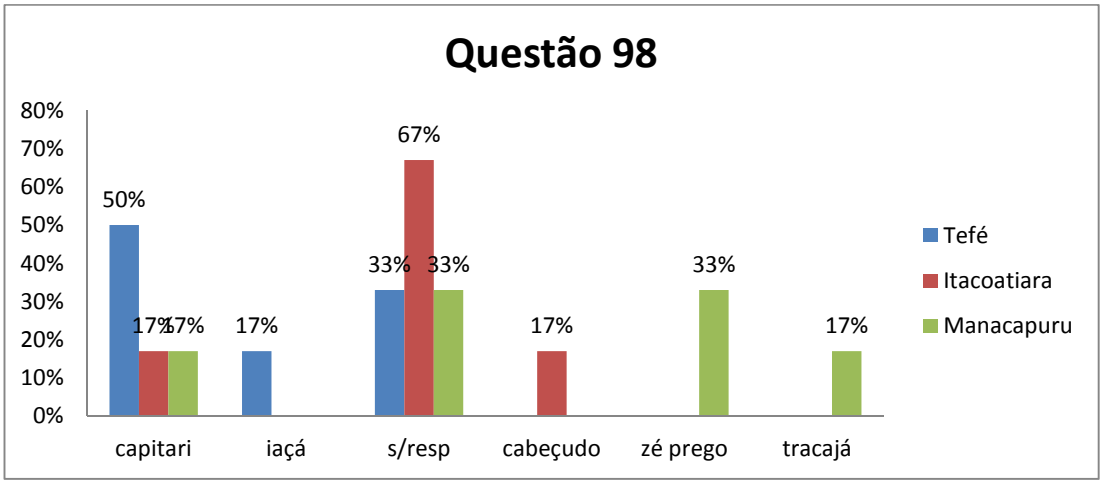


Gráfico 94: Variação lexical encontrada para a questão 98 do QSL da pesquisa

99. Existem outros tipos de tartaruga por aqui?

100. CALANGRO

Como se chama o animal que prejudica a cultura da juta?

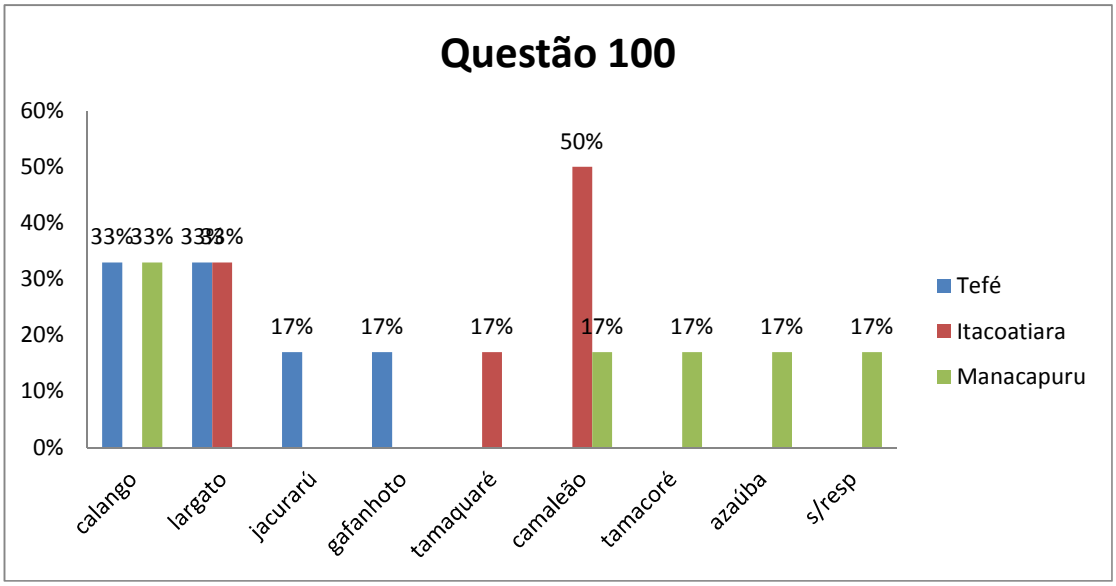


Gráfico 95: Variação lexical encontrada para a questão 100 do QSL da pesquisa

101. JACARÉ

Como se chama aquele bicho grande, que rasteja, vive na água, que tem um aboca bem grande e cheia de dentes e uma cauda também muito grande e é capaz de matar uma pessoa?

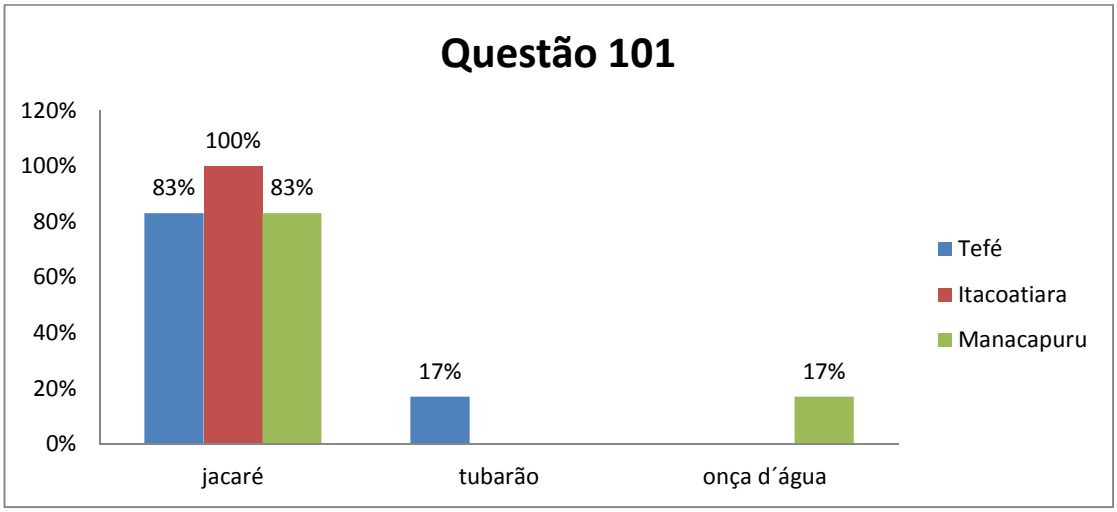


Gráfico 96: Variação lexical encontrada para a questão 101 do QSL da pesquisa

102. CERCA

Qual o lugar onde se guardam as tartarugas que se caçam e continuam vivas?

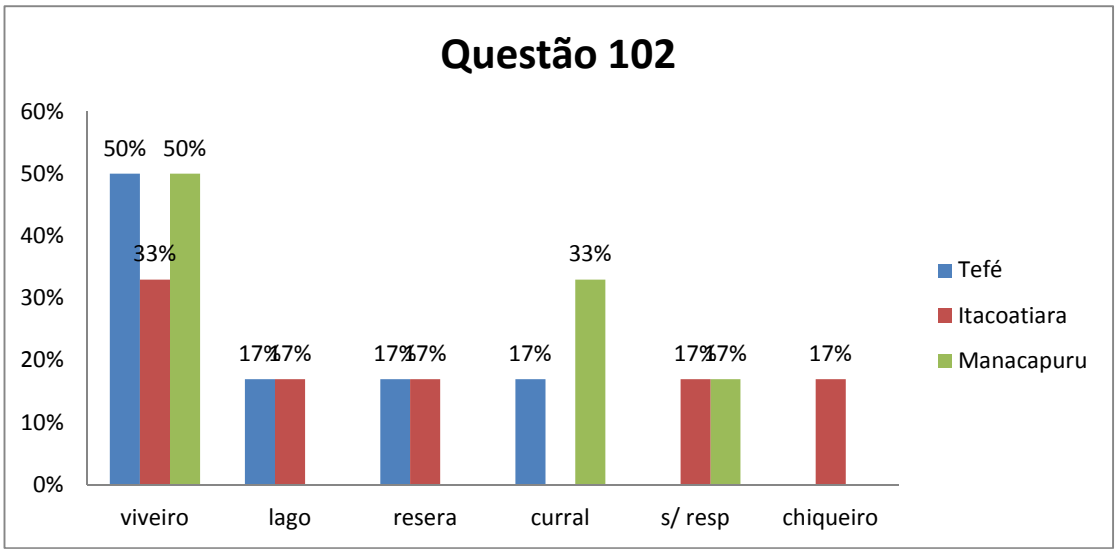


Gráfico 97: Variação lexical encontrada para a questão 102 do QSL da pesquisa

103. PEIXE-BOI

E qual aquele peixe bem grande, de quase 3 m de comprimento e que pesa até 1.200 kg? Peixe liso que come capim?

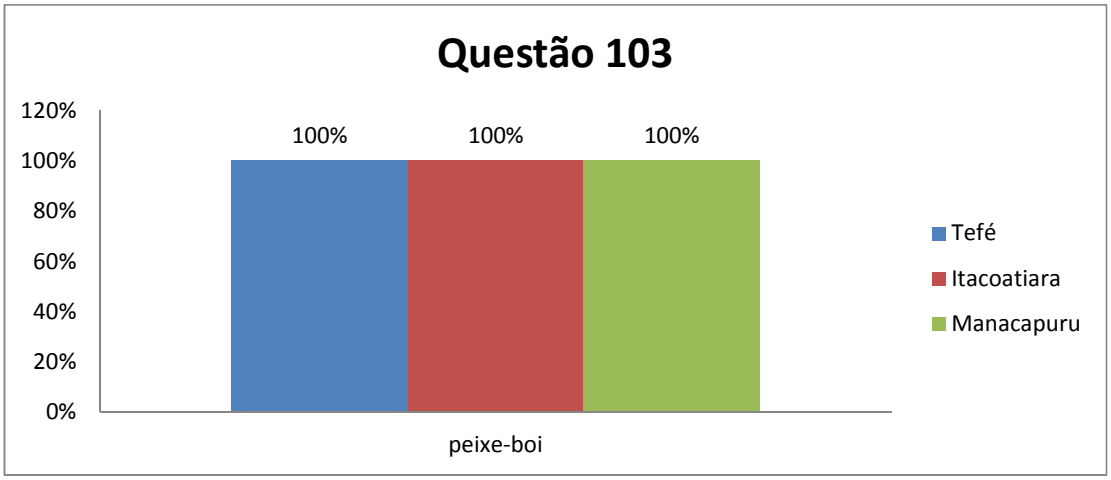


Gráfico 98: Variação lexical encontrada para a questão 103 do QSL da pesquisa

104. TABULEIRO

Como se chamam as praias onde as tartarugas desovam e são apanhadas?

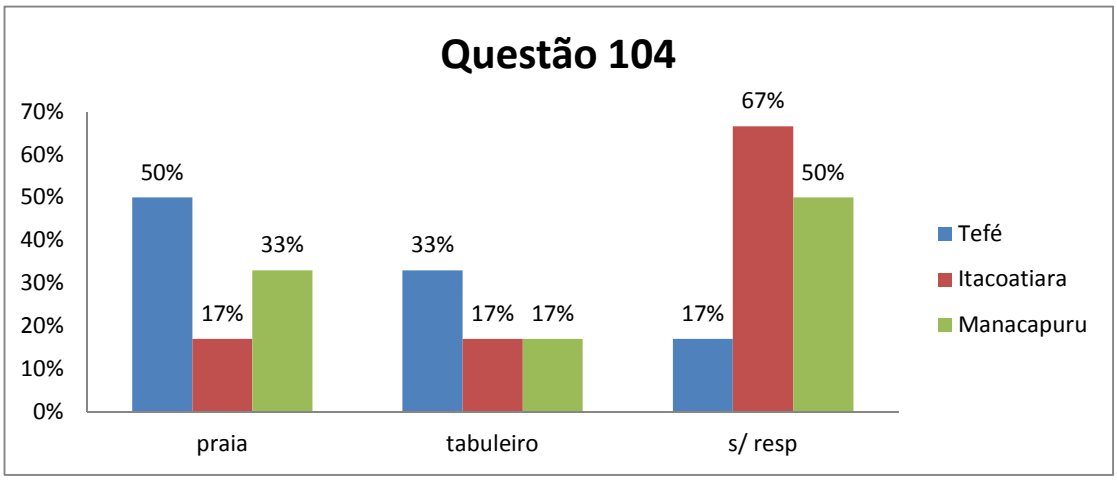


Gráfico 99: Variação lexical encontrada para a questão 104 do QSL da pesquisa

105. MACACO

Qual o nome daquele bicho que se parece com o homem? Que vive trepado nas árvores? Tem pernas, braços e rabo meio comprido?

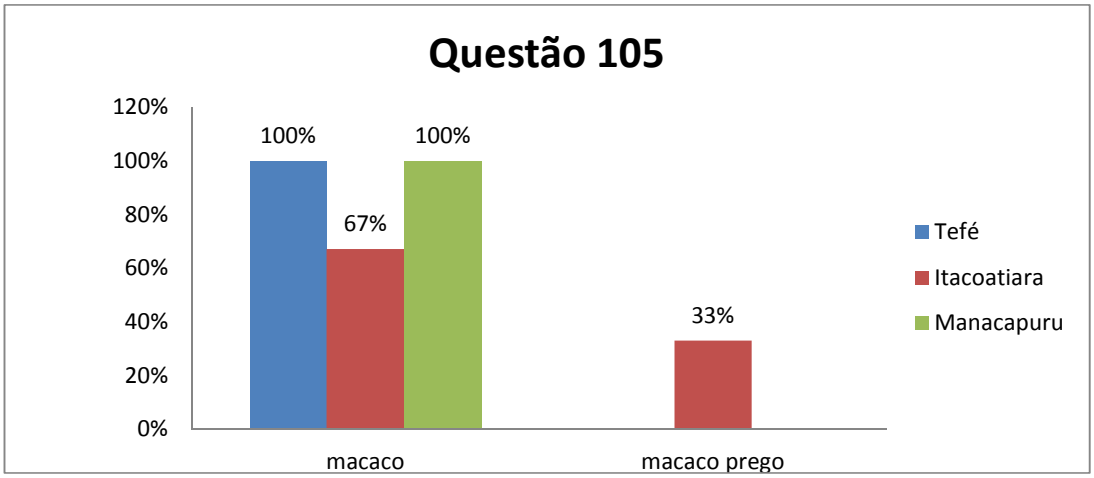


Gráfico 100: Variação lexical encontrada para a questão 105 do QSL da pesquisa

106. Quais os tipos de macaco que tem por aqui?

107. VITÓRIA-RÉGIA

Como se chama aquela planta d´água, que tem as folhas do tamanho das rodas de uma carreta, que são reviradas na ponta e que ficam boiando em cima das águas como enormes pratos entremeados de flores brancas?

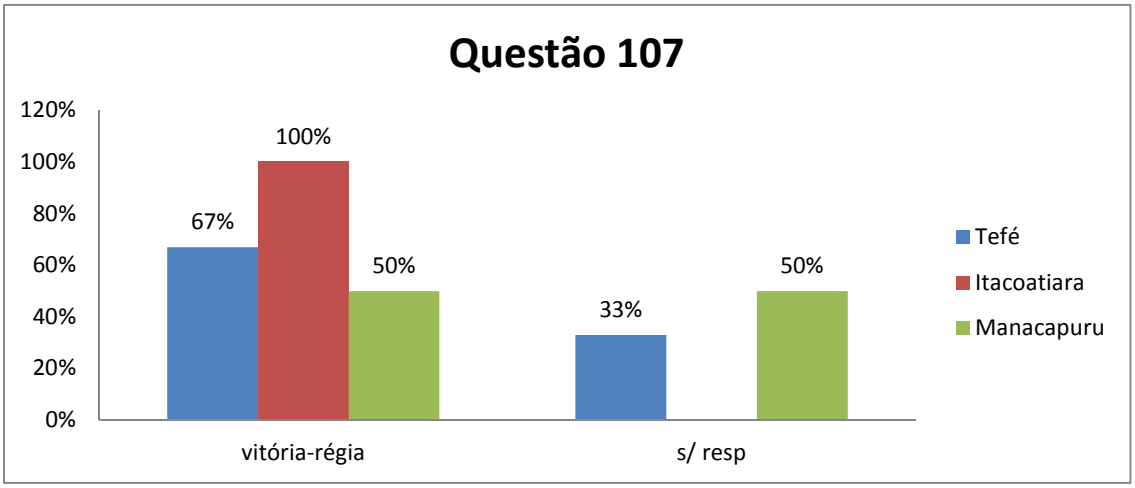


Gráfico 101: Variação lexical encontrada para a questão 107 do QSL da pesquisa

108. Existe outro tipo de planta parecida com a vitória-régia?

B. Terrestre

109. Quais os tipos de árvores que vocês têm por aqui?

110. CUPUAÇU

Qual o nome da árvore que dá um saboroso fruto, de cor marrom, de que se pode fazer doce?

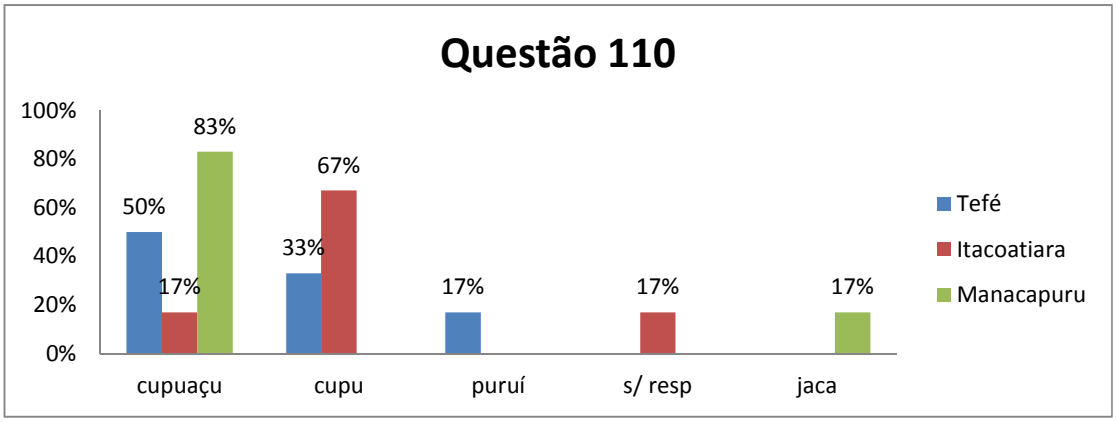


Gráfico 102: Variação lexical encontrada para a questão 110 do QSL da pesquisa

111. TUCUMÃ

E da árvore que dá uma fruta pequena, aqui no Amazonas, que tem um caroço preto, e é de cor amarela? Pode ser comida crua, com café ou feito sanduíche.

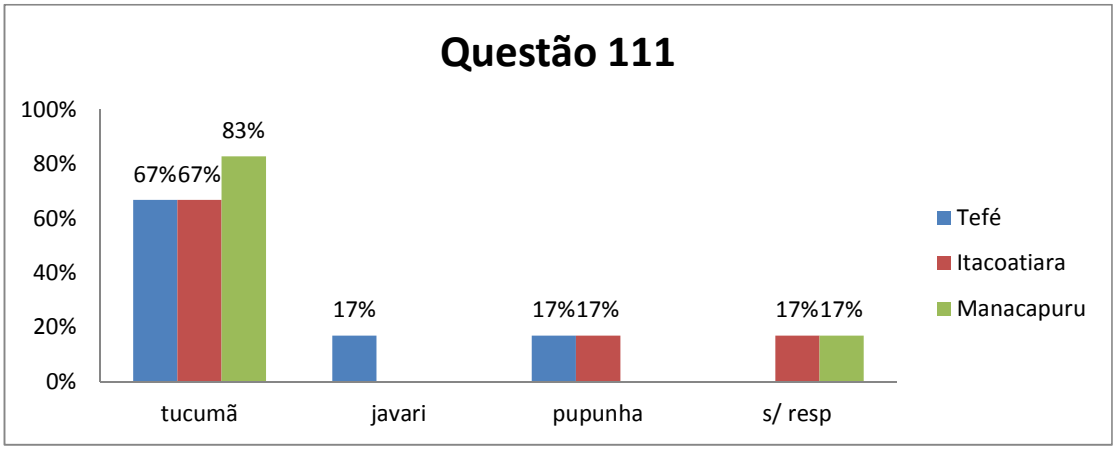


Gráfico 103: Variação lexical encontrada para a questão 111 do QSL da pesquisa

112. PUPUNHA

E da árvore que dá uma fruta amarela no Amazonas, com caroço pequeno, verde por fora? É bem gostosa também e deve ser comida cozida.

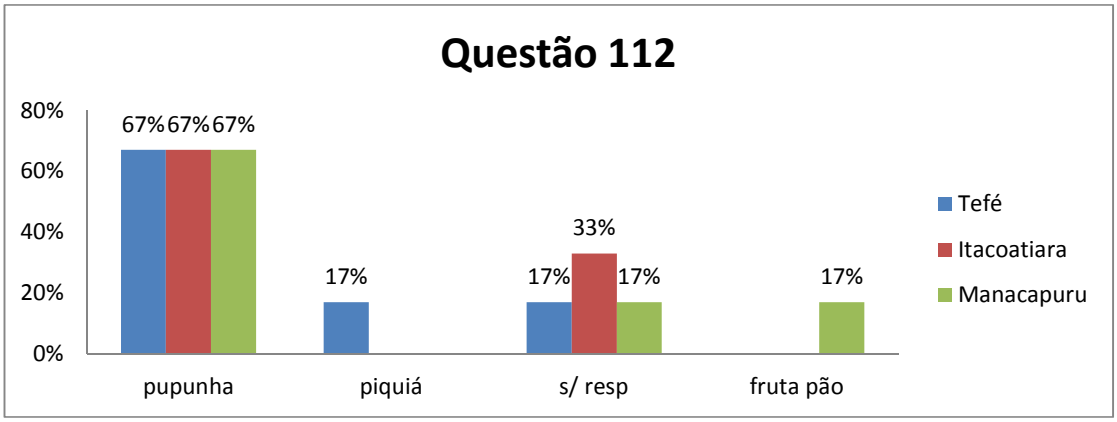


Gráfico 104: Variação lexical encontrada para a questão 112 do QSL da pesquisa

113. SERINGUEIRA

Como se chama aquela árvore que dá borracha?

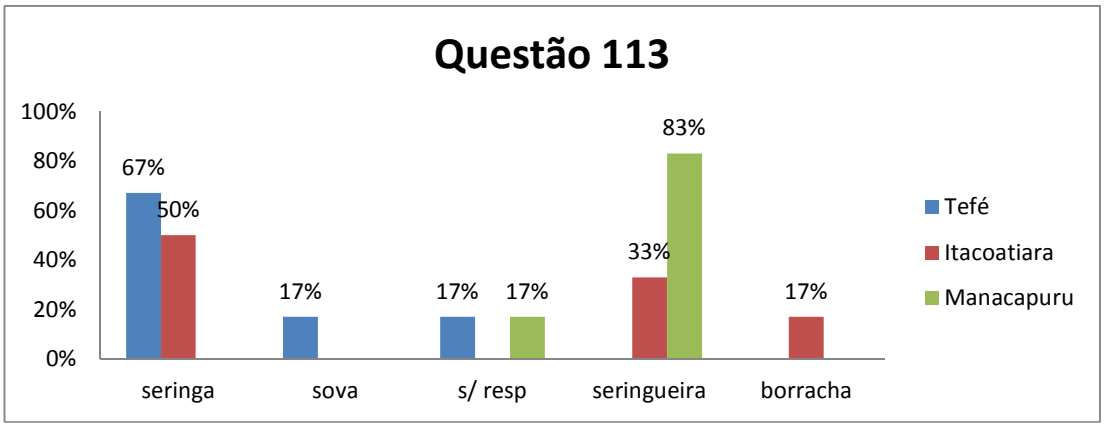


Gráfico 105: Variação lexical encontrada para a questão 113 do QSL da pesquisa

114. CASTANHEIRO

E aquela árvore que dá um fruto muito saboroso e nutritivo, que se pode comer cru ou cozido. É um fruto bem pequeno, branco por dentro e tem uma casca marrom.

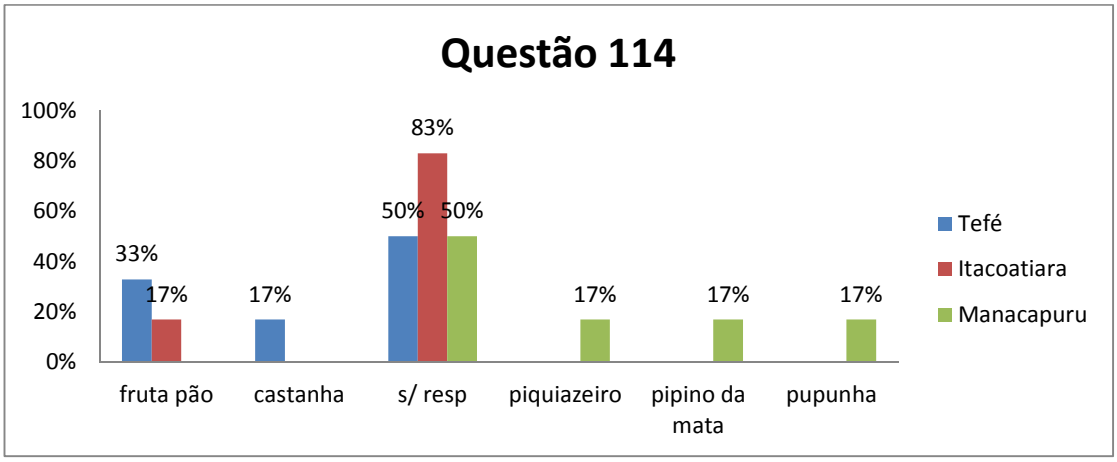


Gráfico 106: Variação lexical encontrada para a questão 114 do QSL da pesquisa

115. JAMBEIRO

E o nome daquela árvore que dá um fruto gostoso. É uma fruta que é pequena, branca por dentro, com um carocinho preto e vermelho por fora?

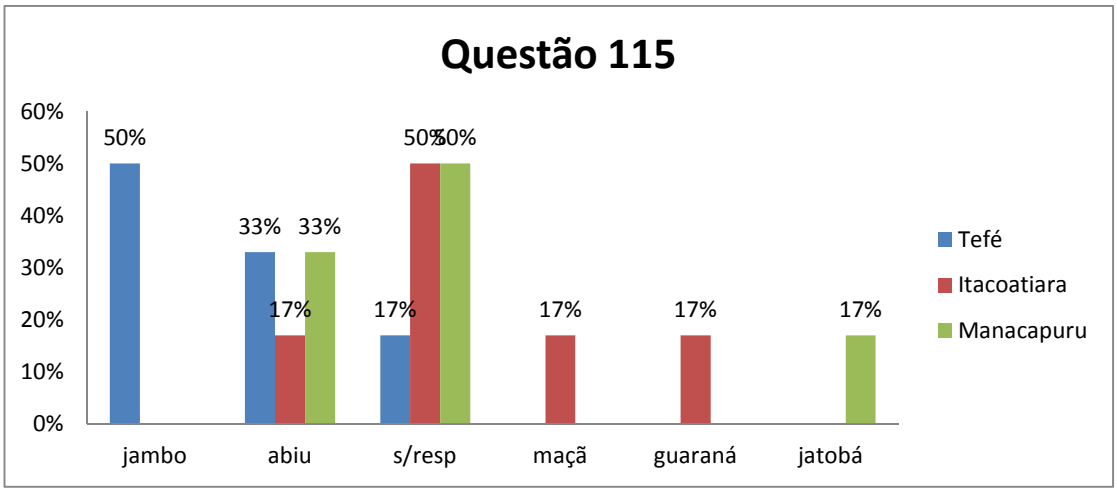


Gráfico 107: Variação lexical encontrada para a questão 115 do QSL da pesquisa

116. SAPOTILHA

E aquela outra que dá uma fruta bem gostosa também? Que é pequena e marrom, tem um carocinho preto dentro.

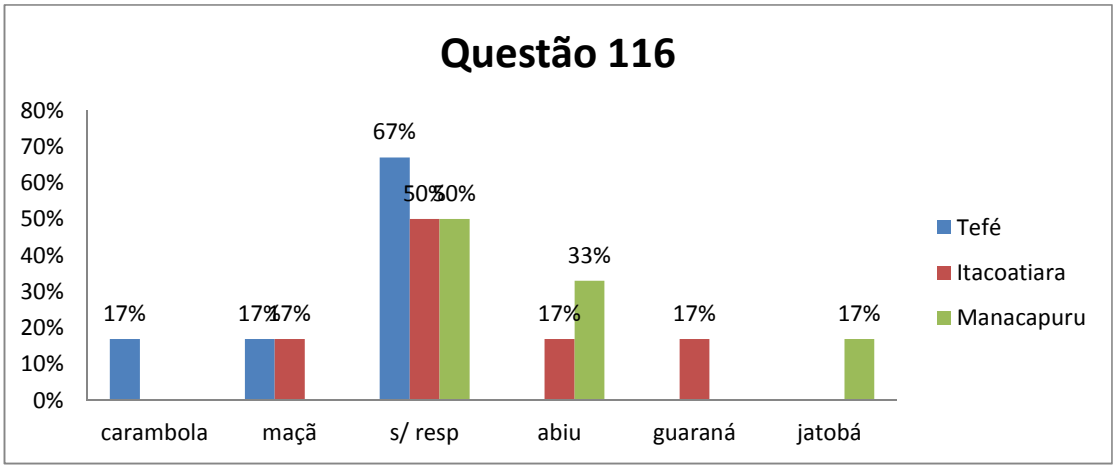


Gráfico 108: Variação lexical encontrada para a questão 116 do QSL da pesquisa

III – MEIO ANTRÓPICO

A – O Homem

(a) Características Físicas

117. NUCA

O que é isso? (Apontar)

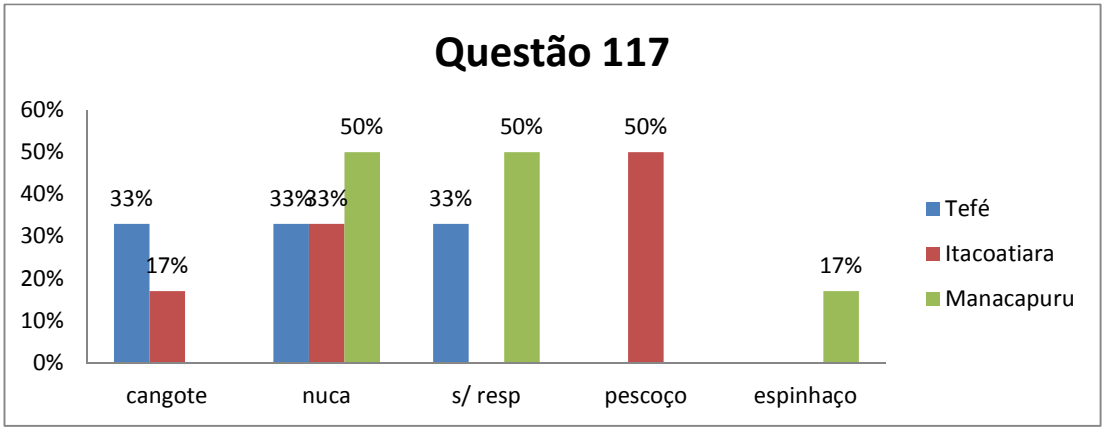


Gráfico 109: Variação lexical encontrada para a questão 117 do QSL da pesquisa

118. POMO-DE-ADÃO

Qual o nome desta parte alta do pescoço do homem? (Apontar)

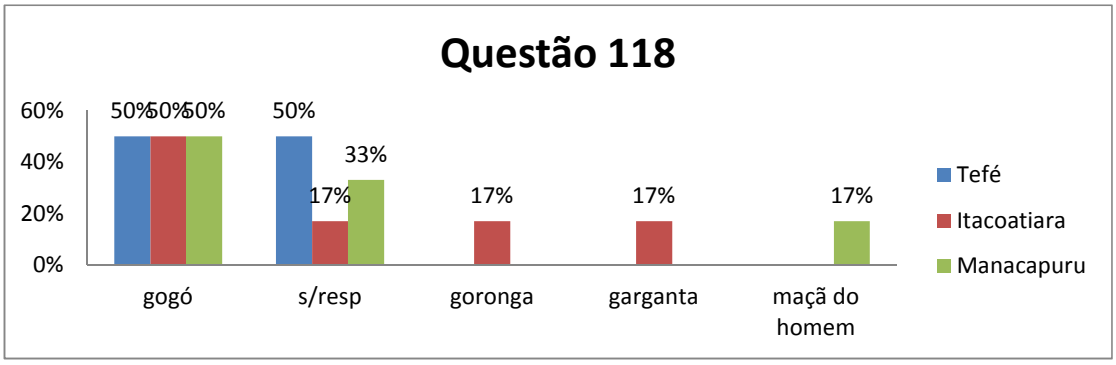


Gráfico 110: Variação lexical encontrada para a questão 118 do QSL da pesquisa

119. MOLEIRA

Qual o nome da parte da cabeça da criança, que fica aqui em cima? (Apontar)

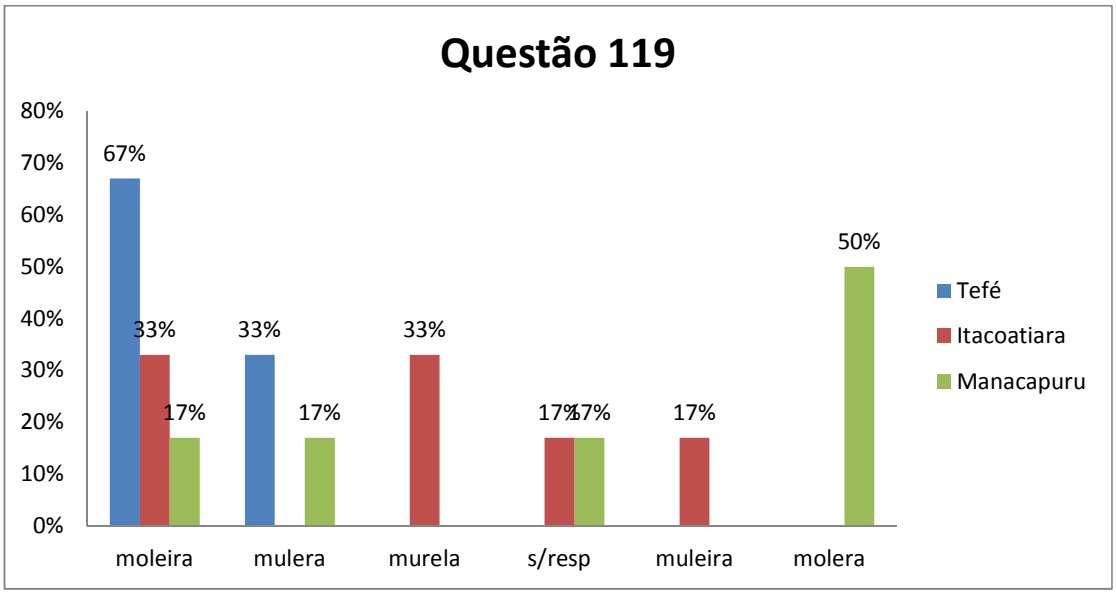


Gráfico 111: Variação lexical encontrada para a questão 119 do QSL da pesquisa

120. SEIOS

A parte do corpo da mulher com que ela dá de mamar aos filhos?

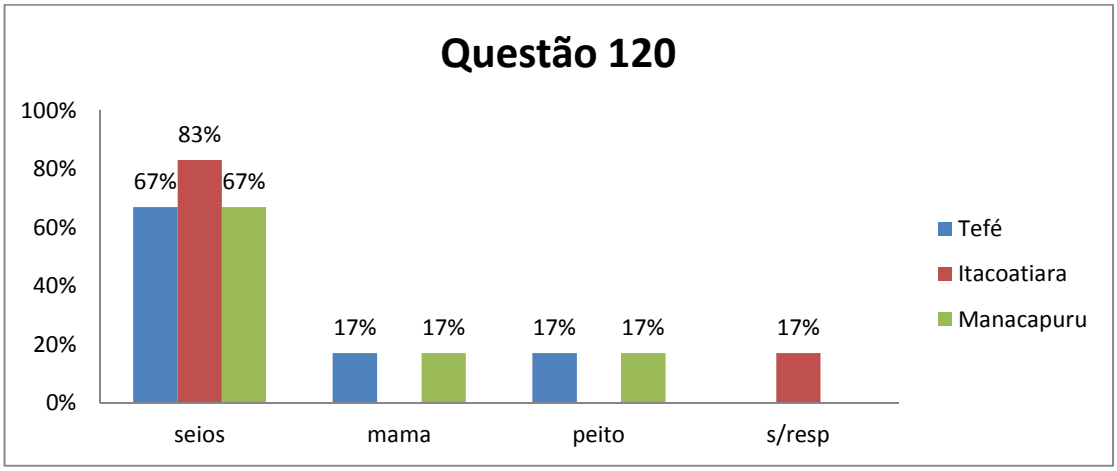


Gráfico 112: Variação lexical encontrada para a questão 120 do QSL da pesquisa

121. CALCANHAR

Como se chama isto? (Apontar)

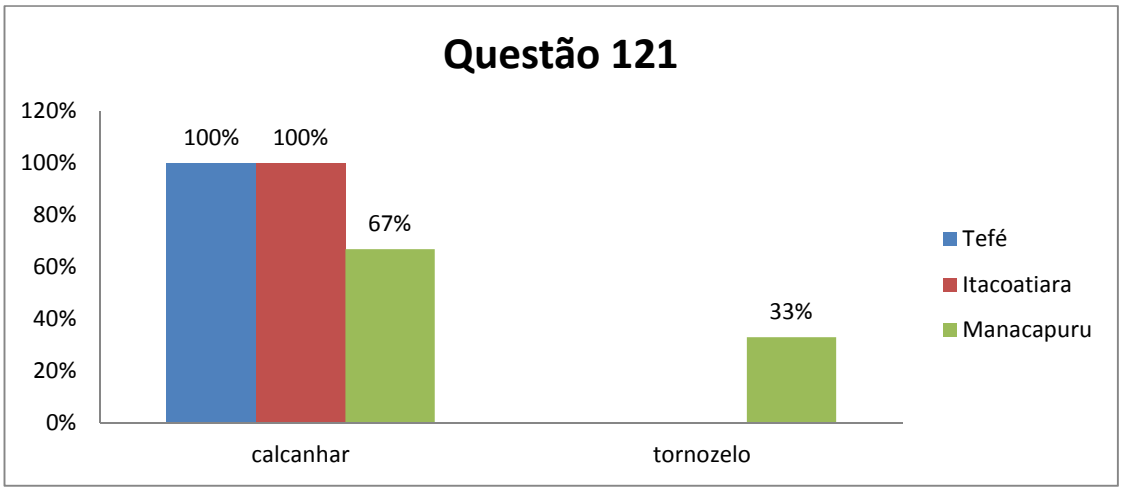


Gráfico 113: Variação lexical encontrada para a questão 121 do QSL da pesquisa

122. RÓTULA

O osso redondo que fica na frente do joelho?

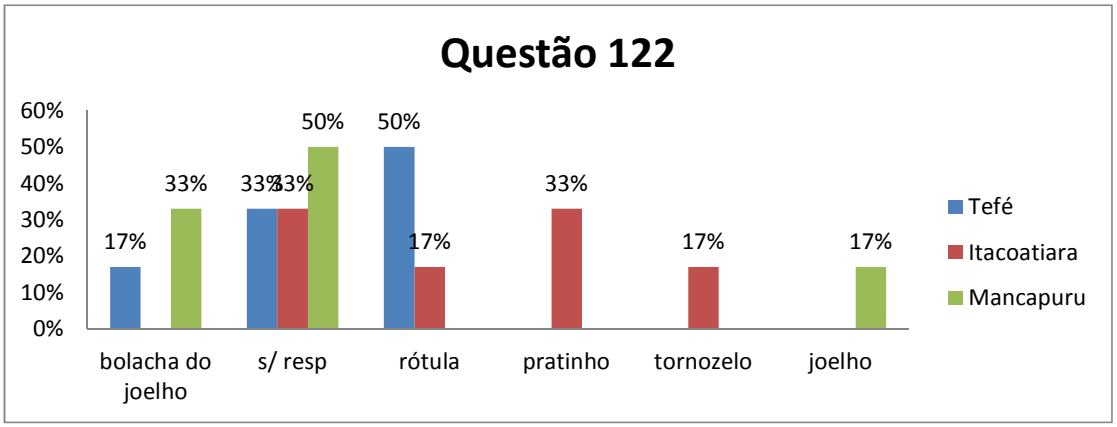


Gráfico 114: Variação lexical encontrada para a questão 122 do QSL da pesquisa

123. DENTES CANINOS

Esses dois dentes pontudos? (Apontar)

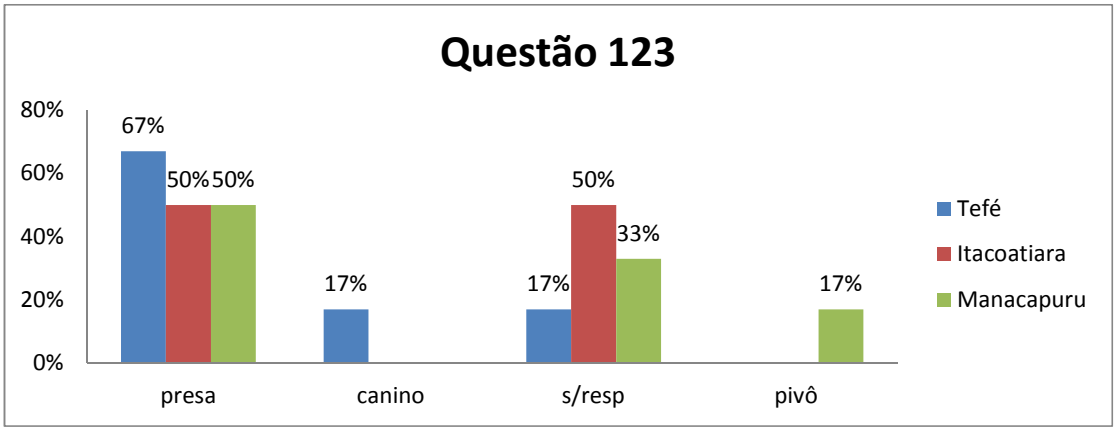


Gráfico 115: Variação lexical encontrada para a questão 123 do QSL da pesquisa

124. DENTES DO SISO

Os últimos dentes, que nascem quando a pessoa já é adulta?

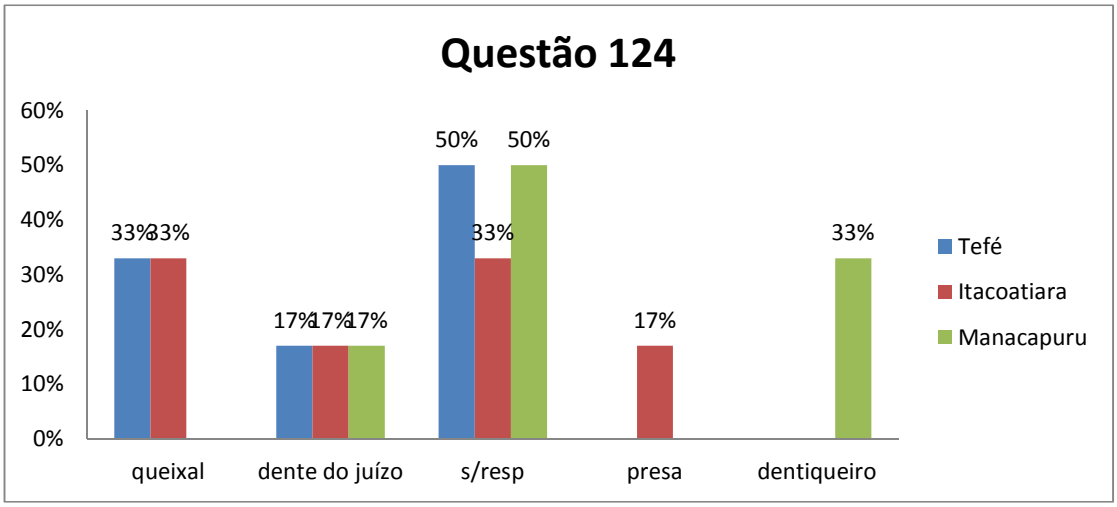


Gráfico 116: Variação lexical encontrada para a questão 124 do QSL da pesquisa

125. DENTES MOLARES

Esses dentes grandes no fundo da boca que servem para triturar os alimentos?

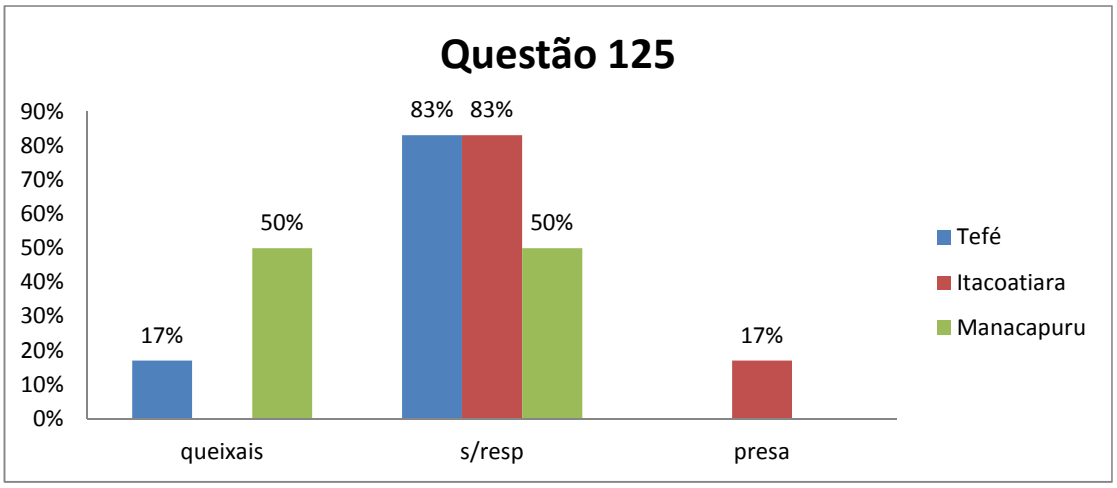


Gráfico 117: Variação lexical encontrada para a questão 125 do QSL da pesquisa

126. DESDENTADO

Como se chama a pessoa que não tem dentes?

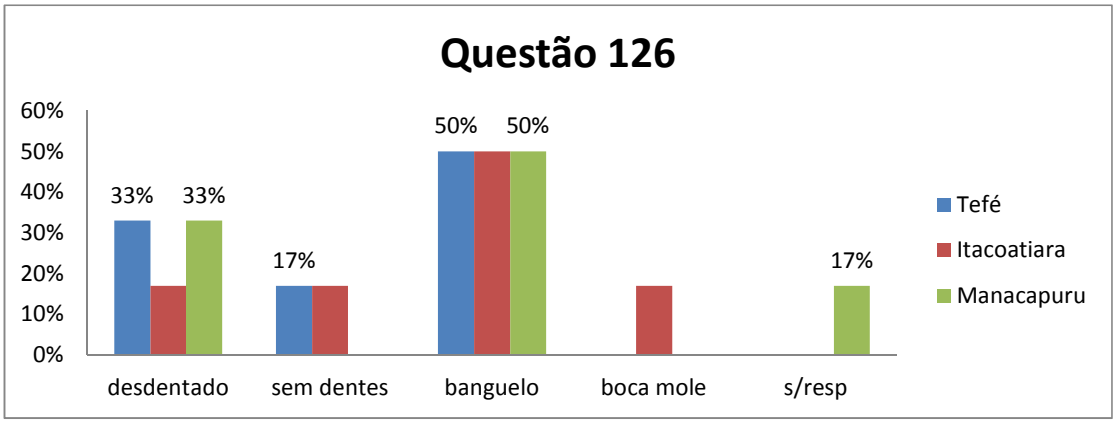


Gráfico 118: Variação lexical encontrada para a questão 126 do QSL da pesquisa

127. FANHOSO

Como se chama a pessoa que parece falar pelo nariz? (Imitar)

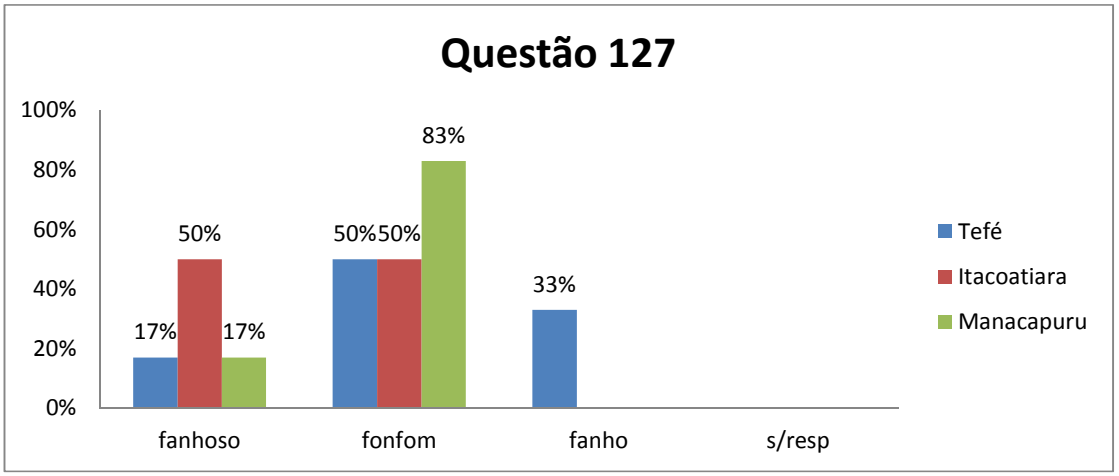


Gráfico 119: Variação lexical encontrada para a questão 127 do QSL da pesquisa

128. CAOLHO

Como se chama a pessoa que enxerga com um olho só?

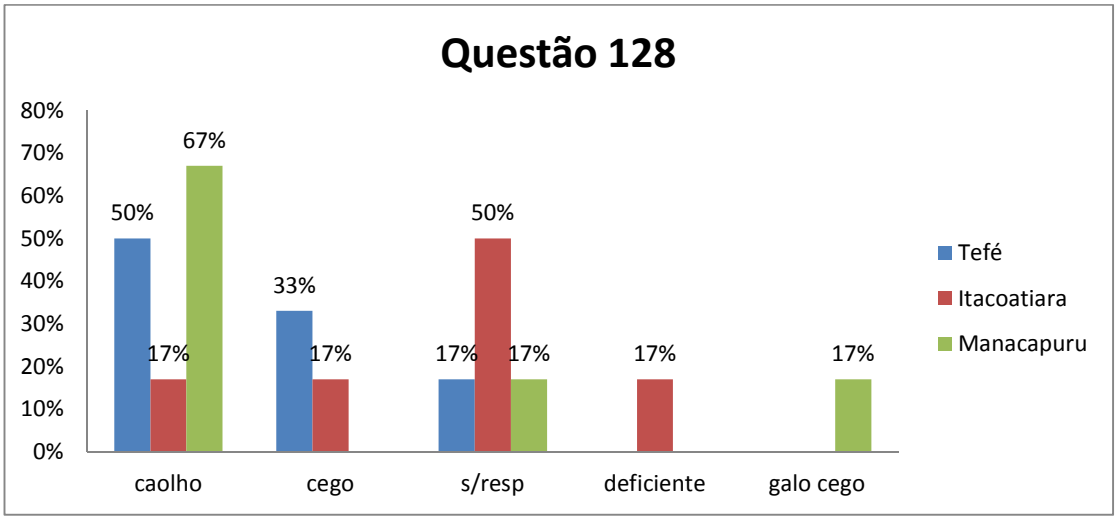


Gráfico 120: Variação lexical encontrada para a questão 128 do QSL da pesquisa

129. VESGO

Como se chama a pessoa que tem os olhos olhando em direções diferentes? (Imitar)

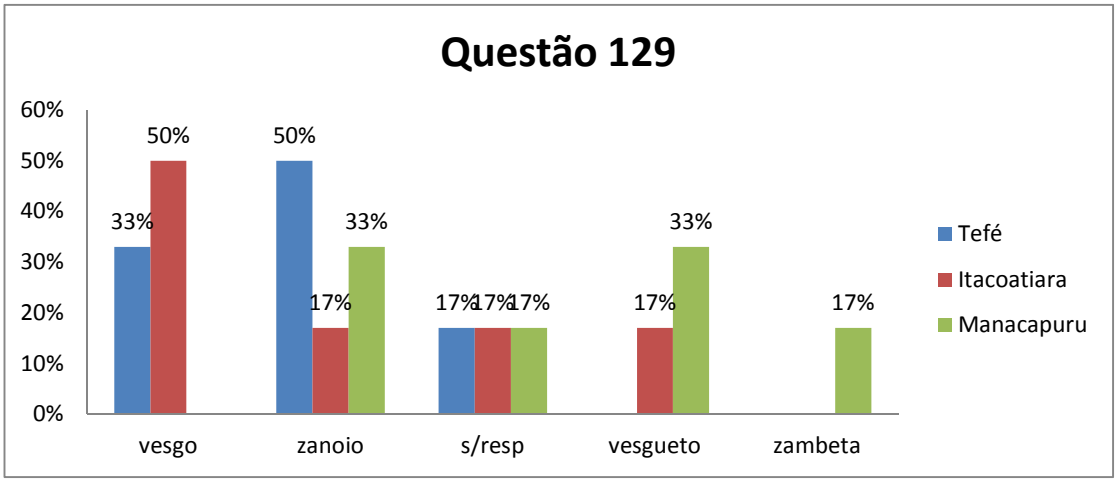


Gráfico 121: Variação lexical encontrada para a questão 129 do QSL da pesquisa

130. TERÇOL

Como se chama uma bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha?

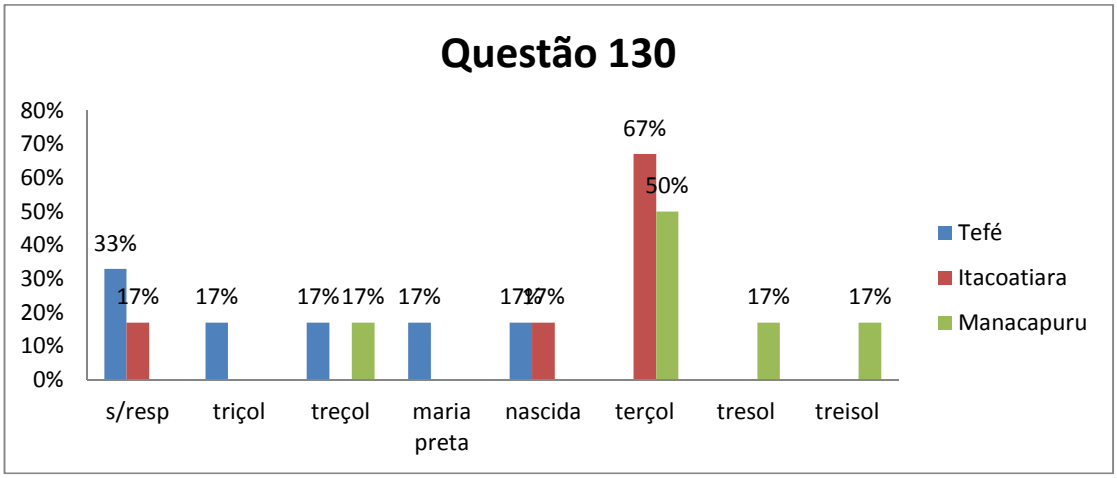


Gráfico 122: Variação lexical encontrada para a questão 130 do QSL da pesquisa

131. SOLUÇO

Como se chama esse barulhinho que se faz? (Imitar)

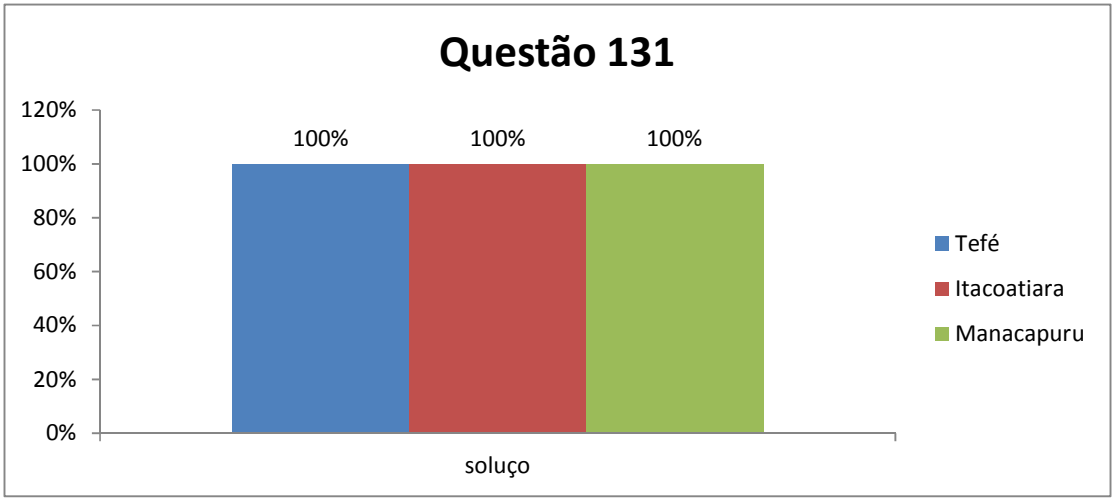


Gráfico 123: Variação lexical encontrada para a questão 131 do QSL da pesquisa

132. CATARACA

Como se chama a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?

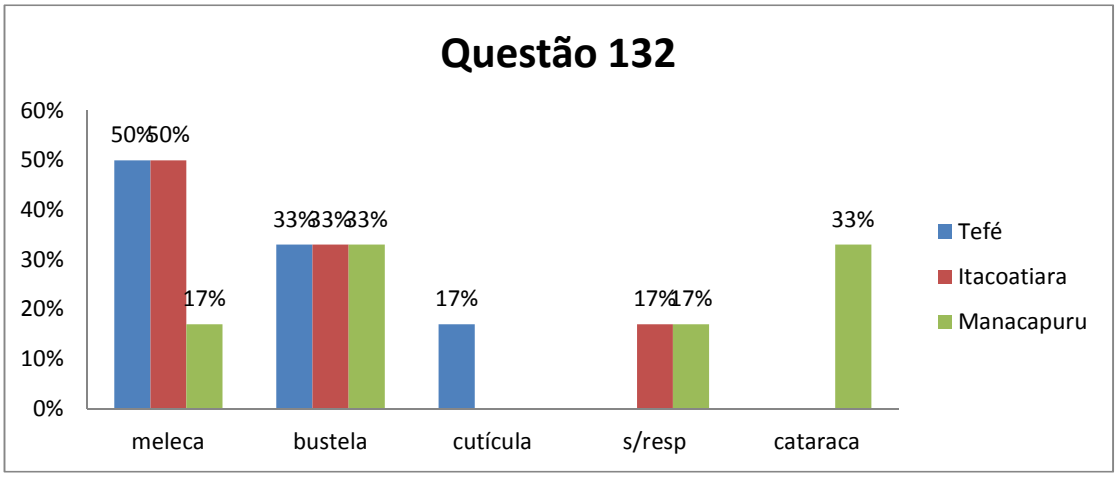


Gráfico 124: Variação lexical encontrada para a questão 132 do QSL da pesquisa

133. CANHOTO

Como se chama a pessoa que come com a mão esquerda e faz tudo com essa mão?

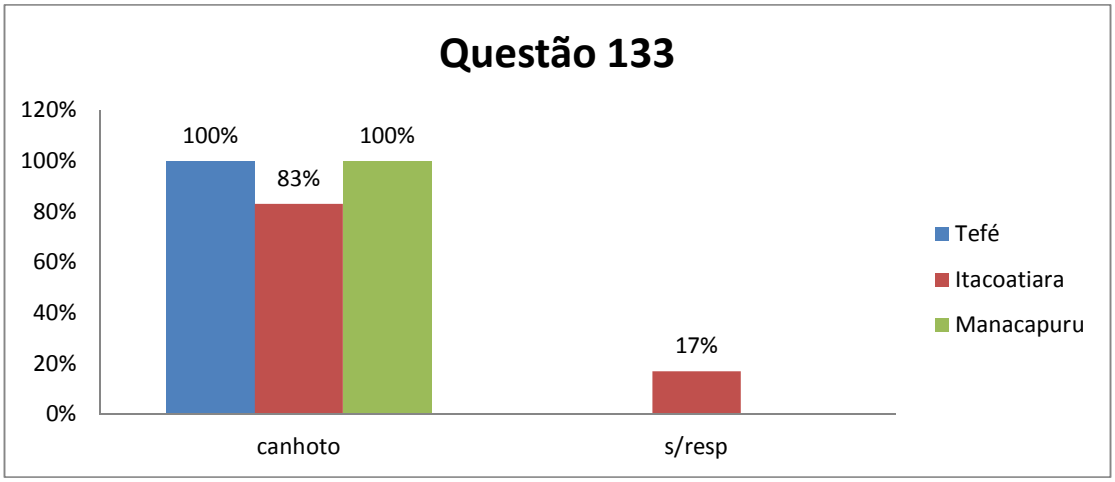


Gráfico 125: Variação lexical encontrada para a questão 133 do QSL da pesquisa

134. PERNETA

Como se chama a pessoa que tem uma perna só?

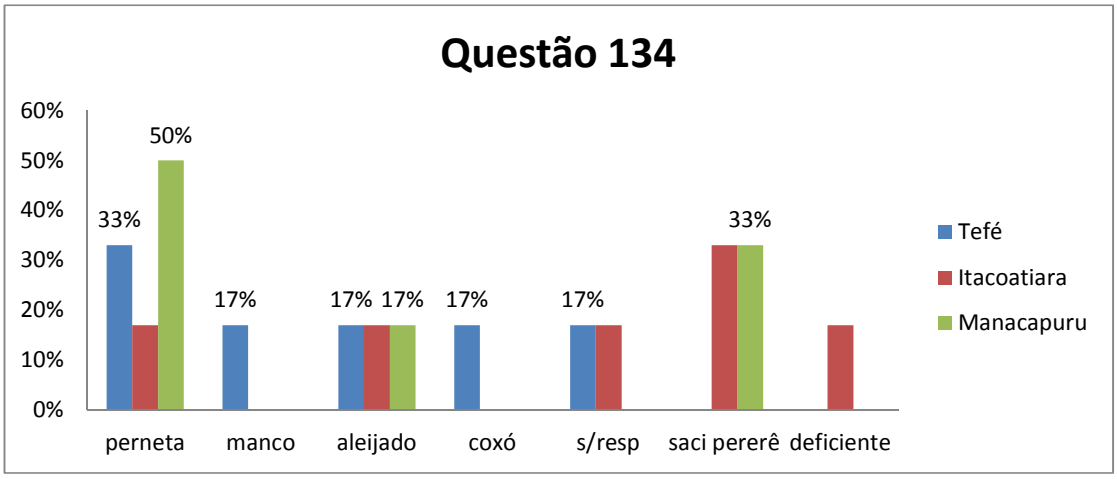


Gráfico 126: Variação lexical encontrada para a questão 134 do QSL da pesquisa

135. MANCO

Como se chama a pessoa que puxa de uma perna?

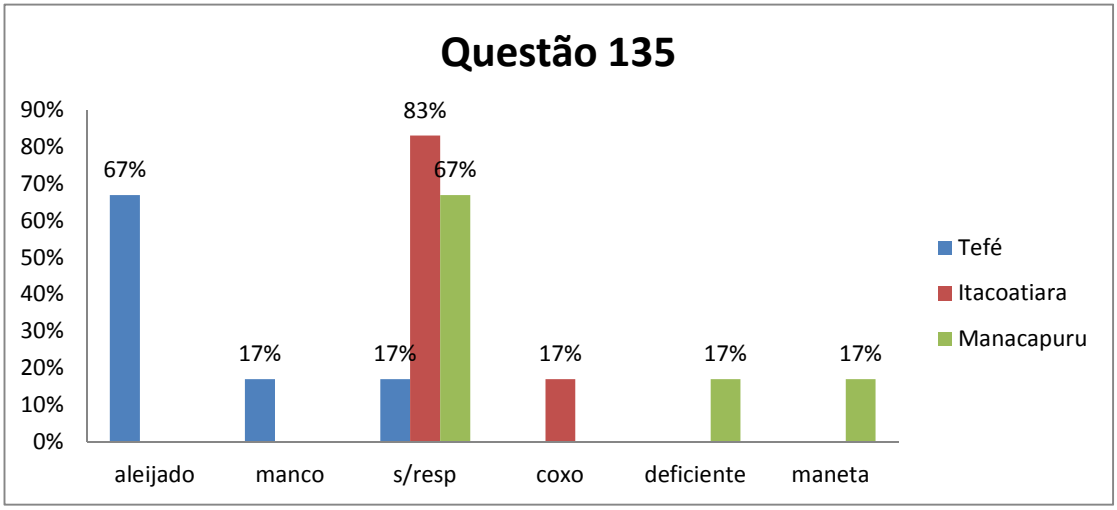


Gráfico 127: Variação lexical encontrada para a questão 135 do QSL da pesquisa

136. CAMBOTA

Como se chama a pessoa que tem as pernas arqueadas, curvas para os lados?

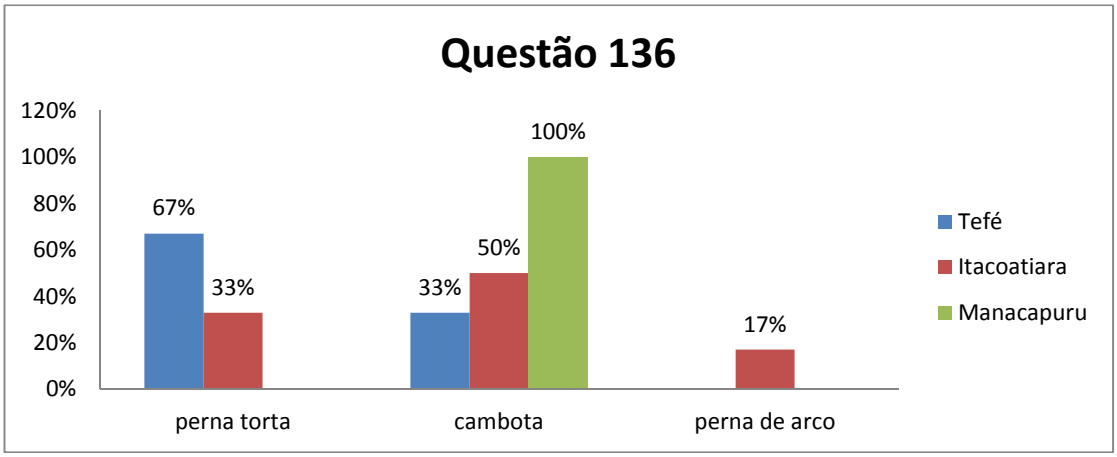


Gráfico 128: Variação lexical encontrada para a questão 136 do QSL da pesquisa

137. AXILA

Como se chama esta parte aqui? (Apontar)

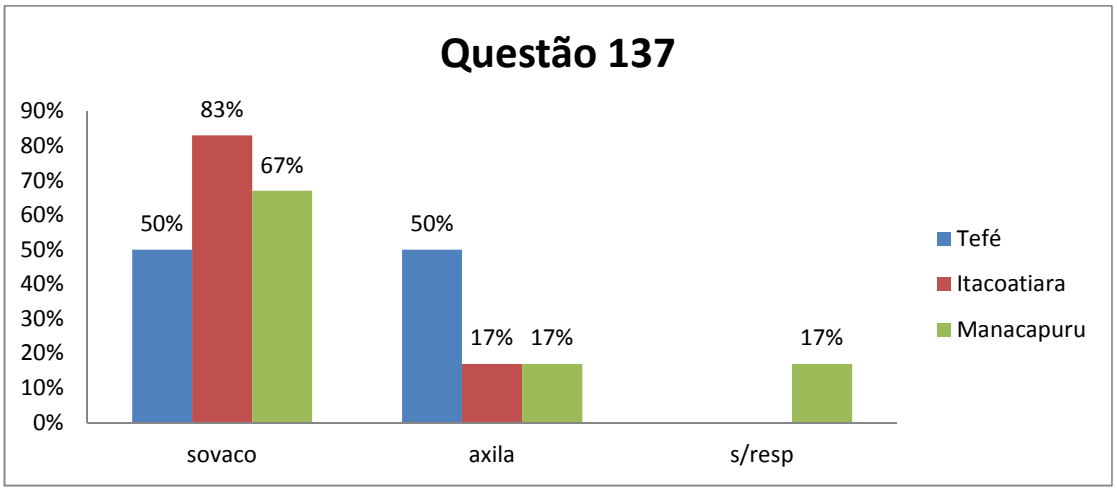


Gráfico 129: Variação lexical encontrada para a questão 137 do QSL da pesquisa

138. CECÊ

Como se chama o mau cheiro debaixo dos braços?

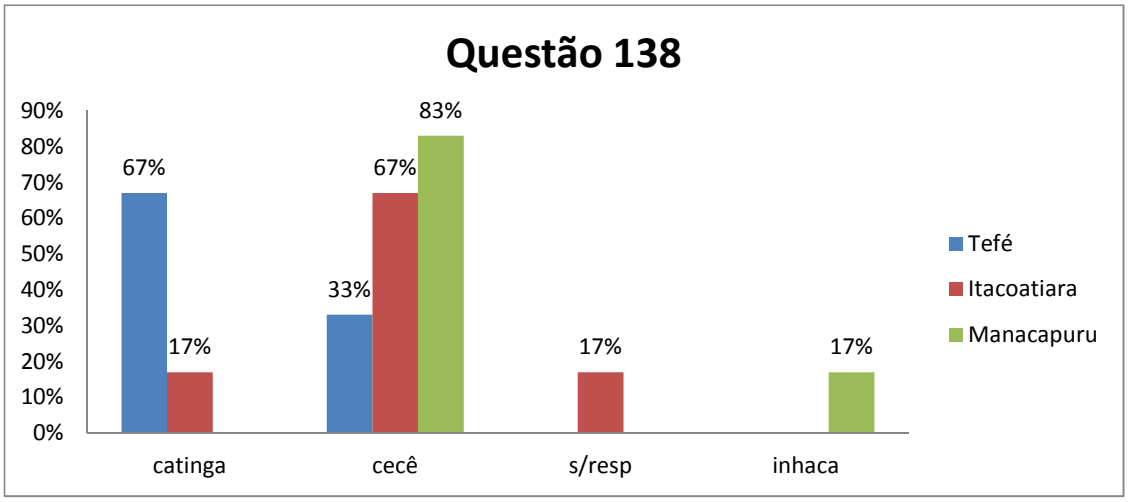


Gráfico 130: Variação lexical encontrada para a questão 138 do QSL da pesquisa

(b) Relações Familiares (Parentesco)

139. CUNHANTÃ

O mesmo que menina, garota.

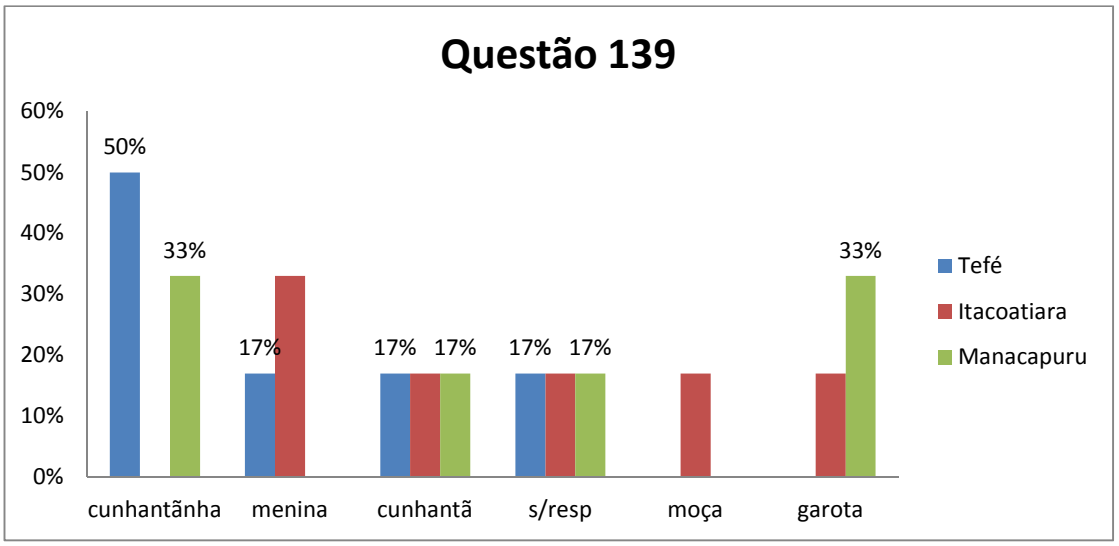


Gráfico 131: Variação lexical encontrada para a questão 139 do QSL da pesquisa

140. CURUMIM

O mesmo que menino, garoto.

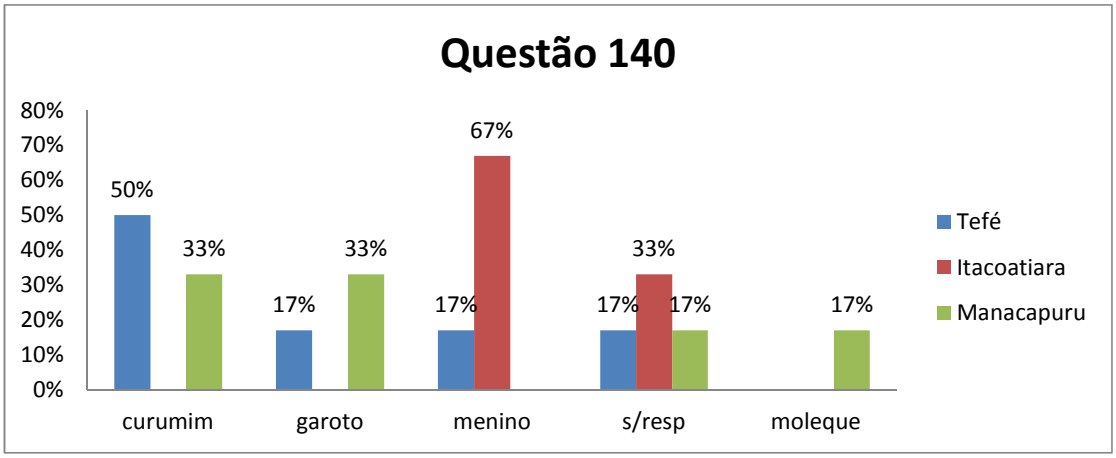


Gráfico 132: Variação lexical encontrada para a questão 140 do QSL da pesquisa

141. MANA

Palavra carinhosa usada para se referir a uma irmã, a qualquer outra parenta a até mesmo a uma amiga

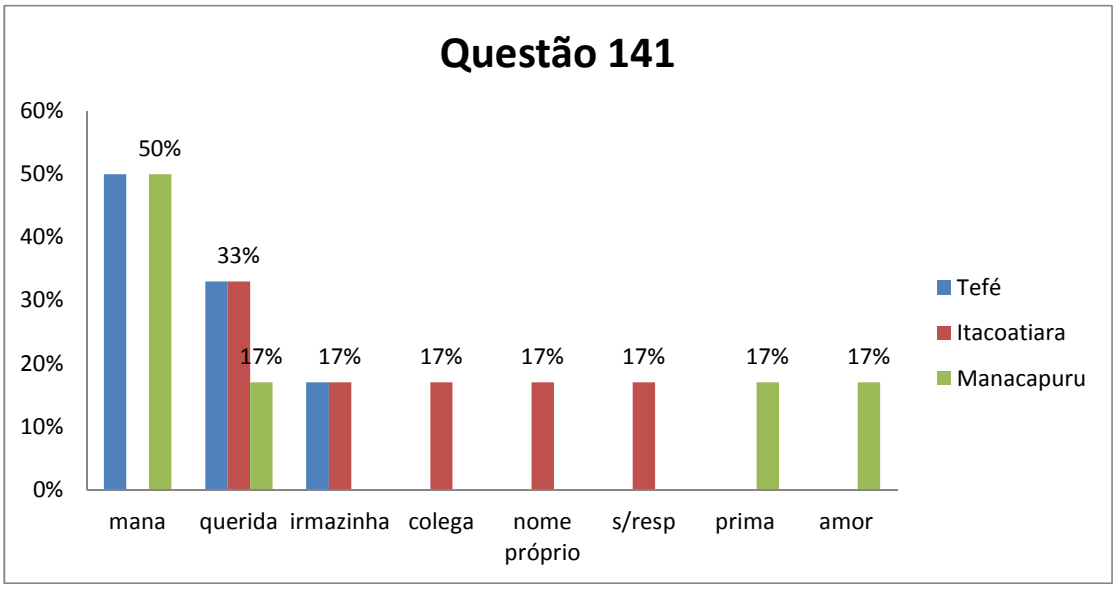


Gráfico 133: Variação lexical encontrada para a questão 141 do QSL da pesquisa

142. MANO

Palavra carinhosa usada para se referir a um irmão, a qualquer outro parente ou até mesmo a um amigo

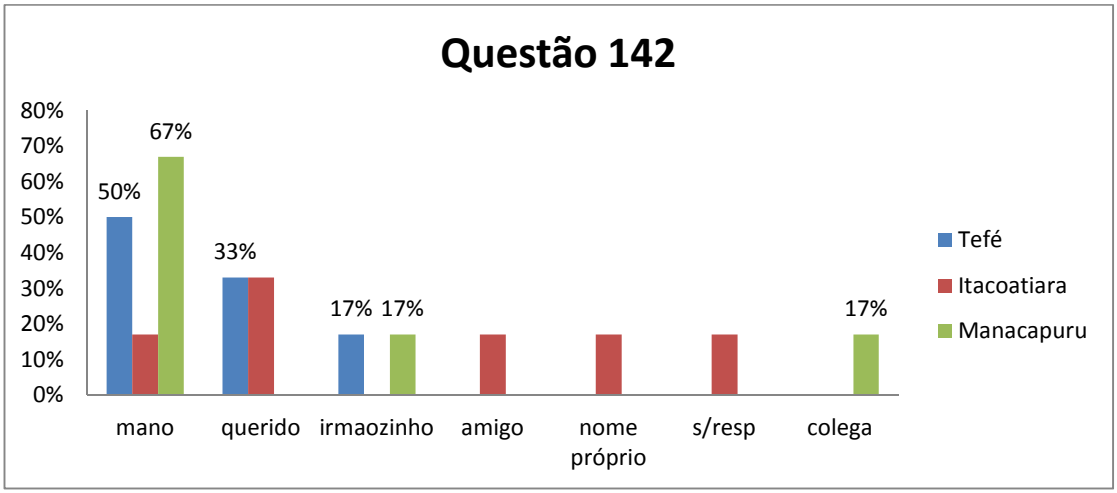


Gráfico 134: Variação lexical encontrada para a questão 142 do QSL da pesquisa

(c) Alimentação e Saúde (Medicina Caseira)

143. ANDIROBA

Como se chama aquele óleo de cor amarelada, muito usado em fricções para aliviar dores nos ossos e para fazer embrocações na garganta, para curar inflamação nas amídalas?

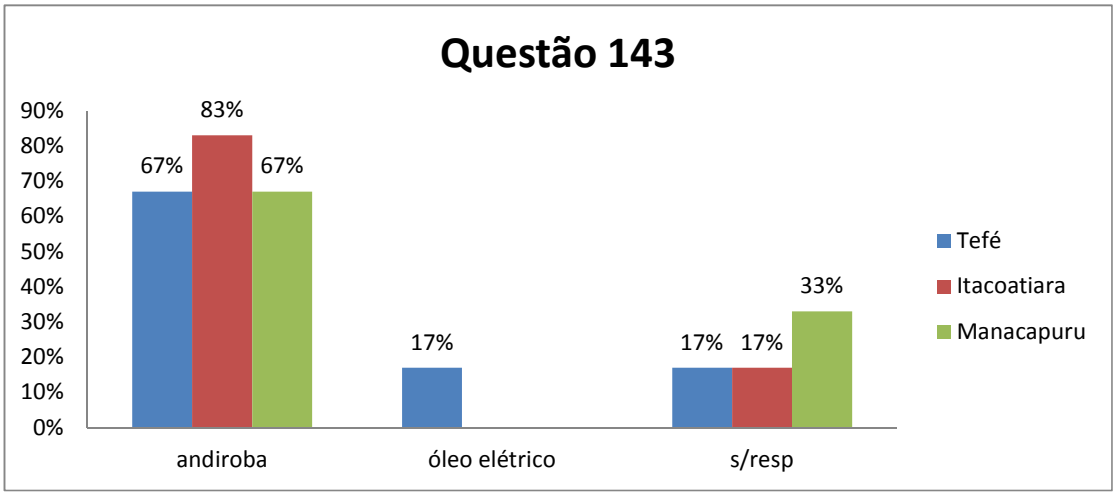


Gráfico 135: Variação lexical encontrada para a questão 143 do QSL da pesquisa

144. COPAÍBA

E aquele óleo que se tira de uma árvore que é oca em toda a altura do tronco e parece que a casca não deixa passar água, fazendo com que seja conservado, em seu interior, esse óleo que ela fabrica de três em três anos?

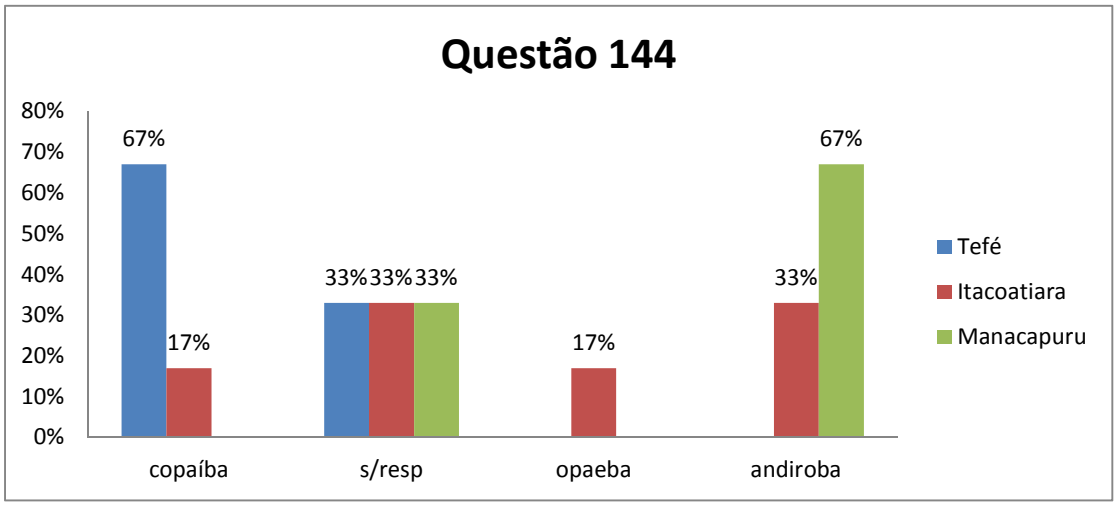


Gráfico 136: Variação lexical encontrada para a questão 144 do QSL da pesquisa

145. BANHO DE SABUGUEIRO

O que vocês usam em casa para curar sarampo?

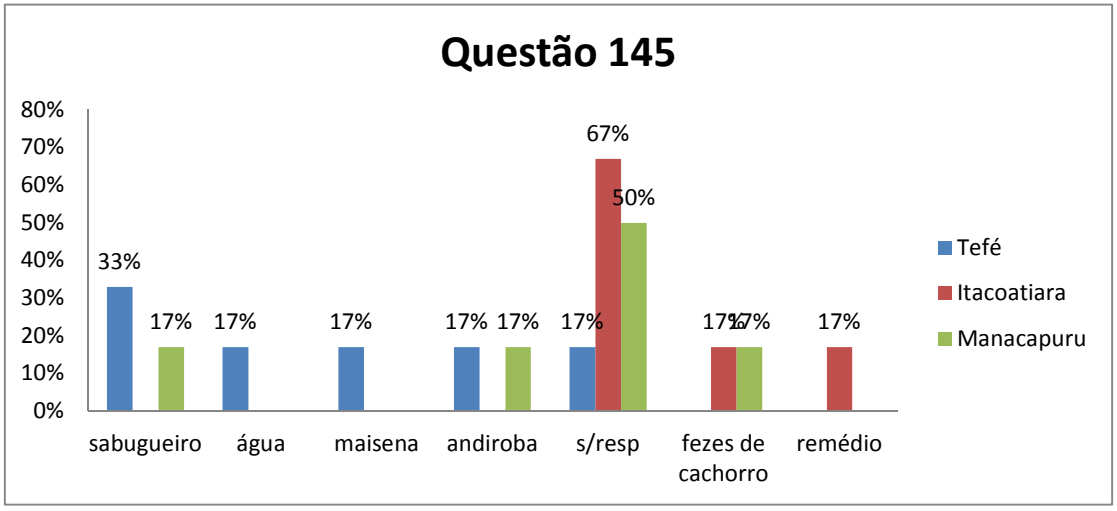


Gráfico 137: Variação lexical encontrada para a questão 145 do QSL da pesquisa

146. SEBO DE HOLANDA

Como se chama um tipo de gordura (retirada do carneiro) para ser usada no tratamento de reumatismo, ossos, juntas, aquecimento muscular, acne, espinhas e cravos?

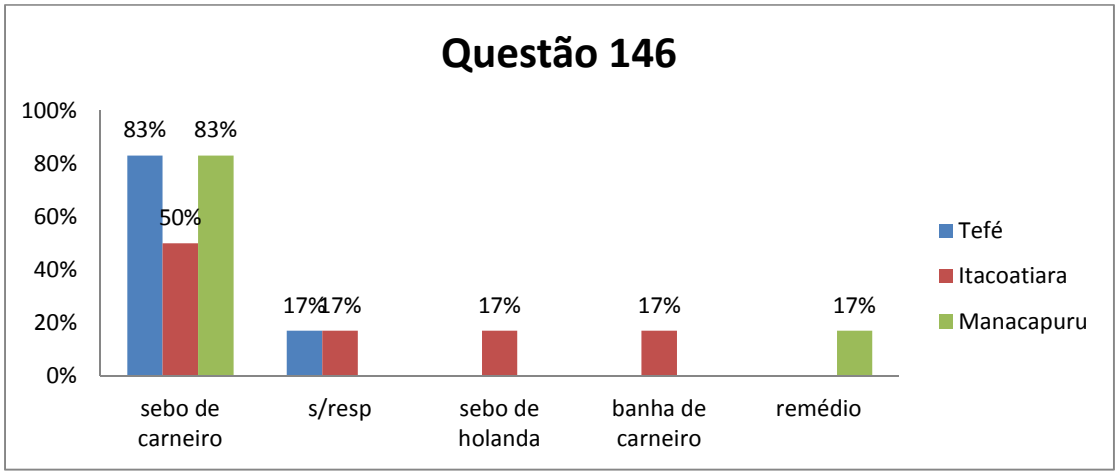


Gráfico 138: Variação lexical encontrada para a questão 146 do QSL da pesquisa

147. BENZER

Qual o jeito usado para tirar quebranto das crianças?

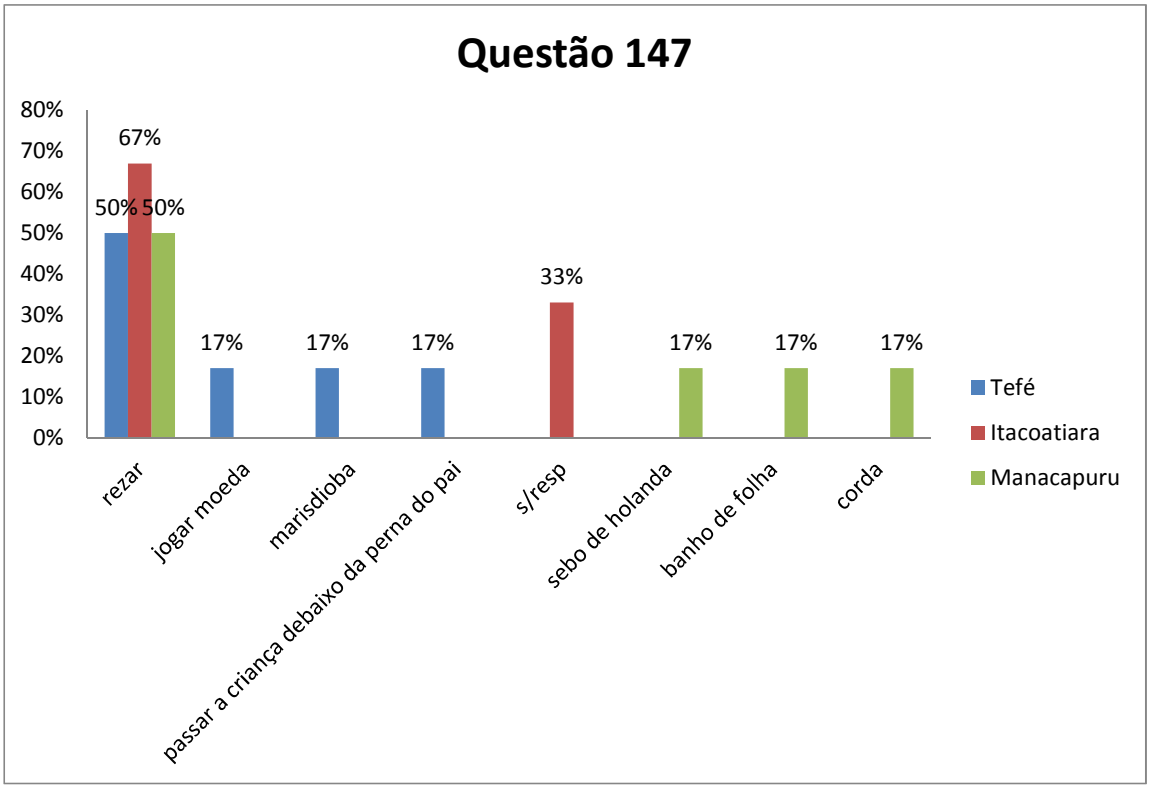


Gráfico 139: Variação lexical encontrada para a questão 147 do QSL da pesquisa

148. CHÁ DE CASCA-DE-LARANJA

E o que vocês usam para aliviar dor de estômago?

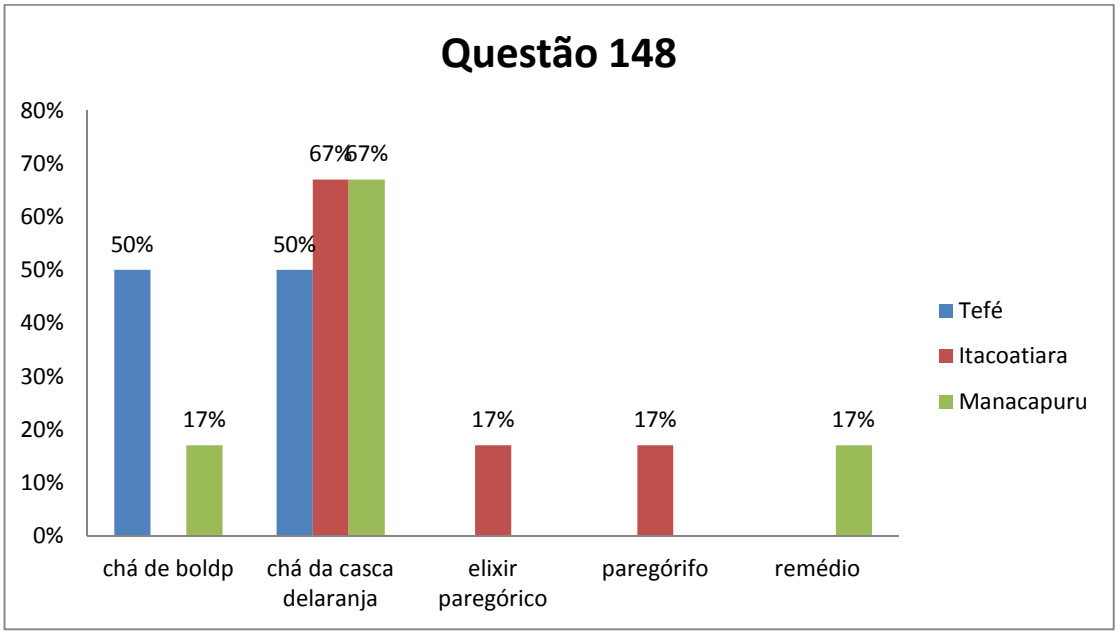


Gráfico 140: Variação lexical encontrada para a questão 148 do QSL da pesquisa

149. CHÁ DE LIMÃO

E o remédio feito em casa para curar gripe?

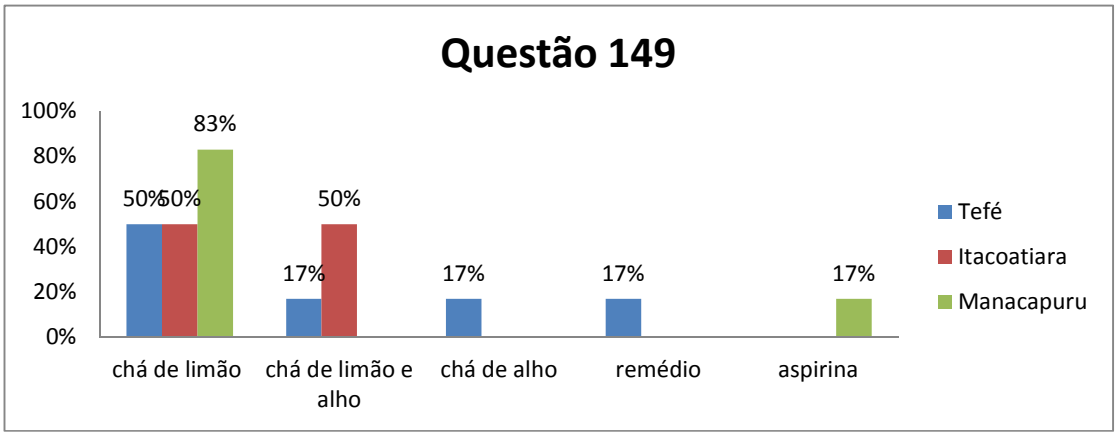


Gráfico 141: Variação lexical encontrada para a questão 149 do QSL da pesquisa

150. CHÁ DO RABO DE GUARIBA

E o remédio para curar coqueluche?

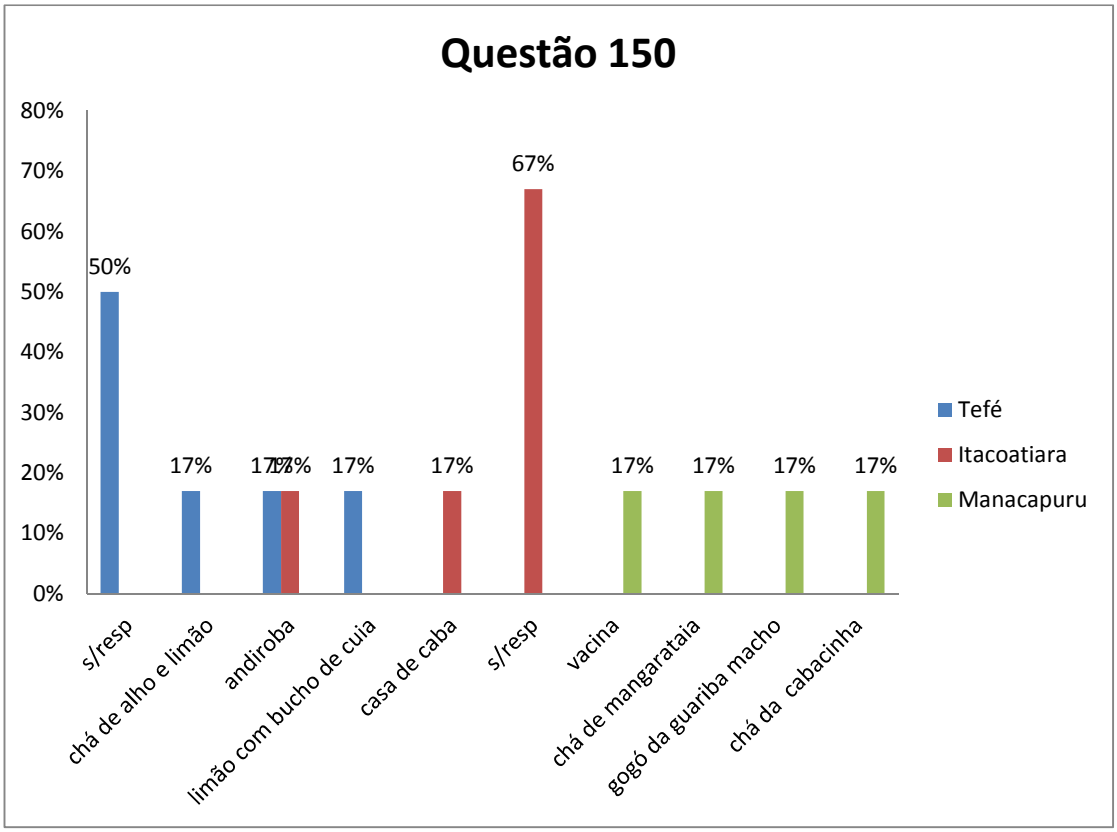


Gráfico 142: Variação lexical encontrada para a questão 150 do QSL da pesquisa

151. CORUBA

Como vocês chamam qualquer doença que dá na pele? E mancha na pele?

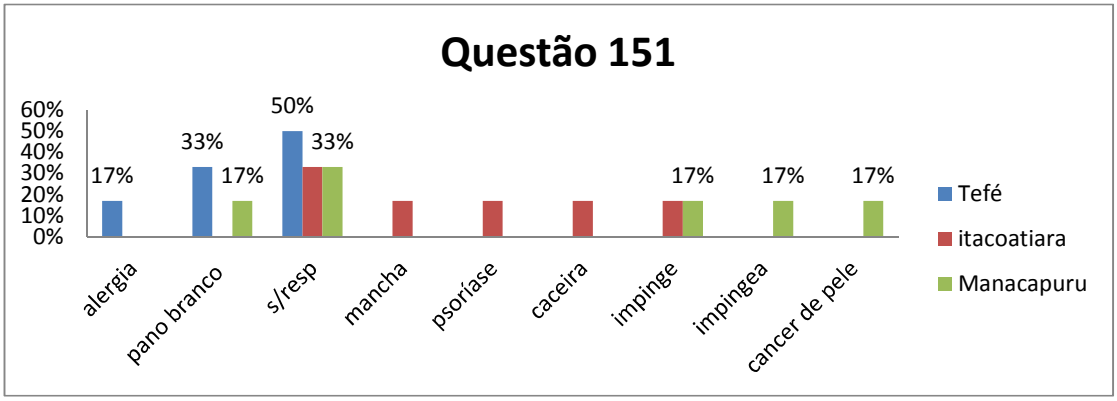


Gráfico 143: Variação lexical encontrada para a questão 151 do QSL da pesquisa

152. PAPEIRA

Aquela doença que faz inchar só um lado do queixo, que dá em criança?

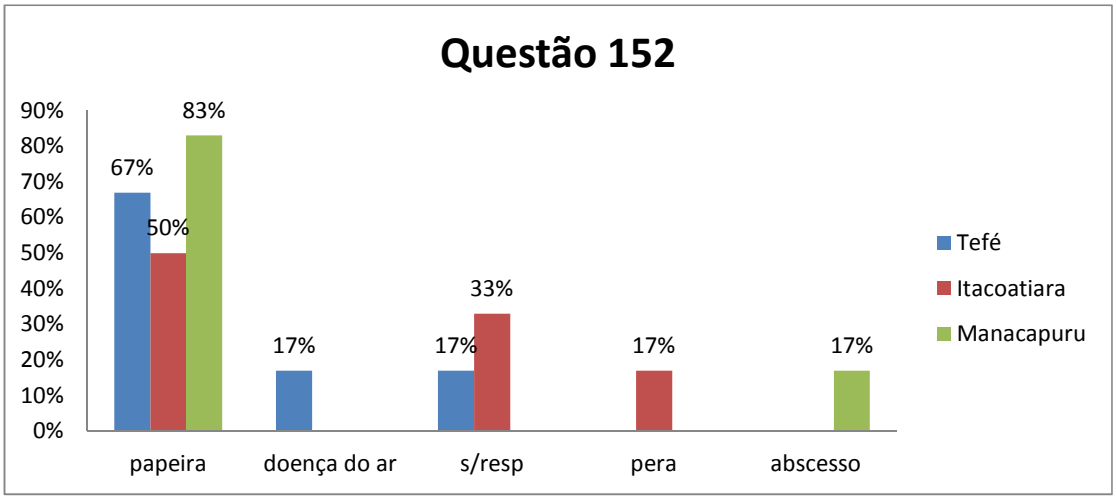


Gráfico 144: Variação lexical encontrada para a questão 152 do QSL da pesquisa

153. ESCABECHE DE PEIXE

Qual a comida que vocês fazem com o peixe depois de frito, que vai novamente ao fogo, num molho de temperos e verduras já refogados?

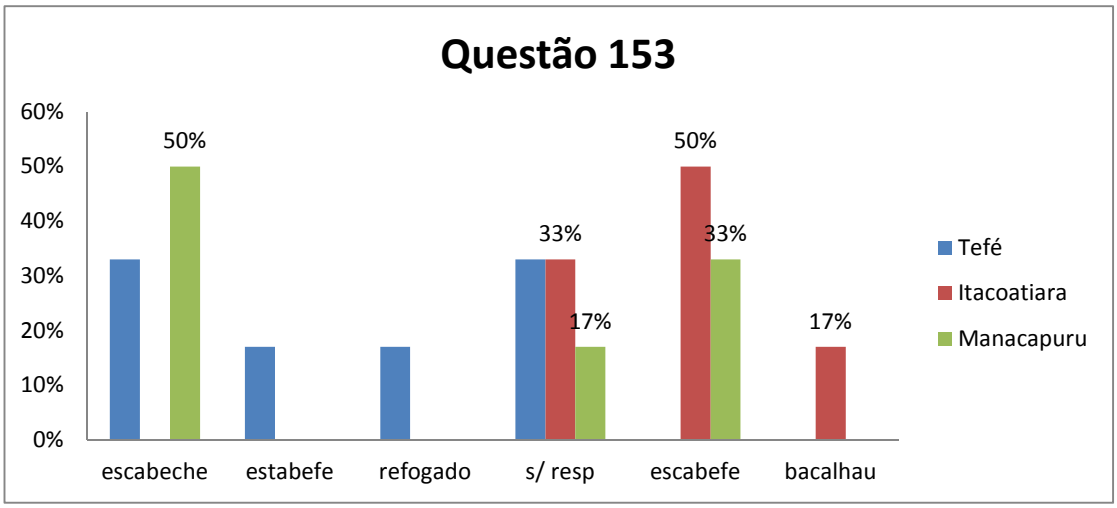


Gráfico 145: Variação lexical encontrada para a questão 153 do QSL da pesquisa

154. MINGAU DE CARIDADE

Qual o nome que se dá ao alimento feito de farinha de suruí e geralmente dado a pessoas que se encontram doentes e enfraquecidas?

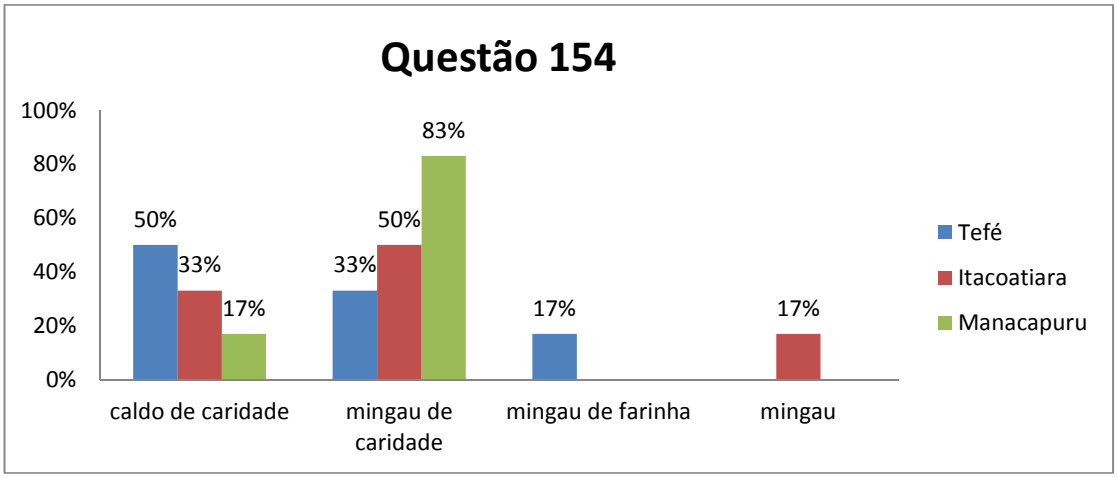


Gráfico 146: Variação lexical encontrada para a questão 154 do QSL da pesquisa

155. MIXIRA

Qual o nome da conserva de carne do peixe-boi, feita na própria banha do peixe?

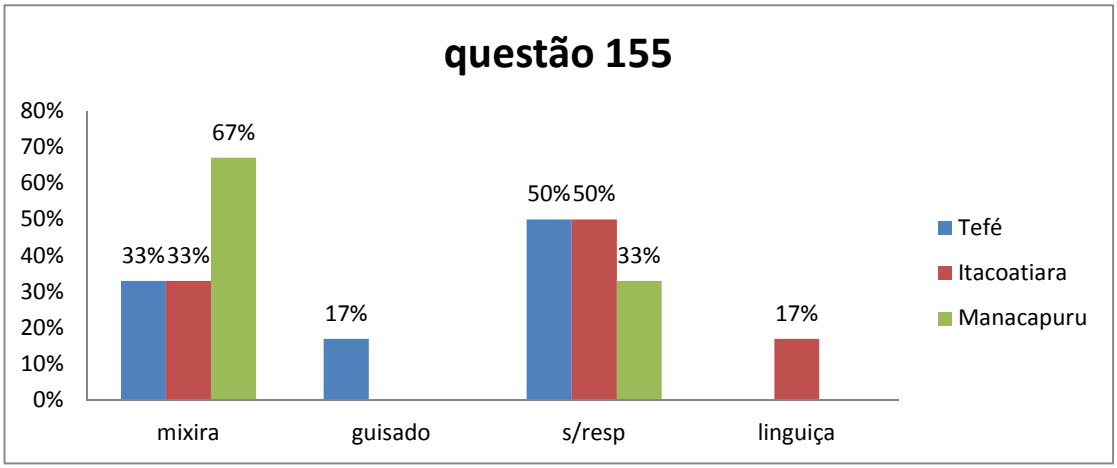


Gráfico 147: Variação lexical encontrada para a questão 155 do QSL da pesquisa

156. MOJICA

Você conhece uma comida feita de peixe assado, que depois de desfiado, é posto para cozinhar num refogado? Como ela se chama?

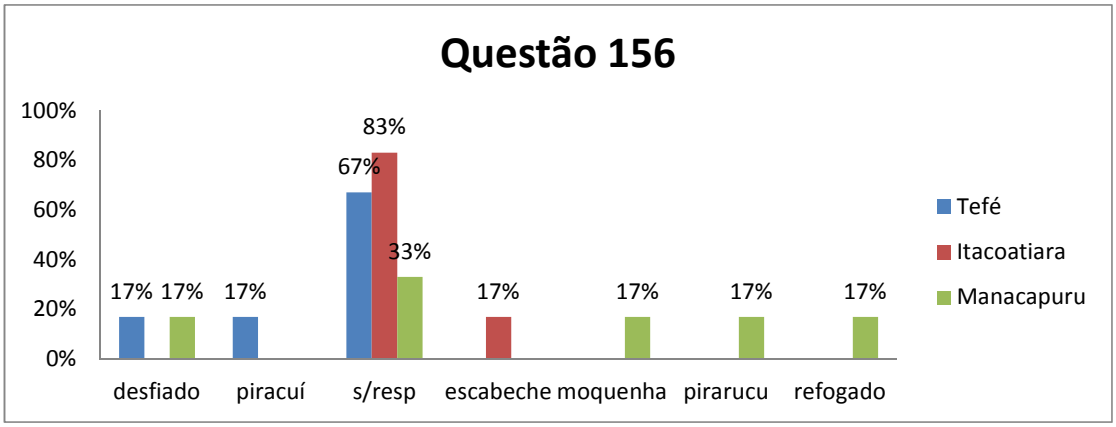


Gráfico 148: Variação lexical encontrada para a questão 156 do QSL da pesquisa

157. MOQUEADO

Qual o nome do tratamento que se dá ao peixe quando é assado só pelo lado de fora, quase cru no interior?

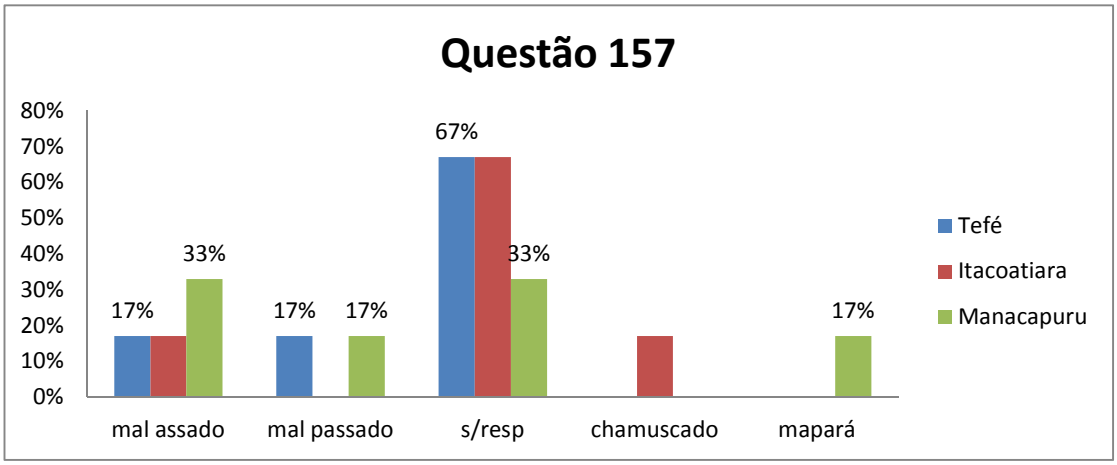


Gráfico 149: Variação lexical encontrada para a questão 157 do QSL da pesquisa

158. PAXICÁ

Qual a comida preparada com o fígado da tartaruga?

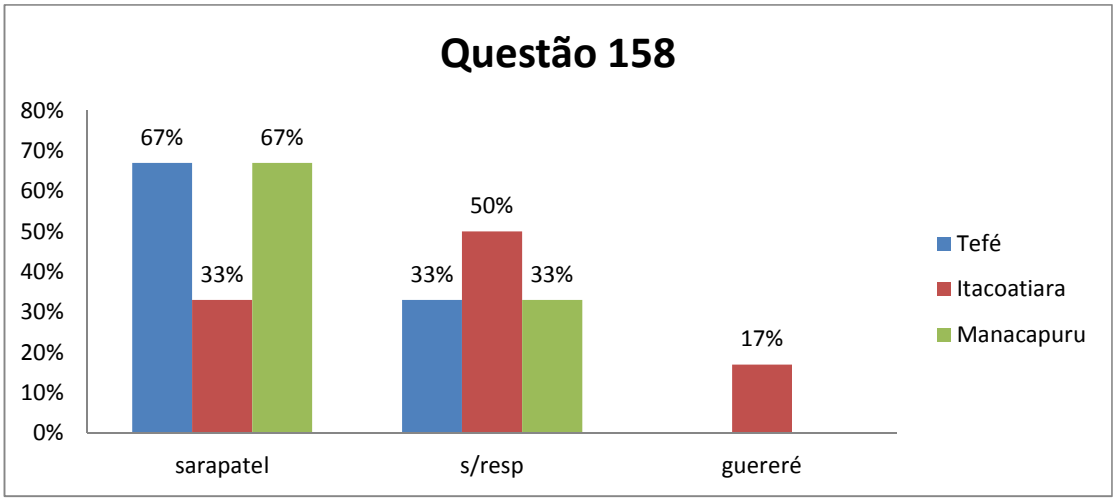


Gráfico 150: Variação lexical encontrada para a questão 158 do QSL da pesquisa

159. PÉ-DE-MOLEQUE

E o beiju feito da mandioca ralada, enrolado na casca da banana?

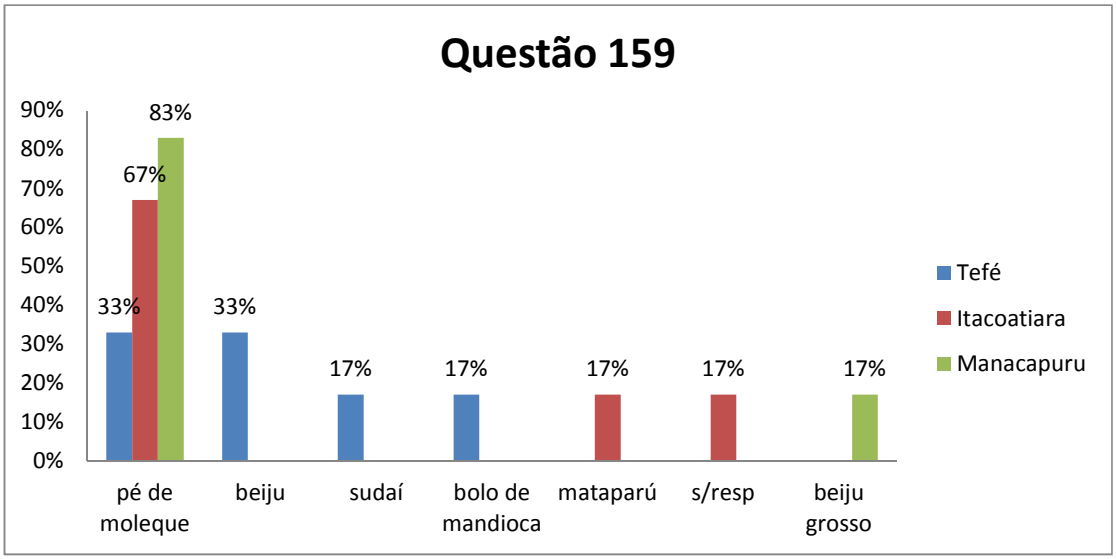


Gráfico 151: Variação lexical encontrada para a questão 159 do QSL da pesquisa

160. PEIXE SECO

Qual o nome que se dá ao peixe salgado e seco ao sol?

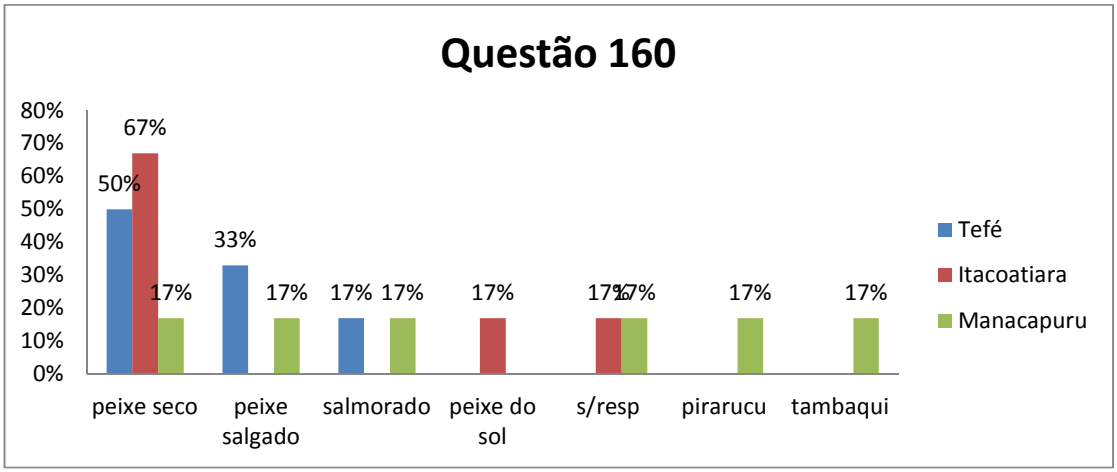


Gráfico 152: Variação lexical encontrada para a questão 160 do QSL da pesquisa

161. PIRÃO

Qual o alimento que é feito com a farinha d´água? É boa para se comer com caldeirada?

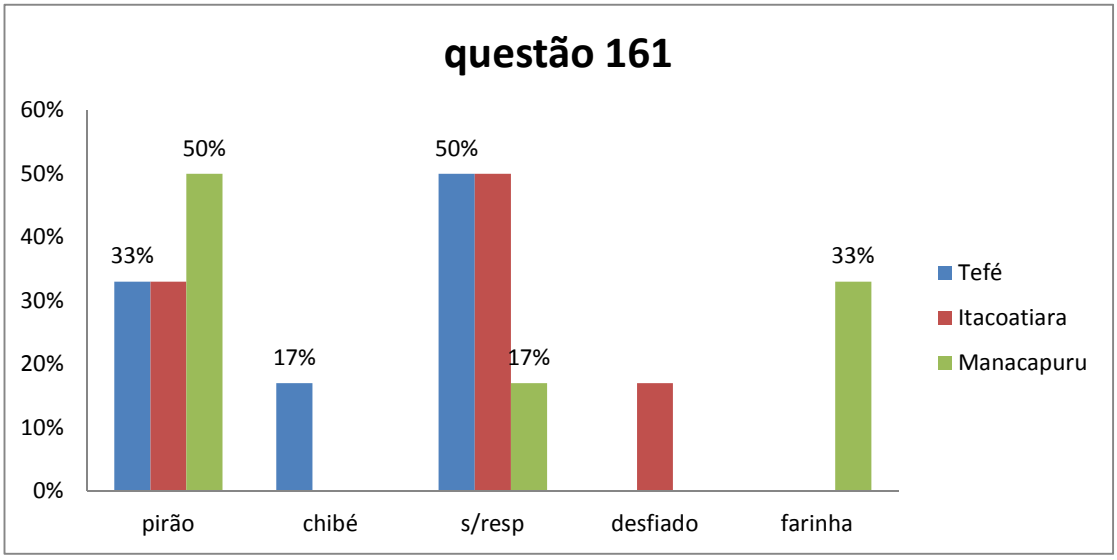


Gráfico 153: Variação lexical encontrada para a questão 161 do QSL da pesquisa

162. SARAPATEL

Qual a comida daqui que é feita com o sangue da tartaruga?

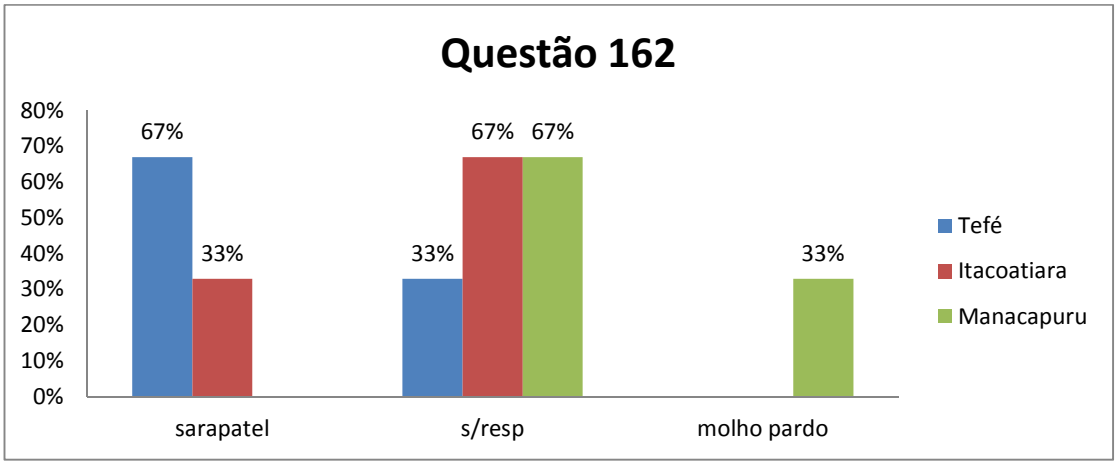


Gráfico 154: Variação lexical encontrada para a questão 162 do QSL da pesquisa

163. TACACÁ

E o alimento preparado com goma, tucupi, jambu, camarão, sal, pimenta e que é servido em cuias, bem quente?

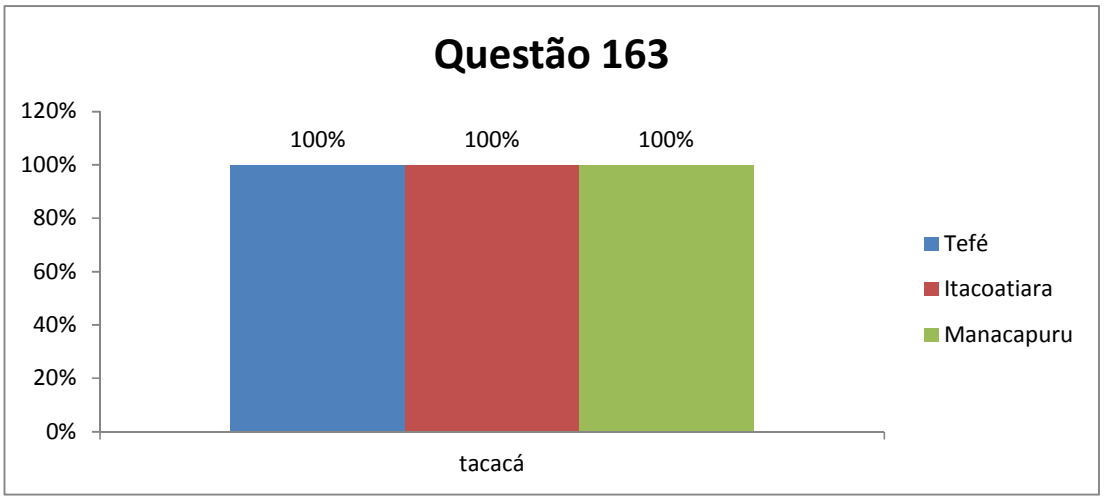


Gráfico 155: Variação lexical encontrada para a questão 163 do QSL da pesquisa

164. TANGERINA

Como se chama uma fruta cítrica que é parecida com a laranja, de cor alaranjada e sabor adocicado e vem com gomos?

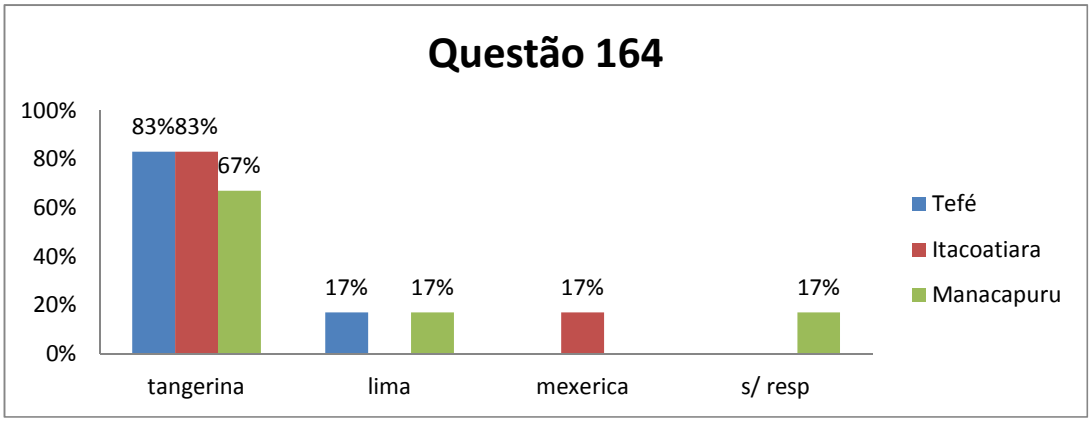


Gráfico 156: Variação lexical encontrada para a questão 164 do QSL da pesquisa

165. MANGARATAIA

O chá dessa planta fervida em água é usado no tratamento contra gripes, tosse, resfriado e até ressaca, pode ser usado na fabricação de xaropes para combater a dor de garganta e tem propriedades antissépticas.

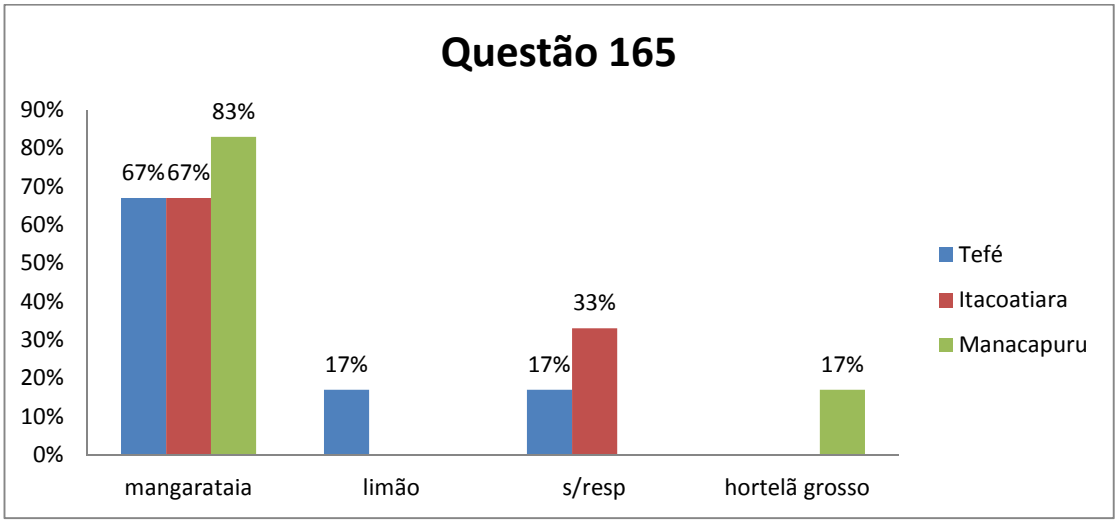


Gráfico 157: Variação lexical encontrada para a questão 165 do QSL da pesquisa

166. BEIJU

Qual o nome de uma iguaria feita com a fécula extraída da mandioca, também conhecida como goma da tapioca ou polvilho doce? Esta, ao ser espalhada em uma chapa ou frigideira aquecida, coagula-se e vira um tipo de panqueca ou crepe seco em forma de meia-lua.

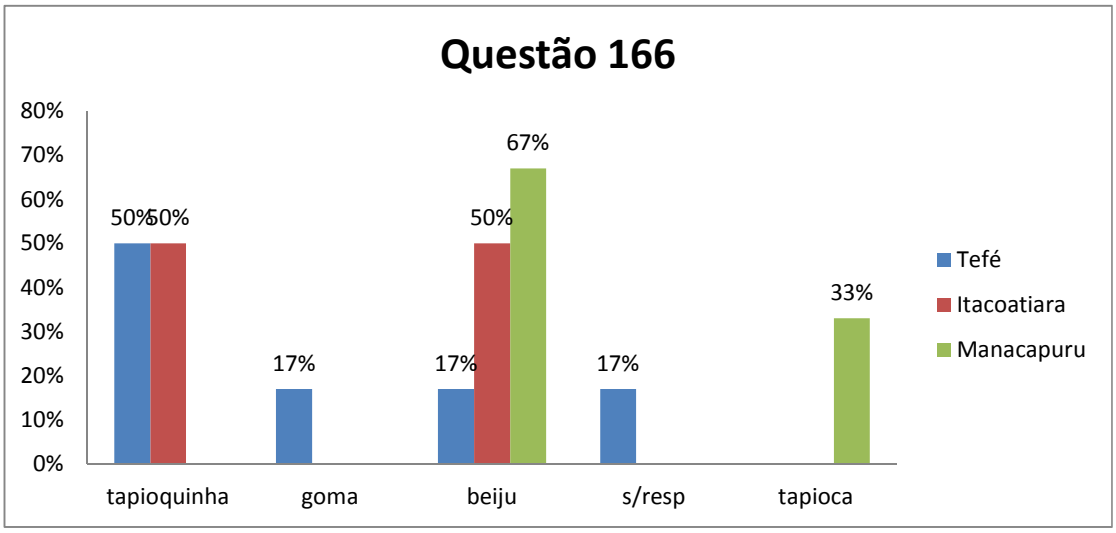


Gráfico 158: Variação lexical encontrada para a questão 166 do QSL da pesquisa

167. MUNGUNZÁ

Qual é o nome de uma iguaria feita de grãos de milho (geralmente brancos) cozidos em caldo açucarado, algumas vezes com leite de coco ou de gado, a que se junta polvilho com canela?

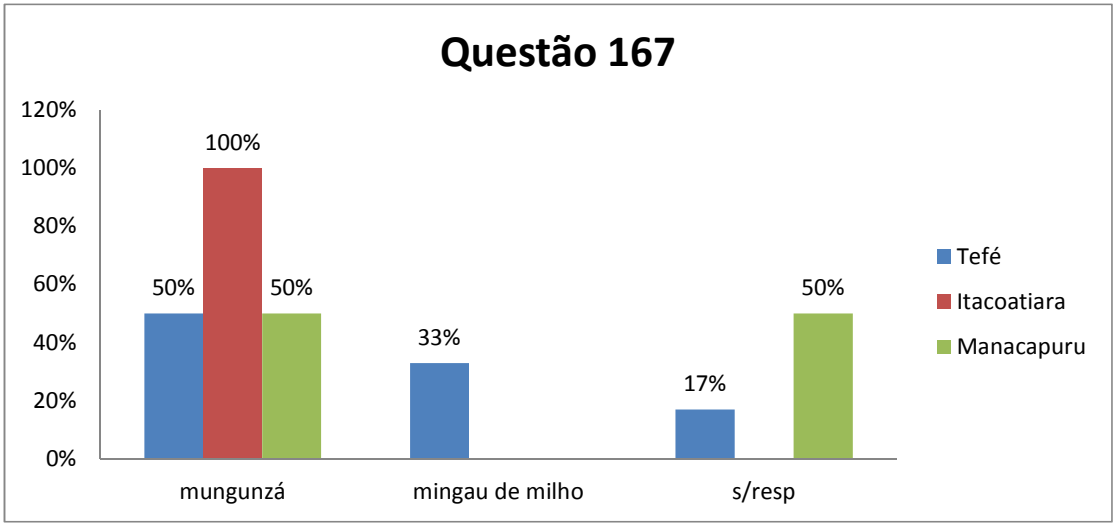


Gráfico 159: Variação lexical encontrada para a questão 167 do QSL da pesquisa

168. JERIMUM

Qual é o legume de tamanho médio a grande que tem a cor alaranjada por dentro e sua casca pode ser verde ou laranja? Pode ser utilizado para fazer doce adicionando coco e açúcar.

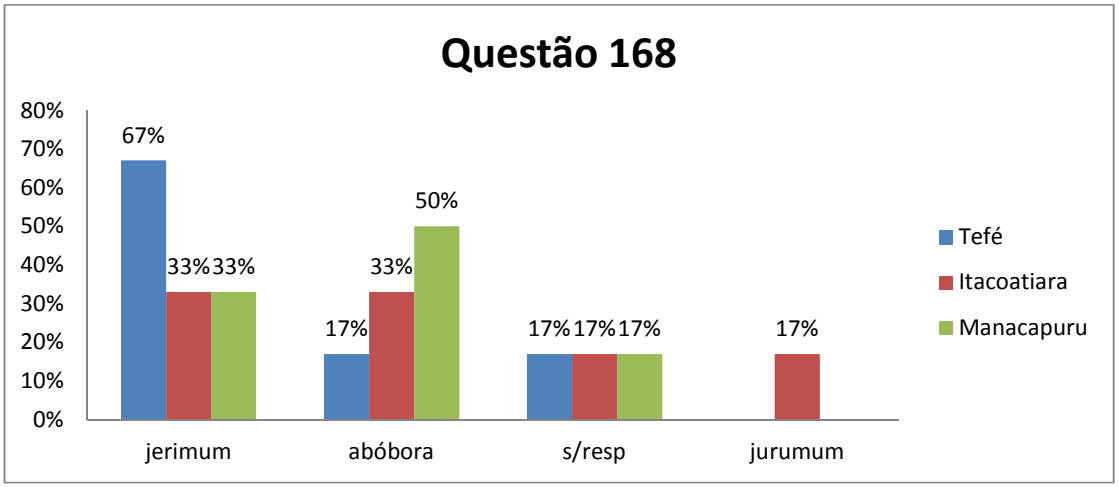


Gráfico 160: Variação lexical encontrada para a questão 168 do QSL da pesquisa

169. MACAXEIRA

Como se chama o tubérculo alongado que é branco por dentro e possui uma casca marrom que se faz farinha?

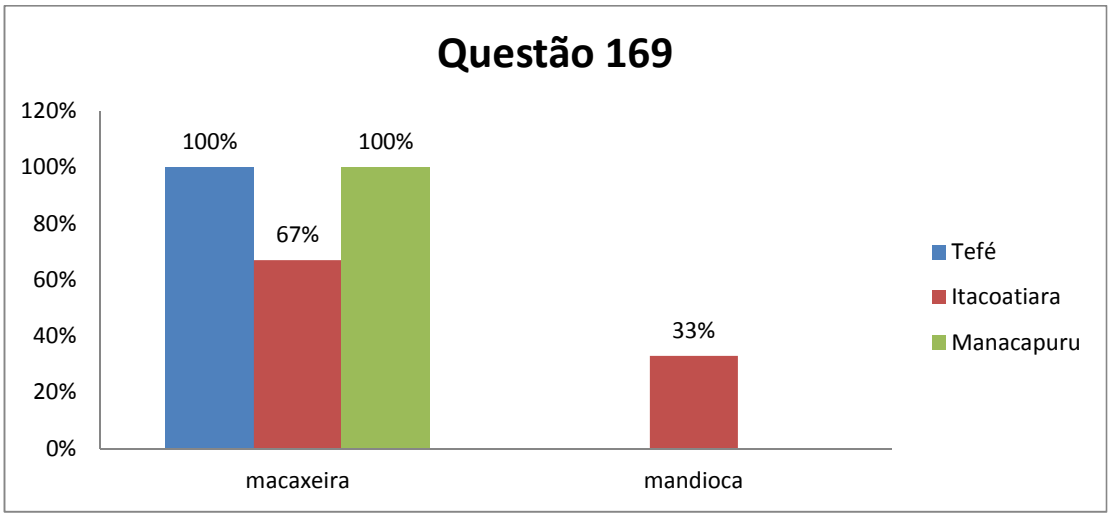


Gráfico161: Variação lexical encontrada para a questão 169 do QSL da pesquisa

170. JABÁ

Como se chama a carne seca que é usada para cozinhar com o feijão?

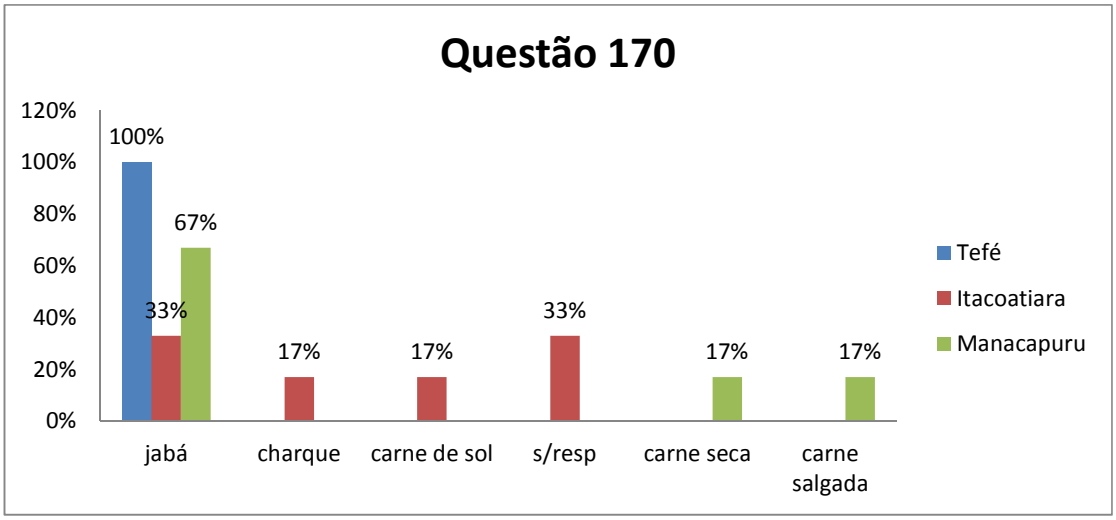


Gráfico 162: Variação lexical encontrada para a questão 170 do QSL da pesquisa

171. FARINHA UARINI

Como se chama a farinha em forma de bolinhas feita de mandioca amarela que lembra cuscuz?

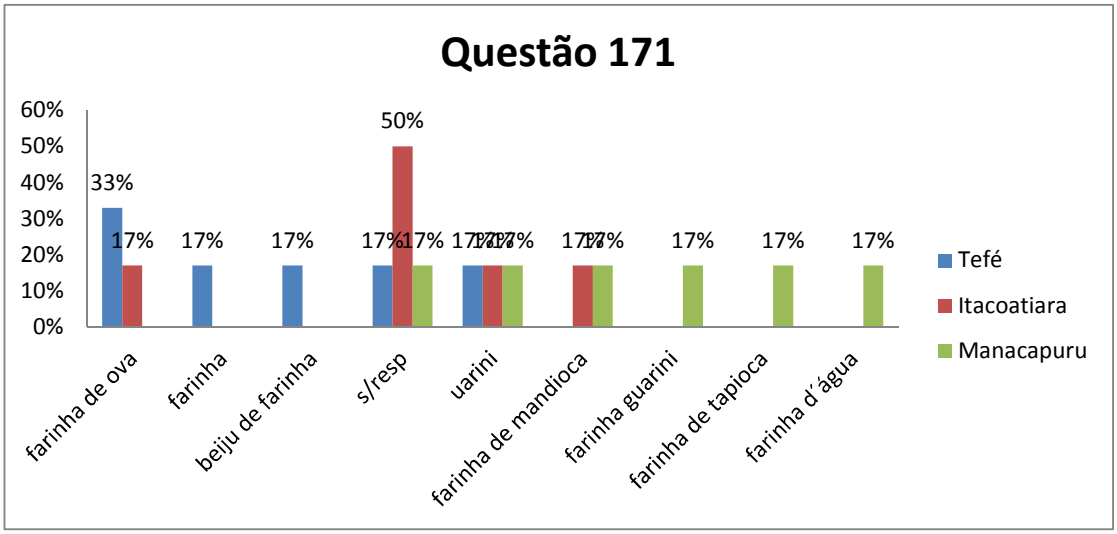


Gráfico 163: Variação lexical encontrada para a questão 171 do QSL da pesquisa

172. BOMBOM

Como se chama a iguaria de chocolate em forma pequena e arredondada que tem dentro dos ovos de páscoa?

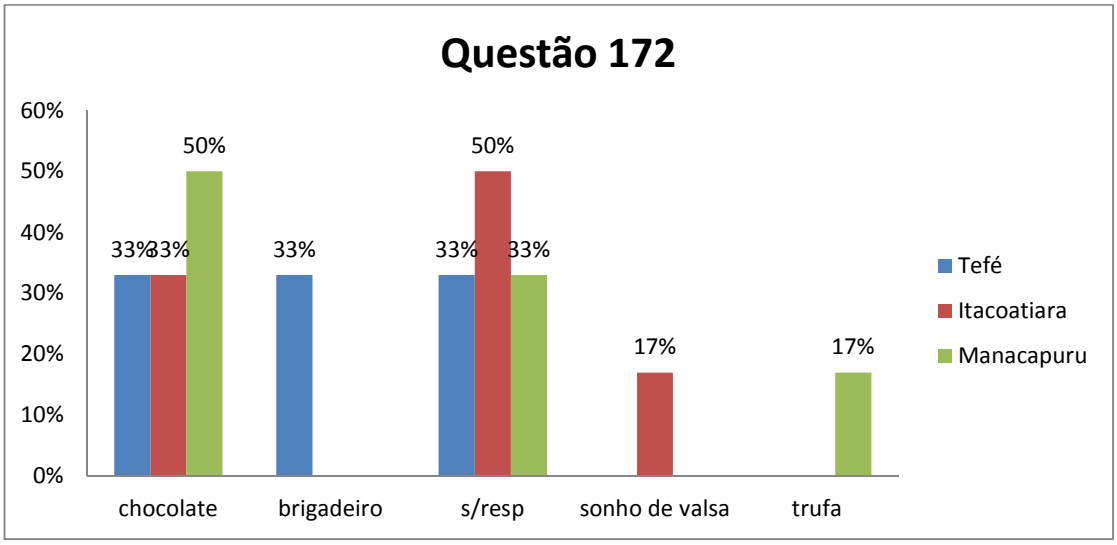


Gráfico 164: Variação lexical encontrada para a questão 172 do QSL da pesquisa

173. BALA

Como se chama a iguaria que tem como principal ingrediente o açúcar? O açúcar é levado ao fogo até atingir um ponto especial chamado de 'ponto de vidro'. Depois de resfriado pode ser recheado com polpa de frutas, chocolate, mel e outros ingredientes.

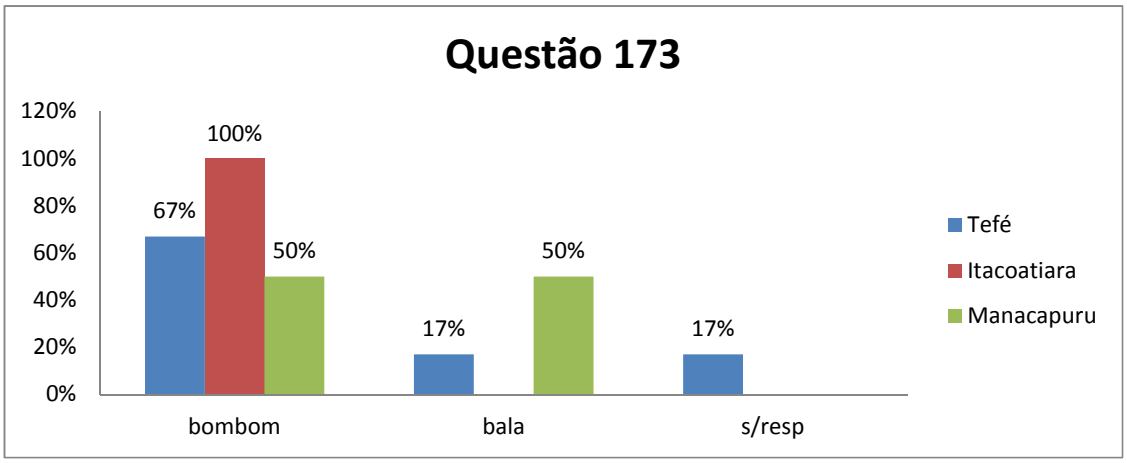


Gráfico 165: Variação lexical encontrada para a questão 173 do QSL da pesquisa

174. BÊBADO

Que nome é dado a uma pessoa que bebe demais?

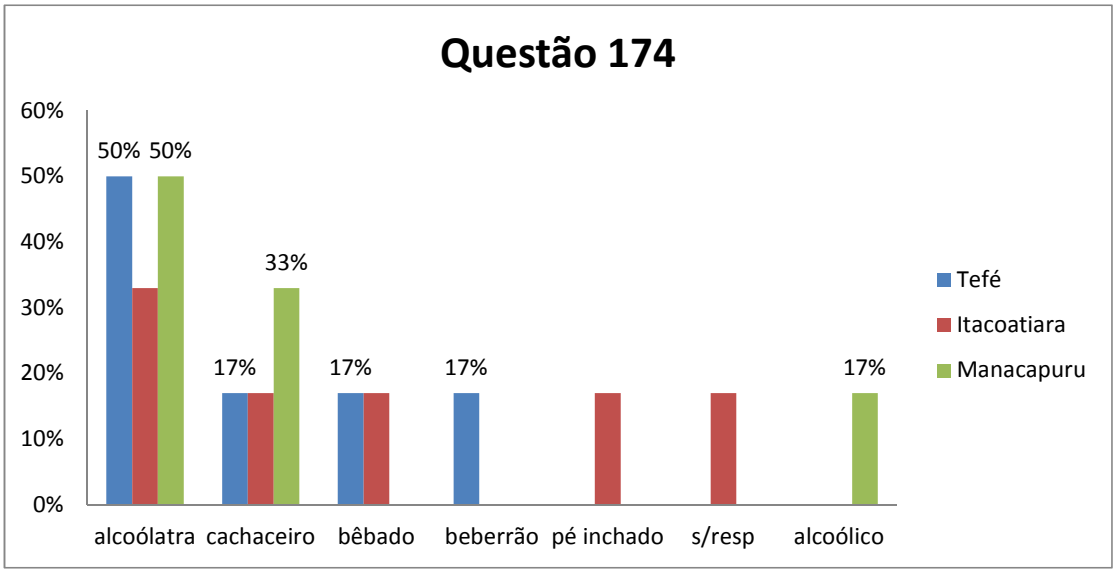


Gráfico 166: Variação lexical encontrada para a questão 174 do QSL da pesquisa

175. PORRONCA

E o cigarro feito pela própria pessoa, enrolado à mão?

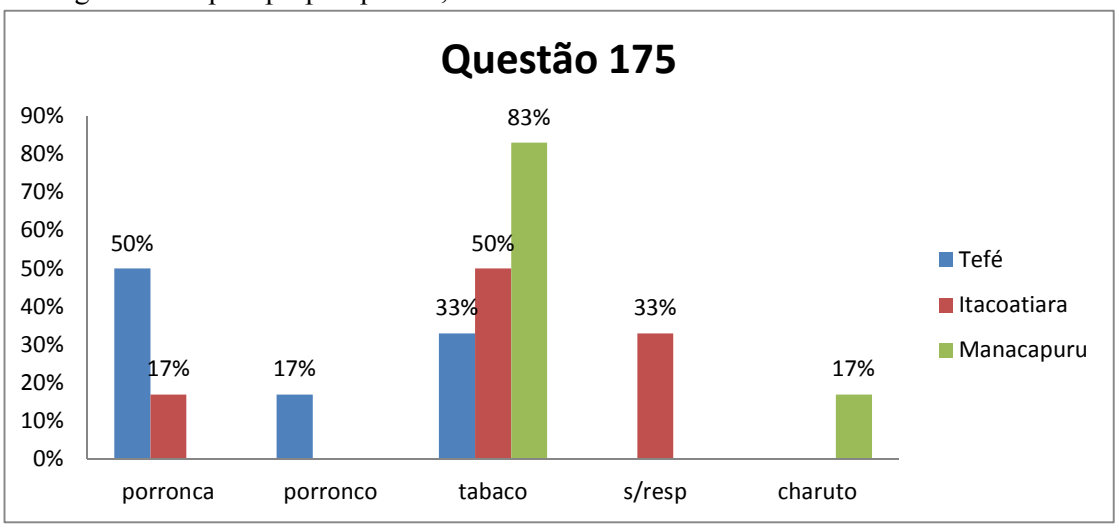


Gráfico 167: Variação lexical encontrada para a questão 175 do QSL da pesquisa

176. BAGANA

E o resto do cigarro que se joga fora?

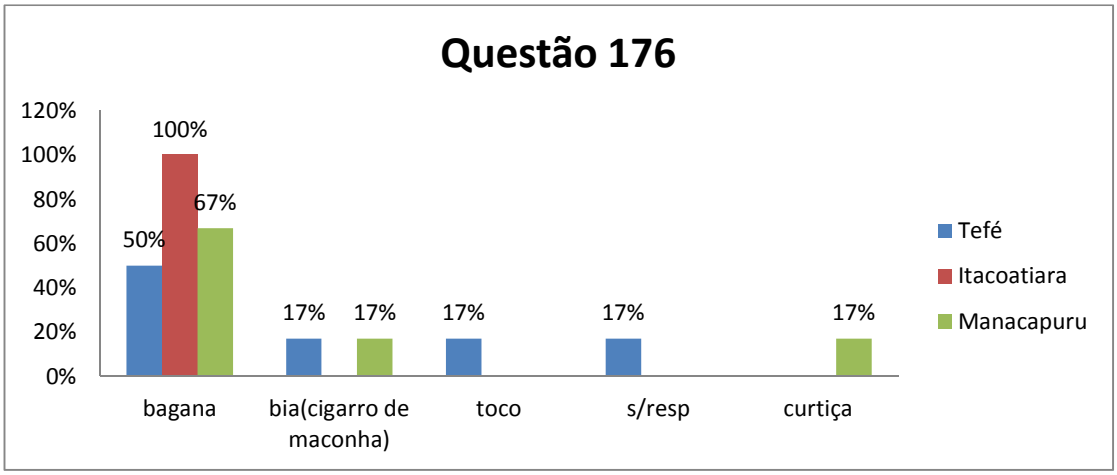


Gráfico 168: Variação lexical encontrada para a questão176 do QSL da pesquisa

177. CACHAÇA

Qual o nome que se dá para a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?

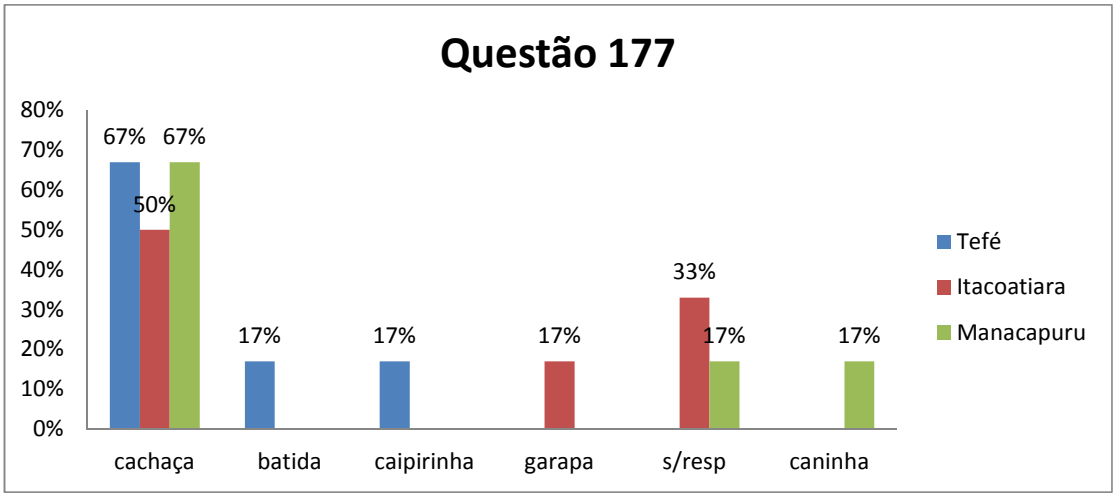


Gráfico 169: Variação lexical encontrada para a questão 177 do QSL da pesquisa

(d) Habitação (estrutura, mobília, utensílios domésticos)

178. ABANO

Qual o nome que se dá àquela coisa que a gente faz assim. (Imitar). Feita de palha entrelaçada e que serve para atiçar o fogo?

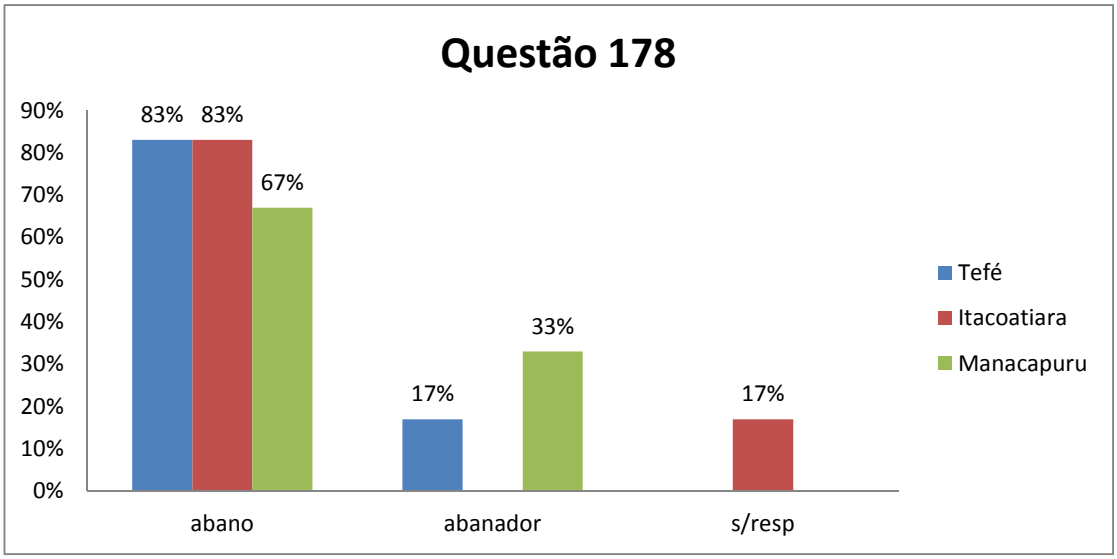


Gráfico 170: Variação lexical encontrada para a questão 178 do QSL da pesquisa

179. ALGUIDAR

Que nome se dá à vasilha feita de barro onde se cozinha peixe no tucupi?

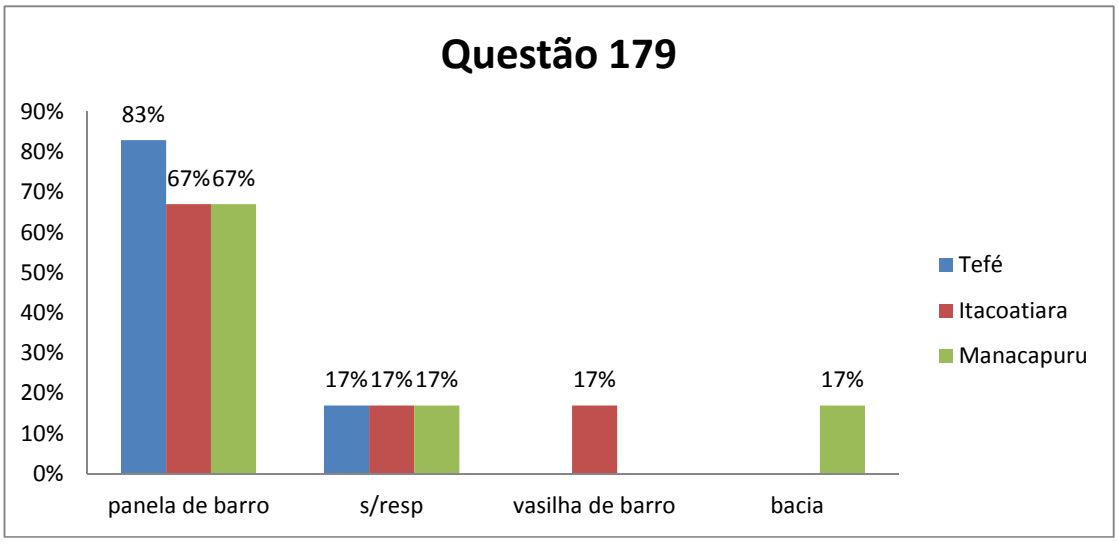


Gráfico 171: Variação lexical encontrada para a questão 179 do QSL da pesquisa

180. REDE

Como se chama aquela peça de tecido que a gente pendura para dormir, que se pode balançar e é suspensa pelos lados, geralmente pregados em paredes?

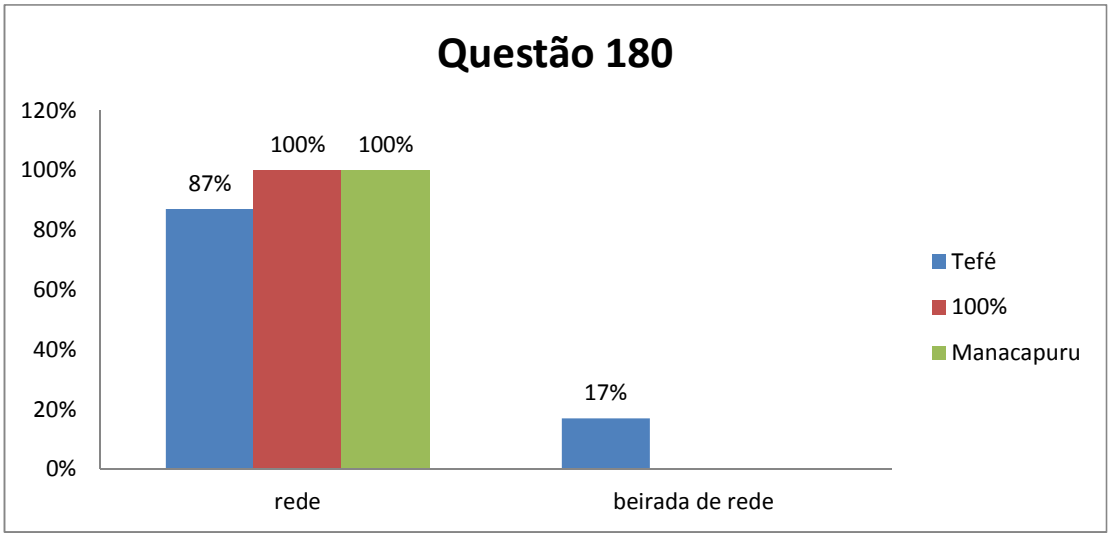


Gráfico 172: Variação lexical encontrada para a questão 180 do QSL da pesquisa

181. ARMADOR

Como se chama o lugar onde se pode armar uma rede?

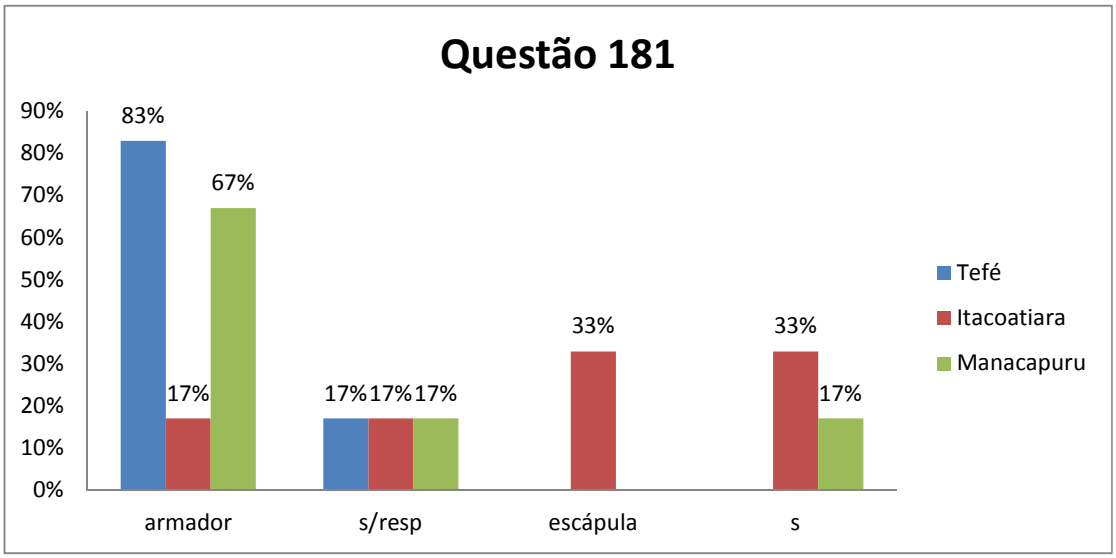


Gráfico173: Variação lexical encontrada para a questão 181 do QSL da pesquisa

182. CAIBRO

Como se chama aquela peça de madeira que se usa na armação do telhado, soalho ou forro?

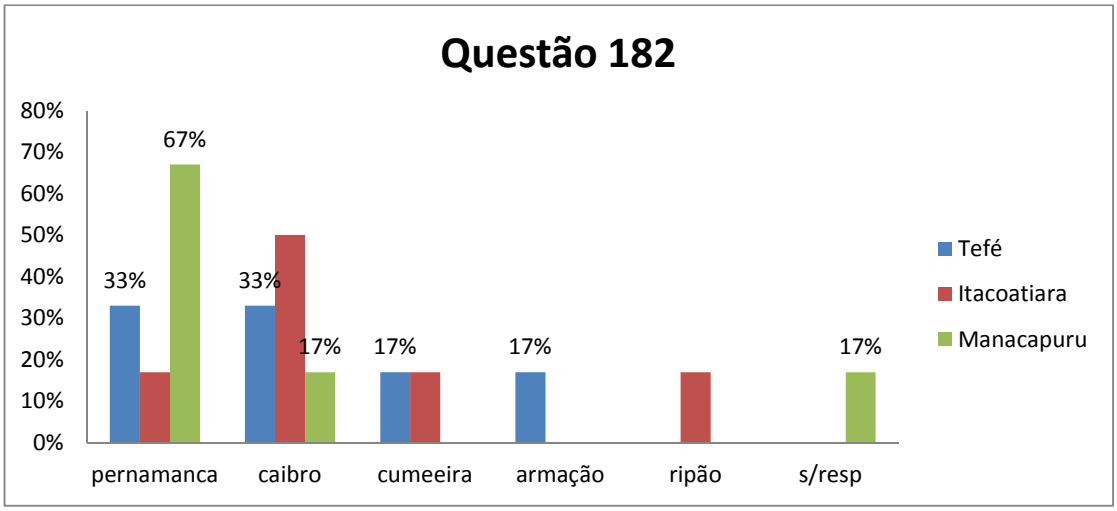


Gráfico 174: Variação lexical encontrada para a questão 182 do QSL da pesquisa

183. CANDEEIRO

Qual o aparelho de iluminação em que se põe querosene?

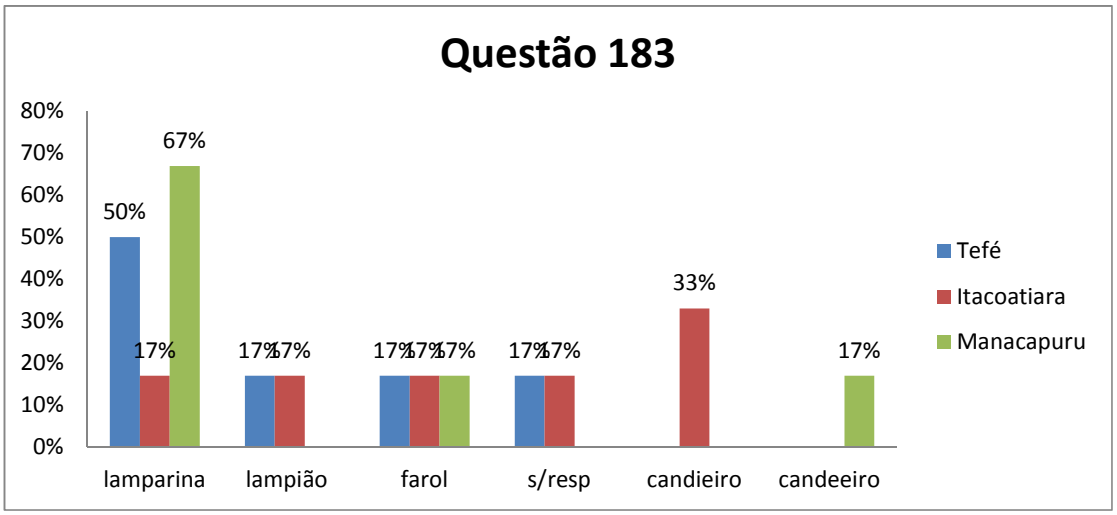


Gráfico 175: Variação lexical encontrada para a questão 183 do QSL da pesquisa

184. CORADOR

Como se chama o lugar onde se estendem as roupas ensaboadas para desaparecerem as manchas?

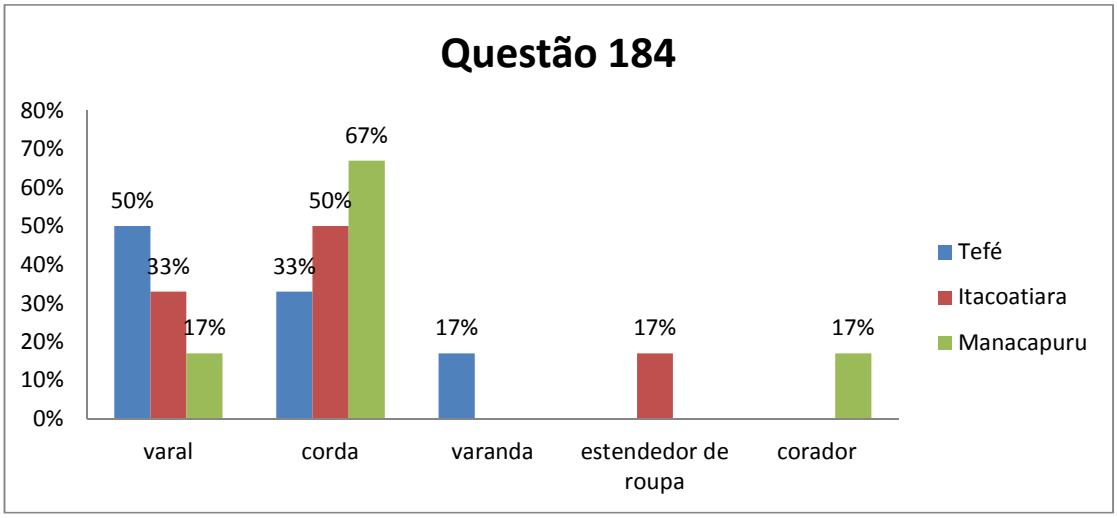


Gráfico 176: Variação lexical encontrada para a questão 184 do QSL da pesquisa

185. RODO

Que nome se dá àquela coisa que vocês usam para mexer a farinha no forno?

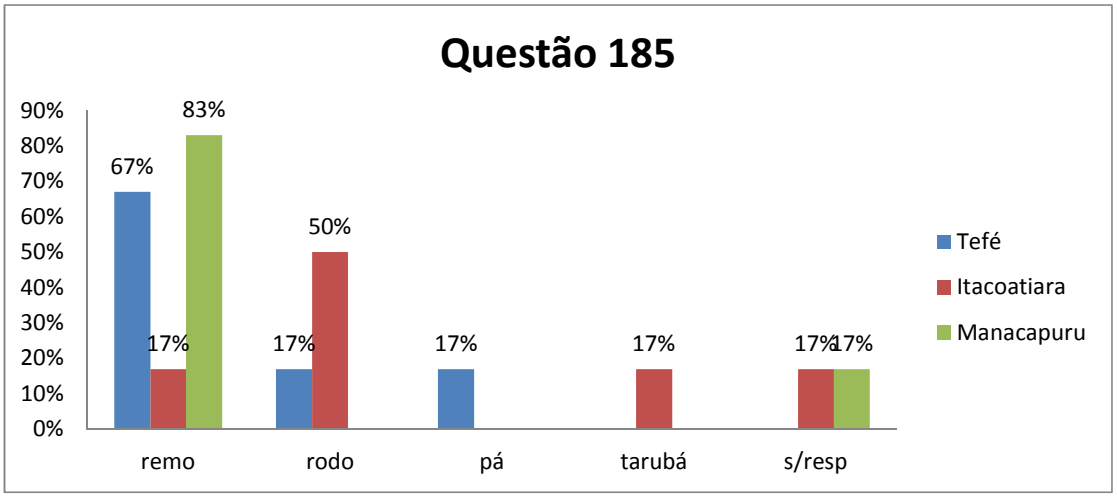


Gráfico 177: Variação lexical encontrada para a questão 185 do QSL da pesquisa

186. CUMEEIRA

Que nome se dá à viga que vai de um ponto ao outro embaixo da cobertura da casa? É a parte mais alta do telhado.

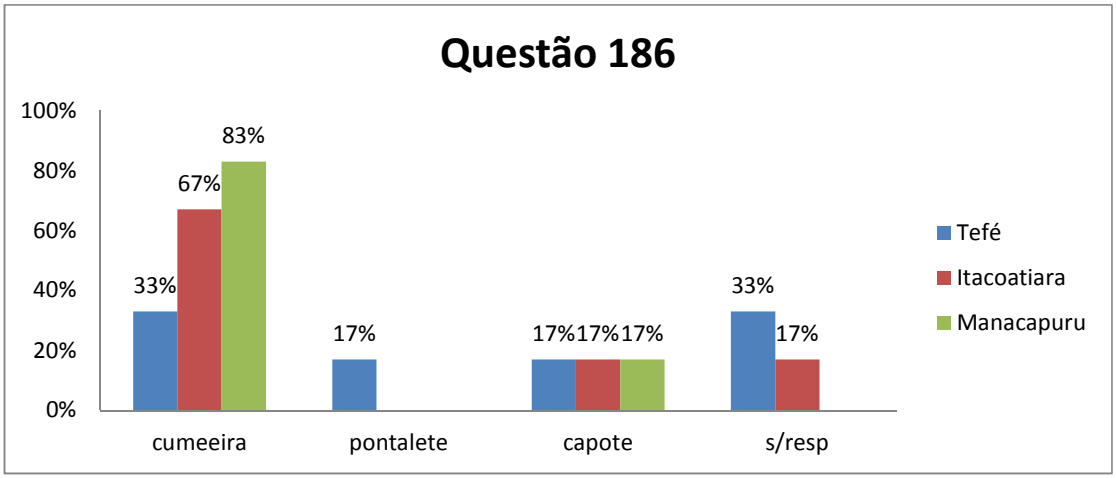


Gráfico 178: Variação lexical encontrada para a questão 186 do QSL da pesquisa

187. ESTEIO

Qual a peça de madeira que sustenta o telhado ou o soalho da casa?

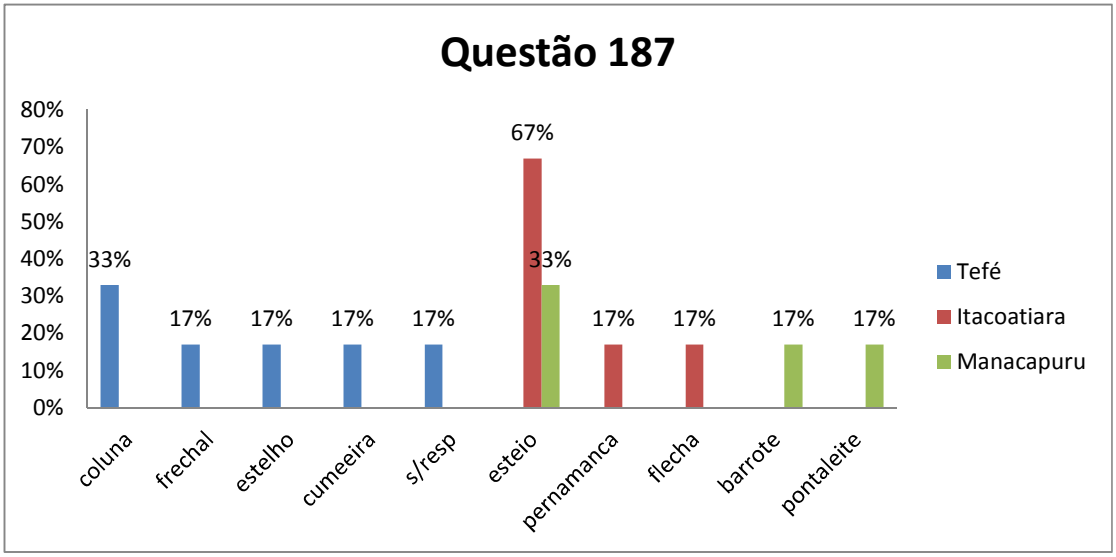


Gráfico 179: Variação lexical encontrada para a questão 187 do QSL da pesquisa

188. FERROLHO

E a peça de metal que serve para trancar a porta?

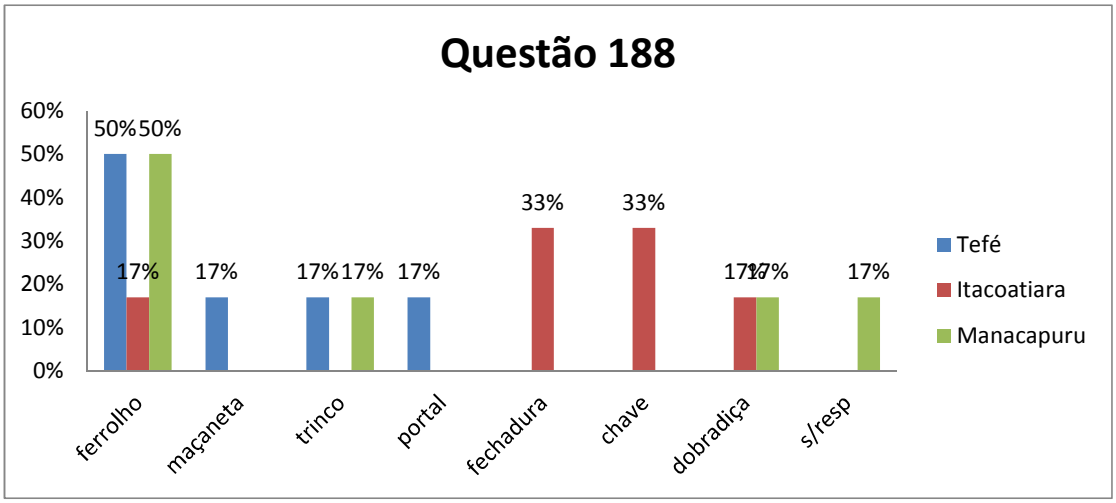


Gráfico 180: Variação lexical encontrada para a questão 188 do QSL da pesquisa

189. TRAMELA

E a peça de madeira que serve para trancar as portas?

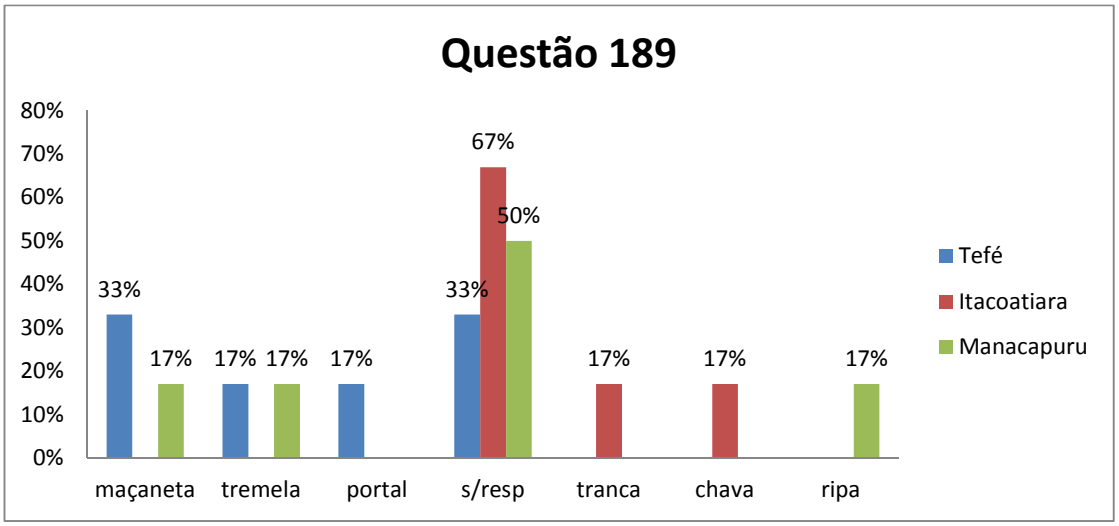


Gráfico 181: Variação lexical encontrada para a questão 189 do QSL da pesquisa

190. FLUTUANTE

Como se chamam as casas de madeira ou de palha que ficam sobre as balsas, encontradas nos rios e igarapés?

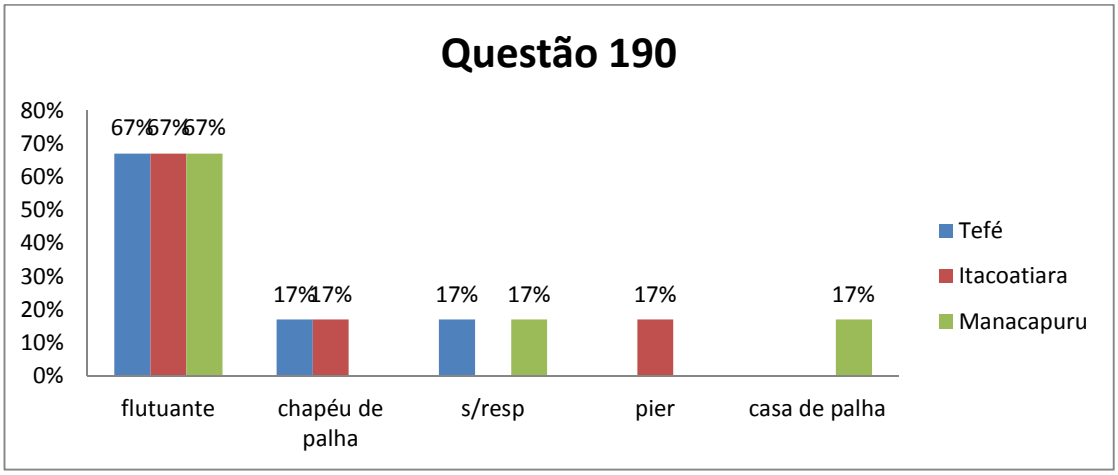


Gráfico 182: Variação lexical encontrada para a questão 190 do QSL da pesquisa

191. JIRAU

Como se chama aquele estrado construído nas casas, que fica um pouco mais acima do chão e que serve para guardar qualquer coisa, lavar louça, tratar de peixe, etc?

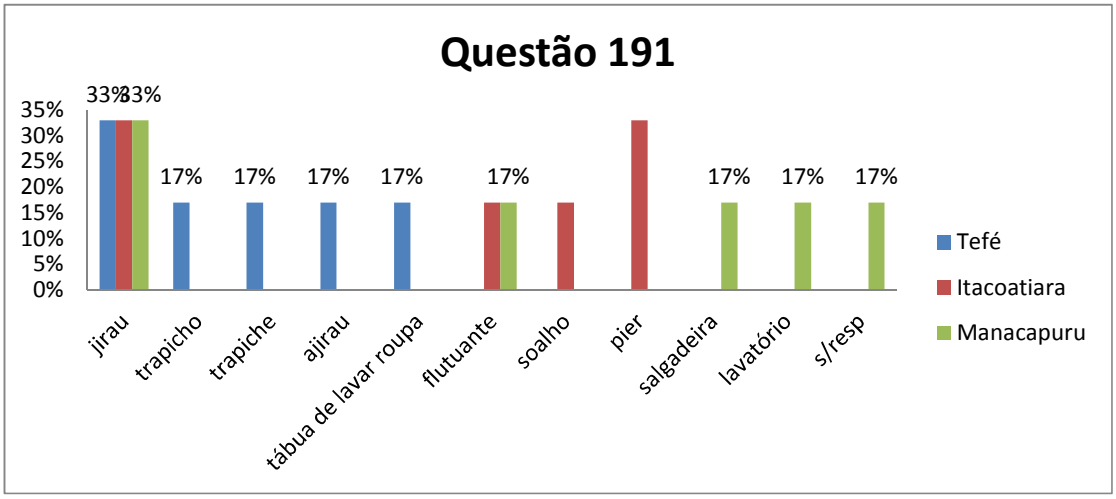


Gráfico 183: Variação lexical encontrada para a questão 191 do QSL da pesquisa

192. PILÃO

Como se chama aquela vasilha feita de madeira com o formato de um pote, que serve para secar os grãos torrados de café, de milho, de castanhas de caju etc.?

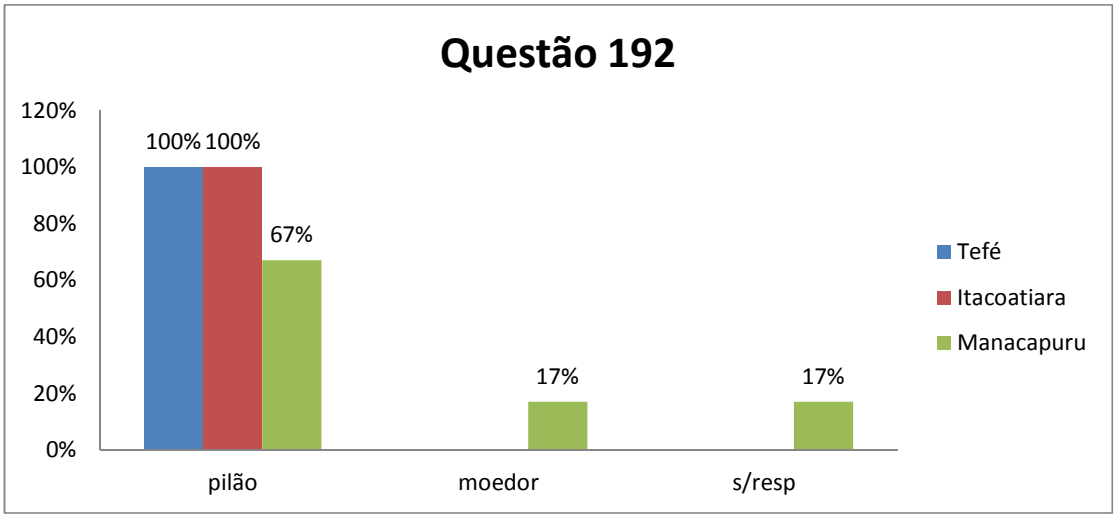
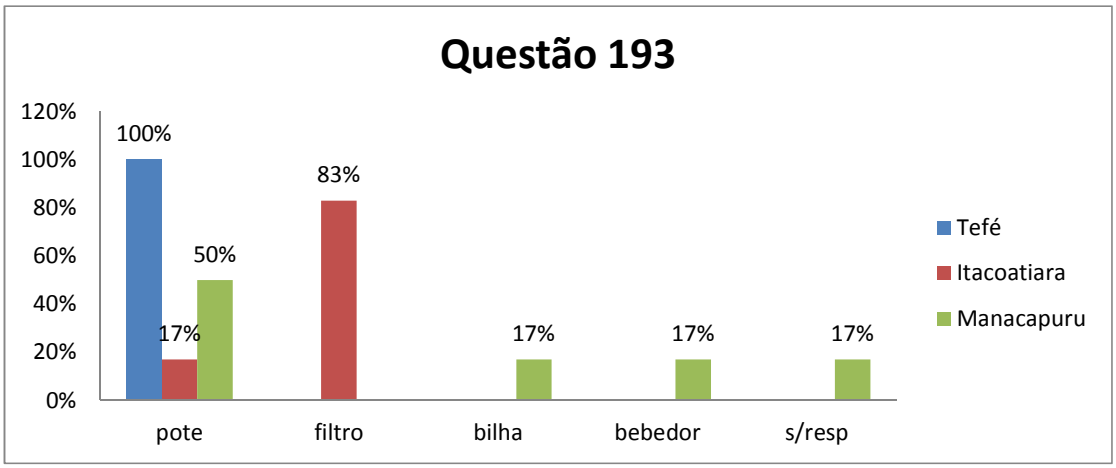


Gráfico 184: Variação lexical encontrada para a questão 192 do QSL da pesquisa

193. POTE

Como se chama aquela vasilha de barro onde se coloca água para beber?



Gráfic 185: Variação lexical encontrada para a questão 193 do QSL da pesquisa

194. PRIVADA

Qual o nome daquele lugar onde a gente senta para fazer as necessidades?

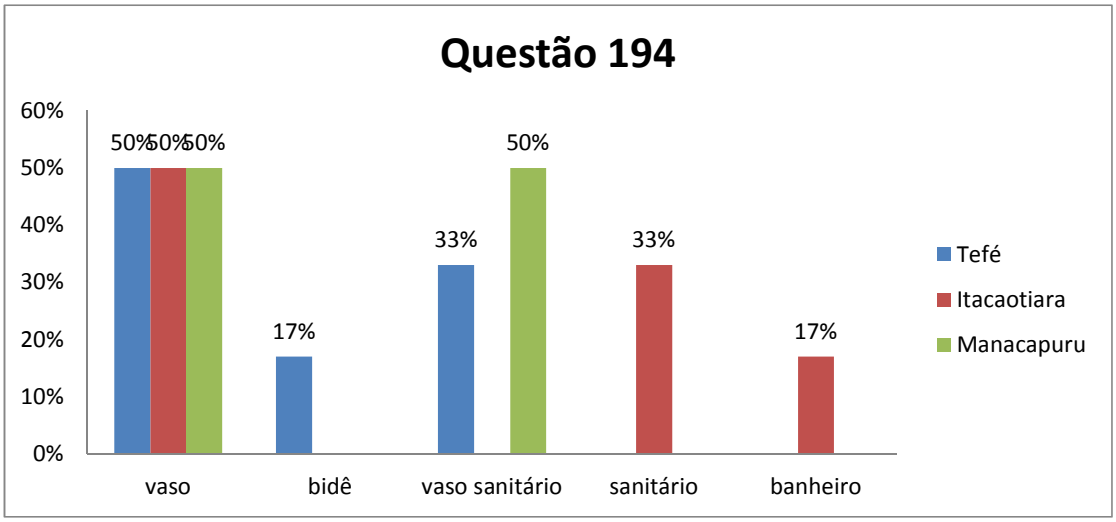


Gráfico 186: Variação lexical encontrada para a questão 194 do QSL da pesquisa

195. PÚCARO

E o caneco de alumínio que contém uma alça e que serve para tirar água do pote?

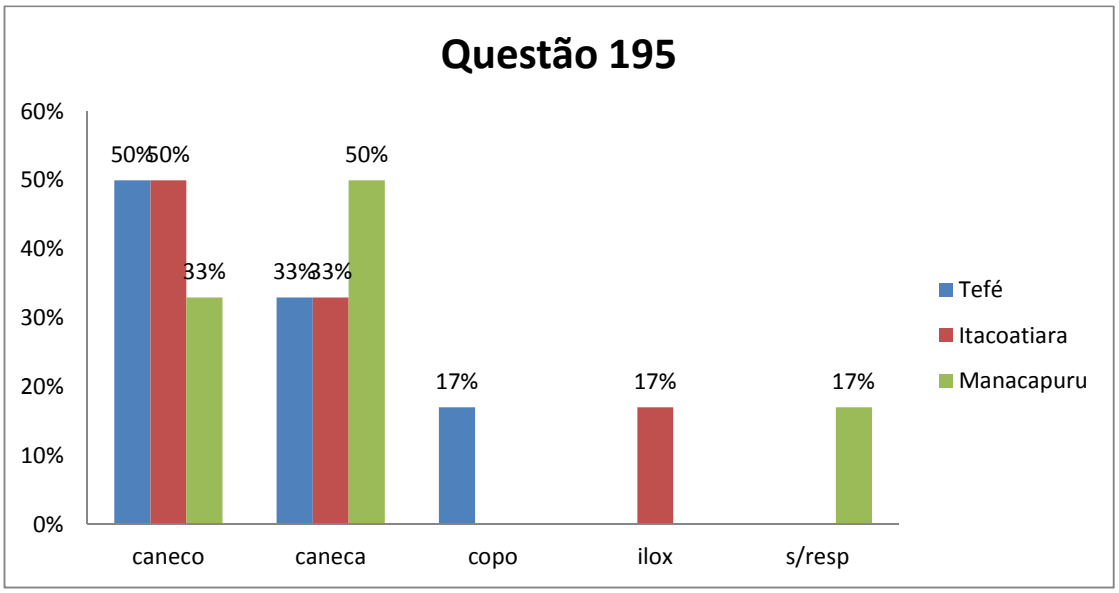


Gráfico 187: Variação lexical encontrada para a questão 195 do QSL da pesquisa

196. TAPIRI

E aquele tipo de moradia que é feita de palha e serve para morar?

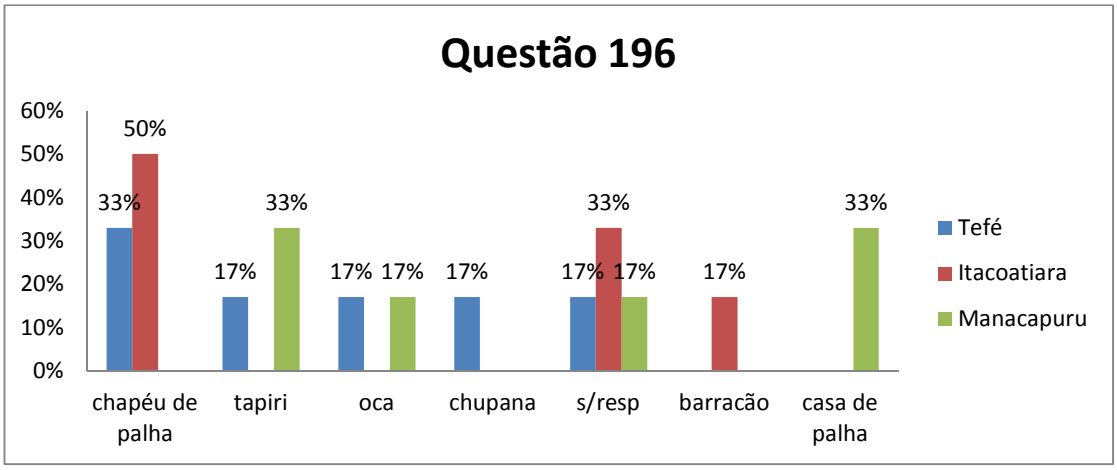


Gráfico 188: Variação lexical encontrada para a questão 196 do QSL da pesquisa

197. TUPÉ

Como se chamam aqueles tecidos feitos dos braços da palmeira guarumã, que servem de tapete para se colocar embaixo das redes?

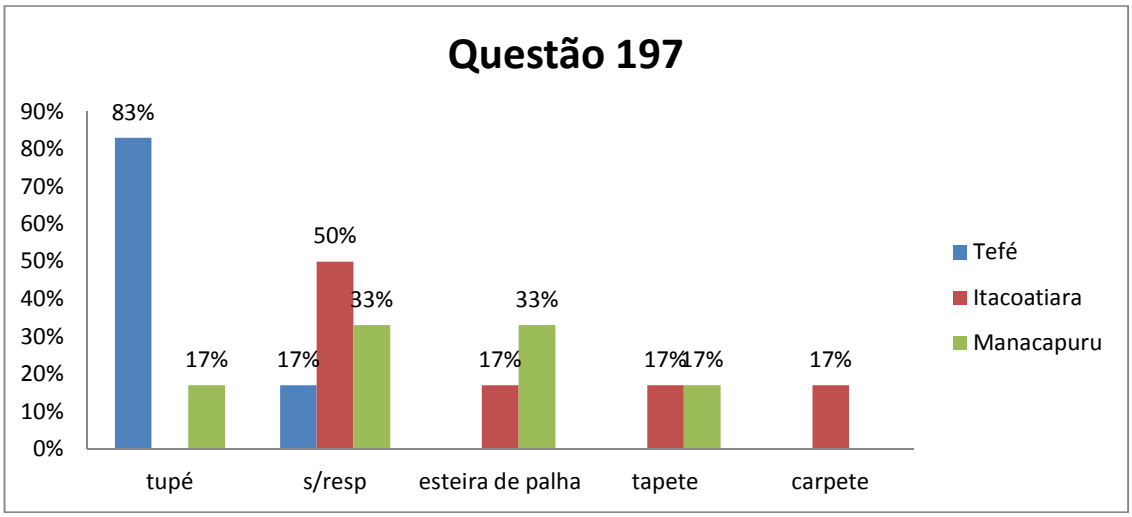


Gráfico 189: Variação lexical encontrada para a questão 197 do QSL da pesquisa

198. BORRALHO

Como se chama a cinza quente que fica dentro do fogão à lenha?

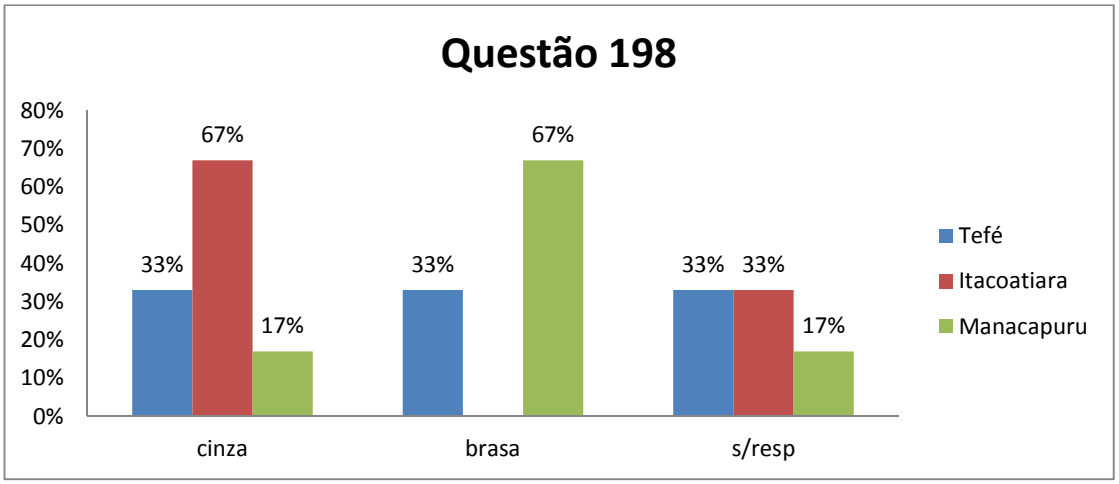


Gráfico 190: Variação lexical encontrada para a questão 198 do QSL da pesquisa

(e) Vestuário e Calçados

199. SUTIÃ

Que peça do vestuário serve para segurar os seios?

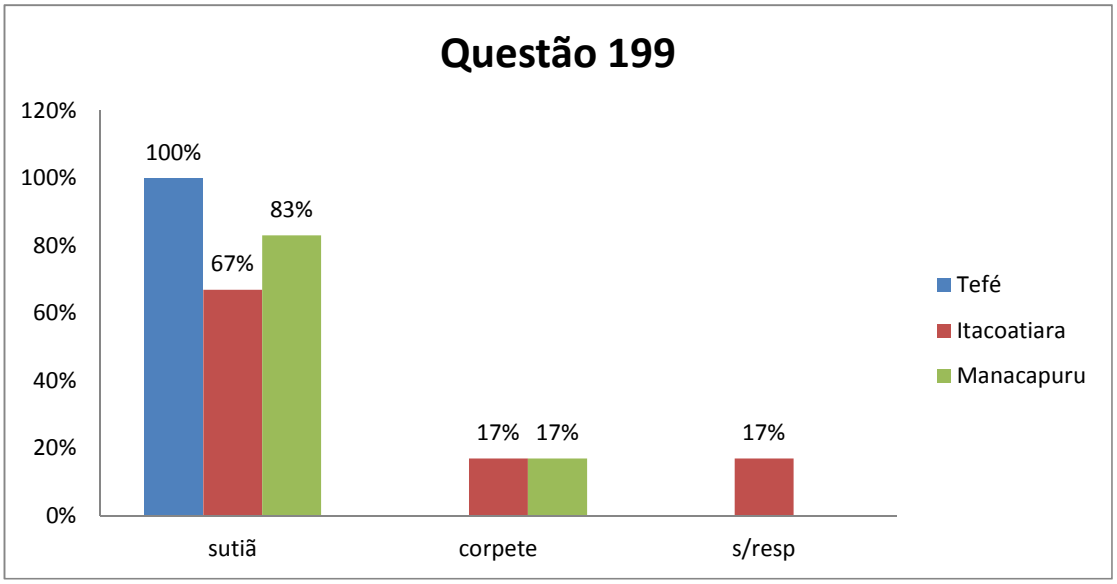


Gráfico 191: Variação lexical encontrada para a questão 199 do QSL da pesquisa

200. CUECA

Que roupa o homem usa debaixo da calça?

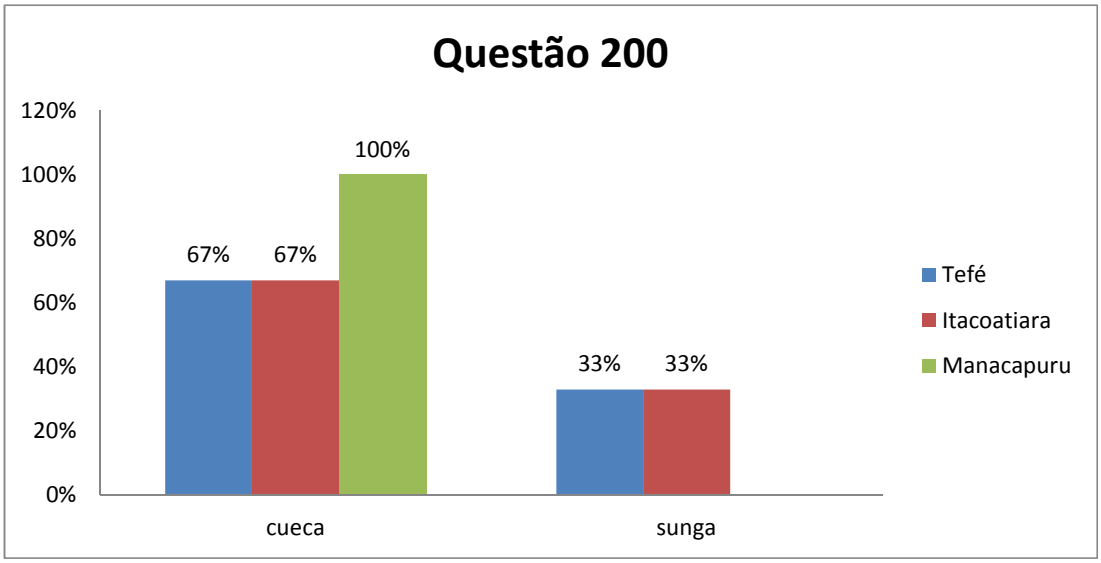


Gráfico 192: Variação lexical encontrada para a questão 200 do QSL da pesquisa

201a. CALCINHA

Que roupa a mulher usa debaixo da saia?

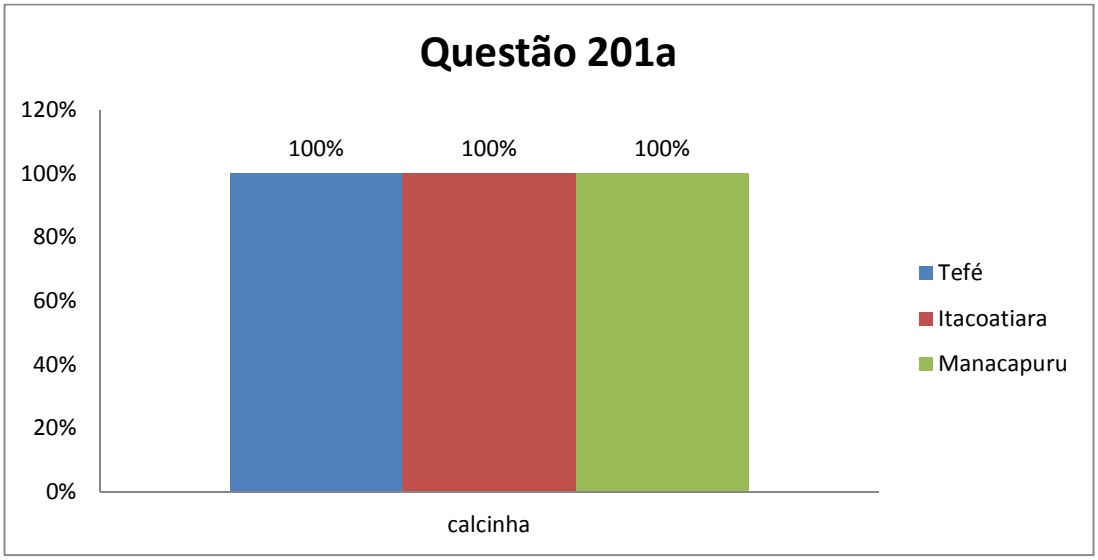


Gráfico 193: Variação lexical encontrada para a questão 201a do QSL da pesquisa

201b. ROUGE

Como se chama aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem rosadas?

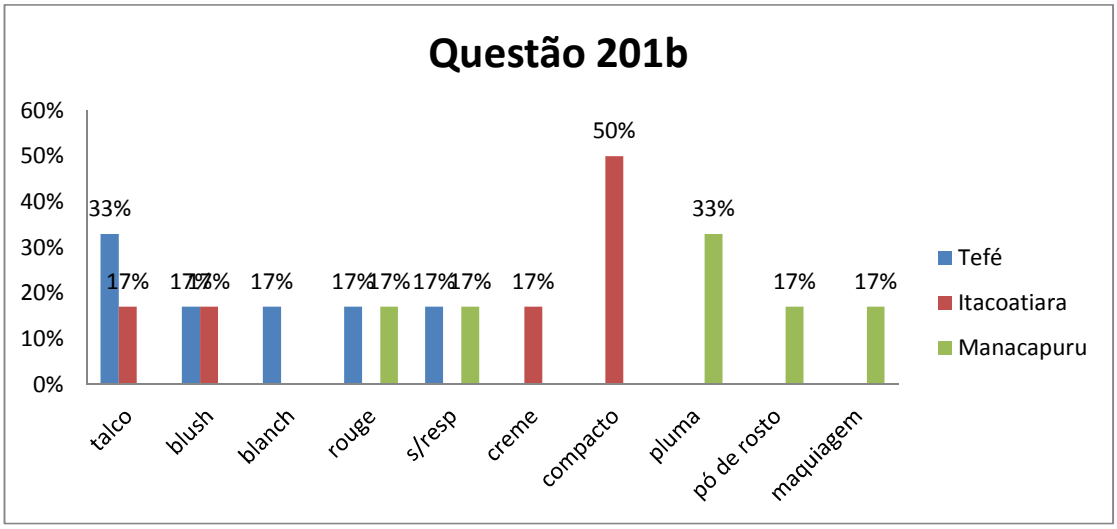


Gráfico 194: Variação lexical encontrada para a questão 201b do QSL da pesquisa

202. GRAVATA

Como se chama aquela tira de tecido estreita e longa usada em volta do pescoço dos homens e amarrada em nó ou laço na parte da frente?

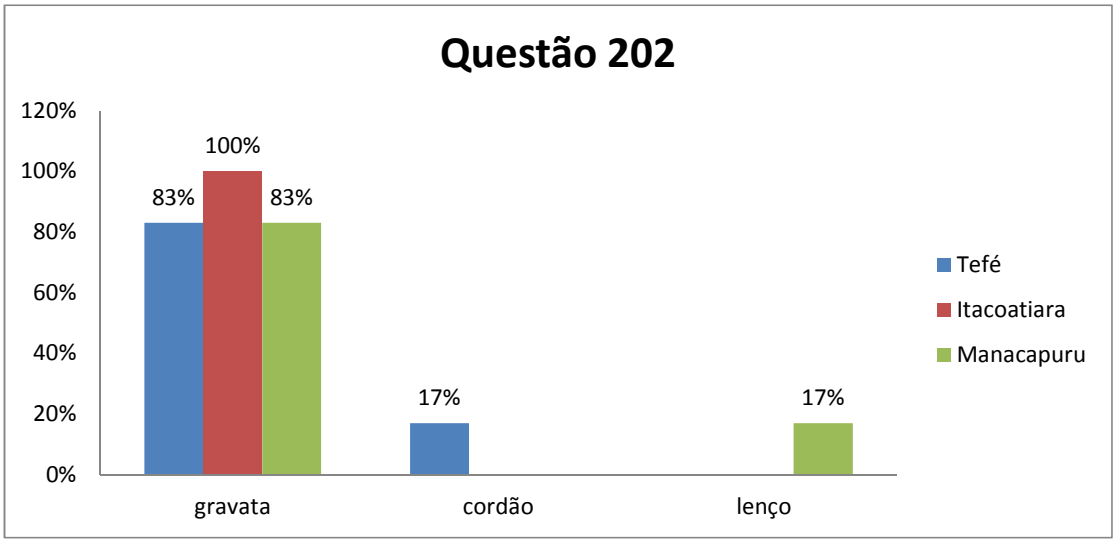


Gráfico 195: Variação lexical encontrada para a questão 202 do QSL da pesquisa

203. TAILLEUR

Como se chama o traje feminino composto de casaco e saia?

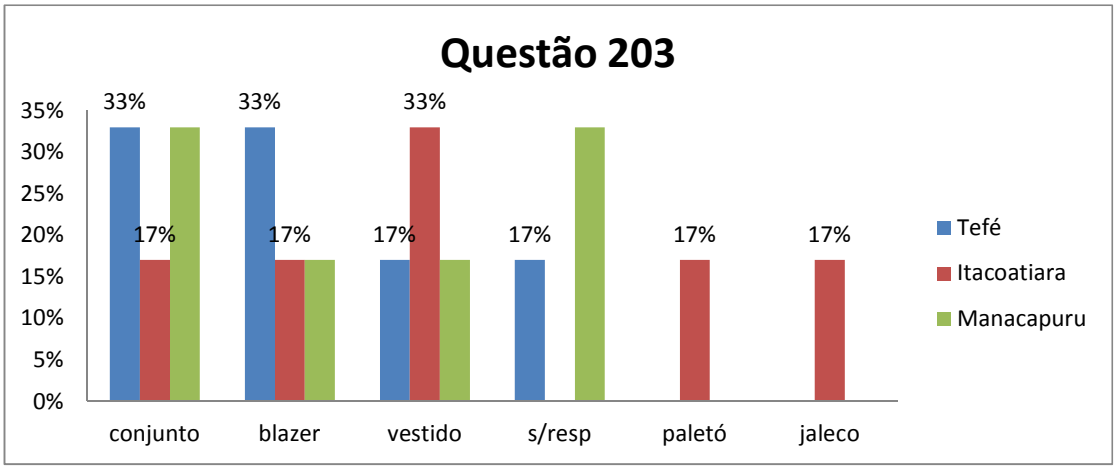


Gráfico 196: Variação lexical encontrada para a questão 203 do QSL da pesquisa

204. BERMUDA

Como se chama o tipo de shorts que vai até os joelhos?

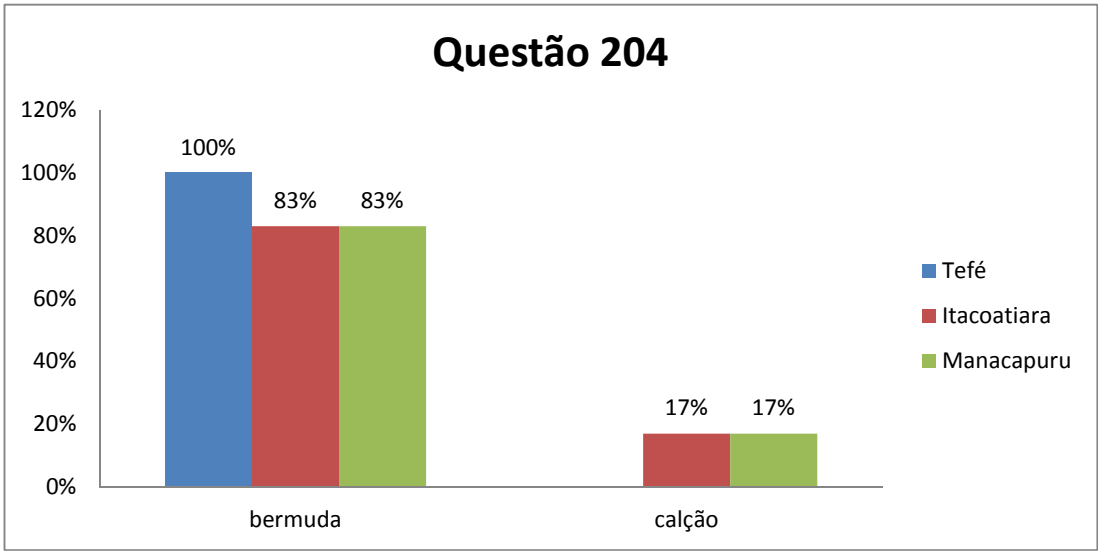


Gráfico 197: Variação lexical encontrada para a questão 204 do QSL da pesquisa

205. CAMISETA

Como se chama uma pequena camisa de malha de mangas curtas que se usa sobre a pele?

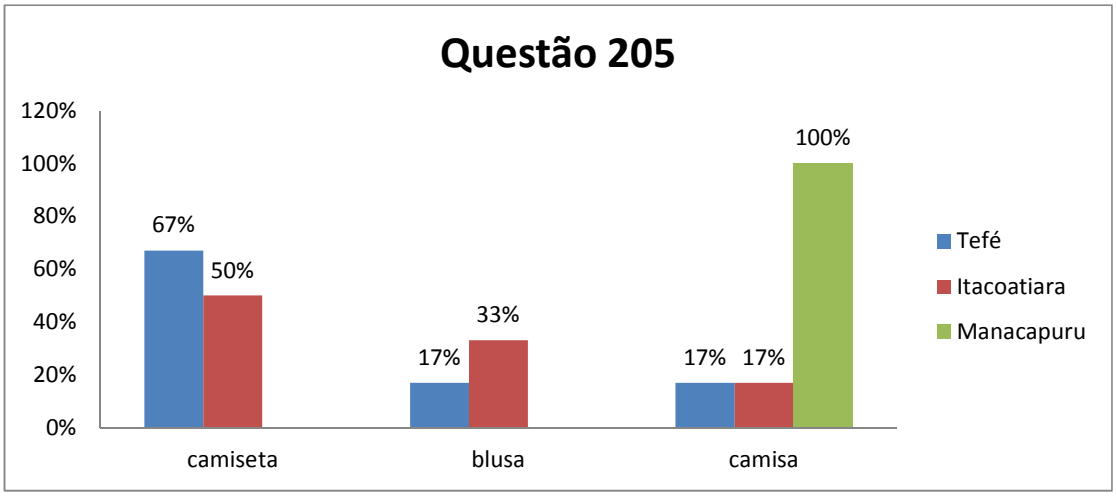


Gráfico 198: Variação lexical encontrada para a questão 205 do QSL da pesquisa

206. CAMISOLA

Como se chama a vestimenta feminina para dormir semelhante a um vestido?

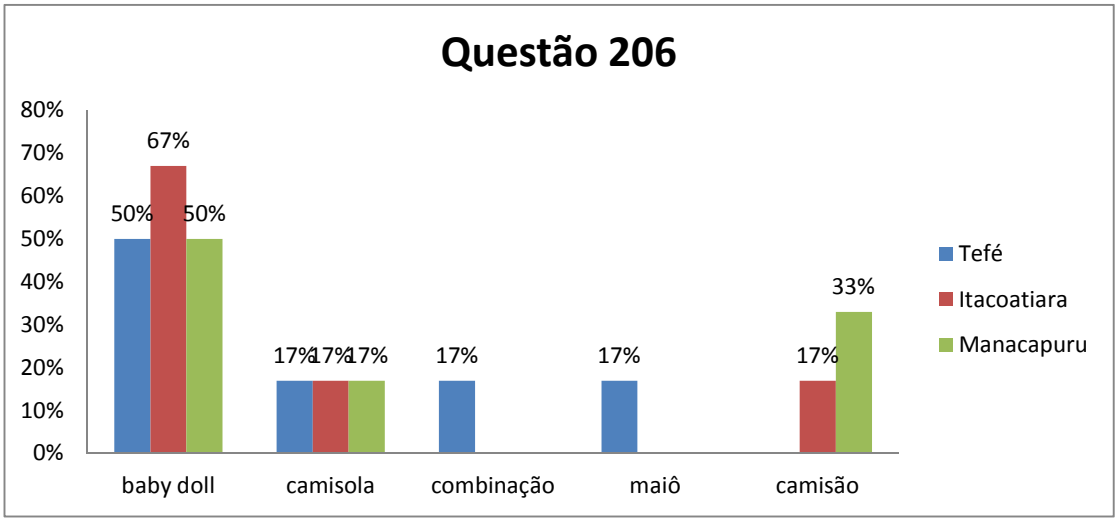


Gráfico 199: Variação lexical encontrada para a questão 206 do QSL da pesquisa

207. CAMISA

Como se chama a peça do vestuário feminino ou masculino, de tecido leve, mangas compridas ou curtas, que é usada sobre a pele ou camiseta, que cobre o tronco e os braços?

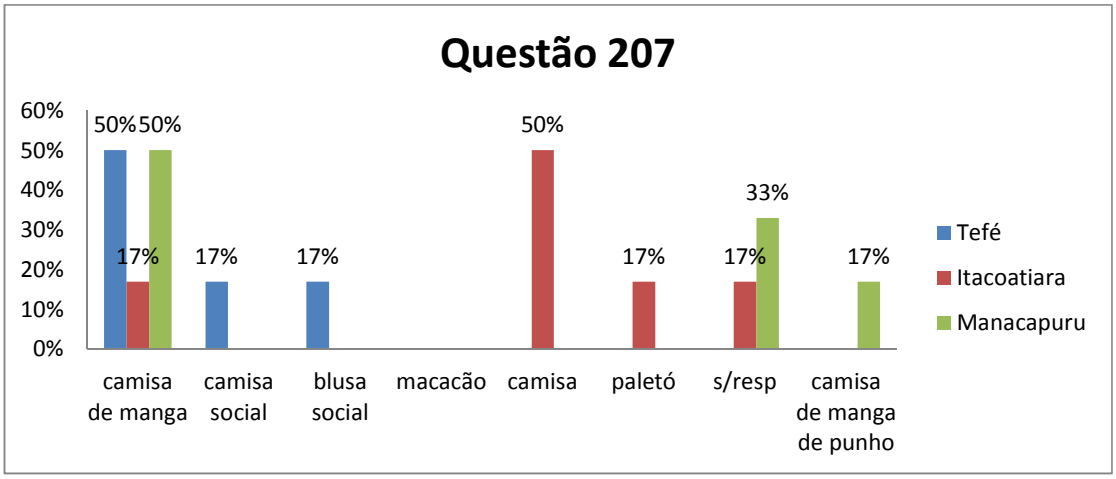


Gráfico 200: Variação lexical encontrada para a questão 207 do QSL da pesquisa

208. GARGANTILHA

Como se chama o colar que se usa ajustado ao pescoço das mulheres?

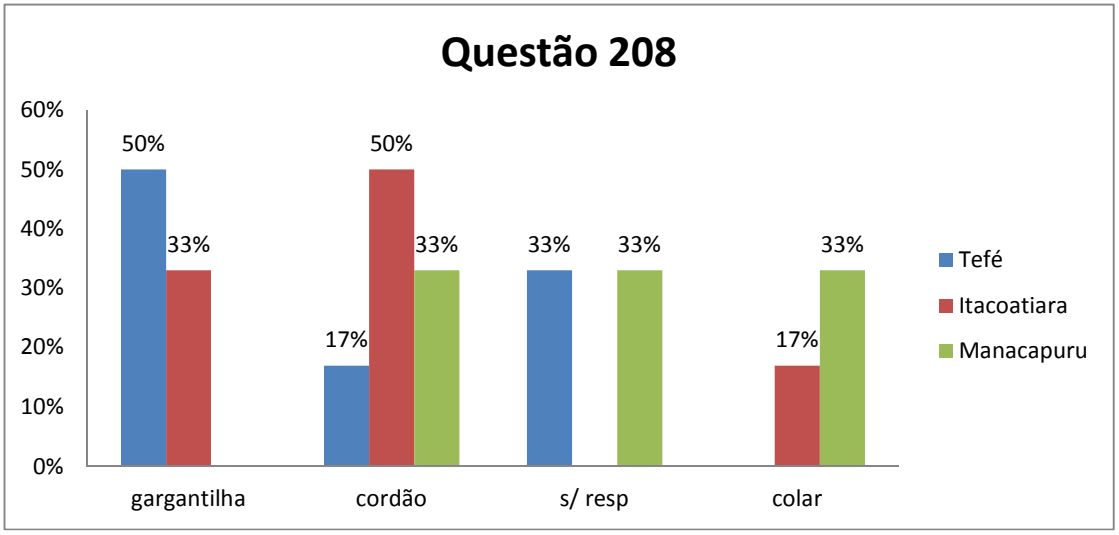


Gráfico 201: Variação lexical encontrada para a questão 208 do QSL da pesquisa

209. TERNO

Como se chama a peça do vestuário masculino composto de paletó e calça comprida?

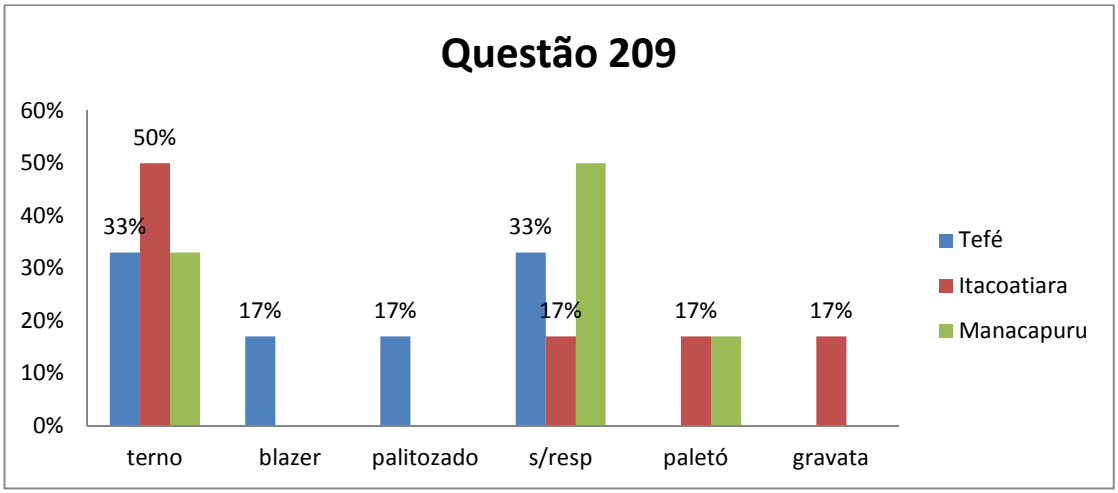


Gráfico 202: Variação lexical encontrada para a questão 209 do QSL da pesquisa

210. JEANS

Como se chama a calça feita de tecido de algodão sarjado de coloração azulada, muito resistente, usado especialmente para roupa esporte e de trabalho pelos jovens?

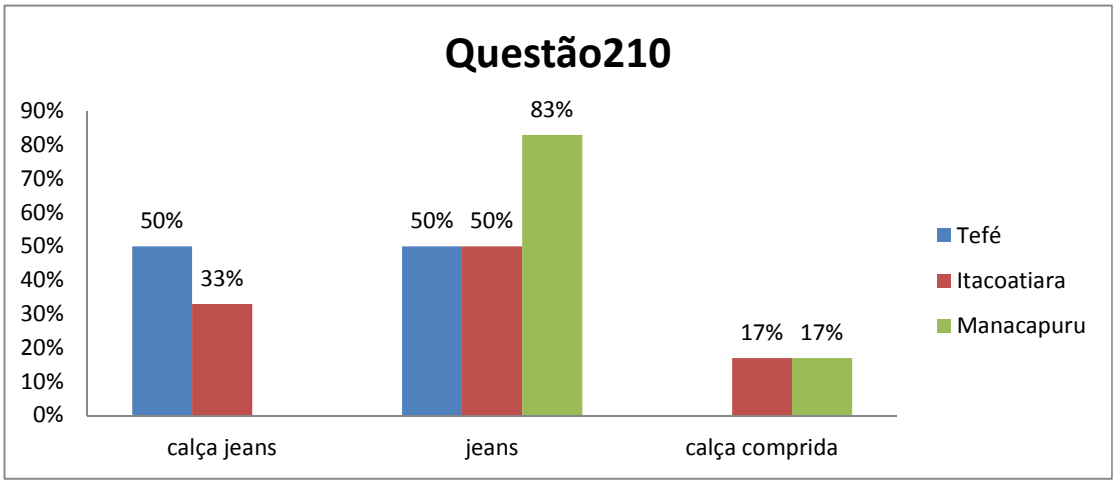


Gráfico 203: Variação lexical encontrada para a questão 210 do QSL da pesquisa

211. SHORTS

Como se chama a espécie de calça mais ou menos curta ou de tamanho inferior às bermudas

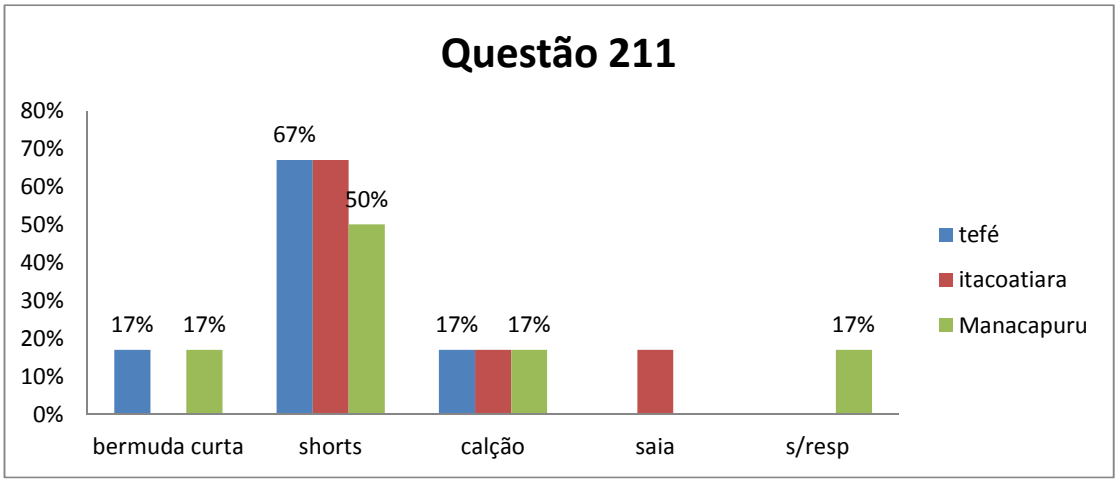


Gráfico 204: Variação lexical encontrada para a questão 211 do QSL da pesquisa

212. BLAZER

Como se chama a peça do vestuário que é uma japona parecida com o paletó?

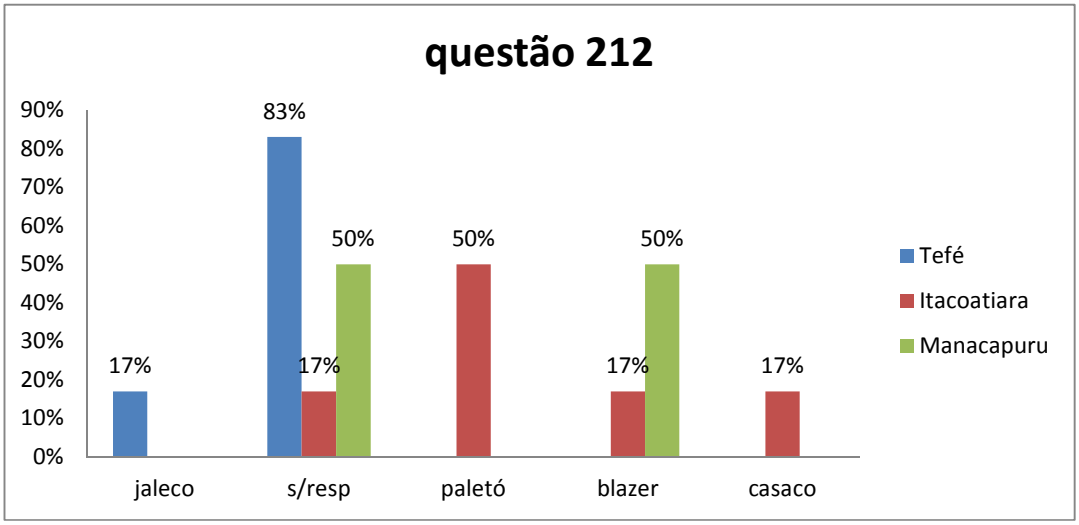


Gráfico 205: Variação lexical encontrada para a questão 212 do QSL da pesquisa

213. JAQUETA

Como se chama a peça do vestuário que é um casaco curto para homens, sem abas, e que só chega até a cintura?

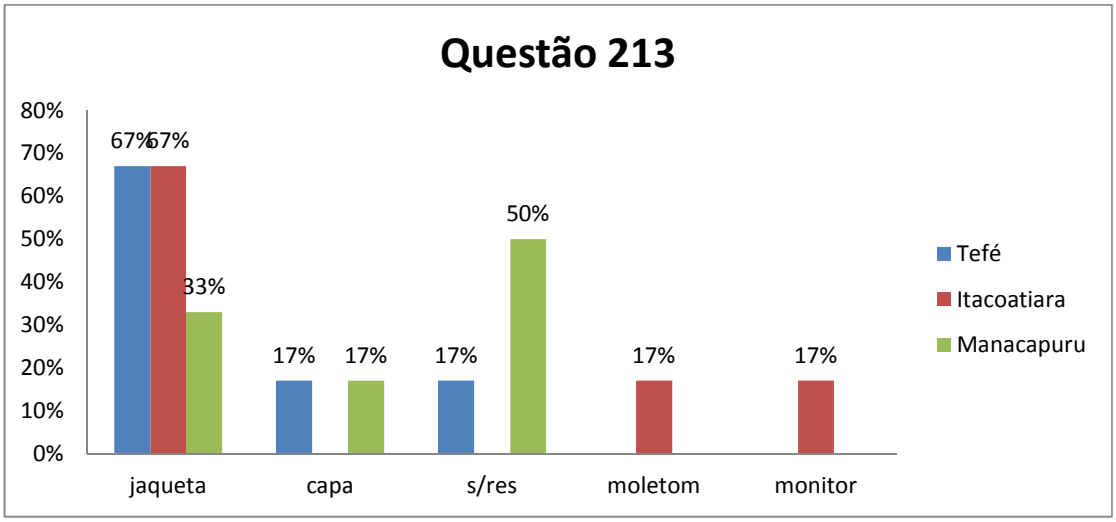


Gráfico 206: Variação lexical encontrada para a questão 213 do QSL da pesquisa

214. TRAINING

Como se chama a peça de vestuário que é feita de malha para fazer ginástica?

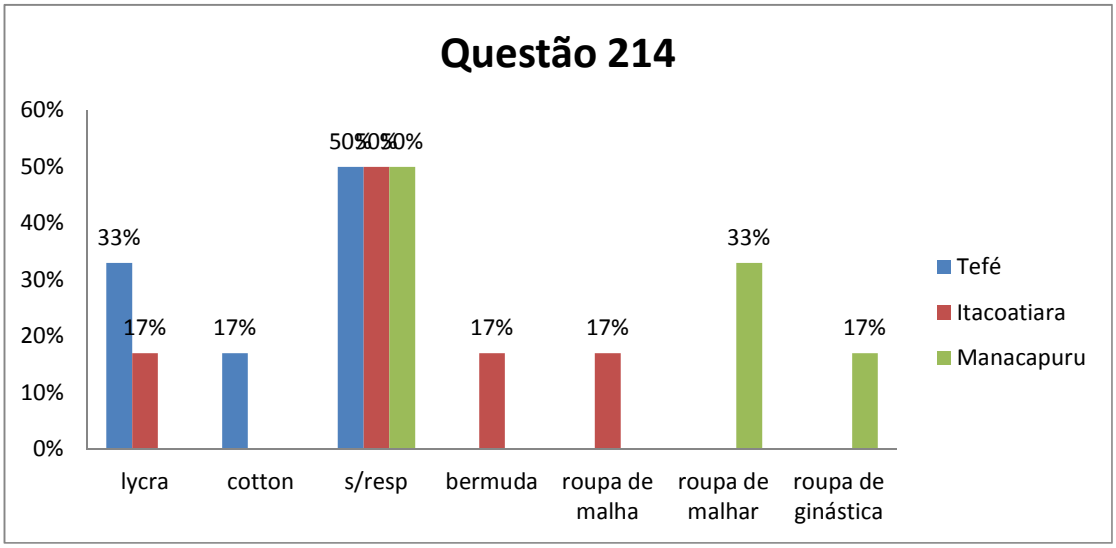


Gráfico 207: Variação lexical encontrada para a questão 214 do QSL da pesquisa

215. MEIAS

Como se chama a peça do vestuário tecida em malha, lã ou algodão para cobrir o pé e parte da perna?

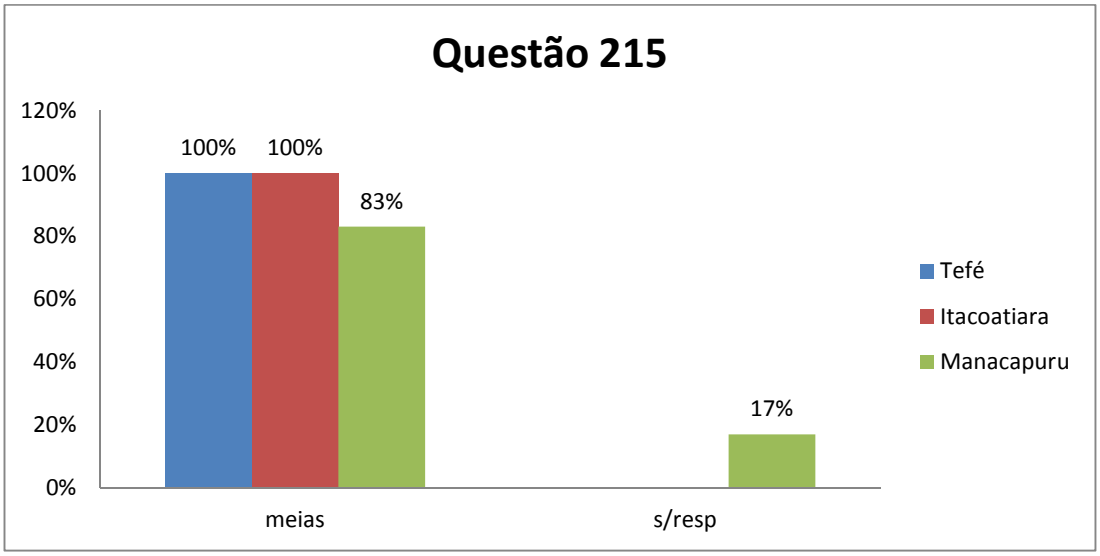


Gráfico 208: Variação lexical encontrada para a questão 215 do QSL da pesquisa

216. SAIA

Como se chama a peça do vestuário feminino que desce da cintura sobre as pernas?

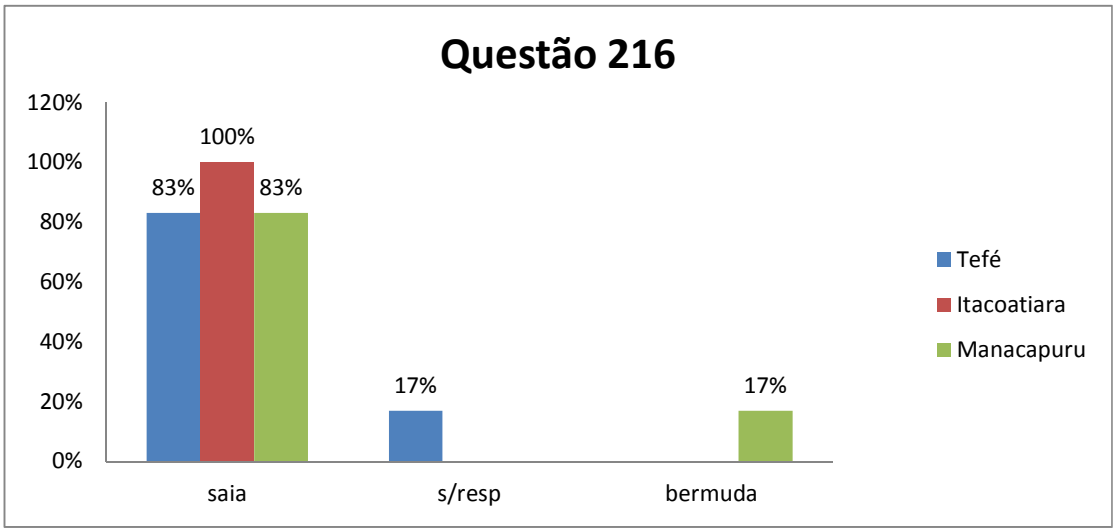


Gráfico 209: Variação lexical encontrada para a questão 216 do QSL da pesquisa

217. BATOM

Como se chama o cosmético em forma de bastão, geralmente em tons de vermelho, que serve para colorir os lábios?

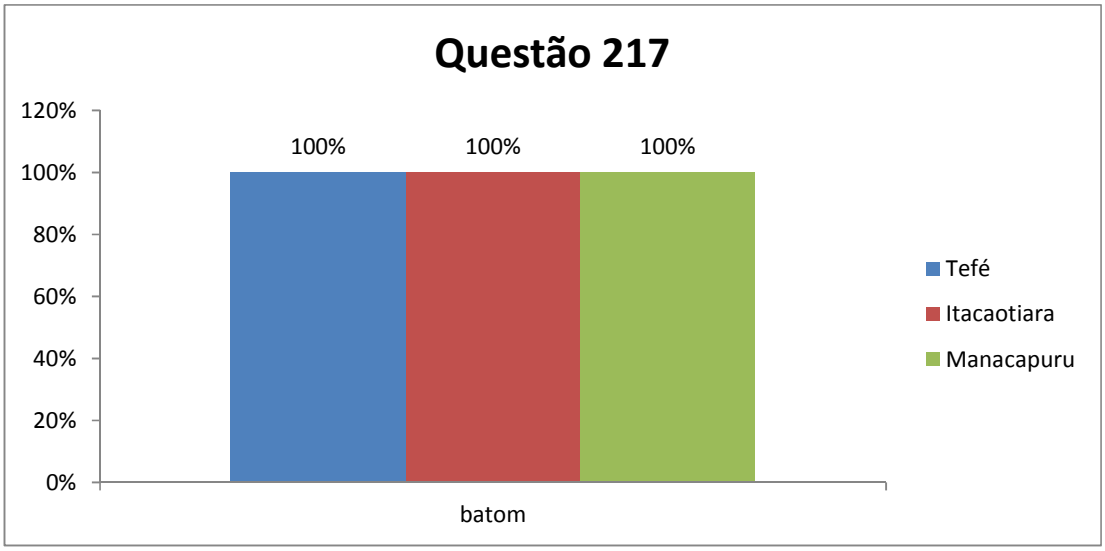


Gráfico 210: Variação lexical encontrada para a questão 217 do QSL da pesquisa

218. REGATA

Como se chama uma pequena camisa de malha sem mangas, que se usa sobre a pele?

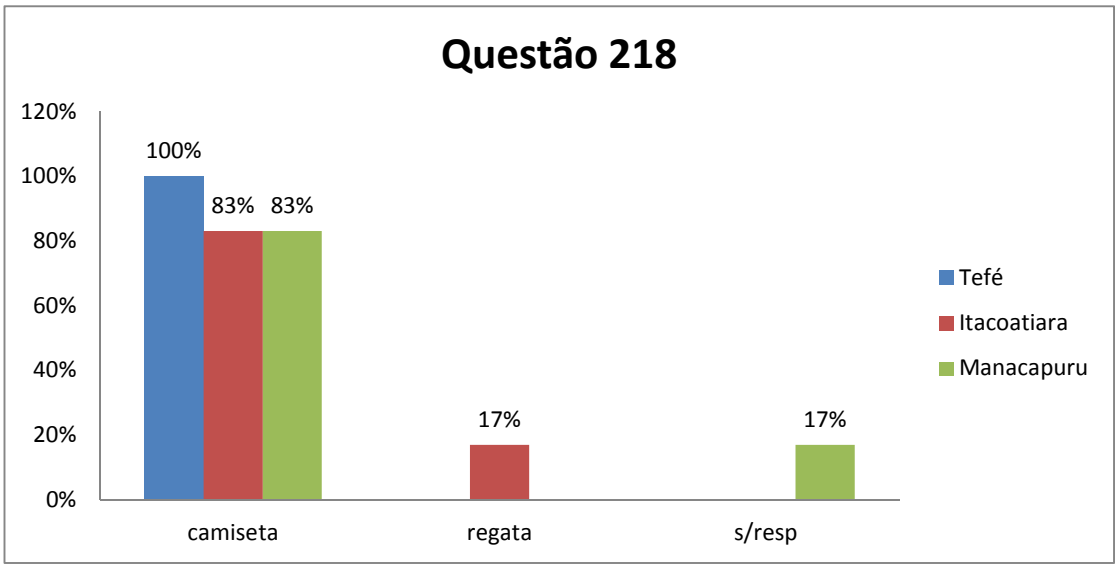


Gráfico 211: Variação lexical encontrada para a questão 218 do QSL da pesquisa

(f) Crenças, superstições e lendas

219. A CRIANÇA FICAR DE CABEÇA PARA BAIXO

Qual o gesto que uma criança pode fazer que significa que ela está chamando um irmãozinho

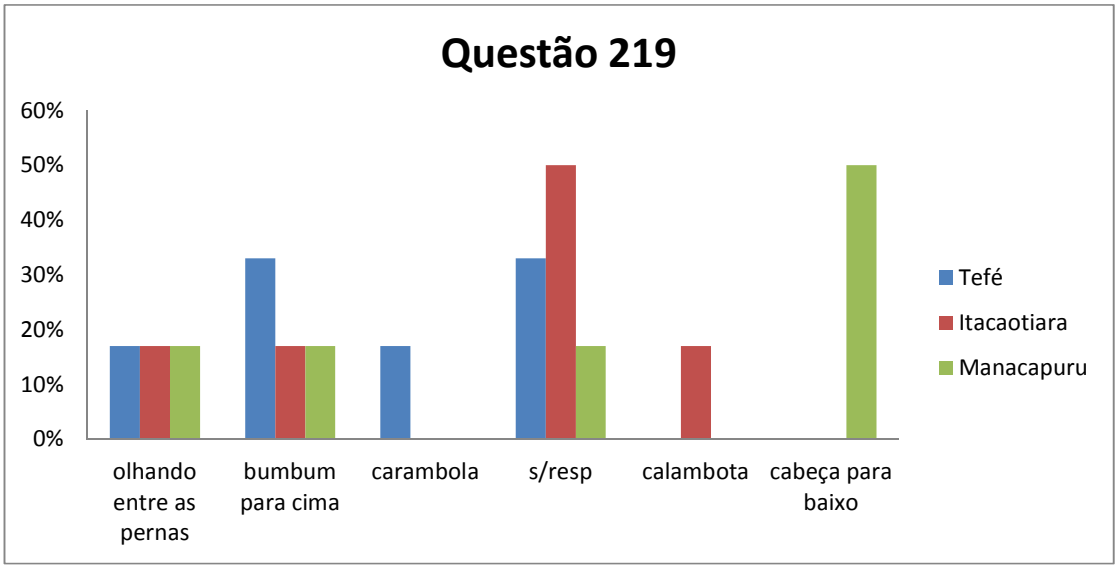


Gráfico 212: Variação lexical encontrada para a questão 219 do QSL da pesquisa

220. TIPOS DE INDÍCIOS DE MAU PRESSÁGIO

O que pode indicar mau presságio, doença ou morte?

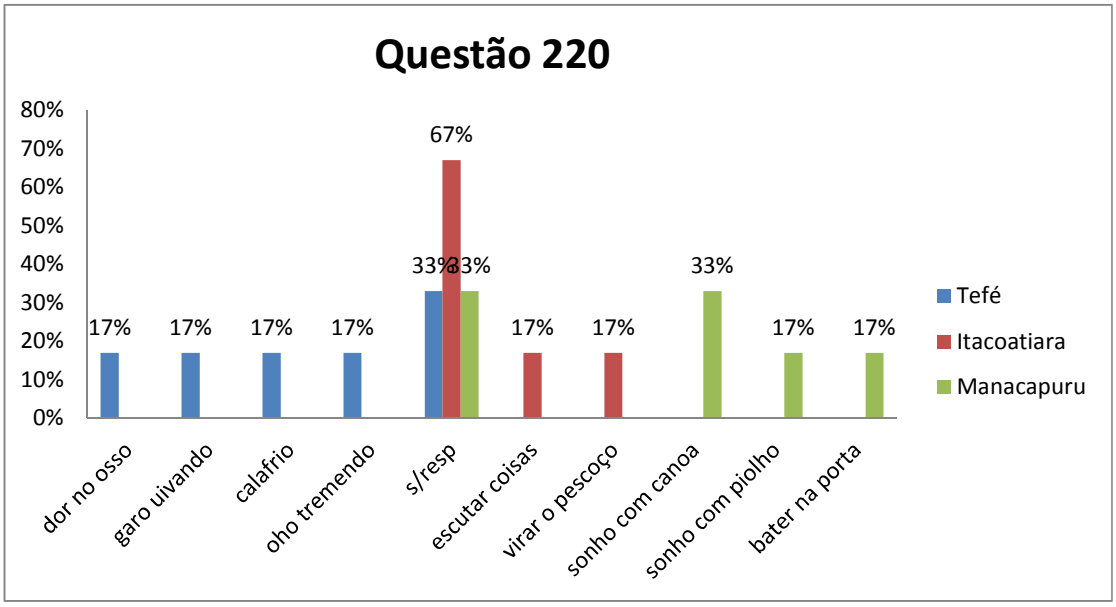


Gráfico 213: Variação lexical encontrada para a questão 220 do QSL da pesquisa

221. TIPOS DE INDÍCIOS DE QUE SE VAI RECEBER DINHEIRO

Qual o sinal que indica que a pessoa vai receber dinheiro ou algum presente?

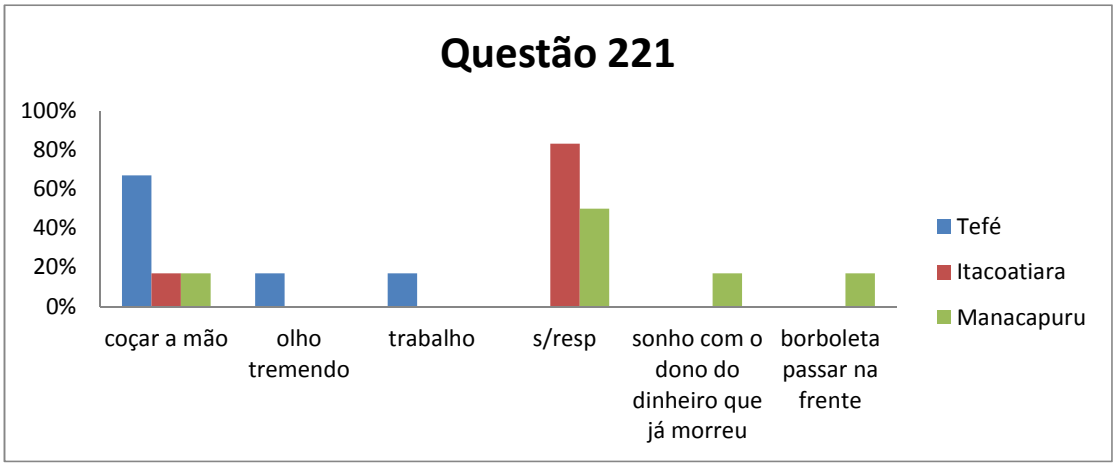


Gráfico 214: Variação lexical encontrada para a questão 221 do QSL da pesquisa

222. MÉTODO CASEIRO PARA ALIVIAR PESSOA ENGASGADA COM ESPINHA

Qual o meio usado para aliviar uma pessoa engasgada com espinha?

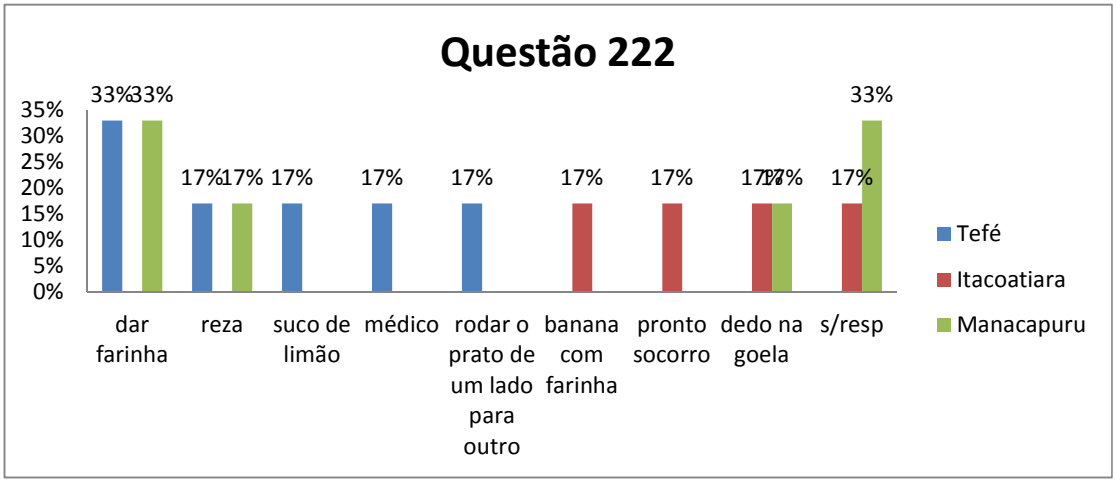


Gráfico 215: Variação lexical encontrada para a questão 222 do QSL da pesquisa

223. MÉTODO CASEIRO PARA ALIVIAR O SOLUÇO DAS CRIANÇAS

E qual o meio usado para aliviar o soluço das crianças?

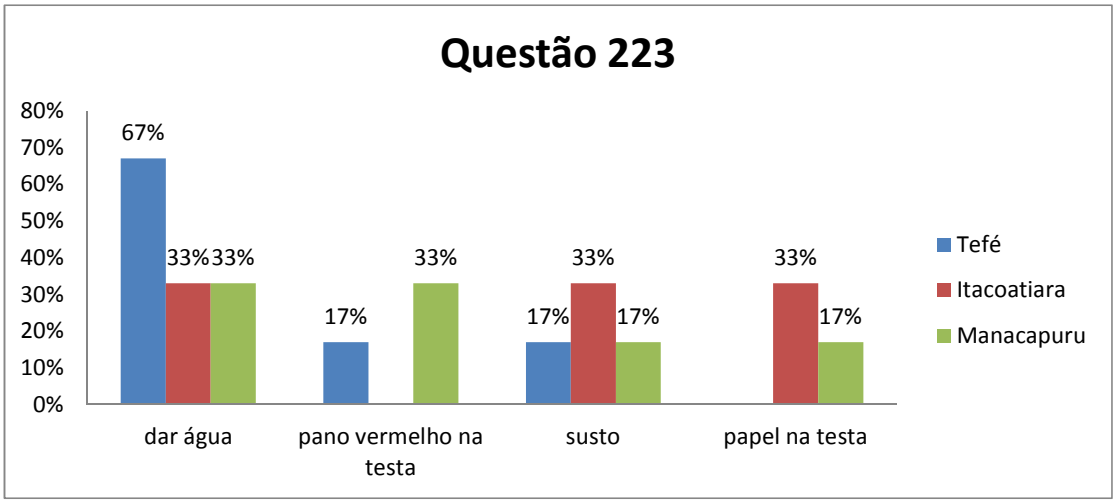


Gráfico 216: Variação lexical encontrada para a questão 2233 do QSL da pesquisa

224. GALHO DE ARRUDA

Qual é o galho utilizado para tirar quebranto e espantar doenças nas benzeduras?

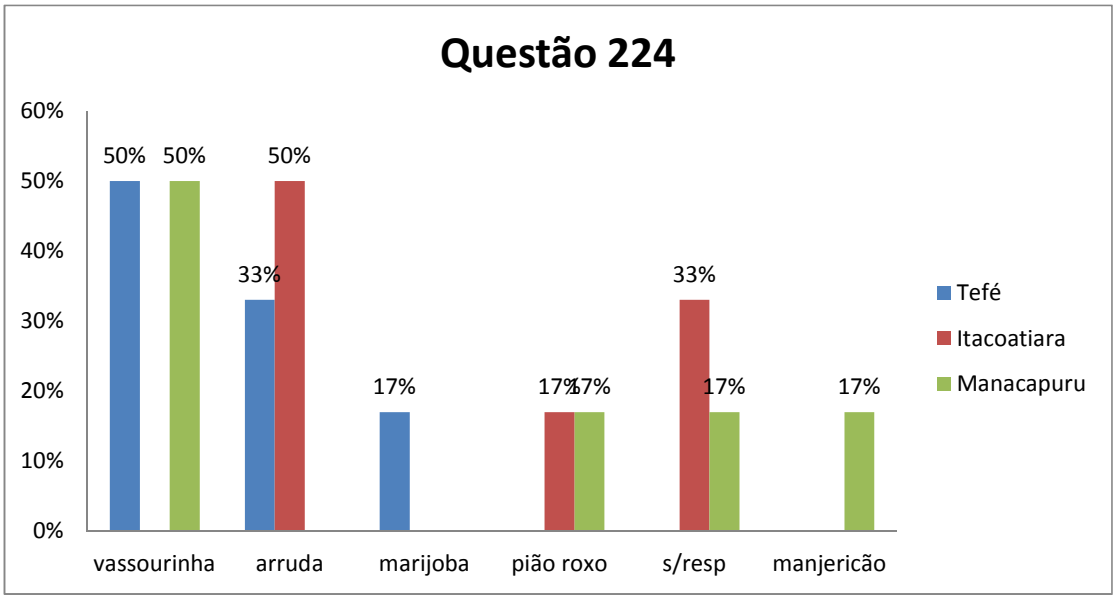


Gráfico 217: Variação lexical encontrada para a questão 224 do QSL da pesquisa

225. MATIM

Qual o nome que se dá ao pássaro que se transforma em gente e pinta o sete, brincando, ralhando e castigando os meninos vadios e malcriados?

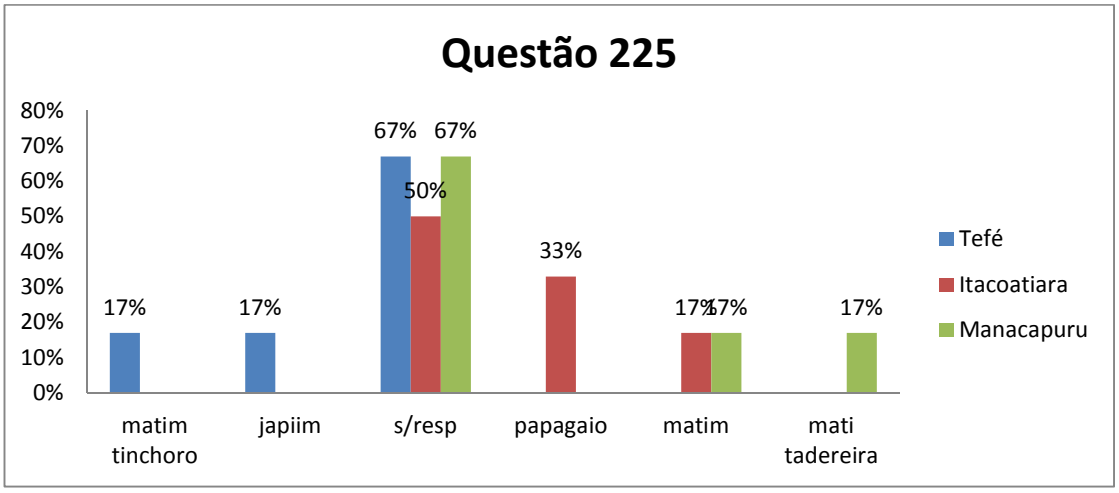


Gráfico 218: Variação lexical encontrada para a questão 225 do QSL da pesquisa

226. MAU-OLHADO

Como se chama o olhar de uma pessoa que parece que tem inveja da outra, ódio contra os bons negócios, felicidade. Quando alguém olha assim para outra pessoa se diz que essa pessoa está botando o que na outra?

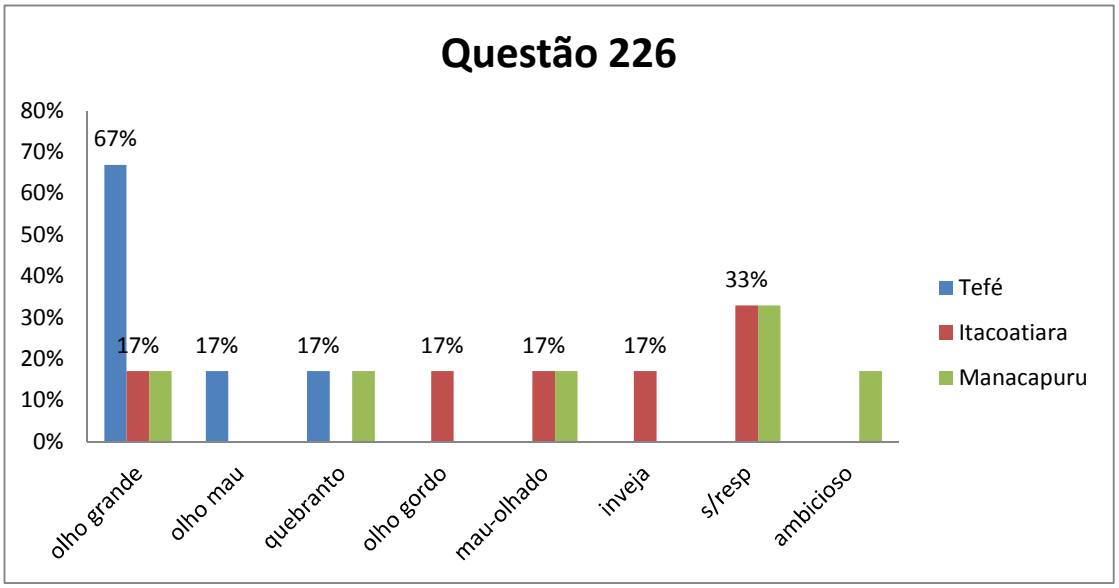


Gráfico 219: Variação lexical encontrada para a questão 226 do QSL da pesquisa

227. PÕE-MESA

Nome que se dá ao gafanhoto que indica boa sorte e esperança de boas notícias?

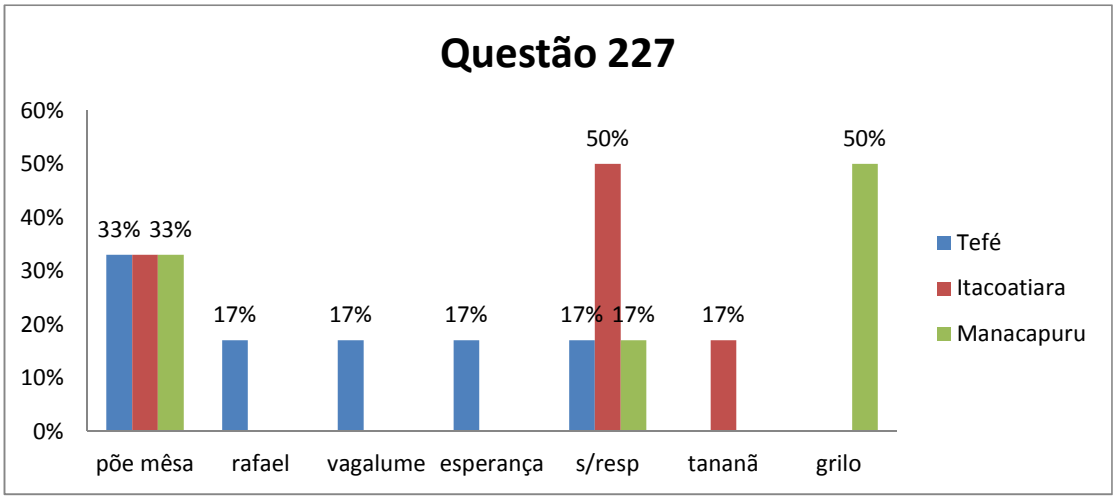


Gráfico 220: Variação lexical encontrada para a questão 227 do QSL da pesquisa

228. VASSOURA ATRÁS DA PORTA

O que se deve fazer quando se quer que uma pessoa se retire de um local?

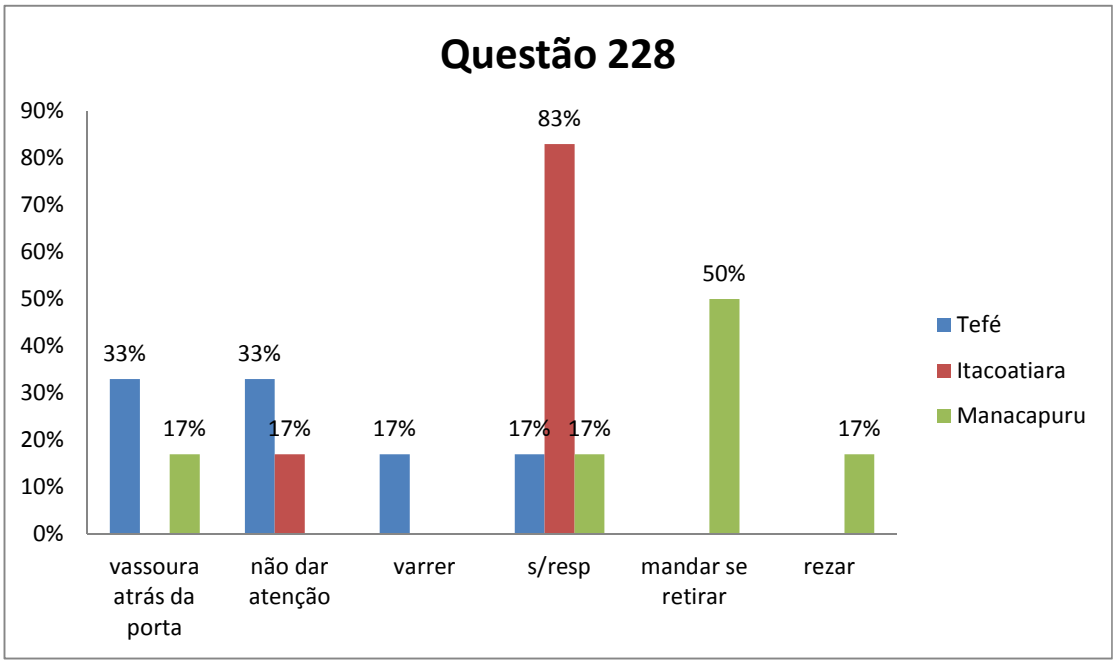


Gráfico 221: Variação lexical encontrada para a questão 228 do QSL da pesquisa

229. TIPO DE SONHO QUE SE PRESSUPÕE A MORTE DE ALGUÉM

Existe algum sonho que se pode ter que indique a morte de um parente ou amigo?

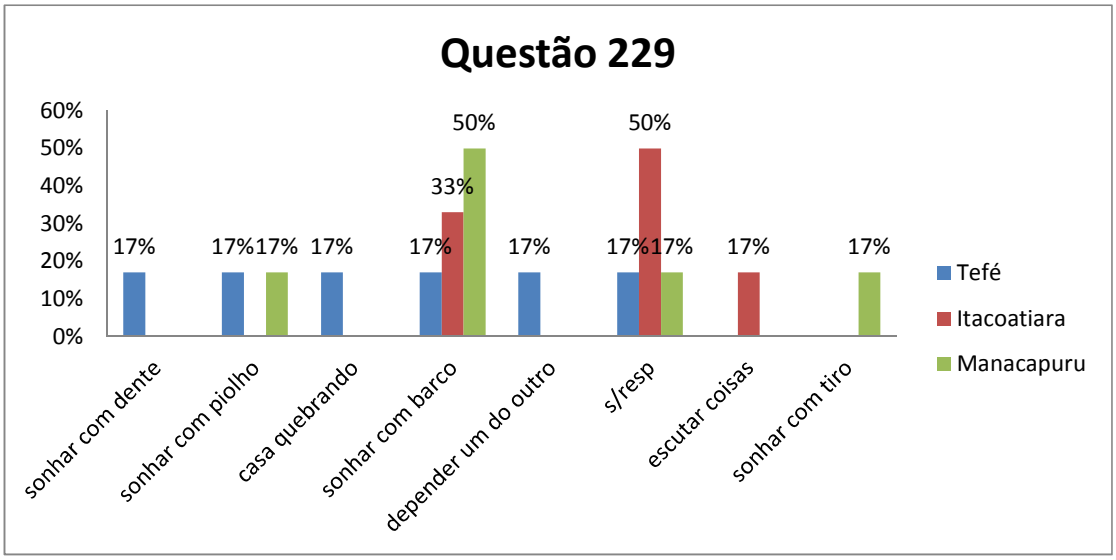


Gráfico 222: Variação lexical encontrada para a questão 229 do QSL da pesquisa

230. VARRER O PÉ

E o que pode causar má sorte para uma mulher não se casar?

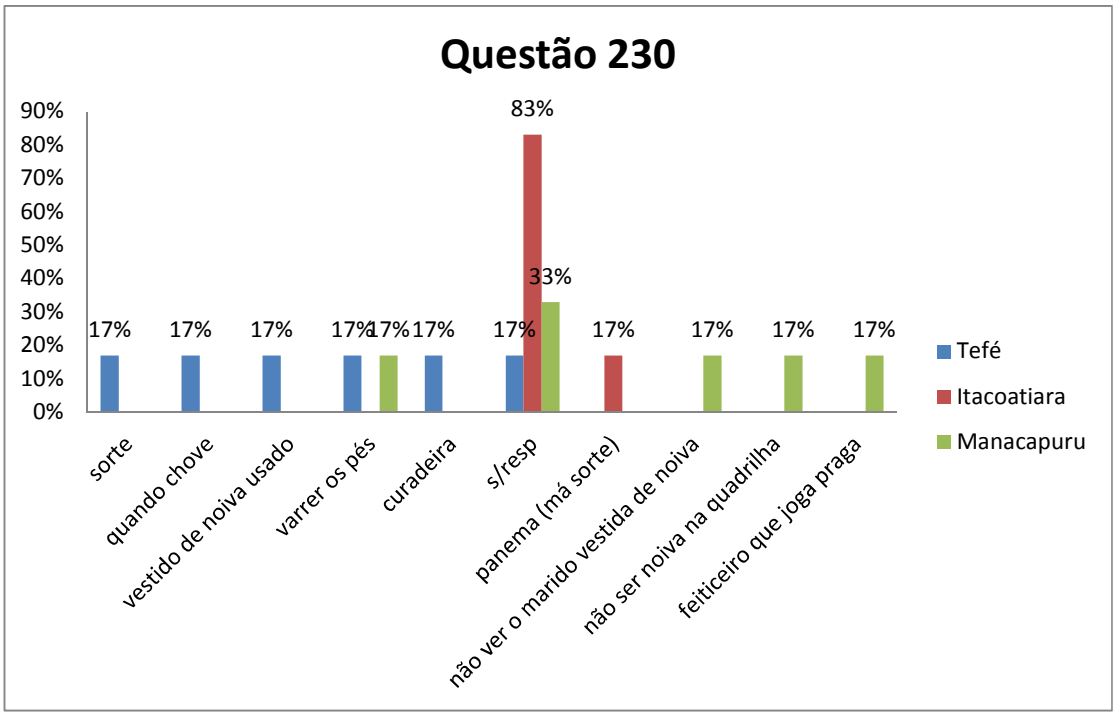


Gráfico 223: Variação lexical encontrada para a questão 230 do QSL da pesquisa

231. BENZEDEIRA

Como se chama a mulher que cura, tira o mau olhado através de rezas e simpatias?

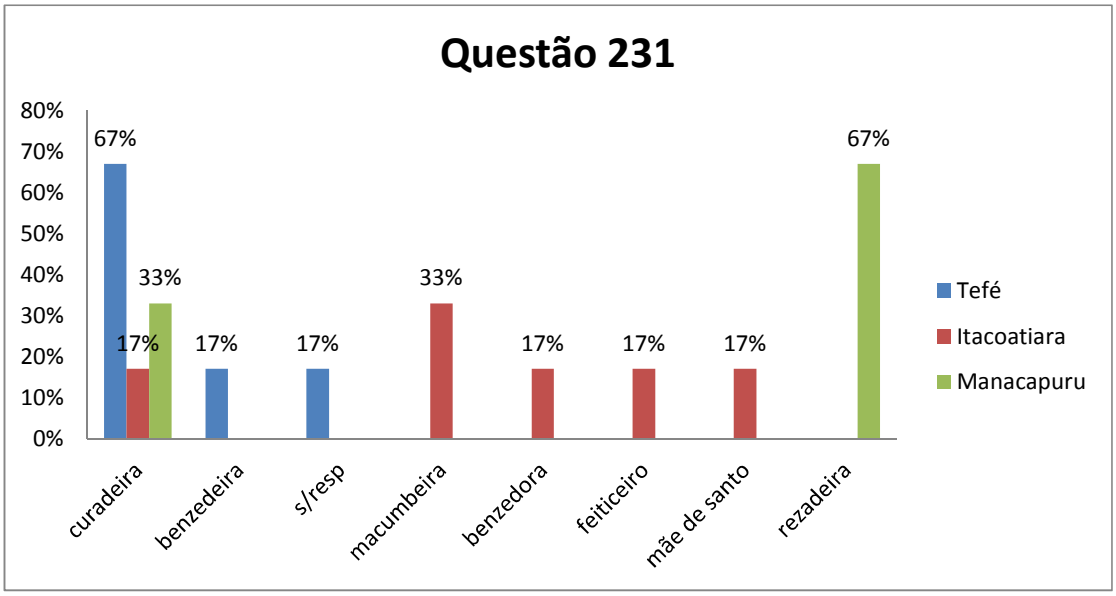


Gráfico 224: Variação lexical encontrada para a questão 231 do QSL da pesquisa

232. DIABO

Que nome você dá àquele que é o grande inimigo de Deus, que tem chifres e rabo?

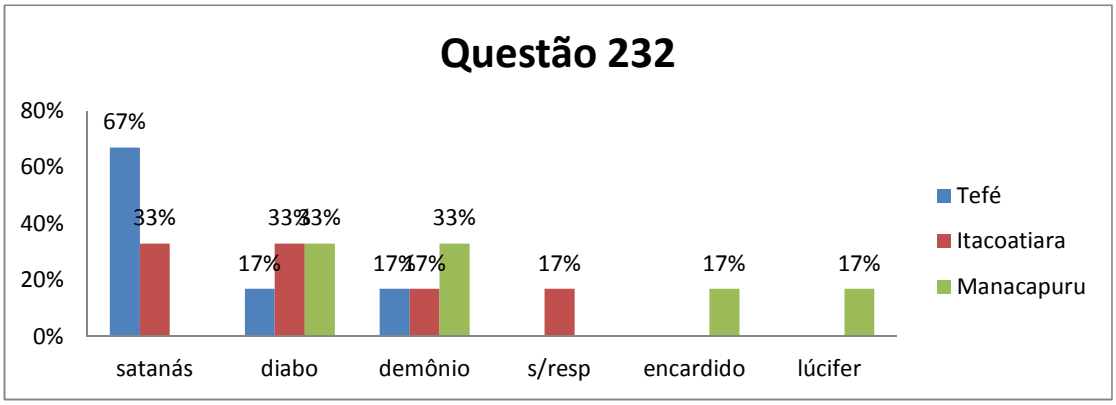


Gráfico 225: Variação lexical encontrada para a questão 232 do QSL da pesquisa

(g) Relações sociais

(i) Ciclos da Vida

233. MENSTRUAÇÃO

As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

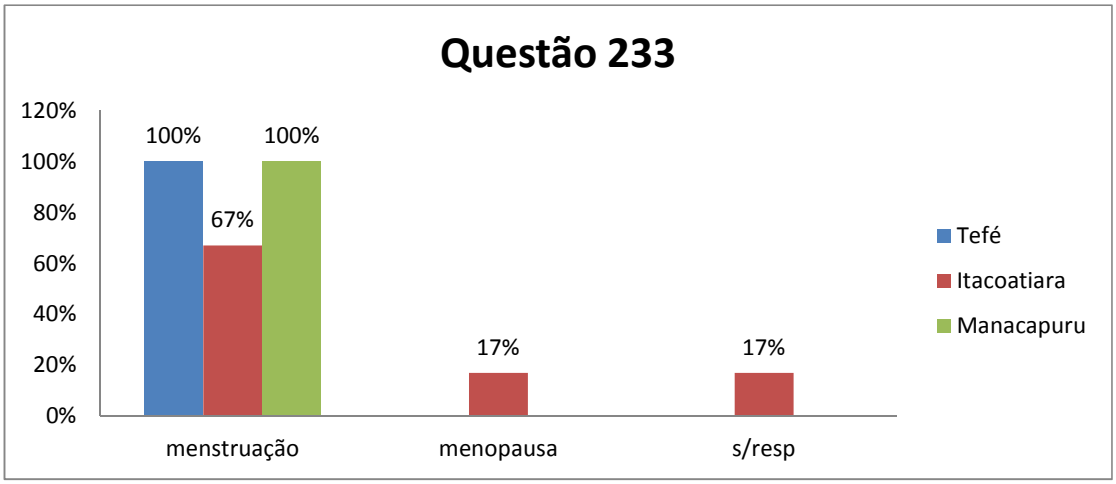


Gráfico 226: Variação lexical encontrada para a questão 233 do QSL da pesquisa

234. PARTEIRA

Como se chama a mulher que ajuda a criança a nascer?

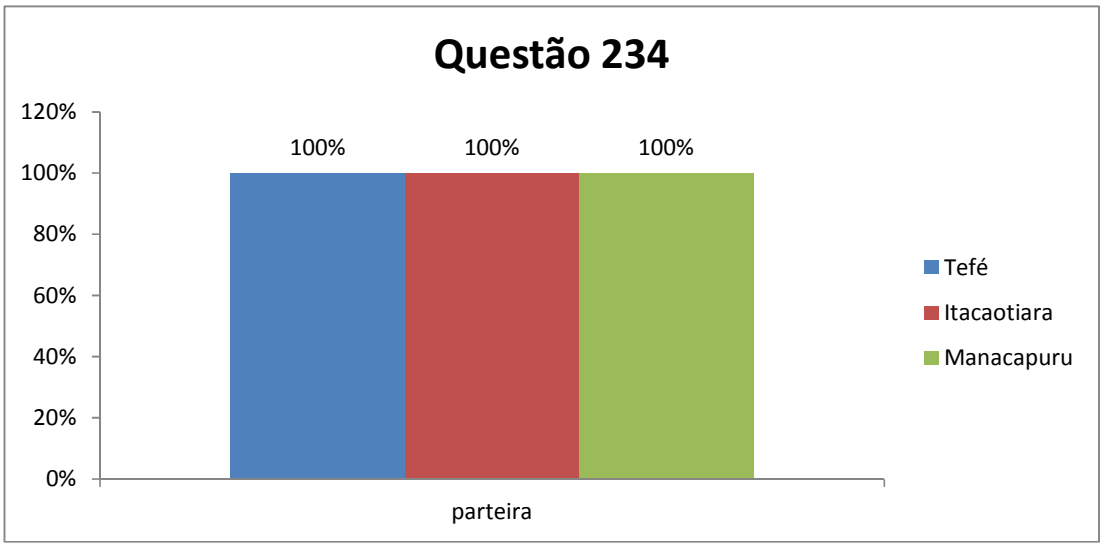


Gráfico 227: Variação lexical encontrada para a questão 234 do QSL da pesquisa

235. GÊMEOS

Qual o nome que se dá a duas crianças que nasceram no mesmo parto, na mesma hora?

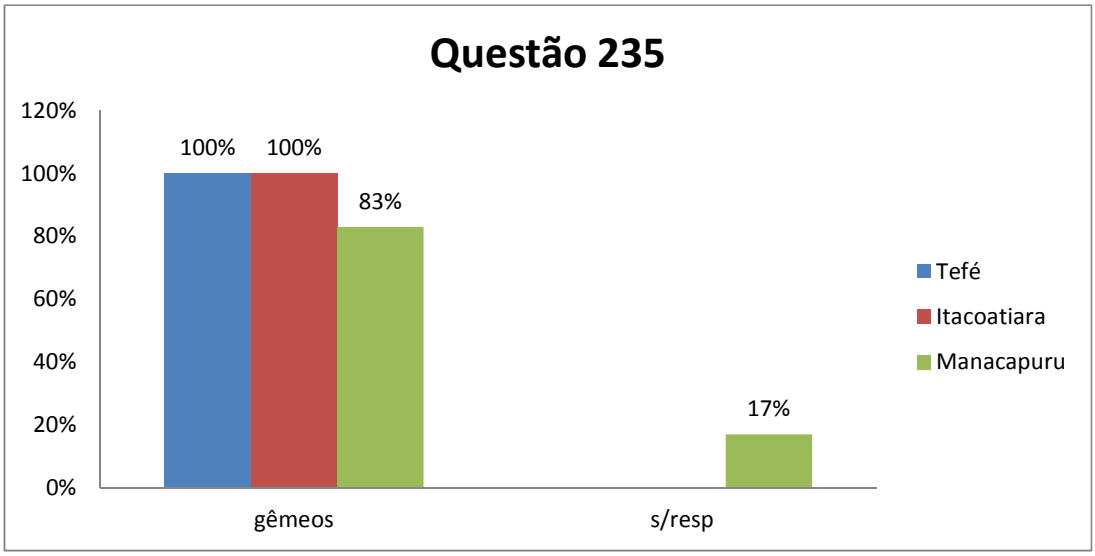


Gráfico 228: Variação lexical encontrada para a questão 235 do QSL da pesquisa

236. ABORTAR

Quando a mulher fica grávida, mas não quer ter a criança, ela toma remédio para que?

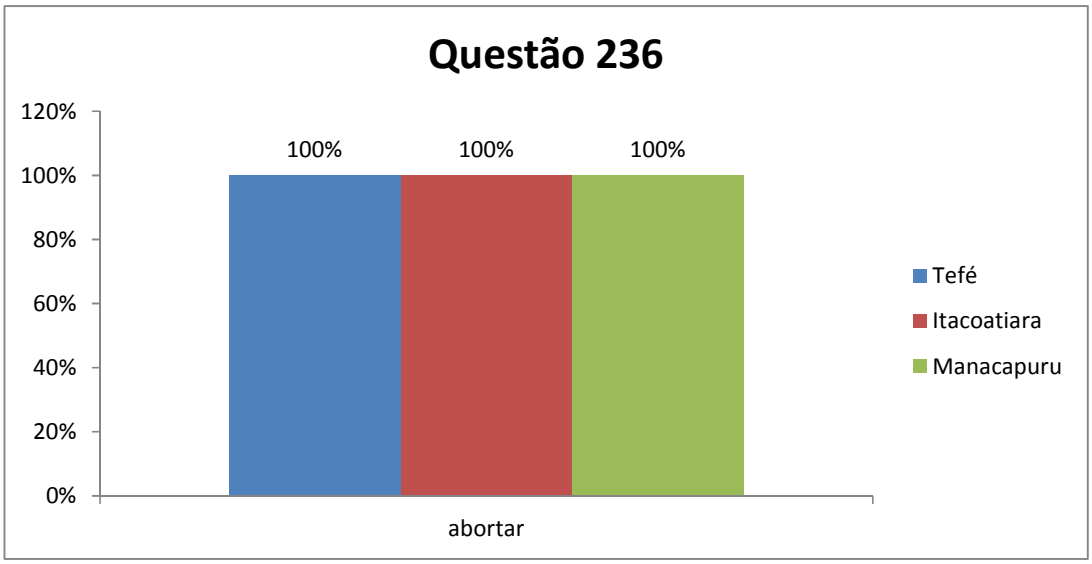


Gráfico 229: Variação lexical encontrada para a questão 236 do QSL da pesquisa

237. AMA-DE-LEITE

Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?

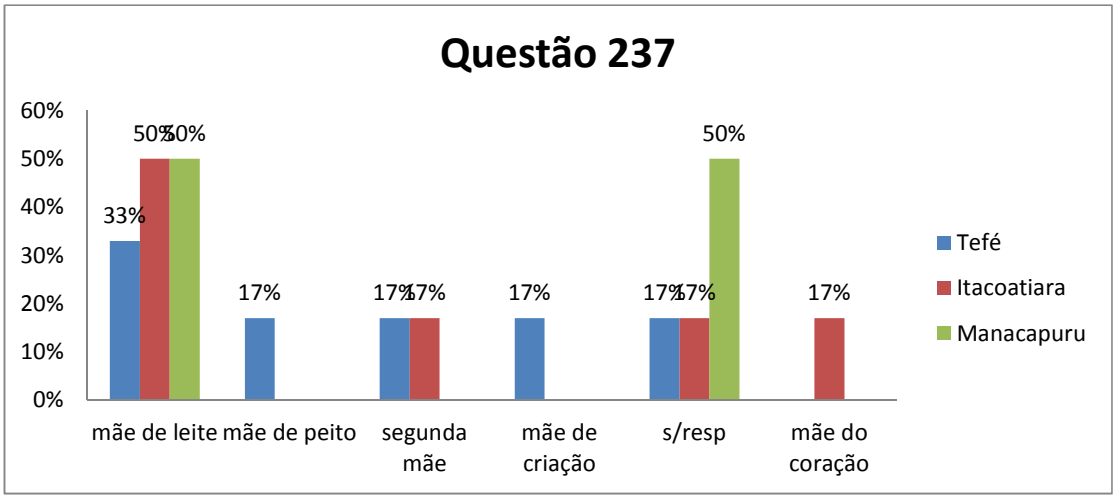


Gráfico 230: Variação lexical encontrada para a questão 237 do QSL da pesquisa

238. FILHO MAIS NOVO

Como se chama o filho que nasceu por último?

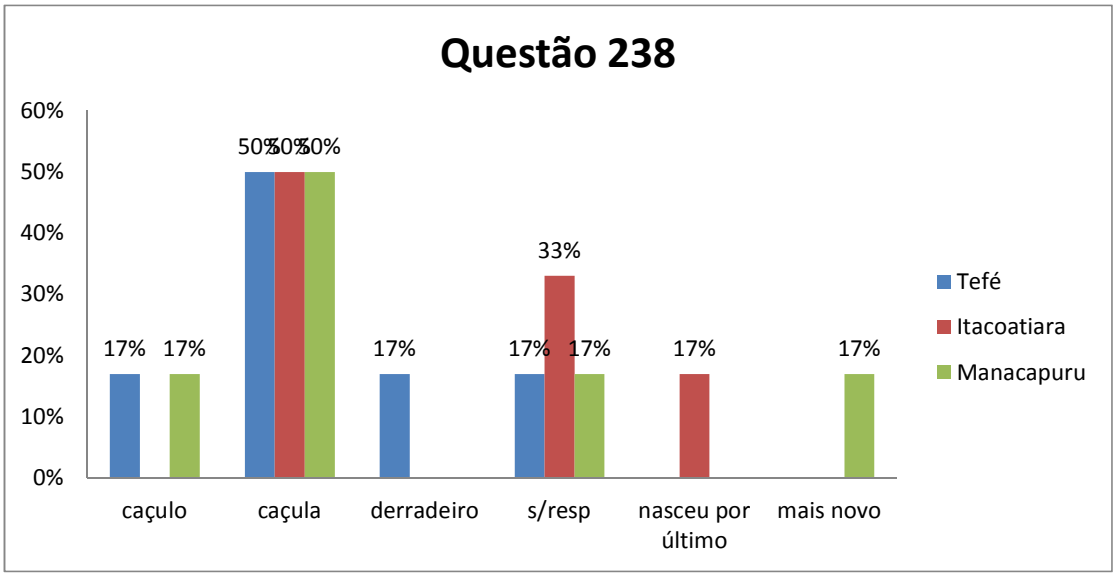


Gráfico 231: Variação lexical encontrada para a questão 238 do QSL da pesquisa

239. CORNO

O nome que se dá ao marido quando uma mulher passa ele para trás?

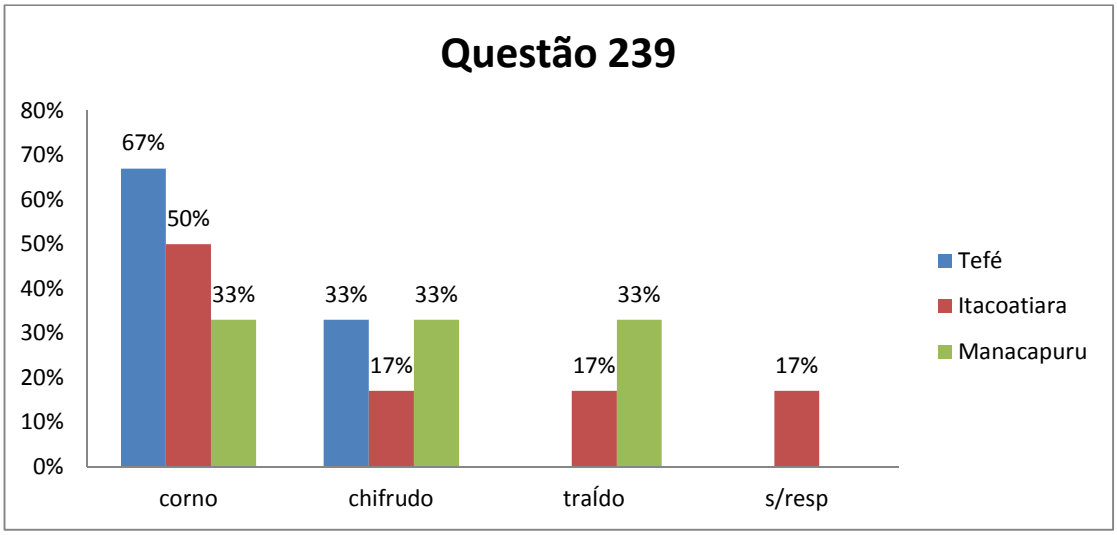


Gráfico 232: Variação lexical encontrada para a questão 239 do QSL da pesquisa

240. PROSTITUTA

Como se chama a mulher que vende seu corpo para qualquer homem, em troca de dinheiro?

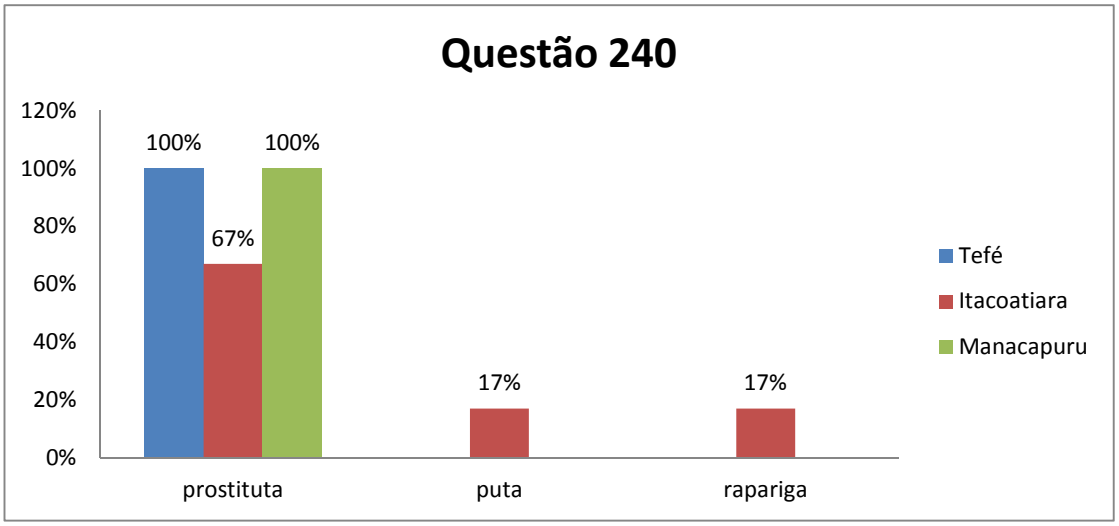


Gráfico 233: Variação lexical encontrada para a questão 240 do QSL da pesquisa

241. DEFUNTO

Quando você quer se referir a uma pessoa que já morreu, em uma conversa, geralmente não menciona mais o nome daquela pessoa. Como é que você se refere a ela?

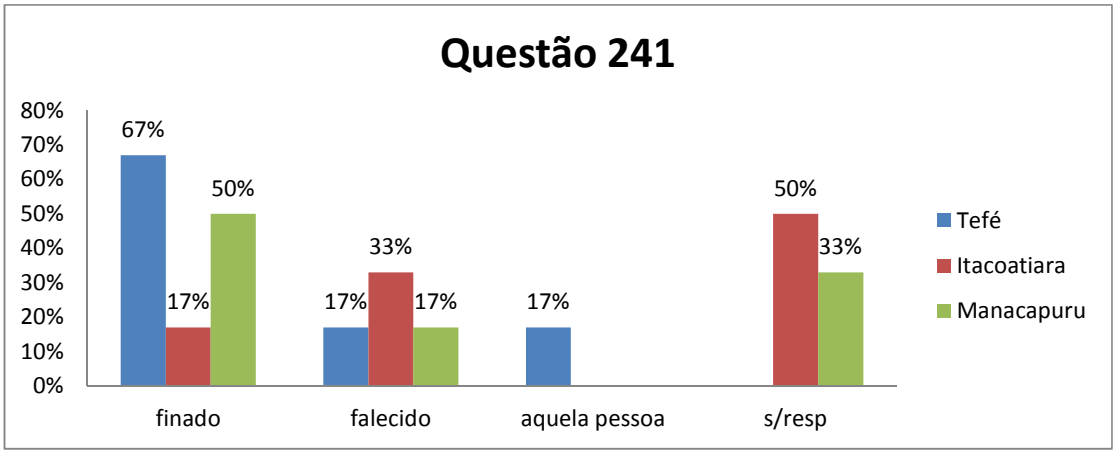


Gráfico 234: Variação lexical encontrada para a questão 241 do QSL da pesquisa

242. MADRASTA

Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?

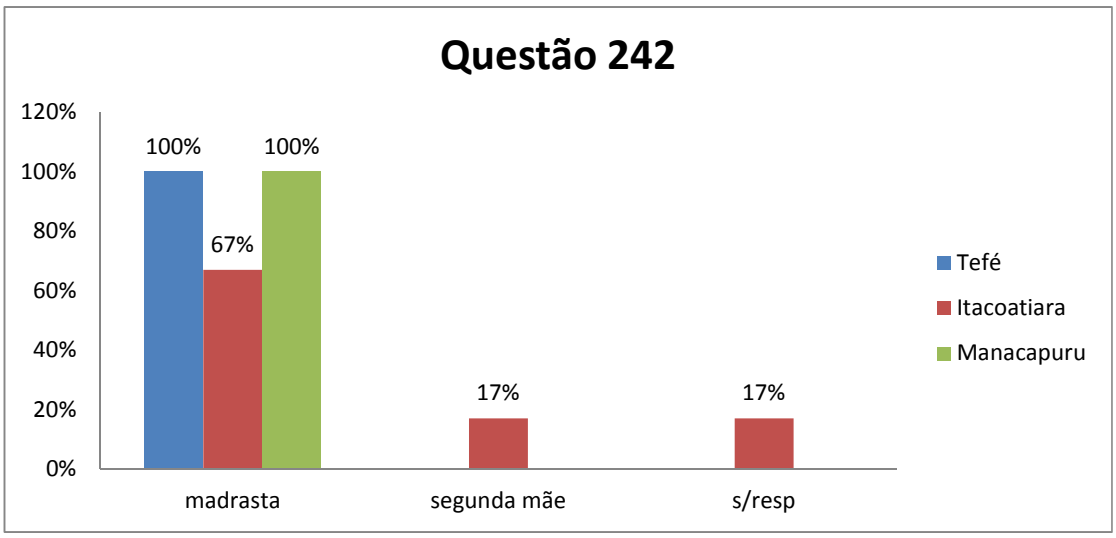


Gráfico 235: Variação lexical encontrada para a questão 242 do QSL da pesquisa

243. XARÁ

Qual o nome que se dá à pessoa que tem o mesmo nome da gente?

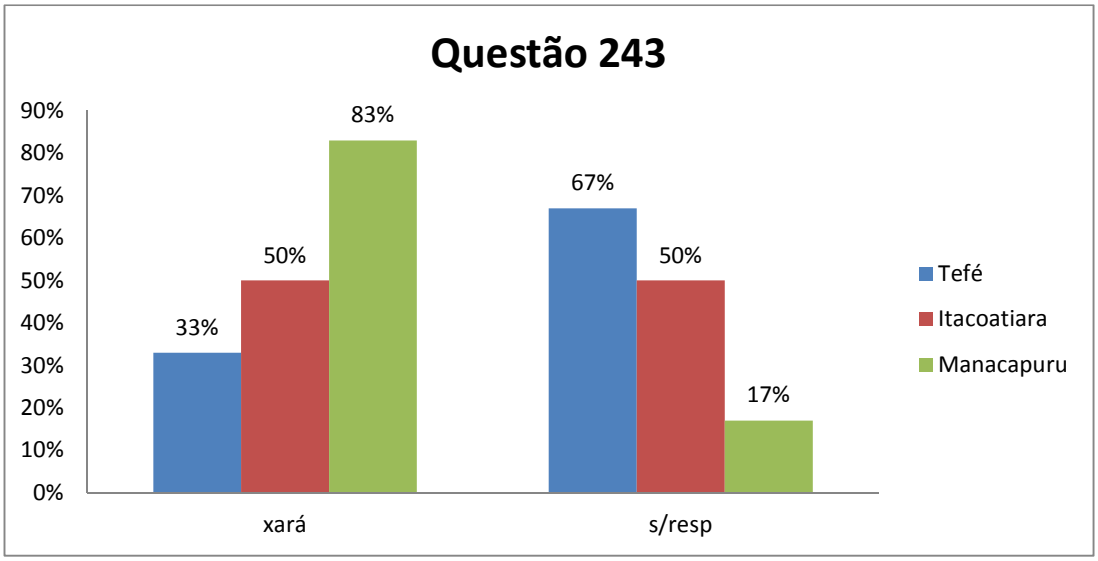


Gráfico 236: Variação lexical encontrada para a questão 243 do QSL da pesquisa

(ii) Vida Social/ Brinquedos e Jogos infantis

244. CAMBALHOTA

Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e se acaba sentado?

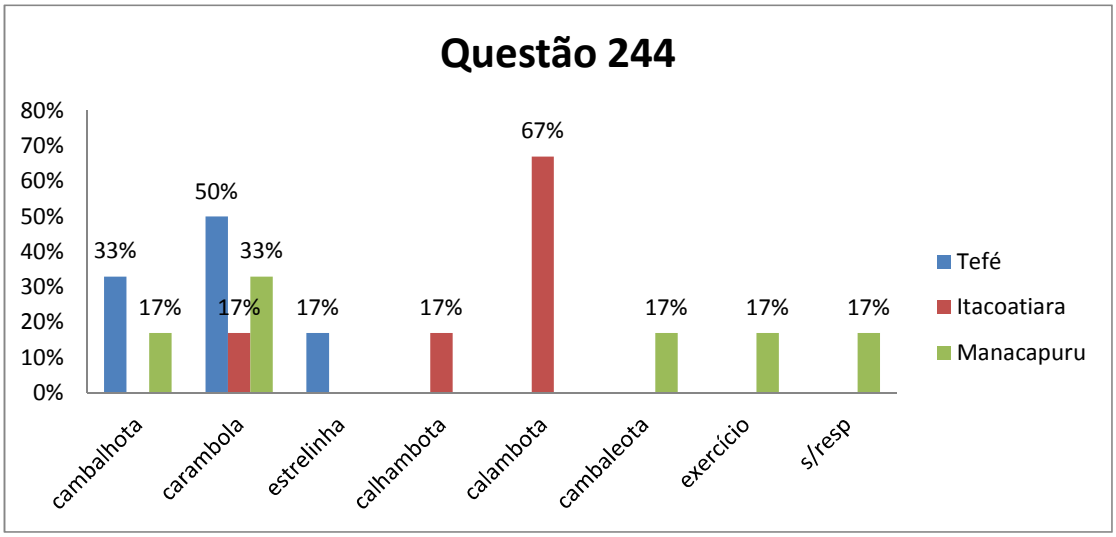
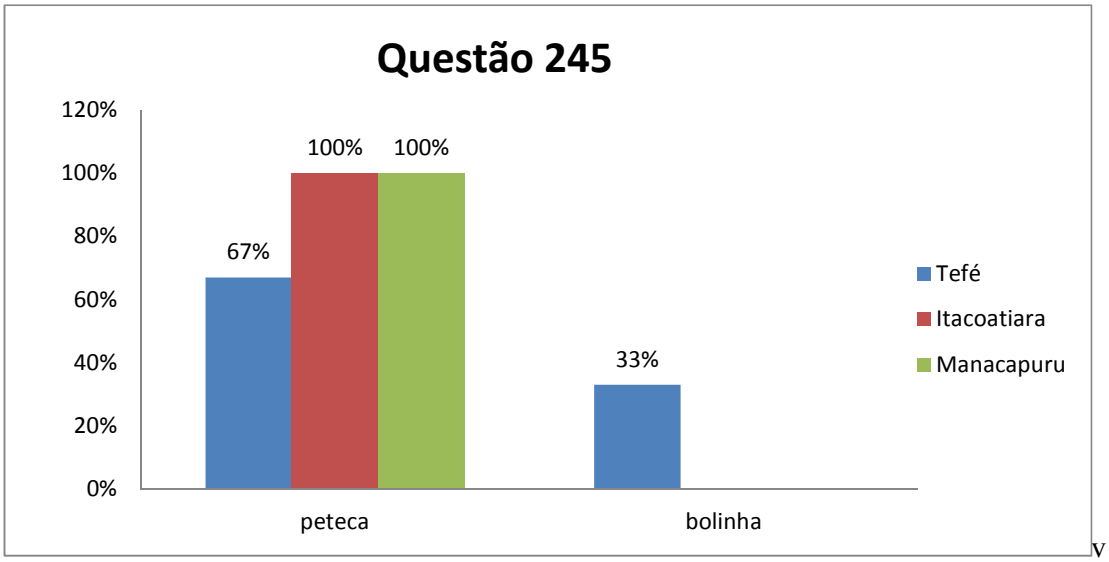


Gráfico 237: Variação lexical encontrada para a questão 244 do QSL da pesquisa

245. BOLINHA DE GUDE

E essas coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?



v

Gráfico 238: Variação lexical encontrada para a questão 245 do QSL da pesquisa

246. ESTILINGUE

Qual o nome do brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica) que os meninos usam para matar passarinho?

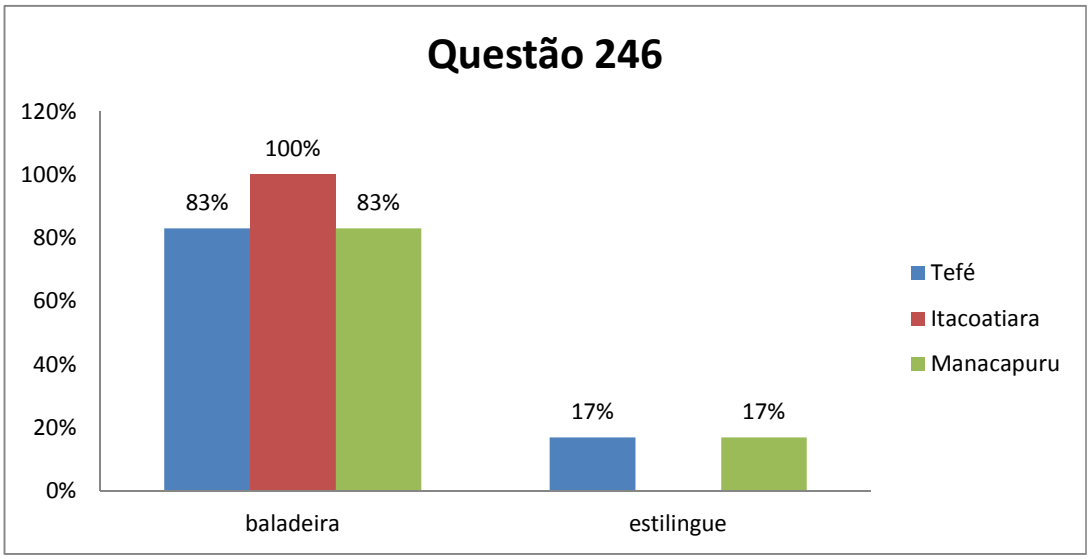


Gráfico 239: Variação lexical encontrada para a questão 246 do QSL da pesquisa

247. ESCONDE-ESCONDE

Qual o nome da brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras se escondem em algum lugar e depois vão procurá-las?

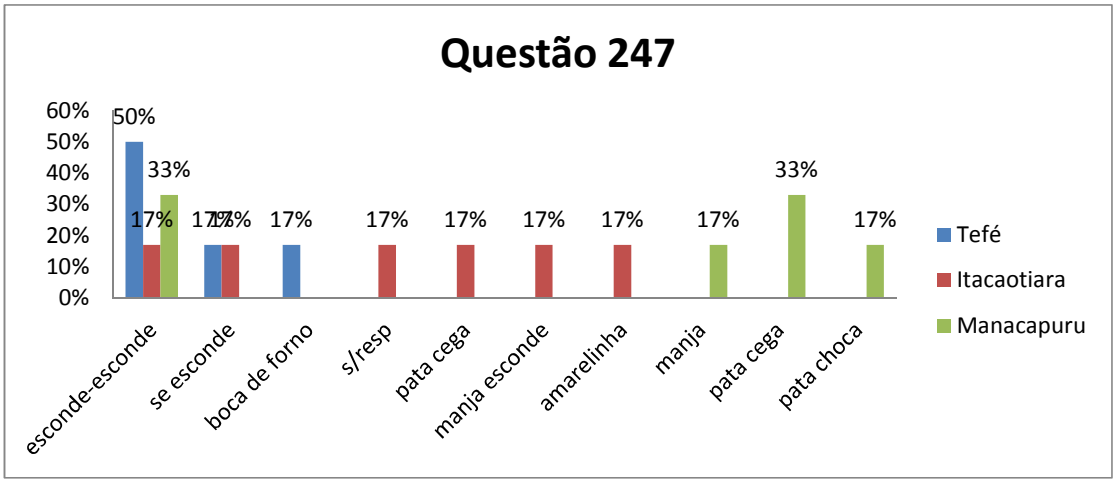


Gráfico 240: Variação lexical encontrada para a questão 247 do QSL da pesquisa

248. CABRA-CEGA

E da brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?

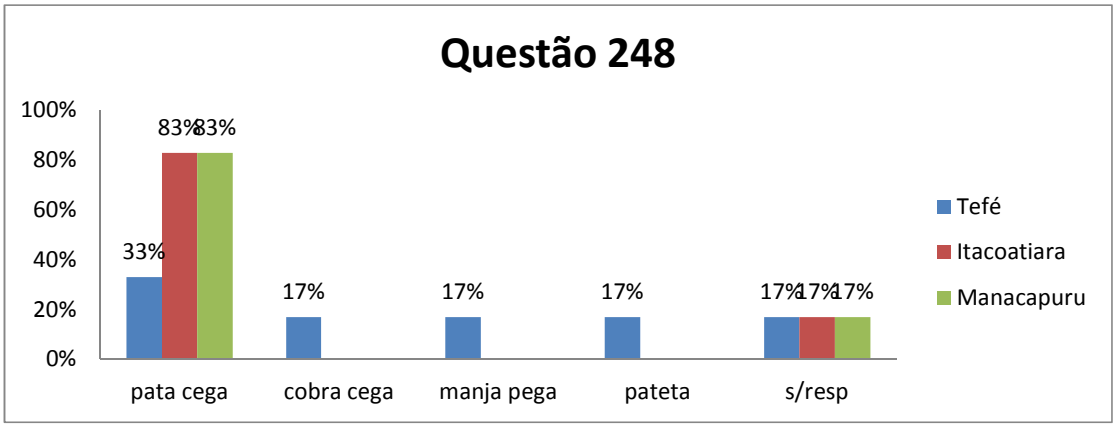


Gráfico 241: Variação lexical encontrada para a questão 248 do QSL da pesquisa

249. PIRA

E de uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas antes que alcance um ponto combinado?

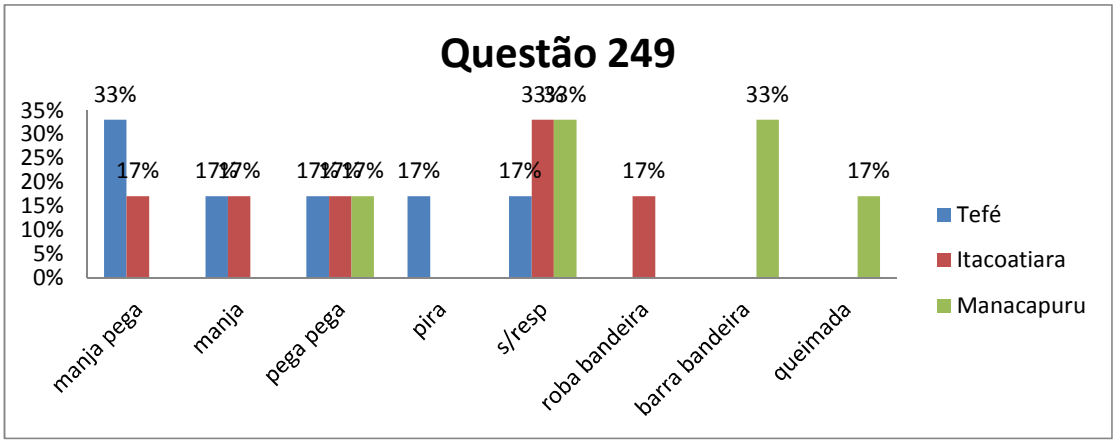


Gráfico 242: Variação lexical encontrada para a questão 249 do QSL da pesquisa

250. CHICOTE-QUEIMADO

E de uma brincadeira em que as crianças ficam em roda, enquanto outra vai passando com alguma coisa na mão e deixa essa coisa cair atrás de uma delas e ela pega essa coisa e sai correndo?

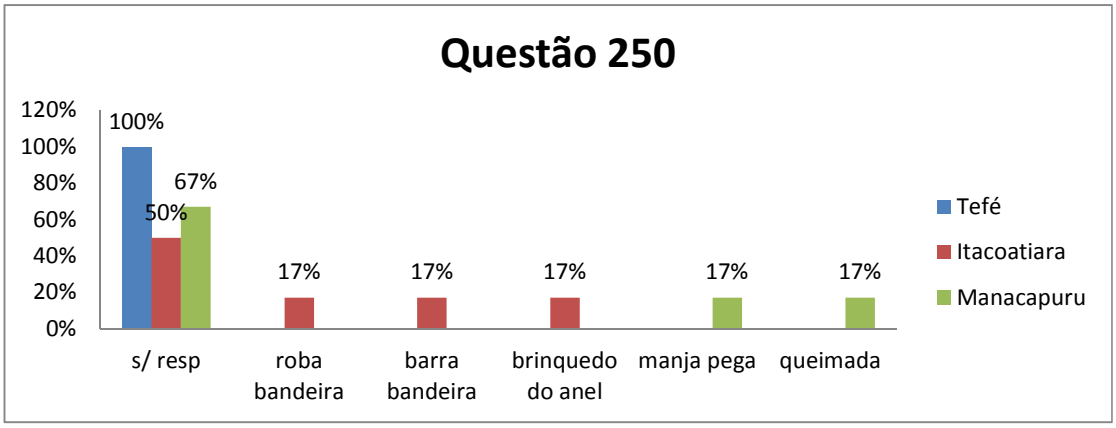


Gráfico 243: Variação lexical encontrada para a questão 250 do QSL da pesquisa

251. GANGORRA

E aquela que tem uma tábua apoiada no meio e nas pontas sentam-se duas crianças e quando uma sobe, a outra desce?

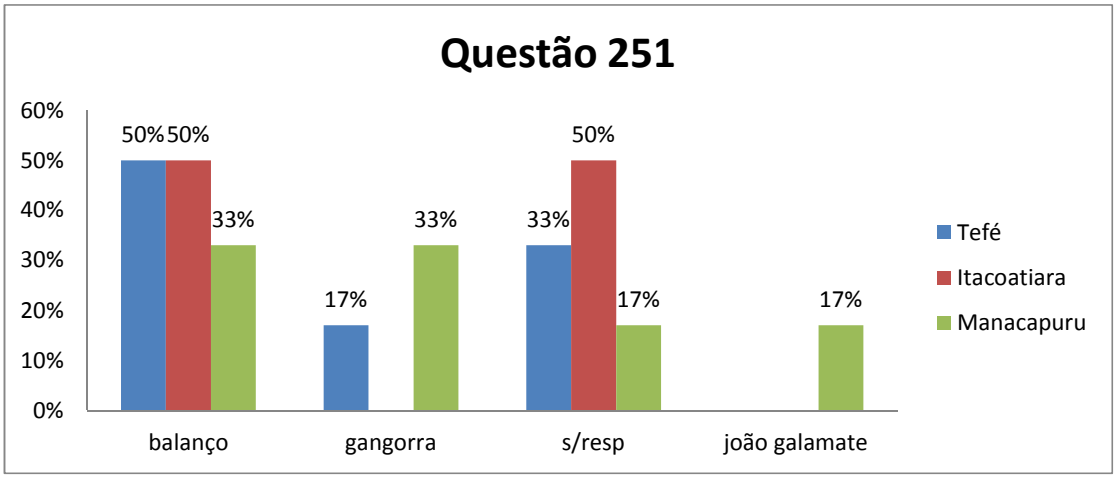


Gráfico 244: Variação lexical encontrada para a questão 251 do QSL da pesquisa

252. BALANÇO

E aquela que tem uma tábua pendurada por meio de cordas, onde uma criança senta e se move para frente e para trás?

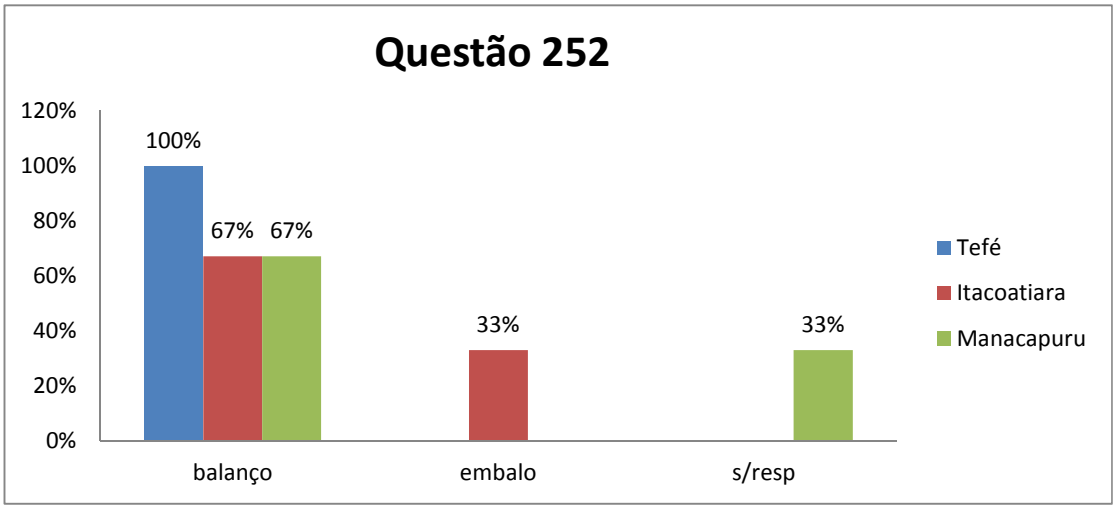


Gráfico 245: Variação lexical encontrada para a questão 252 do QSL da pesquisa

253. MACACA

Qual a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só?

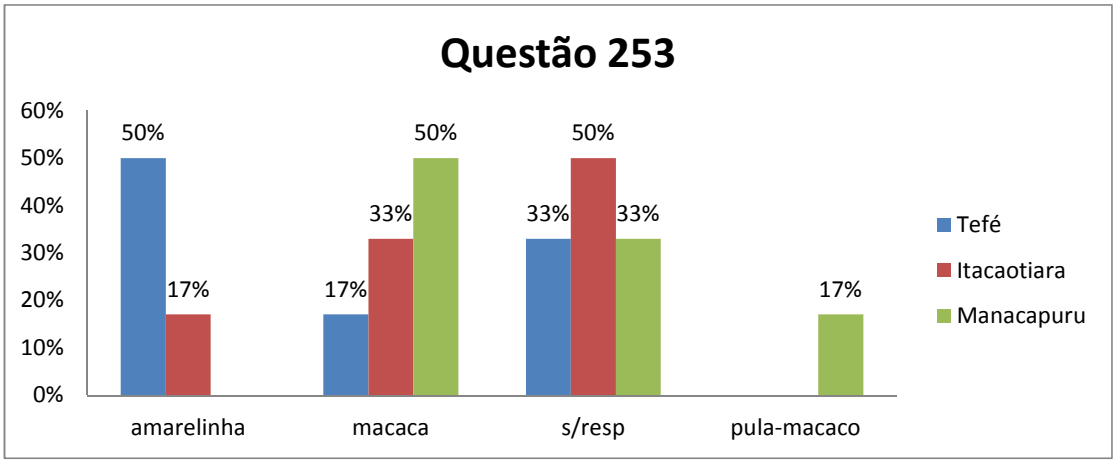


Gráfico 246: Variação lexical encontrada para a questão 253 do QSL da pesquisa

Festas e Atividades Esportivas

254. FESTEIRO

Como se chama a pessoa que cuida da organização da festa da cidade?

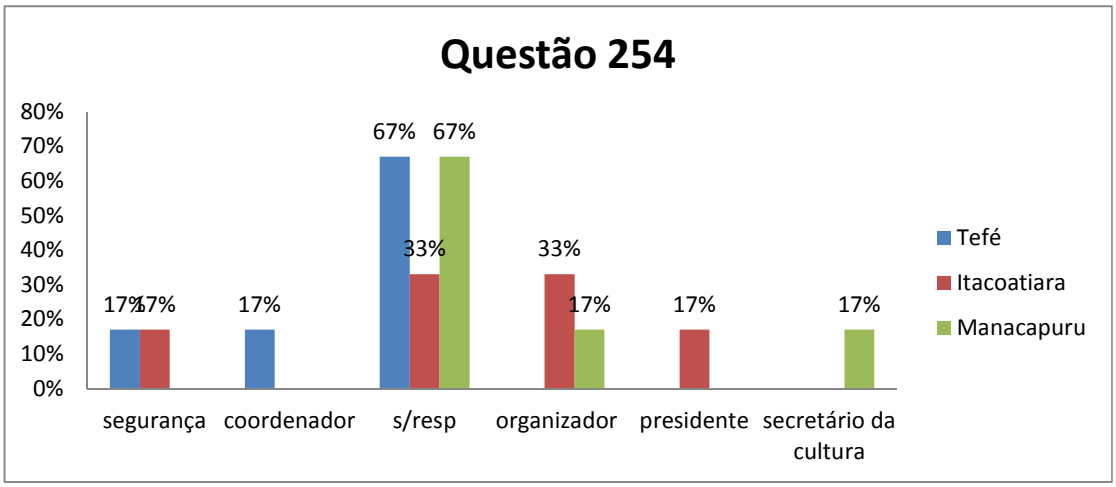


Gráfico 247: Variação lexical encontrada para a questão 254 do QSL da pesquisa

(h) Expressões populares

255. ACESA

Como se chama uma menina que é danada, travessa?

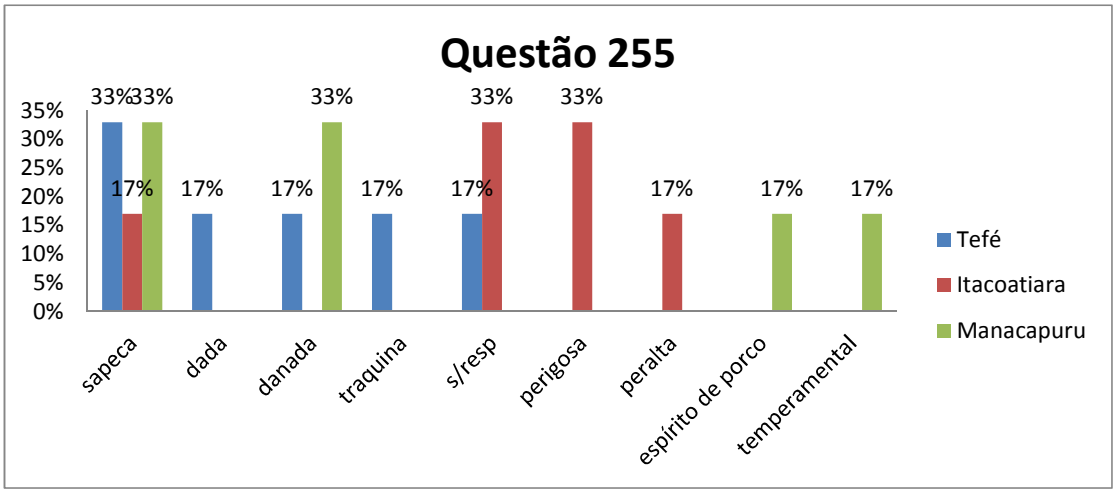


Gráfico 248: Variação lexical encontrada para a questão 255 do QSL da pesquisa

256. AVEXADO

Qual o termo usado para se dizer que uma pessoa está apressada?

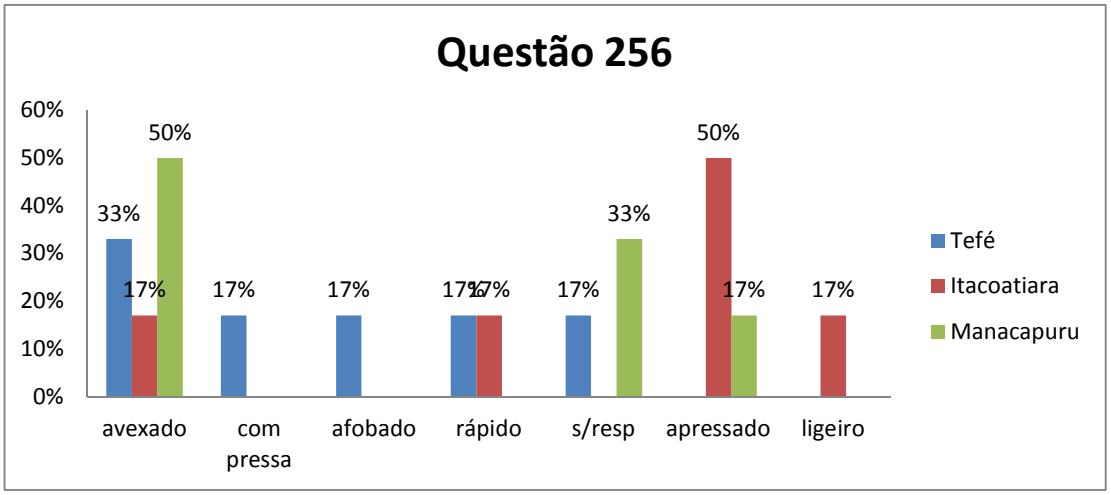


Gráfico 249: Variação lexical encontrada para a questão 256 do QSL da pesquisa

257. DESMENTIDURA

Qual a palavra usada para indicar que um osso do corpo está fora do lugar?

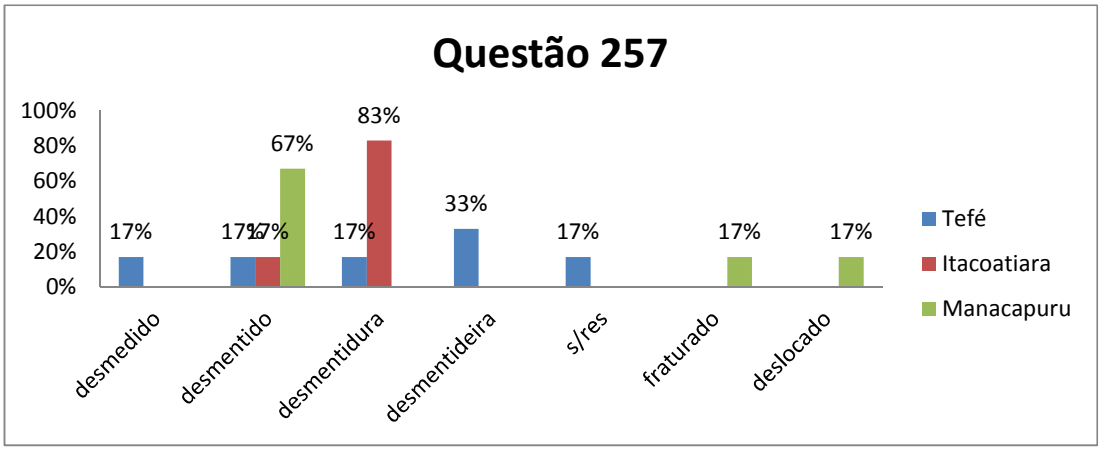


Gráfico 250: Variação lexical encontrada para a questão 257 do QSL da pesquisa

258. PRISÃO-DE-VENTRE

Qual a palavra que você usa para indicar que uma pessoa não está conseguindo ir ao banheiro para fazer coco?

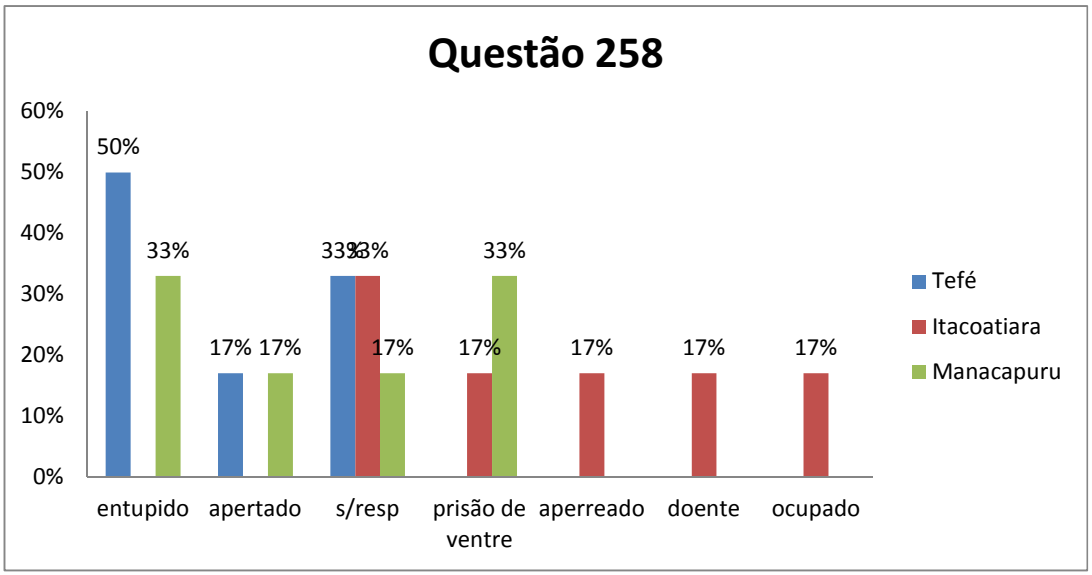


Gráfico 251: Variação lexical encontrada para a questão 258 do QSL da pesquisa

259. ESPINHELA ARRIADA

Qual o termo usado para indicar que uma pessoa deslocou isso aqui (apontar) e isso caiu sobre o estômago?

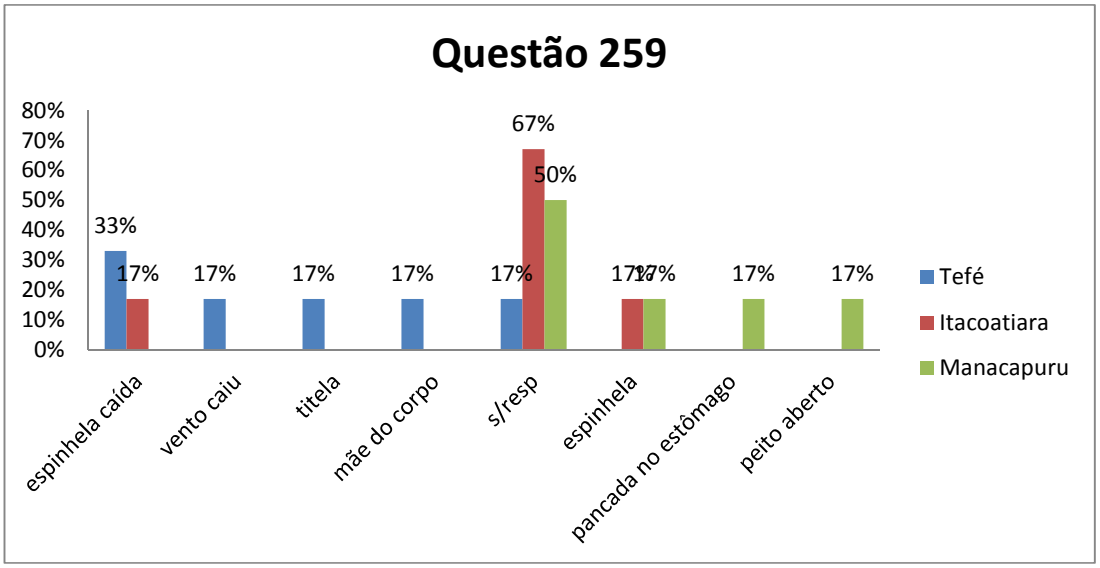


Gráfico 252: Variação lexical encontrada para a questão 259 do QSL da pesquisa

260. BOCÓ

Como se chama a pessoa que não consegue vencer uma aposta?

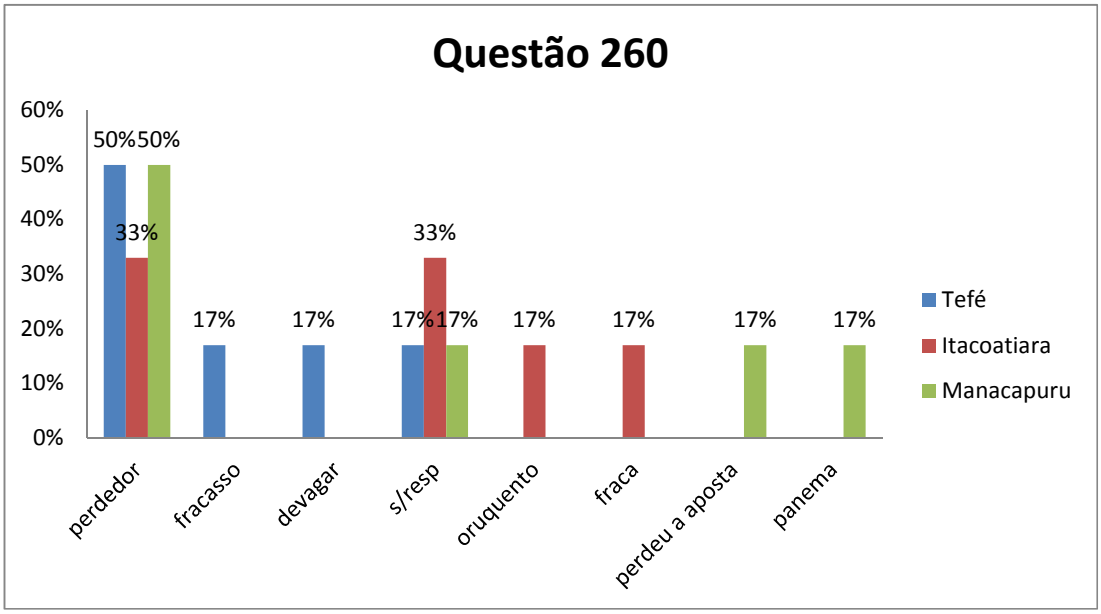


Gráfico 253: Variação lexical encontrada para a questão 260 do QSL da pesquisa

261. FUXIQUEIRO

Como se chama aquela pessoa que gosta de fazer intrigas, falar mal da vida dos outros?

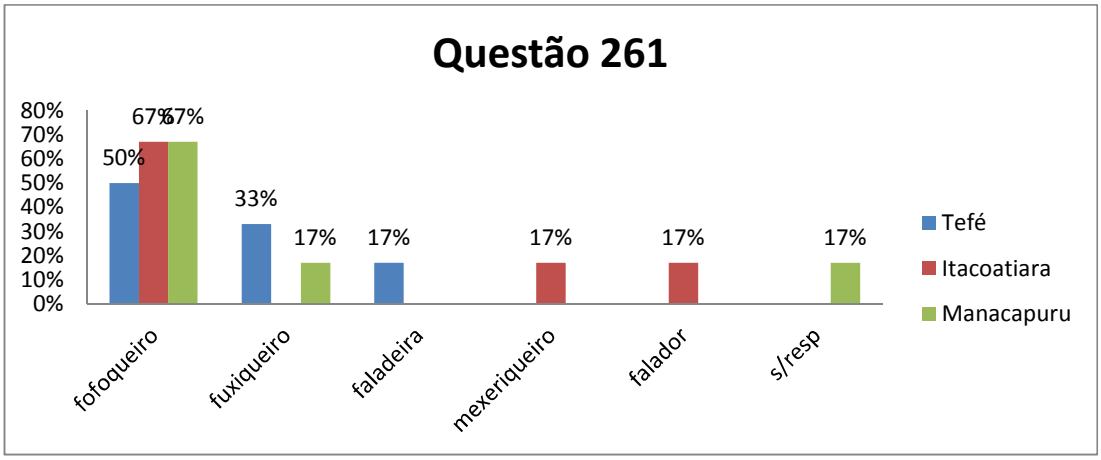


Gráfico 254: Variação lexical encontrada para a questão 261 do QSL da pesquisa

262. GITINHO

Algo bem pequenino?

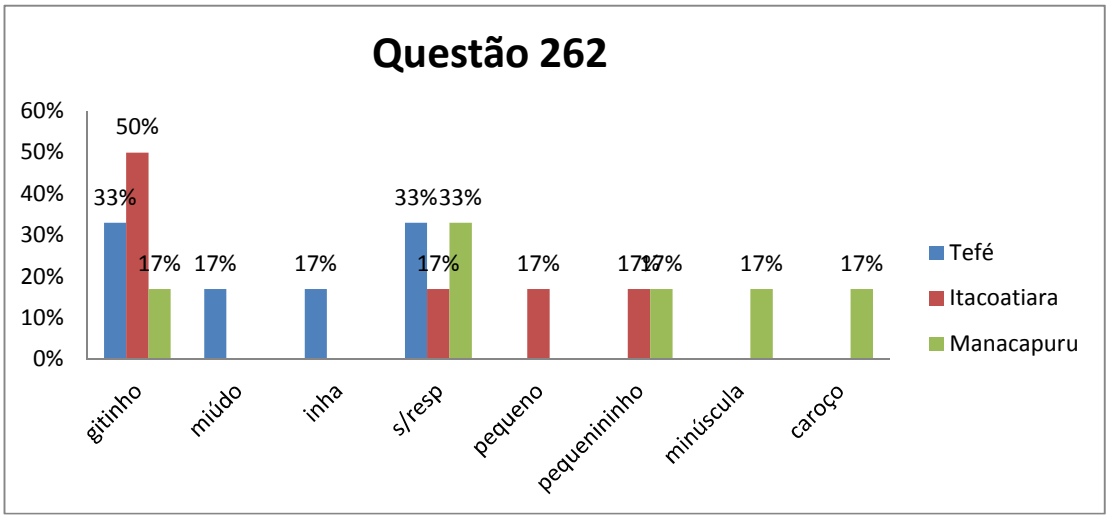


Gráfico 255: Variação lexical encontrada para a questão 262 do QSL da pesquisa

263. LESA

Como se chama uma pessoa que é boba?

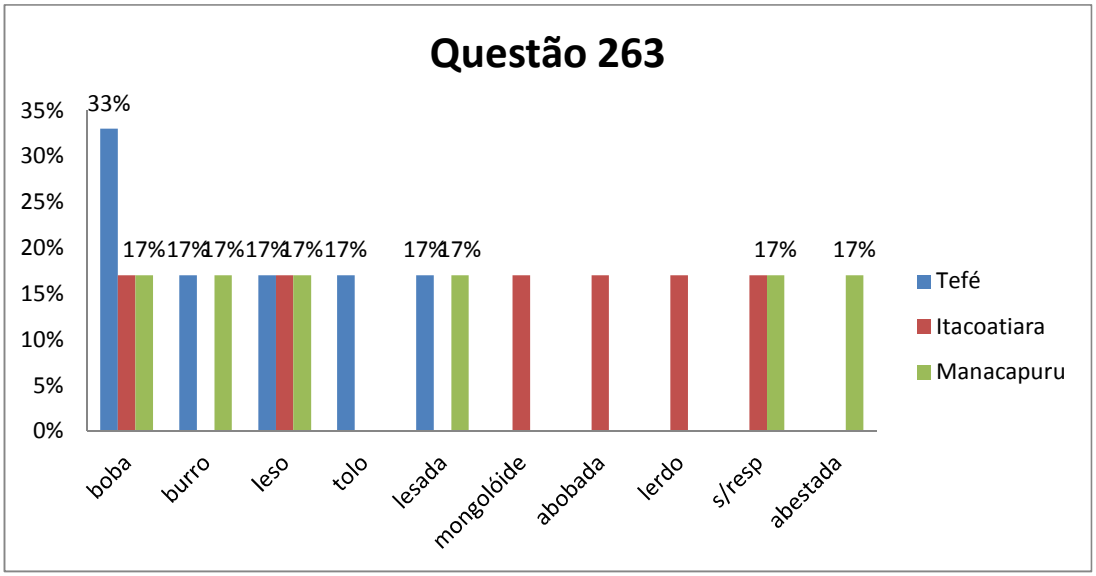


Gráfico 256: Variação lexical encontrada para a questão 263 do QSL da pesquisa

264a. MEDONHO

Como se diz que uma pessoa é muito feia, horrorosa mesmo?

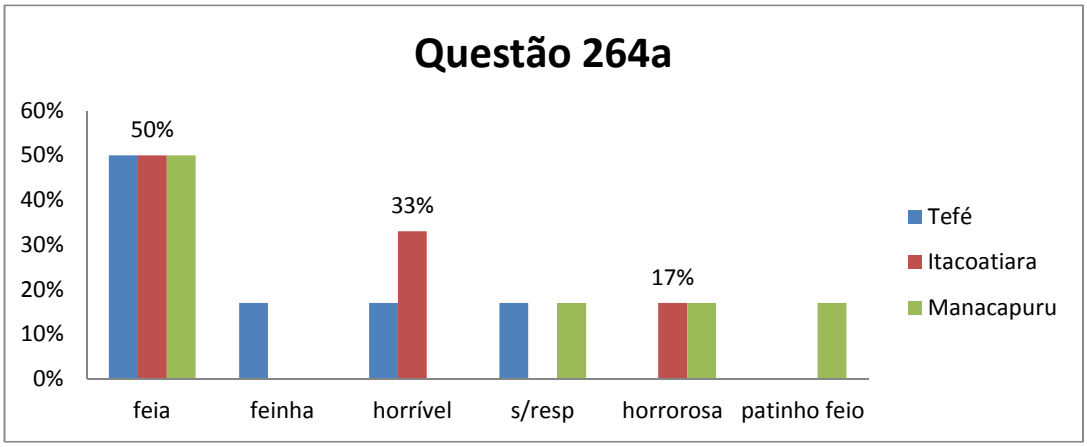


Gráfico 257: Variação lexical encontrada para a questão 264a do QSL da pesquisa

264b. PITIÚ

Qual o nome que se dá ao cheiro que o peixe tem?

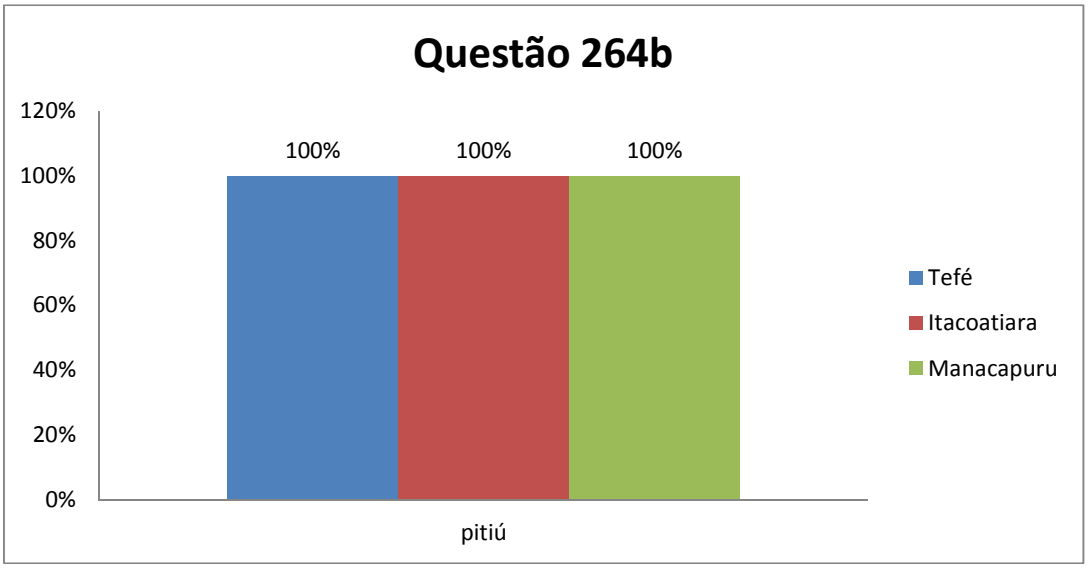


Gráfico 258: Variação lexical encontrada para a questão 264b do QSL da pesquisa

265. INHACA

Como se chama um cheiro forte e ruim?

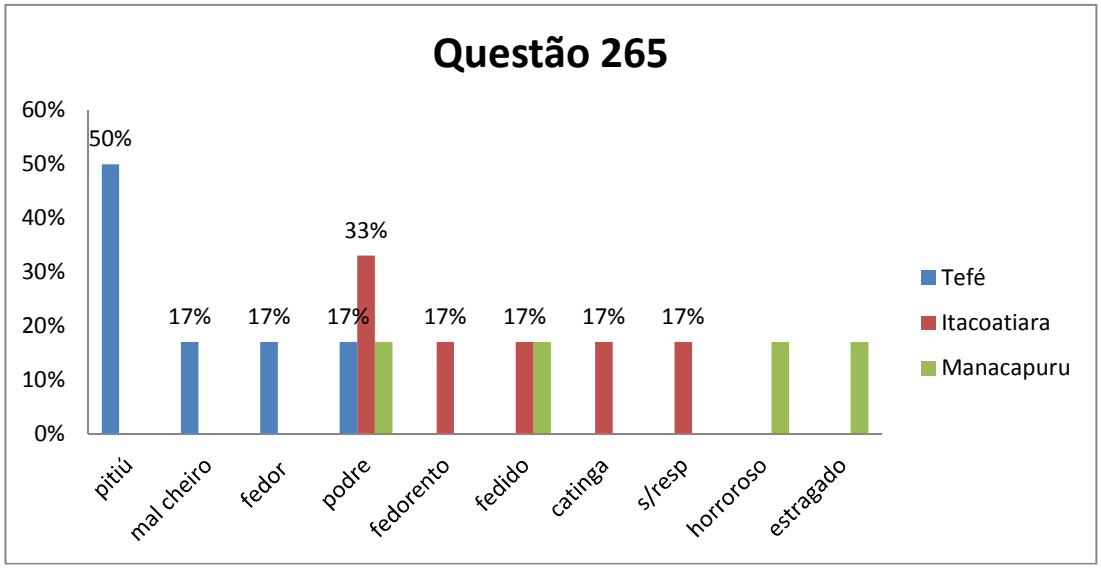


Gráfico 259: Variação lexical encontrada para a questão 265 do QSL da pesquisa

266. MALINO

Que nome se dá ao menino que faz malvadeza gratuita, como, por exemplo, beliscar um bebê porque ele é muito fofo?

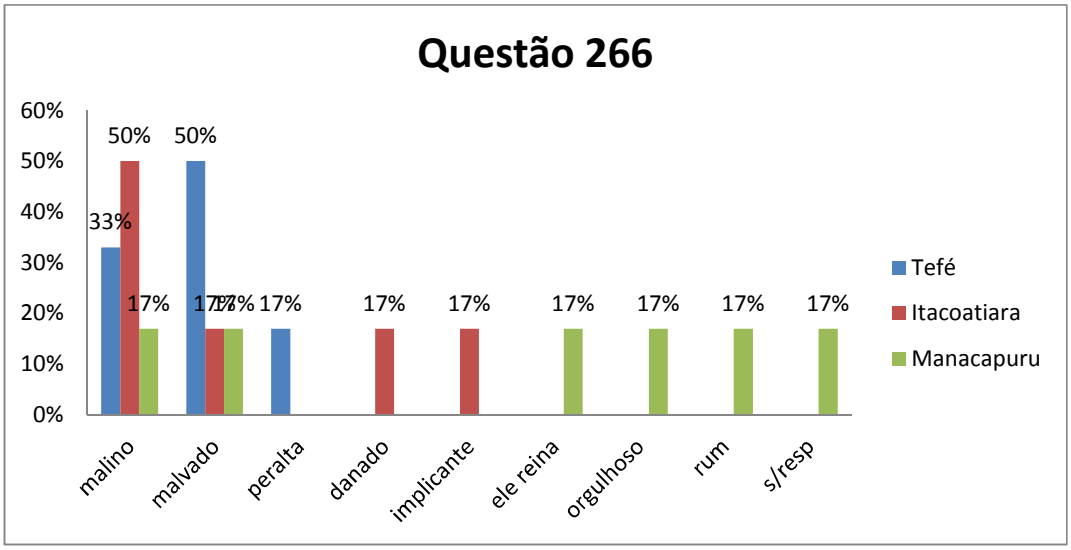


Gráfico 260: Variação lexical encontrada para a questão 266 do QSL da pesquisa

267. PÁVULA/PAVULAGEM

Qual o nome que você dá a uma pessoa metida, que tem um orgulho besta?

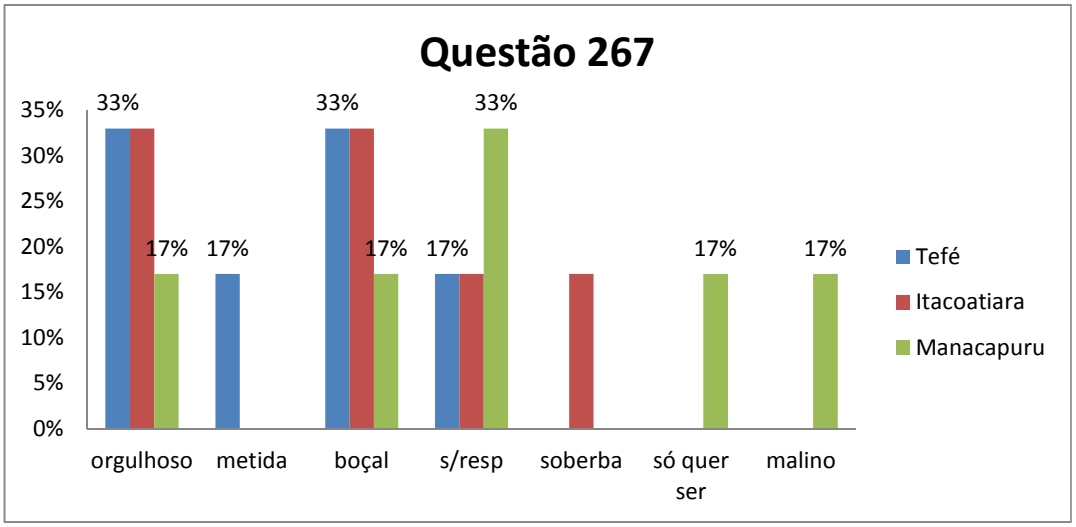


Gráfico 261: Variação lexical encontrada para a questão 267 do QSL da pesquisa

268. MACETA

Como se diz de algo muito grande, imenso ou de uma pessoa grandona e bem forte?

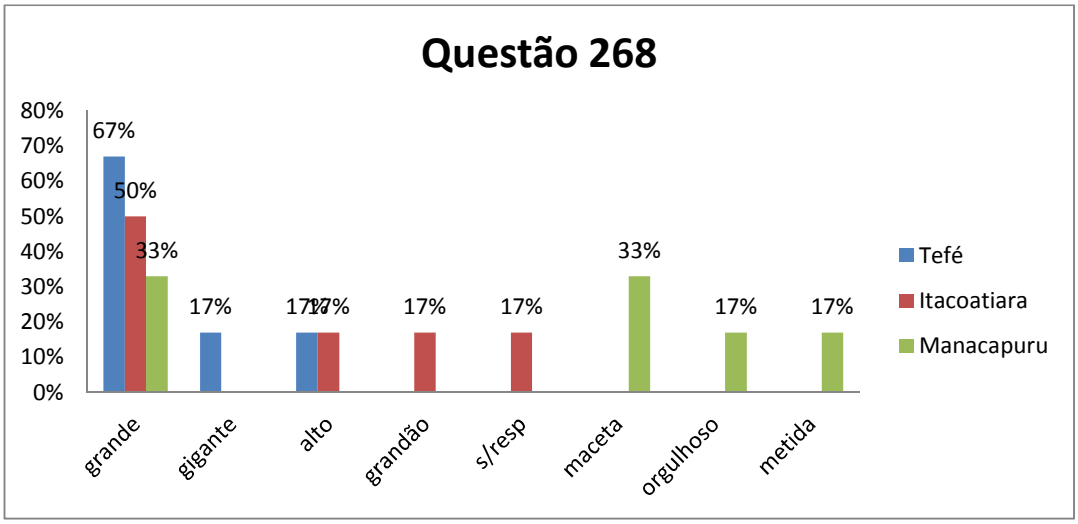


Gráfico 262: Variação lexical encontrada para a questão 268 do QSL da pesquisa

269. CHIBATA

Como se chama uma coisa muito boa, por exemplo, se uma novela é muito boa eu digo: essa novela é ...

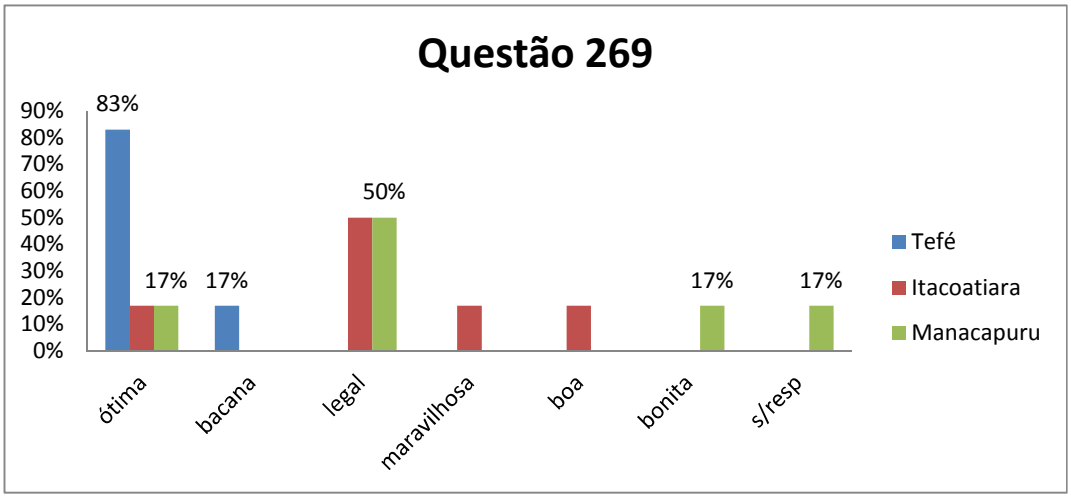


Gráfico 263: Variação lexical encontrada para a questão 269 do QSL da pesquisa

270. CAQUEADO

Como se chama um jeito especial de fazer alguma coisa ou fazer alguma coisa de um jeito sem ser o tradicional?

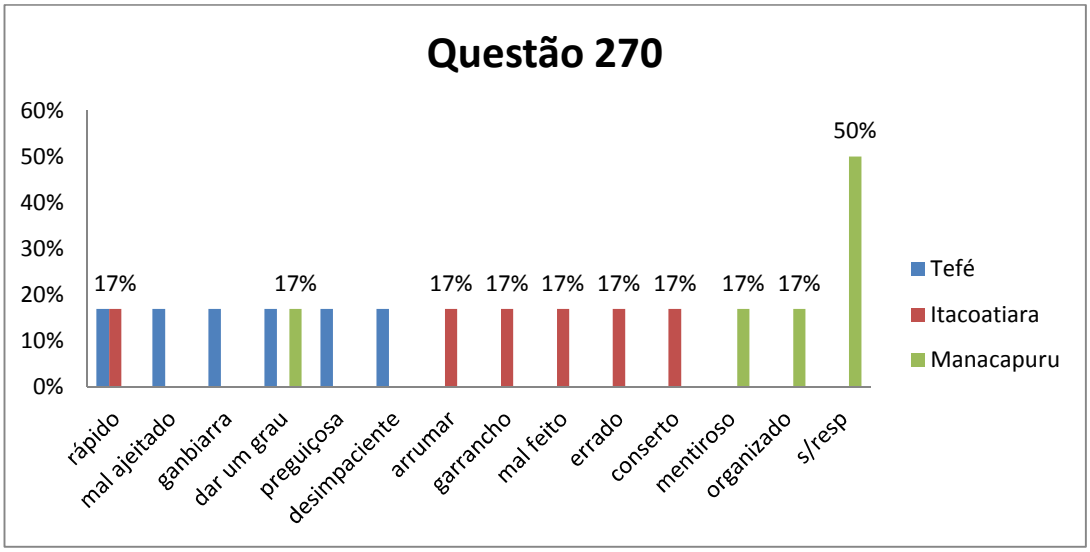


Gráfico 264: Variação lexical encontrada para a questão 270 do QSL da pesquisa

271. AGÁ

Se uma pessoa fala que faz alguma coisa, mas na hora de fazer não sabe, a gente diz que essa pessoa está fazendo um...

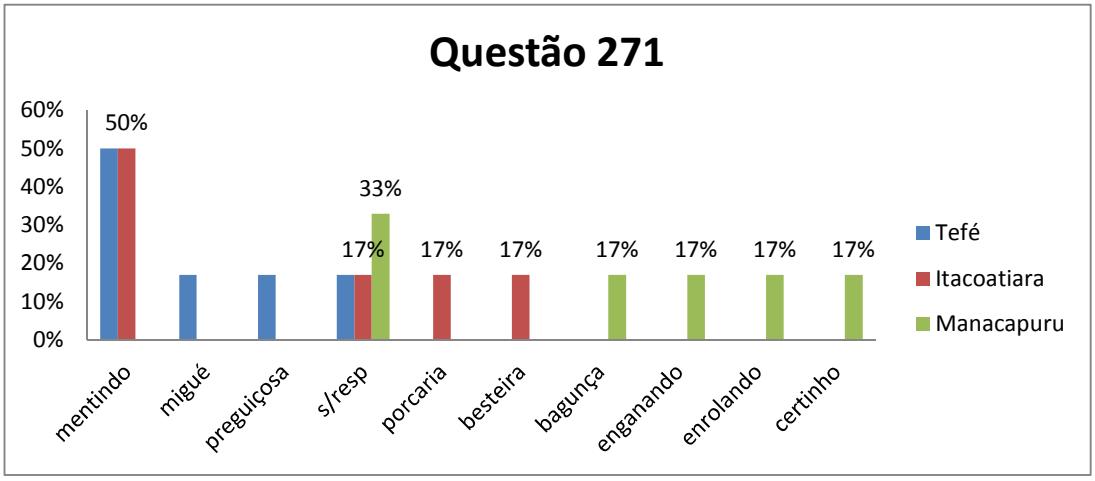


Gráfico 265: Variação lexical encontrada para a questão 271 do QSL da pesquisa

272. GALEROSO

Como se chama a pessoa que pertence a uma gangue de rua?

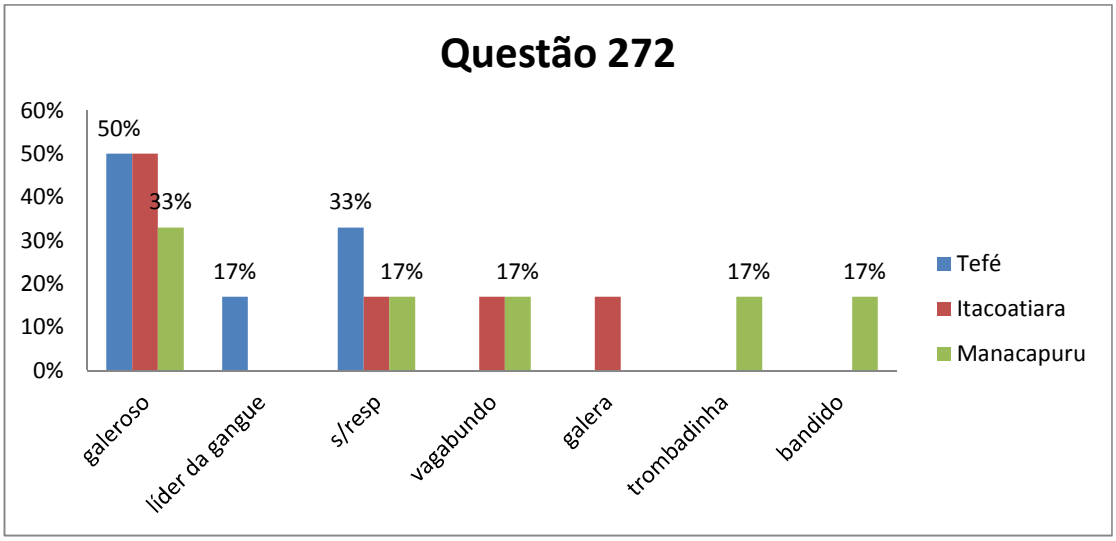


Gráfico 266: Variação lexical encontrada para a questão 272 do QSL da pesquisa

273. MACHUDA

Como se chama a mulher que gosta de outra mulher?

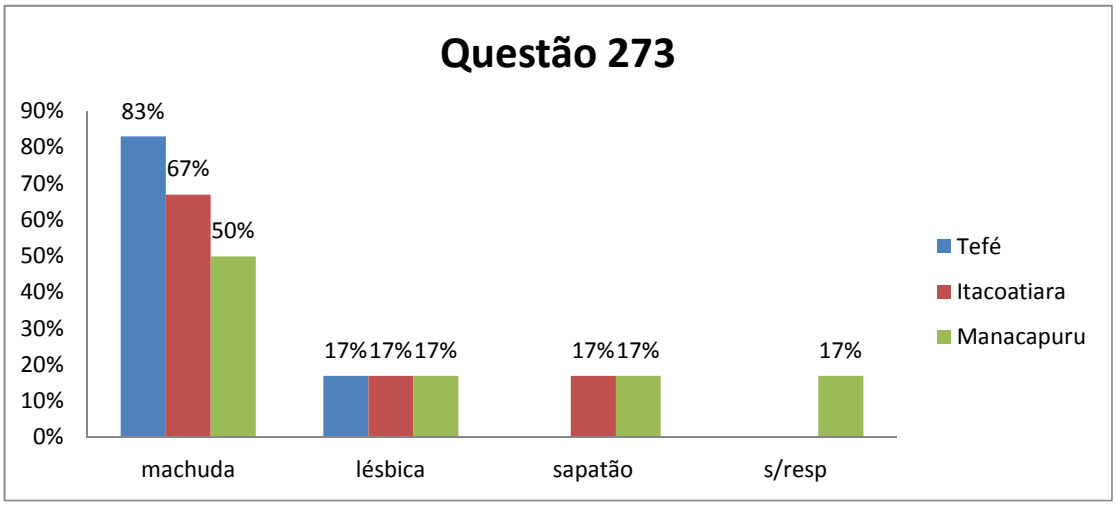


Gráfico 267: Variação lexical encontrada para a questão 273 do QSL da pesquisa

274. ENGILHADA

Como se chama a roupa que fica toda enrolada e não lisa?

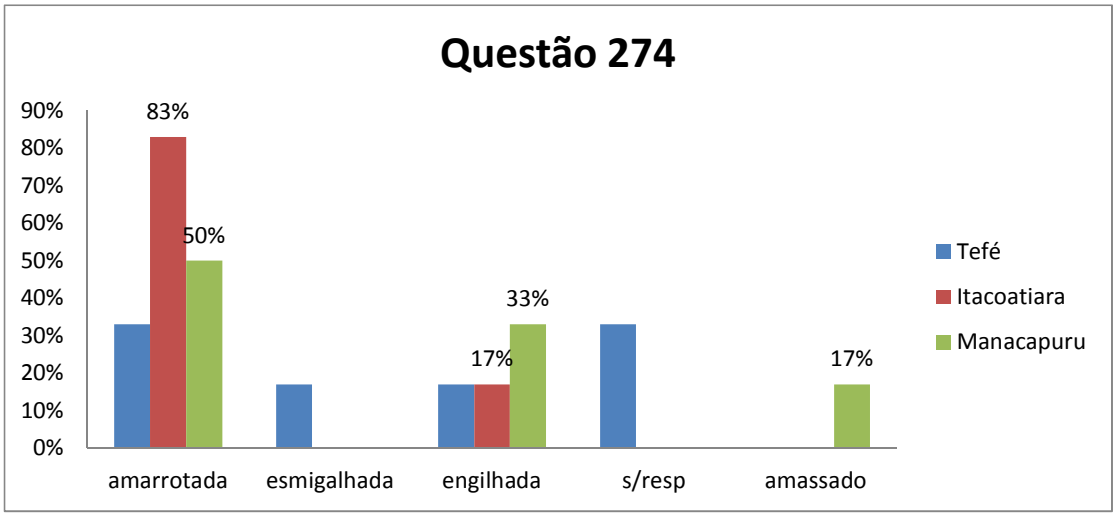


Gráfico 268: Variação lexical encontrada para a questão 274 do QSL da pesquisa

275. PISSICA

Como se diz quando uma pessoa só fica dando uma opinião não desejada sobre os assuntos de outra?

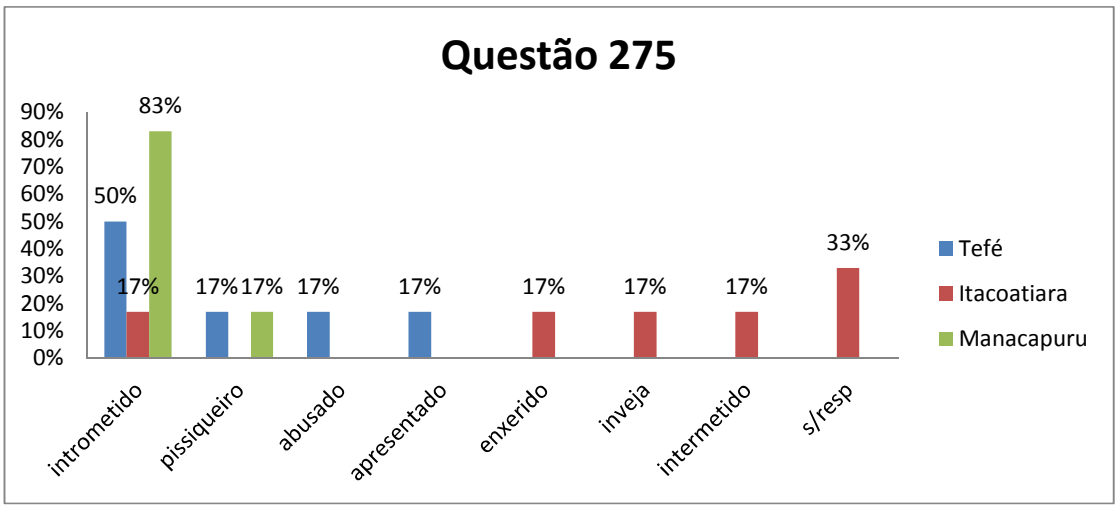


Gráfico 269: Variação lexical encontrada para a questão 275 do QSL da pesquisa

276. BAIXAR O SARRAFO

Qual a expressão que se usa para alguém que dá uma surra em outra, por exemplo, quando uma pessoa mexe com a irmã de outra?

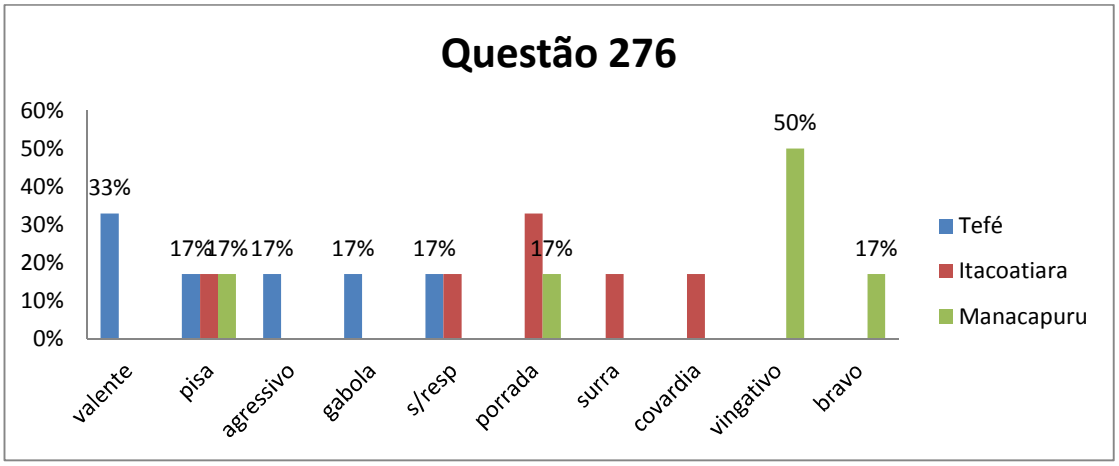


Gráfico 270: Variação lexical encontrada para a questão 276 do QSL da pesquisa

277. DAR UM COTOCO

Qual é a expressão que se usa quando uma pessoa faz um sinal com a mão, levantando o dedo do meio?

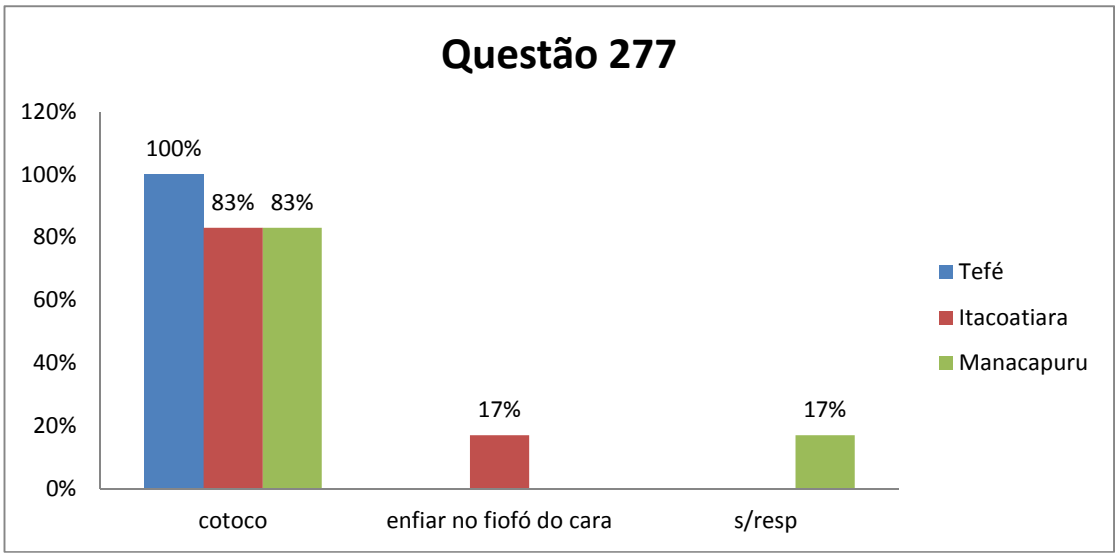


Gráfico 271: Variação lexical encontrada para a questão 2777 do QSL da pesquisa

278. ATÉ O TUCUPI

Qual é a expressão que quer dizer que uma pessoa está cheia de trabalho até o máximo possível que ela pode aguentar?

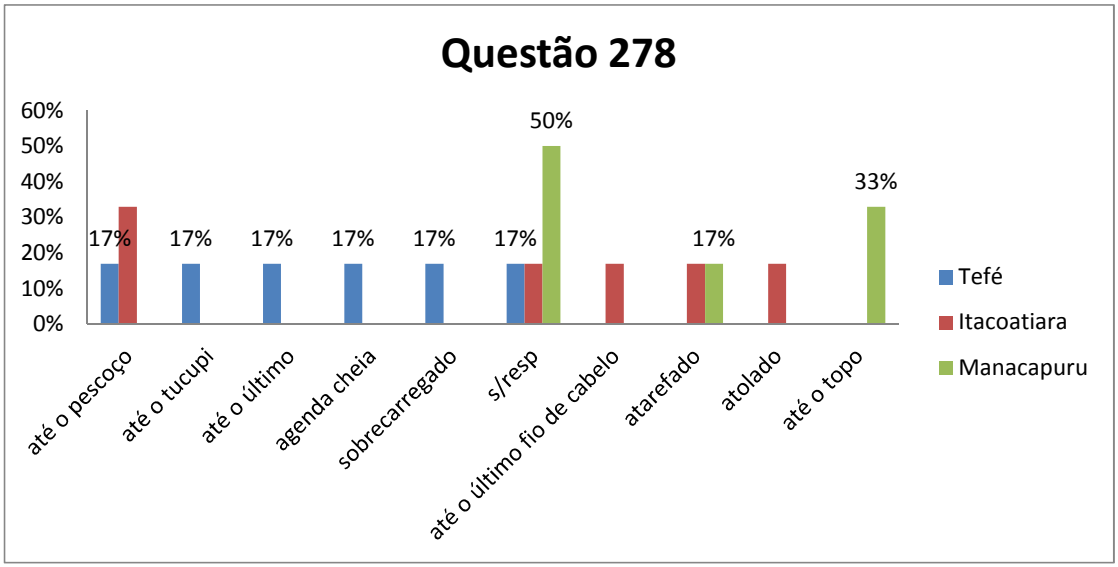


Gráfico 272: Variação lexical encontrada para a questão 278 do QSL da pesquisa

279. NO TEMPO DO RONCA

Qual a expressão que se usa quando uma pessoa gosta de uma música de um tempo antigo?

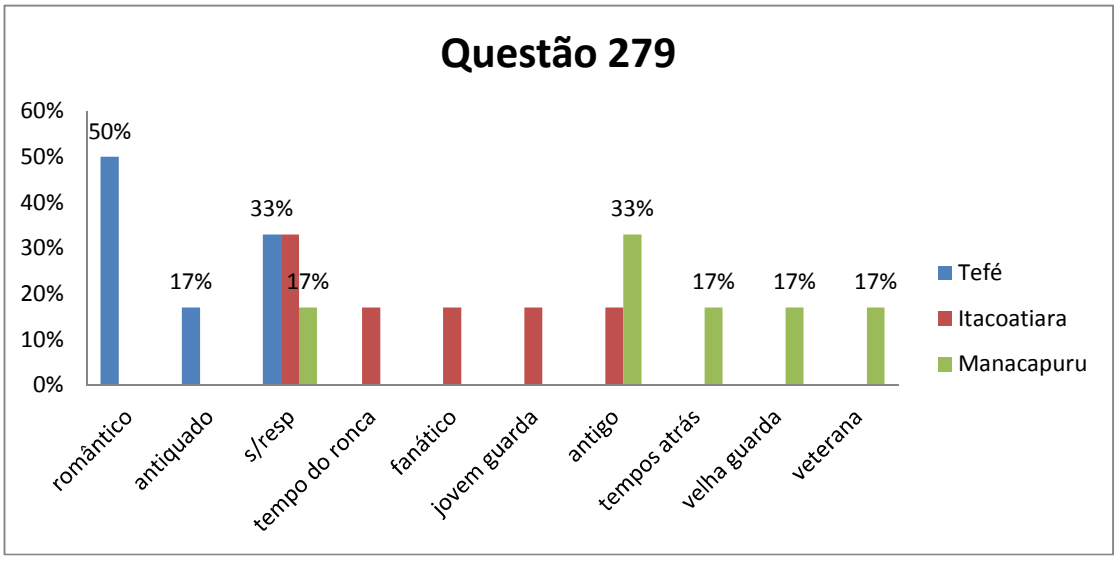


Gráfico 273: Variação lexical encontrada para a questão 279 do QSL da pesquisa

280. ESPOCAR DE RIR

Qual é a expressão que significa que uma pessoa riu muito até não aguentar?

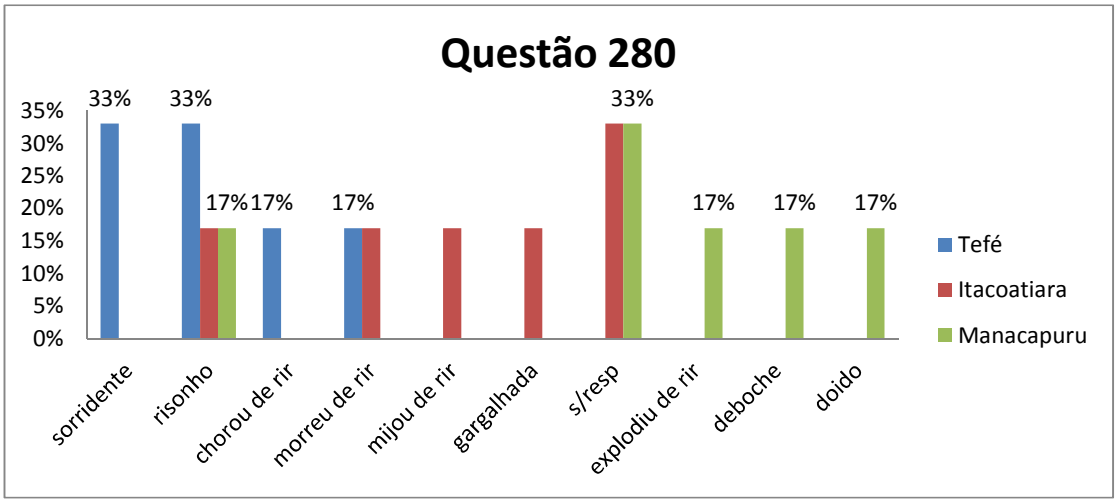


Gráfico 274: Variação lexical encontrada para a questão 280 do QSL da pesquisa

281. FICAR DE BUBUIA

Qual é a expressão que significa que uma pessoa ficou sem fazer nada?

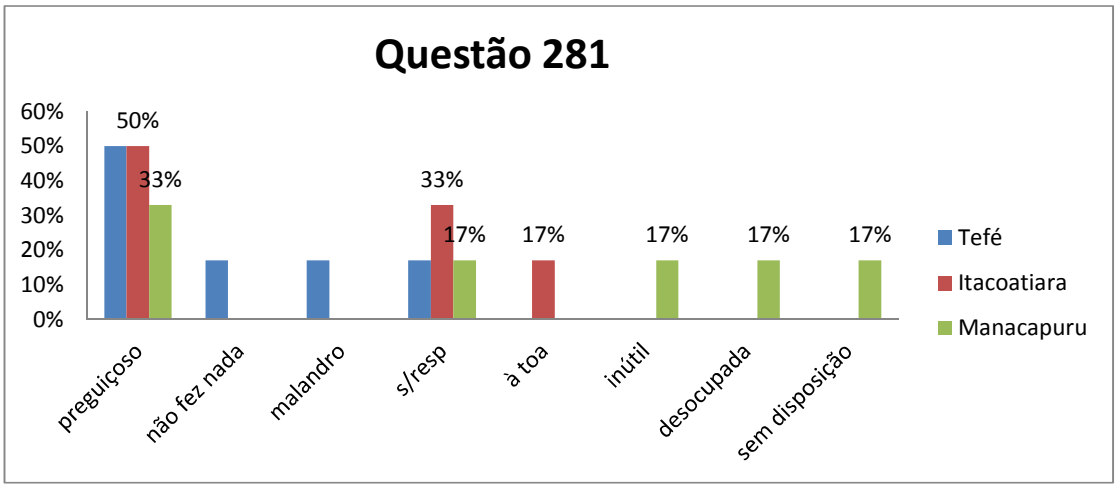


Gráfico 275: Variação lexical encontrada para a questão 281 do QSL da pesquisa

282. PEGAR O BECO/ CAPAR O GATO

Qual é a expressão que significa que está na hora de ir embora?

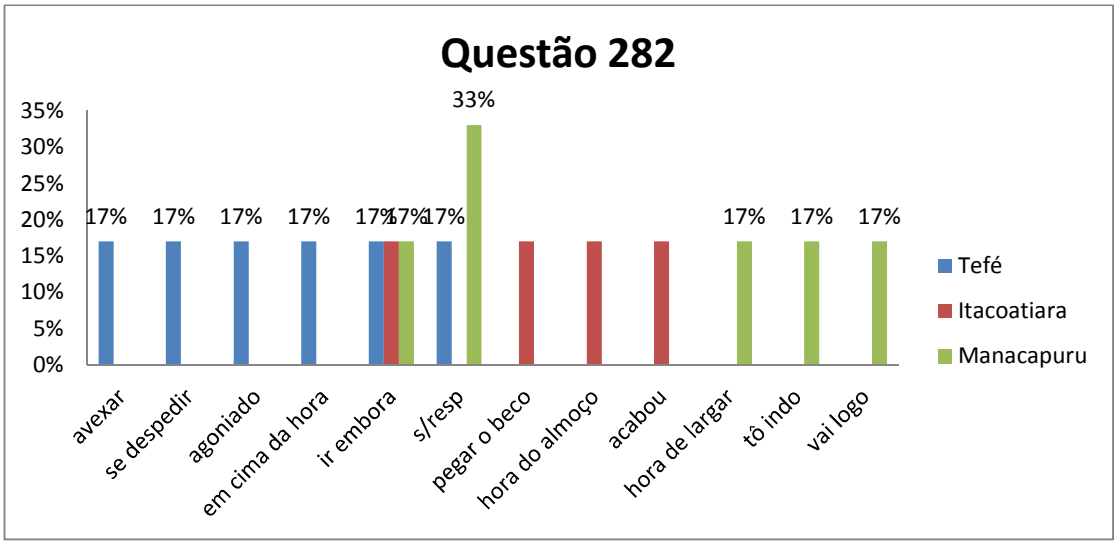


Gráfico 276: Variação lexical encontrada para a questão 282 do QSL da pesquisa

283. DAR PREGO

Qual é a expressão que significa que o carro enguiçou?

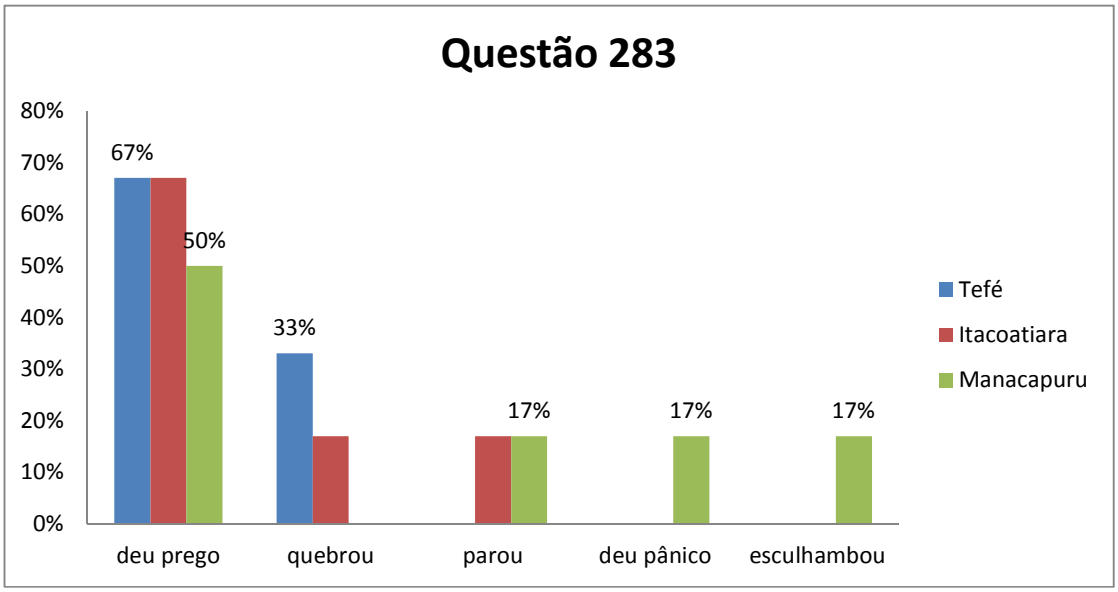


Gráfico 277: Variação lexical encontrada para a questão 283 do QSL da pesquisa

284. ROER UMA PUPUNHA

Qual é a expressão que significa que uma pessoa está em dificuldade financeira?

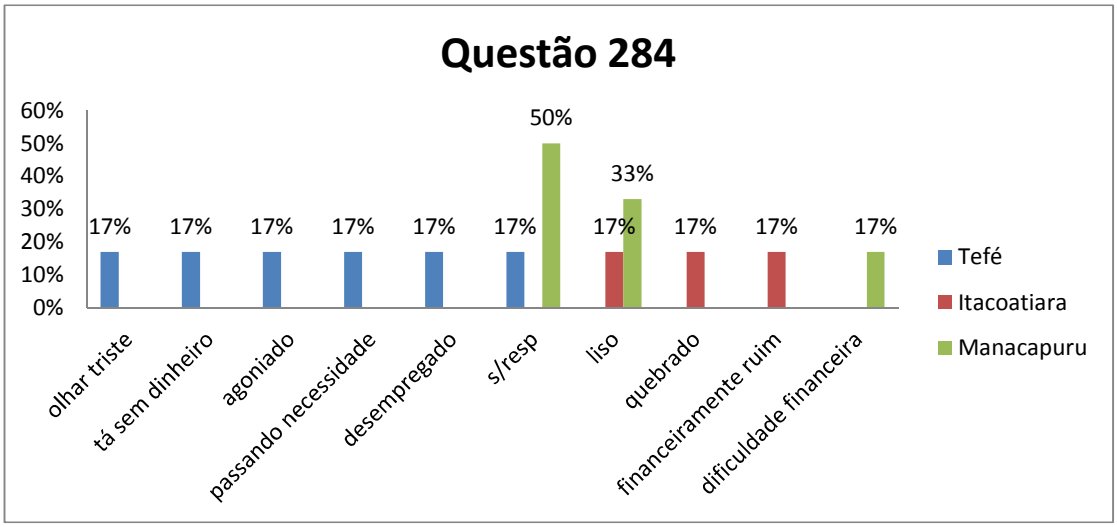


Gráfico 278: Variação lexical encontrada para a questão 284 do QSL da pesquisa

285. FICAR TODO ERRADO

Qual é a expressão que significa que uma pessoa ficou toda embaraçada e sem jeito?

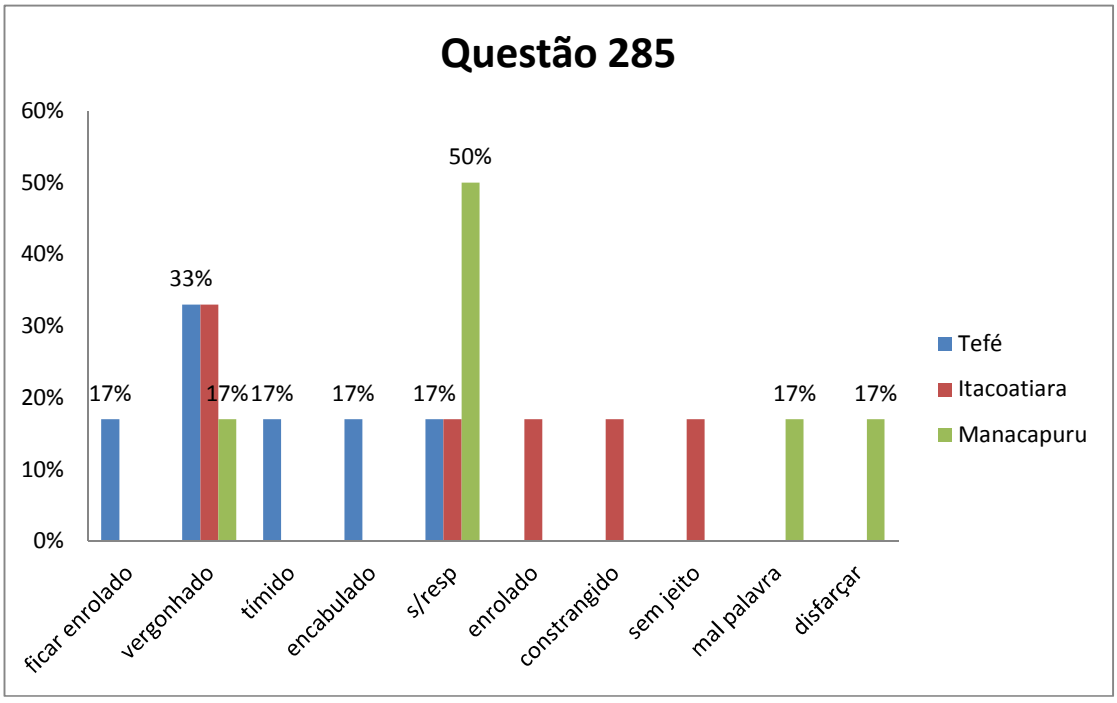


Gráfico 279: Variação lexical encontrada para a questão 285 do QSL da pesquisa

286. TICAR O PEIXE

Qual é a expressão que se usa quando uma pessoa corta o peixe para quebrar as espinhas?

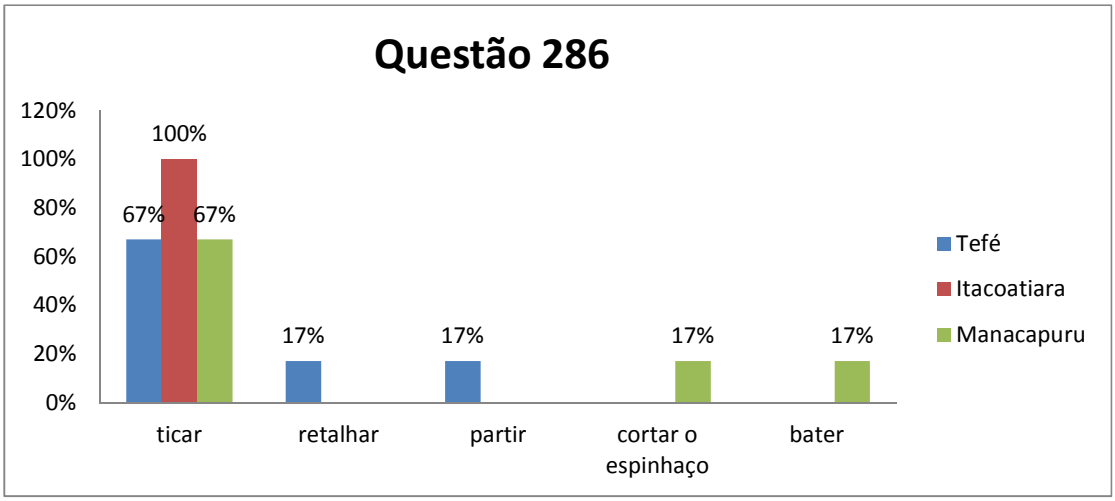


Gráfico 280: Variação lexical encontrada para a questão 286 do QSL da pesquisa

287. ANDAR NA PINDAÍBA

Qual é a expressão que se usa quando uma pessoa anda na maior miséria e pobreza?

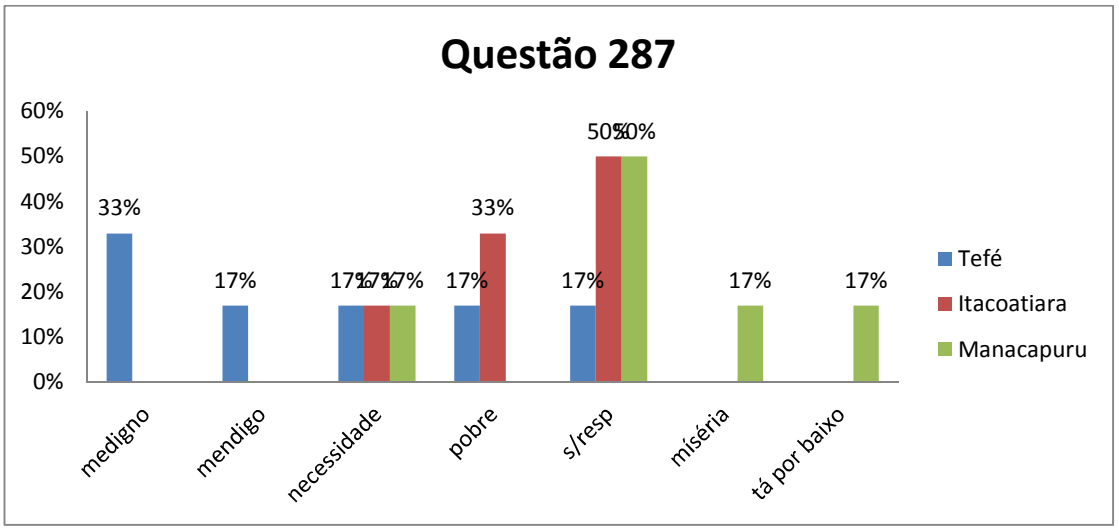


Gráfico 281: Variação lexical encontrada para a questão 287 do QSL da pesquisa

288. MIOLO-DE-POTE

Qual é a expressão que se usa quando uma pessoa está de conversa mole?

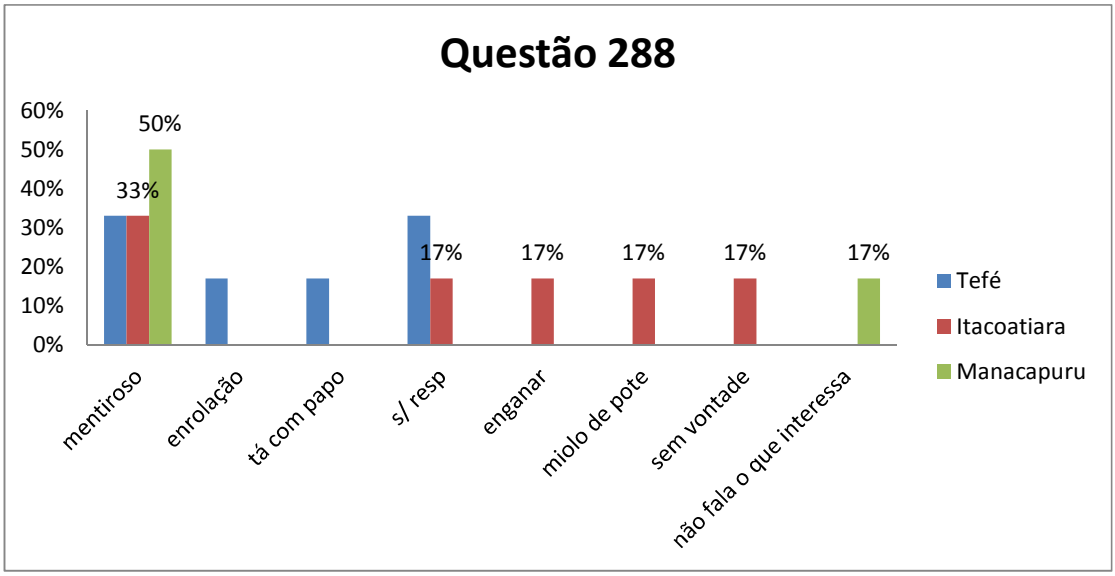


Gráfico 282: Variação lexical encontrada para a questão 288 do QSL da pesquisa

289. TONTOM

Como se chama o lugar em que colocamos o filho pequeno, em cima dos ombros?

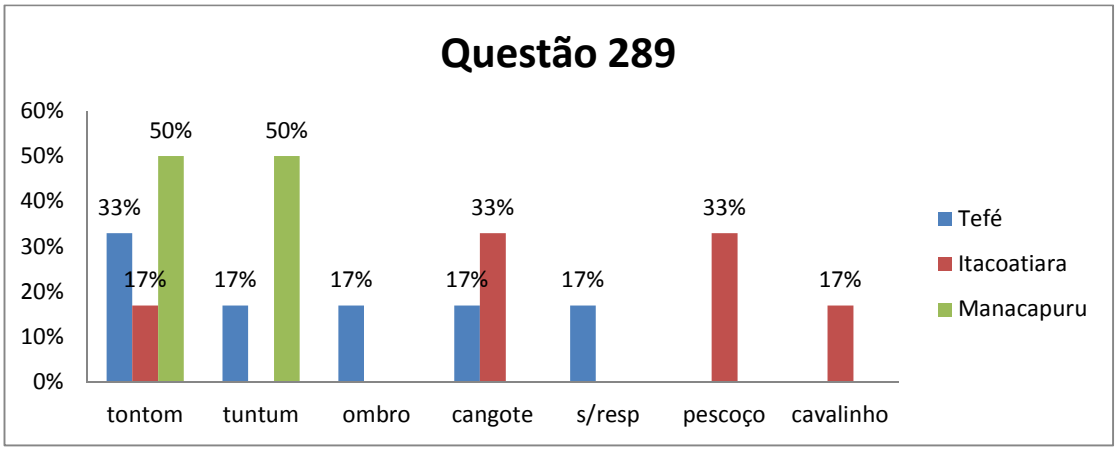


Gráfico 283: Variação lexical encontrada para a questão 289 do QSL da pesquisa

290. FICAR DE BODE

Qual é a expressão que se usa quando a mulher fica menstruada?

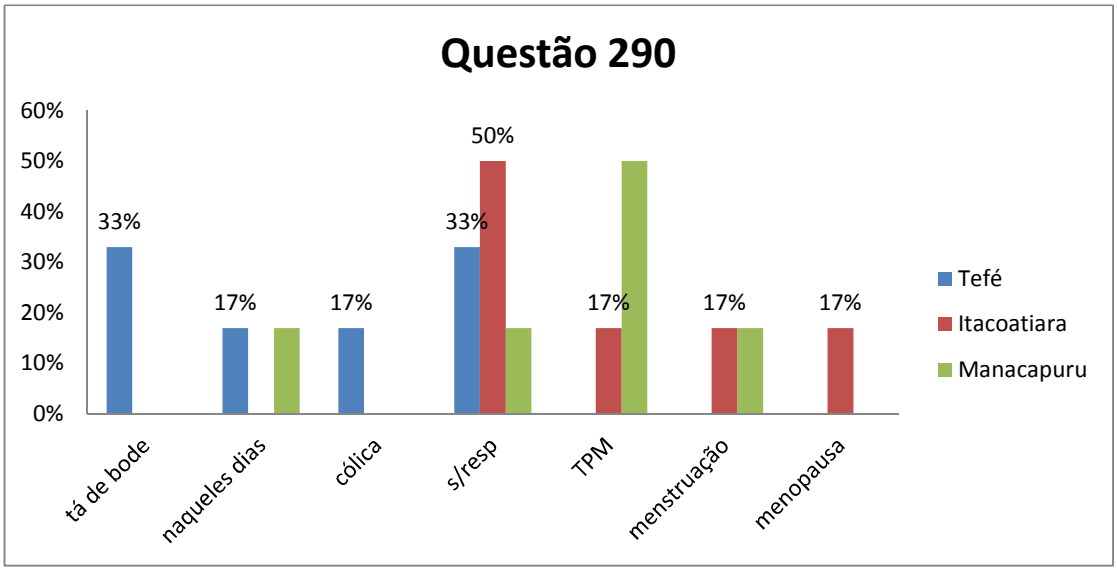


Gráfico 284: Variação lexical encontrada para a questão 290 do QSL da pesquisa

291. COMER ABIU

Qual é a expressão que significa que a pessoa ficou calada quando a situação é inconveniente ou desagradável?

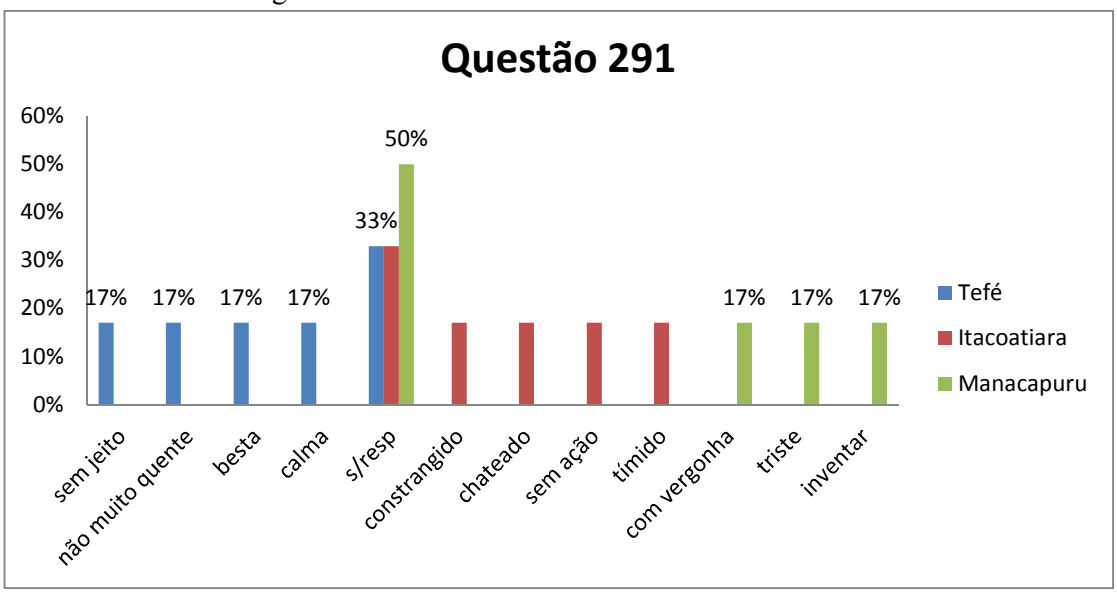


Gráfico 285: Variação lexical encontrada para a questão 291 do QSL da pesquisa

292. VOCÊ GOSTA DE MORAR EM MANAUS?

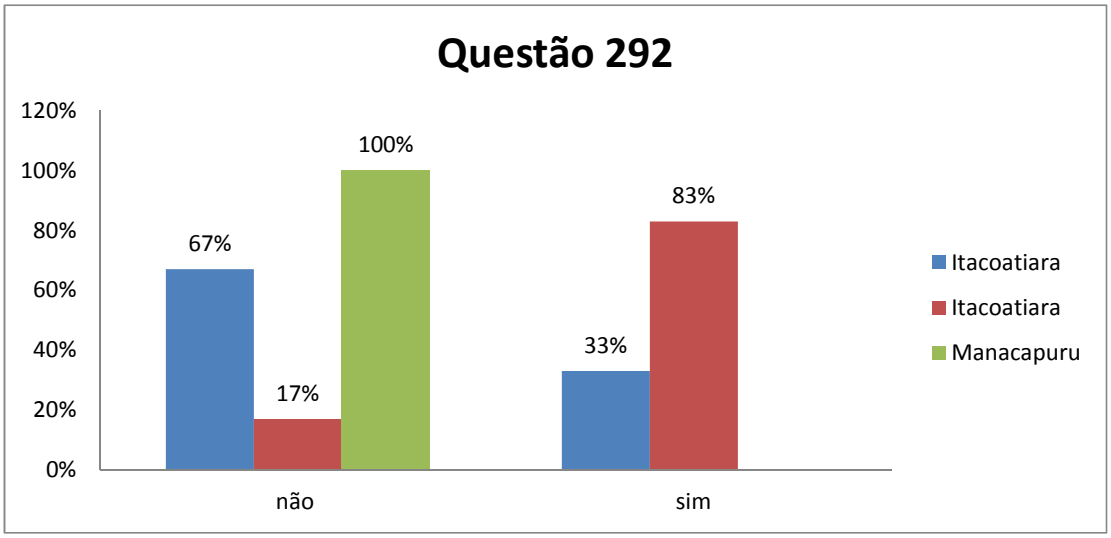


Gráfico 286: Variação lexical encontrada para a questão 292 do QSL da pesquisa

293. VOCÊ SE CONSIDERA UM CABOCLO AMAZONENSE?

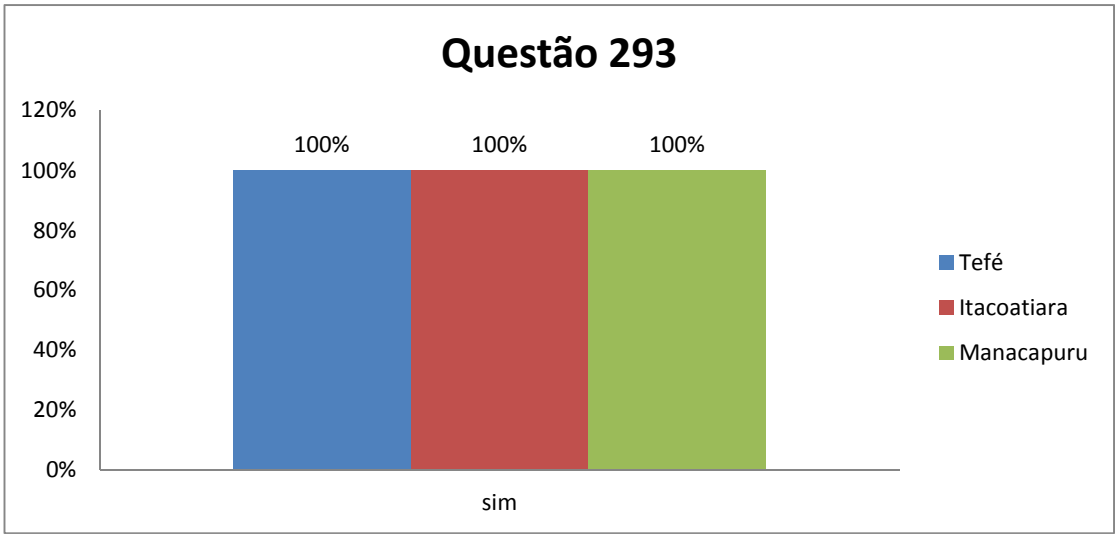


Gráfico 287: Variação lexical encontrada para a questão 293 do QSL da pesquisa

Para facilitar a visualização dos dados obtidos na pesquisa em comparação com o ALAM e, posteriormente, com o *Amazonês,* foi anexada uma tabela comparativa para mostrar os dados das

duas partes da pesquisa. Para isto, é necessário dizer que a cidade de Tefé, cidade pesquisada pelo ALAM é da mesorregião do Jutaí-Solimões-Juruá (região número dois no ALAM), a cidade de Itacoatiara, é da região do Médio Amazonas (região número oito no ALAM) e a cidade de Manacapuru, é da região do Rio Negro-Solimões (região número sete no ALAM). Esta tabela é mostrada a seguir:

Carta Lexical ALAM / QSL da Pesquisa	ALAM			Pesquisa		
	Tefé	Itacoatiara	Manacapuru	Tefé	Itacoatiara	Manacapuru
Carta 01/1	Igarapé	Igarapé	Igarapé	Igarapé	Igarapé	Igarapé
Carta 02/ 3	Funil	Redemoinho	Rebojo	Redemoinho	Remoinho	Redemoinho
Carta 03/ 14	Seca	Seca	Vazante	Seca	Seca	Seca
Carta 04/15	Tipitinga	Sem resposta	Sem resposta	Barrenta	Sem resposta	Barrenta
Carta 05/22	Várzea	Várzea	Várzea	Vargem	Várzea	Sem resposta
Carta 06/36	Timbó	Sem resposta	Timbó	Timbó	Timbó	Timbó
Carta 07/ 39	Cova	Sem resposta	Cova/ manicuja	Cova	Sem resposta	Sem resposta
Carta 08/45	Redemoinho	Redemoinho	Redemoinho	Redemoinho/ furacão	Redemoinho/ remoinho	Redemoinho
Carta 09/47	Raio	Raio	Raio	Raio	Raio	Raio
Carta 10/ 49	Neblina	Chuva miúda	Chuvisco	Chuvisco	Chuvisco	Garoa
Carta 11/50	Arco-íris	Arco-íris	Arco-íris	Arco-íris	Arco-íris	Arco-íris
Carta 12/51	Neblina/ Sereno	Orvalho	Orvalho	Sereno	Sereno	Sereno/ Orvalho
Carta 13/52	Cerração	Cerração	Cerração/ Neve	Neblina	Neve	Neve
Carta 14/63	Anteontem	Anteontem	Anteontem	Anteontem	Anteontem	Anteontem
Carta 15/64	Sem resposta	Antes de anteontem	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta
Carta 16/67	Sem resposta	Sem resposta	Maria-de-barro	João-de-barro /sabiá	João-de-barro	João-de-barro
Carta 17/69	Sem resposta	Picota	Picota	Picote	Picote	Picote
Carta 21/117	Nuca	Nuca	Nuca	Cangote/ Nuca	Pescoço	Nuca
Carta 22/118	Garganta	Gogó	Gogó	Gogó	Gogó	Gogó
Carta 23 /119	Moleira	Moleira	Sem resposta	Moleira	Moleira/ murela	Molera

Carta 24/122	Rótula	Sem resposta	Rótula	Rótula	Pratinho	Sem resposta
Carta 25/123	Presa(s)	Presa(s)	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Queixais
Carta 26/124	Sem resposta	Dentiqueiro/ Queiro	Dentiqueiro	Sem resposta	Sem resposta	Dentiqueiro
Carta 27/125	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Queixais
Carta 28/126	Banguela(o)	Banguela(o)	Desdentado	Banguelo	Banguelo	Banguelo
Carta 29/127	Fanhoso	Fanhoso	Fanhoso/ Fom-fom	Fom-fom	Fanhoso/ Fom-fom	Fom-fom
Carta 30/128	Cego(a)	Cego(a)	Sem resposta	Caolho	Sem resposta	Caolho
Carta 31/129	Zanoio	Vesgo	Zanoio/ Vesgo	Zanoio	Vesgo	Zanoio/ Vesgueto
Carta 32/130	Treçol	Treçol/terçol	Sem resposta	Sem resposta	Terçol	Terçol
Carta 33/131	Soluço	Soluço	Soluço	Soluço	Soluço	Soluço
Carta 34/132	Cataraca	Bostela	Meleca	Meleca	Meleca	Cataraca
Carta 35/134	Aleijado	Sem resposta	Sem resposta	Perneta	Saci-pererê	Perneta
Carta 36/135	Aleijado	Sem resposta	Sem resposta	Aleijado	Sem resposta	Sem resposta
Carta 37/136	Sem resposta	Cambota(o)	Sem resposta	Perna torta	Cambota	Cambota
Carta 38/137	Sovaco	Sovaco	Sovaco	Sovaco	Sovaco	Sovaco
Carta 39/138	Cecê	Cecê	Cecê	Catinga	Cecê	Cecê
Carta 40/139	Sem resposta	Menina	Cunhantã	Cunhantãnha	Menina	Cunhantãnha / Garota
Carta 41/140	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Curumim	Menino	Curumim / Garoto
Carta 42/151	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta
Carta 43/152	Papeira	Papeira	Papeira	Papeira	Papeira	Papeira
Carta 44/153	Escabeche	Escabeche	Sem resposta	Escabeche	Escabefe	Escabeche
Carta 45/154	Mingau de caridade	Mingau de caridade caridad	Mingau de caridade	Caldo de caridade	Mingau de Caridade	Mingau de Caridade
Carta 46/156	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta
Carta 47/157	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta
Carta 48/158	Sarapatel	Sem resposta	Paxicá/ Sarapatel	Sarapatel	Sem resposta	Sarapatel
Carta 50/174	Bêbado	Alcoólatra	Bêbado	Alcoólatra	Alcoólatra	Alcoólatra
Carta 51/175	Sem resposta	Tabaco/ Porronca	Sem resposta	Porronca	Tabaco	Tabaco
Carta 52/176	Sem resposta	Bagana	Bagana	Bagana	Bagana	Bagana

Carta 53/178	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Abano	Abano	Abano
Carta 54/179	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Panela de barro	Panela de barro	Panela de barro
Carta 55/180	Rede	Rede	Sem resposta	Rede	Rede	Rede
Carta 56/183	Lamparina	Lamparina	Lamparina	Lamparina	Candieiro	Lamparina
Carta 58/186	Sem resposta	Cumeeira	Sem resposta	Cumeeira	Cumeeira	Cumeeira
Carta 59/188	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Ferrolho	Fechadura/ chave	Ferrolho
Carta 61/191	Sem resposta	Jirau	Jirau	Jirau	Jirau/ pier	Jirau
Carta 62/194	Sem resposta	Vaso	Sem resposta	Vaso	Vaso	Vaso
Carta 63/195	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Caneco	Caneco	Caneco
Carta 64/196	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Chapéu de palha	Chapéu de palha	Casa de palha/ tapiri
Carta 65/197	Sem resposta	Sem resposta	Tupé	Tupé	Sem resposta	Esteira de palha
Carta 66/199	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sutiã	Sutiã	Sutiã
Carta 67/220	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sonho com canoa
Carta 68/221	Sem resposta	Coçar a mão	Sem resposta	Coçar a mão	Sem resposta	Sem resposta
Carta 69/222	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Dar farinha	Dar banana com farinha, pronto socorro ou dedo na goela	Dar farinha
Carta 70/223	Papel vermelho na testa	Beber água	Sem resposta	Dar água	Dar água, susto ou papel vermelho na testa	Dar água/ pano vermelho na testa
Carta 71/226	Sem resposta	Mau olhado /olho gordo	Sem resposta	Olho grande	Sem resposta	Sem resposta
Carta 72/232	Sem resposta	Diabo	Sem resposta	Satanás	Diabo	Diabo/ demônio
Carta 73/238	Sem resposta	Caçula	Sem resposta	Caçula	Caçula	Caçula
Carta 74/240	Prostituta	Sem resposta	Prostituta	Prostituta	Prostituta	Prostituta
Carta 75/243	Sem resposta	Xará	Sem resposta	Sem resposta	Xará	Xará
Carta 76/244	Sem resposta	Carambota	Carambola	Carambola	Calambota	Carambola
Carta 77/245	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Peteca	Peteca	Peteca
Carta 78/246	Sem resposta	Baladeira	Sem resposta	Baladeira	Baladeira	Baladeira

Carta 79/248	Sem resposta	Pata-cega	Sem resposta	Pata-cega	Pata-cega	Pata-cega
Carta 80/249	Sem resposta	Pira	Sem resposta	Manja-pega	Sem reposta	Sem resposta/ barra bandeira
Carta 81/251	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Balanço	Balanço	Gangorra/ Balanço
Carta 82/253	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Amarelinha	Sem resposta	Macaca
Carta 83/255	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sapeca	Perigosa	Danada/ Sapeca
Carta 84/256	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Avexado	Apressado	Avexado
Carta 85/258	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Entupido	Sem resposta	Entupido/ Prisão de ventre
Carta 86/261	Sem resposta	Sem resposta/ fofoqueiro	Sem resposta	Fofoqueiro	Fofoqueiro	Fofoqueiro
Carta 87/262	Sem resposta	Sem resposta/ gitinho	Sem resposta	Sem resposta/ gitinho	Gitinho	Sem resposta
Carta 88/263	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Boba	Mongolóide/ abobada/lerdo /leso/boba	Abestada/ Lesada/ boba/lesa

Quadro 2: comparação das lexias obtidas na pesquisa e as obtidas no ALAM (as lexias marcadas com cores são as que mudaram).

Primeiramente, faz-se necessário ressaltar que este trabalho teve por foco analisar apenas os dados mais produtivos, deixando-se para outro momento a análise do restante do corpus, por se entender que esse léxico é o de uso corrente. Além disso, salienta-se que apenas as perguntas que geraram cartas lexicais, ou cartogramas, no ALAM foram selecionadas para que a comparação fosse efetiva. Nesta primeira etapa, tendo por base o Quadro 2 acima, computou-se os itens lexicais não coincidentes coletados pelo ALAM, discriminando cada município. Procurou-se observar as lexias que mostraram alteração com as lexias obtidas no ALAM, assim, as lexias que se alteraram foram marcadas com cores: azul, as lexias mais produtivas do município de Tefé; verde, as lexias mais produtivas do município de Itacoatiara; amarela, as lexias mais produtivas do município de Manacapuru, dentre um total de 246 lexias totalizadas na pesquisa. Deste total, 144 lexias foram não coincidentes, ou seja, não são as mesmas que foram empregadas pelos caboclos provenientes

dos respectivos municípios no ALAM. Essas 144 lexias representam 59% do total, isto é, 59% do léxico dos informantes provenientes de Tefé, Itacoatiara e Manacapuru que residem em Manaus foi alterado. Em segundo lugar, para as mesmas perguntas do questionário semântico-lexical que antes ficaram sem resposta, observou-se que houve um aumento de 35% das lexias produzidas pelos migrantes para as mesmas perguntas. Quanto à percentagem dos migrantes que diminuíram de vocabulário, estima-se que seja em torno de 4%. Nos espaços que não apresentam variação do item lexical significa que os informantes não conheciam uma lexia para designar o conceito, o que também ocorreu no ALAM.

3.2.2 Os dados da pesquisa e a comparação com o *Amazonês*

O autor do livro *Amazonês* procedeu a uma recolha de dados por mais de cinco anos para coletar as expressões e o léxico da linguagem oral de informantes moradores de Manaus, no Amazonas. É necessário salientar que Souza (2011) não elucida as características dos informantes selecionados para a sua coleta de dados, dizendo apenas que "são moradores das áreas de menor poder aquisitivo e de menos acesso aos bens sociais", sem especificar se os informantes são realmente nascidos na cidade. Esses itens lexicais foram registros obtidos da oralidade em situações concretas de enunciação. Foram coletados, tentando evitar ao máximo o 'paradoxo do observador', criando situações em que se desviava do foco da fala, de maneira que o informante não se apercebia que sua fala era o foco do estudo. Apesar disso, esse pequeno dicionário dos signos do falar manauara, que contemplou as seis zonas geográficas de Manaus (Norte, Sul, Leste, Oeste, Centro-Oeste, Centro-Sul), é o único registro dos termos e do léxico manauara. Ele norteou a pesquisa para uma comparação com o léxico utilizado na capital do Amazonas e, portanto, serviu de instrumento de pesquisa, conforme falado anteriormente. É necessário que se diga que a pesquisadora, ao contrário de Souza, assumiu a postura de enaltecer a fala dos entrevistados, procurando valorizar sua linguagem, cultura e seu modo de vida.

Assim, fez-se uma tabela comparativa com os dados recolhidos dos informantes provenientes dos três municípios da pesquisa e com o léxico encontrado no livro *Amazonês,* marcando com cores as lexias coincidentes com as do Amazonês e que denotam a assimilação do linguajar manauara pelo migrante. Cada cor se refere a um determinado município: em azul, as lexias mais produtivas utilizadas pelos migrantes do município de Tefé que coincidem com a lexia

em destaque utilizada pelos habitantes da cidade de Manaus; verde, as lexias mais produtivas utilizadas pelos migrantes do município de Itacoatiara que coincidem com a lexia em destaque falada pelos habitantes manauaras; amarela, as lexias mais produtivas utilizadas pelos migrantes do município de Manacapuru que coincidem com a lexia em destaque falada pelos habitantes deManaus.

Página do Amazonês/ QSL da pesquisa	Lexia	Tefé	Itacoatiara	Manacapuru
74/266	Malinar (malino)	Malvado	Malino	Ruim/orgulhoso/ malino/malvado
81/267	Pavulagem	Boçal/orgulhoso	Boçal/orgulhoso	Sem resposta
73/268	Maceta	Grande	Grande	Maceta
49/269	Chibata	Ótima	Legal	Legal
46/270	Caqueado	Gambiarra, rápido	Garrancho, mal jeito	Sem resposta
29/271	Agá	Mentindo	Mentindo	Sem resposta
66/272	Galeroso	Galeroso	Galeroso	Galeroso
60/274	Engilhada	Amarrotada	Amarrotada	Amarrotada
84/275	Pissica	Intrometido	Sem resposta	Intrometido
36/276	Baixar o sarrafo	Valente	Porrada	Vingativo
51/277	Cotoco	Cotoco	Cotoco	Cotoco
33/278	Até o tucupi	Até o tucupi, até o pescoço	Até o pescoço	Sem resposta
78/279	No tempo do ronca	Romântico	Sem resposta	Antigo
61/280	Espocar de rir	Sorridente, risonho	Sem resposta	Sem resposta
64/281	Ficar de bubuia	Preguiçoso	Preguiçoso	Preguiçoso
82/282	Pegar o beco	Avexar, se despedir	Pegar o beco, ir embora	Sem resposta
55/283	Dar prego	Deu prego	Deu prego	Deu prego
89/284	Roer uma pupunha	Tá sem dinheiro, desempregado	Liso, quebrado	Sem resposta

60/285	Ficar todo errado	Vergonhado	Vergonhado	Sem resposta
94/286	Ticar o peixe	Ticar o peixe	Ticar o peixe	Ticar o peixe
31/287	Andar na pindaíba	Medigno	Sem resposta	Sem resposta
76/288	Miolo-de-pote	Mentiroso	Mentiroso	Mentiroso
95/289	Tontom	Tontom	Cangote, pescoço	Tontom, tuntum
55/290	De bode	Tá de bode	Sem resposta	TPM
50/291	Comer abiu	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta
38/ 166	Beiju	Tapioquinha	Tapioquinha, beiju	Beiju
40/172	Bombom	Chocolate, brigadeiro	Sem resposta	Chocolate
46/86	Candiru	Candiru	Candiru	Candiru
70/170	Jabá	Jabá	Jabá	Jabá
70/168	Jerimum	Jerimum	Abóbora	Jerimum, abóbora
73/169	Macaxeira	Macaxeira	Macaxeira	Macaxeira
74/165	Mangarataia	Mangarataia	Mangarataia	Mangarataia
77/167	Mungunzá	Mungunzá	Mungunzá	Mungunzá
82/159	Pé de moleque	Pé de moleque	Pé de moleque	Pé de moleque
97/171	Uarini	Farinha de ova	Sem resposta	Farinha guarini, farinha dá água, farinha de tapioca

Quadro 3: Comparação entre as lexias obtidas na pesquisa com as do Amazonês. As lexias em cores mostram que o léxico utilizado pelos migrantes são coincidentes com o léxico utilizado na capital amazonense.

Nesta etapa de comparação com o *Amazonês*, procurou-se analisar a assimilação do léxico empregado na capital pelos migrantes. Portanto, levando-se em conta o quadro 3, computou-se as lexias discriminadas por município, perfazendo um total de 105 lexias pesquisadas, das quais apenas 42 lexias foram coincidentes, isto é, os migrantes provenientes de Tefé, Itacoatiara e Manacapuru empregaram apenas 42 lexias do total de lexias do *Amazonês* pesquisadas neste trabalho. Assim, pode-se dizer que os migrantes que assimilaram o léxico da capital corresponde a 40%. Isto pode se explicar devido ao fato de que os migrantes que residem na capital do Amazonas não estabeleceram redes sociais muito difusas. Apenas três deles disseram pertencer a grupos religiosos. O restante tem um vida mais reclusa, convivendo apenas com a família, trabalho

e vizinhos. Apenas 15 % não encontraram nenhum léxico que pudesse servir de resposta às perguntas.

Quanto ao aspecto ideológico do léxico, pode-se dizer que algumas respostas, bem como algumas conversas com os informantes, possibilitaram um enfoque peculiar sobre o olhar do caboclo e de como ele vê o mundo. Esse olhar pode ser evidenciado em algumas respostas do QSL da pesquisa. Por exemplo, na questão de número dois do QSL da pesquisa: como se chama o lugar onde um rio termina ou encontra outro rio?, o item lexical mais produtivo encontrado nesta pesquisa foi 'encontro das águas', que, de acordo com Pottier, é uma lexia complexa. Etimologicamente, esta lexia complexa deve ser classificada por partes: primeiramente, o item lexical 'encontro' se origina do latim *ĭncŏntrăre,* que significa ir *cŏntra*, e, em segundo, o item lexical 'água' se origina do latim *ăqua*e se refere a um líquido incolor, inodoro e insípido, essencial à vida, de acordo com Cunha (2010). O conceito dessa lexia complexa significa nesta comunidade de fala 'lugar onde um rio encontra outro rio'. No ALAM, esta pergunta não foi produtiva e não gerou carta lexical, ou cartograma, que pudesse ser utilizado para uma comparação com os dados desta pesquisa, no entanto, esta resposta revela a influência do aspecto físico-geográfico na vida dos migrantes na cidade e revela também como o rio e a natureza são importantes na vida deles (O Encontro das Águas é um fenômeno que acontece na confluência entre o rio Negro, de água preta, e o rio Solimões, de água barrenta, onde as águas dos dois rios correm lado a lado sem se misturar por uma extensão de mais de 6 km. É uma das principais atrações turísticas da cidade de Manaus), conforme se pode conferir na transcrição:

> Quando termina e encontra um outro rio?...é o encontro das águas... aqui...quando a gente vê, né, é o encontro da água branca com a água preta (C.G.A, 2014)
>
> Que termina ou encontra outro rio?...a gente vê sempre o encontro das águas que a gente temos aqui...que encontra uma com a outra. (A.C.S., 2014)

Na questão de número 47: e aquela luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore em dias de mau tempo? Uma resposta interessante que foi encontrada foi 'corisco', apesar dessa lexia não ser a mais produtiva. De acordo com Pottier é uma lexia simples. Existe o verbo coriscar, que vem do latim *coruscâre.* O item lexical 'corisco' existe desde o século XIII, significando faiscar ou relampejar, desde o século XVI. Percebe-se que o tema da natureza é relevante para o caboclo na seguinte transcrição:

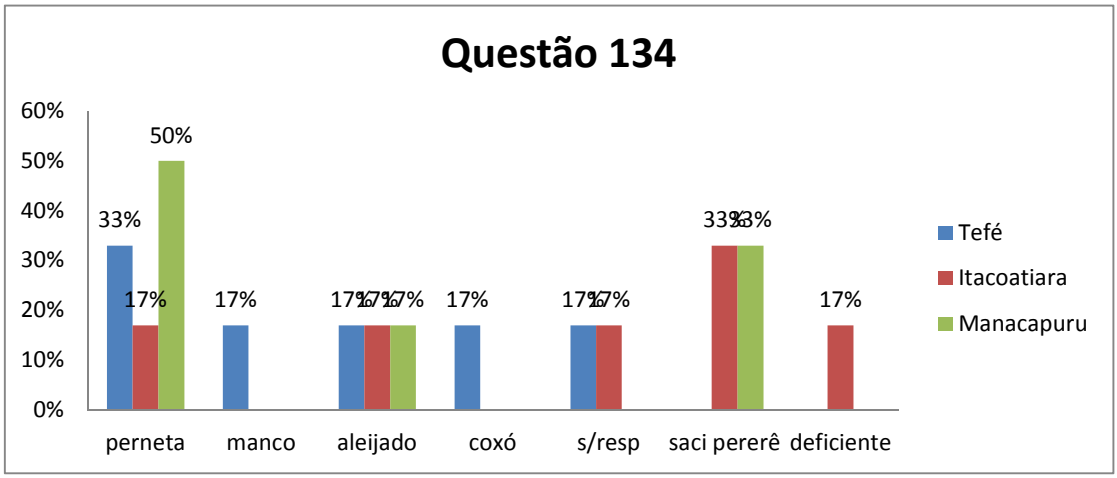
> É porque assim, muitas vezes de madrugada, quando a gente tá pescando, né...pode ser que assim o vento se mudou com a estrela, né...aí tem o corisco...corisco já é a pedra que sai...ele é uma pedra, é uma pedra com o formato de um machado...onde ele batê ele destrói tudo...ele parte e abre...o corisco já é a fagulha (A.C.S., 2014)

Na questão de número 229: existe algum sonho que se pode ter que indique a morte de um parente ou amigo?, pode-se notar como a crença, seja ela folclórica, religiosa ou mística, é algo bastante entranhado na vida deles. O sonho que prenuncia a morte é algo crível, conforme se pode ver na seguinte transcrição:

> O dia que minha mãe faleceu eu sonhei com minha casa quebrando...quando ela adoeceu...no dia que ela adoeceu...era uma horas dessa...ela adoeceu...ela foi pro hospital...eu não dormi...me deu um aperto aqui, ó...aquele aperto, aquela falta de paciência...eu queria chorar e era aquele nó engatado aqui...meu Deus, eu passei a noite todinha assim...quando...no dia que ela MOrreu[15] eu não tinha mais sossego, eu passei a semana todinha assim....eu passei a semana todinha...parece que eu tava com febre...quando foi no dia que ela faleceu eu dormi...quando eu me acordei...os grito...eu acordei gritando mesmo chamando por ela..aí meu marido me balançando, me balançando...eu disse minha mãe morreu...a minha casa quebrava aqui...ó...ela quebrava bem no meio...ela quebrava bem aqui em cima e descia assim...que era a cova...aí eu queria ver ela queria ver ela e ela na minha frente (M.L.M.O., 2014).

> Eu vou logo dizer pra senhora...quando você sonha com ingá...você pega aquela ingá de casca aquela branquinha com caroço às vezes, aí pode contar que vai morrê um...sonhá com pirarucu....porque na canoa você pega um pirarucu e bota na canoa...é morte...sonhá com a sua casa quebrando...é morte na sua família...viu? Sonhá com essas coisas é morte...de parente...de vizinho... (M.L.M.O., 2014).

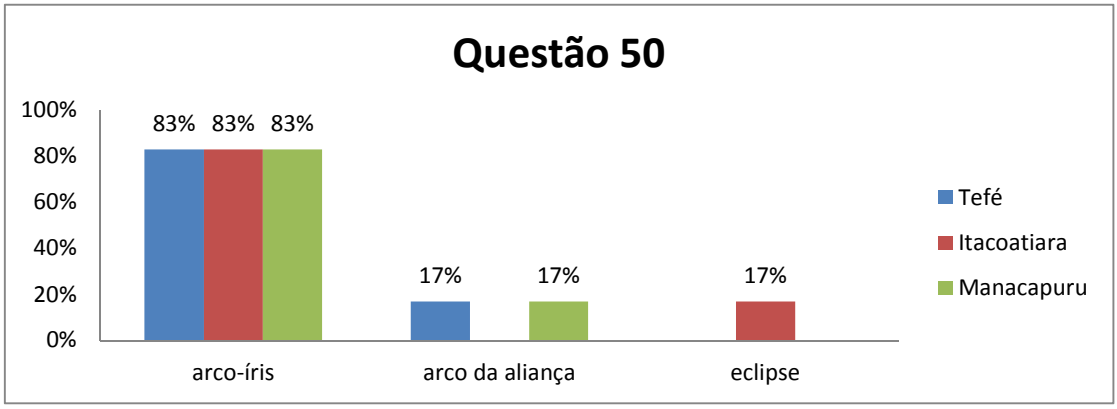
Na questão de número 134: como se chama a pessoa que tem uma só perna?, tem-se como resposta mais produtiva a lexia saci-pererê, para os informantes dos municípios de Itacoatiara e de Manacapuru com 33% de frequência, conforme pode ser verificado na tabela a seguir.



[15] Trata-se aqui de mostrar a ênfase dada ao item lexical 'morreu'.

Esta é uma lexia composta, de acordo o com Pottier. Segundo Cunha (2010), vem do tupi *sa´si.* É uma entidade fantástica do folclore brasileiro que assume a forma de um negrinho de uma perna só, que usa cachimbo e um pequeno barrete vermelho na cabeça, e que persegue os viajantes nos caminhos. Segundo Houaiss e Villar (2001) o conceito encontrado refere-se a uma entidade fantástica, negrinho de uma perna só, que fuma cachimbo e usa um barretinho vermelho, fonte de seus poderes de magia e que, segundo a crença popular, diverte-se espantando o gado e espavorindo os viajantes nos caminhos solitários, com seus longos assobios no meio da noite. Apresenta também como variação lexical saci-cererê. Esta lexia, simbolizando a correlação com esta entidade fantástica da crença popular, instituiu-se no processo discursivo, adicionando a significação de 'pessoa que possui uma perna só' para designar uma pessoa perneta. Assim, quando o informante foi perguntado sobre como se chama a pessoa que tem uma só perna, a resposta, saci-pererê, indica que o místico se faz ainda muito presente no imaginário do homem caboclo.

Outro dado curioso foi a questão de número 50 do QSL da pesquisa: Quase sempre – depois de uma chuva- aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nome dão a essa faixa?, cujo referente 'arco-íris' não mostrou nenhuma variação no ALAM. Observa-se que na presente pesquisa, o item lexical 'arco-íris' apresenta-se como a de frequência mais elevada, no entanto, encontrou-se também o item lexical 'arco da aliança', conforme mostra a tabela abaixo, com 17% de frequência entre migrantes provenientes das cidades de Tefé e Manacapuru e 17 % de frequência para o item lexical 'eclipse'para o migrante da cidade de Itacoatiara.



Segundo Houaiss e Villar (2001), o conceito deste item lexical, que se refere a um arco luminoso, origina-se em fenômenos físicos e meteorológicos e é produzido quando a luz solar é

refratada, dispersa e internamente refletida por gotículas de água provenientes da chuva e suspensas na atmosfera. É visível como um conjunto de bandas coloridas adjacentes na forma de arcos de circunferência (mais raramente como anéis) com as cores do espectro solar. Segundo Ferreira (2004), o conceito deste item lexical refere-se a um fenômeno da dispersão da luz solar em gotículas de água suspensas na atmosfera e é observado como um conjunto de arcos de circunferência (excepcionalmente como circunferências inteiras) coloridas com as cores do espectro solar, proveniente de arco + o mitônimo Íris (a mensageira da deusa Juno, que vinha do Céu caminhando por este arco). Segundo Cunha (2010), o conceito deste item lexical refere-se ao fenômeno resultante da dispersão da luz solar em gotículas de água suspensas na atmosfera, e é observado como um conjunto de arcos em circunferência, com as cores do espectro solar, conceito coincidente com o de Ferreira.

Quanto ao item lexical eclipse, segundo Cunha (2010), refere-se ao fenômeno em que um astro deixa de ser visível no todo ou em parte e é oriundo do latim *eclīpsis*. Segundo Houaiss e Villar, o conceito refere-se ao obscurecimento total ou parcial de um astro por outro; período em que se apaga ou se obstrui luz de farol de navegação dotado de luminosidade intermitente; desaparecimento de uma pessoa dos lugares que costuma frequentar, ausência, afastamento. Tem origem do grego *ékleipsis.*

Assim, as variantes lexicais encontradas na pesquisa, arco-da-aliança e eclipse, revelam dois aspectos sobre o homem: o da natureza e o do cristão, já que, segundo a Bíblia, todas as vezes em que aparecer o arco-íris e houver nuvens de chuva sobre a terra, Deus reitera a promessa feita a Noé, depois do dilúvio, marcando sua aliança com os homens, de acordo com o livro de Gênesis, capítulo 9. De fato, um dos informantes que empregou esse item lexical circula em grupos evangélicos e o outro teve uma criação marcadamente católica, o que pode ter influenciado a escolha do item lexical.

Quanto ao aspecto etimológico, pode-se dizer que como o enfoque deste trabalho era o repertório linguístico efetivamente em uso pelo migrante, e visto que esse mostrou uma alteração de 59%, o que é considerável, procedeu-se, a seguir, à análise etimológica dos itens lexicais que mostraram variação com relação àqueles obtidos no ALAM e dos itens lexicais que foram coincidentes no *Amazonês,* lembrando que para essa análise foi utilizado o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (CUNHA, 2010), Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (HOUAISS; VILLAR, 2001) e o Novo Dicionário Eletrônico Aurélio (FERREIRA, 2004). Também deve-se

esclarecer que esses itens lexicais não só são variantes das lexias como também são a variação mais produtiva apresentada.

Redemoinho – (QSL 3, p.97), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, a etimologia de remoinho, com infl. do voc. *roda,* gerando *rodomoinho>redomoinho* (por dissimilação) > *redemoinho* (por assimilação), tem como conceito o mesmo que 'rebojo'. 'Roda' provém do latim *rota.* A pesquisa achou como variante lexical 'remoinho´ e 'redimunho'.

Seca – (QSL 14, p.102), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, a lexia tem o conceito de 'estiagem prolongada, falta de água'. A etimologia diz respeito ao feminino do substantivo seco. Segundo Cunha, seco traz o conceito de 'desprovido de umidade ou de líquido, enxuto'. Do latim *sĭccus.*

Barrenta – (QSL 15, p.103),de acordo com Pottier é uma lexia simples. Se no ALAM havia tipitinga, que designava as águas barrentas e esbranquiçadas, e cuja etimologia origina-se do tupi *tipïtïga* (turvo), nesta pesquisa encontramos a lexia 'barrenta', que tem como conceito 'da natureza do barro, que contém muito barro, misturado com barro', segundo Houaiss e Villar. A etimologia provém de barro mais o sufixo 'ento'. Segundo Cunha, 'barro' tem como conceito ser um tipo de argila, substância utilizada no assentamento da alvenaria de tijolo em obras provisórias, obtida pela mistura de argila com água (XIV). É de origem pré-romana.

Vargem – (QSL 22, p.106),de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Cunha, é uma variação lexical de várzea, usada várgea no século XV ou vargedo, conjunto ou sequência de vargens. O conceito de várzea é 'planície fértil e cultivada em um vale'. Tem origem obscura.

Timbó – (QSL 36, p.113),de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Cunha, o conceito é a designação comum a várias plantas das famílias das leguminosas e das sapindáceas, cuja seiva é tóxica para peixes e, por isso, usada para pescar. Vem do tupi *timo´rana.*

Chuvisco – (QSL 49, p.120), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, chuvisco tem o conceito de chuva fina, rala e passageira, precipitação de gotículas de água quase imperceptíveis, ocasionada pelo alto grau de umidade do ar, garoa. Vem de chuva mais o sufixo 'isco'. Segundo Cunha, chuva, cujo conceito é 'precipitação atmosférica formada de gotas de água, por efeito da condensação do vapor de água contido na atmosfera', vem do latim *plŏvia>chuvia (XIII).*

Garoa – (QSL 49, p.120), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, a lexia tem o conceito de nevoeiro fino, chuva miúda e contínua, chuvisco. A etimologia da palavra é controversa: para alguns autores a lexia vem do espanhol peruano, *garŭa*(1597) e que Corominas tira do português *caruja,* 'névoa', dando a este vocábulo sua origem. Ainda, o latim vulgar *calŭgo,* considerado por outros como a origem de garoa.

Sereno – (QSL 51, p.121), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, tem como conceito (1612) ser um tênue vapor atmosférico que cai ao crepúsculo ou à noite, orvalho, relento, chuva fina e breve, o ar livre ao crepúsculo ou à noite, vida noturna. Vem do latim *serĕnus.*

Neblina – (QSL 52, p.121), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Cunha, o conceito da lexia é uma névoa densa e rasteira, nevoeiro. Derivada do latim *nēbŭla.*

Neve – (QSL 52, p.121), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Cunha, o conceito da lexia diz respeito à queda de cristais de gelo formados pelo congelamento do vapor d´água que está em suspensão no ar que provém do latim vulgar *nĕveme* do latim clássico *nĭx, nĭvis.* No entanto, o conceito não é o mesmo que aquele atribuído pelos informantes na pesquisa. Supõe-se que os informantes queiram se referir à lexia 'névoa', que tem como conceito 'cerração pouco espessa, bruma', vindo do latim *nēbŭla>neuoa>nebla.*

João-de-barro – (QSL 67, p.128), de acordo com Pottier é uma lexia composta. Segundo Houaiss e Villar, o conceito designa as aves passeriformes, campestres do gênero Furnarius, da família dos furnariídeos, representadas no Brasil por cinco espécies de plumagem ferrugínea, amassa-barro, maria-de-barro, pedreiro (algumas espécies do gênero constroem ninho de barro em forma de forno, o que origina vários nomes populares). Etimologicamente, formas históricas foram encontradas desde 1877 como *joão-de-bárros*.

Picote – (QSL 69, p.129), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o item lexical 'picote' tem vários semas como: ponto de rendaria representado por pequena argola de linha e usada em rendas finas (etimologicamente, provém do francês '*picot' >piquote> picote*); certo pano grosseiro de lã (etimologicamente, oriunda de 'picotar'); conjunto de pequenas perfurações feitas em folha de papel para permitir que, depois, essas folhas sejam ligadas ou unidas, formando um conjunto homogêneo; margem denteada de talões, blocos de papel, selos etc (etimologicamente, oriunda do latim vulgar '*pic'* mais 'ote'. No entanto, nenhum

desses semas contempla o conceito que os informantes fazem da lexia, que é aquele que designa a galinha d´ angola.

Cangote – (QSL 117, p.150), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, é uma lexia mais usada que 'cogote'. Segundo Cunha, o conceito diz respeito à nuca ou ao cachaço. Gogote, já era usada no século XVII, do castelhano, cogote, provavelmente derivada de *coca,* que significa cabeça.

Pescoço – (QSL 117, p.150), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito é o da região do corpo entre o tronco e a cabeça; gargalo de garrafa, cachaço. Etimologicamente, oriunda do latim *post* (detrás) mais *coço* (mais tarde *cueço),´*recipiente para farinha', de origem incerta.

Gogó – (QSL 118, p.151), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Cunha, a lexia tradicionalmente é atribuída à alteração de goela. Do latim *gulella,* diminutivo de *gŭla* (esôfago). Gogó é uma formação expressiva, baseada na reduplicação da primeira sílaba de *goela.*

Murela – (QSL 119, p.151), de acordo com Pottier é uma lexia simples. É uma variação lexical da lexia moleira, assim como molera. Significa o mesmo que fontanela, a abóbada do crânio. Etimologicamente, é oriunda da lexia 'mole' mais o sufixo 'eira', significando o espaço do crânio ainda não ossificado do bebê. Existem formas históricas, desde o século XV, como *molleyra.* Segundo Cunha, 'mole' significa que cede à compressão, brando, preguiçoso, sem energia. Provém do latim *mŏllis.*

Pratinho – (QSL 122, p.153), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito designa um prato pequeno para sobremesa, aquilo ou aquele que é objeto de troça, maledicência ou diversão, brinquedo, joguete, gato-sapato. Etimologicamente, é oriunda de 'prato' mais o sufixo 'inho'. Segundo Cunha, prato designa um vaso de louça ou de metal, comumente circular, em que se serve a comida. É derivado do latim vulgar *plattus.* No entanto, nenhum desses semas designa o conceito ao qual os informantes da pesquisa se referem que é o de 'rótula'.

Queixais/ queixal – (QSL 124, p.154), de acordo com Pottier é uma lexia simples. É relativo ou pertencente a queixo, diz-se do dente molar. Etimologicamente é formada por 'queixo'

mais ‘al’. Segundo Cunha, ‘queixo’ designa qualquer das maxilas dos vertebrados, o maxilar inferior desses animais. Provém do latim *capsĕum,* de *capsa*, caixa.

Banguelo - (QSL 126, p.155), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Cunha, banguela é uma lexia que designa ‘desdentado’. Do topônimo *Benguela* (Angola)*,* lugar onde os negros têm o hábito de arrancar os dentes incisivos das crianças de tenra idade.

Fomfom – (QSL 127, p.155), de acordo com Pottier é uma lexia composta. É um termo não dicionarizado. Houaiss traz o verbete com a grafia fon “do dialeto do Ewe, da família nigero-congolesa de línguas africanas, falado por eles”. Ferreira (2004) apresenta o verbete fom com essa mesma acepção e acrescenta ainda: “Etnôn. Indivíduo dos fons, grupo do Centro-Sul da República do Benim (África); efã.” (Op. Cit.). Para o verbete fon, Ferreira (2004) apresenta ainda a etimologia: Do grego, phoné, ‘som’.

Caolho – (QSL 128, p.156), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito diz respeito a que ou quem não tem um dos olhos, estrábico, formado do quimbundo *ka,* ‘pequeno’, e do português *olho.*

Meleca – (QSL 132, p.158), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, meleca é uma lexia que designa o muco ressecado do nariz; coisa ruim, de má qualidade ou desprovida de atrativos, joça, porcaria, droga. Etimologicamente, tem origem controversa. Nei Lopes cita Yeda Pessoa de Castro, que aponta para uma origem banta para o vocábulo, *mel (i).*

Perneta – (QSL 134, p.158), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, a lexia designa aquele que tem perna pequena, que ou aquele que não tem uma perna ou que apresenta algum defeito físico em uma das pernas. Etimologicamente, é oriunda do latim *perna* mais *eta*.

Saci-Pererê – (QSL 134, p.158), de acordo com Pottier é uma lexia composta. Segundo Houaiss e Villar, a lexia designa a entidade saci. Formas históricas datam do ano de 1899 como saci-pererê. Segundo Cunha, trata-se de uma entidade fantástica do folclore brasileiro, que assume a forma de um negrinho de uma perna só, que usa cachimbo e um pequeno barrete vermelho na cabeça, que persegue os viajantes nos caminhos. Etimologicamente, provém do tupi *sa´si.*

Perna torta – (QSL 136, p.160), de acordo com Pottier é uma lexia composta. Esta lexia deve ser analisada por partes. Primeiro, a lexia perna, já vista anteriormente, oriunda do latim perna. Segundo, a lexia torta, que, segundo Houaiss e Villar, refere-se ao que não é direito ou reto,

retorcido, sinuoso; posto de través, oblíquo, inclinado; que se revela injusto ou errado; que não é boa pessoa, que não guarda lealdade; de temperamento irascível; que não obedece às regras da métrica; que se embriagou, ébrio; cego de um olho ou a que falta um olho; aquele que é estrábico, vesgo. Etimologicamente, é oriunda do latim *tŏrtus*, torcido, entortado, torto.

Catinga – (QSL 138, p.161), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, a lexia refere-se a um odor desagradável ou nauseante e, etimologicamente, tem origem controversa. Renato Mendonça cita autores que prendem o vocábulo ao radical tupi *kati*, 'odor pesado', mas aponta outros que consideram a origem do termo africana. Nei Lopes acredita tratar-se de vocábulo banto. A . G. Cunha levanta a hipótese de uma possível relação com 'caatinga', que vem do tupi *ka´tinga*, significando 'mau cheiro'.

Cunhantãnha – (QSL 139, p.161), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, trata-se de uma variação lexical de cunhantã. O conceito é o de 'menina, jovem mulher, moça, cunhã'. É oriunda do tupi *kunã´tai*, menina indígena, moça pequena de até dez anos mais ou menos.

Curumim – (QSL 140, p.161), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito diz respeito a um rapaz jovem, garoto, menino; criado, jovem, serviçal; vara empregada na pesca do pirarucu. É oriunda do tupi *kunu´mï*.

Menino – (QSL 140, p.161), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito refere-se a uma criança ou adolescente do sexo masculino, garoto, guri, miúdo; descendente do século masculino, filho; maneira carinhosa de tratar um parente ou amigo, ainda que adulto; indivíduo manhoso ou espertalhão. Etimologicamente, Corominas acredita que se trata de um de tantos termos acariciativos que as mães inventam para os seus filhos e, nestas condições, explica-se que o vocábulo seja aparentado com o francês antigo 'mignot' (século XIII) ou 'minyó' (século XIII), significando rapaz.

Escabeche – (QSL 153, p.168), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Foi encontrada, nesta pesquisa, a variante lexical 'escabefe'. Segundo Houaiss e Villar, o conceito da lexia é 'molho de temperos refogados próprio para peixe frito, inclui cebolas, tomates, azeite, vinagre, louro etc'. Etimologicamente, é oriunda de um árabe vulgar *iskebedj*. Há indícios de formas históricas, que datam de 1576, como *escaueche.*

Caldo de caridade – (QSL 154, p.169), de acordo com Pottier é uma lexia composta. É uma variante lexical para mingau de caridade (sendo mingau uma lexia oriunda do tupi). Segundo Houaiss e Villar, o conceito da lexia refere-se a um alimento líquido ou molho para tempero preparado a partir do cozimento da carne, peixe, legumes verduras ou outros produtos vegetais ou animais em água fervente, a que se podem acrescentar ingredientes diversos. Portanto, apesar do uso corrente pelos informantes, não é consistente com o conceito de mingau de caridade utilizado na região, ou seja, espécie de papa de farinha fina de mandioca, geralmente, servida a enfermos, talvez seja esta a razão para a palavra caridade. Etimologicamente, caldo é uma lexia oriunda do latim *caldus*, assim como caridade, oriunda de*caritate.*

Alcoólatra – (QSL 174, p.179), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito da lexia refere-se àquele que é viciado na ingestão de bebidas alcoólicas, que ou aquele que se entrega à doença do alcoolismo, etilista. Etimologicamente, é uma lexia oriunda do latim *alcohol* mais o sufixo 'latra'.

Porronca – (QSL 175, p.179), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Esta lexia não se encontra dicionarizada.

Tabaco – (QSL 175, p.179), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Cunha, o conceito da lexia diz respeito a uma planta da família das solanáceas, cujas folhas, dessecadas, constituem o fumo ou tabaco e tem origem incerta. Segundo Corominas (HOUAISS; VILLAR, 2001), 'tabacco' viria do árabe *tabbáq* e designava plantas que tonteavam e adormeciam, daí os espanhóis terem chamado de tabaco às folhas que embebedavam os antilhanos quando fumadas, nesse caso, a palavra teria ido da Europa para a América. No entanto, o conceito que os informantes da pesquisa usaram foi designado para o cigarro feito pela própria pessoa, enrolado à mão, diferindo do conceito encontrado nos dicionários.

Bagana – (QSL 176, p.180), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito da lexia diz respeito à ponta de cigarro, guimba, charuto ou baseado, depois de fumado; cigarro feito com tabaco ordinário; comida de má qualidade; coisa de pouco ou nenhum valor, bagatela; bolo de tabuleiro. Tem origem obscura.

Abano – (QSL 178, p.181), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito da lexia refere-se ao objeto com que se agita manualmente o ar com o propósito de refrescar alguém, algo ou a si próprio; avivar o fogo; abanador, ventarola; peça que separa

quantidades predeterminadas de jornais, na saída das rotativas. Etimologicamente, a lexia oriunda do latim *vannus.*

Panela de barro – (QSL 179, p.181), de acordo com Pottier é uma lexia composta. Faz-se necessário analisar a lexia por partes. Panela é uma lexia que, segundo Houaiss e Villar, tem o conceito designando um recipiente, quase sempre redondo, largo e de altura variável, dotado de alças ou cabo, usado na cocção dos alimentos. Etimologicamente, a lexia se oriunda do latim vulgar *pannella.* Segundo Cunha, 'barro' tem como conceito 'um tipo de argila, substância utilizada no assentamento da alvenaria de tijolo em obras provisórias, obtida pela mistura de argila com água' (XIV). É de origem pré-romana.

Candieiro – (QSL 183, p.183), de acordo com Pottier é uma lexia simples. É uma variante lexical de candeeiro. Segundo Houaiss e Vilar, o conceito designa um utensílio de formatos variados que, contendo líquido combustível e provido de mecha, destina-se a iluminar. Etimologicamente, a lexia oriunda da palavra latina *candeia (candea*). Ainda segundo os mesmos autores, candeia, que é um pequeno aparelho de iluminação de folha-de-flandres ou de barro, abastecido com óleo ou gás inflamável e provido de mecha que se usa no alto, pendente de um prego preso à parede. Etimologicamente, provém do latim *candēla,* significando vela, círio, tocha.

Cumeeira – (QSL 186, p.185), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito da lexia designa a parte mais elevada de um telhado, na intersecção de duas águas mestras, cavalete de telhado. Etimologicamente, a lexia provém de radical latino *cu(l)me(n).*

Ferrolho – (QSL 188, p.186), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito da lexia refere-se a uma tranqueta corrediça de ferro usada para fechar com maior segurança portas e janelas. Etimologicamente, oriunda do latim *verucŭlum*, significando 'pequeno espeto' tornado pelo latim vulgar em *ferrŭculu* por inflexão de 'ferro'.

Fechadura – (QSL 188, p.186), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito da lexia diz respeito a um dispositivo de metal que tranca portas, janelas, gavetas etc, por meio de uma ou mais linguetas acionadas por uma chave. Etimologicamente, é o radical do particípio f*echado,* do latim *fistulāre,* significando fechar.

Jirau - (QSL 191, p.187), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito da lexia diz respeito a uma armação de madeira semelhante ao estrado ou

palanque, que pode ser usada como cama, depósito de utensílios domésticos, secador de frutas ou, quando posta em cima de um fogão, como fumeiro de carne, toucinho, peixe etc. Etimologicamente, é oriunda do tupi *yu´ra*, 'espécie de plataforma, qualquer armação que repousa sobre forquilhas para diversos fins'.

Caneco – (QSL 195, p.189), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito da lexia refere-se a uma caneca alta e estreita; taça usada como premiação de atletas, jogadores, esquipes desportivas etc. Etimologicamente, é uma alteração de gênero de *caneca,* que, segundo os mesmos autores, tem origem controversa.

Chapéu de palha – (QSL 196, p.190), de acordo com Pottier é uma lexia composta. Esta lexia deve ser analisada por partes. Primeiro, segundo Cunha, a lexia 'chapéu', tem o conceito de 'peça destinada a cobrir a cabeça' e, etimologicamente, é derivada do latim popular *cappelus*, diminutivo de *cappa*. Segundo, o conceito de *palha,* ou seja, haste seca das gramíneas, despojada dos grãos e utilizada na indústria ou para forragem de animais domésticos. Etimologicamente, é derivada do latim *paleă*.

Tapiri – (QSL 196, p.190), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Cunha, o conceito da lexia refere-se a choupana ou choça. Etimologicamente, é orinda do tupi *tapi´ri.*

Tupé – (QSL 197, p.190), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Cunha, o conceito da lexia refere-se a uma espécie de esteira. Etimologicamente, é de origem tupi, mas de étimo indeterminado.

Esteira de palha – (QSL 197, p.190), de acordo com Pottier é uma lexia composta. A lexia em questão deve ser analisada por partes. Segundo Cunha, o conceito de 'esteira' refere-se ao tecido de junco, tábua, esparto, taquara etc, feito de hastes entrelaçadas, usado para tapetes etc. Etimologicamente, sua origem é do latim *stŏrea*. O conceito de *palha,* ou seja, haste seca das gramíneas, despojada dos grãos e utilizada na indústria ou para forragem de animais domésticos. Etimologicamente, é derivada do latim *paleă*.

Sutiã – (QSL 199, p.191), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito da lexia refere-se ao acessório de vestuário usado para sustentar os seios sob o vestido, blusa etc. Etimologicamente, sua origem é do francês *soutien(-gorge*), 'sustenta seios'.

Olho grande – (QSL 226, p.205), de acordo com Pottier é uma lexia composta. Esta lexia deve ser analisada por partes. Primeiro, a lexia 'olho' que, segundo Cunha, tem o conceito de órgão da visão e, etimologicamente, é oriunda do latim *ŏcŭlus*. Segundo, a lexia grande, que tem o conceito de vasto, comprido, desmedido, numeroso. Etimologicamente, a lexia tem origem do latim *grandis*. Segundo Houaiss e Villar, esta lexia refere-se ao desejo ardente de possuir ou conseguir alguma coisa de outrem; inveja; cobiça.

Satanás – (QSL 232, p.208), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Cunha, o conceito da lexia refere-se a um dos anjos de Jeová na tradição judaica mais primitiva, advogado ou representante dos homens junto a este, e que, posteriormente, sob a influência do problema do mal e das soluções de tipo dualista dadas a esse problema, passou a significar o mau, o demônio. Etimologicamente, provém do latim *satănās*, derivado do grego *satanâs* e, este, do hebraico *sātānā.*

Caçula – (QSL 238, p.211), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Cunha, o conceito da lexia refere-se ao mais moço dos filhos ou dos irmãos. Etimologicamente, tem origem no quimbundo *ka´zuli*.

Prostituta – (QSL 240, p.212), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito diz respeito à mulher que exerce a prostituição. Etimologicamente, origina-se do latim *prostitūta.*

Xará – (QSL 243, p.214), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Cunha, o conceito diz respeito à pessoa que tem o mesmo nome que outra. Etimologicamente, é oriunda do tupi *ša´ra*, de *šerera*, significando 'meu nome'.

Peteca – (QSL 245, p.215), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Cunha, o conceito refere-se a um disco de palha de milho, de pano ou de couro, recheado de algodão ou de pedaços de cortiça, guarnecido em uma das faces de um molho de penas, que se lança ao ar com uma pancada com a palma da mão, jogo em que os participantes arremessam a peteca para o alto, passando-a de um para o outro sem deixá-la cair no chão. Etimologicamente, é oriunda do tupi *pe´teka*, significando 'bater com a palma da mão'. Todavia, o conceito usado pelos informantes é o mesmo que 'bolinha de gude'.

Baladeira – (QSL 246, p.215), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Cunha, o conceito é o mesmo que o de ‘atiradeira’. Etimologicamente, é oriundo do francês *ballade* ou *balle* mais o sufixo ‘eira’.

Pata-cega – (QSL 247, p.216), de acordo com Pottier é uma lexia composta. Esta lexia deve ser analisada por partes. Primeiro, a lexia ‘pata’ que, segundo Houaiss e Villar, é a designação comum às aves anseriformes da família dos anatídeos, aquáticas, que geralmente possuem grande porte. Etimologicamente, tem origem onomatopaica. Segundo, a lexia ‘cega’ que, segundo Cunha, tem origem no latim *caecāre*, significando ‘privado da vista’. A lexia pata-cega não se encontra dicionarizada.

Manja-pega – (QSL 248, p.216), de acordo com Pottier é uma lexia composta. Segundo Houaiss e Villar, o conceito da lexia é o mesmo que o da brincadeira esconde-esconde. Etimologicamente, tem origem obscura.

Balanço – (QSL 251, p.218), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Cunha, o conceito diz respeito ao ato ou efeito de balançar. Etimologicamente, tem origem no antigo italiano *balancio*.

Amarelinha – (QSL 253, p.219), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito diz respeito à brincadeira infantil que consiste em saltar, com apoio numa só perna, casa a casa de uma figura riscada no chão, após jogar uma pequena pedra achatada, ou objeto semelhante, em direção a cada uma das casas (quadrado), sequencialmente, pulando a que contém a pedra ou objeto. Nascentes credita o termo ao francês *marelle* (século XI), jogo infantil em que se usa um fragmento de madeira ou pedra pequena para jogar em uma figura riscada no chão.

Macaca – (QSL 253, p.219), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, tem o mesmo conceito do jogo de amarelinha, além de fêmea do macaco; mulher feia; má sorte; agenda; vaca que não dá cria; chibata de relho com cabo de madeira. Etimologicamente, tem origem em macaco com a troca da vogal temática de ‘o’ para ‘a’, o que reporta para a origem africana da palavra, provavelmente quinguana *makako*, significando ‘pequeno símio’.

Sapeca – (QSL 255, p.220), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito diz respeito à pessoa assanhada, buliçosa, irrequieta; moça leviana, saliente,

muito namoradeira. Etimologicamente, tem origem no tupi *sa´peka*, significando ‘chamuscado’, derivação semântica de sapecar: a pessoa que se encontra no fogo, sobretudo nos pés, começa a pular para fugir do calor.

Apressado – (QSL 256, p.220), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito diz respeito àquele que tem pressa, apressurado, açodado; impaciente, que quer tudo com pressa, ansioso; que se caracteriza pela ausência de reflexão, de maturidade. Segundo Cunha, a lexia vem do latim *pressa.*

Avexado – (QSL 256, p.220), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, a lexia tem o mesmo conceito que vexado. Segundo Cunha, vexar significa atormentar, molestar, maltratar, humilhar e é oriundo do latim *vexātĭō.*

Entupido – (QSL 258, p.221), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, a lexia tem o conceito ‘que se entupiu, que se obstruiu; que está cheio ou abarrotado, entulhado; sem resposta ou ação, incapaz de responder; cheio de comida, embuchado, empanzinado; que está constipado, que tem prisão de ventre. Etimologicamente, tem origem obscura.

Prisão de ventre – (QSL 258, p.221), de acordo com Pottier é uma lexia composta. Segundo Houaiss e Villar, no verbete ‘prisão’ encontra-se o conceito da lexia composta em questão, significando constipação, retenção de fezes. Etimologicamente, tem origem do latim *prehensio*.

Fofoqueiro – (QSL 261, p.223), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito designa aquele que faz fofoca, que se intromete em assuntos alheios. Etimologicamente, tem origem em ‘fofoca’, que é de origem banta.

Gitinho – (QSL 262, p.223), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Não é uma lexia dicionarizada.

Boba – (QSL 263, p.224), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito da lexia designa uma figura grotesca; que ou o que faz rir pelo seu lado cômico, ridículo ou pouco delicado. Tem origem controversa, provavelmente latim *bālbus*.

Mongolóide – (QSL 263, p.224), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito refere-se ao que é próprio da raça mongol; que apresenta caracteres

físicos dos indivíduos dessa raça; aquele que sofre de mongolismo. Etimologicamente, segundo Cunha, é derivado do francês *mongolisme*.

Malino – (QSL 266, p.226), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito designa aquele que faz muita travessura, arte (diz-se especialmente de crianças); traquinas; o diabo. Etimologicamente, a lexia deriva do latim *malignus*, segundo Cunha.

Maceta – (QSL 268, p.227), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito designa um martelo de cabo curto e cabeça em forma troncônica ou de paralelepípedo, com que os canteiros golpeiam um escropo ou ponteiro; pequeno instrumento para golpear; pedra cilíndrica com uma das bases chata e lisa, que é usada para triturar e desfazer torrões de tinta; baqueta relativamente curta, com a cabeça revestida de algo macio. No entanto, nenhum desses conceitos se assemelham ao conceito empregado pelos informantes, que é o de algo grande, imenso. Etimologicamente, a lexia é derivada de *maça* mais o sufixo 'eta', sendo que 'maça' vem do latim *matĕa*.

Galeroso - (QSL 272, p.229), de acordo com Pottier é uma lexia simples. A lexia não se encontra dicionarizada.

Cotoco - (QSL 277, p.231), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito da lexia designa a ponta extrema de um membro do qual se amputou uma parte, coto; pequeno pedaço de qualquer coisa; parte restante da vela; faca pequena e sem valor; indivíduo muito baixo. Etimologicamente, a lexia tem origem em coto, do latim *cūbitus (<cobto<cotto< coto*)

Até o tucupi - (QSL 278, p.232), de acordo com Pottier é uma lexia composta. Segundo Houaiss e Villar, 'tucupi' é uma espécie de molho feito com água-de-goma e pimenta, que acompanha vários pratos da cozinha do Norte do Brasil. Etimologicamente, tem origem no tupi *tiku´pir*, significando 'destilado'.

Pegar o beco - (QSL 282, p.233), de acordo com Pottier é uma lexia composta. Esta lexia deve ser analisada por partes. Primeiro, o item lexical 'pegar' que, segundo Cunha, tem o conceito de fazer aderir, prender, segurar e, etimologicamente, tem origem no latim *pĭcāre*. Segundo o item lexical beco que, segundo Cunha, designa uma rua estreita e curta e, etimologicamente, é uma forma evolutiva do latim *via*, estrada, caminho ou rua.

Deu prego - (QSL 283, p.234), de acordo com Pottier é uma lexia composta. Esta lexia deve ser analisada por partes. Primeiro, o item lexical ‘deu’ que, segundo Cunha é o particípio do verbo dar, cujo conceito é doar, fazer presente de, produzir, soar, noticiar, abranger e se origina do latim *dāre*. Segundo, o item lexical ‘prego’ que, segundo Cunha, tem origem no verbo ‘pregar’, significando cravar, fincar e, cuja etimologia tem origem no latim *plĭcāre*.

Ticar o peixe - (QSL 286, p.235), de acordo com Pottier é uma lexia composta. Esta lexia deve ser analisada por partes. Primeiro, o item lexical ‘ticar’ que, segundo Houaiss e Villar, significa assinalar com tique ou sinal para efeito de verificação; marcar com furo (bilhete, tíquete etc) para efeito de conferência. Etimologicamente, se origina de ‘tique’ mais o sufixo ‘ar’. O item lexical ‘tique’, segundo os mesmos autores, tem o conceito de acre, picante como caril ou aguardente e, etimologicamente, tem origem controversa, possivelmente se originou do sânscrito *tik´a.* Segundo, o item lexical ‘peixe’ que, segundo Cunha, tem o conceito de um animal cordado, gnastomado, aquático, com nadadeiras, com pele geralmente coberta de escamas, que respira por brânquias e tem origem no latim *piscis*.

Tontom - (QSL 289, p.237), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, a lexia é uma variação de tom-tom, que, na culinária chinesa (Macau) significa bala, rebuçado. Etimologicamente, origina-se do chinês *t´óng t´óng*, que significa linguagem infantil. No entanto, o conceito que os informantes da pesquisa deram à lexia é o mesmo que ‘cangote’.

Tá de bode - (QSL 290, p.237), de acordo com Pottier é uma lexia composta. Esta lexia deve ser analisada por partes. Primeiro, o item lexical ‘tá’, que é uma variante linguística do verbo ‘estar’ que, segundo Cunha, significa ‘ser em um dado momento, ficar’ e cuja etimologia tem origem no latim *stāre*. Segundo, o item lexical ‘bode’ que, segundo Cunha, designa o macho da cabra, ou caprino em geral, mas tem origem incerta. Segundo Houaiss e Villar, apesar da origem obscura, acham o origem pré-romana a mais provável, pelo estudo do termo *bod.*

Beiju - (QSL 166, p.175), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito da lexia refere-se a um bolo de goma (polvilho) ou de massa de mandioca assada, de que há diversas variedades; acepipe feito com fubá, açúcar e manteiga, que se assa no forno ou em chapa; espécie de biscoito doce muito leve e quebradiço, enrolado como canudo, anunciado nas ruas pelo som de uma matraca; farinha de milho grossa e torrada, com flocos, que

se come com leite. Etimologicamente, origina-se do tupi *mbe´yu*, significando bolo de farinha de mandioca.

Candiru - (QSL 86, p.136), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito diz respeito aos peixes teleósteos siluriformes das famílias dos tricomicterídeos e ceptosídeos, geralmente, de distribuição amazônica, hematófagos, capazes de parasitar as brânquias de outros peixes e penetrar em orifícios naturais de animais e da espécie humana, podendo causar ferimentos graves e até a morte; peixe (Vandelliacirrhosa) da família dos tricomicterídeos encontrado na Amazônia, Rio de Janeiro e Orinoco, com até oito centímetros de comprimento, corpo rosado, cabeça deprimida e barbelas nos lados da boca, guarnecida de dentes cônicos e espinhos no opérculo. Etimologicamente, tem origem no tupi *kandi´ru.*

Jabá - (QSL 170, p.177), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito diz respeito ao mesmo que charque. Etimologicamente, tem origem controversa, possivelmente, segundo Silveira Bueno, no tupi *yabá*.

Jerimum - (QSL 168, p.175), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito designa a abóbora. Etimologicamente, origina-se do tupi *yuru´mū*, significando fruto do jerimuzeiro, abóbora.

Macaxeira - (QSL 169, p.176), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito refere-se a mandioca ou aipim. A etimologia da lexia tem origem no tupi *maka´xera*.

Mangarataia - (QSL 165, p.174), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, o conceito é o mesmo que gengibre. Etimologicamente provém do tupi *manga´ra* (planta da família das aráceas, significando bulbosa) mais o tupi *taya*, significando ‘que arde, picante’.

Mungunzá - (QSL 167, p.175), de acordo com Pottier é uma lexia simples. Segundo Houaiss e Villar, a lexia designa uma espécie de mingau feito de milho branco com leite e leite de coco, temperado com açúcar e canela. Etimologicamente, origina-se no quimbundo *mukunza,* significando milho cozido.

Pé de moleque - (QSL 159, p.171), de acordo com Pottier é uma lexia composta. Esta lexia se encontra dicionarizada. Segundo Houaiss e Villar, o conceito refere-se a um doce

consistente feito de açúcar ou rapadura com amendoim torrado; bolo feito de mandioca, fubá, coco e açúcar; amendoim torrado, descascado e triturado posto em calda de açúcar temperada com erva-doce até o ponto de cortar, feito em torrões (colocados em cartuchos cônicos) ou placas triangulares ou retangulares; calçamento de rua com pedras irregulares de tamanhos diversos. Etimologicamente, a lexia origina-se do latim *pes, pĕdis* mais do quimbundo *moleke*, significando garoto, filho pequeno.

Assim, procedendo a uma análise quantitativa dos termos, criou-se uma tabela que sintetizou a porcentagem da etimologia das lexias encontradas:

Línguas	Porcentagem
Latim	44,70 % ~ 45%
Tupi	16,47 % ~16 %
Africano (banto, quimbundo etc)	9, 41 % ~ 9 %
Francês	5,88 % ~ 6 %
Origem obscura	4,70 % ~ 5 %
Pré-romana	3,52 % ~ 4 %
Lexia não dicionarizada	3,52 % ~ 4 %
Árabe	2,35 % ~ 2 %
Origem controversa	2,35 % ~ 2 %
Castelhano	1,17 % ~ 1 %
Sânscrito	1,17 % ~ 1 %
Italiano	1,17 % ~ 1 %
Hebraico	1,17 % ~ 1 %
Chinês	1,17 % ~ 1 %
Onomatopaica	1,17 % ~ 1 %

Tabela 3: Porcentagem da origem do léxico encontrado no repertório linguístico dos migrantes que vivem na cidade de Manaus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo examinar o léxico falado no Amazonas, mais especificamente, registrar o repertório linguístico dos migrantes interioranos provenientes de Tefé, Itacoatiara e Manacapuru, que vivem em Manaus há pelo menos cinco anos, através de um levantamento de dados geolinguisticamente coletados.

A pesquisa mostrou que, no caso dos migrantes interioranos do estado do Amazonas, pode-se dizer que eles compartilham traços da cultura dominante e, ao mesmo tempo, apresentam elementos que não pertencem a essa cultura. Eles lidam com um processo dialético que, de um lado permite que eles se adaptem às relações capitalistas de produção e à língua padrão urbana oral e, por outro, mantenham sua identidade étnica ou de migrante. Portanto, através dos dados desta pesquisa, pode-se afirmar que os caboclos migrantes que vieram do interior do estado e que residem há pelo menos cinco anos na cidade de Manaus, assumiram uma identidade de resistência, segundo Castellls (1996). A escolha vocabular demonstra, no entanto, que houve uma variação na identidade linguística deles, variando seu modo de falar.

Observa-se que expressões que têm similares em outras regiões do país como ‘até o pescoço’ covariam com a forma típica da região ‘até o tucupi’. O mesmo acontece com ´tá de bode’ e ‘TPM’, ‘tontom’ e ‘cangote ou pescoço’, ‘maceta’ e ‘grande’, ‘jerimum’ e ‘abóbora’, ‘galeroso’ e ‘trombadinha’ ou ‘bandido’, ‘ficar de bubuia’ e ‘preguiçoso’, ‘machuda’ e ‘lésbica’, talvez já denotando os efeitos da globalização. Ainda sob esse enfoque, foi encontrada a lexia ‘avexar’, tipicamente nordestina e encontrada no *Amazonês*, como covariação manauara de ‘pegar o beco’.

Quanto à comparação com os campos semânticos lexicais dos registros obtidos com os do ALAM, pode-se dizer que houve uma alteração estimada em 59% do léxico dos migrantes, de maneira que uma porcentagem significante de informantes que residem em Manaus alterou o seu modo de falar na cidade grande, utilizando itens lexicais diferentes aos aqueles comumente empregados por caboclos que vivem no interior de Tefé, Itacoatiara e Manacapuru.

Os resultados desta pesquisa corroboram a hipotética mudança linguística previamente estabelecida nos primórdios deste trabalho, salientando que a mudança linguística identificada não está em consonância com o desejo do migrante a uma mobilidade social ascendente, uma vez que as respostas às perguntas 292 e 293 demonstram que os informantes mostram-se muito confortáveis com a identificação de caboclos atribuída a eles por outros, havendo mesmo um certo

orgulho nesta identificação. Assim, a identidade linguística não é consonante com a identidade étnica. Sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas para confirmar essa hipótese.

Todavia, pode-se dizer que em comparação com os dados do *Amazonês*, os migrantes que assimilaram o léxico da capital corresponde a 40% apenas. Isto pode ser explicado devido ao fato de que os migrantes que residem na capital do Amazonas não estabeleceram redes sociais muito difusas, conforme falado anteriormente. Apenas três deles disseram pertencer a grupos religiosos. O restante tem um vida mais reclusa, convivendo apenas com a família, trabalho e vizinhos. Apenas 15 % não encontraram nenhum léxico que pudesse servir de resposta às perguntas.

Assim, sugere-se que novos estudos sejam viabilizados para que se possa analisar se esses resultados estão restritos aos migrantes menos favorecidos economicamente e/ou se outros grupos sociais trariam resultados diferentes. Novos estudos também poderiam analisar se realmente está acontecendo uma homogeneização da cultura cabocla e se chegar a uma conclusão definitiva, apesar de os trabalhos realizados por outros pesquisadores sobre a região apontarem uma possível estigmatização não só do termo caboclo, mas da cultura deste grupo social por parte de alguns setores da própria sociedade manauara.

Quanto ao aspecto ideológico do léxico encontrado nas respostas ao questionário semântico-lexical, pode-se dizer que o migrante, apesar de deslocado do seu sítio de origem, traz dentro de si características culturais como a crença, a superstição, a natureza e o elemento místico, próprio da sua cultura ribeirinha e dos seus valores. Elementos ribeirinhos como saci-pererê estão presentes no seu imaginário, assim como o corisco, que é uma pedra em forma de machado que onde bate solta fagulhas.

Quanto ao aspecto etimológico, pode-se dizer que, consonante com o estudo bibliográfico, a maioria do léxico falado pelos migrantes na cidade de Manaus originou-se dos itens lexicais provenientes do latim com 44 %. Em seguida, o tupi se apresentou com 16 % como sendo a origem dos itens lexicais encontrados, seguido pelo africano (banto, quimbundo, etc) com 9 %, corroborando a expectativa histórica da nossa colonização. A seguir, aparece o francês com 6 % como origem dos itens lexicais obtidos na pesquisa.

No léxico dessas comunidades ficam impressas as marcas do latim, da africanidade e do indigenismo, mas também do francês, do pré-romano, do árabe, do castelhano, do sânscrito, do italiano, do hebraico, do chinês, entre outros tantos, refletindo a riqueza da origem dos itens lexicais dos termos usados no denominado português do Brasil ou português brasileiro, de acordo com o processo sócio-histórico-cultural sofrido pelo país ao longo dos séculos.

"Da mesma forma, lexias como bustela (dicionarizada bostela), puta, capeta etc. de origem latina, usados tão frequentemente com sentido pejorativo, parecem não ter mais a origem que comumente se considera culta e privilegiada" (BARBOSA, 2013), denotando que a língua varia e que cumpre aos pesquisadores registrar e resgatar o seu uso real num determinado tempo e espaço, favorecendo as pesquisas linguísticas e sociais que possibilitem um melhor entendimento de uma dada comunidade linguística.

Conforme proposto, foram realizados o registro e a análise dos itens lexicais dos migrantes em seu aspecto etimológico e ideológico. No entanto, pretende-se trabalhar futuramente com o restante do *corpus* coletado, fazendo um cruzamento dos dados em relação à faixa etária e nível de escolaridade, para se registrar o léxico que predomina nesses itens de análise. Como toda pesquisa de campo, este trabalho abre um leque de possibilidades para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter. **Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade**, São Paulo: Annablume, 2006.

ALVES, Ieda Maria. Neologia e tecnoletos. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P.; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As ciências do léxic**o. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

_____. Percorrendo o caminho das palavras. In: CARVALHO, Nelly. **Empréstimos linguísticos língua portuguesa,** São Paulo: Cortez, 2009.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **No rio amazonas**. Tradução de Eduardo de Lima Castro, São Paulo Ed da Universidade de São Paulo, 1980.

AZEVEDO, Orlando da Silva. **Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil**: Um estudo sobre as pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (Pará)e no Médio Solim (Amazonas), Tese de doutorado, UFSC, 2013

BACELAR, Eliane de Miranda Rodrigues. **As variações linguísticas no falar brasileiro**, Brasília, p. 1-16, 2009.

BAKHTIN, Mikail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARBOSA, Maria Aparecida. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P.; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As ciências do léxico**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001

BARBOSA, Quézia Maria Reis de Oliveira. **Um perfil lexical do português falado em comunidades quilombolas em Barreirinha (AM): um estudo dialetológico**. Dissertação de mestrado, UFAM, Manaus, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BERNAL, Roberto Jaramillo. Índios urbanos: processo de reconformação das identidades étnicas indígenas em Manaus. In: SILVA, Sydney Antônio (org). **Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar**, Manaus: EDUA, 2010.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: formação social e cultural**, 3. ed. Manaus: Valer, 2009.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. A estrutura mental do léxico. In: QUEIROZ, T. A. **Estudos de filologia e linguística**, São Paulo: Edusp, 1981.

_____. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**, 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BITAR, Eliana Freire. Amazônia – um relato de sua (des)construção sociocultural. **Enciclopédia Biosfera,** Centro Científico Conhecer, Goiânia, vol.6, n.11, pág. 1-10, 2010.

BITTENCOURT, Agnello. **Fundação de Manaus: pródomos e sequências**, 2.ed. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade: um estudo sociolinguístico de migração e redes sociais.** Tradução de Stella Maris Bortoni-Ricardo, Maria do Rosário Rocha Caxangá, São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

CALDAS, Miguel P.; WOOD Jr, Thomaz. Identidade organizacional, **RAE (Revista de Administração de empresas)**, vol. 37, n. 1, São Paulo, p. 6-17, 1997.

CALHOUN, Craig. Multiculturalismo e nacionalismo, ou por que sentir-se em casa não substitui o espaço público. In: MENDES, Cãndido. **Pluralismo cultural, identidade e globalização**, Rio de Janeiro: Record, 2001.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcos Marcionilo, São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CARDOSO de OLIVEIRA, Roberto. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira Editora, 1976.

_____ **Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução de KlaussBrandiniGerhart, 7. ed. São Paulo: Paz e Terra Ltda, 1996.

CIÊNCIAemPAUTA/SECTI-AM. Site do governo do Amazonas. Disponível em <http://www.cienciaempauta.am.gov.br/2012/07/pesquisa-estuda-sobrevivencia-dos-indigenas-no-espaco-urbano-de-manaus/> acesso em 27 de junho de 2013.

CORREA, Hydelvídia Cavalcante de Oliveira. **O falar do caboclo amazonense**. Dissertação de mestrado, PUC-Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 1- 274, 1980.

_____. O léxico do falar caboco e a cultura cabocla. **CELSUL** – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, Cascavel, PR, p. 1-15, 2012.

COSERIU, Eugenio. A Geografia Linguística. In:_____. **O homem e sua linguagem**. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro, Presença/São Paulo, Universidade de São Paulo, 1982. p. 105.

COSTA, Danielle Pereira da. Migrantes urbanos em Manaus: perfil, percurso migratório e mobilidade intraurbana. In: SILVA, Sidney Antonio da. **Migrantes em contexto urbanos: uma abordagem interdisciplinar,** Manaus: Edua, 2010.

CRISTIANINI, Ana. Cristina. Sociolinguística: uma abordagem para o estudo do léxico. In: SANTOS, I. P. dos; CRISTIANINI, A. C. **Sociogeolinguística em questão: reflexões e análises**. São Paulo: Paulistana, 2012.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM**. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas, 2004.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

CUNHA, Antônio Geraldo da .**Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010

CUNHA, Lúcia Deborah Araújo de Salles. **Brasil brasileiro: o léxico e a identidade nacional**. Tese de Doutorado UERJ, p. 1- 173, Rio de Janeiro, 2010.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

EMMI, Marília Ferreira. **Italianos na Amazônia (1870-1950): pioneirismo econômico e identidade,** Belém: NAEA, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. In:MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Christina (orgs). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**, vol 3, 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio** versão 5.0. 2004.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. **A dialetologia no Brasil.** São Paulo: Editora Contexto, 1994.

FERREIRA, Rubens da Silva; COSTA, Érica Elaine. **Imigrantes espanhóis na Amazônia Paraense: em direção à construção de entendimentos a partir das passagens subvencionadas pelo Governo Paraense (1896-1899**), Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, p.1-15, julho 2011.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 8. ed. , São Paulo: Ática, 2007.

FONSECA, Ozorio J. M. **Pensando a Amazônia**, Manaus: Valer, 2011.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Rio babel: a história das línguas na Amazônia**, Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

_____. **Da fala boa ao português na Amazônia brasileira.** Revista Ameríndia, p. 1-83, Paris, 1983.

GARCIA, Etelvina. **O Amazonas em três momentos; colônia, império e república**. 2.ed. Manaus: Norma Editora, 2010.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien, Rio de Janeiro: Zahar, 2002

GIOIELLI, Rafael Pompéia. **Pistas para entender a identidade cultural no contexto da globalização.** Grupo de Estudo sobre Práticas de Recepção e Produtos Midiáticos, Novos Olhares, n.14, p.12-22, 2004.

GOIS, Miguel Ventura Santos. **A influência dos estrangeirismos na língua portuguesa: um processo de globalização, ideologia e comunicação**, UFS e Univ. Tiradentes, p.1-21, 2007.

GUZMÁN, Décio de Alencar. Índios misturados, caboclos e curibocas: análise histórica de um processo de mestiçagem, rio negro (Brasil), séculos XVIII e XIX. In: ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter. **Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade,** São Paulo: Annablume, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, 6. ed. , Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Quem precisa da identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** (org) Stuart Hall, 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HARRY, Mark. Presente ambivalente: uma maneira amazônica de estar no tempo. In: ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter. **Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade,** São Paulo: Annablume, 2006.

HOUAISS. Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de janeiro: Objetiva 2001.

IANNI, Octávio. **A sociedade global**. 13 ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

IBGE. Censo demográfico, 2010. Disponível em <www.sidra.ibge.gov.br>acessado em 2 de setembro de 2014.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIMA, Déborah de Magalhães. A construção histórica do termo caboclo: sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico, **Novos Cadernos NAEA** vol. 2, nº 2 - dezembro, p. 5-31, 1999.

LOPE BLANCH, M. La sociolinguística y la dialectología hispánica. In: ALVAR, M.; LOPE BLANCH, M. (Orgs.). **Entorno a la sociolingüística**. México: UNAM, p.35-49, 1978.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir, **Estudos Avançados**, vol. 16, n. 45, p. 107-121, 2002.

MACHADO, Hilka Vier. A identidade e o contexto organizacional: perspectivas de análise. **RAE (Revista de Administração Contemporânea)** v. 4, p.51-73, 2003.

MALDONATO, Mauro. Arquipélago identidade: o declínio do sujeito autocêntrico e o nascimento do eu múltiplo. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**, vol. 8, n. 3, p. 480-496, 2005.

MARINHO, Thais Alves. Os caminhos da identidade em um mundo multicultural**. Revista Fórum**, Ano 3, vol. 5, p. 81-107, 2009.

MARTELOTTA, Mário Eduardo de. **Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso**, São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINS, Luis Carlos. **O norte apagado: algumas formas de materialização discursiva do silenciamento do indígena e do caboclo da Amazônia brasileira**. Simpósio do II Seminário de Análise do Discurso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 1-19, nov 2005.

MENESES, Gilherme Pinto. **O conceito de identidade em estudos organizacionais: uma revisão bibliográfica sobre os usos e origens do conceito**, FGV, São Paulo, p. 1-59, 2009.

MENDES, Luciano; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. O desenvolvimento tecnológico e o pequeno produtor rural: construção, desconstrução ou manutenção da sua identidade? **Cadernos EBAPE**, v. 8. n. 1, artigo 10, Rio de Janeiro, p. 168-183, 2010.

MILROY, Lesley. **Language and social network**, Oxford: BasilBlackwell, 1980.

MOCELLIM, Alan. A questão da identidade em Giddens e Bauman. **Em Tese** (Revista eletrônica dos pós-graduandos em sociologia política da UFSC), v. 5, n. 1, p. 1 -31, 2008.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**, Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **A capitania de São José do Rio Negro**. 4.ed. Manaus: Valer, 2002.

MOLLICA, Maria Cecilia., BRAGA, Maria Luiza (orgs). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

NAZARETH, Tayana; BRASIL, Marília; TEIXEIRA, Pery. Manaus: crescimento populacional e migrações nos anos 90, **Informe Gepec, Toledo**, v. 15, número especial, p. 488-502, 2011.

OLIVEIRA, Márcia Maria de Oliveira. Mudanças no percurso migratório de migrantes urbanos: breves reflexões sobre os resultados de Manaus. In: SILVA, Sidney Antonio da. **Migrantes em contexto urbanos: uma abordagem interdisciplinar,** Manaus: Edua, 2010.

OLIVEIRA, José Aldemir de. Gente em movimento: migração no contexto regional. In: SILVA, Sidney Antonio da. **Migrantes em contexto urbanos: uma abordagem interdisciplinar**, Manaus: Edua, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Identidade linguística escolar. In; SIGNORINI, Inês (org). **Lingua(gem) e identidade: elementos para um discurso no campo aplicado**, Campinas, SP: Mercado das letras, 1998.

POTTIER, Bernard. **Linguística geral: teoria e descrição**. Tradução de Walmírio Macedo, Rio de Janeiro: Presença, 1978.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis de fala**. São Paulo: Editora Nacional, 1974.

RAJAGOPALAN, K. A construção de identidades e a política de representação. In: FERREIRA, L. M. A; ORRICO, E. G. D. **Linguagem, identidade e memória social**, Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

_____. O conceito de identidade em linguística: É chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês (org). **Linguagem e identidade: elementos para um discurso no campo aplicado,** Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998.

RASTIER, François. **Sémantique interprétative**. Paris: Editora PressesUniversitaires de France, 1987.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. **Proposta de análise do aspecto semântico-lexical em atlas linguísticos regionais brasileiros,** p.1-13, 2005.

_____. Sociogeolinguística e interação face a face: diálogo possível. In: SANTOS, I. P. dos; CRISTIANINI, A. C. **Sociogeolinguística em questão: reflexões e análises**. São Paulo: Paulistana, 2012.

SANTOS, I. P. dos; CRISTIANINI, A. C. **Sociogeolinguística em questão: reflexões e análises. São Paulo: Paulistana,** 2012

SANTOS, Miriam de Oliveira. A noção de identidade e seu uso nos estudos migratórios. **Ver. Inter. Mob. Hum.** Ano XVIII, n. 34, Brasília, p. 27-43, jun. 2010.

SANTOS, Luciano dos. As Identidades Culturais: Proposições Conceituais e Teóricas. **Revista Rascunhos Culturais,** v.2, n.4, Coxim, MS, p.141-157, 2011.

SEMPRINI Andrea. **Multiculturalismo**. Bauru, São Paulo: Edusc, 1999.

SEVERO, Cristine Gorski, **Por uma perspectiva social dialógica da linguagem: repensando a noção de indivíduo.** Tese de doutorado da UFSC, Florianópolis, 2007

SEYFERTH, Giralda. Imigração e (re)construção de identidades étnicas. In: NETO, Helion Póvoa; FERREIRA, Ademir Pacelli. **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios,** Rio de Janeiro: Revan, 2005.

SILVA, Sidney Antonio da. Migrantes na cidade de Manaus: processos de inserção na metrópole e mudanças socioculturais. In: SILVA, Sidney Antonio da. **Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar,** Manaus: EDUA, 2010.

_____. Hermanos Amazônicos: processos identitários e estratégias de mobilidade entre peruanos e colombianos em Manaus. In: SILVA, Sidney Antonio da. **Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar,** Manaus: EDUA, 2010a.

_____.Peruanos em Manaus, Boa Vista e Pacaraima: trajetórias e processos identitários. **XI CONLAB de Ciências Sociais**, Universidade Federal da Bahia, Salvador, p. 1-15, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**, Petrópolis, RJ: Vozes, 8. ed. 2008.

SOUZA SANTOS, Boaventura. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

SOUZA, Sérgio A.F. **Amazonês: expressões e termos usados no Amazonas**. Manaus: Editora Valer, 2011.

TAKANO, Yuko. O item lexical 'corno' e suas variações no atlas linguístico da Paraíba: uma proposta de estudo semântico-lexical. In: SANTOS, I. P. dos; CRISTIANINI, A. C. **Sociogeolinguística em questão: reflexões e análises**. São Paulo: Paulistana, 2012.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TEIXEIRA, Pery; BRASIL, Marília; RIVAS, Alexandre Almir Ferreira. **Produzir e viver na Amazônia rural: estudo sociodemográfico de comunidades do médio Solimões**, 2.ed. Manaus: Instituto I- piatam, 2008.

TILIO, Rogério. Reflexões acerca do conceito de identidade. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades,** v. 8, n. 29, p. 109- 119, 2009.

TORRES, Francinery Gonçalves Lima. **A realização das variantes palatais nos municípios de Itapiranga e Silves**. Dissertação de Mestrado, Manaus, p.1-71, 2009.

VIANA, Cristina Amaro. **Identidade pessoal e continuidade**. Kínesis, vol II, n. 3, p.266-283, 2010.

WARDHAUGH, Ronald. **An introduction to sociolinguistics**, 6. Ed., United Kingdom: Wiley-Blackwell, 2010.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**, trad. De Marcos Bagno, São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais,** 8. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

APÊNDICE A - Ficha do Informante

Código: .....

Nome: .....

Gênero (sexo): ..... Faixa Etária: ..... Idade: .....

Local de Nascimento: .....

Estado Civil: .....

Escolaridade: .....

Morou sempre no local? ( ) Sim ( ) Não Onde? .....

Quanto tempo? .....

Outros domicílios: .....

Profissão: .....

Outras Atividades: .....

Aparelho Fonador: ( ) Bom ( ) Com problemas Qual? .....

Características Psicológicas: ( ) Nervoso ( ) Tranquilo ( ) Espontâneo

Naturalidade da Mãe: .....

Naturalidade do Pai: .....

Naturalidade do Cônjuge: .....

Dispensado do serviço militar? ( ) Sim ( ) Não Onde serviu? .....

Viagens: ( ) No Amazonas ( ) Outros estados

Quais municípios do Amazonas conhece? .....

Quais outros estados/países conhece? .....

APÊNDICE B - Características dos informantes

D.R.M. – Informante do sexo feminino, pertencente à primeira faixa etária com 27 anos. Natural de Tefé. Estado civil: em união estável, sendo o cônjuge natural de Manaus, completou o ensino fundamental. É filha de pai e mãe provenientes da comunidade de Santo Antônio do Içá. Profissão: do lar e é de personalidade nervosa, apesar de ter respondido sem nenhuma apreensão ao questionário. Só conhece Manaus, tendo morado inicialmente no bairro São José e mora no bairro Educandos há sete anos. Não pertence a nenhuma rede social.

C.G.A. – Informante do sexo feminino, pertencente à segunda faixa etária com 36 anos. Natural de Tefé. Estado civil: em união estável, sendo o cônjuge natural de Manaus, estudou até a 5ª série. É filha de pai e mãe naturais da cidade de Tefé. Profissão: do lar e é de personalidade tranquila. Só conhece Manaus, e é moradora do bairro da Cidade Nova há 12 anos. Não pertence a nenhuma rede social.

M.L.M.O. – Informante do sexo feminino, pertencente à terceira faixa etária, com 57 anos. Natural de Tefé. Estado civil: casada, sendo o cônjuge também natural de Tefé e tendo completado o ensino fundamental. É filha de pai e mãe naturais de Tefé. Profissão: do lar, mas já foi agricultora e empregada doméstica. É de personalidade tranquila. Conheceu Coari, Alvaranhães, Arinin, Castanho, Manacapuru e Autazes. Mora há 35 anos na Vila Amazonas. Não pertence a nenhuma rede social específica, apenas a família, trabalho e vizinhos.

R.O.N. – Informante do sexo masculino, pertencente à primeira faixa etária, com 35 anos. Natural de Tefé. Estado civil: casado, sendo o cônjuge natural de Manaus. Escolaridade: 6ª série. É filho de pai e mãe naturais de Tefé. Profissão: pedreiro e é de personalidade tranquila. Frequenta o culto religioso, pois é evangélico e mora há 20 anos na Vila Amazonas.

R.O.M. – Informante do sexo masculino, pertencente à segunda faixa etária, com 37 anos. É natural de Tefé. Escolaridade: completou o ensino fundamental. Estado civil: casado, sendo o cônjuge natural da cidade de Manaus. É filho de pai e mãe naturais de Tefé. Profissão: pedreiro, mas já foi motorista, carpinteiro, bombeiro hidráulico e pintor de parede. É de personalidade tranquila e já viajou por Codajás, Coari, Alvarães. Mora em Manaus há 27 anos, tendo morado no Mauazinho antes de morar na Vila Amazonas. Não pertence a nenhuma rede social específica, apenas a família, trabalho e vizinhos.

A.N. – Informante do sexo masculino, pertencente à terceira faixa etária com 59 anos. É natural de Tefé. Estado civil: casado, sendo o cônjuge também natural de Tefé. Escolaridade: 1ª série. É filho de pai e mãe naturais de Tefé. Profissão: pedreiro. É de personalidade tranquila e não viajou por nenhum outro município de Manaus. Vê TV todos os dias, apreciando os programas noticiários, esportes e evangélicos. Mora na Vila Amazonas há 23 anos. Não pertence a nenhuma rede social específica, apenas a família, trabalho e vizinhos.

J.N.S. – Informante do sexo feminino, pertencente à primeira faixa etária com 24 anos. É natural de Itacoatiara. Estado civil: casada, sendo o cônjuge natural de Tefé. Escolaridade: 5ª série. É filha de pai e mãe naturais de Itacoatiara. Profissão: atendente de lanchonete. É de personalidade nervosa. Participa do grupo social da igreja evangélica e assiste a TV todos os dias, programas como o noticiário e novelas. Mora em Manaus há 10 anos, tendo morado um ano no bairro Coroado, antes de se mudar para a Vila Amazonas.

E.S.N. – Informante do sexo feminino, pertencente à segunda faixa etária, com 43 anos. É natural de Itacoatiara. Estado civil: casada, sendo o cônjuge também natural de Itacoatiara. É filha de pai e mãe naturais de Itacoatiara. Escolaridade: 6ª série. É de personalidade nervosa. Profissão: auxiliar de produção. Mora em Manaus há 23 anos, tendo já morado na Rua Nova e, atualmente, no bairro Educandos. Não conhece outros municípios no Amazonas. Não pertence a nenhuma rede social específica, apenas a família, trabalho e vizinhos

R.N.P. – Informante do sexo feminino, pertencente à terceira faixa etária, com 62 anos. É natural de Itacoatiara. Estado civil: casada, sendo o cônjuge natural da cidade de Fortaleza. Escolaridade: completou o ensino fundamental. É de personalidade nervosa e participa do grupo social religioso. É uma pequena empresária que tem uma lavanderia própria. É filha de pai e mãe

naturais de Itacoatiara. Mora em Manaus há 48 anos. Inicialmente morou no bairro Cidade Nova e atualmente no bairro Parque Dez.

A.R.P. – Informante do sexo masculino, pertencente à primeira faixa etária, com 35 anos. É natural de Itacoatiara. Estado civil: solteiro. Escolaridade: 4ª série. É de personalidade tranquila e não participa de nenhum grupo social. É filho de pai e mãe naturais de Itacoatiara e está morando em Manaus há cinco anos.

R.J.G.S. – Informante do sexo masculino, pertencente à segunda faixa etária, com 44 anos. É natural de Itacoatiara. Estado civil: casado, sendo o cônjuge natural da cidade de Manaus. Escolaridade: 3ª série. É de personalidade nervosa e não participa de nenhum grupo social. É jardineiro, mas já foi agricultor enquanto vivia em Itacoatiara. É filho de pai natural de Itacoatiara e mãe natural do rio Arari (Itacoatiara). Já viajou para Maués. Mora em Manausno bairro Novo Israel há cinco anos.

A.F.R.M. – Informante do sexo masculino, pertencente à terceira faixa etária, com 63 anos. É natural de Itacoatiara. Estado civil: casado, sendo o cônjuge natural de São Paulo de Olivença. Escolaridade: 4ª série. É de personalidade tranquila e não pertence a nenhum grupo social. É filho de pai e mãe naturais do rio Madeira, em Nova Olinda. Profissão: mestre de solda. Já viajou para os municípios de Uricuituba, Tapauá, Nova Olinda e Novo Ayrão. Mora em Manaus há 48 anos, sendo que atualmente no bairro da Compensa.

R.N.S. – Informante do sexo feminino, pertencente à primeira faixa etária, com 35 anos. É natural de Manacapuru. Estado civil: solteira. É filha de pai e mãe naturais de Manacapuru. Escolaridade: 5ª série. É de personalidade nervosa e não pertence a nenhum grupo social. Assiste a TV às vezes, sendo o noticiário e o jornal seus programas preferidos. Profissão: empregada doméstica. Viajou apenas para Terra Nova e mora em Manaus há 25 anos. Atualmente reside na comunidade Jesus me Deu.

M.S.O. – Informante do sexo feminino, pertencente à segunda faixa etária, com 48 anos. É natural de Manacapuru. Estado civil: solteira. É filha de pai e mãe naturais de Manacapuru. Escolaridade: 5ª série. É de personalidade tranquila e não pertence a nenhum grupo social. Assiste a TV, sendo novela o programa favorito. Profissão: empregada doméstica. Viajou para Presidente Figueiredo e Rio Preto da Eva. Mora em Manaus há 42 anos. Já morou no bairro São José e Cidade Nova I.

Q.R.S. – Informante do sexo feminino, pertencente à terceira faixa etária, com 84 anos. É natural de Manacapuru. Estado civil: viúva. É filha de pai e mãe naturais de Manacapuru. Escolaridade: analfabeta. É de personalidade tranquila, gosta de falar e, devido à idade, não

participa de nenhuma rede social, exceto a da própria família que a visita com frequência. Profissão: agricultora. Só viaja para Manacapuru, onde tem parentes. Mora em Manaus há 70 anos. Morou no bairro São José II e atualmente mora na Cidade Nova.

R.R.D. – Informante do sexo masculino, pertencente à primeira faixa etária, com 29 anos. É natural da Ilha do Paratari, em Manacapuru. Estado civil: solteiro. É filho de pai e mãe naturais de Óbidos, no Pará. Escolaridade: ensino fundamental completo. É de personalidade tranquila e não pertence a nenhum grupo social. Profissão: jardineiro. Assiste TV ás vezes. Mora em Manaus há 13 anos no bairro Grande Vitória.

F.S.C. – Informante do sexo masculino, pertencente à segunda faixa etária com 46 anos. É natural de Manacapuru. Estado civil: casado, sendo o cônjuge natural de Manaus. É filho de pai e mãe naturais de Manacapuru. Escolaridade: 3ª série. É de personalidade tranquila e não pertence a nenhuma rede social. Profissão: comerciante. Conhece o município de Anamã. Mora em Manaus há oito anos. Residiu anteriormente no bairro São José para se fixar atualmente no bairro Educandos.

A.C.S. – Informante do sexo masculino, pertencente à terceira faixa etária, com 59 anos. É natural de Manacapuru, com pai e mãe naturais de Manacapuru. Estado civil: casado. Escolaridade: 5ª série. É de personalidade tranquila e não pertence a nenhuma rede social, exceto a da própria família. Profissão: pedreiro. Mora em Manaus há 45 anos.

APÊNCICE C –Termo de consentimento livre e esclarecido

Convido você a participar da pesquisa " Um olhar lexical sobre os migrantes interioranos do estado do Amazonas: um estudo sociogeolinguístico", sob a responsabilidade da sujeitos-entrevistador a Sandra Maria Godinho Gonçalves, que pretende identificar a maneira como os migrantes das cidades de Tefé, Itacoatiara, Parintins e Manacapuru se expressam, após um mínimo de cinco anos vivendo na cidade de Manaus. Sua participação é voluntária e se dará através de respostas a um questionário. Informo que a entrevista será gravada com a sua autorização, mas não será preciso fotografá-lo. Os riscos decorrentes da sua participação na pesquisa são possíveis preconceitos que serão evitados, já que estarei preservando sua identidade. Poderá ocorrer também um pequeno constrangimento, por eu ter que usar um gravador, mas se você se sentir incomodado, me comunique, que eu cancelarei imediatamente a entrevista. Caso ocorra algum problema ocasionado pela pesquisa ele será resolvido e seus efeitos minimizados. Porém, se você aceitar participar, estará contribuindo para fazer um registro do modo de falar dos migrantes interioranos do estado do Amazonas que vieram dos municípios de Tefé, Itacoatiara, Manacapuru e Parintins. Se depois de consentir em sua participação você desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Você não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, você poderá entrar em contato com a sujeitos-entrevistador a, através do telefone (92) (3657-2648), poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130 ou

ainda com o Programa de Pós-Graduação em Letras –PPGL, no Bloco Mario Ypiranga/ ICHL, da UFAM, no telefone (092) 3305.4588

Consentimento Pós-informação

Eu,_____, fui informado (a) sobre o que o sujeitos-entrevistador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo sujeitos-entrevistador , ficando uma via com cada um de nós.

_____ Data: ___/ ____/ _____

Assinatura do participante

Assinatura do sujeitos-entrevistador

Impressão do dedo polegar, caso não saiba assinar:

APÊNDICE D – Questionário Semântico lexical (QSL)

1. MEIO FÍSICO

A – A Terra e os Rios

01. IGARAPÉ

Como se chama um rio pequeno, de uns dois metros de largura?

02. FOZ

Como se chama o lugar onde o rio termina ou encontra um outro rio?

03. REDEMOINHO DE ÁGUA

Muitas vezes, num rio a água começa a girar, formando um buraco na água que puxa para baixo. Como se chama isso?

04. BANZEIRO

Como se chama o movimento das águas do rio provocado pelo vento ou pela passagem de barcos?

05. BEIRA

Como se chama aquele lugar onde a água chega e bate, na margem do rio?

06. CORRENTEZA

Como se chama o trecho onde o rio corre com mais força?

07. PONTE

Como se chama aquela construção feita, geralmente, de madeira, que liga dois pontos opostos, separados por um rio, ribeira ou vale?

08. AREIA

Como se chamam aqueles grãozinhos finos, geralmente brancos, que ficam nas praias, onde a gente pode pisar e as crianças gostam de brincar?

09. POROROCA

Como se chama aquele estrondo forte que a água do rio faz, que acontece próximo à foz do rio Amazonas e que pode destruir tudo o que estiver por perto?

10. MARESIA

Como se chama o mau cheiro do mar ou do rio, na vazante?

11. REPIQUETE

Qual o nome que se dá a uma enchente forte e passageira? Quando o rio volta a encher de repente, quando a enchente já está quase terminando?

12. MARÉ

Qual o nome que se dá àquele movimento das águas do mar ou dos rios, que faz com que as águas subam ou desçam, duas vezes por dia?

13. REMANSO

E aquele trecho de rio, após as corredeiras, onde as águas se espalham, acabando quase que totalmente com a correnteza?

14. VAZANTE

E o período em que o rio apresenta o menor volume de águas? É o melhor período para a pesca?

15. TIPITINGA

Como se chamam aquelas águas barrentas, mas esbranquiçadas?

16. TIPOS DE CANAIS NATURAIS NAVEGÁVEIS)

Como se chamam os atalhos de um rio que servem para encurtar o caminho?

17. ESTREITO

Como se chama a ligação mais estreita que há entre os rios?

18. IGARAPÉ-AÇU

Qual o nome que se dá aos igarapés grandes?

19. IGARAPÉ-MIRIM

E os igarapés menores?

20. ROÇADO

Como se chama a queima de mato, geralmente com o fim de preparar o terreno para semear, plantar ou mesmo para limpá-lo?

21. BARRANCO

Como se chama aquele capim flutuante que cobre completamente a superfície dos lagos e canais?

22. RESTINGA

Como se chama a área de uma terra alagadiça onde se planta juta, cacau, banana e mandioca?

23. CACAIA

Como se chama a vazante que se transforma em restinga destruída pelo fogo?

24. JUQUIRI

Qual o nome que se dá ao mato que toma a frente dos igapós?

25. MURICIZAL

Como se chama o capim alto que dificulta o caminho dos terrenos alagadiços?

26. MATUPÁ

E o capim dentro d´água, o capim podre?

27. IGAPÓ

E o nome da mata cheia de água? O trecho de floresta onde a água, após a enchente dos rios, fica por algum tempo parada?

28. CANARANA

A vegetação pouco alta e entrelaçada que cresce à margem dos rios é chamada de

29. CHAVASCAL

Qual o nome que recebe a floresta própria de terra firme na cabeceira dos igarapés, que fica sempre inundada, mesmo na vazante?

30. ANINGAL

E aquele conjunto de plantas d´água, formado de aningaúbas, comuns nos furos e ilhas flutuantes?

31. ACEIRO

Como se chama um terreno limpo que isola um roçado ou a mata contra o fogo?

32. ARROZ

Como se chama o tipo de capim que serve de alimentação ao peixe-boi?

33. CAPINAR

Quando você diz que vai roçar os matos miúdos com o terçado e a foice, o que você vai fazer? Você vai _____

34. CAMA

Que nome se dá ao mato pequeno e baixo, roçado com o terçado?

35. CHEIA GRANDE

Qual o nome que se dá quando ocorre uma enchente muito forte?

36. CIPÓ-TIMBÓ

Como se chama aquele cipó que tem veneno, que se coloca na água para matar os peixes?

37. CISCAÇÃO

Qual o nome que se dá à limpeza de um terreno em que se tiram os paus menores e as folhas que escaparam do fogo?

38. COIVARA

E ao conjunto de paus amontoados para serem queimados no preparo de um terreno para a plantação de mandioca, da juta ou de qualquer outro tipo de roçado?

39. COVA

Como se chama o buraco feito na terra para o plantio da juta e da mandioca?

40. DESGALHAR

E a maneira de cortar, picar os galhos, na limpeza do terreno?

41. ROÇA

Qual o nome que se dá ao lugar onde se planta a mandioca, feijão, milho, etc. Lugar para a lavoura, onde a mata foi queimada e derrubada para se poder plantar?

42. TERRA FIRME

Como se chama a terra um pouco alta, bem drenada e que, geralmente, não está sujeita a inundações?

43. TERRA CAÍDA

Como se chama a terra da várzea que desmorona na beira dos capins flutuantes?

44. VARADOURO

Como se chama aquele caminho por onde se passa com a canoa, nos trechos onde não se pode navegar?

B – Fenômenos Atmosféricos

45. REDEMOINHO DE VENTO

Que nome se dá ao vento que vai virando em roda, levantando poeira, folhas e outras coisas leves?

46. RELÂMPAGO

Qual o nome daquela luz que risca o céu em dias de chuva?

47. RAIO

E aquela luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore em dias de mau tempo?

48. TROMBA D´ ÁGUA

E aquela chuva de pouca duração, muito forte e pesada?

49. GAROA

E uma chuva bem fininha?

50. ARCO-ÍRIS

Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nome dão a essa faixa?

51. ORVALHO

De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como se chama aquilo que molha a grama?

52. NEVOEIRO

Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar a rua por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como se chama isso?

53. NASCER DO SOL

O que é que acontece com o tempo de manhã cedo? Como se diz quando o dia está amanhecendo?

54. PÔR DO SOL

E o que acontece no final da tarde?

55. CREPÚSCULO

E a claridade que fica no céu depois do pôr do sol?

56. TIPOS DE ESTRELAS/ CONSTELAÇÕES

Que tipos de estrelas você conhece?

57. ESTRELA MATUTINA

De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer?

58. ESTRELA VESPERTINA

De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Qual o nome dela?

59. ESTRELA CADENTE

De noite, muitas vezes pode se observar uma estrela que se desloca no céu e faz um risco de luz? Como se chama isso?

60. VIA LÁCTEA

Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras. Você sabe como se chama essa banda ou faixa?

61. LUA

Durante o dia nós somos iluminados pelo sol. E à noite, o que temos?

62. ONTEM

O dia que passou foi_____./ quando foi que almoçou (ou jantou) pela última vez?

63. ANTEONTEM

O dia que foi antes desse dia? Um dia para trás?

64. TRASANTEONTEM

O dia que foi antes de 'anteontem'? Mais um dia para trás?

II. MEIO BIÓTICO

A-Fauna

1. Aves

65. URUBU

Como se chama a ave preta que come animal morto, podre?

66. COLIBRI

E o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e voa de flor em flor?

67. JOÃO DE BARRO

A ave que faz o ninho com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?

68. GALINHA

E aquela ave que põe ovos e que é muito gostosa para se comer. Aquela que nos dá pintinhos?

69. GALINHA D´ ANGOLA

E a ave de criação, um tipo de galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?

70. PAPAGAIO

A ave do mato de bico curvo e pequeno, de penas coloridas, com mais cores verdes que, quando presa, pode aprender a falar?

71. ARARA

E aquela outra ave, grande, bonita, que se parece com o papagaio, também é colorida, com mais cores vermelha e azul?

72. TUCANO

E aquela outra, que também é muito bonita, tem um bico bem grande e curvo, e também é colorida?

73. RASGA-MORTALHA

E aquela ave que quando passa em cima de uma casa anuncia a morte de alguém?

74. Quais as outras aves que tem por aqui, você saberia me dizer?

2. Peixes, Répteis, Quelônios e Mamíferos

75. Quais os tipos de peixe que você conhece por aqui?

76. PIRARUCU

Como se chama o maior peixe de escama de água doce, considerado o bacalhau brasileiro?

77. JARAQUI

E aquele peixe que tem listras verdes e amarelas no rabo? É também chamado de brasileirinho.

78. SURUBIM

Aquele peixe que é todo pintado e é considerado um peixe de primeira? Um dos poucos peixes de couro.

79. CURIMATÃ

Peixe que se pode comer, de escama, que é pescado com rede ou malhadeira. Parecido com o matrinxã.

80. PACU

Peixe de cor prateada, que mede até 40 cm.

81. PIABA

Como se chama um peixe pequeno?

82. PIRARARA

E o peixe com uma linha amarela ao longo da linha do lado? Peixe liso da região

83. BOTO-TUCUXI

E qual o nome do tipo de boto que é amigo do homem. Dizem que a banha dele serve para curar ferida de gado

84. BOTO-VERMELHO

E do tipo de boto que é inimigo do homem

85. BRANQUINHA

Como se chama um peixe pequeno de escama que serve de isca para pegar outros peixes?

86. CANDIRU

E o peixinho que vive na beira dos rios e dos lagos? Pode causar morte, se penetrar numa pessoa?

87. PIRANHA

Qual aquele peixe que morde, que tem dentes e, geralmente, só gosta de acabar com suas vítimas, com as pessoas, se elas já estiverem sangrando?

88. PIRANHA-CAJU

E aquele tipo de piranha, que morde e tem escama cor de caju?

89. PIRANHA-PRETA

E daquele tipo de peixe de escama negra, que morde e é o terror do pescador, pois corta a linha das tarrafas?

90. TAMBAQUI

Qual o peixe de escamas dos maiores que tem e que é muito saboroso?

91. PIRAPITINGA

E o peixe que é parecido com o tambaqui, especial também para assados?

92. PORAQUÊ

Qual o nome do peixe liso que dá choque quando a gente pega?

93. SARDINHA

E aquele peixe de escamas dos mais comuns da região. Tem escamas grandes, prateadas, com leve manchas e pode medir até 18 cm?

94. TUCUNARÉ

Peixe muito bonito por causa de suas escamas coloridas, tendo parte da cabeça pintada de vermelho, preto e amarelo?

95. TARTARUGA

Como se chama aquele bicho que anda rastejando (lentamente) na terra, gosta de viver na água, tem um casco em cima dele e que é delicioso para se comer, pois a gente pode fazer vários pratos como: sarapatel, farofa, picadinho, etc.

96. JABUTI PIRANGA

E qual a tartaruga pequena que tem as unhas avermelhadas?

97. CABEÇUDA

Tipo de tartaruga que tem a cabeça muito grande?

98. CAPITARI

Que nome recebe o macho da tartaruga?

99. Existem outros tipos de tartaruga por aqui?

100. CALANGRO

Como se chama o animal que prejudica a cultura da juta?

101. JACARÉ

Como se chama aquele bicho grande, que rasteja, vive na água, que tem uma boca bem grande e cheia de dentes e uma cauda também muito grande e é capaz de matar uma pessoa?

102. CERCA

Qual o lugar onde se guardam as tartarugas que se caçam e continuam vivas?

103. PEIXE-BOI

E qual aquele peixe bem grande, de quase 3m de comprimento e que pesa até 1200kg? Peixe liso que come capim?

104. TABULEIRO

Como se chamam as praias onde as tartarugas desovam e são apanhadas?

105. MACACO

Qual o nome daquele bicho que se parece com o homem? Que vive trepado nas árvores. Tem pernas, braços e rabo meio comprido?

106. Quais os tipos de macacos que tem por aqui?

B- Flora

(a)Aquática

107. VITÓRIA-RÉGIA

Como se chama aquela planta d´água, que tem as folhas do tamanho das rodas de uma carreta, que são reviradas na ponta e que ficam boiando em cima das águas como enormes pratos entremeadas de flores brancas?

108. Existe um outro tipo de planta parecida com a vitória-régia?

(b)Terrestre

109. Quais os tipos de árvores que vocês têm por aqui?

110. CUPUAÇU

Qual o nome da árvore que dá um saboroso fruto, de cor marrom, de que se pode fazer doce?

111. TUCUMÃ

E da árvore que dá uma fruta pequena, aqui no Amazonas, que tem um caroço preto, e é de cor amarela? Pode ser comida crua, com café ou feito sanduíche.

112. PUPUNHA

E da árvore que dá uma fruta amarela no Amazonas, com caroço pequeno, verde por fora? É bem gostosa também e deve ser comida cozida.

113. SERINGUEIRA

Como se chama aquela árvore que dá borracha?

114. CASTANHEIRO

E aquela árvore que dá um fruto muito saboroso e nutritivo, que se pode comer cru ou cozido. É um fruto bem pequeno, branco por dentro e tem uma casca marrom.

115. JAMBEIRO

E o nome daquela árvore que dá um fruto gostoso. É uma fruta que é pequena, branca por dentro, com um carocinho preto e vermelho por fora?

116. SAPOTILHA

E aquela outra que dá uma fruta bem gostosa também? Que é pequena e marrom, tem um carocinho preto dentro.

III- MEIO ANTRÓPICO

A- O Homem

(a)Características Físicas

117. NUCA

O que é isso? (Apontar)

118. POMO-DE-ADÃO

Qual o nome desta parte alta do pescoço do homem? (Apontar)

119. MOLEIRA

Qual o nome da parte da cabeça da criança, que fica aqui em cima? (Apontar)

120. SEIOS

A parte do corpo da mulher com que ela dá de mamar aos filhos?

121. CALCANHAR

Como se chama isto? (Apontar)

122. RÓTULA

O osso redondo que fica na frente do joelho?

123. DENTES CANINOS

Esse dois dentes pontudos? (Apontar)

124. DENTES DO SISO

Os últimos dentes, que nascem quando a pessoa já é adulta?

125. (DENTES MOLARES)

Esses dentes grandes no fundo da boca servem para triturar os alimentos

126. DESDENTADO

Como se chama a pessoa que não tem dentes?

127. FANHOSO

Como se chama a pessoa que parece falar pelo nariz? (Imitar)

128 CAOLHO

Como se chama a pessoa que só enxerga com um olho?

129. VESGO

Como se chama a pessoa que tem os olhos olhando em direções diferentes? (Imitar)

130. TERÇOL

Como se chama uma bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha?

131. SOLUÇO

Como se chama esse barulhinho que se faz? (Imitar)

132. CATARACA

Como se chama a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?

133. CANHOTO

Como se chama a pessoa que come com a mão esquerda e faz tudo com essa mão?

134. PERNETA

Como se chama a pessoa que tem uma só perna?

135. MANCO

Como se chama a pessoa que puxa de uma perna?

136. CAMBOTA

Como se chama a pessoa que tem as pernas arqueadas, curvas para os lados?

137. AXILA

Como se chama esta parte aqui? (Apontar)

138. CECÊ

Como se chama o mau cheiro debaixo dos braços

(b)Relações Familiares (Parentesco)

139. CUNHANTÃ

O mesmo que menina, garota.

140. CURUMIM

O mesmo que menino, garoto.

141. MANA

Palavra carinhosa usada para se referir a uma irmã, a qualquer outra parenta e até mesmo a uma amiga

142. MANO

Palavra carinhosa usada para se referir a um irmão, a qualquer outro parente ou até mesmo a um amigo

(c)Alimentação e Saúde (medicina caseira)

143. ANDIROBA

Como se chama aquele óleo de cor amarelada, muito usado em fricções para aliviar dores nos ossos e para fazer embrocações na garganta, para curar inflamação nas amídalas?

144. COPAÍBA

E aquele óleo que se tira de uma árvore que é oca em toda a altura do tronco e parece que a casca não deixa passar água, fazendo com que seja conservado, em seu interior, esse óleo que ela fabrica de três em três anos?

145. BANHO DE SABUGUEIRO

O que vocês usam em casa para curar sarampo?

146. SEBO DE HOLANDA

Como se chama um tipo de gordura (retirada do carneiro) para ser usada no tratamento de reumatismo, ossos, juntas, aquecimento muscular, acne, espinhas e cravos?

147. BENZER

Qual o jeito usado para tirar quebranto das crianças?

148. CHÁ DE CASCA-DE-LARANJA

E o que vocês usam para aliviar dor de estômago?

149. CHÁ-DE-LIMÃO

E o remédio feito em casa para curar gripe?

150. CHÁ DO RABO DE GUARIBA

E o remédio para curar coqueluche?

151. CORUBA

Como vocês chamam qualquer doença que dá na pele? E mancha na pele?

152. PAPEIRA

Aquela doença que faz inchar só um lado do queixo, que dá em criança?

153. ESCABECHE DE PEIXE

Qual a comida que vocês fazem com o peixe depois de frito, vai novamente ao fogo, num molho de temperos e verduras já refogados?

154. MINGAU DE CARIDADE

Qual o nome que se dá ao alimento feito de farinha de suruí e geralmente dado a pessoas que se encontram doentes e enfraquecidas?

155. MIXIRA

Qual o nome da conserva de carne do peixe-boi, feita na própria banha do peixe?

156. MOJICA

Você conhece uma comida feita de peixe assado, que depois de desfiado, é posto para cozinhar num refogado? Como ela se chama?

157. MOQUEADO

Qual o nome do tratamento que se dá ao peixe quando é assado só pelo lado de fora, quase cru no interior?

158. PAXICÁ

Qual a comida preparada com o fígado da tartaruga?

159. PÉ-DE-MOLEQUE

E o beiju feito da mandioca ralada, enrolado na casca da banana?

160. PEIXE SECO

Qual o nome que se dá ao peixe salgado e seco ao sol?

161. PIRÃO

Qual o alimento que é feito com a farinha d´água? É boa para se comer com caldeirada?

162. SARAPATEL

Qual a comida daqui que é feita com o sangue da tartaruga?

163. TACACÁ

E o alimento preparado com goma, tucupi, jambu, camarão, sal, pimenta e que é servido em cuias, bem quente?

164. TANGERINA

Como se chama uma fruta cítrica que é parecida com a laranja de cor alaranjada e sabor adocicado e vem em gomos?

165. MANGARATAIA

O chá dessa planta fervido em água, é usado no tratamento contra gripes, tosse, resfriado e até ressaca, pode ser usado na fabricação de xaropes para combater a dor de garganta e tem propriedade antissépticas.

166. BEIJU

Qual é o nome de uma iguaria feita com a fécula extraída da mandioca, também conhecida como goma da tapioca ou polvilho doce. Esta, ao ser espalhada em uma chapa ou frigideira aquecida, coagula-se e vira um tipo de panqueca ou crêpe seco, em forma de meia-lua.

167. MUNGUNZÁ

Qual é o nome de uma iguaria feita de grãos de milho (geralmente branco) cozidos em caldo açucarado, algumas vezes com leite de coco ou de gado, a que se junta polvilho com canela?

168. JERIMUM

Legume de tamanho médio a grande, que tem a cor alanranjada por dentro e sua casca pode ser verde ou laranja. Pode ser utilizado para fazer doce adicionando coco e açúcar.

169. MACAXEIRA

Como se chama o tubérculo alongado que é branco por dentro e possui uma casca marrom que se faz farinha?

170. JABÁ

Como se chama a carne seca que é usada para cozinhar com o feijão?

171. FARINHA UARINI

Como se chama a farinha em forma de bolinhas feita de mandioca amarela que lembra cuzcuz?

172. BOMBOM

Como se chama a iguaria feita de chocolate em forma pequena e arredondada, que tem dentro de ovos de páscoa.

173. BALA

Como se chama a iguaria que tem como principal ingrediente o açúcar. O açúcar é levado ao fogo até atingir um ponto especial, conhecido como "ponto de vidro". Depois de resfriado, pode ser recheado com polpa de frutas, chocolate, mel, entre outros ingredientes.

174. BÊBADO

Que nome é dado a uma pessoa que bebe demais?

175. PORRONCA

E o cigarro feito pela própria pessoa, enrolado à mão?

176. BAGANA

E o resto do cigarro que se joga fora?

177. CACHAÇA

Qual o nome que se dá para a bebida alcóolica feita de cana-de-açúcar?

(d) Habitação (estrutura, mobília, utensílios domésticos)

178. ABANO

Qual o nome que se dá àquela coisa que a gente faz assim (Imitar). Feita de palha entrelaçada e que serve para atiçar o fogo?

179. ALGUIDAR

Que nome se dá à vasilha feita de barro onde se cozinha peixe no tucupi?

180. REDE

Como se chama aquela peça de tecido que a gente pendura para dormir, que se pode balançar e é suspensa pelos lados, geralmente pregada em paredes?

181. ARMADOR

Como se chama o lugar onde se pode armar uma rede?

182. CAIBRO

Como de chama aquela peça de madeira que se usa na armação do telhado, soalho ou forro?

183. CANDEEIRO

Qual o aparelho de iluminação, em que se põe querosene?

184. CORADOR

Como se chama o lugar onde se estendem as roupas ensaboadas, para desaparecerem as manchas?

185. RODO

Que nome se dá àquela coisa que vocês usam para mexer a farinha no forno?

186. CUMEEIRA

Que nome se dá à viga que vai de um ponto ao outro, embaixo da cobertura da casa? É a parte mais alta do telhado.

187. ESTEIO

Qual a peça de madeira que sustenta o telhado ou o soalho da casa?

188. FERROLHO

E a peça de metal que serve para trancar a porta?

189. TRAMELA

E a peça de madeira que serve para trancar as portas?

190. FLUTUANTE

Como se chamam as casas de madeira ou de palha que ficam sobre as balsas, encontradas nos rios e igarapés?

191. JIRAU

Como se chama aquele estrado construído nas casas, que fica um pouco mais acima do chão e que serve para guardar qualquer coisa, lavar louça, tratar de peixe, etc

192. PILÃO

Como se chama aquela vasilha feita de madeira com o formato de um pote, que serve para secar os grãos torrados de café, de milho, as castanhas de caju, etc

193. POTE

Como se chama aquela vasilha de barro onde se coloca água para beber?

194. PRIVADA

Qual o nome daquele lugar onde a gente senta para fazer as necessidades? E para urinar?

195. PÚCARO

E o caneco de alumínio que contém uma alça e que serve para tirar água do pote?

196. TAPIRI

E aquele tipo de moradia que é feita de palha e serve para morar?

197. TUPÉ

Como se chamam aqueles tecidos feitos dos braços da palmeira guarumã, que servem de tapete para se colocar embaixo das redes?

198. BORRALHO

Como se chama a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?

(e) Vestuário e Calçados

199. SUTIÃ

Que peça do vestuário serve para segurar os seios?

200. CUECA

Que roupa o homem usa debaixo da calça?

201a. CALCINHA

Que roupa a mulher usa debaixo da saia?

201b. ROUGE

Como se chama aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem rosadas?

202. GRAVATA

Como se chama aquela tira de tecido, estreita e longa, usada em volta do pescoço dos homens e amarrada em nó ou laço na parte da frente?

203. TAILLEUR

Como se chama ao traje feminino composto de casaco e saia?

204. BERMUDA

Como se chama ao tipo de shorts que vai até os joelhos?

205. CAMISETA

Como se chama uma pequena camisa de malha de mangas curtas, que se usa sobre a pele?

206. CAMISOLA

Como se chama a vestimenta feminina para dormir, semelhante a um vestido?

207. CAMISA

Como se chama a peça de vestuário feminino ou masculino, de tecido leve, mangas compridas ou curtas, que é usada sobre a pele ou camiseta, e cobre o tronco e os braços?

208. GARGANTILHA

Como se chama o colar que se usa ajustado ao pescoço das mulheres?

209. TERNO

Como se chama à peça do vestuário masculino, composto de paletó e calça comprida?

210. JEANS

Como se chama a calça feita de tecido de algodão sarjado de coloração azulada, muito resistente, usado especialmente para roupa esporte e de trabalho pelos jovens?

211. SHORTS

Como se chama a espécie de calça mais curta ou de tamanho inferior às bermudas, geralmente de uso informal ou esportivo, e que se fixa à cintura através de cintos, botões etc

212. BLAZER

Como se chama a peça do vestuário que é uma japona parecida com o paletó?

213. JAQUETA

Como se chama a peça do vestuário que é um casaco curto para homem, sem abas, e que só chega até a cintura?

214. TRAINING

Como se chama a peça de vestuário que é um traje de malha, fibras sintéticas ou moletom, que se veste sobre a roupa de ginástica ou quando se praticam atividades físicas ou como roupa esporte, e que consta de calças, ajustadas especialmente nos tornozelos, e um blusão?

215. MEIAS

Como se chama a peça de vestuário tecida em malha, lã ou algodão para cobrir o pé e parte da perna?

216. SAIA

Como se chama a peça de vestuário feminino que desce da cintura sobre as pernas?

217. BATOM

Como se chama o cosmético em forma de pequeno bastão, geralmente em tons de vermelho, que serve para colorir os lábios?

218. REGATA

Como se chama uma pequena camisa de malha sem mangas, que se usa sobre a pele?

(f)Crenças, Superstições e Lendas

219. A CRIANÇA FICAR DE CABEÇA PARA BAIXO

Qual o gesto que uma criança pode fazer e que significa que ela está chamando um irmãozinho?

220. TIPOS DE INDÍCIOS DE MAU-PRESSÁGIO

O que pode indicar mau-presságio, doença ou morte?

221. TIPOS DE INDÍCIOS DE QUE SE VAI RECEBER DINHEIRO

Qual o sinal que indica que a pessoa vai receber dinheiro ou algum presente?

222. MÉTODO CASEIRO PARA ALIVIAR PESSOA ENGASGADA COM ESPINHA

Qual o meio usado para aliviar uma pessoa engasgada com espinha?

223. MÉTODO CASEIRO PARA ALIVIAR O SOLUÇO DAS CRIANÇAS

E qual o meio usado para aliviar o soluço das crianças?

224. GALHO DE ARRUDA

Qual é o galho utilizado para tirar quebranto e espantar doenças nas benzeduras?

225. MATIM

Qual o nome que se dá ao pássaro que se transforma em gente e pinta o sete, brincando, ralhando e castigando os meninos vadios e malcriados?

226. MAU-OLHADO

Como se chama o olhar de uma pessoa que parece que tem inveja da outra, ódio contra os bons negócios, felicidade. Quando alguém olha assim para outra pessoa se diz que essa pessoa está botando o que na outra?

227. PÕE-MESA

Nome que se dá ao gafanhoto verde que indica boa sorte e esperança de boas notícias?

228. VASSOURA ATRÁS DA PORTA

O que se deve fazer quando se quer que uma pessoa se retire de um local?

229. TIPO DE SONHO QUE PRESSUPÕE A MORTE DE ALGUÉM

Existe algum sonho que se pode ter que indique a morte de um parente ou amigo?

230. VARRER O PÉ

E o que pode causar má sorte para uma mulher não se casar?

231. BENZEDEIRA

Como se chama a mulher que cura, tira o mau olhado através de rezas e simpatias?

232. DIABO

Que nome vocês dão àquele que é o grande inimigo de Deus, que tem chifres e rabo?

(g)Relações sociais

(i) Ciclos da Vida

233. MENSTRUAÇÃO

As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

234. PARTEIRA

Como se chama a mulher que ajuda a criança a nascer?

235. GÊMEOS

Qual o nome que se dá a duas crianças que nasceram no mesmo parto, na mesma hora?

236. ABORTAR

Quando a mulher fica grávida, mas não quer ter a criança, ela toma remédio para quê?

237. AMA-DE-LEITE

Quando a mãe não tem leite e outa mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?

238. FILHO MAIS MOÇO

Como se chama o filho que nasceu por último?

239. CORNO

O nome que se dá ao marido quando uma mulher passa ele para trás?

240. PROSTITUTA

Como se chama a mulher que vende seu corpo para qualquer homem, em troca de dinheiro?

241. DEFUNTO

Quando você quer se referir a uma pessoa que já morreu, em uma conversa, geralmente não menciona mais o nome daquela pessoa. Como é que você se refere a ela?

242. MADRASTA

Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?

243. XARÁ

Qual o nome que se dá à pessoa que tem o mesmo nome da gente?

(ii) Vida Social/ Brinquedos e Jogos Infantis

244. CAMBALHOTA

Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e se acaba sentado? (Mímica)

245. BOLINHA DE GUDE

E essas coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

246. ESTILINGUE

Qual o nome do brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica) que os meninos usam para matar passarinho?

247. ESCONDE-ESCONDE

Qual o nome da brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras se escondem em algum lugar e depois vão procura-las?

248. CABRA-CEGA

E da brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?

249. PIRA

E de uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas antes que alcance um ponto combinado?

250. CHICOTE-QUEIMADO

E de uma brincadeira em que as crianças ficam em roda, enquanto uma outra vai passando com alguma coisa na mão e deixa essa coisa cair atrás de uma delas e ela pega essa coisa e sai correndo?

251. GANGORRA

E aquela que tem uma tábua apoiada no meio e nas pontas sentam-se duas crianças e quando uma sobe, a outra desce (mímica)

252. BALANÇO

E aquela que tem uma tábua pendurada por meio de cordas, onde uma criança senta e se move para a frente e para trás? (Mímica)

253. MACACA

Qual a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só?

(iii)Festas e Atividades Esportivas

254. FESTEIRO

Como se chama a pessoa que cuida da organização da festa da cidade?

(h) Expressões Populares

255. ACESA

Como se chama uma menina que é danada, travessa?

256. AVEXADO

Qual o termo usado para se dizer que uma pessoa está apressada?

257. DESMENTIDURA

Qual a palavra usada para indicar que um osso do corpo está fora do lugar?

258. PRISÃO-DE-VENTRE

Qual a palavra que vocês usam para indicar que uma pessoa não está conseguindo ir ao banheiro para fazer coco?

259. ESPINHELA ARRIADA

Qual o termo usado para indicar que uma pessoa deslocou isso aqui (apontar) e isso caiu sobre o estômago?

260. BOCÓ

Como se chama a pessoa que não consegue vencer uma aposta?

261. FUXIQUEIRO

Como se chama aquela pessoa que gosta de fazer intrigas, falar mal da vida dos outros?

262. GITINHO

Algo bem pequenino?

263. LESA

Como se chama uma pessoa que é boba?

264a. MEDONHO

Como se diz que uma pessoa é muito feia, horrorosa mesmo?

264b. PITIÚ

Qual o nome que se dá ao cheiro que o peixe tem?

265. INHACA

Como se chama um cheiro forte e ruim?

266. MALINO

Que nome se dá ao menino que faz malvadeza gratuita, como, por exemplo, beliscar um bebê porque ele é muito fofo?

267. PÁVULA/ PAVULAGEM

Qual o nome que você dá a uma pessoa metida, que tem um orgulho besta?

268. MACETA

Como é que se diz de algo muito grande, imenso ou de uma pessoa grandona e bem forte?

269. CHIBATA

Como se chama uma coisa muito boa, por exemplo, se uma novela é muito boa eu digo: essa novela é...

270. CAQUEADO

Como se chama um jeito especial de fazer alguma coisa ou fazer alguma coisa de um jeito sem ser o tradicional?

271. AGÁ

Se uma pessoa fala que faz alguma coisa, mas na hora de fazer não sabe a gente diz que essa pessoa tá fazendo um...

272. GALEROSO

Como se chama a pessoa que pertence a uma gangue de rua?

273. MACHUDA

Como se chama a mulher que gosta de outra mulher?

274. ENGILHADA

Como se chama a roupa que fica toda enrolada e não lisa?

275. PISSICA

Como se diz quando uma pessoa só fica dando uma opinião não desejada sobre os assuntos de outra?

276. BAIXAR O SARRAFO

Qual a expressão que se usa para alguém que dá uma surra em outra, por exemplo, quando uma pessoa mexe com a irmã de outra?

277. DAR UM COTOCO

Qual é a expressão que se usa quando uma pessoa faz um sinal com a mão, levantando o dedo do meio?

278. ATÉ O TUCUPI

Qual é a expressão que quer dizer que uma pessoa está cheia de trabalho até o máximo possível que ela pode aguentar?

279. NO TEMPO DO RONCA

Qual a expressão que se usa quando uma pessoa gosta de uma música de um tempo antigo?

280. ESPOCAR DE RIR

Qual é a expressão que significa que uma pessoa riu muito até não aguentar?

281. FICAR DE BUBUIA

Qual é a expressão que significa que uma pessoa ficou sem fazer nada?

282. PEGAR O BECO/CAPAR O GATO

Qual é a expressão que significa que está na hora de ir embora?

283. DAR PREGO

Qual é a expressão que significa que o carro enguiçou?

284. ROER UMA PUPUNHA

Qual é a expressão que significa que uma pessoa está em dificuldades financeiras?

285. FICAR TODO ERRADO

Qual é a expressão que significa que uma pessoa ficou toda embaraçada e sem jeito?

286. TICAR O PEIXE

Qual é a expressão que se usa quando uma pessoa corta o peixe para quebrar as espinhas?

287. ANDAR NA PINDAÍBA

Qual é a expressão que se usa quando uma pessoa anda na maior miséria e pobreza?

288. MIOLO-DE-POTE

Qual é a expressão que se usa quando uma pessoa está de conversa mole?

289. TONTOM

Como se chama o lugar em que colocamos o filho pequeno, em cima dos ombros?

290. FICAR DE BODE

Qual é a expressão que se usa quando a mulher fica menstruada?

291. COMER ABIO/ABIU

Qual é a expressão que significa que a pessoa ficou calada quando a situação é inconveniente ou desagradável?

292. Você gosta de morar em Manaus? Por que?

293. Você se considera um caboclo amazonense? Porque?